

LUANA LAZZARIS

*Quando
os caminhos
se cruzam*





*Quando os caminhos
se cruzam*

LUANA LAZZARIS



COPYRIGHT © 2018 LUANA LAZZARIS

Capa: Joycilene Santos
Leitura Final: Dani Fernandes
Diagramação Digital: Karen Dorothy

Essa é uma obra de ficção, seu intuito é entreter pessoas, quaisquer semelhanças entre nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
É estritamente proibida a reprodução e/ou armazenamento de qualquer parte desta obra parcial ou completa através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[DEDICATÓRIA](#)
[EPÍGRAFE](#)
[PRÓLOGO](#)
[QUANDO OS CAMINHOS SE CRUZAM](#)
[DESPERTAR](#)
[SENTIR E VERDADE](#)
[NEM TUDO SÃO FLORES I](#)
[AMIGOS](#)
[CUPIDO](#)
[ENTREGO-ME](#)
[A RESPOSTA](#)
[SAUDADE](#)
[COM VOCÊ](#)
[A SURPRESA](#)
[DA ALEGRIA À ANGÚSTIA](#)
[A VIDA NUMA FRAÇÃO DE SEGUNDOS](#)
[SOMOS FRÁGEIS](#)
[ANTÍDOTO](#)
[VERDADE E MEDO](#)
[PICADA DE COBRA](#)
[DECISÃO](#)
[LUTAR PELO QUE SE DESEJA](#)
[VALENTINA](#)
[O INESPERADO](#)
[QUEM AMA CUIDA \(E SENTE CIÚME\)](#)
[NEM TUDO SÃO FLORES II](#)
[AMBIÇÃO](#)
[QUANDO O AMOR E A DOR ESTÃO À ESPERA](#)
[AMBIÇÕES](#)
[CURIOSIDADE](#)
[NÃO É ADEUS](#)
[DUELO](#)
[JOGO DE AMOR](#)
[ANÚNCIO DE UMA TEMPESTADE](#)
[TEMPESTADE I](#)
[TEMPESTADE II](#)
[A TEMPESTADE CONTINUA](#)
[CALCULANDO OS ESTRAGOS](#)
[ESTAREI COM VOCÊ](#)
[AQUELA](#)
[EU CORRO](#)
[POR AMOR](#)

[PROVE-ME](#)

[SEGUNDA CHANCE](#)

[BOAS NOTÍCIAS EM MEIO AO CAOS](#)

[CONCENTRA, MALU](#)

[AJUDA INESPERADA](#)

[SINTA I](#)

[SINTA II](#)

[TUDO QUE FOR PRECISO](#)

[PLANOS DESTRUÍDOS](#)

[NUMA FRAÇÃO DE SEGUNDOS](#)

[TREM-BALA](#)

[BEM-VINDA, ALICE](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PROJETOS FUTUROS](#)

[REDES SOCIAIS](#)

*Para Guilherme, nossos caminhos
se cruzaram, fazendo-nos conhecer
o amor e ver nascer dele o fruto
mais lindo- nosso filho, Eduardo.*



Epígrafe

Numa fração de segundos, o fogo queima, a chuva começa a cair do céu acinzentado, numa fração de segundos a vida nasce e na outra fração ela morre.

Numa fração de segundos, eu enxerguei o carro que vinha em minha direção enquanto atravessava a rua. Arregalei os olhos em pânico e numa fração de segundos senti o impacto em meu corpo.

Bateu forte.

Rolei.

Cai.

Fui ao chão.

Doeu, como doeu.

Puxei o ar para os pulmões, mas não os encontrei.

E... tudo escureceu.



Prólogo

CECÍLIA

Lágrimas lavam o meu rosto enquanto corro entre os altos arbustos de árvores que formam o labirinto no jardim. Enfio-me no emaranhado dos galhos arranhando-me propositalmente na tentativa de fazer com que essa dor supere a que está rasgando meu peito, mas nada será capaz de superá-la.

Miguel corre atrás de mim, sei que a situação dele não está diferente da minha, estamos ambos sofrendo e sentindo o dilacerar de nossos corações.

— Cecília, meu amor, espere!

Fraquejo diante de sua voz dolorosamente assustada, meus joelhos afundam-se na grama e é nela que minhas mãos se agarram, sustentando o peso da dor.

— Cecília. — Ele fala, ajoelhando-se ante a mim.

Com delicadeza toma minhas mãos, beija-as e fita minha face banhada em lágrimas.

— Eu te amo Cecília, eu te amo com todas as minhas forças. Se eu pudesse escolher eu não iria, você sabe disso.

O desespero está estampado no rosto do homem que amo, desespero esse que também está dentro do meu peito. Sei que um dia o verei novamente, mas a distância imposta a nós é algo que arde e queima em mim.

Acaricio sua face com ternura memorizando cada detalhe, o sol de verão que começa a se pôr no horizonte brilha sobre nós, iluminando-nos e aquecendo-nos nesse final de tarde. Guardo na memória os olhos amendoados, os lábios finos de sorriso fácil, o cabelo negro bem cortado onde meus dedos adoram passear está bagunçado, aliso-os colocando no lugar.

— Miguel eu também não quero que você vá, eu não sei se conseguirei viver sem você. Como farei para suportar tamanha dor, que já sinto mesmo você ainda estando aqui?

— Serão alguns anos, assim que me formar estarei de volta. Daremos um jeito, eu vou escrever sempre, vou enviar as cartas endereçadas para minha irmã para que nossos pais não desconfiem, ela sabe o quanto eu te amo e vai nos ajudar a manter contato de alguma maneira. E Cecília... eu não posso te perder, não posso pensar em perder este seu sorriso lindo, seus lábios macios, seu corpo que me enlouquece... não posso perder seu amor. Diga que vai esperar, diga que nosso amor será capaz de suportar essa distância — suplica-me, com meu rosto entre suas mãos.

— Eu jamais serei capaz de amar outro homem Miguel, te esperarei nem que isso me mate a cada dia, mas assim como um doente em estado grave sobrevive com a ajuda de fios ligados a uma máquina, nossas lembranças também me farão sobreviver. Cada momento que tivemos, cada vez que nossos corpos e almas fizeram amor da forma mais linda, cada vez que sorrimos juntos. Cada vez que eu me lembrar de suas mais lindas feições, do seu corpo quente, seus braços que me envolvem de um jeito que me sinto segura, cada beijo que demos. Enfim, em tudo isso eu encontrarei forças para sobreviver a este período de escuridão em minha vida, até que você volte.

Entre um sorriso esperançoso e lágrimas, Miguel beija-me. Seus lábios trêmulos tocam os meus com intensidade e percebo que somente isso é capaz de afastar a dor. Esqueço por um instante do futuro de saudade que nos espera e permito-me sentir o sabor do seu beijo e a reconfortante sensação que ele faz em mim.

Uma de suas mãos desliza pela extensão do meu cabelo longo trançado para o lado, em seguida ele a repousa sobre o meu coração que bate descompassado. E com a outra mão envolve-me com força pela cintura, mantendo nossos corpos unidos de um jeito como se não quisesse nunca ter que separá-los.

— Ah, minha doce Cecília, eu te amo tanto e vou te amar para sempre.

— Eu também te amo muito, meu eterno amor.

E ali de joelhos no lugar onde demos nosso primeiro beijo e onde entregamo-nos ao outro também pela primeira vez, realizamos a nossa sincera

promessa de amor eterno.



Quando os caminhos se cruzam

MARIA LUIZA

Vinte e seis anos depois...

Assim que o despertador do celular tocou, prolonguei por mais alguns minutos, não imaginei que iria acabar adormecendo mais do que poderia. Culpa do meu maldito cérebro que não me deixou dormir na noite anterior.

Estou atrasada! Tenho menos de uma hora para chegar ao meu compromisso. Desde que fui demitida por cortes de despesas administrativas do meu último emprego, candidato-me para várias vagas, essa é uma e estou extremamente ansiosa.

Esta é especial. Pois se trata de um grande e conhecido escritório de assessoria, o serviço que prestam aos seus clientes é completo, desde assessoria financeira e contábil até à jurídica. Sua carta de clientes é de dar inveja a qualquer outro escritório, somente grandes empresas fazem parte desta lista, e quando me refiro a grande não estou falando só em tamanho físico, mas sim do seu capital social. Eu sei dessas informações porque assim que me ligaram marcando uma entrevista, pesquisei tudo que pudesse me auxiliar para impressionar, além do meu excelente currículo e formação na área.

Modéstia à parte tenho uma boa experiência. Definitivamente preciso conseguir essa vaga, o salário é ótimo, e o melhor, o escritório fica perto de onde eu moro. Vivo com o seguro desemprego e algumas economias, preciso de um

trabalho urgente, tenho contas a pagar, tenho que comer, estudar, proporcionar-me algum lazer, enfim, viver dignamente.

Tomo banho o mais rápido que posso, seco-me no mesmo instante em que escovo os dentes e penteio os meus cabelos castanhos escuros que caem sobre meus ombros em ondas sutis. Fito meu rosto no espelho e vejo bolsas escuras abaixo dos meus olhos cor de mel, sinal de uma noite mal dormida. Não possuo muito tempo, faço uma leve maquiagem apenas para não parecer com um verdadeiro zumbi.

Visto-me com a roupa que já deixei separada na noite anterior, uma calça social preta, um *camisete* de cetim em um tom de rosa envelhecido e por cima um blazer preto. Enfiio meus pés nos sapatos *scarpin* da mesma cor, coloco um brinco de ouro que era da minha mãe, pego a bolsa, confiro se tudo que preciso está nela, alcanço o celular no criado mudo e saio do quarto.

Já estou quase na porta de saída e me lembro que não passei perfume, de jeito nenhum saio sem perfume. Volto correndo ao quarto e borrifio o meu melhor e mais caro deles, observo o líquido já no final e jogo-o dentro da bolsa para caso precise dele mais tarde.

Por um instante me observo no espelho de corpo inteiro. Não sou o tipo modelo de passarela, meu corpo é curvilíneo, tenho uma estatura mediana, mas nem por isso deixo de me sentir e achar uma mulher bonita. Trago sempre comigo um belo sorriso, ainda que tenha passado por dificuldades e perdas ao longo dos meus vinte e seis anos, as adversidades nunca me impediram de ser uma pessoa positiva e de bem com a vida. No elevador confiro o horário, consegui me arrumar em tempo recorde. O escritório não fica longe, posso ir caminhando. Agora só preciso ser capaz de andar o mais depressa possível nesses saltos.

Caminho rápido e por vezes estou dando uma corridinha, preciso desse emprego, preciso dessa oportunidade, nada irá me impedir de chegar no horário marcado.

Após andar algumas quadras, estou prestes a atravessar a rua quando meu celular toca, tiro-o da bolsa e imediatamente identifico que é o número do escritório. Preocupada se estou atrasada, atendo a chamada em desespero e preocupação. Mas, ainda assim, tento disfarçar ao máximo a voz ofegante por estar andando tão rápido.

Com a atenção dividida entre a ligação e atravessar a rua, meus olhos vão até o semáforo e constato a cor amarela, logo ficará vermelho e não vem nenhum carro, por isso, decido atravessar. Coloco meus pés na faixa de pedestres, dou alguns passos apressados, enquanto ouço a moça se identificar e dizer que minha entrevista irá atrasar.

Respiro aliviada, não estou atrasada e ainda tenho um tempo para chegar com calma e me concentrar para a entrevista.

Que maravilha! Isso é um bom sinal. Vai dar tudo certo.

Dando meus últimos passos na faixa de pedestre, ouço uma buzina alta e desesperada.

Viro minha cabeça.

Arregalo meus olhos.

Pânico me envolve, meus pés não saem do lugar, *corra*, meu cérebro grita, *corra Malu!*

O veículo sedan preto se aproxima rapidamente, ele está a uma distância mínima. Ouço o som dos pneus sendo abruptamente freados. Mas não será o suficiente para impedir o impacto sobre o meu corpo. Serei atingida por ele, não tenho escapatória e tudo acontece numa fração de segundos...

Meu corpo é violentamente jogado por cima do capô, ao mesmo tempo em que rolo por ele, sinto meu rosto afundar-se no para-brisa e tão ligeiro quanto a batida, eu estou caída no chão de costas no asfalto duro.

Minha cabeça parece que vai explodir, sinto uma *névoa* em meus olhos.

Tudo roda...

Tudo fica escuro.



Como se estivesse longe, sim, bem ao longe, ouço uma voz forte masculina me chamando, ao mesmo tempo em que sinto uma mão quente na minha e outra em meu rosto.

— Ei moça, consegue me ouvir? Acorde! Por favor, eu preciso que você acorde!

Mesmo parecendo tudo aquilo um sonho eu pude sentir o desespero em sua voz, e talvez por isso forço meus olhos a se abrirem.

Saio da escuridão para enxergar os olhos aflitos do homem que me observa. Seus olhos são os verdes acinzentados mais lindos que eu já vi na minha vida. As laterais de seu rosto são duas linhas retas, que descem por seus maxilares igualmente retos, encontrando a perfeição de seu queixo, que não diferente das outras linhas também é reta. Seus lábios não são muito grossos, mas o suficiente para combinar com o nariz e todo o restante, e é um desenho lindo.

A verdade é que o rosto deste desconhecido é uma perfeita forma geométrica, pois cada uma de suas linhas é simétrica e se encaixam perfeitamente. E para completar todo esse belo conjunto, uma barba por fazer de tonalidade clara quase loira, assim como os cabelos curtos, envolve sua face.

A imagem desse homem distrai minha mente das dores horríveis que sinto pelo corpo, a visão dele é como um alívio, observo-o enquanto ele continua a falar, com uma voz firme, quase como uma ordem.

Mas, eu não consigo responder, apenas olhá-lo.

— Aconteça o que acontecer fique de olhos abertos, fique acordada, está bem?

Ele está abaixado no chão comigo, nossos rostos estão tão perto que posso sentir o calor de sua respiração descompassada pela situação em que estamos. De repente, ele tira o celular do bolso da calça, afasta sua mão do meu rosto, mas a outra permanece aquecendo e apertando firme minhas mãos, que agora estão unidas em cima do meu abdômen.

— Aqui é o doutor Leonardo, preciso de uma ambulância agora, tenho um grave acidente, ocorreu há duas quadras da clínica. Sejam rápidos, há uma pessoa gravemente ferida. — Ele agradece e finaliza a ligação.

Seus olhos, que nunca deixaram os meus enquanto falava ao telefone, têm a preocupação estampada neles. Começo a sair do meu estágio letárgico e pânico começa a tomar conta de mim. Sinto um líquido quente escorrer da minha

testa para o meu rosto, um dos meus olhos ardem como se tivesse areia neles, meu nariz parece que está entupido, começo a me sentir sufocada, meu corpo todo dói, mas principalmente minha cabeça, solto minhas mãos da dele, levo ao nariz e sinto a necessidade de enxugá-los como se estivesse com um terrível resfriado, mas eu não estou resfriada. É sangue. Sangue escorrendo pelo meu nariz, assim que vejo o vermelho vivo manchando meus dedos o pânico me vence. Sinto minhas lágrimas se misturarem ao sangue que escorre do meu rosto.

O homem percebe meu desespero, limpa minha mão com a barra da sua camisa branca e em um tom agora tranquilizador me diz:

— Mantenha-se calma, o socorro já está a caminho, vai dar tudo certo. Consegue falar? Qual o seu nome?

Fitando seu olhar e a segurança que ele transmite, consigo responder com o pouco de força que tenho.

— Maria Luiza. — Sai baixo como um sopro, mas suficiente para ele ouvir.

— Certo Maria Luiza. Eu me chamo Leonardo, vai ficar tudo bem, seja forte e fique tranquila. Eu não vou deixar você, *ok*?

Murmuro um "*ok*" em resposta. Seus olhos nos meus me dão a confiança e segurança que preciso neste momento. O pânico diminui, relaxo, mas então um forte cansaço me toma e eu vejo a escuridão pela segunda vez.

LEONARDO

Alguns momentos antes...

Estou a caminho do aeroporto, participarei de uma convenção fora da cidade, é uma das melhores do ano, reúne bons médicos e excelentes palestrantes. Desde que me formei em medicina com especialização em pediatria, tenho trabalhado muito e principalmente gosto de atualizar meus conhecimentos. Acredito na minha vocação em cuidar de crianças. Quero sempre o melhor para os meus pacientes, amo o que faço.

Ao iniciar a graduação em medicina eu já sabia qual seria minha especialização, na minha adolescência acompanhei minha mãe muitas vezes em suas visitas ao orfanato onde ela é voluntária, e de alguma maneira ver aquelas crianças e ter contato com elas, ajudou na minha escolha pela pediatria. Meu pai, doutor Henrique, é um neurocirurgião renomado, ao longo dos anos traçou uma carreira de sucesso, salvou muitas vidas, com mãos firmes é capaz de realizar cirurgias que duram horas e ter no final motivo para comemorar e fazer valer a exaustão.

Ele nunca interferiu na minha escolha profissional, deixou-me livre para tomar a decisão que quisesse, mas eu sempre soube que queria ser médico e seguir os passos da minha família na área da medicina. Digo isto, porque meu avô materno que também foi médico fundou há anos uma clínica hospitalar que é nosso orgulho, nossa dedicação e onde trabalhamos.

Eu sempre tive profunda admiração pelos meus pais e pelo amor que envolve o casamento deles, ambos se conheceram quando cursavam a faculdade de medicina e após a formatura, casaram-se. Enquanto minha mãe estava fazendo sua residência e especialização em cardiologia descobriu que estava grávida, nove meses depois nasceu Melissa, minha irmã, que é apenas um ano mais velha do que eu. Dona Luiza, minha doce e amável mãe nos conta que assim que pegou Melissa nos braços tomou a decisão de não voltar a exercer sua profissão e ficar em casa para cuidar da filha e acompanhar cada momento de seu desenvolvimento, dar-lhe todo amor e atenção. No ano seguinte eu nasci e não foi diferente comigo. Nas lembranças de criança que possuo minha mãe sempre esteve ao meu lado dando seu aconchegante abraço e os mais belos e encorajadores sorrisos. Por sua vez, meu pai apesar da agenda cheia, sempre fez de tudo para ser presente em nossos dias e o tempo que passávamos juntos era de

muita atenção e carinho. Tive uma infância rodeada de amor, companheirismo e acima de tudo união.

Estou com tempo de sobra para chegar ao aeroporto, por isso, conduzo meu carro com calma. No rádio uma canção qualquer é interrompida pelo som de chamada do celular.

— Alô. — Atendo pelo sistema *Bluetooth* do carro, sem me preocupar em ver quem chama.

— Leo! Estou levando Melissa para a clínica, ela está com contrações e a bolsa estourou. — Meu cunhado fala cheio de nervosismo e preocupação.

— Mas já?! Ela está com trinta e quatro semanas, ainda não é a hora. Preocupação também me atinge.

— Diga isso para o seu sobrinho. Melissa está muito assustada Leo, além das contrações ela teve um sangramento.

— Fique calmo Luiz. Leve-a para a clínica, estou indo para lá também. Vai dar tudo certo. Tranquelize-a.

— Está bem, cunhado. Obrigado.

Imediatamente procuro pelo primeiro retorno e começo a dirigir em direção à clínica. Melissa está com trinta e quatro semanas de gestação e um parto antecipado gera preocupações. A clínica possui outros médicos pediatras que podem muito bem cuidar do meu sobrinho *apressadinho* que está querendo nascer antes do prazo previsto, mas eu não perco este momento por nada e, além disso, quero eu poder lhe assegurar os primeiros cuidados assim que nascer.

Após dirigir alguns bons quilômetros na loucura e caos desse trânsito de cidade grande, sinto-me ansioso para chegar ao meu destino, só preciso passar por um último semáforo, duas quadras e estaciono na entrada de emergência. Conheço bem este caminho, pois o faço todos os dias.

O temporizador do sinal verde no semáforo está chegando ao fim, em breve será substituído pelo amarelo, acelero um pouco para não ter que ficar preso nele.

Nesse instante meu celular toca.

Resolvo não atender, mas desvio o olhar para o visor e nesta fração de segundos avisto uma mulher. Ela atravessa a rua em passos ligeiros, falando ao celular.

Eu estou muito próximo. *Meu Deus!*

Buzino chamando sua atenção.

Piso fundo no freio.

Os pneus cantam com o atrito no asfalto, consigo ver o seu olhar de pânico, aperto firme as mãos no volante e continuo a frear, mas não será o suficiente para impedir o choque sobre seu frágil corpo.

E a partir daí até que ela esteja estirada no chão, parece que tudo se passa em câmera lenta. Ela rola por cima do capô do carro, seu rosto encontra o para-brisa, trincando-o, rola mais uma vez sobre o carro e então cai no chão.

Solto a respiração que estava prendendo até este momento, saio às pressas de dentro do carro pegando o meu celular no banco do carona para chamar a ambulância.

Sentindo-me culpado e atormentado, vou ao seu encontro.

Ela está com os olhos fechados, vislumbro o seu rosto ferido, cortes ocasionados pelo vidro que se quebrou, seu supercílio esquerdo está sangrando muito, no alto da testa um corte, o sangue escorre pelo rosto e o nariz também sangra.

Deus do céu, eu matei uma pessoa! Eu salvo vidas e não as tiro!

— O que foi que eu fiz? — Brado, ao aproximar-me dela.

Desespero. Sim, eu estou desesperado e não posso acreditar que isto está acontecendo.

Tomo sua mão e seu rosto e começo a chamá-la, rezando a Deus que ela retome a consciência.

— Ei moça, consegue me ouvir? Acorde! Por favor, eu preciso que você acorde!

Sua pulsação é lenta e sua respiração pesada.

— Ei moça, consegue me ouvir? Acorde! Por favor, eu preciso que você acorde! — Repito, em um tom de voz mais alto.

Vagarosamente ela abre os olhos, fazendo-me constatar que um deles está com um coagulo de sangue, o que faz meu estômago se apertar.

Definitivamente não estou me reconhecendo. Atendo crianças em situações piores, sangue não é algo que me assusta ou me deixe em pânico, afinal, eu sou médico. Mas, quando vejo o que fiz a esta moça, não posso evitar o desconforto e a dor que me atinge.

Reúno forças e afasto meus pensamentos de pânico e trago para fora o homem centrado, que foi preparado para lidar com a vida e com a morte.

Aproximo-me ainda mais perto do seu rosto e falo:

— Aconteça o que acontecer fique de olhos abertos. Fique acordada, está bem? — Uso um tom firme e de comando, preciso dela acordada.

A queda foi brusca e, além disso, a colisão que sofreu na cabeça me preocupa muito. Mantê-la consciente é o melhor a fazer neste primeiro momento.

Alcanço o celular, disco rapidamente o número de atendimento de emergências da clínica, prezamos para que as ligações feitas a este número sejam atendidas já no primeiro toque, por isso não demora para que eu tenha um dos

atendentes falando comigo. Identifico-me e falo das condições do acidente e peço o socorro com urgência. Mantenho meus olhos na mulher ferida, e a minha mão que está livre deixo unida as dela, pois sinto a necessidade de lhe transmitir segurança.

Inevitavelmente, ela me ouviu dizer que o acidente foi grave, o que ocasiona um evidente pânico em seus olhos.

Assustada, tenta puxar a respiração com força, mas não consegue. Solta minha mão e leva a dela em sua face machucada, enxuga o nariz, sente e vê que seus dedos estão sujos de sangue. Lágrimas perfuram seus olhos, medo e dor são suas expressões.

Limpo suas mãos na minha camisa, não que isso a fará melhor, mas é como se não vendo o sangue seu desespero possa ser amenizado. Meu coração bate descompassado, eu tenho que mantê-la calma e consciente até a ambulância chegar.

É o que tento fazer.

E em tom tranquilizador, peço que se acalme, que logo o socorro irá chegar e tudo ficará bem. Quero saber se ela consegue falar, então pergunto o seu nome, e como se forçasse as palavras a saírem de sua boca e quase inaudíveis, ela me responde:

— Maria Luiza.

Ela tem o nome da minha mãe e nesse instante me lembro do olhar encorajador que Dona Luiza sempre me dá diante de uma situação difícil. Isto é o suficiente para me acalmar e tentar fazer o mesmo à Maria Luiza.

Volto a falar, dizendo-lhe o meu nome e nesse instante me coloco como sua âncora — permitindo-a assim, que se sinta segura comigo ao seu lado. Afirmo que ela ficará bem e que não a deixarei sozinha.

Olho no fundo dos seus olhos, aquele que está avermelhado pelo coágulo de sangue esconde sua cor original, mas no outro livre de ferimento vislumbro o quanto são lindos. Sua íris brilha e um tom de mel que se funde com um castanho, como se fosse uma avelã.

Uma inexplicável sensação passa pelo meu peito, inspiro fundo, sentindo que este acidente me fará ligado a Maria Luiza, quem sabe pela culpa e responsabilidade pelo o que lhe causei, ou quem sabe por outros motivos que nem eu consigo entender agora.

Só o que consigo compreender é que ela tem uma doçura e uma força em seu olhar que me faz encantado, e isso me faz pensar que se eu a encontrasse em outras circunstâncias, ainda assim me sentiria ligado a ela por tamanha bagunça que seu olhar despertou dentro de mim.

Encaramo-nos.

Junto forças para lhe transmitir confiança suficiente para que fique calma, tenho a sensação de que ela entende o que meus olhos falam, pois, agarrando-se neles vejo surgir tranquilidade em suas feições, mas sua pulsação diminui ainda mais, seus olhos se fecham e Maria Luiza perde sua consciência novamente.

Neste momento ouço o barulho das sirenes se aproximando, os curiosos em volta abrem caminho e logo os paramédicos descem da ambulância para começar a fazer o seu trabalho. Fico o tempo todo segurando a mão de Maria Luiza, mesmo ela estando inconsciente eu não a largo, prometi isso a ela e eu também não quero lhe soltar.

Em pouco tempo ela está sobre a maca com um colar cervical e oxigênio sendo jogado para seus pulmões. Ao ser levada para dentro da ambulância, permaneço junto dela.

Do lado de fora as sirenes gritam e pelo caminho os carros abrem espaço para passarmos e levarmos a mulher que atropeliei para ser devidamente atendida.

Quando já estamos chegando à clínica, ela abre os olhos por um breve momento como se fosse só para se certificar de que eu estou ao seu lado. E mesmo com o tubo de oxigênio em sua boca eu posso notar o canto dos seus lábios se curvarem tentando esboçar um sorriso.

Sinto-a apertando a minha mão, retribuo seu toque e em seguida Maria Luiza volta a fechar os olhos.



Despertar

MARIA LUIZA

Confortavelmente deitada, sinto a maciez do local onde meu corpo repousa. A leveza e maciez me proporciona a sensação de flutuar em plumas de algodão.

Às vezes, ouço várias vozes baixas ao meu redor, em alguns momentos parece ser somente uma única voz masculina.

Um bipe incessante soa em meus ouvidos. Não consigo identificar o que é isso e nem onde estou, isso é uma espécie de despertador? Será que eu morri? E se morri, este é o céu? Como faço para silenciá-lo? Pois não desejo acordar deste sono tão relaxado, quero poder dormir por mais tempo.



Continuo sentindo aquela agradável sensação de flutuar. O bipe aparentemente está mais fraco, já não o ouço tilintando forte, não me atrapalha tanto. Um peso na cabeça e em meus olhos me força a mantê-los fechados.

Não tenho noção nenhuma de tempo e espaço, nem por quanto tempo estou neste sono entorpecente, mas há certa rotina em algumas coisas que acontecem ao meu redor.

A voz masculina, por exemplo, eu a ouço com frequência e sinto um agradável cheiro amadeirado sempre que essa voz soa em meus ouvidos — por mais que tente, não sou capaz de saber o que ela diz — assim como o cheiro, um calor também aquece minha mão toda vez que a voz está perto.

Sinto e gosto do seu toque, gosto do seu cheiro.

O bipe ainda está tocando ao fundo, estou curiosa, quero abrir os olhos para saber onde estou, mas ao mesmo tempo estou com medo, não sei se isto é sonho, não sei se estou viva ou morta. E, além disso, não tenho forças por isso permaneço nessa inebriante inércia entregando-me ao sono profundo.

LEONARDO

Abro a porta silenciosamente, acompanhando o clima do ambiente, em muitas horas do dia os corredores de hospitais são agitados, mas nesse horário que já passa das dez da noite, o movimento é só das enfermeiras que poucas vezes vão até os quartos para ministrar medicação e conferir os acamados.

Meu dia de trabalho foi exaustivo, encerrei meu turno apenas duas horas atrás e desde então fui reestabelecer o organismo cansado, que passou o dia entre cirurgias e atendimento na emergência, um banho no vestiário aqui mesmo da clínica e um prato de comida do refeitório foram suficientes para me fazer pronto para minha etapa final deste dia. A etapa que aguardo ansiosamente.

— Beth? — toco gentilmente seu ombro. Ela está adormecida no sofá.

— Leo... — murmura despreguiçando-se.

— Pode ir — digo, ajudando-a se levantar.

— Pensei que hoje você ia para casa e eu ficaria aqui. Na noite passada já foi você.

— Eu sei, mas não tem problema eu fico.

— Tem certeza? Se eu bem conheço o ritmo da pediatria hoje não foi fácil, vá para casa e descanse.

— Estou bem — asseguro-lhe.

Beth me dá um olhar examinador e em seguida oferece-me um de seus sorrisos.

— Certo. Amanhã cedo estou de volta, então.

— Perfeito. — Beijo o seu rosto com carinho.

Ela alcança sua bolsa em cima do móvel, vai até a cama onde a mulher que eu atropelai dorme um sono profundo, afaga sua face e despede-se “até amanhã querida”, sussurra próximo a seu ouvido. Em seguida passa por mim, acena e deixa o quarto.

Assim que a porta se fecha e fico sozinho com Maria Luiza, vou até ela e faço aquilo que em todos esses dias tenho feito. Permito-me observá-la sem reservas, sou capaz de ficar horas olhando-a e devido sua inconsciência faço sem medo de ser surpreendido.

Toco-lhe a face e talvez não seja certo lhe tocar sem a sua permissão, mas ainda assim faço, pois preciso desse toque. As marcas do acidente são aparentes em seu rosto levemente inchado e com hematomas, porém ainda assim, tão bonito. Tracejo devagar o polegar na fina linha acima do supercílio —

a linha é fina, mas o corte foi profundo —, os pontos ainda não foram retirados e sendo assim, sinto-os em meu dedo.

O semblante dela é sereno, em coma induzido não possui a mínima ideia de tudo o que acontece em sua volta. Bom, conscientemente não, mas houve um dia em que eu segurava sua mão enquanto conversava com ela, e naquele momento tive certeza que o estímulo alcançou suas ondas neurológicas, pois o bip no monitor que a vigia teve uma breve alteração, o que me entusiasmou ainda mais para que em todos os momentos ao seu lado eu repetisse o contato, pode ser que ao despertar e até mesmo nesse estágio do coma ela sinta e tenha lembranças dessas sensações, do meu toque, de mim.

Espero ansioso pelo dia que a verei de olhos abertos e assim poderei enxergar neles a força e a doçura que eles tanto me transmitiram e que não saem dos meus pensamentos por um instante sequer, desde que tudo aconteceu. Em alguns dias os medicamentos que a mantém nesse estado serão diminuídos e o seu despertar natural será só uma questão de tempo. E aí terei a oportunidade de lhe pedir desculpas pelo que fiz, aliás, sempre que estou com ela faço, pois se seu olhar marcante me acompanha, o peso da culpa também.

Permito-me ir mais além do que tocar na pele marcada, deslizo o dorso da mão pela bochecha, desejando internamente que tudo fique bem, que de alguma maneira quando Maria Luiza acordar não seja tomada pelo pânico e que também não sinta raiva de mim, se é que isso seja possível, mas desejo.

Sutilmente encosto as pontas dos meus dedos em seus lábios, acaricio a pele macia levemente morna e sempre que faço isso sinto uma sensação confusamente boa. Desde o acidente uma verdadeira bagunça se formou dentro do meu coração. Lá mesmo enquanto lhe prestava ajuda senti algo que não consigo decifrar ou traduzir em palavras, mas só sei sentir. E, cada dia que se passa, sinto-me mais próximo dela ao passo que também me sinto distante. É como se já a conhecesse, sendo que para ela eu sou apenas um estranho. Sinto-me envolvido por um sentimento que não para de crescer, espero a cada amanhecer uma chance de vir até seu quarto e poder admirá-la...anseio desesperadamente que quando tudo isso passar eu possa em determinado momento, no tempo certo para acontecer, dizer a Maria Luiza que me tornei um homem apaixonado por ela. É surreal e até fora do normal? Talvez, mas definitivamente não é impossível.

Levo minha mão até o braço estendido na lateral de seu corpo e sinto-o um pouco frio, decido cobri-lo por completo com a manta, sento-me na cadeira ao lado da cama, descanso meu rosto no colchão onde sua mão repousa por baixo da manta, então envolvo-a na minha face e fecho meus olhos. Livro a mente de todas as preocupações, apenas aproveito mais uma noite que passo

dentro desse quarto junto dela, e por fim deixo que o sono me alcance e por sorte sonharei com Maria Luiza, com os planos e desejos que meu coração tem feito para nós dois que no tempo certo ela os conhecerá.

MARIA LUIZA

Estou flutuando, tenho certeza disso.

O céu é o meu lugar...

Raios de luz alcançam meu rosto. Vozes femininas e o insistente bipe ressoam em meus ouvidos de uma maneira diferente — mais alto, mais nítido. Esta luz me incomoda, a necessidade em abrir os olhos surge, pois preciso dizer a quem quer que tenha a acendido que apague e que também falem baixo, pois estão atrapalhando meu sono.

Crio forças e vagorosamente ergo minhas pesadas pálpebras. Pisco uma, duas vezes, habituando-me a claridade e finalmente começo observar onde estou.

Aqui tudo é branco, o que não é branco é em um tom pastel. Ao contrário do que imaginei, estou deitada em uma cama e não em plumas de algodão, nem muito menos flutuando.

Olho por uma grande janela de vidro, suas persianas estão abertas, raios de luz invadem o local, chocando-se contra a minha pele, palmeiras balançam lá fora. Viro meu rosto para o lado oposto, as duas vozes femininas param no instante em que me encontram desperta e voltam sua atenção para mim.

— Olá Maria Luiza, como se sente? — diz uma delas ao se aproximar.

Não consigo responder nada sem antes fazer a pergunta que não quer calar. Eu preciso saber onde estou.

— Eu... eu..., estou morta? E se estou, aqui é o céu? — questiono, sem rodeios, pois preciso da verdade.

As duas tem uma expressão amável que inspira atenção, a que aparenta ser mais velha pousa sua mão macia em meu ombro e olha-me com ternura.

— Não, você não está morta — ela sorri. — Este não é o céu. Mas é o melhor lugar que você poderia estar para se recuperar do que lhe aconteceu.

A enfermeira observa-me com atenção e torna a perguntar como estou me sentindo. A forma como ela fala soa íntimo, amigável e seu belo sorriso ao falar é reconfortante.

Breves segundos se passam até que eu consiga calcular tudo que estou sentindo para poder lhe responder.

Dor, medo, dúvida, aflição, curiosidade, mais dor.

— Sinto como se estivesse carregando tijolos na cabeça por um dia todo, está pesada e latejante — respondo, notando que cada vez que falo dói um

bocado. — Mas imagino que já estive pior, não? — indago, desejando que o pior já tenha passado mesmo.

Dou-lhe um sorriso.

Não foi meu melhor e amplo sorriso, porque até os músculos da face doem, mas o suficiente para demonstrar simpatia e gratidão, afinal ela provavelmente zelou pela minha saúde, e aprendi com minha mãe e avó que devemos ser gratos a quem nos ajuda.

— Sim querida, você já esteve bem pior, mas não pense nisso agora, está bem? O médico virá para conversar com você. — Ao falar ela acaricia meu ombro.

Contudo, em seguida sua atenção vai para a outra enfermeira que nos olha de olhos atentos. Ela está abraçada a sua prancheta e a expressão é de quem está pronta para receber alguma ordem, que inclusive a enfermeira mais velha faz sem pestanejar.

— Enfermeira Clarissa, por favor, localize o doutor Henrique e avise que a paciente Maria Luiza acordou.

Clarissa assente e pronta para abrir a porta, a enfermeira que está ao meu lado torna a chamá-la.

— Ah! Clarissa! Faça o mesmo com o doutor Leonardo, ele deixou avisado que assim que a paciente acordasse queria ser informado imediatamente.

Clarissa gesticula positivamente várias vezes, toma a missão para si e sai do quarto.

Tive a sensação de que a enfermeira mais velha é a chefe, daquele estilo general. Sorrio em pensamento analisando o jeito dela, mas, sobretudo concludo nesse pouco contato que tive que gostei desta enfermeira, da energia que senti quando sua mão me tocou e da forma que ela sorri, pois senti que foi algo genuíno.

Ela certamente é daquele tipo de pessoa que ama o que faz e me dou conta que ainda não sei seu nome. Aproveito enquanto ela me ajuda a me posicionar na cama de modo que eu fique com a cabeça e o tronco levemente elevados, imagino que eu poderia fazer isto sozinha, mas, quando vejo, ela já está me auxiliando, aproveito e olho em seu crachá e leio o nome Elizabeth. É um belo nome.

Enquanto aguardo a chegada do médico, Elizabeth continua fazendo seu trabalho, afere minha pressão e minha temperatura. Gentilmente, oferece-me água, aceito de bom grado, pois sinto a boca seca.

Pouco tempo depois um senhor em seu jaleco branco que aparenta ter bem mais que cinquenta anos, quase uns sessenta anos talvez, entra no quarto, ele possui cabelos grisalhos, é alto e muito elegante.

Suspeito que este seja o meu médico. Seu caminhar é ativo, ele se posiciona aos pés da cama, oferece-me um leve sorriso e começa a falar.

— Olá, Maria Luiza, eu sou o doutor Henrique Marquezzi, neurocirurgião responsável pelo seu caso. Estou lhe acompanhando desde que você chegou à clínica. Fico feliz que tenha acordado, já esperava que acontecesse em breve, pois diminuí gradativamente alguns medicamentos que a mantinha em coma induzido — explica.

Quando as palavras “coma induzido” penetram em meus ouvidos, dando-me a breve consciência da minha situação, assusto-me. Não tento disfarçar meu espanto, meus olhos arregalados pedem por mais explicações.

— Fique tranquila, agora você já retomou a consciência, o coma induzido foi necessário para tratar o hematoma extradural que você sofreu. Mas acredito que de agora em diante não precisaremos mais colocar você para dormir. O tratamento pode seguir com você consciente. — Faz uma pausa, analisando-me.

Não sei o que ele está vendo em meu rosto, mas provavelmente estou com cara de espanto ainda.

— Não se assuste, diga-me como se sente. Aos poucos eu vou te informando e tirando suas dúvidas sobre seu quadro de saúde — ele faz outra pausa, acompanhada de um inclinar de cabeça. — Maria Luiza, qualquer que seja o sintoma, dor ou reação que você esteja sentindo é importante que você me diga, tudo bem? — Conclui em um tom gentil.

Respiro fundo e assinto com um aceno de cabeça.

Uau! Eu fiquei em coma? Nossa, é muito para assimilar.

Estou prestes a começar a falar, quando a porta do quarto recebe uma leve batida e é aberta lentamente, deixando-me enxergar vindo em minha direção o dono dos olhos mais lindos que já vi na vida, nem que eu dormisse uma eternidade iria esquecer aquele par de olhos verdes acinzentados, tampouco do rosto de traços perfeitos.

Eu só não tinha reparado no seu porte atlético, também nem poderia, eu estava caída e ferida naquele chão duro do asfalto com a consciência oscilando, já consegui muito em gravar cada detalhe do seu rosto. Agora eu posso ver o quanto ele é alto, deve ter mais de 1,80m de altura, apesar do uniforme que está usando parecer folgado para o seu corpo eu consigo notar seus músculos perfeitamente distribuídos, principalmente nos braços que estão à mostra, concluo que além do rosto perfeito seu corpo também é.

Mas afinal, o que ele está fazendo aqui usando um desses uniformes hospitalares em tom de azul escuro e uma touca cirúrgica colorida cheia de mini *Olafes* do filme *Frozen* na cabeça?

Ele só pode ser médico.

Lembranças do momento em que eu estava recebendo sua ajuda relampejam "*aqui é o Doutor Leonardo, preciso de uma ambulância agora*". Em seguida, vem à memória recente da enfermeira dando o aviso para sua colega de trabalho para que chamasse o *doutor Leonardo*, pois ele queria ser informado assim que eu acordasse.

Pausa para uma breve análise, considerando minha atual conjuntura e dos últimos acontecimentos da minha vida, posso encontrar um ponto positivo diante disso tudo. Vejamos: sou uma desempregada que estava indo para uma entrevista de emprego, fui atropelada, fiquei em coma, mas fui salva por um médico gato e ao que tudo indica se preocupa o suficiente comigo, pois sua expressão de alívio e alegria é nítida enquanto caminha em direção à cama que estou deitada.

Sua proximidade me faz sentir um calor que esquentava todo o meu corpo, desde o dedinho do pé até as minhas bochechas, o tom pálido de doente que eu provavelmente estou, deve ter sido substituído pelo rubor que sinto subir até minha face.

— Oi, Maria Luiza, que bom que você acordou. Estive tão preocupado e ansioso pela sua recuperação. Como está se sentindo? — diz ele, de uma só vez e com um sorriso lindo.

Fico olhando para ele.

Penso em responder: “precisando de colírio para os olhos, pois sinto que estão secos, eu não devo ter piscado desde que você passou por aquela porta, e um copo de água também seria bom, pois a sensação que tenho é que todos os líquidos do meu corpo secaram ao admirar tanta beleza.”

Ele deve ser mais um médico que cuidou de você enquanto você dormia o sono mais gostoso e relaxante da sua vida e é bem provável que tenha te visto roncando, meu cérebro alerta-me. E, por sorte sou interrompida dos meus devaneios quando a voz em tom de repreensão do doutor Henrique se faz presente.

— Era exatamente o que a paciente iria responder quando você entrou no quarto, doutor Leonardo.

O médico gato, digo, Leonardo, parecendo enfim notar a presença do outro e sabendo que sua atitude não foi a mais correta, responde em um tom um tanto resignado.

— Desculpe-me, doutor Henrique, não queria interromper, além disso, a paciente é sua.

Ambos trocam olhares que eu realmente não consigo identificar o que significam. Resolvo tomar o meu papel de paciente e finalmente responder como

estou me sentindo.

— Bom, na verdade, sinto-me aparentemente bem. No instante em que acordei estava confusa, tonta e com um grande peso na cabeça, mas parece que está diminuindo. Quando me movimentei na cama senti o corpo um pouco dolorido, mas são dores até agora suportáveis — falo, e tenho a atenção dos dois médicos em mim.

— As dores de cabeça serão comuns por um tempo ainda, mas conseguiremos amenizá-las com os remédios, quanto ao corpo é normal que esteja sentindo-o assim, além do impacto que sofreu no acidente, o corpo imóvel na cama acaba se tornando pesado e dolorido. Mas a partir de agora, movimentando-se um pouco mais, você se sentirá melhor em relação a isso. Só precisa ficar atenta quanto à tontura e ao menor sinal dela, certifique-se de voltar a se deitar ou se sentar para que não caia. Nós não queremos que você sofra outra lesão. — Doutor Henrique explica calmamente.

Concordo, demonstrando-lhe compreensão e ansiosa para fazer algumas perguntas, pois preciso saber de fato o que aconteceu, qual foi a proporção deste acidente.

Tenho os registros em minha memória até o momento exato do choque do carro contra o meu corpo, mas depois tudo ficou muito confuso em minha mente.

— Doutor, o que realmente aconteceu comigo que me levou ao coma? E por quanto tempo eu fiquei fora do ar? — pergunto ao doutor Henrique e nesse momento os dois médicos voltam a trocar olhares.

O médico mais velho, troca o peso de uma perna para outra e aparentemente se prepara para dar uma extensa resposta. Sua voz é calma.

— Maria Luiza, durante o impacto do acidente você bateu com o osso temporal do crânio.

“Assim que chegou à clínica inconsciente fizemos os primeiros atendimentos e com a ajuda de uma tomografia computadorizada constatamos um hematoma extradural, sua artéria meníngea média não chegou a ser rompida, mas foi pinçada com o trauma da batida e para conter a hemorragia submetemos você a uma cirurgia de emergência, ou os danos ao seu cérebro poderiam ser piores. Após a cirurgia mantive você sedada, ou em coma induzido por assim dizer, para preservar suas funções cerebrais mais nobres do trauma, garantir e acompanhar uma melhor recuperação da área afetada e de todo o seu organismo. Seu quadro foi melhorando, então diminuí seus sedativos gradativamente para que você retomasse a consciência. E hoje faz exatamente trinta dias.

Trinta dias?!

Espantada com tudo o que o doutor me diz, minha ficha começa a cair e

percebo o quanto isso foi sério, estive fora do ar e a realidade do que aconteceu comigo me bate com força, quem sabe mais do que a própria batida do acidente.

Não posso conter as lágrimas, penso em minha avó, o que aconteceria a ela se eu também tivesse partido, lembranças da minha mãe sofrendo na cama do hospital em seu estágio terminal de câncer me alcançam e isso impulsiona um soluço alto em minha garganta, fazendo-me chorar dolorosa e compulsivamente.

De repente, Leonardo está sentado ao lado da cama comigo, ele me envolve em seu abraço, deixando-me chorar em seu peito, naquele momento fiz dele mais uma vez minha sustentação, assim como no momento em que estava ferida no chão.

Reafirmei em meus pensamentos que tive muita sorte em ter sido salva por ele e dessa vez não por sua beleza estonteante, mas pelo homem que demonstra carinho e preocupação por mim, um homem que mal conheço, mas que tem o dom de me tranquilizar.

Quando a morte quis brincar de *pega-pega* comigo, ele segurou minha mão e me disse para ser forte e que tudo ficaria bem, no momento que retomo minha consciência e a realidade do quão perto ela esteve de me pegar e o desespero quer me sufocar, eu o tenho ao meu lado novamente.

Como bálsamo para qualquer mal seus braços me envolvem, a suavidade contida neste abraço abrandando o meu coração descompassado repleto de sentimento de tristeza e de perda.

Aconchegada em seu peito quente, ouço as batidas ritmadas do seu coração e me acalmo. Ele se afasta o suficiente apenas para olhar em meus olhos, compaixão rodeia sua íris esverdeada.

— Ouça-me — diz ele. — Tudo isso já passou, você não corre mais nenhum risco, em breve estará totalmente recuperada. Fique calma, por favor, não chore — seu polegar acaricia minha face —, você não está sozinha, eu estive todos esses dias ao seu lado e não irei sair até que você se sinta bem e segura.

Ciente de que estou segura, confio em cada uma das palavras que Leonardo diz, sua voz é afável. Sinto-me acolhida por ele, desejo por um instante ter este abraço para sempre em minha vida, mas eu sei que isso é uma ideia absurda.



Sentir e Verdade

LEONARDO

Momentos antes na pediatria...

Eu estou na UTI neonatal sentado numa cadeira ao lado de uma incubadora, meu dedo mindinho está sendo pressionado por uma frágil mãozinha pequena, mas que aperta meu dedo com tanta força que começo a pensar que ela não seja tão frágil assim, não tenho vontade de soltá-la.

Olho para esse ser tão pequeno e indefeso e não sei decifrar o que estou sentindo neste momento. São tantos sentimentos misturados e me vem à lembrança o que um médico experiente me disse no dia da minha formatura:

"Lembre-se que não importa quantos anos você estude para se tornar um médico, você só será um médico de verdade quando viver e sentir tudo o que essa profissão te traz. A alegria em salvar vidas, de ajudar a trazê-las ao mundo já que escolheu a pediatria, mas também a tristeza de quando as perde. Isto será inevitável. E ao contrário do que muitos dizem por aí, que médicos não devem ter sentimentos para não atrapalhar o desempenho do trabalho, eu te aconselho que sinta. Sinta tudo o que essa profissão te traz, pois somente assim você terá sensibilidade suficiente para cuidar dos seus pacientes e ser um bom médico".

Meu avô estava certo, nem todos os anos na faculdade, nem os anos de

especialização e prática me preparariam para esta experiência. Eu já atendi muitos bebês e crianças em casos delicados, principalmente as do orfanato, que além do problema de saúde também sofrem com a vulnerabilidade do abandono, maus tratos e negligência.

Mas hoje pela manhã no horário do meu plantão no pronto atendimento da clínica, diante de vários casos, desde os mais comuns até os mais inesperados e inusitados, pois quando se trata de criança nada é previsível — fraturas, objetos engolidos, intoxicação alimentar, resfriado, virose —, enfim, eu não poderia imaginar o que viria a seguir.

Estava me despedindo dos pais de um garotinho com quadro de virose que acabara de receber atendimento, quando um homem entrou pela porta principal do pronto atendimento pedindo ajuda, ao que tudo indicava pelas suas roupas, tratava-se de uma pessoa simples. Mais tarde fiquei sabendo que era um trabalhador que vive sua vida recolhendo material reciclável. Um miserável ou até um malandro aos olhos de uma sociedade preconceituosa, em que dinheiro e status são mais importantes que caráter. Mas não aos meus olhos, porque eu sabia que aquele homem teve a atitude mais nobre que muitos homens endinheirados não teriam. Sua expressão era de desespero, ele gritava por socorro, tinha em seus braços um bebê recém-nascido enrolado em uma manta que presumi ser dele, e não do bebê, mas, era isso que o cobria e aquecia. Aquele homem clamava por ajuda enquanto dizia que havia encontrado a criança em uma lixeira.

Imediatamente tomei o bebê em meu colo e corri para um dos consultórios, iniciando os primeiros socorros constatei que era uma menina, ela ainda tinha o cordão umbilical, seu coração batia em ritmo acelerado, seu peito subia e descia de forma rápida e constante, seu corpo estava um pouco avermelhado pelo esforço de seu choro. Dei comando para que avisassem na UTI neonatal que tínhamos uma emergência.

Já na UTI, com a ajuda de outros profissionais o bebê foi limpo, teve seu cordão umbilical cortado, foi alimentado, colhemos seu sangue para exames, estabilizamos sua temperatura e agora esse bebê, essa valente menininha está aqui, confortavelmente deitada na incubadora apenas para a monitorarmos melhor, pois ela não corre nenhum risco de morte.

Tão pequenina e já teve que lutar pela vida da forma mais difícil, lidar com o abandono de sua própria genitora e contar com a sorte de ser encontrada por um estranho que a trouxe a tempo, evitando que o pior acontecesse.

Acaricio de leve sua cabecinha coberta por uma fina camada de cabelo de cor castanho bem claro, olho em seus olhos que estão abertos e ela retribui meu olhar, com a testa um pouco franzida. Sorriu com sua expressão curiosa, e

em um tom suave digo-a quão linda e forte ela é. Escolho seu nome, não importa se depois alguém irá mudar, mas para mim ela é Valentina, a minha menina valente.

Nossos caminhos se cruzaram para garantir que eu me tornasse um médico pediatra de verdade, nenhum outro caso me fez sentir o que senti hoje. Estou feliz porque ajudei a salvar sua vida, estou feliz porque ela me ajudou a sentir com todas as minhas forças o sentido da minha profissão. Penso que a partir de hoje posso me considerar um médico de verdade, assim como meu avô me aconselhou.



Estou me esforçando para sair do lado de Valentina quando uma enfermeira se aproxima avisando que ligaram me chamando para ir ao andar de cima, ela se apressa em avisar que se trata de Maria Luiza. Sabe do meu interesse por qualquer informação que chegue sobre a mulher que atropelou.

Nesses trinta dias em que Maria Luiza está na clínica, são constantes minhas idas ao andar de cima onde fica a área de internação dos adultos.

Cada momento que tenho vago eu vou ao seu encontro, acho que já me considero seu amigo, mesmo que ela ainda não saiba, mas esses dias todos de "convivência" e conversa em que só eu falo, pude dizer a ela coisas corriqueiras do dia a dia, como está o tempo lá fora, acontecimentos do meu trabalho, contei a ela sobre as crianças do orfanato e, principalmente, cada vez que estamos juntos aproveito para segurar sua mão e lhe pedir desculpas por ter colocado sua vida em risco. Não foi intencional, mas fui descuidado ao desviar meus olhos da rua para ver a chamada que brilhava na tela do meu celular.

Fiz-me muitas perguntas nesse período e não sei muito sobre ela, aliás, quase nada. Não encontrei qualquer pessoa que eu pudesse avisar sobre o que havia acontecido, na bolsa que foi resgatada do local do acidente havia a carteira, agenda, coisas pessoais e me obriguei a invadir sua privacidade para tentar encontrar algo. Contudo, não obtive muito sucesso. Vasculhei sua agenda, e na data do acidente vi uma anotação sobre uma entrevista de emprego justamente no horário em que tudo aconteceu. Coincidentemente é o escritório que presta assessoria para a clínica e o endereço fica ao lado do nosso. Liguei e me identifiquei, expliquei sobre o acidente e minha dificuldade em encontrar alguém da família para avisar, o celular que ela segurava no momento do acidente quebrou, eu não tinha mais opções além de tentar conseguir algumas informações com o escritório.

Depois de muita insistência e explicar toda a situação, o escritório aceitou passar-me as informações pessoais de Maria Luiza, seu currículo e a ficha de cadastro que ela havia preenchido quando se candidatou a vaga. Observei seu excelente currículo. A mulher que eu quase tirei a vida é formada em administração de empresas e está cursando pós-graduação, além de cursos extras, é bilíngue, nota-se que sua experiência profissional é das melhores.

Confesso que quando tive acesso às informações, o que olhei primeiro foi a sua idade e estado civil, constatei que ela tinha vinte e seis anos e era solteira, o porquê não sei explicar, mas no fundo eu realmente desejava que ela

não fosse casada, ou que tivesse um namorado, enfim qualquer coisa do tipo.

Dou um último olhar para Valentina, me despeço falando baixinho, garantindo que voltarei assim que possível. Saio da UTI sem me preocupar em tirar o uniforme, tenho pressa, eu estou torcendo que o chamado que recebi seja para receber a notícia que ela acordou do estágio sedativo.

Caminho apressado pelos corredores e cumprimento os colegas profissionais que encontro no caminho, até parar em frente ao quarto que todos os dias eu visito.

Inspiro fundo tentando controlar a respiração, estou nervoso e ansioso.

Dou uma leve batida na porta e abro devagar, conforme a porta se abre eu a vejo levemente sentada na cama, os seus olhos de avelã abertos, e sua atenção onde eu estou na entrada de seu quarto. Fecho a porta atrás de mim e não reparo em mais nada além daquela mulher que eu vi por pouco tempo de olhos abertos, aquela mulher que cruzou o meu caminho da forma mais inesperada, eu coloquei sua vida em risco, ela esteve trinta dias sedada para se recuperar, e agora nossos olhos se encontram.

Uma sensação de alívio transborda em meu peito, esperei longos dias para poder falar com ela e ter a certeza de que estou sendo ouvido, pareceu uma eternidade, eu preciso ouvir sua voz, eu preciso saber como ela se sente. Não espero nem mais um minuto, aproximo-me e falo com ela.

— Oi, Maria Luiza, que bom que você acordou. Estive tão preocupado e ansioso pela sua recuperação. Como está se sentindo?

Estou completamente ansioso por ouvir sua voz e saber como ela está, mas antes que Maria Luiza responda, ouço um tom de advertência do meu pai, dizendo-me que era exatamente isso que ela estava prestes a falar quando interrompi.

Cheguei tão eufórico ao ver que ela estava acordada que nem percebi a presença do doutor Henrique, ele é o médico responsável, portanto, ele está certo pelo tom de repreenda à minha atitude. Desculpo-me, afinal a paciente é dele e não minha, mas em meus pensamentos eu sei o quanto desejei em saber do seu estado de saúde e o quanto desejei esse momento, quem sabe até mais que ele.

E como música para os meus ouvidos ouço sua voz aveludada dando detalhes de como está se sentindo, doutor Henrique fez um bom trabalho — como de costume —, Maria Luiza nos faz saber, que apesar de algumas dores suportáveis na cabeça e no corpo, sente-se bem.

Tem curiosidade em saber como ficou em coma e por quanto tempo.

É de se esperar essa reação, já que geralmente é a pergunta que muitos pacientes que são sedados fazem. Deve ser uma sensação estranha saber que tudo ao seu redor acontecia enquanto você não tinha noção de nada pela falta de

consciência. Meu pai lhe dá detalhes do estado em que ela chegou à clínica, dos procedimentos que foram realizados e minuciosamente explica sobre o seu traumatismo craniano e a necessidade que teve em deixá-la sedada.

Maria Luiza está com os olhos brilhantes e vejo que lágrimas começam a descer pela sua face e seu choro aumenta cada vez mais, não penso duas vezes, certo ou não, eu preciso lhe oferecer o meu abraço, e é isso que faço.

Sento-me ao seu lado na cama, envolvo meus braços em seu corpo, ela se aconchega em meu peito. Maria Luiza teve ciência do grave risco que correu somente agora e isso a faz chorar, um choro que mistura dor, mas também alívio por ter sobrevivido.

Eu lhe abraço ainda mais forte ao lembrar que não encontrei ninguém de sua família, da mesma forma que ninguém a procurou, eu fiz questão de informar a polícia e aos hospitais do que tinha acontecido. E pensar que não havia ninguém que tivesse sentindo a sua falta fez transbordar em mim sentimentos de compaixão por esta mulher. Afrouxo o meu abraço para poder olhar em seus olhos, eu sinto que preciso garantir a ela segurança e carinho, pois não há qualquer pessoa nesse instante por ela.

Tento confortá-la.

— Já passou, você não corre mais nenhum risco, em breve estará totalmente recuperada, fique calma, não chore, por favor, você não está sozinha, estive esses trinta dias ao seu lado e não irei sair até que você se sinta bem e segura.

— Desculpe. — Ela diz através de sua respiração ainda se tornando estável e sai por completo dos meus braços.

Sinto o vazio que seu corpo deixa ao se afastar. Levanto-me e posiciono-me ao lado da cama.

Seus olhos e sua face estão vermelhos pela exaustão das lágrimas, reparo também que a cicatriz do corte no supercílio está diminuindo, torço para que Maria Luiza não fique com marcas. Afinal, qual mulher gostaria de ter uma linha traçada em seu supercílio? Sem contar a lembrança que essa cicatriz a trará — o maldito acidente — respiro fundo, preciso lhe dizer a verdade.

Não sei se ela consegue se lembrar de que era eu ao volante. Preciso dizer que fui o culpado e pedir desculpas. Só ficarei em paz quando contar tudo a ela, mesmo que isso faça com que Maria Luiza não queira mais nem olhar em minha cara e, além disso, estou preparado caso queira abrir algum tipo de processo pelos danos que lhe causei e que seria justo.

Aliás, este assunto tem gerado alguns atritos em nossa família. Meu pai não se conforma com minha falta de atenção *"Essa moça pode abrir um processo contra você e levar um bom dinheiro seu, e será bem feito! Pela*

irresponsabilidade ao dirigir e se preocupar com o celular que estava tocando. Sem contar que ela pode querer envolver a clínica nisso tudo". Não adiantou argumentar que minha irmã estava em trabalho de parto e que eu tinha pressa em chegar, não adiantou nenhuma justificativa para amenizar a minha culpa, ele estava certo, eu fui culpado. E desde o acidente nossa relação está estremecida. Doutor Henrique é uma ótima pessoa, mas em alguns aspectos é muito rigoroso, principalmente quando diz respeito a sua reputação e da clínica.

Observo meu pai conversar com Maria Luiza sobre sua situação, ele explica sobre a medicação que ela continuará recebendo e alerta que só receberá alta quando estiver totalmente recuperada.

— Acredito que já lhe dei as informações que precisava e se não tiver mais nenhuma dúvida, tenho outros pacientes para visitar. Mais tarde passo para ver como você está. Além disso, o doutor Leonardo precisa falar com você — diz, ele.

E com um aceno de cabeça, despede-se, mas antes de deixar o quarto faz questão de se dirigir a mim.

— Agora sim a paciente é sua, doutor Leonardo. Informe tudo o que ela precisa saber.

Proporcionando assim um ar de conflito e questionamentos no ambiente.

Maria Luiza me olha sem entender, é claro que ela quer saber.

— O que mais preciso saber?

E eu preciso contar...

MARIA LUIZA

Questiono-o, sem imaginar o que vem a seguir e sem entender o tom levemente hostil que presenciei entre os dois médicos.

Sinto uma tensão em Leonardo, ele troca o peso de uma perna para outra, respira fundo e começa a falar.

— Maria Luiza, antes de qualquer coisa eu quero que saiba que eu me preocupo muito com você desde o momento do acidente, os dias em que ficou sedada e acredito que passe o tempo que passar, nunca vou me esquecer ou deixar de me preocupar. Tenho ciência que o que vou dizer agora pode fazer com que você me queira longe. Mas, acredite, é sincero quando digo que me preocupo e me arrependo. Todos os dias em que eu vim ver você eu segurei a sua mão, desejei sua melhora e pedi desculpas.

Era a mão dele que eu sentia enquanto estava no sono profundo. O toque reconfortante que suas mãos transmitiram no momento que mais precisei, era o mesmo toque dos dias que fiquei inconsciente, como não percebi?

Eu pude notar em seu olhar quando entrou no quarto e senti quando me abraçou que se preocupava de verdade comigo, e agora suas palavras ratificavam isso. Mas não entendo por que ele tem que se desculpar, por que se sente culpado? Que mal ele fez se foi a pessoa que me ajudou?

Ele fica em silêncio, encarando-me.

— Doutor Leonardo, eu... eu continuo sem entender, porque a necessidade em desculpar-se. Se não fosse a sua ajuda imediata eu poderia estar morta agora. Apesar das variações da memória no momento do acidente eu consigo me lembrar de tudo. Lembro-me que me tranquilizou, chamou o socorro, limpou minha mão suja de sangue em sua camisa, acompanhou-me na ambulância e... nunca soltou minha mão.

Emociono-me ao lembrar o quanto ele foi importante naquela situação, quem sabe se outra pessoa tivesse tentado me ajudar eu não estaria aqui.

— É graças a você que estou viva — acrescento.

— Mas é por minha causa que você quase morreu! — revela-me a verdade, completamente desolado. — Era eu quem dirigia o carro, fui eu quem atropelou você — murmura.

Respiro fundo, eu realmente não visualizei bem o motorista, a luz do sol e o brilho que se formou no vidro me impediram de enxergar.

Sua revelação me choca no primeiro instante e entendo o porquê de tamanha preocupação, aliás, era culpa e não preocupação? Por algum motivo

isso me deixa triste.

Ele se aproxima, volta a sentar-se ao meu lado, suas mãos tomam as minhas.

— Eu não queria que tivesse acontecido, eu estava com pressa vindo para a clínica. Sei que isso não justifica, mas minha irmã estava grávida e teve complicações, eu precisava estar ao lado dela, sou pediatra. Queria garantir que tudo ficasse bem com ela, principalmente com meu sobrinho. E ao querer chegar o mais rápido possível eu feri uma pessoa. Eu... eu... quase tirei sua vida. — Os olhos dele transmitem desespero ao falar.

Eu sabia que tinha sido descuidada ao atravessar sem esperar a momento certo do semáforo, por isso faço questão de lhe acalmar.

— Mas você não teve culpa, doutor Leonardo, foi um acidente, e, além disso, eu atravesssei enquanto o semáforo estava amarelo, eu corri o risco, e por incrível que pareça eu também estava com pressa, por isso não esperei até que ficasse livre e seguro para chegar ao outro lado da rua.

— Não faça isso, não se culpe, o negligente fui eu. Você estava na faixa de pedestres, eu tinha que estar atento e ter parado. Meu celular tocou bem na hora e eu desviei para olhar, e numa fração de segundos você apareceu, tentei frear o máximo que pude, mas foi inevitável. — Ele continua desesperado ao falar e a tristeza consome sua expressão.

Volto a tranquilizá-lo.

— Por favor, eu peço que não se culpe, se ajuda a sentir-se melhor eu estava falando ao celular, minha atenção estava dividida, olhei rapidamente e não vi nenhum carro e só percebi quando ouvi a buzina. No momento, pensei em correr, sair do lugar, mas não consegui ter qualquer ação.

Esboço um sorriso para amenizar o desconforto que esta conversa está causando, em resposta ele me dá um sorriso contido acompanhado do pedido de desculpas. Eu aceito, sabendo que ele precisa disso, mas com a condição que ele aceite o meu também.

Ficamos por um tempo nos olhando, uma atmosfera diferente se criou e eu sinto sua respiração ficar mais pesada, desconfio que ele também sinta a minha e até ouça o meu coração dando galopes em meu peito.

Leonardo transfere uma das mãos que ainda envolvia as minhas para traçar uma pequena linha reta no meu supercílio e sem que eu esperasse, seus lábios beijam o local que antes ele tracejava. Prendo a respiração com este gesto inesperado e só solto quando ele se afasta.

— Deve estar cansada. Foram muitas informações, não quero que fique desgastada. Descanse. Vou chamar a Beth para ficar com você. — Doçura sai de seus lábios e de seus olhos ao falar.

Isso mexe comigo e não é bom. Quer dizer, bom é, mas não é o correto.

— Quem é Beth? — pergunto rapidamente, para desviar meus pensamentos da reação que seu toque me traz.

— Beth é a melhor enfermeira dessa clínica, e digo isso não apenas pelo fato de ser uma excelente profissional, mas também pelo fato de que é a pessoa mais amorosa, bondosa e dedicada aos pacientes que conheço, e, além disso, é de minha extrema confiança. Por isso a transferi da pediatria para ficar com você.

Achei que falar sobre a enfermeira Beth desviaria o foco do quanto ele é incrível, mas depois desta resposta eu não tenho como evitar que minha pulsação aumente e que um suspiro discreto saia da minha boca, curiosidade cresce e volto a questionar.

— Mas, por que, uma profissional tão boa sendo desperdiçada para cuidar de alguém que sequer estava consciente? Certamente as crianças tem prioridade e precisam mais dela do que eu. Sinto muito por esse incômodo.

— Não sinta. Acredite, ela gostou muito de ficar com você. As crianças têm prioridade sim e estão sendo bem cuidadas pelas demais profissionais que adoraram não ter a enfermeira chefe por perto — ele sorri com certa timidez. — Queria ter certeza que você estava em boas mãos nos momentos que não poderia ficar eu mesmo com você. E Beth é a pessoa certa para isso, como eu disse, é de minha confiança. E ela continuará com você até que receba alta.

Melhor ficar quieta e não perguntar mais nada, pois tenho medo que a próxima resposta me faça derreter nesta cama, não estou sabendo lidar com tanto carinho e atenção.

Faz tempo que não tenho ninguém que se preocupe desta maneira comigo. Desde que me mudei para a capital para cursar a faculdade e vó Rita ficou na cidade em que sempre vivemos, eu a visitava frequentemente e era aconchegante, eu sempre fui muito amada por ela, mas agora nos últimos dois anos em que o Alzheimer tomou proporções maiores, ela vive em um lar para idosos, foi uma decisão difícil, mas tive que tomar para sua segurança. Minhas visitas ainda são frequentes, mas ela por vezes não se lembra de que sou sua neta.

Seu afeto me faz muita falta, no entanto aprendi a viver sozinha e a cuidar de mim mesma. E essa novidade de receber atenção e cuidados me deixa feliz e atordoada ao mesmo tempo.

Não consigo dizer muita coisa além de um sincero obrigada. Ele se despede com um sorriso amplo, prometendo voltar mais tarde e isso faz uma

faísca de alegria estalar em meu peito.

Quando Leonardo já está na porta eu não consigo segurar o impulso.

— Doutor Leonardo?

Ele se vira, com o olhar atento.

— Sim, Maria Luiza.

— Gostei da sua touca e gosto do *Olaf* também — falo, apontando para sua cabeça e sorrio.

No primeiro instante ele se mostra surpreso, e então imitando meu gesto, aponta para sua própria cabeça.

— Ah, sim! A touca. Que bom que gostou. Faz com que as crianças se distraiam e não tenham medo do médico. Posso usar sempre que vier falar com você para que também não sinta medo. — Seu tom é brincalhão, e eu adoro sua espontaneidade, retribuo a brincadeira e me arrisco.

— Vou gostar que venha sempre usando a touca. E não se preocupe, porque não é medo que sinto quando está por perto.

Elevando uma de suas sobrancelhas e com um sorriso no canto dos lábios, investiga.

— E o que sente, Maria Luiza?

— Segurança — afirmo. Não revelando todos os outros sentimentos e reações que este homem me desperta.

— Bom saber — diz, saindo do quarto. Deixando-me com um sorriso bobo nos lábios.



Nem tudo são flores I

LEONARDO

Saio do quarto de Maria Luiza sorrindo, ao lembrar de seu comentário sobre a minha touca e a forma que disse que se sente segura quando estou perto.

É inegável. Eu gostei da sua revelação.

Fiquei feliz que ela tenha compreendido a situação do acidente, pois temia que ela pudesse ficar chateada e não desejar qualquer tipo de contato comigo. Estou mais calmo quanto a isso, mas ainda assim não consigo afastar meus pensamentos de culpa pelo o que aconteceu.

Maria Luiza está se recuperando bem, logo estará totalmente pronta para receber alta, e uma ponta de tristeza surge ao pensar que ela não ficará muito tempo na clínica, sua partida será inevitável, porém eu estaria sendo egoísta se desejasse que ela não ficasse totalmente curada só para que eu pudesse continuar a vê-la todos os dias.

Melhor não pensar nisso agora, ainda tenho alguns dias para conquistar sua amizade e encontrar uma forma de não perder contato com ela.

Voltando para o andar da pediatria encontro Beth no corredor.

— Oi, doutor Leonardo, como foi com Maria Luiza? — Minha amiga enfermeira deseja saber.

— Melhor do que esperava — respondo, sorrindo.

E em pensamento presumo que esta resposta se dá não só pelo fato da absolvição do sentimento de culpa que Maria Luiza me concedeu, mas também porque nosso primeiro contato após o acidente serviu para confirmar o quanto me sinto ligado a ela. O momento que a envolvi em meu abraço enquanto chorava, fez-me desejar poder ampará-la para sempre.

— Que bom! E já contou a ela tudo sobre o acidente? — questiona, em preocupação, pois Beth tem ciência plena do quanto isso tem sido difícil para mim.

Inspiro profundamente, antes de responder:

— Sim Beth, ela foi muito compreensiva, não apresentou nenhuma atitude contrária a não ser tranquilizar-me e assumir a culpa em conjunto, pois segundo ela, também estava desatenta quando atravessou a rua.

— Isso é ótimo Leo, você estava tão apreensivo, fico feliz que tudo tenha se resolvido. — Beth analisa minha expressão com seus olhos verdes curiosos.

— É sim Beth, mas infelizmente não muda o fato que quase tirei a vida dela, por mais que ela tenha aceitado o meu pedido de desculpas, penso que ainda preciso superar todo o ocorrido. — Desabafo, pois é assim que me sinto.

— Eu sei o quanto estava se sentindo culpado, mas não se sinta mais. Se ela já compreendeu e te desculpou, elimine isso do seu coração. E, além disso, você tem feito tudo que está ao seu alcance para que ela fique bem.

— Fiz o que deveria fazer, Beth. Afinal, eu a coloquei nessas circunstâncias.

— Ok, doutor. Mas, por favor, tire o peso da culpa, o pior já passou e logo ela estará com sua saúde totalmente recuperada. — Aproxima-se e estica o braço, fica na ponta dos pés para alcançar meu rosto com a sua mão e a mantém ali enquanto fala. — E Leo, você é uma pessoa muito boa, sempre disposta a ajudar a todos. Não merece nutrir esse sentimento de culpa.

Beth é minha melhor amiga nessa clínica, e por vezes tem sempre os melhores conselhos, por isso decido em concordar e virar esta página.

— Chega de culpa. — Digo e inclino a cabeça para o lado descansando meu rosto em sua mão. E para ratificar o que digo, encolho os ombros em sinal de rendição.

Beth oferece-me um sorriso satisfeito. Sabe que conseguiu mudar meus pensamentos.

— Estou indo ficar com ela. Alguma recomendação especial, doutor Leonardo? — Afasta-se sorrindo.

— Não. Apenas o de sempre.

— Não tirar os olhos dela e qualquer novidade te avisar. Pode deixar,

doutor. — Bate continência como se fosse um soldado.

Sorrio com o gesto brincalhão de Beth, para muitas pessoas aqui da clínica ela age com um tom fechado e sério, mas comigo é diferente. Conhecemo-nos há muito tempo e à medida que nossa amizade e afinidade foram crescendo conheci o lado brincalhão e espontâneo dela. Esse mesmo lado que usa para lidar com as crianças na pediatria. Beth é o tipo de enfermeira capaz de fazer uma criança sorrir ao invés de chorar diante de uma agulha. Ela é espetacular.

Reparo que em uma das suas mãos há algumas bolsas, ela reconhece meu olhar curioso e se adianta.

— São as roupas que você me pediu para comprar. Acredito que agora que ela acordou não vai mais querer usar o *modelito* camisola de hospital.

— Ah... sim! Que bom que já o fez. Obrigado, Beth.

— Fiz no dia seguinte ao que me pediu, doutor. Logo que ela saiu da cirurgia. Espero ter acertado o tamanho, mas de qualquer forma é possível trocar se não servir. Escolhi peças leves e confortáveis como recomendou.

— Excelente! E se ela precisar de mais alguma coisa me avise.

— Pode deixar.

— Muito obrigado, enfermeira Beth. — Despeço-me dando um beijo em seu rosto e volto a seguir o meu caminho para a pediatria.



Ao chegar ao andar da pediatria, uma das enfermeiras me avisa que tenho uma visita aguardando em meu consultório.

— Visita? Mas não estou esperando ninguém, quem é? — questiono.

— Carolina, a filha do doutor Alfredo. Eu insisti que ela aguardasse na recepção, doutor, pois sei que não gosta de ninguém em seu consultório, mas ela foi relutante ao meu pedido.

— Tudo bem, não se preocupe. Sei bem como ela pode ser relutante quando quer. — Tranquilizo-a. Conhecendo como conheço Carolina eu sei que ela não deu ouvidos ao pedido da enfermeira.

Abro a porta do meu consultório e encontro Carolina deitada na maca usando seus sapatos de salto alto apoiados no lençol limpo e esterilizado. Ela definitivamente é uma pessoa sem noção e impertinente.

Não sou perfeito, cometo meus erros, e um deles foi ter uma noite de sexo com Carolina após uma festa. Confesso que nesse dia bebi demais e acabamos os dois na cama de um motel. No dia seguinte minha cabeça pesava pelos efeitos da bebida e pela atitude impensada. Eu tinha conhecimento que ela nutria uma atração e julgo até uma obsessão por mim, a considerar suas investidas frequentes, mas cai na armadilha de um corpo atraente e de uns copos a mais de uísque. E isso não foi nada bom.

— Carolina! O que faz aqui? — pergunto, em total desagrado.

— Nossa! Que susto! — Levanta-se em um sobressalto. — Isso é jeito de falar? — Seu tom é meloso, na tentativa de amenizar o meu em desagrado.

— O que fazia deitada na maca? Macas são para os pacientes. Será que aprendeu pelo menos isso na faculdade?

Ironizo, pois Carolina cursa medicina, mas pelo que sei não é uma aluna muito aplicada.

— É claro que eu sei disso, doutor — caminha com seus saltos barulhentos em minha direção parando a minha frente. — Mas você estava demorando tanto que me deu sono, não resisti e me estiquei aqui para tirar um cochilo. Aliás, por que demorou tanto, *hein*? Eu me informei e disseram que você não estava em atendimento.

— Estava no andar de cima com uma paciente — respondo, com naturalidade.

— Ué... não sabia que tinha alas da pediatria na internação de adultos.

— E não tem. Eu estava com Maria Luiza.

— A tal moça do acidente? — Carolina fala, e noto em seu rosto tão próximo ao meu a forma como ela torce os lábios ao falar deste assunto.

— Sim, ela. Mas afinal o que veio fazer aqui? — Tento ser o mais direto possível com Carolina, pois não estou com disposição para suas conversas fiadas.

— Sabe o que eu acho Leo? Você está se preocupando demais com essa moça. Outro dia conversei com Melissa e ela disse que você tem demonstrado um grande interesse nessa tal de Maria Luiza.

Não gosto do seu ar desdenhoso ao mencionar Maria Luiza e minha paciência se esgota.

— Isto realmente não é da sua conta. Se não vai falar o que te trouxe aqui, peço que saia, pois eu tenho mais o que fazer — exclamo.

— Ei... calma. Não precisa ficar nervosinho, doutor Leonardo. Eu só vim te convidar para ir a uma festa comigo na sexta-feira. Será uma festa do curso de medicina. O que acha? Topa? — diz, frisando as últimas palavras num tom animado.

— Agradeço o convite, mas não poderei ir Carolina. E, além disso, eu já passei desta fase de festas.

Quero me afastar, por isso ao falar saio da sua frente, mas ela segura minha mão, puxando-me de volta para perto do seu corpo.

— Ah, Leo, vamos? Por favor? Será divertido, você só pensa em trabalhar. A última festa que você foi, faz um tempão — ela envolve os braços em meu pescoço. — E se quiser podemos fazer nossa festinha particular como daquela vez, lembra? Foi uma delícia, não foi?

Carolina aproxima sua boca da minha na tentativa de um beijo e imediatamente tiro suas mãos do meu pescoço.

Eu a afasto de mim, mantendo a distância da extensão dos meus braços esticados, seguro firme em seus ombros, olho no fundo dos seus olhos para que ela seja capaz de entender de uma vez por todas que o que aconteceu não irá se repetir.

— Carolina... veja bem, eu não quero parecer grosseiro. Mas aquilo foi um erro, não acontecerá novamente. Não quero ir à festa alguma, não quero ter que lidar com você vindo o tempo todo em meu trabalho. Entenda e aceite que Eu. Não. Sinto. Nada. Por. Você. — falo, pausadamente. Com a intenção de que ela finalmente entenda o que estou dizendo.

Seus olhos estão brilhantes e úmidos, mas isso não me comove.

— Agora, se me der licença eu realmente preciso trabalhar. — Solto seus ombros.

— Ok! Eu desisto! — Carolina bufa e bate as mãos em cada um dos

lados de seu corpo.

Comemoro mentalmente. Ela enfim entendeu que não irá acontecer mais nada entre nós. Aquela única vez foi um erro.

— Mas se mudar de ideia me ligue. Vou adorar sua companhia na festa.

Vejo que comemorei antecipadamente. Não seria Carolina se não insistisse. Resolvo ficar calado na esperança que ela me deixe em paz e vá embora. Mas não é isso que acontece.

— Leo, será que você não percebe o quanto somos perfeitos um para o outro? Nós nos conhecemos desde criança, somos ricos, nossos pais são médicos, sendo que o meu também trabalha nesta clínica. Até a nossa profissão é a mesma. Você é um médico talentoso e em breve eu também serei. Sem contar que nossas famílias se dão super bem, todos iriam adorar a nossa relação — fala, como se tivesse acabado de ter uma grande ideia.

Já basta.

Ela não ouviu uma única palavra do que eu disse, e ainda vem com esse discurso que somos perfeitos um para o outro. Nada do que sai de sua boca, encaixa-se como perfeito na minha perspectiva de relacionamento. Apesar dos anos que nos conhecemos ela não sabe, ou finge não saber nada sobre minha personalidade.

Preciso lhe esclarecer alguns pontos. Sinto meu sangue ferver, ela conseguiu tirar-me do sério.

— Carolina, para você dinheiro e condição social vem acima de tudo, mas não é assim que eu penso.

“Pouco me importo com esse tipo de coisa, assim como o fato de a medicina nos colocar aparentemente próximos e íntimos, pois você sabe muito bem que eu sou médico por amor e vocação. Já você quer se tornar médica, apenas para agradar seu pai. E quanto as nossas famílias serem amigas e seu pai trabalhar aqui, isso realmente não muda nada. Sabe o que mudaria? Sabe o que realmente importaria?” — Diminuo meu tom de voz, que até agora estava alto. Faço isso na intenção de amenizar a acidez e irritação que sinto ao proferir cada palavra, mas, sobretudo mantenho-me firme para que ela não insista mais nisto.

— Sabe o que importaria Carolina? — repito a pergunta para que ela grave bem a resposta. — Se eu fosse apaixonado por você. E isto é algo que eu realmente não sou, ou seja, não somos perfeitos um para o outro. Consegue me entender agora? — Respiro fundo.

Ela balança a cabeça em negação, à medida que vejo suas pupilas dilatarem.

— Não pense que irá se livrar assim tão fácil de mim, Leo. Estou

acostumada a ter tudo o quero. E não será diferente com você.

— Carolina... por favor, não torne as coisas mais difíceis. — Imploro, cansado disso tudo.

Como se ela determinasse o fim da conversa, ignora o que acabei de falar e vai até a porta. Se vira quando está prestes a girar a maçaneta, encarando-me com aqueles olhos azuis, posso sentir a mágoa e raiva escorrer deles.

— Difíceis? Você não viu nada ainda, doutor Leonardo Marquezzi. — Seu tom é ameaçador. — Absolutamente nada. — Afirma e sai batendo com força a porta atrás de si.

Essa conversa foi de longe a mais séria que já tivemos sobre este assunto. Por que raios eu cai na besteira de ir aquela festa, beber demais e dormir com ela? Isso só a encheu de falsas esperanças. E por mais que eu sempre tente explicar que não sinto nada, ela insiste em me procurar, ignorando totalmente minha recusa. Não a quero, mas também magoá-la nunca foi meu objetivo.

Conheço Carolina e sua família há muitos anos, o pai dela é médico na clínica e amigo do meu pai. Devido a esta amizade nossas famílias sempre se reúnem desde que éramos crianças, Carolina é alguns anos mais nova do que eu, por isso me lembro bem da criança e da adolescente chata e mimada que era. No fundo eu tinha esperança que ela mudasse com o passar do tempo e amadurecimento, mas suas características de personalidade aborrecíveis em nada mudaram e suspeito até que adquiriu algumas novas.

Ela é egocêntrica e pensa que pode ter tudo o que quiser. Apesar de ser muito bonita, com seus longos cabelos loiros, olhos azuis, e um corpo esguio, não faz o meu tipo de mulher. Meu interesse nas mulheres vai além da aparência física. Personalidade é algo que me atrai e eu conheço a de Carolina, sei que em nada me desperta interesse.

Desligo meus pensamentos de Carolina e volto ao meu trabalho. Observo minha agenda do dia seguinte. Tenho várias consultas no período da manhã, uma delas é muito especial, meu sobrinho Gustavo, que acaba de completar trinta dias de vida. Alegro-me ao pensar nele, apesar do parto adiantado em algumas semanas, ele nasceu com perfeita saúde, poucos dias na incubadora e ele foi para casa com minha irmã.

A chegada desse bebê a nossa família é um grande presente. Meus pais já estavam ansiosos em serem avós, e como sabem que da minha parte isto não acontecerá tão cedo, já que nem namorada eu tenho — aliás, ultimamente isso virou assunto recorrente em minha família — restou para minha irmã dar-lhes esse presente.

Melissa casou cedo, mas esperou alguns bons anos para ter seu primeiro filho. Fugindo da medicina, formou-se em arquitetura e é realmente boa

no que faz. Foi ela quem planejou e escolheu os móveis assim como toda a decoração do meu apartamento. Mel conhece todos meus gostos e particularidades, por isso posso dizer que não há pessoa melhor para me auxiliar nesta tarefa.

Amo muito minha família, e a convivência com eles, mas assim que consegui comprar um apartamento com meu próprio dinheiro, fui morar sozinho. Nada como chegar em casa depois de horas de trabalho e ter o sossego e a liberdade num espaço só seu.



O restante do meu dia segue como planejado, para hoje algumas cesarianas agendadas — minha especialização na pediatria é neonatologia, que consiste em atender o recém-nascido no momento do parto até o terceiro mês de vida, e como também sou pediatra geral continuo acompanhando-os geralmente até a fase da pré-adolescência — No centro cirúrgico divido meu trabalho com o restante da equipe médica e principalmente com doutora Miriam que é a médica obstetra, observo sua aptidão e destreza no que faz, assim como o carinho que possui por cada paciente, é notável que ela é mais uma pessoa que escolheu a medicina por amor e vocação.

Finalizada as cesarianas vou até a UTI neonatal ver como está Valentina, seu semblante tranquilo deixa-me feliz, apesar das circunstâncias.

Uma assistente social e um policial vieram mais cedo na clínica. Fizeram-me algumas perguntas e relatei o que sabia, o homem que a trouxe também foi interrogado, ele informou o local exato que a encontrou, mas por enquanto nenhuma pista de quem possa ter feito isso foi encontrada.

Assim que estiver pronta para deixar a clínica, Valentina terá que ser levada para um lar de acolhimento, consegui uma vaga no orfanato que minha mãe trabalha voluntariamente.

É um antigo orfanato administrado por freiras, recebe alguma ajuda governamental, mas não é o suficiente. Por isso, a ajuda da iniciativa privada é muito importante.

Há muitos anos nossa família contribui. Além disso, minha avó e minha mãe são voluntárias, trabalham algumas vezes por semana lá e sempre organizam eventos beneficentes para arrecadar fundos.

Conheço o apreço e dedicação que ambas têm por aquele lugar, por isso, mas também por minha própria vontade, sou voluntário. Uma vez por mês, geralmente aos sábados, vou até o orfanato para atender as crianças e quando necessário faço os encaminhamentos para a clínica.

Findado meus compromissos do dia, sinto o cansaço sobre o meu corpo e mente, com um copo de café nas mãos me sento em um dos sofás da sala de descanso. Outros colegas estão por aqui, aproveito o momento para colocar o papo em dia com alguns e principalmente com Derek, que considero um dos meus melhores amigos. Fizemos faculdade juntos, ele é clínico geral, e cantor nas horas vagas. É um *hobby* que ele leva a sério. Já vi ele se apresentar em alguns lugares e fiquei admirado com sua desenvoltura. Mas gosto de provocá-

lo, por isso sempre digo a ele que como cantor ele é um ótimo médico.

Durante a conversa com Derek me lembro de checar o meu celular, encontro duas mensagens de Beth que foram enviadas no meio da tarde. Clico para abrir a primeira mensagem me culpando por não ter dado uma olhada mais cedo, se bem que teria sido impossível, pois trabalho é que não faltou hoje.

Beth: O dia está transcorrendo normalmente. Ela se alimentou bem, não teve dores. Conversamos bastante, Maria Luiza é adorável. Já perguntou de você várias vezes, seu olhar brilha em expectativa cada vez que alguém bate à porta.

Beth: P.S: além de adorável, está ainda mais linda sem a habitual roupa de hospital que usou todos esses dias. Você precisa ver ;)

Pulo do sofá, entrego meu copo de café a Derek e o deixo falando sozinho. Vou ao vestiário para trocar o uniforme por minhas roupas. Quando tiro a touca, lembro-me mais uma vez do comentário que Maria Luiza fez e involuntariamente me pego sorrindo.

Olho-me no espelho e vejo a bagunça que está meu cabelo, lavo meu rosto para espantar a exaustão e passo as mãos úmidas nos fios fora do lugar na tentativa de arrumar essa desordem em minha cabeça.

Desordem que não se resume só ao cabelo bagunçado, mas aos meus sentimentos. Eu não sei explicar nem entender tudo que estou sentindo em relação à Maria Luiza. Só sei dizer que é algo forte e inédito, pois nunca me senti assim antes. E estaria mentindo se afirmasse que não estou gostando do que venho experimentando desde o momento em que nossos olhares se cruzaram.

Vou ao encontro dela.



Amigos

MARIA LUIZA

Leonardo já deixou o quarto há algum tempo e eu continuo com o sorriso bobo em meus lábios quando a enfermeira entra. E por incrível que pareça ela está estampando um sorriso cheio de simpatia que me faz sorrir ainda mais. Eu já havia gostado dela no primeiro contato que tivemos e depois de tudo que Leonardo me disse sobre ela, gratidão passa pelo meu peito, e preciso externar isso.

— Enfermeira, eu gostaria de agradecer tudo que tem feito por mim, Leonardo contou que foi você quem ficou comigo todos esses dias. Muito obrigada, Elizabeth.

Sustentando o seu sorriso ela se aproxima e pega em minha mão carinhosamente.

— Não há o que agradecer, é meu trabalho. Você realmente não é o tipo de paciente que dá muito trabalho. E pode me chamar apenas de Beth. — Dá uma piscadinha quando termina de falar ao mesmo tempo em que dá um apertozinho em minha mão como se fosse para confirmar o que acaba de dizer.

— Ainda que seja seu trabalho, eu faço questão de agradecer... Beth. — Mesmo sendo a primeira vez que a chamo assim, isso soa agradavelmente íntimo e natural. — Sou grata por ter feito seu trabalho com tanta dedicação e

prometo que continuarei sendo uma boa paciente. Não lhe darei muito trabalho. — Sorrio, e dessa vez sou eu quem oferece uma piscadinha a ela.

Como pode? Troquei pouquíssimas palavras com essa mulher e já sinto uma afinidade enorme. Normalmente comigo é assim — eu sinto se vou gostar ou não de uma pessoa nos primeiros minutos que mantenho contato — posso afirmar que gostei de Beth *de cara*. Há quem diga que isso induz a julgamentos precipitados, tanto de uma forma positiva quanto negativa. Mas a verdade é que até hoje esse meu *feeling* com pessoas nunca falhou. Confio no meu sexto sentido e sei que não estou enganada em simpatizar dessa maneira com a enfermeira Beth. Ela é uma boa pessoa.

— Muito bem, continue sendo uma boa menina, e não teremos problemas. Agora chega de papo e vamos ao trabalho — afasta-se e vai até um armário baixo com gavetas que fica ao lado da cama, vejo que apanha um par de luvas descartáveis — vou tirar sua sonda urinária, isso será um pouco incômodo, mas prometo que será rápido, depois você pode tomar um bom banho e vestir uma roupa diferente desta camisola nada sexy que está usando. — Seu tom descontraído faz-me esquecer por um instante que estou em uma cama de hospital após ficar trinta dias em coma.

Enquanto tira a sonda urinária, que de fato é incomoda — e eu sinto uma forte ardência quando ela o faz — Beth me informa que posso lavar os cabelos, que não há problema em molhar o couro cabeludo, já que os pontos foram retirados com quinze dias após a cirurgia e a cicatrização foi ótima. Fico feliz, pois meu cabelo deve estar uma bagunça e precisando urgentemente ser lavado.

Entro no banheiro e antes de ir para o chuveiro paro diante do espelho. A última vez que fiz isso foi em casa no dia do acidente, fazendo-me lembrar do quanto me sentia feliz e com expectativa que aquele seria um excelente dia.

Vislumbro o reflexo do meu rosto, noto a linha reta que atravessa meu supercílio esquerdo, foi ali que Leonardo beijou mais cedo, eu não entendi o gesto naquele momento, mas agora entendo.

Ele beijou o local da cicatriz, a marca aparente que o acidente me deixou. Continuo a examinar meu rosto, viro a cabeça de um lado para o outro, percebo a falha no meu cabelo localizado também na lateral esquerda, levo a mão a cabeça, toco e sinto a saliência em meu couro cabeludo deixada pelo corte da cirurgia e por consequência dos pontos. Fios curtos de cabelo estão crescendo em volta do local. Meus olhos brilham e posso sentir lágrimas escorrer pela minha face.

Beth entra no banheiro e aproxima-se de mim assim que percebe que estou chorando, ela tem as mãos em cada um dos lados do meu corpo e me

segura com firmeza na altura dos braços, olhando-me através do espelho.

— Ei, querida, não fique triste. É possível que com o passar do tempo a cicatriz diminua ficando apenas uma linha fraca. E você é tão linda que isso não interferirá em nada na beleza que seu rosto possui. E o cabelo, veja... já está crescendo, logo essa falha some. Não foi necessário raspar todo ele. — Conforta-me.

— Está tudo bem Beth... — respiro fundo. — Eu não estou chorando por estar preocupada com a estética do meu rosto ou com meu cabelo. Estou chorando porque essas cicatrizes serão sempre a lembrança da segunda chance que a vida me deu. Eu não me importo, realmente não me importa que elas fiquem aí — seco as lágrimas do meu rosto. — Eu poderia ter morrido... e não ter nenhuma marca para ver no espelho.

Falo o que sinto, pois é a mais pura verdade. O que é uma marca no rosto ou um cabelo com falha diante da oportunidade de continuar vivendo? Eu já perdi quem mais amava nessa vida, convivi com a morte. Valorizo tanto a minha vida que essas cicatrizes se tornam irrelevantes.

Beth me vira para ela, tirando meus olhos do espelho e encontrando os dela, sua emoção é aparente.

— Qualquer pessoa estaria pensando ao contrário. Em vez disso, você se sente bem com as marcas do acidente. Você está certa em valorizar a chance que a vida lhe deu, Maria Luiza, você é uma menina linda, madura e adorável. — Abraça-me, e o calor do seu abraço é tão gostoso e acolhedor.

Mentalmente eu agradeço a Deus e ao meu anjo chamado Cecília — eu sei que minha mãe de alguma forma ainda cuida de mim — por colocar em meu caminho pessoas que são capazes de me oferecer algum tipo de conforto em uma situação difícil.

Tomo um banho demorado, deixando a água escorrer pelo corpo e levar com ela qualquer resquício de tristeza do meu coração, a partir deste dia eu sei que minha vida mudou. Se antes eu já apreciava o simples fato de acordar todas as manhãs, agora ainda mais.

Visto as roupas que Beth me trouxe. Quando me contou que foi Leonardo que pediu a ela que comprasse, fico surpresa em saber que ele se preocupou até com isso.

Impressiona-me ver que tudo serviu como se eu mesma tivesse experimentado antes de comprar.

— Beth, como acertou tão bem o meu tamanho? — questiono, assim que deixo o banheiro.

— Não foi muito difícil, você tem o corpo da minha filha, estava acostumada a comprar as roupas dela.

— Você tem uma filha? Quantos anos ela tem?

— Sim... tenho. Ela estaria com vinte e cinco anos. — Sinto tristeza em sua voz.

Fico em silêncio, não sei se devo perguntar mais alguma coisa, desconfio que pela resposta sucinta ela não queira falar sobre a filha. Mas em vez disso continua, e o que ela me conta a seguir enche meu coração de pesar.

— Ela morreu há um ano, em um acidente de carro.

Engasgo com essa informação e sinto um nó se formar em minha garganta.

— Nossa... que triste. Sinto muito, Beth. Eu... eu realmente sinto. — Emoção toma conta e por mais que tente não consigo evitar que novamente algumas lágrimas alcancem minha face.

— Obrigada, Maria Luiza. — Ela enxuga o canto dos olhos visivelmente marejados. — Minha filha estava em um carro com o namorado participando de um racha. Uma grande irresponsabilidade que lhe custou a vida, o carro capotou e não houve chance alguma para que eles se salvassem.

— Que horror, Beth! Eu sinto tanto.

Ao dizer isso eu só consigo imaginar uma jovem cheia de vida que por uma inconsequência colocou a própria vida em risco. Não que eu a esteja julgando, pois nem a conheci para isso. Mas sei lá... estar em um carro em alta velocidade, participando de uma corrida é querer brincar com o perigo.

— Sim... terrível... por vezes me pergunto como ela foi capaz de se permitir correr tamanho risco. Me pergunto também como ainda estou de pé vivendo sem ela. A dor da saudade machuca muito, mas reúno forças e tento me conformar um pouco a cada dia. Afinal, existem situações que acontecem que nós não entendemos... mas precisamos aceitar.

Eu sei perfeitamente o que Beth sente, quando minha mãe foi diagnosticada com câncer eu roguei a Deus pela sua saúde, para que ela tivesse um maior tempo de vida. Porém, tudo aconteceu muito rápido e poucos meses depois ela morreu. Fui inflexível por um período, ainda era uma adolescente, questionei Deus por que Ele haveria de tirar minha mãe de mim, porque *ela*, uma pessoa tão boa teria que passar por tanto sofrimento. Cheguei a colocar minha fé e crença em questão.

Minha avó foi quem me amparou mesmo sentindo uma dor que talvez fosse até maior que a minha, afinal ela tinha perdido a filha. Todavia, ela me fortaleceu e sabiamente fez-me entender que Deus não escolhe este ou aquele para viver ou para morrer. Há um tempo certo determinado para tudo em nossa vida, e que se não houvesse sofrimento no mundo, também não existiria compaixão.

O melhor que fiz foi aceitar as circunstâncias e entender que a saudade que sinto da minha mãe nunca passará, mas com o tempo a dor aplaca, você aceita e segue a sua vida.

— Eu sei bem o que você quer dizer, Beth. Perdi minha mãe quando tinha quinze anos, sinto saudades dela até hoje e sentirei para sempre. Mas o tempo e a fé em Deus ajudam a amenizar a dor da perda, as boas lembranças ficam. Aceitamos, e por mais difícil que seja, precisamos seguir em frente sem a pessoa que mais amamos.

— Sinto muito pela sua mãe, Maria Luiza, e que a tenha perdido ainda tão jovem, mas você tem razão. É exatamente isso... precisamos seguir. O amor que sinto por minha filha nunca acabará assim como a saudade. Ela era linda como você... tão doce, inteligente, era uma boa filha, mas errou ao se apaixonar por um tipo de homem que não vale a pena nem mencionar e o pior aconteceu. A perdi. — Beth não consegue conter-se e desfaz-se em lágrimas.

Abraço-a.

Beth e eu perdemos as pessoas mais importantes de nossas vidas — ela a filha, eu a mãe — e numa necessidade de encontrar e sentir esse amor de mãe e filha, ficamos abraçadas tempo o suficiente para chorar, mas sobretudo para satisfazer, nem que ilusoriamente esta saudade. Senti nela o abraço da minha mãe e ela sentiu em mim o abraço da sua filha.

Nossos caminhos se cruzaram, e iremos aproveitar tudo o que esta amizade puder nos proporcionar.

Entre choros e fungadas nos olhamos em cumplicidade. Sorrimos. O sorriso transforma-se em gargalhadas... as mais gostosas que dei em muito tempo. Gargalhadas daquelas que fazem a barriga doer. Acho que somos doidas, estávamos chorando compulsivamente uma no ombro da outra no minuto atrás e no seguinte gargalhamos estridentemente.

— Há muito tempo eu não gargalhava assim. — Beth diz, ainda tentando organizar as palavras em meio ao riso.

— Eu também, Beth... — respondo, enxugando os olhos das lágrimas que já são uma fusão de tristeza e alegria.

Beth e eu travamos uma conversa sem fim, e entre um assunto e outro aproveitei para conseguir algumas informações sobre Leonardo. Percebo o apreço que ela tem por ele, fala com orgulho do quão bom o doutor é com os pacientes. Elogia sua personalidade e em alguns momentos fala da sua vida pessoal. Fico feliz internamente quando me revela que Leonardo não tem namorada, e sinto uma leve pontada de ciúmes quando menciona sobre uma tal de Carolina, filha de um dos médicos da clínica.

Ela me conta que Carolina vive dando em cima dele na maior *cara de*

pau, que todos na clínica, principalmente os funcionários da pediatria, sabem que a mulher não dá sossego para o médico apesar de ele não a corresponder.

Minha (já) amiga enfermeira fala com desprezo sobre a mulher, e diz que não a suporta. Não revelo a Beth, mas diante do que acabo de saber, concluo que também não suporto Carolina.



Durante todo o restante do dia Leonardo não deixa os meus pensamentos. Estou na expectativa para encontrá-lo novamente. Ao sair daqui hoje pela manhã, disse que voltaria e sempre que alguém bate à porta olho com a esperança que seja ele.

Pelas janelas de vidro com as persianas abertas vejo o dia passar. O sol se põe dando lugar a lua e nada de Leonardo aparecer.

Sinto-me cansada. Beth saiu para tratar de alguns assuntos e antes de me deixar sozinha, recomendou que eu dormisse um pouco. E de fato estou precisando disso, pois todas as horas de conversa fez com que a minha cabeça doesse.

No silêncio sob a penumbra de uma luz fraca acesa em um abajur no canto do quarto, fecho os olhos e permito-me viajar nas agradáveis lembranças do homem que me salvou.

As imagens daquele rosto lindo, seu sorriso, os olhos, a boca que beijou a cicatriz, o doce aperto de seus braços e a segurança que sinto quando estou neles, o calor do seu corpo junto ao meu. A sua mão que é minha âncora.

Oscilando entre a consciência e o prelúdio do sono, sinto um afago no meu cabelo. Decido manter os olhos fechados, pois não quero interromper o carinho daquela mão. Uma mão familiar, que faz sensações de alegria e nervosismo preencher meu peito.

Ele veio me ver. A espera do dia foi interminável, mas Leonardo finalmente está aqui.

Um cheiro amadeirado com tons cítricos preenche o espaço, trazendo prazer ao meu olfato. Suas mãos descem dos meus cabelos para a minha face, acaricia-me sutilmente com o dorso da sua mão.

Deus... como isso é bom.

Sinto sua respiração aproximar-se do meu rosto, sonho acordada que seus lábios irão tocar os meus, mas é na minha testa que eles tocam. Leonardo os mantém ali por alguns segundos.

Inspiro com toda a força que posso seu agradável cheiro que é como sopro de vida para os meus pulmões e coração, e assim como a bela adormecida que desperta com o beijo do príncipe encantado, eu abro os olhos.

Ele percebe e lentamente desce o seu rosto. Ficamos frente a frente nossas bocas separadas por poucos centímetros.

— Desculpe, não queria te acordar — sussurra.

— Tudo bem... Acho que já dormi o suficiente nesses dias todos. —
Minha resposta é um murmuro.

Ficamos em silêncio, respirando o ar um do outro, um desejo ardente preenche meu corpo, meu coração bate acelerado, tenho medo que num impulso acabe beijando-o, mas não quero parecer como a tal filha do médico que vive atirando-se em cima dele. Por isso, mesmo desejando o contrário, resolvo mexer-me trocando de posição e fujo do seu olhar.

O encanto se desfaz.

Sem graça ele também se reposiciona, sentando-se em um pequeno espaço da cama.

Leonardo passa as mãos pelo cabelo, como se tentasse organizar os pensamentos.

— Queria ter vindo antes, mas hoje o dia foi agitado, como você está?
— Seu timbre de voz é rouco e baixo.

— Estou bem. Não se preocupe, eu compreendo. Como está o bebê que foi abandonado?

Puxo um assunto neutro na intenção de distrair meu cérebro do quão próximo estivemos de nos beijar. Mas também porque realmente desejo saber sobre a criança.

— Valentina está bem, ela é forte. Beth te contou então?

— Sim. É triste saber que uma mãe possa ter feito isto com a própria filha.

Quando Beth me contou fiquei incrédula por tal atitude que a mulher foi capaz de ter — dar à luz e em seguida deixar a filha em uma lixeira, isso é triste demais — senti uma imensa dor pela menina abandonada.

— É inconcebível uma ação dessas — ele diz. — Essa mulher deveria ter procurado um hospital... e se não tivesse condições e não quisesse ficar com a criança poderia dar para adoção. Não seria o mais correto, mas seria uma saída, assim não teria colocado em risco a própria vida e a do bebê.

Leonardo fala e percebo que se sente abatido e triste com a situação, o que não é para menos, afinal, quem não ficaria assim ao presenciar um descaso deste?

— Não deve ser fácil lidar com uma situação dessas. Eu não seria capaz. Beth me disse que você agiu rápido e garantiu que tudo ficasse bem com Valentina. — Sorrio em admiração ao imaginar Leonardo, este homem cheio de músculos, cuidando de um ser tão pequeno e frágil, e a considerar a forma carinhosa que me trata, ele deve ser de uma sutileza enorme com seus pequeninos pacientes.

— Não foi nada demais. Eu estava na emergência quando o senhor que

a trouxe entrou desesperado pedindo por socorro, agi como deveria, prestando minha ajuda.

Além de altruísta ele é humilde. Pergunto-me se este homem tem algum defeito. Mas ao que tudo indica não.

— Você está sempre nos lugares certos pelo visto, pois se não fosse por você, talvez eu não tivesse sobrevivido ao acidente.

Digo isso, mesmo tendo ciência que era ele quem dirigia o carro que me acertou, mas também tenho ciência de toda a sua preocupação em prestar-me socorro e cuidados.

— Ou se eu não estivesse dirigindo com tanta pressa e falta de atenção você nem teria sido atropelada. — Noto um tom de rancor e não gosto.

— Prefiro não pensar desta forma. — Sorrio, e faço isso com intenção de quebrar seu semblante fechado em preocupação.

— E de que forma prefere pensar? — questiona.

— Bom... eu poderia ter sido atropelada por qualquer outra pessoa, e quem sabe uma sem um pinga de escrúpulos que nem parasse para prestar socorro. Mas... em vez disso, foi um médico atencioso que soube lidar com a situação, fazendo-me tranquila mesmo quando o medo era iminente.

Vejo que alcancei meu objetivo, a ruga de preocupação em sua testa se desfaz e ele esboça um sorriso.

— Sabe... esse seu jeito de ver as coisas ruins pelo lado positivo me impressiona. Eu quase tiro a sua vida e você ainda consegue me ver como uma espécie de seu salvador? Isso é... enfim, você me deixa curioso por saber mais de você.

Gostei do termo que usou, Leonardo absolutamente foi meu salvador.

— Salvador é o termo que combina com você, por tudo que fez e está fazendo por mim, assim como tudo o que faz com seus pacientes, doutor. E quanto a querer saber mais de mim, não sei se sou alguém tão interessante assim, pois sou extremamente comum. Não sou o tipo que fico salvando vidas por aí como você. — Brinco.

— Acredite. — Estica o braço e escova meu cabelo com sua mão, deixando uma mecha atrás da minha orelha, quando termina de fazer isso transfere a mão para o meu rosto. — Você é um tipo muito interessante, Maria Luiza. — Sua voz é enfática, e o nosso contato visual é profundo. É como se ele quisesse me dizer algo a mais nessa frase e nesse gesto.

— O que mais quer saber, doutor Leonardo? — pergunto, quase sem voz.

— Tudo — tira a mão que aquecia minha face, devolvendo-a para junto de seu corpo —, afinal sei quase nada. Como por exemplo, sua família, nós

não encontramos ninguém para avisar. Informei aos hospitais da região e a polícia, mas ninguém apareceu procurando por você. Fiquei preocupado com isso.

É uma triste constatação, mas realmente não haveria ninguém para sentir minha falta.

— Bem, é porque não há qualquer pessoa... minha mãe morreu quando eu tinha quinze anos e a única pessoa que poderia querer me procurar é minha avó, mas isso é impossível, pois ela tem Alzheimer em estágio avançando. — Conto a ele sem rodeios a minha realidade.

Eu já me acostumei com essa minha vida solitária, mas é estranho ter que admitir isso em voz alta. Sou uma pessoa realmente sozinha, nem mesmo um animal de estimação eu tenho para que sinta minha ausência.

— Maria Luiza, eu... eu sinto muito pela sua mãe e sua avó, realmente não imaginei que...

— Tudo bem — interrompo-o, pois sinto o embaraço em sua voz e não gosto que as pessoas se sintam mal ao falar comigo sobre este assunto. — De verdade, eu já estou acostumada com isso.

— Mas não há mesmo qualquer pessoa que queira comunicar sobre sua situação? Um amigo, ou... ou quem sabe um namorado? — investiga.

Ele está mesmo interessado em saber se tenho namorado? Ou será que só deseja ter certeza de que sou uma "triste pessoa solitária"?

— Não. Realmente não há qualquer pessoa. E acredite, eu me sinto bem com isso. — Volto a afirmar.

Não sei qual foi sua real curiosidade, mas dou-lhe uma resposta sincera que cabe muito bem para ambas as situações.

— Tudo bem — sorri —, mas saiba que você não está sozinha nessa. Mesmo quando você sair da clínica e retomar sua vida, ainda assim quero ter notícias suas. E qualquer coisa que precisar, pode contar comigo.

Depois dessa resposta não há dúvidas, ele só queria ter certeza que sou mesmo uma pessoa sozinha, bem dizer órfã, essa constatação deixa-me com raiva. É quase que incontrolável, e é principalmente injusto da minha parte sentir, mas sinto, porque no fundo eu queria que sua curiosidade estivesse ligada a opção de eu ter ou não namorado.

Leonardo é atencioso, doa-se ao próximo para promover o bem-estar alheio. É notável que essa é uma característica marcante da sua personalidade. Mas eu não preciso dessa compaixão, pois não é exatamente isso que quero dele, e o que quero também não interessa. Leonardo é o tipo de homem fora do alcance. Lindo, rico, bem-sucedido, médico brilhante, dedicado à carreira.

Ou seja, indisponível para mulheres comuns como eu. Apesar de ter

uma boa autoestima eu sei quais são os meus limites. Sem contar que o peso da culpa parece que ainda o atinge.

— Não entendo porque você insiste. Eu já disse que você não precisa se culpar pelo que aconteceu e muito menos se preocupar comigo. Quando eu sair daqui, não haverá motivos para... enfim, você não precisa fazer isso. Não é sua obrigação. — Leonardo levanta-se da cama, passa as duas mãos pelo rosto. Consternado, ele balança a cabeça de um lado para o outro. Encara-me. — Não é minha obrigação, mas eu quero... eu preciso. E não pense que é por me sentir culpado. Eu quero e preciso disto simplesmente porque todo esse tempo com você, tendo-a por perto ao alcance dos meus olhos eu me envolvi — ele capta meu rosto em suas mãos. — Eu me envolvi, Maria Luiza e não saberei lidar com os meus dias sem que eu tenha notícias suas... sem que eu possa lhe ver. Será que entende isso?

Leonardo inspira e expira tão rápido que parece alguém que acabou de correr uma maratona. E a minha respiração não está muito diferente disto.

— Será que você entende, Maria Luiza? — sussurra e sinto o calor do seu hálito alcançar minha boca.

Sim eu entendo, porque também passou em meus pensamentos que ao sair dessa clínica nunca mais o verei e isso fez com que meu peito apertasse em dor.

É o que penso, mas não é o que falo. E em vez disso ofereço-lhe outra resposta.

— Tudo bem, podemos ser amigos então — sugiro.

Breves segundos se passam sem que ele diga uma única palavra apenas me encara com intensidade, vislumbro em sua expressão algo que se aproxima de decepção. Mas será que é isso mesmo? Ou é coisa que meu cérebro está fantasiando? Principalmente quando Leonardo tem seus olhos cravados nos meus, e isso me deixa extremamente nervosa sem saber o que pensar e como agir.

— Amigos? — indaga, baixando a cabeça. Ele inspira fundo e em seguida a ergue dando-me um sorriso fraco. — Sim... claro, isso parece bom.

— Sim, parece — repito, sem graça.

Neste momento as mãos de Leonardo que capturavam meu rosto, soltam-se da minha pele.

Aparentemente não sei bem como agir depois disso, pensei até que ele iria embora, contudo sentou-se na cadeira ao lado da cama e como duas pessoas que acabam de se conhecer, começamos a conversar sobre assuntos triviais. Conto a ele da minha busca por um novo trabalho, lamento por não ter feito a entrevista de emprego para a minha tão desejada vaga.

Sem graça, revela-me que teve que mexer na minha bolsa e na minha agenda em busca de informações que o auxiliasse a encontrar alguém da família para avisar sobre o acidente. Com isso, encontrou a anotação da entrevista, fez contato com o escritório, comunicou e justificou minha ausência, pediu a um dos gerentes que me desse uma nova oportunidade para a entrevista. O gerente garantiu que se a vaga não fosse preenchida, eu teria outra oportunidade.

Fico extremamente feliz, mas certamente após trinta dias, uma vaga boa como aquela não está mais disponível. Ainda assim, agradeço-o com todo meu entusiasmo e otimismo, afinal, vai que a vaga ainda esteja linda e pacientemente esperando por mim? Quantas vezes mais irei me surpreender com Leonardo? Que tipo de homem é assim tão atencioso e preocupado que pensa em tudo? Só um tipo raro. Bem raro.

No decorrer da conversa acabo sendo vencida pelo cansaço e sem perceber adormeço, então desperto em um sobressalto, totalmente assustada e chorando. Leonardo está segurando minha mão, não sei quantas horas se passaram, mas ele continua ali sentado na cadeira ao meu lado.

— Você está bem? — pergunta-me preocupado.

— Nossa... tive um pesadelo horrível — digo, levando uma das mãos ao rosto, onde sinto uma fina e fria camada de suor misturada as lágrimas.

— Respire fundo, vou pegar um copo de água.

Ele levanta-se vai até a mesa, enche o copo e em seguida entrega-o para mim. Bebo o líquido devagar acalmando minha respiração, mas a mente faz questão de me trazer as imagens do pesadelo novamente. É uma mistura desconexa de acontecimentos: vejo eu ainda criança atravessando a rua e minha mãe correndo em minha direção, ao tentar me tirar da mira do carro somos as duas atingidas, seu corpo recebe todo impacto, caídas no chão eu estou consciente, mas minha mãe está de olhos fechados e há muito sangue saindo de trás de sua cabeça e assim como a menininha do sonho que chorava por ver a mãe morta, começo a chorar e sou capaz até de sentir as dores de uma forma real em meu corpo.

— Calma, foi só um sonho ruim. Você está segura — ele diz, tirando o copo da minha mão e deixando-o no criado mudo ao lado da cama.

Fatos confusos perpassam pelos meus pensamentos, sinto um aperto dolorido em meu peito e o choro aumenta ainda mais.

— Shiii... eu estou aqui com você, Maria Luiza, eu estou aqui... — Ele fala, sentando-se na cama e afagando meu cabelo.

Continuo a chorar e com a intenção de acalantar minha dor, Leonardo envolve-me em seus braços embalando-me tal como se faz com uma criança, descanso meu rosto em seu peito sinto sua respiração branda e na segurança que

ele me transmite devagar acalmo meus pensamentos vou relaxando e adormeço novamente.

Desperto-me levemente ao sentir Leonardo mexendo-se na cama, inconsciente ele se ajeita de um modo que fica de lado com o corpo virado em minha direção, apoia sua cabeça entre meu ombro e pescoço, faz-me de seu travesseiro, mas não me importo nem um pouco e ao contrário disso, aproveito que ele está dormindo, e ainda que eu esteja nesse estado sonolento, encorajo-me a retribuir o beijo que me deu quando chegou ao quarto. Meus lábios tocam sua testa e depois deslizo meu rosto entre os fios de seu cabelo macio sinto a agradável sensação de tê-lo tão perto a mim.

Permito-me a este momento e finalmente relaxo de verdade em um sono profundo sentindo o calor do corpo de Leonardo ao lado do meu.



Cupido

LEONARDO

Os primeiros raios de sol anunciando um novo dia me fazem despertar de um sono tranquilo e relaxante, abro os olhos devagar... sinto e ouço próximo ao meu rosto a respiração compassada de Maria Luiza. *Maria Luiza?! Meu Deus, acabei dormindo na cama com ela! Aperto os olhos, incrédulo por ter deixado isso acontecer e levanto-me imediatamente tomando cuidado para não acordar.*

Tudo bem que esta não foi a primeira noite que passei em seu quarto, em muitas que ela estava sob o efeito da sedação eu fiquei aqui, mas sempre dormia no sofá, o que é o correto. Isto não poderia ter acontecido, quando a abracei e embalei em meus braços foi com intenção de acalmá-la e depois a deixaria aos cuidados de Beth, já que agora que está consciente pode não se sentir à vontade comigo em seu quarto. Contudo, não foi isso que aconteceu e acabamos dormindo a noite inteira juntos.

Antes de deixar o quarto olho pela última vez Maria Luiza dormindo, seu semblante tranquilo me faz sentir uma paz e uma agradável sensação. Admiro sua beleza, os traços do seu rosto, as sobrancelhas grossas, lábios tão bem desenhados e carnudos que resistir ao desejo de experimentá-los é uma tarefa muito difícil.

Ao contrário de outras mulheres, tudo nela me encanta — sua beleza física e principalmente sua personalidade.

Impossível não lhe desejar, não querer fazê-la minha.

Mas preciso ir com calma, não sei o que ela pode achar de tudo isso, não sei o que se passa em sua mente. Por vezes sinto algo diferente em seu olhar, mas não tenho certeza se já notou que nutro um sentimento por ela, e se é capaz de corresponder a este sentimento que cresce.

Na noite passada quando eu disse que não quero perder contato, foi por pouco que não revelei tudo que estou sentindo. Quando Maria Luiza propôs que fôssemos amigos, decepção permeou meu coração, quem sabe seja apenas isso mesmo para ela, uma amizade, uma feição por eu ter sido uma espécie de seu salvador.

Mesmo contrariado com essa ideia de *amigo*, não vou enfiar os pés pelas mãos e acabar espantando-a. Preciso controlar meus atos para não correr o risco de perdê-la totalmente.

Fecho a porta atrás de mim e vejo Beth caminhando no corredor em direção ao quarto. Seu sorriso de cumplicidade me diz que ela sabe que dormi com Maria Luiza, e não só no quarto como das outras vezes, mas na cama.

— Bom dia, doutor Leonardo. Dormiu bem? — Entregue-me um copo de café com um sorrisinho no canto dos lábios.

— Bom dia, enfermeira Beth. — Pego o copo de sua mão estendida. — Você nos viu? — Timidamente questiono.

Com um aceno de cabeça Beth confirma que sim. E eu fico em silêncio, apenas com um sorriso tímido nos lábios.

— Café com pouco açúcar e pouco leite, como você gosta, doutor — fala, apontando para o copo em minhas mãos.

— Obrigado, Beth.

— Pelo café? Imagina. Fui buscar o meu e trouxe outro para você, como de costume. — Ela bebe do seu café e dá de ombros.

— Pelo café não... quer dizer, sim também pelo café. Mas principalmente por não comentar nada sobre o que viu. Bom, na verdade eu posso explicar.

— Jamais falaria algo. Você é bem grandinho para saber o que faz. Mas sabe que se o doutor Henrique souber não irá gostar nada disso — ela olha para os dois lados verificando se não estamos sendo ouvidos. — E eu até que gostei de ver vocês dois juntos. Dormiam tão tranquilos que nem passou pela minha cabeça te chamar.

— Ela teve um pesadelo ficou muito assustada e para acalmá-la fiquei ali abraçado a ela e no fim acabei pegando no sono — justifico.

— Não precisa explicar nada, de verdade. Mas, Leo, tome cuidado, não crie expectativas nela se você não estiver disposto a... bem, você sabe o que eu quero dizer. Maria Luiza é uma boa moça, já teve perdas, ela não precisa de uma ilusão amorosa.

Não é minha intenção iludi-la, sinto algo genuíno crescer em meu coração.

— Beth, entenda, eu seria incapaz de fazer qualquer mal à ela, tampouco brincar com os seus sentimentos. Maria Luiza desperta algo em mim, como nunca senti antes. Ela é doce, inteligente, tem um jeito em particular de lidar com a vida que me impressiona. Além de ser linda.

— Te entendo. É fácil se apegar a ela. Eu pude perceber todas essas qualidades que você elencou. Ela é incrível mesmo.

— Pois é... mas o que eu faço? Não tenho certeza se ela também sente algo, quer dizer, trocamos alguns olhares e momentos, mas eu não tenho certeza que possa ser algo além disso — confesso minha insegurança.

Beth bebe mais do seu café, investiga novamente o ambiente certificando-se que não sejamos ouvidos.

— Olha Leo... não sei se deveria contar, mas...

— Mas... o quê...? — Apresso-me em questionar.

— Ontem ela se preocupou o tempo todo em se arrumar, ficou feliz com as roupas novas, e quando disse a ela que a bolsa dela estava no armário do quarto, pegou a *nécessaire* cheia de entusiasmo, não tomou tempo e fez uma leve maquiagem, passou um brilho labial e um perfume delicioso.

— Certo. O que isso quer dizer?

— O que quer dizer Leo? Quer dizer que ela estava preocupada em ficar bonita e cheirosa.

— Normal, toda mulher tem sua vaidade.

— Sim, claro que tem, mas era diferente, ela estava com aquele olhar brilhante e de expectativa e muito preocupada em se manter arrumada para quem está em um hospital.

— Será?

— Conheço as mulheres, afinal sou uma. E sei quando uma está querendo impressionar um homem. Claro que ela queria sentir-se bem, mas o principal objetivo dela era ficar bonita para quando você viesse vê-la. A pobrezinha não tirava os olhos da porta.

Será que é mesmo verdade isso que Beth está me dizendo? Será que Maria Luiza sente alguma coisa por mim? Essas informações encham-me de esperança. Talvez ela também sinta o mesmo que eu. Sinto que algo muito forte nos ligou no instante daquele acidente.

Lembro-me do cheiro que senti quando me aproximei e a beijei.

Um perfume de fragrância sutil e sexy, não era nada do tipo doce enjoativo, era doce suave, sensual, profundo e ardente.

Viajo nas lembranças, fecho os olhos, lembrando-me do seu cheiro.

Preciso descobrir o nome desse perfume.

— Leonardo, está me ouvindo? Planeta Terra chamando Leonardo. Alôôôô! — Beth estala os dedos em frente aos meus olhos trazendo-me dos meus pensamentos e das lembranças gostosas do cheiro da Maria Luiza.

— Sim... estou ouvindo...desculpa, o que foi mesmo que você disse?

— O que foi isso? Onde você estava? ... Nem precisa responder, eu sei bem onde você estava. Nunca imaginei te ver assim com essa carinha de apaixonado. — Pousa a palma de sua mão em meu rosto, como normalmente faz.

— Beth você tem que descobrir qual é o perfume que ela usa, e tem que me contar tudo o que ela falar a meu respeito.

Estou parecendo um adolescente apaixonado pedindo ajuda a uma amiga.

— Não sou nenhum tipo de enfermeira fofqueira — cruza os braços na altura do peito — e para quê você quer saber qual é o perfume dela? — Inclina a cabeça em curiosidade.

— Eu sei que você não é nenhum tipo de enfermeira fofqueira. Estou apenas pedindo ajuda a uma amiga. Será que posso? — Uso um tom afetuoso na tentativa de persuadi-la a ajudar-me.

— Está bem... claro que pode — descruza os braços, cedendo ao meu pedido. — Além de enfermeira agora sou cupido. O que eu não faço por você *hein*, doutor Leonardo?

— Obrigado, Beth. Você é meu anjo. — Tomo-a em um abraço apertado. — E respondendo sua pergunta, sim eu dormi muito bem.

Beth sempre foi muito amorosa comigo, e sinto que ela ficou feliz em saber que finalmente encontrei alguém por quem me interessei de verdade, pois até então relacionamentos estavam fora dos meus planos.

Solta-se do meu abraço e tenho novamente suas mãos macias em meu rosto.

— Não há o que agradecer, faço qualquer coisa para te ver feliz, e se é verdadeiro os seus sentimentos por Maria Luiza, terá todo o meu apoio.

— Você é incrível, Beth. — Dou-lhe uma piscadinha.

— Mas é claro que isso só é possível porque eu também gosto dela. Fique sabendo que se fosse outra mulher eu não ajudaria, e muito menos se fosse Carolina — diz, com seu jeito general Beth de ser.

Despedimo-nos e eu sigo em direção ao andar da pediatria, as consultas iniciam em pouco tempo, e se tudo transcorrer bem eu estarei livre ao meio dia.

Quero aproveitar meu tempo de almoço para começar a colocar em prática meu plano de não perder contato com Maria Luiza, além de fazer um agrado a ela e despertar aquele lindo sorriso em seus lábios encantadores.



— Doutor, são sete dias desde que meu filho nasceu e eu não consigo amamentar. Meus seios doem muito, eu tento, mas não consigo. Na maternidade algumas enfermeiras me instruíram como fazer, eu li tudo o que podia sobre o assunto, mas na prática não é tão fácil. Não sei o que fazer. E nem sei se deveria estar falando sobre isso com o doutor, mas eu me sinto tão perdida. — Desabafa a mãe de um recém-nascido que trouxe seu filho para a primeira consulta.

Ela o tem seguro em seus braços no aconchego do colo, ao som das batidas de um coração que ele conhece bem, dorme tranquilamente — enquanto a mãe estampa olheiras de noites mal dormidas, uma expressão de cansaço aparente e frustração por não conseguir amamentar o próprio filho — os primeiros dias com um recém-nascido em casa é transformador e amedrontador. Não me julgue por falar assim, eu conheço bem os bebês e sei do que são capazes de fazer, principalmente com as mães de primeira viagem, o que é o caso dela.

Relaxo na cadeira e concentro-me para iniciar uma conversa franca, uma conversa que talvez nenhum outro profissional de saúde tenha feito com ela ainda. O que falta para muitas mulheres conseguir ter sucesso na amamentação é o incentivo, mas principalmente auxílio e apoio. E isso envolve a todos — médico obstetra, pediatra, enfermeira e familiares — a mãe precisa viver aqueles primeiros dias exclusivamente para ela e para o bebê, e é onde a família e o companheiro entram em cena, uma mãe livre dos outros afazeres, se sente disposta para cuidar do seu filho.

— Veja bem, senhora Daniela, não é uma tarefa fácil, esses primeiros dias você e o bebê estão se acostumando um com o outro ainda.

“Apesar dos meses de gestação, esta é uma nova fase. Algumas mulheres têm facilidade para amamentar, outras não. Isso é perfeitamente normal. O que posso lhe aconselhar é que relaxe, não se sinta pressionada. Nos momentos que tentar amamentar procure um ambiente silencioso e aconchegante. Preocupe-se em fazer com que o bebê tenha uma boa *pega*. Às vezes, o bebê não consegue mamar porque a *pega* não está correta. Eu vou lhe entregar um folheto que tem alguns exemplos de posições que ajudam. Ainda assim, vou receitar uma fórmula caso perceba que ele não consegue e que continua a chorar com fome, você poderá oferecer a mamadeira. Mas não desista, insista na amamentação. O leite materno é um grande diferencial no desenvolvimento saudável da criança.”

Ela assente com olhos brilhantes de lágrimas. As mulheres em si, possuem uma força singular, e quando se tornam mães elas são capazes de ter uma coragem absurda e medos bobos. Eu sei que esta mãe tem coragem, mas está com medo. Medo de desapontar, de não dar conta. Encorajo-a dando exemplos de alguns casos de mães que não conseguiam amamentar, até que depois de insistir e com muita paciência conseguiram.

Em seguida, examino o bebê — meço o comprimento do seu corpo e crânio, confiro seu peso entre outros exames necessários para acompanhar e garantir que esteja se desenvolvendo dentro do esperado — registro tudo em sua caderneta e respondo mais algumas dúvidas que a mãe possui. Ao final da consulta lhe entrego meu cartão e coloco-me à disposição. Ela sai do meu consultório com seu bebê nos braços, um sorriso e um olhar confiante.

Dou-me por satisfeito. Afinal é para isso que estou aqui.

Com alguns minutos para a próxima consulta, pego o meu celular e envio uma mensagem para Beth.

Leonardo: Já conseguiu realizar sua missão? Preciso do nome do perfume até ao meio dia.

Clico em enviar e fico olhando para o celular em expectativa de uma resposta, que para minha alegria chega em seguida.

Beth: Nossa! Para que tanta pressa?!

Leonardo: Conseguiu??

Beth: Sim, ia agora mesmo te enviar uma mensagem. Aproveitei que ela foi tomar banho. Tive que mexer nas coisas dela, você me paga por isso.

Dou risada, posso imaginar a cara da Beth escrevendo esta mensagem. Com o objetivo de provocá-la não lhe dou tempo. Envio outra em seguida.

Leonardo: Pago o que você quiser, agora me diz o nome, por favor?

Beth: Quero um pedaço de torta de cream cheese com frutas vermelhas, daquela cafeteria caríssima que fica no prédio ao lado.

Continuo sorrindo pronto para lhe dar a resposta, mas a dela chega primeiro.

Beth: O nome do perfume é 212 Sexy – Carolina Herrera.

Uau! O nome do perfume faz jus a sua fragrância.

Leonardo: MUITÍSSIMO obrigado, enfermeira Beth. Você terá seu pedaço de torta quando assim o desejar.

Beth: Ótimo. Agora tchauzinho.

Estou prestes a bloquear o celular quando chega uma mensagem de Melissa — leio imediatamente — ela não deu detalhes, mas pediu para reagendar a consulta do Gustavo para outra data próxima. Estranhei, mas não questionei. Conheço Melissa, no momento certo, qualquer que seja o problema ela vai me contar.

Com o passar dos anos aprendemos a dar espaço um para o outro, e respeitar nosso jeito de ser. Funcionamos muito bem como irmãos, mas, sobretudo como melhores amigos. Por isso em minha resposta disse a ela para ficar tranquila que eu encontraria um tempo extra para a consulta do meu sobrinho, e caso precisasse de algo para me procurar. Minha irmã agradeceu, e finalizou com o texto de sempre quando trocamos mensagens. *Te amo, você é o melhor irmão do mundo inteiro.* Sorrio. Melissa sabe ser doce e irreverente.

Quando meu último paciente sai do consultório, eu não fico mais nem um minuto ali, quero ir logo ao shopping, é lá que vou encontrar o que preciso.

Passo pela minha secretária e aviso que estou de saída.

— Doutor, só um instante, por favor — ela diz — tenho um recado para lhe entregar. — Estende-me um bilhete.

Abro e constato que é de Carolina.

Estive aqui, sua secretária chata disse que você estava muito ocupado e não me deixou entrar. O convite para a festa ainda está de pé... me liga, beijinhos Carol.

Como Carolina pode ser tão insistente? Imaginei que com a conversa franca e direta que tivemos, ela não me procuraria tão cedo.

Não dando importância, amasso o pequeno pedaço de papel e jogo no lixo, pois tenho algo mais importante para fazer, sigo ansiosamente para o shopping.

Após entrar e sair de algumas lojas tenho tudo o que preciso e até mais

do que planejei. Ao passar por uma vitrine de uma loja de roupas para bebê não resisti e comprei algumas para Valentina.

Conseguimos algumas doações até então. Mas *minha* menina valente ficará linda com aqueles conjuntinhos de algodão macio cor de rosa, sem contar no minúsculo vestido em tons delicados de lilás e rendas brancas, que foi a peça que chamou minha atenção quando passei pela vitrine.

Confiro o horário, ainda dá tempo de comer alguma coisa antes de voltar para clínica, aquele café que Beth me ofereceu pela manhã é tudo que tenho no estômago. Por isso, aproveito para almoçar algo rápido.

Chego à clínica, estaciono em minha vaga, tiro as bolsas do carro e vou direto ao encontro de Maria Luiza.

Estou ansioso para ver sua reação. Espero que goste dos presentes.



Entrego-me

MARIA LUIZA

Quando acordo não há sinais de Leonardo, ele saiu e nem percebi. Estava em um sono tão profundo que não notei a sua ausência, mas agora que estou desperta a sensação é estranha — sinto um vazio — acaricio o lençol no espaço em que ele ocupou, lembrando-me do seu corpo tão próximo ao meu, do seu rosto apoiado em mim, do cheiro tão másculo que difundia de sua pele e de seus cabelos.

O que está acontecendo comigo? Esses são sintomas típicos de paixão aguda, daquela que quando bate derruba. E sinceramente, eu não estou em condições físicas e emocionais para algo dessa magnitude. Mas é mais forte do que eu, impossível não pensar, não desejar.... não querer Leonardo.

Decido levantar da cama e fugir dos pensamentos.

Estou voltando do banheiro quando Beth entra no quarto. Com uma boca cheia de dentes brancos e alinhados, sorrindo um sorriso de orelha a orelha.

— Bom dia, Maria Luiza! Dormiu bem? — Faz questão de frisar sua pergunta e é capaz de sorrir ainda mais ao perguntar.

Será que ela viu Leonardo aqui? E por isso está com esse sorriso todo?

Sem jeito, tento disfarçar procurando por qualquer coisa dentro do armário, antes de responder.

— Bom dia, Beth, sim... eu... eu dormi sim. — Viro-me e olho em sua direção — E você? Onde dormiu? Pensei que ia passar a noite aqui.

Faço-me de inocente e tento examinar ao máximo sua expressão em busca de alguma pista.

— Eu também pensei que ia dormir aqui com você. Mas perdi meu posto para o...

Somos interrompidas por uma batida na porta.

Salva pelo gongo! Ela ia dizer Leonardo, ela nos viu juntos. Vergonha toma conta de mim, o que ela vai pensar?

Beth deixa seu olhar em mim por alguns instantes, em seguida vai em direção à porta e abre.

— Doutor Henrique, bom dia. — Ela diz, nitidamente nervosa.

— Posso entrar? — Ouço-o dizer.

— Sim, claro. Maria Luiza já está acordada. Entre, por favor.

— Obrigado. — O médico responde e Beth abre espaço para que ele passe.

Ao entrar no quarto, segue em minha direção com os mesmos passos firmes que observei da primeira vez que o vi. Ele é um homem de poucos sorrisos, mas por vezes sua voz é gentil.

— Veja só, é tão bom encontrar o paciente fora do leito. Isto significa que está tudo bem. — Estende a mão para cumprimentar-me.

Correspondo-o.

— Bom dia, doutor. Sim, eu me sinto bem — respondo.

Beth se aproxima de nós de uma forma um tanto receosa.

Doutor Henrique por breves segundos se mantém olhando para o meu rosto. Não posso distinguir direito o que há em seu olhar, mas parece intrigado.

— Que maravilha — ele diz por fim e se aproxima um pouco mais —, se continuar assim em breve posso lhe dar alta. Agora, deite-se, preciso examinar você.

Faço o que ele me pede.

Com uma espécie de mini lanterna, levanta cada uma de minhas pálpebras e coloca o feixe de luz nos meus olhos.

— Sentiu alguma dor de cabeça? Tontura, algo assim?

— Não, doutor.

— Certo. Isso é bom.

Ele desliga a luz da mini lanterna e com um estetoscópio ausculta meu coração e pulmão.

— Inspire pelo nariz e solte pela boca bem devagar — acato seu comando —, muito bem. Inspire... e solte... perfeito. Agora pode encostar no

travesseiro, vou aferir sua pressão.

Continuo fazendo o que ele pede.

— Enfermeira Beth, você que tem acompanhado a paciente todos os dias, como foi a primeira noite de sono dela sem a sedação? Conseguiu reparar se ela teve um sono agitado? Delírio? — Doutor Henrique questiona.

Beth e eu nos entreolhamos em cumplicidade.

— Ela dormiu perfeitamente bem, doutor Henrique — afirma, com propriedade.

— Ótimo. Como eu disse se continuar tudo dentro da normalidade você estará em casa antes do previsto. Eu só vou pedir que refaça alguns exames, e dependendo dos resultados, vou lhe dar alta.

— Que bom, doutor! — comemoro. — Muito obrigada.

— Imagina, este é o meu trabalho. Há alguma pergunta que deseja fazer?

— Não, doutor.

— Muito bem, se precisar me chame. — Esboça um sorriso.

Depois disso sua atenção está na enfermeira.

— Beth, irei deixar as guias para os exames na enfermaria. Você sabe como proceder, não é?

— Sei sim, doutor. Pode deixar comigo. E os resultados saindo eu o aviso.

— Obrigado. Até breve então, senhoritas. — O médico despede-se educadamente.

Quando ele ultrapassa a porta Beth e eu respiramos fundo como duas crianças que acabam de escapar de uma bronca dos pais por ter feito algo de errado.

Esse homem é intimidador. Não sei explicar, mas esse jeito altivo dele impressiona. E quando ele soou ríspido com Leonardo, achei tão estranho. Só contribuiu para me deixar com mais receio dele. E pelo visto não sou só eu que me sinto assim, pois Beth parece que ainda está recuperando o fôlego.

— Se o doutor Henrique me pega falando que — cochicha — Leonardo passou a noite aqui com você, íamos arrumar uma encrenca danada. — Arregalo meus olhos, agora fiquei realmente com medo.

Percebendo minha reação, Beth tenta amenizar.

— Digo *íamos* referindo-me a mim e Leo. Você não, você é paciente. Ele não faria nada a você, pode ficar tranquila.

Tranquila é algo que eu realmente não estou. Longe de mim causar algum tipo de problema.

— Mas o que ele poderia fazer a vocês dois? E por quê? — questiono.

Beth vai até uma mesa que tem uma garrafa de água e enche um copo com o líquido.

— Bem... não sei o que ele seria capaz de fazer, mas só sei que ele não aceita algumas atitudes aqui na clínica. Ele é o presidente e muito rígido em alguns aspectos. Eu fui designada para ficar com você o tempo todo, deveria ter passado a noite aqui e não passei. Leonardo, além de ser seu filho, trabalha aqui e está infringindo as regras quando deveria ser exemplo — explica, enquanto bebe sua água e enche outro copo.

Fico ainda mais preocupada ao saber que Henrique e Leonardo são pai e filho, isso justifica a forma como ele agiu com Leonardo. E para piorar o médico neurocirurgião é o presidente, ou seja, é o chefe disso tudo.

— Bom, isso é o que imagino se passar pela cabeça do doutor Henrique. Se ele descobre o que aconteceu aqui... — passa as mãos pelo rosto — envolvimento entre paciente e médico é proibido. É uma das regras da clínica que ele faz questão que todos cumpram. Só que para mim, vocês podem fazer o que quiser. — Ela dá de ombros e estende-me o segundo copo que encheu com água.

Aceito e bebo a fim de lubrificar minha garganta que se tornou seca com essa conversa.

Nervosa, justifico-me.

— Beth, eu não quero criar problemas para você e nem para Leonardo. Me desculpe, ele acabou pegando no sono, não planejamos isso, aconteceu.

— O problema é que esta não foi a única vez que ele passou a noite aqui.

— Não?!

— Não. Durante esses trinta dias intercalamos durante a semana, no começo ele usava o pretexto para me dar um pouco de folga. Mas qualquer outra enfermeira poderia me substituir, só que ele insistia que não, que ele mesmo ficaria. Depois de uma semana nessa escala alternada que criamos, eu percebi que ficava porque Leonardo queria mesmo era ter um tempo só com você.

Essas revelações de Beth deixam-me inquieta. Saber que Leonardo velou o meu sono enquanto eu estava totalmente inconsciente é desconcertante, mas é também algo muito bom de saber.

Em tão pouco tempo ele teve atitudes que jamais um homem teve por mim, os caras com quem eu já sai e até tive algo mais sério nunca foram capazes de ter ações tão atenciosas.

Prevejo sérios problemas se Leonardo continuar a agir assim.

— Eu não sei nem o que dizer, Beth. Leonardo age de uma forma tão atenciosa e carinhosa comigo, não estou acostumada com isso. Ele se sentia

culpado por tudo que aconteceu. Certamente foi este o motivo para me preencher com tanto cuidado e zelo — digo, tentando soar desinteressada para que a enfermeira não note o quanto sua revelação me fez feliz.

— Seguramente este não foi o único motivo, Malu. — Beth fala, com um olhar daquele que diz “*vai por mim, eu sei o que estou falando*”.

Mesmo tendo curiosidade em saber mais sobre o que sua expressão quis me dizer, decido mudar de assunto.

— Gosto que me chame de Malu... era a forma que minha mãe me chamava.

Beth sorri.

— Se não se importar que eu a chame assim, vou adorar te chamar de Malu. Gosto de apelidos e Malu é uma abreviação linda, tanto quanto o seu nome é.

— Não me importo, eu gosto que me chame dessa maneira — digo sincera.

Ótimo, fugimos do assunto Leonardo e estamos falando de apelidos, melhor assim, pelo menos por enquanto, pois são tantas informações para absorver, prefiro ir devagar com tudo isso.

E principalmente, não criar expectativas.

— Acho que vou tomar um banho.

— Tudo bem, eu vou até a enfermaria pegar as guias dos exames e agendar nos setores. Hoje será dia de passeio pela clínica, Malu. — Seu tom é animado.

— Vou adorar sair um pouco desse quarto. Não que ele não seja confortável, aliás, é ótimo. Mas é bom ver o mundo lá fora.

— Tudo bem, será divertido. Eu não demoro. Você ficará bem?

— Sim, ficarei. Pode ir tranquila.

Fico sozinha no quarto, sigo para o banheiro.

Antes de entrar no banho pego uma das bolsas com as minhas roupas novas para escolher alguma. Decido por uma calça de algodão bem solta no corpo de cor cinza e uma regata branca.

Vasculho nas outras bolsas, ontem nem reparei em tudo que ganhei, são muitas coisas. Encontro vários conjuntos de lingerie — acho que tem mais aqui do que na minha própria gaveta de calcinhas — são todos de excelente qualidade e lindos.

Seguro um conjunto de cor branca em minhas mãos, aliso suas rendas de tule que cobrem o bojo do sutiã, as alças são finas e delicadas, a calcinha é de lycra naquele estilo sem costura. Adoro essas, são extremamente confortáveis e não deixam de ser sexy.

Beth soube escolher bem, e dou graças a Deus que foi ela que teve a missão de escolher. Se fosse Leonardo eu morreria de vergonha.

Leonardo... esse nome associado as peças que tenho em minhas mãos faz acender o desejo em minha pele.

Controle-se Malu. Meu cérebro chama a minha atenção.

Respiro fundo, pressiono a nuca com a mão na tentativa de afastar as imagens eróticas que meu cérebro criou.

Definitivamente, eu preciso de um banho.

Termino de me vestir, passo uma leve camada de máscara para cílios e ilumino meus lábios com o brilho labial, espiro um pouco do meu perfume, gosto do cheiro que essa fragrância dá a minha pele. Eu sou vaidosa, mas confesso que estou um pouco além do normal.

Vou até a janela para ver o sol brilhando lá fora em mais um dia de primavera.

A vista que tenho daqui é linda.

Há um jardim com várias palmeiras e algumas azaleias florescem dando uma cor colorida ao verde da grama. Quem planejou este espaço na clínica o fez com muita sabedoria, pois foge totalmente das ruas movimentadas, dos prédios e da cor cinza que esta cidade possui. É um verdadeiro refúgio.

Ouçó uma batida na porta, meu peito acelera, será que é Leonardo?

Não preciso ir até a porta para abri-la, pois já está sendo aberta, mas não é Leonardo que aparece e sim uma loira alta, vestida em um jeans justo ao corpo, saltos altos, seu *camisete* branco bem alinhado à forma de seus seios, um botão aberto que deixa a mostra seu colo. Vejo ouro brilhar em seus brincos, corrente e pulseira.

Afinal quem é essa mulher? ...

Encarando-me de cima a baixo como se passasse um *scanner* em mim com seus olhos, ela diz:

— Oi... você é Maria Luiza?

— Sim. E você quem é? — pergunto.

— Carolina Alvarez.

Sua resposta transforma minha postura, fico mais ereta — uma pena que não estou usando um dos meus saltos, pois essa Carolina é bem alta —, mas não tem problema. Curiosa para saber o que ela veio fazer aqui vou direto ao ponto.

— Deseja algo, Carolina Alvarez? — Meu tom não é o mais simpático.

— Não... eu só vim conferir com meus próprios olhos a mulher que Leonardo atropelou. Vejo que já está muito bem, desconfio que em breve você

vá embora. — Sinto o veneno em suas palavras.

— Estou bem sim, mas quem decide quando devo receber alta é o médico. Enquanto isso, fico aqui.

Ela dá um sorriso debochado.

— Mas isso é de se esperar. Claro que vai querer ficar, a estadia nessa clínica deve ser melhor do que muito hotel que você já tenha ficado, sem contar o atendimento *vip* do doutor Leonardo.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar. Mas é notável que minha presença te incomoda não é mesmo? — digo, com naturalidade. E por essa ela não esperava.

Encaramo-nos, ela trinca os dentes em sinal de raiva. Eu cruzo os braços na frente do corpo.

A porta é aberta.

— Malu, nós podemos...

Beth para abruptamente de falar quando constata o diabo loiro em meu quarto.

— Carolina? O que faz aqui? — questiona e caminha em minha direção, parando ao meu lado de forma protetora.

— Vejam só se não é a *sargentona*, a queridinha do Leonardo que está aqui bajulando a acidentada órfã. Como vai, enfermeira Elizabeth? Eu estou bem e você?

Como assim órfã? O que essa descabida sabe sobre a minha vida?

— Saia já desse quarto, Carolina! — Beth vocifera — Você não tem nada o que fazer aqui!

— Eu já estava de saída, mas acho bom você começar a falar direito comigo, aliás, você se acha muito importante não é mesmo? Só porque trabalha há anos aqui, só porque é amiguinha dos donos... aproveite enquanto isso dura. Pois em breve muita coisa irá mudar nessa clínica, a começar pela sua postura.

Beth abre a boca para responder, mas Carolina nos dá as costas para ir embora, mas antes oferece mais uma ameaça, agora direcionada a mim.

— E quanto a você Maria Luiza, darei um único aviso, fique longe do Leonardo. Ele é meu.

Observamos Carolina deixar o quarto e bater com força a porta. Ela é completamente doida.

Sinto-me tonta, procuro pela cama, Beth oferece-me apoio e me ajuda a deitar.

— Malu! Fique calma. O que está sentido?

Rapidamente Beth coloca um aparelho de aferir pressão em meu braço.

—Tontura, muita tontura — murmuro.

— Eu não acredito que Carolina fez isso. — Beth fala, em descrença.

— Sua pressão está muito baixa, eu quero que respire fundo e se acalme. Se não melhorar vou ter que chamar o doutor Henrique. Não é bom que tenha esse tipo de estresse emocional. Por que essa louca tinha que vir aqui? — pergunta-se a si mesmo. — Droga!

— Não precisa, não chame o doutor Henrique, já vai passar, Beth. — Acalmo-a, na tentativa de fazer o mesmo comigo.

Minha enfermeira e amiga senta-se na cadeira ao lado da cama e segura minha mão.

— Fique tranquila, eu estou aqui com você, nada de ruim irá lhe acontecer. Não deixarei. Prometo.

Apesar de não querer fico lembrando da atitude descontrolada de Carolina, que mulher mais doida, do nada apareceu em meu quarto e em poucas palavras demonstrou sua acidez. Beth havia me falado dela, mas jamais imaginaria que eu seria alvo para suas provocações e ameaças. *Que raiva!* Mas não posso permitir que essa visita nada cortês tire minha paz de espírito. Inspiro fundo e busco na mente coisas boas para pensar e deixar isso de lado, meus pensamentos levam-me até minha avó (meu peito se enche de saudades dela) principalmente da fase em que vivíamos juntas, dos nossos momentos de risadas e de quando passava horas na cozinha ajudando-a em preparar as massas que ela fazia para vender, que era o que ajudava em nosso sustento. Em meio a essas lembranças adormeço.



Ao despertar vejo Beth e Leonardo conversando em um canto no quarto, o tom é baixo, quase sussurrado, que não consigo identificar o que estão falando.

Beth gesticula com as mãos, Leonardo balança a cabeça de um lado para o outro. Imagino que minha amiga esteja contando a Leonardo o episódio desagradável de Carolina.

Eles não notam que eu os observo e continuam com a conversa baixa. Não gosto desta situação, não quero criar problemas a ninguém, nesse momento desejo mais do que nunca ir embora deste lugar e não olhar para trás.

Com uma falsa tosse eu corto a conversa deles, os dois observam-me com olhos atentos e caminham em direção à cama.

Leonardo é o primeiro a falar:

— Maria Luiza, como está? — questiona-me com preocupação.

— Vou aferir a pressão dela. — Beth interrompe.

— Deixa que eu faço, pode ir Beth. Obrigado. — Seus olhos imploram que ela nos deixe sozinhos.

— *Ok*, estarei na enfermaria se precisar.

Não consigo olhar para Leonardo e ele também parece sem jeito. Ficamos em silêncio e ele começa a fazer o que se propôs no lugar de Beth.

Quando suas mãos tocam meu braço para colocar o aparelho sinto o calor de seus dedos — um simples toque eriça todos os pelos do meu corpo — fico com a cabeça baixa, não quero que ele note o que faz em mim.

Contudo, mesmo de cabeça baixa, consigo perceber que seus olhos estão pousados em meu rosto, o que me deixa ainda mais nervosa.

Leonardo encaixa sua mão na minha que repousa aberta enquanto sinto a pressão do aparelho inflar em meu braço — e meu peito também infla — ele não tem noção do que seu toque me desperta. Isso precisa parar. Puxo minha mão da dele, mas sou impedida no mesmo instante, pois ele sobrepõe sua mão a minha e segura firme.

Respiro fundo, se antes minha pressão arterial estava baixa desconfio que agora subiu. É constrangedor, pois além do aparelho de aferir pressão tem um estetoscópio para monitorar meus batimentos que devem estar saindo pela minha boca.

O resultado desse simples exame não será confiável.

— Beth disse que sua pressão estava baixa, mas agora está um pouco

elevada assim como seus batimentos cardíacos. — Constata, tirando o aparelho do meu braço e o estetoscópio do ouvido, deixando-o em volta do seu pescoço.

— Eu me sinto bem — afirmo.

— De qualquer forma, vou pedir para que ela fique de olho em você e confira a cada hora até que tenhamos a pressão normalizada.

— Tudo bem, eu agradeço.

Leonardo fica parado, olha para o chão, passa suas mãos pelo rosto e cabelos. Já percebi que esse gesto é comum nele, usa-o como uma forma de ajudar a pensar no que vai falar quando está nervoso.

Aproveito para reparar o quão lindo está em uma roupa casual.

A camisa de cor cinza com a manga dobrada até seu antebraço deixa a mostra veias sobressalentes de seu braço, e os contornos dos músculos definidos. A calça jeans escura contorna tão perfeitamente suas coxas e pernas. Leonardo é uma mistura entre algo doce e sexy.

— Olha, Maria Luiza... quero pedir desculpas pelo que aconteceu aqui. Você nunca deveria ter tido um estresse na situação em que está. Isso não vai se repetir, prometo. — Ele diz, com um olhar aflito.

— Doutor Leonardo, não precisa se desculpar. Não foi culpa sua. — falo, soando desinteressada.

Eu não preciso desse tipo de conversa, Leonardo não me deve explicações.

Por dentro eu sei o quanto essa situação me incomodou, quando Carolina disse em bom tom que Leonardo era dela, senti raiva e ciúmes, mas eu não tenho esse direito, apesar de eu estar sentindo tudo que estou por ele, esse homem não é meu.

E tudo que estou sentido, está apenas no campo da minha imaginação e por isso querer qualquer explicação de Leonardo é desnecessário, não faz sentido.

Todavia, a expressão de Leonardo me diz que ele quer explicar. Que o que aconteceu incomoda tanto a ele quanto a mim.

— Em partes sim. Carolina... bem, ela é incontrolável e passou dos limites ao vir aqui chatear você. Por mais que tente deixar claro a ela que não existe a possibilidade de termos algo, ela insiste e se acha no direito de...

— Você não tem que explicar nada, doutor. — Interrompo-o e uso a palavra *doutor*, como se isso colocasse uma barreira entre nós. — Fiquei surpresa com a atitude dessa moça que eu nem conheço, mas isso não é problema meu, contanto que ela não volte mais a me perturbar, para mim está tudo bem, o resto é entre vocês dois.

Tento soar a mais desinteressada possível, não posso revelar a raiva e

ciúme que estou sentindo.

Meu jeito de falar parece que o deixa ainda mais inquieto, move-se de um lado para o outro no espaço ao lado da cama, sua expressão é de completa perturbação.

Firma seus olhos nos meus e retoma com suas explicações.

— Não, você está enganada. Não existe nada entre nós dois. Absolutamente nada — frisa sua última palavra. — Carolina não tinha o direito de vir aqui incomodar você com uma questão que só existe na cabeça dela. Ela tem uma paixão por mim há muito tempo, mas nunca a correspondei. Você precisa entender isso, Maria Luiza. — Leonardo fala de um jeito que parece uma súplica.

Ele não quebra nem por um segundo nosso contato visual, como se quisesse me mostrar a verdade através dos seus olhos.

A questão é que é ótimo ouvir isso dele, e, além disso, fala com tanta convicção que acredito. Sem contar que Beth já tinha me alertado sobre o diabo loiro.

Eu sempre tive a seguinte premissa com relacionamentos: tem que ser bom, leve, que não interfira de forma negativa em minha vida, muito menos em meus planos profissionais — talvez por isso esteja sozinha há tanto tempo —. Esta cena que Carolina fez, foi uma amostra grátis do que seria no futuro um relacionamento com Leonardo. E sinceramente, tudo o que eu menos preciso é de um relacionamento com um homem lindo que tem no seu pé uma patricinha mal educada, louca e possessiva, tirando-me o sossego.

— Doutor Leonardo, já disse que não precisa explicar, pois este é um assunto que eu não preciso entender.

Mal termino de falar e ele avança do lugar onde está e toma meu rosto em suas mãos. Os olhos verdes acinzentados de Leonardo penetram em minha alma com profundidade.

— Mas eu preciso que você entenda e que acredite — sussurra perto dos meus lábios.

Oh Deus! Por que ele faz isto?

Não me resta outra opção, eu cedo.

— Tudo bem... eu... eu entendo e acredito em você — falo, quase sem ar.

— Obrigado. — Agradece aliviado, e mais uma vez ele faz aquilo: beija minha cicatriz.

Leonardo inspira forte algumas vezes enquanto mantém os lábios em minha pele, faço o mesmo, inspiro tão profundamente, fecho os olhos e esqueço-me de qualquer outra coisa, apenas entrego-me a essa sensação tão gostosa que é

tê-lo tão próximo.

Solta as mãos do meu rosto tão devagar que parece não querer fazer isto. Mas faz, e ao fazer sorri aliviado.

— Agora, por favor, se não for pedir muito — parece encabulado ao dizer —, dê-me um sorriso. Só assim terei certeza que está tudo bem. Mas não vale forçar, porque se fizer isso eu saberei identificar.

Avalio seu pedido por um tempo e então curvo meus lábios em um sorriso contido. Ele inclina a cabeça como se analisasse, franze o cenho.

Acho que meu desempenho não o agradou muito. Sorrio com o seu gesto, e sorrio de verdade. Agora sem amarras lhe ofereço um sorriso *Maria Luiza de ser*, lábios abertos, dentes à mostra e expressões felizes.

Como não sorrir quando se tem esse tipo de homem parado na minha frente? Que já deu tantos sinais de carinho e preocupação. Seria muito burra se mantivesse minha teimosia.

— Satisfeito, doutor Leonardo? — Dou um arquear de sobrancelhas ao falar.

— Satisfeitíssimo, Maria Luiza. Mas para que fique melhor só precisa parar de usar a palavra doutor o tempo todo.

— Mas é o que você é, e sem contar que estamos no seu local de trabalho.

— Sim, é o que sou e este é meu local de trabalho. Mas eu não sou seu médico. Sou apenas o Leonardo, o cara que...

— Que é meu amigo? — Completo a frase no lugar dele.

— Isso... o cara que é seu amigo — afirma, mas sinto-o um tanto contrariado com esta afirmação.

— Tudo bem então... Leonardo. — Friso bem seu nome.

— Tudo bem então... Maria Luiza. — Ele faz o mesmo.

A contragosto de Leonardo me levanto da cama, preocupado que eu fique tonta novamente deixa-me sair, mas para sentar no sofá.

— Está confortável? — De forma atenciosa, coloca uma almofada em minhas costas.

— Sim, estou. Obrigada.

Pensei que ele iria se sentar comigo, mas em vez disso caminha até a entrada do quarto, noto que ao lado da porta há algumas sacolas de papel com nome de loja estampado nelas. O que será? Curiosidade ronda meus pensamentos.

Pega-as e volta para o sofá, sentando-se ao meu lado.

— Eu trouxe algo para você. São dois presentes. E... já adianto, não aceito recusa. — Com um sorriso estende a mão para me entregar uma das

sacolas.

Como assim presente? O que Leonardo está aprontando?

— Presentes? Mas nem é meu aniversário.

Hesito em pegar a sacola.

— E por acaso só se ganha presente no aniversário? Vamos lá... pegue, comprei para você.

— Geralmente sim — respondo, e ainda hesitante pego a sacola de suas mãos.

— Bom... — ele diz — para mim você é o tipo de mulher que merece ser presenteada todos os dias.

Assim ele me mata do coração, minha pressão deve estar nas alturas.

Examino a bolsa de um tamanho pequeno, olho o nome da loja, mas não consigo imaginar do que se trata.

— Abra — diz, entusiasmado.

Desfaço um laço em cor dourada que une as bordas da sacola, tiro de dentro uma caixa que está envolta em um papel de seda branco, e não acredito no que vejo.

— Leonardo! Como assim? Esse é o perfume que uso — falo, admirada.

— Eu sei, por isso comprei.

— Mas como você sabia que era este? — questiono.

— Tenho minha informante. — Dá de ombros ao responder.

Só posso pensar em Beth, aquela enfermeira sorrateira deve ter mexido em minhas coisas.

— Eu não acredito, por que fez isto? — comento, ainda sem acreditar.

— Achei tão bom o cheiro que quero ter certeza de sempre sentir em você. — revela, deixando-me embasbacada.

— A-adorei, de verdade. Muito obrigada.

Sinto-me um tanto envergonhada, mas adoro saber que ele gosta dessa fragrância tanto quanto eu.

— Tem mais. — Leonardo me estende outra sacola

Pouso meu adorável perfume no colo e dessa vez sem rodeios tomo de suas mãos a segunda bolsa.

Abro-a sem me dar o trabalho de tentar investigar o que é. E quando tenho a constatação do que é, fico ainda mais impressionada, se é que é possível, pois só o perfume já me deixou assim.

—Você ficou doido?! — exclamo. E ele sorri. — Um celular? Não... eu não posso aceitar... é muito. Agradeço, mas isso é demais.

Tento devolver o pacote em suas mãos.

— Eu já disse, não aceito recusa. Presente é presente, Maria Luiza. Além disso, você precisa de um, o seu ficou em pedacinhos no acidente.

— Não, Leonardo. Não precisa, vou comprar outro assim que sair daqui.

— Não vai não, porque agora já tem um.

A forma como fala, sugere para que eu não continue a obstinar.

— Você pode trocá-lo se preferir outro, mas este é o último lançamento dessa marca, é bem funcional, eu tenho um desses e uso para tudo. Eu penso que vai gostar. Deixe-me abrir a caixa para você.

Fico observando-o.

— O lacre já está rompido — ele explica. — Porque já quis deixá-lo com um chip e carregado, pronto para que possa usar. — Leonardo tira o aparelho da caixa branca e entrega-me.

Vejo o quanto é lindo. Penso em quantos meses de salário — se eu tivesse um, afinal estou desempregada — teria que economizar para comprar um desses, não sei com exatidão quantos. Mas garanto que seriam muitos. Pois já vi o preço de um desses, e eu sei que é *super* caro.

Não sou uma pessoa interesseira, mas não nego que adorei os presentes e estou entusiasmada, afinal quem não estaria?

Segurando-o em minhas mãos, sorrio feita criança que acaba de ganhar um presente que tanto queria.

— É lindo, Leonardo. Eu amei! — exclamo, sincera.

— Gostou de verdade? Porque posso trocar por outro modelo, ou também caso não goste desta cor. Enfim... você é quem escolhe.

Examino-o, sua cor ouro rosa o deixa com um toque feminino. A imagem da maçã mordida na parte de trás do aparelho identifica a sua marca e eu só consigo pensar o quanto é lindo e perfeito meu novo celular.

— De forma alguma, ele é perfeito, Leonardo. Estou um tanto constrangida por receber um presente desses — confesso a ele.

— Mas é impossível recusar, além de não ser de bom tom com quem nos presenteia. Portanto, aceito e o faço de bom grado.

Leonardo exhibe um sorriso satisfeito.

— Muito obrigada — digo por fim.

E, comandada pelo meu coração, circundo seu pescoço com meus braços. Ele retribui, suas mãos espalmadas em minhas costas transmitem aquele calor e segurança familiar, meu queixo repousa em seu ombro e o dele no meu.

Abraçamo-nos e assim ficamos por um tempo, nossos peitos colados, nossos corações batendo tão perto um do outro.

Vagarosamente, ele traz o seu rosto para frente do meu, observa-me

atento que parece estar estudando minhas expressões.

Paraliso. O ar quase some.

Torno-me ansiosa por sua próxima ação.

Leonardo acaricia minha face ruborizada, deixando rastros de fogo por onde o seu dedo passa. Ele segue deslizando o polegar por toda extensão do meu rosto. Sutilmente, traceja pela minha testa, abaixo dos olhos, bochecha, parando no canto dos meus lábios, que estão entreabertos, pois cada vez respiro com mais dificuldade.

Seu toque em meu rosto, desperta as melhores sensações e alcançam todo o meu corpo.

Estremeço.

Ele volta a buscar em meus olhos algum tipo de consentimento. Noto que os dele queimam em desejo assim como os meus.

— Você é linda — sussurra com uma voz rouca, aproximando-se e beijando ali, onde seu polegar repousava antes.

Arquejo, fecho os olhos.

Entrego-me...

Entrego-me a vontade de ser beijada por ele.

E Leonardo o faz, beija-me sem pressa envolvendo seus lábios nos meus tão delicadamente que me faz flutuar.

Nossas línguas se unem, sinto o seu gosto. O beijo lento transforma-se gradualmente em uma dança rápida, nossas cabeças movimentam-se dando o ritmo que desejamos.

Respirações pesadas, o desejo transcende pelos poros, suas mãos seguram firmes o meu rosto na intenção de não me deixar escapar. Mas isso definitivamente não é o que quero fazer, quero Leonardo, quero sentir para sempre esse beijo.

Afundo minhas mãos em seu cabelo bagunçando-o com meus dedos que sentem toda a maciez de seus fios.

Assim que a mão de Leonardo alcança minha nuca, puxando-me levemente para trás a fim de ter espaço para beijar meu pescoço, deixo um gemido baixo sair pelos lábios. Ele desliza sua língua pelo meu pescoço e sobe para o maxilar, faz isso por um tempo, saboreando-me.

Desço minhas mãos tocando seu peito, sentindo o tecido da camisa agarrada em seus músculos.

Unimos nossos lábios novamente e o beijo parece não ter fim, do jeito que eu desejei.

Quando nos afastamos, pela única necessidade de respirar, ele fica com a testa colada na minha, inspiramos profundamente.

— Maria Luiza — sussurra próximo aos meus lábios.

— Leonardo — respondo também em um sussurro.

Seus lábios curvam-se em um sorriso.

— Eu sei que deveria... mas não vou pedir desculpas, porque esse foi o melhor. Beijo. Da. Minha. Vida. E pedir desculpas por um beijo desses... seria um pecado.

— Não peça, pois este foi para mim, o melhor beijo da minha vida também — confesso.

— Que bom. Eu fico aliviado em saber disto, pois desejei por todos esses dias experimentar o sabor dos seus lábios, sentir o toque das suas mãos e ter você assim, correspondendo a isso é maravilhoso.

Ah... Leonardo, assim eu não resisto, desse jeito sou obrigada a esquecer da minha premissa, esquecer da insana da Carolina e desejar ter você para mim.

Fitando-me com convicção, ele diz:

— Eu a quero, Maria Luiza, a quero mais que tudo nessa vida. Seja minha.

Tentando retomar o rumo dos pensamentos após uma proposta dessas, eu descanso minha cabeça em seu peito, sorrindo abertamente e antes que eu possa lhe dar minha resposta, somos interrompidos pelo toque do seu celular. Ele o tira do bolso da calça.

— Tenho que atender — diz, levando o aparelho ao ouvido.

— Claro — digo. E faço menção de levantar para lhe dar privacidade, mas ele me para segurando em minha mão.

Observo-o enquanto ele fala ao telefone e noto surgir em sua testa um vinco de preocupação.

— *Ok*, inicia o procedimento padrão. Em poucos minutos estarei aí — Ele fala em tom firme e tão logo encerra a ligação fica de pé.

— Desculpe, surgiu uma emergência e eu preciso ir. — Leonardo fala, consternado.

— Tudo bem, imagina. Sem problemas — respondo de pronto.

Ele caminha rápido até a porta, mas antes de abri-la torna a olhar para mim.

— Eu volto depois — sorri e dá uma piscadinha.

Assinto e sorrio para ele.

Leonardo se vai me deixando com o sabor de seu beijo em meus lábios e com muitos pensamentos.



A resposta

LEONARDO

Eu e Maria Luiza nos beijamos de uma forma tão incrível e única que nem fui capaz de pedir desculpas, e nem poderia diante da sensação que foi beijá-la.

Senti todos os músculos do meu corpo tencionar cada vez que saboreava seus lábios doces e quentes, o cheiro e o gosto da sua pele, o toque das suas mãos. Nenhuma das mulheres que fiquei, fizeram-me sentir assim com apenas um beijo, nada se compara ao que senti com Maria Luiza.

Pode parecer loucura, mas ansiei por isso cada vez que entrava em seu quarto, queria descobrir como seria quando eu a beijasse. E é loucura, afinal, em tão pouco tempo me senti atraído por ela, penso que tudo começou no local do acidente quando toquei suas mãos e tive o encontro dos seus olhos nos meus.

Nunca fui uma pessoa de acreditar em destino, mas começo a acreditar em forças maiores que trabalham para fazer com que determinadas pessoas cruzem o nosso caminho, e Maria Luiza, definitivamente, é uma dessas pessoas — assim como aconteceu com Valentina —. A mulher que cruzou meu caminho, e que eu quase tirei a sua vida, seria também a mulher que me faria sentir um sentimento que até então nunca experimentei, o amor.

Não tivemos tempo para conversar após o beijo e o pedido que fiz a

ela, pois meu celular tocou e era uma emergência, tive que sair às pressas. Mas o que me tranquiliza é que além da sua confissão sobre gostar do nosso beijo, foi o sorriso lindo que vi em seu rosto quando sai do seu quarto.

E agora, eu estou aqui vislumbrado com o que vejo. Maria Luiza está na UTI neonatal sentada com Valentina adormecida em seu colo, a menininha aconchegou-se tão bem ao peito dela, que olhando assim parecem mãe e filha.

Valentina estava chorando no momento em que Maria Luiza chegou com Beth para uma visita após fazer seus exames, a enfermeira não perdeu a oportunidade de trazê-la para conhecer nosso bebê mais famoso e amado da ala da pediatria — digo isso, porque Valentina tem sido tratada com todos os mimos possíveis, sua força e garra para sobreviver diante do que passou, despertou admiração e carinho em todos — com o choro estridente de Valentina, vi Maria Luiza em tamanha agonia e dor pela recém-nascida.

Sem jeito, mas de uma forma esperançosa ela me perguntou se poderia segurá-la. Permitti, pois apesar de ainda estar na incubadora, Valentina possui uma condição de saúde estável e não teria problema em ficar fora por um tempo ainda mais para receber um colo, isso só lhe faria bem.

Com cuidado coloquei Valentina nos braços de Maria Luiza, e no mesmo instante o choro da pequena cessou. Incrível, mas a menina valente também sentiu o quão bom e reconfortante é o toque dessa mulher, que agora a tem encostada em seu peito segurando com ternura as mãozinhas frágeis, como se quisesse proporcionar a ela a segurança que a menina precisa.

Talvez, tanto quanto Valentina, Maria Luiza também precise disto. Pois, depois de perder a mãe e ter a avó com uma doença que faz com que não a reconheça, é iminente a solidão e insegurança, e ter alguém para sentir o calor de um abraço, um toque carinhoso é como encontrar luz na escuridão.

Beth acabou de deixar a UTI com a desculpa de ter algo para fazer, e levou consigo a enfermeira responsável do setor, que só deixou o local quando sinalizei positivamente. Como os demais bebês estão em um quadro estável a ausência da enfermeira não seria prejudicial, e, além disso, qualquer coisa que aconteça estou aqui.

Estamos a sós e atrevo-me a entrar na redoma de carinho e segurança que envolve as duas, encurto a nossa distância, pego uma cadeira. Sento-me ao lado delas, passo o braço por trás de Maria Luiza, apoiando-o no encosto da sua cadeira, afago sutilmente a cabecinha de Valentina com o nariz, inalando seu cheirinho de bebê, sorrio ao vê-la tão calma e acolhida.

— Esse cheirinho é tão bom, *né?* — Maria Luiza diz, com a voz baixa para não incomodar o sono da princesinha.

— É sim, eu adoro — respondo também em um tom baixo.

E como adoro, sempre que atendo bebês dou-me esta satisfação de sentir esse cheiro agradável... esse cheiro de vida nova.

Depois disso não falamos mais nada, palavras seriam desnecessárias, quando nossos olhos já fazem isso por nós. Apenas queremos desfrutar do momento — observar o sono tranquilo de Valentina, e sentir essa sensação de paz e união que o destino reservou a nós três — e assim permanecemos por um tempo incalculável, até que somos chamados de volta à realidade.

— Se eu pudesse não interromperia vocês, mas nós precisamos ir, Maria Luiza. — A voz doce de Beth tira-nos da nossa redoma.

— Já está na hora? — choraminga Maria Luiza.

— Sim senhora, você já ficou muito tempo fora. Não esqueça que você também é paciente — fala a enfermeira com aquele seu familiar tom de general.

— Será que posso voltar amanhã para vê-la? — Maria Luiza, questiona. Seus olhos de avelã me encaram ao fazer o pedido.

— Claro que sim, acho que Valentina gostou de você. Fará bem a ela.

Dou-lhe a resposta e vejo os lábios que beijei sorrir em satisfação.

— Obrigada, vou adorar. Ela também me fez muito bem — revela, mas nem precisaria, pois ficou evidente o quanto uma fez bem à outra. E as duas a mim.

Enquanto Beth devolve Valentina para a incubadora, conduzo Maria Luiza para fora da UTI, que caminha um passo à minha frente, e em um gesto quase automático apoio minha mão na base da sua coluna, ela o retribui trazendo sua mão para trás e entrelaçando nossos dedos. Não consigo ver seu rosto por completo, mas o suficiente para perceber que ela sorri ao mesmo tempo em que morde o lábio inferior.

Ao ultrapassarmos a porta de saída ela solta minha mão, desfazendo o laço que nossos dedos formavam. Entendo sua reação, se as pessoas vissem, e se eu bem conheço meus colegas de trabalho, os comentários começariam a percorrer os corredores da clínica, tal qual um rastilho de pólvora.

A sua atitude em corresponder meu gesto trazendo sua mão junto da minha, me dá esperanças que ela também esteja sentindo o mesmo que eu e que sua resposta ao meu pedido seja positiva. Não posso forçar nenhuma situação com Maria Luiza, afinal ela acabou de passar por um trauma muito grande, mal retomou sua consciência e já tem tudo isso acontecendo entre nós.

Eu mesmo acho assustador e confuso, mas, sobretudo bom. E eu espero que Maria Luiza esteja achando isso também, principalmente a parte de achar bom.

Desejo ter pelo menos mais alguns minutos sozinho com ela, a fim de tentar compreender o que está passando em sua mente sobre nós.

— Quero que conheça meu consultório — digo, fazendo-a parar de andar no mesmo instante.

— Agora?! — pergunta-me, seu tom de voz e olhos demonstram surpresa.

— Sim. Agora.

— Eu... não sei, Leonardo. Acho que não é uma boa ideia — fala, segurando suas mãos juntas à frente do seu corpo de uma forma nervosa.

Aproximo-me fazendo o curto espaço que separa nossos corpos, parando ante a ela.

— Preciso falar com você — peço, suavemente.

— Beth pode não gostar, ela quer que eu volte para o quarto. Não quero causar problemas — argumenta.

— Isso não será problema, eu me entendo com ela. A não ser que você não queira.

Alguns segundos se passam. Fito o profundo de seus olhos, buscando compreendê-los.

— Está bem, eu vou. Mas não demorarei. — Sua voz é aparentemente firme, suspeito que ela esteja tentando disfarçar o nervosismo que consigo captar em seu olhar.

Em poucos minutos estamos na porta do consultório, abro-a e deixo Maria Luiza passar, ao entrar ela fica parada olhando em volta da sala que, diferente dos outros consultórios, mistura a cor branca com o colorido do papel de parede com temas de personagens infantis, em um dos cantos ficam os brinquedos — que ajudam muito na distração das crianças — e no outro a maca onde examino meus pequenos pacientes, reto na direção da porta de entrada fica a minha mesa.

— É muito bonito seu consultório, vejo que é tudo muito bem pensado para que as crianças se sintam bem.

— Sim. O colorido e os brinquedos ajudam muito para distraí-las. Por vezes só o fato de passar por essa porta elas começam a chorar. Acho que o médico é sempre uma figura assustadora na cabecinha delas.

Maria Luiza esboça um sorriso diante do que digo, e seus olhos continuam a percorrer o consultório e tenho a sensação que ela faz isso no intento de evitar olhar para mim.

E quem está nervoso agora, sou eu, pois a sinto de um jeito diferente.

— Quer sentar? — Ofereço.

— Não, estou bem de pé, obrigada. E... não posso demorar.

— Ok. — Passo a mão pela barba, pensando em como iniciar a conversa.

Ir direto ao ponto é o melhor que posso fazer, pois não quero mais nenhum minuto dessa sensação de desconforto que paira no ar.

— Maria Luiza, sobre o beijo e sobre o que disse a você...

— Não vai mais acontecer... — interrompe-me, inesperadamente.

Engulo a saliva com força e medo, contudo, mantenho-me em silêncio para que ela continue a falar e assim eu possa entender os motivos para o que acabou de dizer.

— Olha, Leonardo. Não precisamos tornar isso difícil ou embaraçoso. O que aconteceu foi num impulso. Um impulso meu, aliás. E você não precisa justificar nada. Eu sei que não passou de um beijo, não precisa se preocupar porque não estou esperando nada além disso.

Como é que é?

O que ela deduziu? Que eu a chamei para conversar para dizer que tudo não passou de um momento impulsivo?

— Espera! Eu não estou entendendo essa sua reação. Você disse que foi bom e que gostou. E, além disso, Maria Luiza, eu lhe fiz uma pergunta. Por isso te trouxe, pois preciso ter uma resposta. Quero dizer, não quero te forçar a nada, mas eu preciso saber — inspiro, pesadamente.

— Sim, eu disse que foi bom, tanto que não estou dizendo ao contrário, estou apenas expondo que isso não deve se repetir.

— E por que não? O que nos impede?

— Inúmeros fatores. Um deles é que você é médico aqui na clínica, e eu uma paciente. Não quero te causar problemas enquanto eu estiver aqui. Eu agradeço tudo que fez por mim, mas eu sei, Leonardo, que quando eu for embora esse beijo será apenas uma lembrança, você seguirá com sua vida e eu com a minha. — Ela tem um olhar cabisbaixo ao enumerar os fatos.

Como assim? Maria Luiza não ouviu o que eu disse a ela após o beijo?

Eu quero essa mulher, e não vou deixar que escape por motivos banais. Se ela também está sentindo algo por mim, não pode haver nada que nos impeça de deixar florescer o que já foi plantado em nossos corações.

Opto por expor tudo o que passa pela minha mente, afinal não sou mais nenhum garoto que precisa ter medo de falar o que sente por uma mulher. Meus trinta anos me dão certa segurança e sinceramente, assuntos mal resolvidos nunca foram o meu forte. Sou direto e sincero em tudo, e não serei diferente com ela.

— Eu sou médico aqui na clínica, mas não o seu médico. Eu sei que temos algumas regras a seguir por aqui, e uma delas é não se envolver com pacientes. Mas você não é minha paciente e mesmo que fosse isso não seria motivo para impedir algo entre nós.

— Algo entre nós? — Ela pergunta de um jeito tímido e esperançoso ao mesmo tempo.

Pego na sua mão estendida na lateral do corpo e trago-a para mim, beijando-a tal como um cavalheiro, em seguida deixo-as em meu peito para que ela seja capaz de sentir o retumbar do meu coração, pois o que falarei a partir de agora para ela, é o verdadeiro sentimento que nutro dentro dele.

— Maria Luiza, você é a mulher que eu atrolei, que cruzou o meu caminho da forma mais inesperada possível. E é, sobretudo a mulher que não sai dos meus pensamentos. E não pense que quando você deixar a clínica, isso irá mudar, pois o que eu sinto por você é algo forte, que nem sei explicar, mas todo esse tempo eu nutri um sentimento que cresce a cada dia — seguro seu rosto entre minhas mãos. — Eu te quero, Maria Luiza, quero mais que tudo nessa vida. Seja minha — falo pausadamente, com meus lábios quase encostando nos dela.

Espero que ela compreenda definitivamente que isto é sério.

— Leonardo, eu não sei o que dizer... — Sua voz sai estremecida.

— Então não diga, Maria Luiza, sinta. Apenas sinta o quanto eu quero você e aceite isto.

— Não posso — murmura.

— Por quê?

— Não quero me machucar. — Suas palavras, transmitem medo.

— Jamais faria isso com você. Jamais! Preciso pelo menos que me dê uma oportunidade para demonstrar o quanto isto é sincero, que não foi apenas um beijo. Eu quero mais, eu quero você, Maria Luiza.

Frente a frente observo sua face, seus olhos que me encantam, os lábios que desejo beijar por mais vezes, o corpo tão próximo ao meu, quero nesse instante poder tocar cada parte dele, sentir o calor da sua pele em minhas mãos.

Eu preciso fazê-la minha.

Maria Luiza pisca repetidamente, sua respiração alterada, eu sei que está nervosa. E mesmo que eu tenha dito que não sou mais um garoto, agora, neste momento, sinto-me como um.

Eu preciso que ela aceite.

— Tudo bem, mas só quando eu sair daqui. Até lá vamos evitar algumas situações.

Ela aceitou?!

— O que você quer dizer com isso? — pergunto confuso.

— Nada de beijos — explica.

Sorrio com sua condição, apesar de não ser o que quero.

— Tentarei me controlar, prometo — digo, mas intimamente sei que não estou convencido disto.

— Melhor assim, pois não quero que você tenha problemas no seu trabalho. — Ela fala convicta. E eu a admiro por se preocupar comigo. Porém, é quase impossível resistir e cumprir essa promessa quando estamos assim tão próximos.

E quer saber? Dane-se a promessa, dane-se o meu trabalho.

Pressiono o corpo de Maria Luiza contra a parede mais próxima e tomo seus lábios em um beijo forte, ardente, cheio de desejo, sorvendo do seu sabor.

Ela corresponde me abraçando, deslizando suas mãos pelas minhas costas. E como no beijo anterior todos os meus músculos ficam tencionados ao sentir o toque de suas mãos.

Afasto a mecha de cabelo do seu ombro, beijo e mordisco o local, mas não é o suficiente, quero mais espaço — sua roupa atrapalha — deslizo-a para o lado, e com os ombros nus eu beijo cada espaço sentindo sua pele macia e cheirosa.

Ouçõ o gemido contido de Maria Luiza e isso me deixa ainda mais excitado, ela beija com tanta voracidade meu pescoço, sua língua dança por ele, fazendo-me um homem em total desespero, perderia o juízo e seria capaz de tê-la por completo aqui mesmo em meu consultório. E antes que isso aconteça ouvimos uma batida na porta. Maria Luiza afasta-se em um sobressalto, seus olhos lindos de tom avelã brilham e um sorriso travesso estampa a perfeição de sua face.

— Leo, eu preciso ir.

A deixarei ir, mas dessa vez nada me impedirá de saber sua resposta, quem quer que bata à porta que espere.

Envolvendo-a pela cintura, puxo-a para junto do meu corpo novamente.

— Você só sairá daqui quando me der uma resposta.

Encaro-a com intensidade.

— Seja minha — repito meu pedido, sentindo uma maravilhosa sensação transbordar dentro de mim.

Maria Luiza fica por alguns segundos em silêncio, aumentando minha ansiedade.

— Já sou. Me tornei sua no instante daquele acidente, Leonardo.

Esta é a resposta que eu precisava para acreditar que há sim, uma força do universo que faz com que pessoas que nunca se viram antes, possam sentir despertar em si o sentimento genuíno, puro e verdadeiro na fração de segundos

que tem seus caminhos cruzados.

E assim, entregamo-nos a tudo que já sentimos um pelo outro e a tudo que ainda sentiremos.



Saudade

MARIA LUIZA

Deixo o consultório de Leonardo com a sensação de estar flutuando, e diferente de quando eu estava em coma, dessa vez eu tenho plena consciência de onde estou e o que ocasionou esta sensação.

Se bem que na verdade, são várias as sensações que Leonardo me faz sentir, o coração acelerado, um calor que emana pelos poros, afeto e segurança são só algumas delas.

Eu considero o beijo um ato de intimidade e prévia do que está por vir, se você já sente seu corpo formigar só com ele é porque o que vem depois será ainda melhor. Uma vez eu li numa dessas revistas femininas que ao beijar o cérebro libera vários hormônios, não me lembro de todos, mas gravei dois deles, que são: dopamina — que nos faz sentir prazer e bem-estar e serotonina — que ocasiona a excitação e otimismo.

E, definitivamente posso afirmar que o que esse homem tem de doçura também tem de sensualidade, pois o beijo intenso e erótico que protagonizamos fez uma cascata de hormônios serem liberadas pelo meu cérebro e percorrer toda a minha corrente sanguínea, alcançando os lugares mais sensíveis. Só de lembrar fico suspirando.

Quando eu disse a ele que nosso beijo não deveria se repetir, eu senti

uma profunda dor em meu peito, pois se alguma vez na vida eu desejei ter um afeto retribuído foi este. Só que me preservar é algo instintivo, e quando você passa por tudo que já passei, sente medo.

Tenho um coração marcado pelo amor, mas também pela perda — hoje em dia meu coração vive com as lembranças dos momentos que passei com as únicas pessoas que me amaram nessa vida: minha mãe e minha avó. Uma já morreu e a outra que por causa da doença que possuí, não se lembra de que sou sua neta. É claro que nenhum outro tipo de amor substituirá o amor delas por mim e o meu por elas, mas será capaz de ocupar lugares vazios e mostrar-me que não estou sozinha nesse mundo. — Diante disto, somente quando Leonardo expôs seus sentimentos de forma direta, conseguindo transmitir a segurança que eu necessitava para aceitar que não preciso me preservar quando estou com ele, é que consegui e permiti me entregar por completo.

Sendo assim, confio nele, e já não tem porque negar que estou apaixonada por Leonardo, da mesma forma que ele está por mim.

Bom, a única questão é que, a partir de agora, eu precisarei usar de todo o meu bom senso no período em que ficar na clínica. Resistir a ele será impossível, mas será preciso, afinal, este é o seu local de trabalho.



De volta ao quarto tomo minha medicação, Beth afere minha pressão, faz as devidas anotações em meu prontuário e me manda deitar na cama para descansar, sim, exatamente isto: manda. Pois do jeito que falou não foi um pedido e sim uma ordem. Obedeci, já que prometi a ela que seria uma boa paciente.

— Está com sono? Quer dormir um pouco? — Beth me pergunta depois de um tempo.

— Para ser sincera, não sinto sono agora.

— Tudo bem, então me deixe fazer uma coisa em você.

A enfermeira baixinha, de andar rápido, sai do sofá vai até o banheiro e volta com uma escova de cabelo nas mãos.

— Posso fazer uma trança em seu cabelo? — Ela diz.

— Eu vou adorar.

Beth senta-se ao meu lado na cama e começa a escovar meu cabelo, cada vez que a escova macia sobe e desce pelos fios com o auxílio das mãos — que me transmitiram tanto carinho quando pousaram em meu ombro no momento que despertei do coma — faz surgir uma lembrança saudosa de quando eu era uma garotinha e tinha minha mãe para fazer isto.

Impeço a lágrima que insiste em brotar. Não quero e não vou chorar, quero sorrir e sentir este gesto afetuoso de Beth.

— Eu sinto falta disto. — Beth diz sorrindo e com seus olhos verdes brilhantes, a propósito, Beth tem olhos lindos.

Não preciso perguntar, mas é claro que ela está se referindo à filha e a este tipo de momento que as duas tinham juntas.

— Eu também — digo, e ela também não questiona, afinal não precisa, pois compreende que estou falando da minha mãe.

Enquanto Beth trança o meu cabelo, eu penso em Valentina, a menina foi abandonada pela própria mãe, elas nunca terão um momento desses e essa constatação me faz sentir uma tristeza por ela. Eu e Beth, apesar da saudade que sentimos das pessoas que perdemos, temos boas lembranças para recordar dos momentos vividos com elas. Já Valentina não, ela nunca terá isso com a mãe. Se bem que ainda há esperança, certamente ela será adotada e terá momentos felizes com a mulher que se propuser a ser sua mãe.

— Beth?

— Sim.

— O que vai acontecer com Valentina, quando ela sair clínica?

— Ao que tudo indica ela vai para o orfanato, pois até agora a mãe não foi encontrada. E mesmo que seja e queira a menina, não será tão fácil assim tê-la de volta. Pelo que sei a assistente social da vara da infância e juventude já está com o caso dela, e não deve demorar muito para que Valentina entre na lista de adoção.

— Entendi.

— Ela é linda, não é? — Beth diz, com carinho. — Ficou tão calminha no seu colo.

— E eu adorei poder segurá-la. Nem sei se a segurei corretamente, afinal não estou acostumada, mas foi tão... gostoso. — Levo as mãos ao peito, lembrando-me do seu corpinho junto ao meu.

— Malu, você foi ótima. Valentina sentiu confiança em você. Pobrezinha, não gosto nem de pensar o medo e fome que sentiu, nasceu e foi deixada numa lixeira. Longe de mim fazer julgamentos, mas qual ser humano faz isso? Essa mulher teria outras opções, em vez de abandoná-la dessa forma cruel. — Beth fala e por um instante tenho a sensação que seus pensamentos voam para longe.

Essa é a mesma pergunta que faço desde que soube do caso de Valentina. Fico em silêncio lembrando-me da menina que segurei em meu colo, pensando na sorte da mulher que poderá tê-la como filha e a segurar assim para sempre.

— Espero que ela seja adotada e tenha uma boa família que cuide dela — digo, imaginando Valentina sendo feliz com pais que a amem.

— Eu também desejo isso, Malu. Sabia que foi linda a cena de vocês três juntinhos? Qualquer pessoa que olhasse acharia que você e Leo eram os pais dela, pela ternura daquele momento. Leo está muito envolvido com ela. Com ela e com você também mocinha... quero saber o que conversaram, você saiu de lá com o rosto todo corado quando a porta foi aberta.

Sorrio com a lembrança do que aconteceu, Beth bateu na porta no instante em que nos beijávamos trazendo-nos à realidade, e julgo que se ela não fizesse isto, o beijo poderia ter ido mais além, o desejo que percorria nossos corpos seria capaz de fazer com que não pensássemos em mais nada além de saciá-lo.

— Vamos, conte-me! — ela insiste — eu tenho esse direito, pois sou o cupido de vocês.

— Que história é essa de cupido, enfermeira Elizabeth?

— Ah... bom... Leonardo me pediu uma ajuda, mas eu estou sentindo que não terei muito trabalho a fazer. Vocês se beijaram? — Ela pergunta com

entusiasmo e cheia de curiosidade.

Não há nenhuma possibilidade de esconder algo dela, então conto tudo. Exatamente tudo, desde o primeiro beijo que demos até o pedido que ele me fez antes que eu deixasse o seu consultório. A alegria de Beth é contagiante ao saber que eu disse sim a ele.

Nesse momento, sinto-me feliz. Feliz por ter Leonardo e feliz por ter alguém com quem dividir isso tudo, Beth é sem dúvida uma boa amiga, e a quero para sempre em minha vida.



Os dias vão passando lentamente e cada um deles tem sido tão especial que por vezes esqueço que estou me recuperando de um acidente ou que vivo temporariamente em uma clínica hospitalar. É meio estranho afirmar isso, já que tudo aqui me faz lembrar justamente o lugar em que estou e o que aconteceu comigo, mas a convivência diária com Beth, seu carinho e atenção, assim como a convivência com Leonardo e minhas visitas tão agradáveis a Valentina, faz com que eu sinta uma sensação que há muito tempo não sentia. Sinto-me acolhida e amada e isso faz com que qualquer saudade ou falta do meu apartamento e da minha vida antes disso tudo acontecer torne-se pequena e até quase imperceptível.

Definitivamente eu não era uma pessoa cabisbaixa ou triste por viver sozinha, já havia me acostumado, mas é que depois de ter de volta a atenção e o carinho de outras pessoas me faz desejar que meus dias sejam sempre assim novamente, tal como antes quando tinha o amor da minha mãe e avó. E é por tudo isso que certamente sentirei uma tremenda falta da minha estadia nessa clínica, que acabou tornando-se uma espécie de lar.

— Ei, Malu! Você já está pronta? — Beth diz, passando pela porta.

— Sim, senhora.

— *Uau!* Deixa eu ver isso — Ela diz, pegando em minha mão e fazendo-me girar. — Você está linda!

— Obrigada, segui seu conselho e coloquei o vestido.

Um pouco antes de deixar o quarto e ir até a pediatria, Beth disse que hoje teríamos uma programação especial e por isso pediu que eu colocasse um vestido que ela havia comprado, mas que até então eu não tinha usado.

— Acredite, Malu, eu tenho sempre os melhores conselhos — ela pisca com aquele ar de sabichona que possui. — Você fará muitos olhinhos brilharem, tenho certeza disso.

— Como assim muitos olhinhos? Onde vamos? — pergunto tomada de curiosidade.

— Saberá em breve, aliás — Beth confere o horário em seu relógio — precisamos ir, está na hora.

— Então vamos! — digo, sem pensar em fazer qualquer outro questionamento para sanar minha curiosidade, pois sei que Beth não está disposta em abrir o jogo.

Deixamos o quarto de mãos dadas e Beth nos conduz pelos corredores

da clínica exibindo um largo sorriso para as pessoas que encontramos no meio do caminho e principalmente a mim, hoje em especial sinto-a animada e provavelmente deve ser por conta desse compromisso misterioso. No elevador ela aperta o número do andar da pediatria, fazendo-me saber que é para lá que estamos indo, e só o fato de saber que estarei no mesmo ambiente em que Leonardo fico ainda mais animada. A noite anterior ele não passou em meu quarto, como algumas outras e isso foi o suficiente para me fazer sentir sua falta. Leonardo e Beth continuam se alternando em me fazer companhia, tal como era enquanto estava em coma e além disso sempre que a agenda dele está livre ele vem em meu quarto, já eu só faço meu caminho até a pediatria para ver Valentina e não são em todas as ocasiões que ele pode estar junto, por isso o fato de saber que vou onde ele está, faz com que meu coração bata em um ritmo mais acelerado.

Ao chegarmos na recepção Beth fala com Daisy, a secretária de Leonardo. As duas trocam algumas palavras, mas não presto atenção pois concentro-me em levar meu olhar para todos os cantos possíveis na esperança de ver o doutor mais lindo desta clínica.

— Vem, Malu, já estão todos esperando por nós. — Beth fala, tornando a pegar em minha mão e puxando-a para acompanhá-la.

— Meu Deus, Beth, estou ansiosa com tanto mistério, vai ou não me dizer do que se trata? — falo, fitando a lateral de seu rosto que tem um sorriso maroto.

— Acalme-se, mocinha! — Ela diz, parando ante a uma porta que fica no final do corredor e percebo que passei pela porta do consultório de Leonardo e nem me atentei em olhar para ver se estava aberta.

Beth abre a porta minimamente, enfia a cabeça para dentro da sala e depois volta para fora olhando-me com um sorriso ainda maior.

— Deixe-me ver você... — ela estica os braços segurando em meus ombros, desliza seu olhar por todo o meu corpo e vai até o laço do meu vestido e ajeita-o. — Agora me diga, princesa, você já viu seu príncipe hoje?

Enrugo a testa diante da sua pergunta.

— Viu ou não viu? — Beth volta a questionar.

— Não, não vi — respondo, sofrendo de tanta ansiedade e curiosidade.

— Pois então abra a porta, ele está bem ali esperando pela princesa dele.

— Beth... ?

— Apenas abra e se permita entrar no conto de fadas, Malu.

Inspiro com força, não faço ideia do que ela e Leonardo estão aprontando e sem esperar mais levo a mão até a maçaneta da porta, abro-a

lentamente e a primeira visão que tenho é de um grupo de crianças sentadas em *pufs* coloridos, os olhinhos delas estão todos vidrados em algo a frente que ainda não entrou em meu campo de visão, então abro mais a porta e dou um passo à frente e o que vejo faz meus olhos brilharem e meus lábios estenderem num sorriso aberto, assim como o das crianças. Leonardo de pé usa uma coroa e em vez de seu jaleco usa uma capa azul royal.

— A princesa chegou! — uma menina anuncia. Um rubor sobe por todo meu rosto assim que todas as crianças voltam seus olhares para mim, timidamente sorrio para eles e em seguida levo meu olhar para Leonardo.

— Entre nobre princesa e seja bem-vinda! — Ele diz de forma cortês, tomando minha mão na dele e beijando-a. Seu olhar é um misto de ternura e alegria.

— O que é isto? — sussurro para ele.

— Hoje é dia de contação de história para as crianças, Beth e eu achamos que você iria gostar de participar — explica, e eu assinto sem saber de fato o que me espera. — Agora dê seu olá, eles estavam ansiosos pela sua chegada. E não se esqueça, você é a princesa Malu. — Leonardo cochicha em meu ouvido.

Ah meu Deus que vergonha!

Tudo bem... vamos lá, limpo minha garganta ajusto minha postura e miro minha atenção em todos os pares de olhinhos felizes.

— Olá, crianças... boa tarde! Eu sou a princesa Malu e... bem, estou muito feliz de estar aqui com vocês — digo, timidamente.

As crianças respondem um sonoro “boa tarde” e todas essas vozes infantis cheias de simpatia fazem-me começar a relaxar.

— Princesa, onde está sua coroa? — A mesma garotinha que anunciou minha chegada, pergunta desconfiada.

— Boa observação, Giovanna — Beth diz, passando por nós e indo até uma mesa e nela pega uma coroa e entrega para Leonardo.

— Aqui está a sua coroa, princesa. — Ele fala colocando gentilmente a coroa em minha cabeça.

— O que eu devo fazer? — volto a sussurrar para ele, a fim de que as crianças não notem o quanto essa princesa está atrapalhada.

— Apenas se deixe levar pela brincadeira. E faça-as entrar e viver no mundo de faz de conta.

Assinto para Leonardo e decido por fim deixar a vergonha de lado e fazer o que ele diz.

Beth se posiciona e pigarreja para chamar a atenção das crianças, informando que a história vai começar. Para Leonardo e eu, ela oferece uma

piscada de olho.

— Era uma vez um príncipe... ele era um príncipe muito bonzinho que adorava cuidar de crianças que estavam doentes. Em seu castelo havia uma área destinada somente para cuidar das pessoas doentes, era um espaço que se parecia muito com um hospital, assim como esse que estamos — indica ao redor. — Um dia ele estava fora do hospital e recebeu um chamado para vir o mais rápido possível, pois, mais uma criança precisava dele. Mas ao cavalgar em seu cavalo branco o mais rápido possível, ansioso para chegar, algo terrível aconteceu... — ela faz uma pausa em tom de suspense e olha para Leonardo. Leonardo desvia seu olhar para mim e depois para as crianças e começa a contar a parte dele.

— Sim, algo muito terrível. O príncipe se descuidou por um segundo da sua atenção enquanto cavalgava e acabou por atropelar uma mulher, ele ficou completamente nervoso e com uma grande tristeza por ter provocado aquele acidente, pois jamais desejou fazer algo tão ruim a uma pessoa... — Leo fala, transparecendo seus reais sentimentos ao que aconteceu. E pelo que acabo de ouvir do início dessa história, eu a conheço e isso me dá mais tranquilidade pois será fácil contá-la a essas crianças

— Mas... — Beth acrescenta e transfere seu olhar para mim, compreendo que é a minha vez.

— Mas o príncipe ainda que nervoso, segurou carinhosamente a mão da mulher que ele atropelou e lhe prestou toda a sua ajuda. Fazendo assim, com que ela não sentisse medo algum, pois com ele ao seu lado a mulher se sentiu segura... — digo, externando com sinceridade o que senti e minha voz em tom brando, acalma o olhar apreensivo das crianças.

— Então... — Leonardo retorna a contar — o príncipe a levou para o hospital do castelo e lá ele ajudou a cuidar dela para que todos os machucados da mulher fossem curados. Mas para que ela pudesse se recuperar totalmente, essa mulher, que aliás — nesse momento ele olha para mim dando-me um sorriso — era uma linda mulher, teve que ficar dormindo por muitos e muitos dias...

— Ela dormiu igual a bela adormecida? — um garotinho pergunta.

— Sim, igual a bela adormecida — Beth responde — e no período em que ela ficou dormindo, uma enfermeira *muiiito* legal e *muiiito* querida — a forma engraçada e enfática que ela usa nos faz rir — cuidou dela, assim como o príncipe também...

Beth e Leo trocam um olhar que expressa cumplicidade, eles sorriem e Leonardo volta a falar:

— Durante esses dias em que o príncipe passou ao lado da mulher, tratando de seus ferimentos, ele percebeu que um sentimento muito especial crescia em seu coração. O príncipe passava os dias olhando para ela enquanto

dormia e sempre admirava sua beleza e desejava que a mulher acordasse para que ele pudesse dizer e demonstrar tudo o que estava sentindo por ela. — Sua declaração me pega de surpresa e sinto que é a vez de contar a minha parte e surpreendê-lo.

— Enquanto a mulher dormia, mesmo sendo um sono profundo, ela foi capaz de sentir a presença do príncipe ao seu lado. Bom, na verdade, ela ainda não sabia quem ele era. Mas, ainda assim, gostava da sensação reconfortante que sentia cada vez que ele estava por perto.

Leonardo me olha com atenção e a surpresa que desejei proporcionar a ele está estampada em sua expressão. Seus lábios se curvam em um sorriso.

— Mas aí... um dia a mulher despertou — Beth fala.

— Com um beijo do príncipe? — a menina Giovanna pergunta entusiasmada.

— Não, não foi com o beijo do príncipe — conto — ela apenas abriu os olhos e assim que voltou do seu sono profundo ela teve o carinho da enfermeira que era *muuuito* legal e *muuuito* querida...

— Que imediatamente chamou o príncipe para vê-la acordada. — Beth completa.

— E assim que o príncipe entrou em seu quarto e a viu de olhos abertos e seus olhares se encontraram, o príncipe teve certeza que não podia mais conter a vontade de demonstrar e principalmente dizer tudo o que estava sentindo pela mulher que atropelou. — Leonardo diz, olhando-me com intensidade.

Inspiro e expiro fundo lembrando-me do nosso primeiro contato após o acidente.

— A mulher acordou e ao saber que tinha ficado dormindo por tantos dias e que seu acidente tinha sido grave ela ficou muito assustada, foi então que o príncipe mais uma vez a amparou e em seus braços ouviu seu choro, mas apesar de estar chorando ela se sentiu segura nos braços do príncipe e desejou que tivesse para sempre aquele abraço em seus dias. — Conto e meu olhar se mantém em Leonardo.

— Os dias foram se passando e sem conseguir mais esconder o que sentia pela mulher, o príncipe declarou todo o seu amor e pediu que ela aceitasse ser a sua princesa. — As palavras de Leonardo saem tão ternas que me deixam emocionada.

— A mulher — falo contendo a leve emoção que se forma em meu peito — ficou muito feliz com o pedido. Pois, com os dias que se passaram ela também sentiu crescer em seu coração um sentimento muito especial pelo príncipe, mas tinha medo de se entregar ao amor.

— Por isso o príncipe teve que insistir um pouquinho e explicar que tudo o que sentia pela mulher era sincero e o que mais queria era fazê-la feliz.

A esse ponto da história já não estamos mais olhando para as crianças enquanto falamos, apesar de que deveríamos, mas nossos olhares estão imersos um no outro.

— Então a mulher decidiu que estava disposta a viver e sentir esse amor que crescia entre os dois e aceitou, tomada de forte emoção, ser a princesa do príncipe bonzinho — digo, vislumbrando seu sorriso.

— E foi assim que o príncipe sentiu a maior alegria da vida dele. Porque, apesar de ser muito feliz cuidando das crianças o príncipe se sentia só. E no fundo sempre esperou que a mulher certa cruzasse o seu caminho para torná-la sua princesa, fazê-la muito feliz e amá-la para sempre.

Respiramos próximo um do outro e meu coração bate descompassado.

— Ué! Mas e quando é que o príncipe beija a princesa? — Ouço uma das meninas da plateia perguntar.

— Agora! — Leonardo responde levando a mão até minha nuca envolvendo-me e me beija como num conto de fadas.

Sinto o gosto de seus lábios em minha boca e é tão agradável. O beijo é afetuoso e faz brotar aplausos e gritinhos animados da plateia que nos assiste.

— E assim o príncipe Leo e a princesa Malu, casaram-se e tiveram muitos filhos e foram felizes para sempre. — A voz de Beth se sobressai na algazarra. Leonardo e eu finalizamos o beijo lentamente, ele afaga meu cabelo e em seguida leva os lábios até meu ouvido e sussurra:

— Seja a minha princesa da vida real e vamos viver o nosso felizes para sempre.

Entrelaço minha mão em seu pescoço e diante da doçura do seu olhar aceito ser sua princesa.



— Que tal um passeio no jardim, nobre princesa? — Leo fala, assim que deixamos a sala repleta de crianças e alcançamos a porta do seu consultório.

— E o nobre príncipe possui tempo para isso? — pergunto, fitando os traços bonitos de seu rosto, principalmente sua barba que está por fazer e alguns fios de tonalidade loura se sobressaem aos demais.

Ele tira do bolso da calça o celular e checka o horário.

— Pelo menos uns trinta minutos.

— Perfeito.

— *Ok*, vou só guardar as coroas e capa no consultório e podemos ir.

Leonardo entra em sua sala e deixa em cima da mesa nossa “fantasia” de príncipe e princesa e logo em seguida retorna oferecendo-me seu braço, sem hesitar aceito e assim caminhamos de braços dados até o jardim. Sentamo-nos em um dos bancos que possui uma sombra feita por uma das palmeiras e observamos por uns segundos o céu azul claro, limpo de nuvens e com um sol que brilha majestosamente.

— Eu nunca fiz nada parecido com o que acabamos de fazer, achei incrível. E acho que mesmo no improviso conseguimos fazer com que as crianças gostassem da história — digo, com meu corpo virado para frente enquanto observo uma pequena borboleta voar entre as flores de uma azaleia.

— Isso porque é uma história real que conhecemos bem, foi fácil de contar. — Ele responde, também virado para frente e nesse instante passa o braço pelo meu ombro deixando a mão apoiada nele e com um leve puxão aproxima meu corpo ao dele.

— Verdade e eu adorei... adorei de verdade. Vocês sempre fazem isso? — Viro-me encarando seu rosto e admiro o brilho cintilante de seus olhos verdes.

— Sim, uma vez na semana. Algumas crianças ficam muito tempo internadas e esta é uma forma de distraí-las e de alguma forma, tornar esse período mais agradável. Além disso temos um grupo de voluntários que também faz um trabalho muito bacana, visitando-as em seus quartos, cantando músicas, fazendo piadas, distribuindo alegria e carinho.

— Isso é importante, deve fazer um bem danado para elas. — Sorrio, lembrando-me dos olhares felizes que presenciei diante daquele momento de descontração, fazendo-os esquecer das dores.

Leonardo se cala por um instante, contemplativo.

— O que foi? — pergunto.

— Nada, estava só reparando como é bonita a forma que seus lábios se movem cada vez que sorri. E como seu olhar é expressivo e demonstra tudo o que sente aqui dentro. — Sutilmente, Leonardo toca meu peito e eu baixo meu olhar.

Fico um tanto tímida com essas observações. Mas esta é uma verdade sobre mim, muitas vezes falo através dos olhos do que com palavras.

Ficamos em silêncio concentrado um no olhar do outro, mas o silêncio não é constrangedor ao contrário é íntimo. Não precisamos de palavras para dizer o quanto sentimo-nos bem um com o outro.

Um vento sopra de repente bagunçando alguns fios do meu cabelo ele passa a mão por ele e depois a leva aberta até meu rosto, o toque é reconfortante, inclino a cabeça deixando-me descansar nela.

— Mas me diga, quais são seus planos para quando voltar para casa? Meu pai disse que em breve você receberá alta.

— Meus planos?... Bom... não parei para pensar nisso. Mas preciso colocar as coisas em ordem, visitar a minha avó e aos poucos retomar de onde parei, fazendo minhas entrevistas de emprego.

— Entendo. E o que precisar sabe que pode contar comigo. Na próxima semana eu tenho um congresso para ir, mas dependendo do dia que receber alta ainda estarei aqui e gostaria de levá-la para casa.

— Agradeço, mas moro tão perto. Um táxi me deixará em frente ao meu prédio em poucos minutos.

Ele entrelaça nossas mãos, massageia meus dedos enquanto fala:

— Tudo bem, mas seu estiver na cidade ainda, serei o seu táxi.

— Não tenho direito a objeções, não é?

— De jeito nenhum.

Leonardo segura meu rosto em suas mãos, aproxima lentamente seu rosto do meu.

— Vou sentir falta de você. — Ele diz, pressionando os lábios nos meus e inspirando fundo.

— Eu também — respondo com um certo aperto no peito.

É palpável esse sentimento que nos envolve e que cresce a cada momento em que estamos juntos, assim como é certo que mesmo que nossos corpos não estejam próximos fisicamente, ainda assim, Leonardo começa a ficar cravado em mim e eu nele. Pois meu coração já bate em ritmo constante chamando-o e entregando-se a este homem que não chegou em um cavalo branco como os príncipes dos contos de fada, mas sim em um carro jogando-me (literalmente) no chão, mas que se tornou, meu príncipe. Essa não é a forma

mais comum de se encontrar um príncipe, mas foi a forma que encontrei o meu.
E... bom eu continuo no chão caidinha de paixão por ele.



Duas semanas, hoje faz duas semanas que deixei a clínica. Ao deixar aquele local eu senti um misto de alegria e tristeza, habituei-me a curta rotina que vivi lá. Durante o dia eu sempre tinha a companhia de Beth, íamos juntas visitar Valentina, em algumas situações Leonardo estava presente, outras não, por estar ocupado. Mas quase todas as noites eu o tinha deitado ao meu lado. E sabe o bom senso? Pois é, foi difícil de manter, a cada noite nossas carícias tornavam-se mais intensas, mas... nada além disso aconteceu, eu disse que foi difícil, mas não impossível. E apesar de sentir que tanto eu quanto Leonardo queríamos mais do que as carícias, nos limitamos a elas.

Desde que voltei para casa, estou organizando minha vida, a primeira atitude foi visitar minha avó e como sempre acontece, ela não me reconheceu, fico triste, mas tirando o Alzheimer a sua saúde é muito boa, pelo menos isso. Também retomei as aulas na pós-graduação — estou na reta final, não posso nem quero perder este último semestre — paguei as contas atrasadas, e por fim atualizei meu contato nos locais onde fiz cadastro para emprego. Quando liguei para o escritório da vaga que eu tanto desejei, tive a feliz surpresa de saber que ela ainda não fora preenchida, e melhor que isso, tenho minha entrevista agendada novamente. Dessa vez, não a perco por nada nesse mundo.

Tudo está indo bem, mas poderia estar melhor, a falta que sinto de Leonardo e nossas noites juntos é a única parte mais difícil dessas duas semanas que retomei minha vida fora da clínica. . E para ajudar a aumentar ainda mais a saudade, Leonardo teve que deixar a cidade um dia antes de eu receber a alta médica prescrita por doutor Henrique, que inclusive, fez questão de repetir todos os exames mais de uma vez, para garantir que eu estava bem. Como nossas datas não coincidiram, tive que retornar para casa sozinha e não na companhia de Leonardo, como ele disse que faria. O congresso em outro estado, agendado com meses de antecedência, fez grande a nossa distância. Ele estava relutante em ir por minha causa, mas é obvio que ele não poderia cancelar, todo um planejamento foi feito com sua agenda para que pudesse ficar fora esses dias todos.

Porém, Leonardo foi suficientemente atencioso comigo, sempre que tinha disponibilidade me ligava ou mandava mensagens, fez questão de nos manter em contato e tinha sempre sua preocupação em saber se eu estava bem. Ele é incrível, e por vezes me pergunto se ele é real, ou faz parte de um sonho que estou tendo ainda, em coma.

Real ou não, de uma coisa eu tenho certeza, ele está de volta, pegou-me de surpresa quando o meu celular tocou nas primeiras horas da manhã e sua voz ressoou em meu ouvido, dizendo-me que tinha acabado de sair do aeroporto e estava indo direto para o orfanato, pois é o sábado que ele tem o compromisso em atender as crianças. Quanta disposição, quanta doação e eu só consigo sentir total admiração por ele ser assim.

Não aguento mais essa saudade, é para lá que eu vou. Já conheço o caminho, fui algumas vezes para visitar Valentina, que também deixou a clínica no mesmo dia que eu. A primeira vez Beth foi comigo e isso facilitou meu contato com as responsáveis, e com a frequência que tenho ido, já fiz até amizades por lá e sempre sou muito bem recebida.

Arrumo-me com pressa, uma calça jeans confortável, uma blusinha básica e sapatilhas são o suficiente para o lugar que estou indo, capricho no perfume — que eu sei que tanto o agrada —, pego a bolsa, confiro minha expressão feliz no espelho antes de deixar meu quarto, sorrio ao pensar que em pouco tempo estarei com Leonardo.



Após dirigir por quase uma hora e meia, desligo o motor do carro e o paro em frente ao alto portão de ferro da entrada do orfanato.

É incrível como alguns quilômetros longe do centro urbano, o visual muda completamente. A primeira vez que estive aqui fiquei impressionada com o tamanho do local, o caminho depois do portão até a porta principal é ladeado de palmeiras, que pelo tamanho imagino que foram plantadas há muito tempo, a construção tem uma arquitetura antiga. Antes de se tornar um lar para crianças este local era um convento, sinto-me como se estivesse em um cenário de uma novela de época.

Faço o meu caminho contemplando o verde das árvores e o colorido das flores que estão em plena vida por conta da primavera, uma leve brisa sopra bagunçando meu cabelo, inspiro o ar puro, inspiro esse sentimento de saudade e alegria, e a cada passo estou mais perto de ver Leonardo.

Ao aproximar-me da entrada principal avisto um grupo de crianças brincando no gramado, escuto a algazarra delas ao mesmo tempo em que uma freira pede incessantemente para que contenham o barulho. Quando passo por eles minha presença é notada, educadamente aceno, em resposta tenho um coro de vozes infantis desejando-me bom dia.

Em seguida ouço risadinhas acompanhadas de cochichos indecifráveis, até que um é falado exatamente quando as risadas param, e eu sou capaz de ouvir e ver uma menina — de cabelos lisos e escuros presos em um rabo de cavalo — dizer a coleguinha que está ao seu lado algo que mexe comigo.

— Essa é aquela mulher bonita que vem sempre ver a Valentina. Acho que ela vai adotar a bebezinha.

A menina provavelmente não possui mais do que dez anos de idade, mas já é capaz de tirar suas próprias conclusões sobre o fato de eu visitar Valentina frequentemente.

Eu não paro de caminhar, enquanto aquelas palavras ditas pela garotinha ficam repetindo-se em meu pensamento "acho que ela vai adotar a bebezinha", e um grande sinal de alerta surge em minha mente.

Chego à porta, ela está aberta, entro e encontro outra freira sentada em uma cadeira atrás de uma pequena mesa de madeira.

— Bom dia, irmã Salete — digo, chamando-a pelo nome, pois já a conheço.

Nas outras ocasiões em que estive no orfanato conversamos bastante,

contei a ela sobre o meu acidente, e como conheci Valentina e Leonardo.

— Bom dia, Maria Luiza! Que surpresa boa, veio visitar Valentina?

— Sim... também. Mas antes gostaria de falar com o doutor Leonardo, se for possível.

Observa-me por um instante antes.

— Ele está aqui atendendo as crianças, não está? — acrescento.

— Ah sim. Ele está. Venha, vou levá-la até o seu consultório.

— Obrigada — agradeço, sentindo um leve constrangimento, pois talvez, não seja uma boa ideia interrompê-lo.

Caminhamos pelos corredores de assoalho de madeira, que pelo brilho que ostenta dever ser sempre muito bem encerado.

Diante da porta, a irmã bate e logo em seguida a abre, eu vejo um rosto familiar, a secretária de Leonardo que trabalha com ele na clínica e pelo visto também o auxilia com as consultas aqui do orfanato.

Assim que ela me vê, oferece-me um sorriso.

No período em que fiquei na clínica não tive muito contato com ela, mas sempre demonstrou ser uma boa pessoa e, além disso, muito simpática.

— Maria Luiza! Que surpresa ver você aqui. Como vai? — Ela se levanta da cadeira em que está sentada e abraça-me.

— Eu estou bem, surpresa encontrar você aqui também, Daisy.

— Pois é eu sempre venho para ajudar o doutor com os prontuários dos pacientes e no que mais ele precisar.

— Isso é bom.

— É sim, e eu gosto muito de estar aqui. — Daisy diz, com um sorriso sincero.

Noto que a sala está sem pacientes em espera, então questiono:

— Ele está atendendo?

— No momento não. Saiu ainda há pouco, foi até o jardim dos fundos. Pediu uma pausa, pois precisava fazer uma ligação. — Ela explica.

No momento em que Daisy termina de falar, começo a sentir o celular vibrar em minha bolsa, tiro-o para fora e não contenho o sorriso nos lábios, as duas observam-me com certa curiosidade, mostro a elas a tela do meu celular com o nome de Leonardo.

— Pelo visto — irmã Salete diz — é com você que o doutor quer falar, sabe o caminho até o jardim?

— Sei sim, irmã. Obrigada.

Não tomo tempo, deixo a sala e faço com pressa o trajeto até o jardim.

Visualizo Leonardo, e meu coração já começa a acelerar, ele está de costas, e por isso, ainda não notou minha presença.

Aproximo-me devagar, observando-o.

Ele está com o celular no ouvido, e eu continuo a sentir o meu vibrando no bolso da calça, não contei, mas acho que essa foi a terceira chamada seguida que ele fez, na tentativa de falar comigo.

— Leo?! — chamo-o de onde estou.

Leonardo vira-se no mesmo instante em que ouve minha voz e assim, posso contemplar sua face tomada por surpresa e um amplo sorriso. Ele caminha com passos firmes e rápidos em minha direção, dando fim ao espaço que nos mantém afastados.

Quando ficamos diante um do outro, toca-me o rosto com sua mão, descanso nela, sentindo o calor que seu toque transmite. Seus olhos me percorrem, com a outra mão que está livre me puxa pela cintura grudando nossos corpos. Ele não fala nada, seus lábios vão direto ao encontro dos meus.

Beija-me, um beijo cheio de saudade, um beijo sem reservas, um beijo que suga meus lábios e minha língua, um beijo que me faz sentir aquela enxurrada de hormônios.

— Ah... Maria Luiza, quanta saudade eu senti de você. — Ele diz, ainda com os lábios colados ao meu.

— Eu também, Leonardo. Não poderia esperar nem mais um minuto para te ver.

E ali sob a luz do sol, naquele lindo jardim, era possível ouvir nossos corações batendo em plena felicidade. Beijamo-nos por todo o tempo suficiente para matar um pouco da falta que sentimos um do outro.



Com você

LEONARDO

Eu nunca poderia imaginar que desejaria não querer ir a um curso, mas dessa vez essa possibilidade passou pela minha cabeça. Ter que me ausentar, justamente quando Maria Luiza estava para receber alta, foi terrível.

Após a conversa esclarecedora que tivemos, onde expus todos os meus sentimentos a ela, assim como ela também o fez, serviu para abrir totalmente a porta dos nossos corações. Se antes esta porta estava semiaberta — por algum tipo de receio — agora ela está escancarada com o espaço necessário para que todo esse lindo e inesperado sentimento passe através dela e preencha o vazio dos nossos corações. Mas, ainda assim, queria poder acompanhá-la em seu retorno para casa, queria permanecer perto, demonstrando-a que tudo o que eu disse é verdade, e que nada mudaria quando ela saísse da clínica.

Infelizmente isso não foi possível, contudo a cada dia dessas duas semanas que ficamos longe, não poupei as ligações e nem as mensagens, a todo instante que podia fazia do aparelho celular o instrumento para nos deixar próximos e não perder contato.

Agora no táxi indo direto para o orfanato, eu só consigo pensar como é grande a saudade que sinto e como desejo poder abraçá-la, tê-la perto e não permitir que nada mais nos afaste.

Consegui antecipar o meu retorno em um dia, e até seria possível cancelar as consultas com as crianças, mas não acho justo, por isso terei que ser paciente por mais algumas horas até que enfim eu possa ir ao seu encontro.

Ao chegar ao orfanato sou recebido carinhosamente pelas freiras, e como de costume, antes de iniciar as consultas bebo uma xícara de café fresco com um pedaço de bolo de fubá que elas sempre me oferecem e que eu tanto gosto.

Assim que termino de comer e conversar um pouco com elas, peço para ver Valentina — mesmo que já esteja no horário de começar a consulta dos pequenos —, pois além da falta que senti de Maria Luiza, a de Valentina também foi forte e constante em meu peito, e eu preciso muito vê-la.

Subo as escadas e chego ao quarto onde minha menina valente dorme. O quarto com várias camas de solteiro — que estão vazias e arrumadas, pois as outras crianças já acordaram e estão fazendo suas atividades — agora também tem um berço, que é o único, já que o orfanato acolhe apenas crianças com mais idade.

Valentina foi uma exceção, foi um pedido que fiz e que foi gentilmente atendido. Eu sei os cuidados e despesas que um bebê requer, por isso quando fiz o pedido assumi com as freiras que ajudaria no que fosse preciso, me propus inclusive a pagar uma pessoa para que ficasse sempre responsável em cuidar dela, mas as irmãs não aceitaram, falaram que elas poderiam fazer isso com a ajuda das outras monitoras que o orfanato possui.

Aproximo-me devagar para não a acordar, a freira que está no quarto, sentada em uma cadeira com seu livro de leitura nas mãos, sorri ao notar minha presença e vem em minha direção.

— Bom dia, doutor Leonardo. Como vai? — Ela diz, serenamente.

— Bom dia, irmã Sandra, estou bem. E a senhora?

— Muito bem, graças a Deus.

— E Valentina, como tem se comportado à adaptação do seu novo lar? — questiono.

— Ela está muito bem, doutor, é muito calminha, dorminhoca e gulosinha — sorrimos —, estou dando a ela mamadeira de três em três horas como o doutor recomendou, mas por vezes, parece que a menina quer sempre mais, confesso que em alguns dias eu diminui o tempo de espera de uma mamadeira para a outra.

— Pois é assim mesmo, nessa fase o recém-nascido quer ser alimentado o tempo todo, o estômago é bem pequeno, a quantidade de leite que ingere a cada vez é o suficiente para o momento, mas logo sente fome novamente — explico — alguns até ficam por três horas sem, mas outros não.

— Então, pelo jeito Valentina é um desses que querem comer o tempo todo. — A irmã diz, de um jeito brincalhão.

Sorrio ainda mais, ao pensar o quanto gulosinha Valentina é.

— Você fez muito bem em oferecer a mamadeira antes do horário previsto, o importante é sentir e identificar o que o bebê necessita.

— Que bom, doutor, fico mais tranquila em saber que fiz o correto. Falando em mamadeira, vou aproveitar que o doutor está aqui e vou à cozinha preparar, pois em breve ela deve acordar com fome.

— Tudo bem, pode ir sossegada, eu fico aqui com ela — respondo, e até gosto que eu possa ter um tempo sozinho com Valentina.

Em seguida, paro ao lado do berço, vejo-a vestida em uma das roupinhas que lhe comprei, como Valentina é linda. Analiso-a em contentamento, pois dorme um sono tranquilo. De lado, com as mãozinhas juntas ao rosto que pressiona suas bochechas gordinhas, a boca em formato de um pequeno coração está entreaberta, a respiração compassada faz seu peito subir e descer. Vê-la me desperta uma sensação sem igual.

Os dias em que fiquei sem ver esse rostinho, era como se algo estivesse faltando em minha vida, preciso segurá-la, tê-la em meus braços para só assim confortar esse meu coração cheio de saudade.

Pego-a com ternura e no mesmo instante ela abre os olhos, espreguiça-se em meu colo, ensaiando um chorinho e eu a conforto.

Embalando-a converso baixinho com Valentina, digo o quanto senti sua falta e o quanto ela cresceu. Seus olhos fitam-me como se tentassem reconhecer quem eu sou. Quando passo minha mão em sua fina camada de cabelo, ela esboça um sorriso e isso é acalentador. É como se ela pudesse sentir-se em paz e segura no meu colo.

Penso o que será do seu futuro, penso quem foi que a abandonou e penso também na família que terá a sorte de receber esse bebê tão lindo e adorável. E assim que constato a realidade — que esses nossos momentos não serão para sempre — sinto um nó se formar em minha garganta, sofro por antecipação.

Meu envolvimento com a pequenina foi além, não planejei isso. Ela chegou tão vulnerável na clínica que eu só pensei em lhe dar todo o meu carinho e atenção. E agora eu tenho que aceitar que em algum momento nossa separação irá acontecer. A não ser que... que eu seja a família que ela precisa.

— Doutor, sua secretária pediu para avisar que as crianças já estão prontas, aguardando-o para iniciar as consultas.

Irmã Sandra está de volta com a mamadeira em suas mãos e o braço estendido para pegar Valentina.

— Certo, eu já vou então. Obrigado por avisar.

Entrego minha menina a ela, e os pensamentos de que se eu seria capaz de criar um bebê continuam martelando em minha mente.



Minha concentração não está das melhores. Decido fazer uma pausa.

Preciso de ar fresco e principalmente, preciso ligar para Maria Luiza — essa saudade que estou sentindo da mulher que me trouxe as melhores sensações está me consumindo. Quem sabe ao ouvir a voz dela eu possa aguentar por mais algumas horas.

Depois de algumas tentativas, fico frustrado, minhas ligações para ela caem todas na caixa postal. Decido fazer a última, antes de voltar para as consultas.

Atenda...

Por favor, eu preciso ouvir sua voz...

Atenda... Malu...

Atenda...

— Leo?! — Ouço-a dizer, mas não é do celular que vem sua voz.

Viro-me e a vejo.

Minha boca se abre em surpresa e logo em seguida em um sorriso imenso.

Não posso acreditar, ela está aqui!

Caminho rápido até Maria Luiza, concluo que está ainda mais linda e que essas duas semanas foram uma eternidade.

Toco o seu rosto, e faço isso como uma forma de ter certeza de que ela não é fruto da minha imaginação. Seus olhos cor de avelã tornam-se ainda mais brilhantes sob a luz do sol, a intensidade deles me diz que ela também não aguentava mais de saudade.

Eu sofri a ausência dessa mulher, sofri a cada dia que não pude vê-la e principalmente todas as noites em que eu não a tive junto do meu corpo, igual como às vezes em que dormia com ela na clínica.

Não sou capaz de esperar nem mais um segundo. Puxo-a para mim e a beijo.

Beijo-a deixando escapar pela boca toda a saudade.

Sinto os lábios voluptuosos de Maria Luiza, sugo-os gulosamente, meu corpo todo reage ao estímulo do sabor da sua língua quente, movendo-se com a minha.

Percebo, através desse beijo que Maria Luiza desejou este reencontro tanto quanto eu.

— Ah... Maria Luiza, quanta saudade eu senti de você — digo, com

lábios colados nos dela, pois não quero separá-los.

— Eu também, Leonardo, senti muita saudade. — As palavras confirmam o que senti no beijo.

Volto a beijá-la e faço agora delicadamente, com os dedos tocando o seu queixo. Saboreio lentamente cada pedacinho dos seus lábios, subo para suas bochechas, e só paro quando alcanço o lóbulo da sua orelha, passo minha língua nele, ouço o gemido baixo que escapa de sua boca, suas mãos apertam com força meus braços na tentativa de manter-se firme aos efeitos que lhe provoco.

Sorrio e ainda com a boca colada em seu ouvido sussurro:

— Você tem sorte que estamos nesse lugar rodeado de crianças e freiras. — Ameaço-a.

— Porque se não, o que você faria, doutor? — Sua voz é provocante.

— Te deitaria nessa grama e te amaria aqui mesmo — sussurro novamente e dessa vez minha voz está ainda mais densa.

Sinto-a estremecer em meus braços.

— Então julgo que não seja sorte, e sim azar, pois eu adoraria ser amada por você aqui nesta grama — diz, provocando-me. — Ou em qualquer lugar.

E agora, quem estremece sou eu (ainda mais).

Nosso frenesi de beijos e provocações cessa ao ouvirmos o pigarrear de alguém. Esta é a maneira que uma das irmãs encontrou para chamar nossa atenção.

E por sorte trata-se da irmã Ana. Digo sorte, porque de todas as freiras ela é a mais risonha e mais brincalhona e que, por vezes, para uma freira, fala coisas que faz com que as outras revirem os olhos em desaprovação e roguem a Deus por perdão.

— Doutor, o próximo grupo de crianças já o aguarda. — Ela avisa, com um sorrisinho nos lábios e posso perceber daqui onde estou seu rosto corado.

— Obrigado irmã, eu já vou — respondo, ela acena e desaparece da nossa visão, mas antes, somos capazes de ouvir sua risadinha contida.

Maria Luiza e eu sorrimos como crianças travessas.

— Vá antes que sejamos expulsos por comportamento inapropriado. — Ela diz, encostando o rosto em meu peito, e apesar de me dizer para ir, seu gesto demonstra o contrário.

— Venha comigo — afasto-a para olhar em seus olhos —. Eu não quero que vá embora agora, fique.

— Não se preocupe, só vou embora com você, e enquanto te espero aproveito para passar um tempo com Valentina.

— Perfeito! Eu já fui vê-la mais cedo, está cada vez mais linda e cresceu muito também, você notará a diferença.

— Eu sei. Eu a tenho visto.

— Como assim? Você já tinha vindo aqui antes, então? — questiono, admirado.

— Sim. Algumas vezes — confirma, mordendo o lábio inferior, de um jeito receoso.

Dou-lhe um olhar interrogativo, pois o tempo que nos falamos enquanto eu estava viajando ela nunca comentou que tinha vindo ao orfanato.

— Desculpe, deveria ter contado a você. Eu não disse nada antes porque.... não saberia sua reação, se iria achar que eu estava sendo intrometida demais vindo até aqui. Enfim... não foi por mal eu só...

Maria Luiza baixa a cabeça, parece arrependida e culpada por não ter me contado.

— Ei... tudo bem, não se preocupe, eu entendo — digo, erguendo seu rosto — e é claro que eu não ficaria incomodado em saber que você a visitou, pelo contrário, teria até ficado mais tranquilo, pois assim teria informações dela. Mas está tudo bem, *ok*?

— Está bem, desculpe mesmo assim.

— Está desculpada. Mas quero que me faça um favor.

— O que você quiser — diz de pronto.

Adoro esse jeito dela, de confiança e entrega.

— Traga Valentina para consulta, e fique comigo enquanto eu a examino.

Seus lábios se abrem em um sorriso, ao ouvir meu pedido.

— Claro, eu vou gostar disso — confirma, animada.

— Ótimo! Agora vamos antes que a freira volte e chame nossa atenção novamente.

De mãos dadas deixamos o jardim e voltamos para as dependências do orfanato, e nesse trajeto que tenho até chegar à sala onde atendo as crianças, eu digo a mim mesmo o quanto gostei de saber do interesse de Maria Luiza por Valentina, eu já havia percebido isso lá na clínica, mas não imaginei que se estenderia quando ambas deixassem o local onde se conheceram e também onde tiveram a chance de renascer.

Fico pensando em nós: Maria Luiza, Valentina e Eu.



Já passa do meio dia quando estou acabando de atender a última criança, uma menininha de nove anos chamada Clarissa, nas consultas ela é sempre a mais desinibida e falante, normalmente me conta suas histórias, faz comentários sobre os coleguinhos. Eu gosto muito da sua forma espontânea de ser.

— Aquela mulher está aí fora com a Valentina no colo. — A menina diz, em um tom de quem está contando um segredo.

— Que mulher? — questiono, tirando minha atenção do prontuário onde anoto as informações e passo a mantê-la em Clarissa sentada na cadeira balançando suas pernas que ainda não alcançam o chão.

— Uma *beeem* bonita, doutor. Eu acho que ela quer adotar a Valentina, porque vem quase sempre aqui.

Fico em silêncio, e até embasbacado com o que ouço de Clarissa. É obvio que para essas crianças, quando uma pessoa começa as visitas frequentes e cria certo vínculo é porque está em processo de adoção, ou pelo menos pensando nele.

Será que isso está passando pela cabeça de Maria Luiza?

— Mas você alguma vez a ouviu dizer alguma coisa sobre adoção? — Sim. Eu estou tentando colher informações de uma menina de nove anos.

— Eu ouvi um dia ela conversando com a irmã Salete, ela disse que quer que Valentina seja feliz. E se ela disse isso é porque quer adotar Valentina. Doutor, qual criança não ficaria feliz em ser adotada? Ainda mais por uma mulher tão bonita, e ela tem uma cara de ser boazinha. Eu ia adorar se ela me escolhesse. — Clarissa fala tudo isso de uma forma tão séria e coesa, que nem parece ter a idade de apenas nove anos.

Apesar da sua desenvoltura que parece com a de um adulto, noto sua expressão triste. Expressão de uma criança que aguarda e sonha em possuir uma família, uma mulher para ser sua mãe.

Saio da minha cadeira, abaixo-me a sua frente.

— Clarissa — pego no seu queixo, levantando sua cabeça — escute-me, você é uma criança adorável, linda, inteligente e logo aparecerá a pessoa certa que irá lhe adotar. Você não pode desistir, nem ficar triste. — Dou-lhe um beijo no rosto. — Tenha fé.

— Eu tenho, doutor, eu tenho fé. Eu rezo todas as noites para que Deus me dê uma mãezinha.

Parte meu coração, ao mesmo tempo em que me surpreende a forma dessa menina lidar com sua situação de abandono. Beijo o topo de sua cabeça e nesse momento também peço a Deus para que ela encontre uma pessoa disposta a lhe oferecer todo o amor que merece.

— Já acabou a consulta, doutor? É que eu tô com fome. — Sua expressão agora animada demonstra que o breve momento de tristeza passou.

— Sim acabou, você pode ir almoçar, Clarissa. — Ela desce da cadeira com um pulo e em segundos deixa a sala.

Já eu, ainda fico aqui abaixado em frente a cadeira, pensando em alguma pessoa que estivesse precisando desse tipo de afeto tanto quanto Clarissa — um nome surge como um letreiro bem grande em minha mente.

— Doutor, nós podemos entrar? — Levanto-me, ao ouvir Maria Luiza.

Ela entra com Valentina nos braços e essa cena deixa-me nervoso, deixa-me ansioso, mas, sobretudo esperançoso. As duas transformaram minha vida no momento em que as conheci, e vê-las dessa maneira aquece meu peito, eu já tinha sentido esse calor quando Maria Luiza acalentou Valentina na UTI neonatal. Mas agora é diferente, Maria Luiza e eu estamos juntos, eu quero mais do que um namoro, eu quero um futuro, eu quero uma vida ao seu lado.

Tudo bem... é tudo muito recente para eu desejar isso? Pode até ser, mas quando você tem a sorte de encontrar a pessoa certa, o tempo que está junto não é fator determinante para dar um passo adiante. Eu quero dar esse passo com Maria Luiza, e para deixar isso tudo ainda mais perfeito, eu quero Valentina junto. Quero nós três. Quero uma família para chamar de minha. Mas será que Maria Luiza também deseja isso?

Saberei em pouco tempo. Pois não pretendo esperar muito.

— Vamos lá, chegou a vez de essa mocinha ser examinada e sabermos o quanto ela cresceu — aproximo-me delas e enquanto pouso minhas mãos em volta de Valentina, deixo meus lábios nos de Maria Luiza em um beijo singelo, porém cheio de sonhos.



Sáímos do orfanato, o sol já estava se pondo, poderíamos ter ido embora antes, mas uma vontade inexplicável nos prendeu no local. Após um almoço delicioso, passamos a tarde brincando com as crianças, conversando com as freiras, e principalmente, paparicando Valentina.

Não desgradamos dela em nenhum momento e a maneira com que a mulher bonita — como a Clarissa definiu Maria Luiza — cuidava da nossa menina, chamou minha atenção e serviu para que eu constatasse que Maria Luiza está tão ligada a Valentina quanto eu. E que instintivamente ela leva jeito para cuidar de um bebê. O que é impressionante, porque até onde eu sei ela nunca teve contato ou teve que cuidar de um.

Quando uma mulher passa por uma gestação, no momento em que dá à luz ela se transforma, é como se seu cérebro fosse reprogramado, cuidar e zelar pelo filho é algo instintivo, isso é comprovado cientificamente — bom, nem todas, a julgar pela mulher que trouxe Valentina ao mundo —, mas geralmente é isso que acontece.

E o que eu vi hoje o tempo todo em Maria Luiza, preocupando-se em alimentar Valentina, trocar a sua fralda, embalar até que dormisse, e garantir que ela estivesse confortável, foi o mais puro instinto materno.

— Você leva jeito com crianças, a forma como cuidou de Valentina foi impressionante — falo, observando a lateral do seu rosto, pois sua atenção está na direção do carro. Vim de táxi e agora tenho o prazer de ganhar uma carona dessa linda mulher.

— Foi mesmo? Porque eu nunca fiz isso antes, eu nem sei se estou fazendo certo, eu apenas tento deixá-la bem e sem chorar.

Seu sorriso é lindo e seus olhos tem um brilho diferenciado enquanto fala.

— Acredite você fez tudo muito certo, Maria Luiza.

— Bom, se você que é um pediatra está dizendo isso, então posso confiar que estou indo bem nessa tarefa de...

Maria Luiza tira os olhos da estrada por um momento para me olhar.

— Nessa tarefa de... — repete e volta seu olhar para frente sem terminar o que ia dizer.

— De...? — insisto para que ela complete a frase, porque algo me diz que ela ia falar *mãe*.

— De cuidar de um bebê. — Maria Luiza diz, como se essas fossem as

palavras corretas para concluir sua frase, e eu continuo a pensar que ela queria dizer outra palavra.

Não falo mais nada e deixo que ela se concentre apenas em conduzir o veículo. Imerso em meus pensamentos começo a prestar a atenção na letra de uma música, que toca baixinho no aparelho de som do carro. Gosto, e por isso tento memorizá-la, para que posteriormente procure e a adicione a minha *playlist* do celular.

*"Conhece todos os meus segredos
Sabe o ponto fraco do meu coração
Me acalma quando eu sinto medo
Minha segurança está em suas mãos
É com você que o amor é intenso
É com você que o sonho é tão real
E é nos teus braços que amanheço o dia
Me faz sentir fora do normal
E é por você, a verdadeira dor da saudade
Sem você, sou apenas aquela metade
Que fica sem ter razão.
A gente tem tudo pra dar certo
Nosso amor foi abençoado por Deus
Eu te preciso e quero ter você por perto
É a minha vida e seu amor sou eu"*

Sabe aquelas tais forças maiores que de alguma maneira trabalham para que determinadas pessoas tenham seus caminhos cruzados? Pois é, elas também trabalham para criar momentos únicos entre essas pessoas.

Em uma infinidade de letras de músicas não haveria uma que definisse tão bem esse momento como esta. Enquanto as vozes masculinas — que eu desconheço — cantam em uma melodia agradável, eu contemplo a beleza de Maria Luiza, recordo-me do nosso primeiro beijo e tudo o que estamos vivendo nesse curto espaço de tempo, desde que tivemos nossos caminhos cruzados.

Em breves instantes vira o seu rosto para mim. Noto seus lábios se mexerem, acompanhando a letra da música — pelo visto ela já conhece — e a maneira como me olha e canta determinadas partes é como se utilizasse da canção para dizer o que sente. E isso me faz sentir essa agradável sensação de estar apaixonado.

Assim que chegamos ao meu prédio, desafivelamente sinto de segurança, dando um longo suspiro. O curso, a viagem de volta, as consultas,

toda a brincadeira com as crianças, me consumira uma grande energia.

— Você parece cansando, precisa descansar, Leo. — A voz de Maria Luiza é suave e doce.

Estou cansando, é verdade, mas não quero ficar longe dela.

— Sobe comigo? — peço, desejando que aceite passar a noite em meu apartamento.

— Eu realmente adoraria, mas você tem que descansar... e bem... eu também, o dia foi bem fora do comum. — Ela relaxa no banco do carro e eu percebo que seus olhos tentam dizer algo diferente do que os lábios acabaram de dizer, há mistério neles.

— Tem certeza? Eu queria ficar mais tempo com você. — Pego suas mãos colocando-as em minha coxa, acaricio-as e em um vai e vem dos meus dedos em seu antebraço, percebo os pelos finos e dourados que realçam sua pele bronzeada se eriçarem.

Gosto do efeito que meu toque provoca nela.

— Podemos fazer isso amanhã? Ou você vai para a clínica? — Ao dizer, Maria Luiza move-se no banco, aproximando-se do meu peito.

— Amanhã estou de folga — afirmo, e imediatamente penso se deveria dizer o contrário, quem sabe assim ela repensasse sua decisão em deixar-me só.

— Ótimo! Podemos combinar algo para amanhã — diz, e tão rápido quanto encosta sua boca na minha, afasta-se.

E aquele seu olhar de mistério ainda é notável.

Tenho vontade de insistir, mas não faço. Aceito sua proposta, eu a queria hoje, agora, mas a ideia de passar o dia todo amanhã com ela, conforta-me.

— Mal posso esperar para vê-la novamente — digo, em seguida busco sua boca para um último beijo.

Já estou fora do carro, quando sou pego de surpresa por uma pergunta que Maria Luiza faz.

— Leo, qual é o número do seu apartamento?

— 501 — respondo, intrigado com sua pergunta.

— *Ok.* — Ela simplesmente dá partida no carro e deixa-me cheio de curiosidade e... desejo.



A surpresa

MARIA LUIZA

Eu tive que reunir todas as minhas forças para não aceitar o convite de Leonardo e seguir com ele para seu apartamento, mas durante o percurso, enquanto dirigia, eu arquitetava um plano. E para isso tinha que deixá-lo por algumas horas sozinho. Aquela sua expressão de “*não estou entendendo nada*” quando perguntei o número do seu apartamento foi hilária, mas valeu a pena, pois o doutor não perde por esperar.

Assim que cheguei em casa, liberei meus pés da sapatilha, e fui direto para o quarto, um banho era tudo que precisava.

No chuveiro deixo a água quente cair e percorrer o meu corpo, relaxando-me. As lembranças do dia me cercam fazendo-me sorrir, tudo foi perfeito, cada minuto passado com Leonardo e com Valentina é um tempo bem aproveitado, bem vivido.

E quando a ideia de que este dia ainda não acabou, pois a noite está só começando, a euforia espanta qualquer onda de cansaço.

Preparo-me para sair e dessa vez fujo das roupas casuais e sapatilhas. Eu capricho numa produção tipicamente chamada de sexy sem ser vulgar. Você sabe do que eu estou falando, não sabe?

LEONARDO

Jogo-me no sofá assim que entro em meu apartamento. Intrigado, meus pensamentos vão até Maria Luiza, pois me deixou daquele jeito misterioso. Afinal, o que essa mulher pretendia quando perguntou o número do meu apartamento e foi embora?

Absorto nas lembranças do dia que tivemos, acabo adormecendo. Ao despertar, a primeira coisa que faço é conferir o horário, duas horas de sono foram revigorantes. Ainda no celular, busco nele alguma mensagem de Maria Luiza, mas para minha frustração não há nada dela. Penso em tomar a iniciativa e mandar uma mensagem para combinarmos nosso encontro de amanhã, mas a julgar pela sua aparência, que também demonstrava cansaço, já deve estar dormindo.

Agora, depois de dormir e o banho que tomei, sinto meu corpo livre de toda exaustão. Enquanto visto uma calça confortável, lembro que o último exemplar da revista sobre pediatria que tenho assinatura ainda não foi lido. Decido pegá-lo para ler, mas antes disso a campainha toca.

Deixo o quarto e vou para porta, curioso para saber quem pode ser a esta hora.

Abro-a.

E quem eu vejo parada diante dela é a pessoa que mais desejaria nesse momento ter comigo.

Ela está completamente linda. Seu sorriso, um pouco tímido me deixa saber que apesar de ter vindo, ainda repensa se tomou a atitude certa – e é claro que sim — hoje definitivamente Maria Luiza tirou o dia para me surpreender.

— Oi! — digo, tomado pela surpresa.

— Eu trouxe vinho. — Ela diz, mostrando a garrafa. Sorrio, pois a forma como falou, soou como se esta fosse a palavra secreta para entrar.

Tomado por um sorriso ainda maior e por esta sensação que só Maria Luiza é capaz de promover em mim, dou espaço na porta sinalizando para que ela entre. Em seguida fecho-a sem tirar os olhos da mulher que segue para dentro do meu apartamento.

Ela fica parada no meio da sala, olhando-me em silêncio, certamente esperando que eu fale algo, mas simplesmente, não consigo. Pois a Maria Luiza que vejo em minha frente está totalmente diferente de todas às vezes que já a vi.

Normalmente ela usa roupas básicas, como hoje no orfanato — jeans e uma camiseta — contudo, agora ela está absurdamente deslumbrante, usando um

vestido preto em que parte do tecido envolve apenas o seu pescoço, deixando desnudos os seus ombros, o resto dele desce pelo seu corpo até quase à altura dos joelhos, ainda não toquei para saber a textura, mas quando ela caminhou até a sala eu percebi que se trata de um tecido leve, escorregadio, não marca de maneira forte suas curvas, mas o suficiente para notar em cada movimento o desenho do seu corpo. E nesse instante eu sinto inveja do vestido, queria ser eu escorregando minha mão pelo corpo dela, sentido sua pele.

Percebo que o olhar aparentemente inseguro quando eu abri a porta, transformou-se em algo provocante no exato momento em que ela percebeu o efeito de fascínio que me causou. Os cabelos soltos em camadas emolduram o belo rosto de traços marcantes, a cor dos lábios acentuada em uma tonalidade rosa, chama-me para beijá-lo.

— Dizer que você está linda seria algo redundante, já que você sempre é, mas o que há com você? Consegue ser mais linda ainda neste vestido — passo a mão em seus cabelos sentindo a maciez deles —. Por acaso sabe o efeito que causa em mim? Sabe que corre muitos riscos vindo até aqui dessa forma, não sabe? — Brinco, desafiando seu olhar que me provoca.

— Obrigada pelo gentil elogio. E saiba que estou curiosa para saber quais são esses riscos, doutor. — Ela consegue ser ainda mais sensual quando diz cada uma das palavras.

— Corajosa você, Maria Luiza — digo, mirando-a intensamente. E assim, continuo a jogar seu jogo.

— Nem imagina o quanto. — Ela sorri e quando faz isso levanta as sobrancelhas como se estivesse me desafiando.

Travamos nosso olhar em um desafio mútuo.

Maria Luiza passeia os olhos pelo meu corpo, disfarça, baixa seu olhar por um instante e sorri, tenho a sensação que sua coragem se quebra um pouco.

— É branco suave, você gosta? — Ela muda de repente de assunto.

E acho que conquistei um ponto no jogo da sedução que ela se propôs a jogar.

— Maria Luiza, eu gosto de tudo que venha de você — falo, pegando a garrafa de sua mão. — Vou até a cozinha para abrir, fique à vontade.

Da cozinha, enquanto me ocupo em abrir a garrafa de vinho, não consigo tirar os olhos dela, noto-a deixar a sua bolsa no sofá, e quando faz isso seu corpo inclina-se de tal maneira que me oferece uma visão perfeita.

Levo mais tempo que o necessário enquanto a observo, ela caminha até um aparador onde há vários porta-retratos, neles estão os registros de momentos com a minha família.

— É sua mãe? — pergunta, me mostrando um que está em suas mãos.

— Sim, esta é a Dona Luiza.

— Ela é muito bonita, Leo — diz, passando a mão na fotografia com um olhar de admiração.

Termino de encher duas taças com o vinho e volto para a sala.

— Sim, ela é. — Entrego-lhe uma taça, e ela devolve o porta-retratos em seu lugar.

— Você tem os olhos dela, aliás, não só os olhos, você é muito parecido com ela — Maria Luiza passa a mão pelo meu rosto, como se me analisasse.

— Sim, desde criança apresentei traços mais parecidos com os dela do que com meu pai — digo, lembrando-me dos comentários que sempre ouvi sobre ser a cara da minha mãe e pouco parecido com meu pai.

E estes comentários sempre deixavam minha mãe tão feliz. Contudo, depois de um tempo, principalmente quando a juventude me alcançou, ao me olhar no espelho encontrava tanto do meu pai. Mas, ainda mantinha-me sempre a afirmar para minha mãe, principalmente, que eu continuava parecido com ela, cada vez mais, pois isto a fazia sorrir de um jeito diferente.

— E você se parece mais com sua mãe, ou com seu pai? Aliás, você nunca me falou nada sobre ele.

— Não conheço meu pai, então não sei o quanto sou parecida com ele, mas tenho muito da minha mãe. — Ela diz, sem entrar em detalhes.

Maria Luiza nunca comentou sobre seu pai, eu até percebi que ele não era alguém presente, pois ela sempre falou apenas da mãe e da avó, mas não poderia imaginar que ela não o conhecia.

— Vamos brindar?! — Propõe, depois de um breve silêncio, e constato que o assunto do pai não é algo que ela queira falar.

— Claro! E a que vamos brindar?

— A nós! ... A vida! — diz, entusiasmada.

Tocamos nossas taças e em seguida absorvemos o sabor da bebida que se torna ainda mais agradável pela atmosfera do momento.

— Gostou? Eu adoro esse vinho — pergunta, depois do primeiro gole.

— É um sabor realmente bom, Maria Luiza — respondo, fitando a beleza dos seus lábios úmidos.

Com a mão livre pego em seu queixo trazendo-o para mim, beijo-a sentindo o gosto adocicado do vinho em sua língua, e penso que o sabor da bebida em sua boca consegue ficar ainda melhor.

Afasto-me devagar de seus lábios, ela fica por um tempo ainda com os olhos fechados, abraço-a junto do meu peito.

— Você não deveria ficar assim quase sem roupa, isso é jogo baixo.

Maria Luiza passa a língua nos lábios, seu olhar é um misto de luxúria e graça.

E só agora me dou conta que não estou usando uma camiseta, quando a campainha tocou, apenas fui atender e não me preocupei em vestir nada.

— E você, não deveria vir aqui desse jeito tão sexy — Retruco.

— Você me acha sexy?

— Muito — levo a boca em seu ouvido e completo a resposta — principalmente neste vestido provocante, Maria Luiza.

— Isso é bom, muito bom. — Ela diz, com um sorrisinho no canto da boca.

A mulher sexy e provocante que está na minha frente, pega a taça da minha mão, colocando-a junto com a dela em cima do móvel.

— Preciso de nossas mãos livres para o que quero fazer. — Maria Luiza diz, com a voz em um tom baixo e sensual, deixando-me saber que ela não está para brincadeira.

E o que vem a seguir é o misto do afeto e do desejo que vem nos consumindo.

Seus lábios macios percorrem o caminho do meu peito nu onde suas mãos estão, seguindo para o meu pescoço, alcançando-me a boca. E assim ela inicia um beijo ardente, completamente sem reservas enquanto suas mãos me provocam, descendo do peito para a minha barriga.

Basta isso para que eu sinta aquela tensão em meus músculos. Ela sabe e sente o que faz comigo.

Ciente de como estou e como meu corpo reage ao seu toque, Maria Luiza me lança o seu pedido.

— Faça-me sua por completo, Leonardo. Faça-me sua — Ela sussurra em meu ouvido.

Capturo seu rosto em minhas mãos.

— É o que eu mais quero, Maria Luiza.

E eu tenho uma certeza em mente: eu quero fazer com que ela sinta o fogo consumir seus poros, eu quero fazer com que sinta o completo ápice do prazer. Do jeito como nunca ninguém fez com ela antes. Quero marcá-la com meu desejo, mas, sobretudo, com todo o meu amor por ela.

Transfiro as mãos que estão em seu rosto para sua nuca, massageando-a, fazendo-a relaxada para mim. Beijo os ombros, a cada beijo deixo minha língua sentir o sabor da sua pele. Viro-a de costas, seguro firme sua cintura e continuo com beijos em seus ombros completamente expostos, em seguida, espalmo a mão em sua barriga, pressionando-a cada vez mais firme contra o meu corpo.

Ela reage, seu quadril se move, como se estivesse dançando uma dança sensual, e quando faz isso sinto (com ainda mais intensidade) o pulsar do meu desejo, no fino tecido da minha calça.

Levanto seu vestido e com o dedo indicador traço o caminho de sua calcinha. Ela geme de um jeito gostoso, e a cada toque nossas respirações tornam-se mais pesadas. Afasto o seu cabelo para o lado e assim, tenho acesso ao fecho do vestido. Desabotoo-o e não preciso de muitos esforços para fazer com que o tecido escorregadio caia em seus pés.

Afasto-me, tirando-a do emaranhando do seu vestido no chão e a visão que tenho me enlouquece. Ela usa um lingerie de renda, de cor preta que combina com a roupa que antes escondia parte da sua pele.

Pego-a no colo, entrelaçando suas pernas em meu quadril e com nossas bocas coladas levo-a para o meu quarto, pois é lá que quero amar e venerar seu corpo pela primeira vez.

MARIA LUIZA

Leonardo me deita em sua cama, entregando devagar meu corpo aos lençóis e, apesar do alvoroço dos beijos afoitos que demos no curto caminho da sala para o quarto, agora ele age calmamente, deixando sobre mim o poder da intensidade do seu olhar, mergulho no mar verde acinzentado sentindo-me afundar no desejo.

Ele desce aos pés da cama, e ao fazer isso desliza suas mãos pelas minhas coxas até chegar ao tornozelo. Apoiada nos cotovelos ergo-me para não perder a visão do que ele está fazendo. Sua língua faz o mesmo caminho da tira da sandália em meu tornozelo. Com um sorriso malicioso ele tira cada uma delas, e ao terminar ele fica de pé. Por alguns instantes ele não faz nada além de percorrer meu corpo com seus olhos semicerrados que agora estão mais escuros.

E ali, mantendo-os em cada parte de mim ele tira sua calça, fazendo-me ter total visão do quão excitado está, o volume que preenche sua *boxer* preta é nítido, eu já havia sentido, mas agora posso ver e isso faz aumentar ainda mais a minha circulação sanguínea, sinto a umidade entre minhas coxas aumentar ainda mais e, principalmente, sinto-me pronta para ele. Pronta para entregar meu corpo a Leonardo.

Eu preciso que este homem me tome por completo, já não posso mais suportar essa espera.

Ele parece ouvir meus pensamentos e tão logo se junta a mim na cama. Seu corpo sobrepõe o meu, mantendo uma leve distância, mas é como se ele fosse um ímã e eu o metal, pois meu corpo impulsiona-se para cima encontrando o dele.

Leonardo circunda minha cintura com seus braços, sua língua sobe por toda a extensão da minha barriga e ao alcançar meus seios ainda coberto pelo sutiã um choque me atinge, contraio-me em excitação e expectativa que ele os livre do tecido rendado. Sendo que é exatamente o que ele faz a seguir.

E então ele leva o seu dedo a minha boca, chupo-o, umedeço e logo depois o dedo está massageando meu mamilo, quando termina em um, repete a ação no outro, não satisfeito em provocar-me com seu polegar, agora utiliza a língua para me deixar ainda mais excitada, com movimentos circulares e leves pressões consegue deixá-los ainda mais rígidos.

Passo a mão em seus cabelos, e por vezes puxo-o em reação, desejando cada vez mais que ele me leve ao prazer.

— São lindos — Ele diz, erguendo o seu olhar enquanto suga-os.

— Leo, eu não posso mais aguentar, isso é tortura — confesso, em sofreguidão.

— Eu sei. — Lança-me um sorriso safado.

Então, ele enlaça o dedo nas laterais da minha calcinha, tirando-a, deixando-me livre da peça.

Completamente despida eu sinto o corpo em chamas. Leonardo afasta minhas pernas, tendo livre acesso onde eu mais desejo sentir seu toque, mantém seus olhos nos meus quando me faz sentir o seu dedo, arquejo, pulso a cada movimento que transfere ao centro do meu corpo.

— Eu quero muito te sentir, Maria Luiza, mas antes preciso do seu gosto.

Sua voz baixa e rouca mistura algo entre o perigo e o prazer.

— Leo — murmuro entre dentes quando a sua língua me alcança.

Prova-me...

Suga-me...

Enlouqueço...

— Gostosa! — Ele geme, com a boca colada em mim.

De forma ágil, sua língua realiza repetidos movimentos contínuos e circulares, ele o faz sem perder o ritmo, sem perder o ponto, cada vez mais tomado de desejo e enquanto isso geme, saboreando, sorvendo do meu sabor, e fazendo-me sentir os primeiros tremores em meu ventre. Não demora muito para que o completo êxtase preencha o meu corpo, pressiono-me contra ele, deixo escapar pela boca todo prazer que sinto.

Gemendo...

Choramingando...

Murmurando o seu nome...

Encontro o prazer.

Leonardo se afasta, e mais do que nunca eu vejo labaredas de fogo em seu olhar.

— Deliciosa, Maria Luiza. Deliciosa! — Ele fala, passando a mão nos lábios, enxugando-os como alguém que acabou de se lambuzar em um doce gostoso.

Em seguida, vai até o criado mudo ao lado da cama, volta com o preservativo.

Sem demora ele tira a sua *boxer*, me deixando ver o quão excitado está. A visão que tenho, me faz pronta novamente. Leonardo já me proporcionou um prazer incomparável, mas ainda desejo loucamente senti-lo dentro de mim.

Engatinhando sobre os lençóis e vou até ele, que está de pé ao lado da cama, pego o preservativo das suas mãos.

— Eu faço isso — digo, abrindo a embalagem.

E antes de colocar o preservativo, acaricio-o, e ao meu toque, Leonardo geme, e esse som é capaz de fazer aumentar ainda mais minha vontade de senti-lo dentro de mim. Faço isso por um tempo, e depois, sabendo que ele já não suporta mais a espera, deixo-o pronto.

Fico de pé na cama para buscar sua boca em um beijo possessivo, ele me toma em seus braços, afundo minha cabeça em seu pescoço inspirando a fragrância do seu perfume, que misturado a sua pele tem o cheiro mais gostoso e inebriante que já senti.

— Faça-me sua, Leonardo — repito meu pedido em seu ouvido, e deslizo gentilmente minha língua por sua pele.

Ele leva nossos corpos a deitar na cama, e agora a expressão em seu rosto é um misto de profundo desejo e carinho, eu posso sentir isso. Não é como apenas sexo, há tantos sentimentos contidos, ali.

— Malu... — sussurra, passando o polegar em meus lábios. Sua voz está doce e meu coração palpita ainda mais forte quando o ouço me chamar de Malu com tanto carinho.

— Eu vou te amar de tal forma, que você desejará para sempre, todos os dias da sua vida, ser amada por mim. — Ele fala, em um tom de voz firme.

Em resposta, dou-lhe um sorriso, completamente pronta para ser amada por esse homem.

E é isso que Leonardo faz, ama-me. Ao senti-lo, me tomando para si pela primeira vez, é como uma explosão de cores, luzes e sentimentos. E eu tenho plena certeza, que quero isso para sempre.

— Linda... — Ele sussurra, com o rosto erguido olhando em meus olhos.

Movendo-se devagar é como se Leonardo quisesse prolongar cada vez mais este momento. Mas a cada vez que nossos corpos se encontram nesse vai e vem gostoso, nossa tensão vai aumentando.

— Tão quente... tão úmida... tão minha. — Ele fala, saboreando meus lábios e sua mão apalpando o meu corpo.

Em um nível crescente os seus movimentos vão aumentando.

Mais rápido...

Mais intenso...

Mais forte...

Mais gostoso.

Tomando-nos de impulsos, gemidos, palavras de carinho, promessas sinceras, desejos ardentes. Sigo os movimentos ao seu compasso, fazendo unidos nossos corpos em um ritmo perfeito.

— Malu eu quero agora, mas só quero se você vier comigo.

Ele se ergue um pouco, mantendo a sustentação do seu corpo em suas coxas, prende suas mãos em minha cintura, aperta firme, crava seus dedos em minha pele, puxando-me para ele e fazendo meu ventre se chocar com ele.

Se choca com força...

É gostoso...

Cada vez mais gostoso.

— Vem Malu, se entregue mais uma vez ao prazer, faça isso comigo.

Seu pedido é como um comando para os meus músculos e assim deixo o prazer alcançar o centro do meu corpo e se espalhar por todo ele.

Ofegante, chamo o seu nome.

— Leo...

— Malu...

Ele joga sua cabeça para trás soltando um gemido alto, rude e primitivo, sentindo todo o êxtase ser liberado. Juntos, sentimos prazer, um prazer que vai além, transcende os nossos corpos... alcança nossas almas.

LEONARDO

Maria Luiza descansa a cabeça em meu peito depois que acabamos de fazer amor pela segunda vez — a primeira não foi o suficiente para satisfazer aquilo que reprimimos por semanas — e dessa vez ela foi tão ousada e intensa. Com o seu corpo sobre o meu, sentimos prazer através do comando dos seus movimentos, a maneira com que nos entregamos foi incrivelmente doce e selvagem ao mesmo tempo.

E para mim, essa mistura é perfeita.

Beijo o topo de sua cabeça, inspirando seu cheiro, sentindo-a. Fecho meus olhos, a satisfação deste momento faz meu coração bater de uma forma diferente, eu nunca pensei que poderia sentir isso, é algo que preenche o meu ser, quando estou com ela é como se tocasse as nuvens.

A cada vez que a tenho perto, pressinto que a minha necessidade em tê-la sempre desta forma aumenta. Assim como preciso de ar para respirar, preciso de Maria Luiza para viver, isso já é um fato inegável.

— Malu? — Chamo-a, acariciando seus longos fios de cabelo.

— Sim — responde-me, com uma voz preguiçosa.

— Quando conversamos lá na clínica, pedi que aceitasse ser minha, e que me desse a chance de demonstrar os meus sentimentos. Você se lembra disso?

— Claro, como poderia esquecer, Leo?

— Pois é... naquele momento eu já sabia que você tinha entrado em minha vida, trazendo-me sensações únicas e que eu queria viver isso com você. Mas eu preciso dizer mais uma coisa — falo, em um tom de voz sério, já que o que tenho a dizer agora é algo muito sério.

— Como assim? — Ela se afasta do meu peito, sentando-se na cama, trazendo consigo o lençol branco enroscado em seu corpo.

Posiciono-me ante a ela, pois eu preciso ter essa conversa olhando eu seus olhos.

— Eu acho que eu não comentei antes, mas eu não estou habituado com essa coisa de relacionamento, eu nunca me interessei por alguém a ponto de querer manter um. Mas sei que normalmente ele tem fases: primeiro o namoro, noivado e por último casamento. E eu quero... bem, eu quero... não ter que seguir essas regras — digo, me sentindo nervoso ao ter que dizer isso a ela.

As irises de seus olhos dançam e ela parece consternada com o que acabo de falar.

— Um relacionamento aberto é o que você quer?

Apressa-se em dizer.

— Sem compromisso, sem regras? Um relacionamento em que você possa ficar com outras mulheres e eu com outros homens? — ela bufa. — Sinceramente, Leonardo, eu juro que não esperava isso de você.

Encara-me, sua expressão é de espanto, fúria e o que mais eu não sei.

— Não! Claro que não! Isso nem passa pela minha cabeça — respondo mais espantado ainda.

— Então o que é que se passa, Leonardo? Porque eu realmente não estou entendendo o que você quer dizer com isso de "não ter que seguir essas regras".

Sim, ela está brava, muito brava. E consegue ser ainda mais linda. Involuntariamente sorrio com sua reação.

Ela tenta sair da cama, mas seguro-a impedindo que faça.

— Eu quero pular a fase do namoro — digo, naturalmente.

A Malu bravinha me interroga com o seu olhar e a forma como cruza os braços em cima do peito e faz um biquinho, me deixa saber que essa mulher tem uma personalidade forte.

Passo a mão pela barba, reunindo em minha mente a melhor forma de esclarecer o ponto aonde quero chegar.

— Eu sei que o namoro é uma fase importante, é onde ambos têm a oportunidade de se conhecer melhor, mas eu não preciso disso, porque tudo o que já sei sobre você e o que sinto são o suficiente — explico — resta saber se o que você sabe de mim, também é o suficiente — acrescento e sinto o receio de sua resposta.

Maria Luiza ainda me olha de um jeito interrogativo.

— Leonardo... continuo sem entender, aonde você quer chegar com essa conversa?

Ou eu falo de vez, ou essa mulher pode entender tudo errado.

Respiro fundo.

É agora Leonardo. Vamos lá!

— Bom, eu sei que deveria ter um ânimo nesse momento, mas... isso não importa, quando o que mais importa é a sua resposta...

— Leo... — Maria Luiza me interrompe, sussurrando o meu nome, levando a mão até a boca em espanto.

Prossigo.

— Casa comigo, Malu? Seja minha todos os dias e vamos construir uma vida juntos, uma família — Pego sua mão e beijo-a.

— Leo... — Ela repete, e a sua expressão não muda muito, apenas

acentua ainda mais o espanto.

E sinceramente, agora não sei se fui longe demais ao propor casamento desta forma repentina.



Da alegria à angústia

MARIA LUIZA

Este homem enlouqueceu, só pode. Está certo que o que sentimos um pelo outro é forte, mas como que ele pode propor casamento quando nos conhecemos há pouco tempo?

Diante da minha inércia e expressão surpresa, Leonardo transfere-me um olhar preocupado.

— Claro que isso não precisa acontecer amanhã, Malu. Até porque há muito o que se fazer para um casamento, mas podemos começar a planejar e daqui poucos meses casamos. — Ele explica, tentando trazer um tom de sanidade a isso tudo, mas eu continuo a achar que é loucura.

Eu juro que gostaria de ter uma resposta para dizer a ele, não que eu não queira aceitar me casar. E é por isso que a palavra “não” nem é cogitada pelo meu cérebro, mas eu também não consigo dizer “sim” — pelo menos agora.

Continuo travada olhando para Leonardo que começa a passar as mãos pelo rosto e cabelo, no gesto que sempre costuma fazer quando está nervoso. Quero dizer algo, mas meus lábios não se movem.

— Malu... — Seus braços me envolvem aconchegando-me nele, ouço seu coração tamborilando em seu peito quente. — Eu te assustei, não foi? Olha, você não precisa dizer nada agora. Pense e quando achar que consegue ter uma

resposta apenas me diga.

Depois de um tempo abraçados ele afasta o meu rosto do seu peito, buscando meus olhos e diz com ternura:

— Mas saiba que, independentemente de sua resposta, eu quero manter isso, quero seguir em frente com você, e que seja da forma que você quiser, tá *ok*? — Leonardo balança lentamente a cabeça de forma positiva, imito seu gesto e parece que finalmente vou conseguir dizer algo.

— *Ok... Tá bom* — É o que sai apenas, mas sei que talvez deveria dizer mais.

— Certo, eu vou tomar um banho. Se quiser um tempo, fique à vontade. — Seus lábios tocam os meus, em seguida ele se vai.

Por todos os livros de romance que eu já li (sim, eu sou dessas que amam ler romances, principalmente aqueles antigos) e sonhei acordada com os príncipes — homens românticos, gentis e inalcançáveis — onde eu estou com a cabeça quando um desses se materializa em minha vida e acaba de me pedir em casamento? E eu não consigo dizer uma única e pequena palavra: sim.

Ouço o chuveiro sendo aberto e nesse instante Leonardo deve estar duvidando do que sinto por ele, não queria que esse tipo de dúvida perpassasse em sua mente, pois meus sentimentos são reais e sinceros. Droga! Eu poderia pelo menos ter falado algo a mais, ter dado alguma justificativa. Enfim, qualquer coisa, mas o pedido de casamento me deixou surpresa e sem reação.

O fato é que o homem com quem eu acabei de fazer amor, da forma mais incrível e prazerosa em toda a minha vida, já demonstrou todos os seus sentimentos por mim. Inclusive, provou-me que o que vivemos nesse curto tempo é bem mais intenso e verdadeiro do que muitos relacionamentos longos já testemunharam. E, além disso, Leonardo fez por mim o que nunca ninguém fez. Ele é maravilhoso, lindo, apaixonado e seguro das suas ações. O que mais eu poderia querer? Nada. Então por que eu não consegui dizer sim a ele? Bom...talvez diante da forma precoce com que isso aconteceu, mas principalmente porque a palavra casamento nunca esteve em meus planos e eu sei bem por qual motivo.

Quando minha mãe, antes de morrer, preocupada com meu futuro, comentou brevemente sobre o meu pai e, principalmente, que ele era um homem de família rica, me fez prometer a ela que, se algum dia eu estivesse em dificuldade, procuraria por ele. Foi me lembrando disso que a cena se refez na minha mente.

—*Malu, você encontrará tudo o que precisa saber para achar seu pai em um caderno que venho escrevendo há anos. Quando eu soube dessa maldita*

doença o deixei em um lugar fácil para que você tivesse acesso, ele está na primeira gaveta do meu armário. Lá está tudo... toda a história da minha vida — ela disse com a voz fraca que saía entre o tubo de oxigênio preso em sua boca. Seu olhar cansado e distante me dava a certeza de que seu fim estava próximo.

—Mãe a história é sua e não minha, eu não tenho o direito de ler, e acredite, eu não vou precisar do meu pai. Se ele não quis ficar com você, se ele não me reconheceu como filha, eu não tenho porque procurá-lo — disse, enquanto acariciava sua cabeça. Em meus dedos sentia os curtos e espetados fios de cabelo que ainda possuíam forças para nascer mesmo depois de terem caído por conta da quimioterapia.

—Seu pai nunca te reconheceu porque ele nunca soube da sua existência, filha. Me desculpe, mas a culpa foi minha e não dele. Leia, você precisa ler, ali está também parte da sua história, Malu— Minha mãe possuía a dor estampada em seu rosto pálido, e eu desconfio que essa dor não era apenas da doença, mas sim da culpa.

— Você precisa prometer, filha... prometa que se algum dia você precisar de ajuda vai ao encontro dele. Tenho certeza que ele vai te acolher — A mão dela coberta por fios grudados buscava o meu rosto. Seus olhos possuíam uma fina camada amarelada, os lábios ressecados com feridas tremulavam em um choro contido, um choro de dor, culpa, agonia... despedida.

Para lhe dar a paz que ela precisava para ir, fiz minha promessa, mas no meu íntimo eu sabia que nunca iria ler aquele caderno, nunca iria procurar pelo homem que nem sequer sabia da minha existência. E que, provavelmente, àquela altura da vida, já possuía uma família feliz onde eu não me encaixaria.

E desse dia em diante — para não ter que quebrar a promessa que fiz a minha mãe em seu leito de morte — eu não medi esforços para buscar o meu futuro sem ter que depender da ajuda de ninguém. Estudei muito, procurei aprender tudo e mais um pouco que os professores estavam dispostos a me ensinar. Trabalhei nas férias de qualquer coisa para ter dinheiro para fazer cursos preparatórios para o vestibular. Economizei cada centavo, prestei vestibular para uma das universidades públicas mais concorridas. Fui aprovada, estudei e trabalhei dia e noite até me formar. Conquistei bons empregos, me estabeleci com minhas próprias pernas. Hoje, prestes a me formar em minha pós-graduação, estou desempregada, mas isso é passageiro, sei do meu potencial, em breve estarei no mercado de trabalho novamente. Eu posso dizer que venci... eu passei pela adolescência e início da juventude sem ter que quebrar a promessa feita a minha mãe (pois eu nunca iria procurar pelo meu pai) assim como nunca

nem abri o tal caderno.

É por isso que eu até tive alguns breves relacionamentos, mas nunca pensei em casar. Minha vida profissional sempre esteve em primeiro lugar e, mesmo não lendo o diário da minha mãe, eu sei que, de alguma maneira, ela sofreu por amor. E eu definitivamente não queria isso para minha vida.

Mas o problema é que agora o amor me encontrou e a julgar por tudo que já senti dele, este é o tipo de amor que não irá me fazer mal, nem fazer sofrer. Por isso, mesmo que seja um pedido precoce, trata-se de um pedido repleto de sentimentos sinceros e, para tal, merece uma resposta igual.

Constatação correta, Malu. Agora encoraje-se, saia dessa cama e vá dizer isso ao homem que te ama.

LEONARDO

Deixo-a sozinha no quarto para que tenha um pouco de tempo para absorver o que acabei de falar.

Seu olhar espantado e o silêncio é a pura reação de quem não está preparada para um pedido daqueles, mas quem estaria? Propor casamento em tão pouco tempo de relacionamento é mesmo loucura. A loucura mais certa que eu já senti. Eu preciso da Maria Luiza comigo e também de Valentina. E eu sei que um processo de adoção é complicado, dificultoso, cheio de entraves e detalhes. Casais tem bem mais chances que homens solteiros. Ela já ficou desse jeito quando lhe pedi em casamento, imagina quando eu disser a ela que quero adotar Valentina, começo a achar que isso pode assustá-la ainda mais e talvez até corra o risco de perdê-la.

Seus sentimentos por mim, e até por Valentina são notáveis, mas será que ao ponto de fazê-la embarcar nessa loucura comigo?

Fecho meus olhos deixando que os jatos de água me atinjam a cabeça tentando fazer com que eu encontre a saída para essa equação, mas um certo medo percorre-me, minha precipitação pode fazer com que ela se afaste. No que foi que eu estava pensando quando lhe pedi em casamento e achei que ela ia aceitar? Preciso sair agora desse chuveiro e reafirmar a ela que espero o tempo que for necessário.

Com a mão no registro da água, prestes a fechá-lo eu sinto seus braços envolver-me. Maria Luiza apoia a cabeça em minhas costas, pressionando-se forte contra o meu corpo, os seios macios que senti em minhas mãos e boca momentos antes, movimentam-se em minha pele com o mexer da sua respiração acelerada. Pego suas mãos trazendo a minha boca para beijá-las, e sei que devo acalmá-la e tirar esse peso dos seus pensamentos.

Viro-me, os lábios carnudos estendem-se em um sorriso, os olhos têm um brilho diferenciado, uma centelha de esperança alcança meu coração e minha alma. Mas já chega dessa pressão. Preciso deixá-la saber que tudo acontecerá no tempo dela e não no meu.

— Sim! — A palavra sai da boca de Maria Luiza em um tom firme e decidido. — Sim, Leonardo, eu aceito me casar com você. — Ela acrescenta, com um sorriso fácil.

— É sério isso, Malu? Você quer mesmo? Porque eu estava prestes a dizer...

— Shiii... — seus dedos tocam os meus lábios silenciando-me — não

diga mais nada, você já disse e fez tudo que era o suficiente, Leo... eu aceito. —
 E ao reafirmar sua resposta, alcança-me a boca em um beijo cálido.

— Mas... eu tenho uma condição — diz ela ao findar o beijo, e
 mantendo os braços entrelaçados em meu pescoço.

— Qualquer que seja, eu já garanto que é sim — falo, confiante.

— Tem certeza? Porque a minha condição é algo bem sério.

— A resposta continua sendo sim, Maria Luiza.

Ela faz uma breve pausa me olhando com carinho enquanto a água do
 chuveiro escorre pelos nossos corpos.

Minha ansiedade aumenta até que ela diz:

— Quero ter uma vida com você, uma família... e eu quero que
 Valentina faça parte dela. Eu quero que ela seja nossa.

Meu coração dispara no peito diante do que ela diz.

— Você está me dizendo que quer adotar Valentina, é isso?

Minha felicidade não poderia ser maior, penso agradecendo todas a
 forças do universo que estão me oportunizando este momento.

— Sim. Eu quero, Leo, mas... se casamento e uma filha for muito para
 você... — Ela baixa o olhar timidamente.

Pego em seu queixo, erguendo-o.

— Esse combo é perfeito para mim. E, Malu, a Valentina já é nossa,
 ela se tornou nossa quando cruzou os nossos caminhos.



Na manhã seguinte eu deixo o quarto silenciosamente para não acordar Maria Luiza, ainda é cedo, e apesar de poder dormir por mais algumas horas, ainda assim, como de costume acordo no horário de sempre.

Enquanto o aroma do café preenche a cozinha, encostado no balcão lembro-me da intensa noite que tivemos, a primeira vez que fizemos amor e as seguintes foram todas de uma magnitude singular, eu sentia que ia deixando um pedaço de mim nela, e o mesmo ela fazia.

Dormi a noite toda com Maria Luiza preenchendo o espaço colada em meu corpo, minhas mãos pousadas em seu quadril e o rosto afundado em seu pescoço, fazendo-me embebido pelo seu cheiro, isso me proporcionou uma agradável sensação de posse. Maria Luiza é minha, aceitou se casar comigo e ainda me disse que quer Valentina fazendo parte disto.

É imensurável a alegria que se formou em meu peito, diante dessas duas novidades em minha vida.

Amanhã mesmo vou falar com Luís, que além de cunhado é também meu advogado, para que me auxilie nesse início do processo de adoção e as questões legais para o casamento. Não quero perder tempo.

Eu preciso contar tudo isso a minha mãe, eu sei que ela ficará feliz e certamente surpresa. Não só dona Luiza, mas sim, todos os membros da minha família. Esta notícia os deixará pasmos, já que sempre souberam que eu nunca cogitei casamento — até conhecer Maria Luiza — mas sei também que ninguém irá se opor, ou irá?

Bom, a não ser o doutor Henrique, que pode se sentir um tanto contrariado já que sempre deixou claro que fazia gosto de um possível relacionamento meu com a filha do doutor Alfredo. Mas, definitivamente, Carolina e eu juntos nunca foi algo que desejei. Respeito muito meu pai, mas se por algum motivo ele achar que pode ir contra ao meu casamento com Maria Luiza, ele está muito enganado. Concluo meus pensamentos, me preparando para qualquer adversidade.

A máquina de café termina de fazer o seu trabalho e enfim eu tenho um pouco do líquido que me faz ser gente nas primeiras horas da manhã. Sempre gostei de café, mas depois da faculdade e do ritmo puxado de trabalho que adquiri, a bebida se tornou uma necessidade, seu efeito estimulante é um ótimo aliado para afastar sono e cansaço.

Sirvo-me de uma xícara e preparo outra para a minha dorminhoca,

apesar de ela estar tão relaxada dormindo, eu já estou com saudades de ouvir sua voz, além disso quero levá-la para um café da manhã descente, já que aqui em casa só terei essa xícara de café para oferecer. Não costumo parar em casa, e ainda mais depois dessa viagem, estou com os armários vazios. E depois tenho planos para o restante do dia com Maria Luiza.

— Bom dia... esse cheirinho de café está ótimo — Sua voz levemente rouca chama minha atenção.

Ela vem caminhando em minha direção como uma gata preguiçosa, um olhar um pouco tímido, mas o sorriso no canto dos lábios dá nuance de uma Maria Luiza sedutora e o cabelo negro caído pelos ombros contrasta com o branco da camisa que ela usa — uma das minhas — e essa é a visão do céu.

— Bom dia, minha gata preguiçosa — digo, abraçando-a e afagando os seus cabelos.

— Estou usando sua camisa, espero que não se importe. — Ela fala enquanto aninha-se ao meu peito.

— De forma alguma, acho até que ela fica melhor em você do que em mim. — Brinco.

— Preciso de café. — Maria Luiza diz, deixando-me saber que assim como eu, ela também necessita disso para acordar.

Sentada em uma das banquetas ela bebe o café enquanto digo a ela dos planos para o dia. Maria Luiza me pede para ir até seu carro, a mulher é prevenida sabia que ia passar a noite comigo e deixou uma bolsa preparada com o que ela precisaria no dia seguinte.

Estamos prestes a deixar o apartamento quando me lembro que tenho algo que pertence a ela.

— Malu, você não sentiu falta de nada que usava no dia do acidente?

— Não...quer dizer, eu nem parei para pensar nisso. — Sua expressão é de dúvida e parece buscar na memória o que pode ser.

— Espere aqui, vou buscar.

— Está bem. Você me deixou curiosa.

— Eu já volto e você verá o que é.

Vou até o quarto e numa caixinha pego o par de brincos delicados que tem a forma do infinito. Tirei a joia que usava quando ela foi para o centro cirúrgico, coloquei no bolso da calça e desde então guardei comigo. Sempre pensava em levar para a clínica para lhe devolver mas acabava esquecendo, agora posso fazer isso.

Volto para a sala e ela continua com aquele olhar curioso (e lindo).

— Tome. — Estendo a palma da mão aberta com o par de brincos.

Quando Maria Luiza constata o que é seus olhos imediatamente ficam

marejados e seu rosto é tomado por uma emoção.

— Oh. Meu. Deus! Como eu não senti falta deles?

Com os dedos trêmulos ela os tira da minha mão e em seguida já estão brilhando em sua orelha.

— Obrigada, Leo, eles significam muito para mim, pertenciam a minha mãe. — Maria Luiza diz, com a voz um tanto embargada enquanto uma lágrima solitária alcança o canto da sua boca.

— Não precisa agradecer, meu amor. São seus, eu apenas os guardei para você.

A forma como ela me abraça forte e sinto seu peito se mover sei que ela derrama mais algumas lágrimas.

A lembrança da mãe certamente fez isso, assim como os acontecimentos da nossa noite e talvez ela esteja tomando ciência que a partir de agora nunca mais estará sozinha. E nunca mais estará mesmo, pois eu sempre estarei com ela.



— Leo, Beth tem razão em adorar esse lugar, tudo que provei aqui é maravilhoso! — diz, ao comer seu último pedaço de torta.

Quando contei a ela que esta é a cafeteria que minha amiga enfermeira tanto adora, revelei também que a subornei com um pedaço dessa torta para conseguir o nome do perfume. Maria Luiza soltou uma sonora gargalhada, fazendo alegre tudo ao meu redor.

Beijo seus lábios adocicados, saboreando um momento simples como um café da manhã, mas que se torna tão agradável e especial quando se está ao lado da pessoa que se ama.

O barulho do celular vibrando em cima da mesa chama minha atenção, olho no visor iluminado a imagem de minha mãe. Penso em retornar depois, mas como voltei de viagem e ainda não falei com ela, resolvo atender.

— Oi, mãe! — falo, sorridente ainda com lábios colados na boca da Maria Luiza.

— Leo! Leo, está me ouvindo filho?! — Meu sorriso some, diante da sua voz de pavor.

Ajeito-me na cadeira e Maria Luiza me olha preocupada.

— Sim, mãe, eu estou. O que aconteceu?

— Melissa está indo para clínica com o Gustavo, ele não está bem. — Minha mãe conta, a voz cada vez mais apavorada.

— Mas o que houve com ele?! — questiono, preocupado.

— Eu não sei direito, filho. Sua irmã ligou aos prantos dizendo que estava indo para clínica e pediu para te chamar. Leo, vá rápido, eu acho que é sério, sua irmã está muito nervosa. Eu não tenho certeza, mas parece... parece que o bebê aspirou leite e asfixiou-se enquanto mamava — explica aos prantos — Deus... se acontecer algo com meu neto eu não vou suportar, Leo.

— Mãe, fica calma. Eu estou aqui do lado da clínica e já estou indo para lá. Vou ligar para Melissa. Vai dar tudo certo — digo, confiante, mas a angústia já alcança meus pensamentos.

— Graças a Deus, faça isso filho, eu e seu pai estamos a caminho — dito isto encerramos a chamada.

Deixo às pressas o local, levando Maria Luiza comigo e conto o pouco que sei da situação a ela, no curto caminho da cafeteria até a clínica tento falar com Melissa, mas ela não atende o celular.

Ligo para o meu cunhado, mas também não atende.

— Merda! Por que nenhum dos dois atendem o telefone — esbravejo.

— Leo, eles devem estar tão nervosos que não estão ouvindo o celular tocar. — Malu tenta amenizar a situação.

— O problema é que se o meu sobrinho realmente sofreu uma asfixia, ele precisa receber os primeiros socorros imediatamente — explico — se pelo menos Melissa atendesse o celular eu poderia instruir para que ela mesmo o fizesse. Ou do contrário pode não dar tempo até que cheguem à clínica.

Cerro a mandíbula ao pensar no pior.

Isso não pode estar acontecendo, há poucos instantes eu estava sorrindo e feliz e agora temo pela vida do meu sobrinho.



A vida numa fração de segundos

MARIA LUIZA

Quando a expressão de Leonardo se tornou preocupada em minha frente um arrepio alcançou meu corpo, vi em seus olhos o pânico. Às pressas enquanto deixou algumas notas em cima da mesa para pagar a conta na cafeteria, ele ligou para irmã e ao mesmo tempo me colocou à par da situação, o que só fez o arrepio do meu corpo aumentar e todos os nervos contrair.

Nossos passos foram rápidos até clínica, e por sorte estávamos tão perto que não demorou nada para entrarmos no pronto atendimento. E é onde estamos agora depois do início de uma manhã tão feliz que de repente se transformou em aflição.

Leonardo se mantém ao telefone tentando falar com a irmã e o cunhado, mas nenhum deles atende a ligação. Os poucos segundos e minutos que se passam vejo Leonardo se tornar em uma grande agonia. Ele deixa claro que se de fato foi um afogamento que o bebê teve, é fundamental que receba os primeiros socorros urgentemente, por isso sua pressa em que Melissa ou o marido atendam o telefone.

Ansioso para ser atendido pela irmã ele caminha de um lado para o outro com o telefone junto a orelha, maxilar cerrado, punhos das mãos fechados tão forte que consigo ver o nó de seus dedos esbranquiçados.

Enquanto observo aflita o vai e vem de Leonardo, Beth surge no pronto atendimento.

— Deus do céu, Leo! Seu pai me ligou, eu estava na pediatria desci o mais rápido que pude, você já ligou para Melissa? Conseguiu falar com ela? — Beth questiona, preocupada.

— É o que estou tentando, Beth. Mas nem ela e nem o Luís atendem a droga do telefone! — Leonardo responde. E eu nunca o vi tão nervoso. Mas também não é para menos diante do que está acontecendo.

— Continue tentando, Leo... continue. Ela tem que atender. O que você quer que eu prepare?

— Beth, eu quero uma UTI móvel da neonatal aqui embaixo, eu não sei como meu sobrinho vai chegar. Por isso quero tudo disponível. Oxímetro de pulso, ventilação mecânica, e prepara também o tubo oro traqueal, pode ser que tenhamos que intubá-lo. O que você conseguir providenciar o mais depressa possível. — Ele pede, falando um monte de nome de equipamentos que desconheço, mas sei que são importantes. Leonardo é um ótimo médico, há de conseguir fazer tudo para que o sobrinho fique bem.

— Está bem, farei isso, doutor. — Beth deixa o local com tamanha agilidade para fazer o que Leonardo pediu.

Eu me detenho ao silêncio para não atrapalhar em nada, as poucas pessoas que aguardam atendimento observavam tudo com olhares espantados.

— Por que, por que Melissa não atende! — Ele diz as palavras olhando para mim, posso ver sua aflição. Eu não tenho resposta, queria poder ajudá-lo de alguma forma, mas é inútil.

A única coisa que posso fazer é rezar. E nesse instante eu começo a rezar com toda a minha fé, em meus pensamentos eu peço a Deus que dê tempo para que o sobrinho de Leonardo seja salvo, eu peço ao meu anjo — minha mãezinha — que interceda por nós.

Leonardo coloca o telefone no viva voz deixando-o em cima do balcão, com as mãos livres ele as esfrega pelo rosto e cabelo, como sempre faz quando está nervoso.

— Atende, Melissa, atende, por favor... — Ele diz, quase como uma oração.

O único som que se ouve é o de chamada da ligação, nenhuma pessoa no ambiente fala nada, todos atentos e eu julgo que todos pedem para que Melissa atenda o telefone.

A essa altura do campeonato o meu corpo já treme, eu não tenho o habito de roer as unhas, mas meu dedo indicador está na boca, nervosa começo a

arrancar os pedaços de unha. *Atende esse telefone, Melissa, atende!*

O som da chamada foi interrompido, e a voz de uma mãe desesperada alcança nossos ouvidos.

Graças a Deus!

— Leo! Leo! Me ajuda, Leo! — São as primeiras palavras de Melissa — Ele se afogou eu estava dando de mamar deitada, *aí* ele começou a tossir, e fazia força com dificuldade para respirar. Eu não sei o que eu faço, Leo...

A irmã de Leonardo implora por socorro ao tempo que conta tudo de uma só vez o que aconteceu.

— Melissa, se acalma eu estou com você, me ouça, por favor. Você precisa me dizer como ele está agora, ele está respirando, Melissa?

O tom de Leonardo é firme e calmo. Pois apesar de também estar nervoso com a situação, precisa fazer com que a irmã se acalme.

— Leo, eu não sei, ele ficou avermelhado enquanto tossia, mas agora, agora... eu sinto que ele está ficando mole e roxo... e nós ainda estamos longe da clínica. Você precisa salvar meu filho, Leo! — Melissa quase grita as últimas palavras.

— Melissa!! Me escute, por favor! Eu quero fazer isso, mas você precisa se acalmar, minha irmã.

E como se ele mesmo buscasse se acalmar e se concentrar, apoia os cotovelos no balcão, as mãos continuam em um vai e vem pelo rosto e cabelo.

— Eu estou ouvindo, Leo, salva meu filho! — Ela abrandava um pouco sua voz, contudo mantém o choro em cada palavra dita.

— Mel, me ouça, você fará isso. Você vai salvá-lo. Nós iremos fazer isso juntos, entendeu?

Leonardo consegue ser amável até numa situação dessas, ele sabe a importância de transmitir a confiança que a irmã precisa.

— Como, Leo? Como? Eu não consigo. — Melissa choraminga.

— Sim! Você consegue. Você é a mãe dele, você trouxe ele ao mundo, você vai salvar seu filho. Vamos fazer isso juntos mana, confia em mim.

Como um mantra eu repetia em minha mente, Melissa se acalma, você consegue.

— Tá.. o que tenho que fazer? — Melissa diz, e enfim parece se tranquilizar um pouco.

Leonardo tem os olhos fixos e um ponto qualquer e então concentra-se em explicar para irmã o que ela deve fazer.

— Presta atenção, Melissa. Coloca ele de bruços no seu antebraço, deixa a cabeça dele mais baixa que o corpo, entendeu? Com a mão você apoia a cabeça e com dois dedos afasta o queixo para que a boca fique aberta. Nós temos

que fazer com que esse leite saia. Faz isso, Melissa, você vai conseguir, eu estou com você.

— Tá... eu coloquei ele como você disse... e agora, Leo? E agora, o que eu faço?

— Certificou de que a boca está aberta, e a cabeça inclinada para baixo?

— Sim, está...

— Agora com a outra mão, deixa ela espalmada, você dá cinco tapas nas costas dele, na altura um pouco abaixo do pescoço, não precisa ser forte, mas tem que ser firme, tem que exercer uma pressão. Entendeu?

— Cinco tapas... cinco tapas firme — Melissa repete, como se dissesse a ela mesmo como tinha que fazer.

Os sons dos tapas podem ser ouvidos através do celular, e a considerar as expressões das pessoas — que eram todos como expectadores atentos a este salvamento — podia-se ver que mentalmente os números eram contados por todos nós.

— Não aconteceu nada... — Frustração na voz da mãe apavorada.

— Faz de novo.... — Leonardo instrui, confiante.

E nós permanecemos contanto com Melissa.

— Um... dois... três... quatro... cinco ...

O silêncio se faz no carro onde o bebê recebe a ajuda da mãe para viver e aqui no pronto atendimento também. Olho em minha volta, todos estão estáticos e parecem não respirar, as expressões são de aflição.

Bem ao fundo o silêncio é interrompido por um choro baixo e dolorido de Melissa e silenciosamente começamos a chorar com ela.

Deus por favor... não. Não permita que ele...

— Tá saindo, tá saindo... tem uma espuma branca saindo, Leo. — Melissa é uma mistura de choro e entusiasmo.

— Isso é ótimo! Mantém ele assim inclinado e a boca aberta. Abre bem a boca dele. Limpa se for preciso, mas não coloca o dedo na boca dele, não obstrua, pois tem que ter espaço para o leite sair.

— Sim, a boca está aberta... vamos, meu filho, vamos, coloca tudo isso para fora. — A mãe implora ao filho.

Leonardo se mantém na mesma posição. Não olha para ninguém, totalmente concentrado apenas em falar com a irmã.

— Melissa, ele está respirando? Faz mais uma série de tapas. Eu continuo aqui com você, vamos lá...

Ela faz o que o irmão diz. E dessa vez é possível ouvir um som que parece da criança vomitando e em seguida seu choro. E aqui do outro lado da

linha — nós os expectadores —, sorrimos e choramos com o alívio que o choro do bebê trouxe.

— Leo..., ele está respirando e agora saiu uma grande quantidade de leite.

Leonardo finalmente sorri.

— Certo, certo... isso é ótimo mantém a boca dele limpa e aberta. Mel, aproxima bem o teu rosto no peito dele verifica se está uma respiração constante, *ok*? Se não, você vai ter que fazer uma massagem cardíaca nele.

— Ele parece respirar bem, Leo. Ele respira... sim, ele respira! Oh meu Deus... obrigada... obrigada meu Deus! Filho, meu amor... filho, mamãe te ama tanto. — Melissa chora, porém agora é de alívio.

— Graças a Deus! — Leo diz, como se tirasse todo o peso da tenção de seu corpo, e só agora deixou a posição que permaneceu durante todo o tempo em que instruía a irmã.

Seus olhos marejados por lágrimas encontram os meus. Ele estende o braço e me chama para ele. Nos abraçamos apertado, comemorando o resultado da situação de agonia que acabamos de viver.

— Mano... você está aí ainda. — A voz de Melissa soa no viva voz do celular.

— Sim, claro. Eu estou com você. Não desligarei até que cheguem aqui.

— Obrigada, meu irmão. Obrigada, você salvou meu filho.

— Não, Melissa. Você salvou seu filho. Eu apenas ajudei.

— Eu te amo, Leo, você é melhor irmão do mundo. — Nota-se o sorriso em sua voz.

— Eu também te amo, Mel, você é a melhor irmã do mundo. — Ele responde, e eu pude ver aquele lindo sorriso em seus lábios.

Graças a Deus. Inspiro aliviada.

No tempo restante ficamos atentos ao telefone, Melissa vai descrevendo o lugar por onde o carro está percorrendo. E só então se foi capaz de ouvir a voz do marido dela, o homem permaneceu em silêncio o tempo todo do salvamento. Eu não sei se por nervoso, ou porque o *pobre* estava tão concentrado em dirigir o mais rápido possível até a clínica.

Mas agora ele tinha até a capacidade de brincar com o cunhado do outro lado da linha, dizendo que já estava quase chegando e que, por enquanto não tinha atropelado ninguém “*como certas pessoas costumam fazer*” disse ele.

— Mal sabe ele que foi graças a este atropelamento que eu encontrei o amor da minha vida. — Leo fala, em um tom baixo que só eu ele podemos ouvir, enquanto deixa um beijo em meu rosto e me mantém junto ao seu peito.



Assim que Melissa desce do carro com o filho nos braços uma maca já o aguarda lá fora, com o oxigênio que Leo tinha pedido antes. E imediatamente o bebezinho foi colocado nele, para em seguida ser levado com seu tio — o médico pediatra — e com a enfermeira Beth para receber os cuidados necessários.

A mãe vestida ainda com pijamas, com os cabelos mal presos, caindo alguns fios por sua face, traz no rosto um pouco de alívio, mas ainda preocupação e os olhos avermelhados ocasionados pelo choro. Eu senti medo e pavor diante dessa situação e isso não chega nem perto do que ela deve ter sentido.

O marido não estava muito diferente — usando roupas de quem acordou e teve que sair às pressas e uma expressão de confusão e medo — ele abraça a mulher e já dentro do pronto atendimento, ciente de que o filho está recebendo o cuidado que precisa seus corpos se entregam. A adrenalina baixou e ambos se agarram tão forte um no outro e choram copiosamente. Quando as pernas não os sustentam mais, devagar eles vão descendo até o chão, de joelhos e grudados um no outro continuam a chorar, os soluços são tão intensos que ficar imune a eles é impossível.

Sou tomada por uma forte onda de emoção e libero todo o nervosismo que vivi poucos minutos atrás. Sento-me numa das cadeiras, pois minhas pernas também estão fracas. E do lugar onde estou choro com eles, sabendo que toda essa situação estará na minha memória como uma das cenas mais emotivas que já presenciei em minha vida.

Essa lembrança estará ao lado dos últimos momentos de vida da minha mãe.

Agradeço a Deus e ao meu anjo por permitir que o desfecho desse salvamento tenha sido feliz.

Pouco tempo depois um casal de meia idade entra apressado pela porta, reconheço o médico que cuidou de mim. Os avós do bebê chegaram.

Doutor Henrique é o primeiro a falar.

— Onde eles estão?

Uma das enfermeiras é breve ao responder, e ele mais ainda ao deixar o lugar e ir ver como está o neto.

A mãe de Leonardo vai ao encontro da filha e do genro no chão.

— Melissa, filha... — diz, ajoelhando-se ao lado deles.

— Mãe... mãe, graças a Deus, ele está respirando. Eu fiz, mãe, eu consegui. Eu salvei meu filho com a ajuda do Leonardo. — Orgulhosa, Melissa conta.

— Ah, minha filha, graças ao bom Deus que deu tempo. Obrigada, meu Senhor, eu rezei tanto. — Dona Luiza, que estava muito bem vestida por sinal, diferente do casal de pais que tiveram o filho entre a vida e a morte, também chora aliviada.

Os três deixam o chão e se sentam nas cadeiras, Melissa e o marido não se desgrudam, e eu posso perceber todo amor deles, toda a força que um encontra no outro.

Ao sentar-se em uma cadeira ao meu lado, a mãe de Leonardo oferece-me um simpático sorriso e eu pude constatar nela os mesmos olhos verdes com aquele tom acinzentado de Leonardo — já tinha visto na fotografia — mas pessoalmente cada detalhe ficou ainda mais aparente.

— Meu neto sobreviveu a uma asfixia, isso não é um milagre? — Ela fala comigo como se tivesse a necessidade de externar toda a sua alegria.

— É sim. Eu tenho certeza que é — respondo. E sabendo de tudo o que aconteceu eu tenho certeza foi um milagre.

— Ah Deus, parece que essa clínica nunca chegava, e eu não tinha notícias, é terrível ficar sem saber o que está acontecendo — desabafa — chego a estar com a boca seca, preciso de água.

— Eu pego para a senhora. — Ofereço.

— Muito obrigada, querida. Isso é gentil da sua parte, eu aceito.

Seu tom é educado. Penso que Leonardo não tem apenas semelhanças físicas com a mãe mas também de personalidade.

— De nada. Seu eu puder ajudar em mais alguma coisa — respondo e vou buscar o copo de água.

Quando volto ela está de cabeça baixa distraída no celular. Certamente dando as boas notícias para mais alguém.

— Aqui está. — Entrego-lhe o copo.

— Muito obrigada. — Ela responde com um sorriso sincero.

— De nada. Como eu disse antes, se precisar de algo é só pedir.

Ela não deve estar entendendo muito minha maneira prestativa, mas a verdade é que mesmo que ela não fosse a mãe de Leonardo e eu estivesse diante desta situação, prestaria minha ajuda a qualquer pessoa.

— Meu irmão me ligou quando eu estava a caminho, eu não consegui falar direito com ele, pois estava nervosa e agora ele não está atendendo. Quero dizer que está tudo bem, tranquilizá-lo. — Conta-me ela.

E isso me deixa saber que Leonardo tem um tio. Um tio que ele nunca

comentou antes.

É notável a facilidade de Dona Luiza em puxar conversa, ou quem sabe seja apenas a necessidade de conversar com alguém.

— Em breve tenho certeza que a senhora conseguirá — digo, no intento de deixá-la calma.

— Sim, ele verá que liguei e vai retornar. — Ela sorri, olhando firme em meus olhos — Você é uma moça muito simpática, qual o seu nome?

— Maria Luiza — respondo e penso se deveria me apresentar de forma devida.

— Muito prazer, Maria Luiza. Eu sou Luiza — enfatiza quando fala os nossos nomes que são iguais —, você está bem? Está aqui para se consultar provavelmente — investiga, bebendo sua água.

— Não... na verdade não... eu vim com o Leonardo. — Decido dizer.

— Com o Leonardo, meu filho? — Ela franze a testa em interrogação e parece que em espanto também.

— Sim, nós estávamos aqui ao lado na cafeteria quando a senhora ligou... bem... enfim... tudo isso aconteceu.

— Ah... sim... então vocês estavam juntos. Maria Luiza é o seu nome?

Dona Luiza continua com um olhar interrogativo associado a uma expressão pensativa.

— Sim, Maria Luiza é meu nome — digo, completamente sem jeito, porque não sei o que está passando pela mente da mãe de Leonardo.

— Maria Luiza!? A moça que Leo atropelou? — Melissa que eu achei que não estava prestando atenção na conversa, questiona em sobressalto.

— Sim, sou eu mesmo. A moça que Leonardo atropelou — repito as palavras que ela usou, com um sorriso sem graça.

— Vocês estavam juntos na cafeteria? Ou se encontraram por acaso? — indaga, num franzir de testa.

— Juntos — respondo honestamente, mas sem saber ao certo se era isso que devia dizer, ainda mais agora, num momento delicado para eles.

— Por que estavam juntos? — A mãe de Leonardo inquire.

Eu olho para os lados procurando por Leonardo, mas é claro que ele não está aqui, pois está nos cuidados com seu sobrinho.

As duas continuam jogando em mim aquele olhar questionador e sem saída digo a verdade.

— Estamos namorando.

Penso em dizer que somos mais que namorados — que somos noivos — mas até para mim isso é algo surpreendentemente inesperado e novo. Então para elas também será e esta não é hora nem momento para a família de

Leonardo saber dos passos apressados que estamos dando em nosso relacionamento.

Melissa e Luiza arregalam os olhos.

— Namorando!? — A mãe de Leonardo questiona, mas sinto uma certa empolgação na sua voz.

— Sim... namorando — afirmo, novamente.

— Cretino, como é que Leonardo está namorando e não me conta nada?

Melissa tem uma reação inusitada e parece que esqueceu de tudo que está acontecendo com seu filho.

— Melissa... isso é jeito de falar? — A mãe repreende.

— Verdade, mãe, ele falou tanto dela para mim e quando ficam juntos ele não me conta nada. Isso não é justo.

Falou tanto de mim? Como assim? Melissa desperta minha curiosidade. Depois vou querer saber mais com Leonardo sobre isso.

— Desculpe por isso, querida, Melissa tem esse jeito... — Ela parece não encontrar as palavras corretas para falar da filha.

Sorrio, pois de certa forma o jeito de Melissa trouxe um tanto de leveza para esse momento de apresentações inesperadas.

— Tudo bem, não tem problema, dona Luiza.

— Por favor, nada dessa *coisa* de dona, apenas Luiza — diz ela, de uma maneira simpática.

— Está bem, Luiza.

Ficamos nos olhando por um breve momento, fico um tanto nervosa e tímida, posso sentir um rubor em minha face.

— É uma pena que tenhamos nos conhecido nessas circunstâncias, mas eu fico feliz de saber que Leo está com alguém tão doce e educada, além de linda. — Ao dizer, ela puxa minha mão para o seu colo entrelaçando nossos dedos e seu gesto só ratifica o que pensei antes sobre mãe e filho serem parecidos em personalidade, ambos são carinhosos.

— Alguém que ele não parou de mencionar, ultimamente — Melissa volta a falar com seu jeito espontâneo. Depois que isso tudo passar Leonardo terá de me contar certinho como foi que tudo aconteceu.

— Melissa...tenha modos, desse jeito você assusta Maria Luiza. — Luiza diz, voltando um olhar de desculpas para mim.

Eu fico com um sorriso nos lábios vendo o dilema da mãe com a filha irreverente que fala tudo o que pensa. Gosto disso.

E sabe aquela minha intuição sobre as pessoas? Pois é, nesses poucos minutos de conversa com as duas eu já consegui sentir que tanto Luiza como

Melissa são pessoas boas e agradáveis, para minha sorte.

Depois disso, mantemos uma conversa leve, mas por vezes ficamos em silêncio pois a apreensão em saber o que está acontecendo com o bebê ainda norteia nossos pensamentos.

Tudo está indo aparentemente bem até que vejo passar pela porta aquela cujo nome prefiro nem dizer.

— Meeel! Minha amiga, eu vim o mais rápido que pude assim que fiquei sabendo do que aconteceu... — A diaba loira entra no pronto atendimento, trazendo com ela o som estridente de seus saltos e sua voz absurdamente aguda e alta.

Assim que nota minha presença, congela no mesmo lugar. E parece até que perde o raciocínio quando seus olhos vão até a mãe de Leonardo e vê nossas mãos — que ainda estão juntas — pousadas no colo de Luiza.

Fica evidente que a dita cuja, não gosta nada da minha intimidade com a mãe do homem que ela quer, mas que é meu.

E eu, por outro lado, não gosto nem um pouco de vê-la aqui.

Pressinto que esse encontro não será nada bom.



Somos frágeis

LEONARDO

Nós médicos, assim como outras profissões que lidam com a vida e com o perigo, fomos preparados para ter a capacidade de pensar e principalmente agir diante de situações de riscos, é como se a berlinda fosse o nosso lugar preferido, pois todos os dias essa nossa capacidade é testada. Você salva uma vida aqui, e perde outra ali. É assim que acontece e falando desse jeito parece até algo simples — mas só parece — pois não é.

Cada um dos meus casos mais difíceis eu dei tudo de mim para evitar o pior. E mesmo com o certo tempo que já exerço a medicina, ainda não me acostumei e penso que nunca vou me acostumar quando perco um dos meus pacientes.

Um médico cardiologista vai saber exatamente o que fazer quando um paciente estiver enfartando, o neurologista por sua vez, sabe como agir diante de um acidente vascular cerebral, o ortopedista saberá como lidar com uma fratura, o obstetra está preparado para realizar uma cesariana ou um parto normal. Um pediatra conhece exatamente o desenvolvimento do corpo de uma criança. Um pediatra neonatologista em específico tem suas habilidades para lidar com recém-nascidos, principalmente prematuros e bebês até o terceiro mês de vida — é isso que eu sou, é isso que sei fazer bem.

A manobra de *Heimlich*, conhecida como a manobra para desafogar bebês, que instrui a minha irmã a fazer em meu sobrinho Gustavo, não é uma particularidade que só aqueles que vestem o jaleco branco sabem fazer, os que vestem fardas também estão preparados para isso, diariamente bombeiros e soldados militares atendem ligações com mães em desespero pedindo ajuda nesses casos, e muitas vidas são salvas pelo telefone.

O que minha irmã deveria ter feito no momento que tudo aconteceu era ligar para um serviço de emergência, a agilidade desta ação é fundamental para garantir que a vida seja preservada. Tivemos sorte, muita sorte, o que não acontece em muitos casos. Pois a vida é frágil, numa fração de segundos ela se esvai quando não recebe o devido atendimento a tempo.

Como eu disse, tivemos sorte, e o choro que ouvimos trouxe o alívio momentâneo, mas eu sei dos riscos que meu sobrinho ainda corre, eu sei que ele ficou sem respirar e que esse precioso tempo sem ar pode lhe causar sequelas.

Por isso, assim que chegam à clínica eu sei que está em minhas mãos garantir o menor dos danos ao pequeno Gustavo. Não espero mais nenhum minuto para dar continuidade ao processo de salvar sua vida, o suporte básico que recebeu ainda no carro foi essencial, mas o que virá a seguir será determinante.

Ele já está com a máscara de ventilação, estamos monitorando seus batimentos cardíacos, os exames demonstram que estão baixos, e isso, preocupa-me sobremaneira, vez que em alguns casos a parada respiratória pode levar a parada cardiorrespiratória.

— Agente firme, garotão do tio, eu estou aqui — digo a ele.

Meus dedos dividem espaço com os inúmeros fios grudados em seu peito enquanto faço as compressões auxiliando seu pequeno coraçãozinho a voltar a bater no compasso desejado.

— Sonda flexível devidamente posicionada, doutor. — Beth auxilia-me, assim como outros membros da UTI pediátrica, mas é nela que mais confio.

— Pode iniciar a aspiração Beth — repondo-lhe.

A aspiração é importante, com isso garantimos que não fique nenhum resíduo do líquido e que vá para seus pulmões.

— Iniciando...

Meus olhos percorrem o corpo do meu sobrinho, cada membro é tão pequeno, tudo tão frágil, principalmente seus órgãos vitais.

— Vamos, Gustavo, vamos... — Continuo com as compressões, um número de cem por minuto.

Sigo minha atenção em tudo, principalmente nos monitores que mostram seus batimentos, pressão sanguínea e arterial.

Continuamos a fazer o nosso serviço, de repente o som do bipe que nos mantém informados de um quadro em evolução para a estabilização, nos surpreende com um som alto e contínuo, toda a equipe médica permanece em total estado de alerta e eu ainda mais.

— Pressão e batimentos caindo, doutor. O que vamos fazer? — Uma outra enfermeira, membro da equipe questiona, aguardando minhas instruções.

Penso rápido, não há muito tempo.

— Noradrenalina, vamos tentar com uma dose baixa, não quero sobrecarregar o organismo dele, então aplica 0.025 de noradrenalina. Agora! Depressa!

— Preparando noradrenalina 0.025, doutor.

Ela fala e toda a equipe fica informada da ação.

— Fica comigo, Gustavo... vamos lá garotão você é forte. Fique, eu quero que conheça Valentina, sua priminha, você precisa ficar comigo.

Digo isso como se fosse o incentivo que ele precisa para resistir e sobretudo a força que preciso para manter-me firme diante disto tudo. Valentina é como um feixe de luz que ilumina minha mente e imaginar os dois crescendo juntos compartilhando momentos da infância, da juventude faz todos os meus sentidos aguçar, eu não vou perdê-lo. Não vou.

— Noradrenalina 0.025 aplicado, aguardando reação.

— Vamos... vamos...reaja! — É como uma ordem o que eu digo.

Segundos se passam, mas parece uma eternidade, até que o som do monitor se torna estável.

— Pulsação voltando e batimentos se normalizando, doutor.

Diminuo as compressões em seu peito. Fico atento a cada número aumentando que o visor demonstra.

— Aspiração concluída, pouco líquido retirado. — Beth informa.

— Isso é ótimo, agora mantém a ventilação — respondo.

Não tiro os olhos do monitor.

— Batimentos entre 100 e 120, doutor. Paciente estabilizou por completo. — Beth fala e sinto em sua voz o alívio.

Graças a Deus penso e respiro fundo. Libero minhas mãos das compressões em seu peito tão pequenino.

— Está estabilizado, agora pode cessar o oxigênio e manter apenas a ventilação. Vamos monitorar como ele reage. — Dou o comando necessário. E sei que o estágio crítico já passou.

Parado ao lado do meu sobrinho, após todos os momentos de angústia que vivi, desde o telefonema da minha mãe, os minutos intermináveis que Melissa não atendia o telefone, e até este em que a vida dele estava sob minha

total responsabilidade, eu vejo o quão frágil estou. Eu agi de forma rápida e precisa assim como fui preparado para uma situação como esta. Mas o que sinto percorrer o meu corpo é o mais puro e simples medo, sou humano, sou alguém que ama com todas as forças a sua família, e se o pior acontecesse, eu sei que esta seria a marca triste em nossas vidas. Principalmente na minha.

Beth se aproxima, tocando em meu braço.

— Ele vai ficar bem, Leo, o quadro se manterá estável, não havia quase nada de líquido em seu pulmão e agora os batimentos e pressão estão normalizados. Respire meu amigo.

Beth, aquela que me conhece tão bem quanto a minha mãe, conforta-me de um jeito carinhoso. E sem dúvida eu precisava disto.

— Eu senti medo. E ainda estou sentindo — revelo.

— Perfeitamente natural, ele é seu sobrinho, tudo mais estava envolvido. Mas você fez um bom trabalho e ele está vivo, isso que importa, Leo. — Beth diz, dando-me um sorriso acalentador.

E é incrível como ela tem sempre as palavras corretas para os momentos difíceis.

— Você tem razão, ele está vivo isso que importa. — Fecho os olhos, repito mentalmente ele está vivo isso que importa.

Afasto o medo.

— Todos nós fizemos um bom trabalho. Obrigado pessoal — digo em um aceno aos demais profissionais na sala.

Sinto-me voltar ao normal.

— Doutor, já podemos preparar para transportá-lo para a pediatria?

— Sim, vamos levá-lo para neonatal e continuar o monitoramento — confirmo.

No mesmo instante em que termino de falar, vejo a porta sendo aberta.

— Leonardo! Como ele está? — Meu pai, tão branco como uma folha de papel invade a sala.

Ver o doutor Henrique assim, justo ele que é totalmente centrado, demonstra que a sensação de medo não atingiu apenas a mim.

— Estável. Batimentos estão normalizados e respira apenas com ventilação. — Dou-lhe a resposta concisa com o diagnóstico atual de Gustavo.

— Mas e o oxigênio? Por quanto tempo ele ficou sem respirar? Ele precisa de oxigênio, ou corre risco de danos cerebrais, você sabe disso, Leonardo.

Ele é uma mistura de médico com avó receoso pela vida do neto.

— Claro que sei. Assim que ele chegou foi imediatamente submetido a máscara de oxigênio, só tirei agora que ele normalizou e estamos monitorando

enquanto Gustavo respira com a ajuda da ventilação mecânica. O excesso de oxigênio pode causar problemas, especialmente para os pulmões — sou firme em minhas colocações, demonstrando-lhe que sei o que fiz — ainda mais em um bebê de dois meses, você sabe disso, doutor Henrique.

Abrando o tom da voz, afim de amenizar os ânimos e ao finalizar a frase usando as suas mesmas palavras, lhe dou um sorriso.

Definitivamente, o que nós não precisamos agora é uma disputa de quem sabe mais, além disso tenho consciência de que ele está tão nervoso quanto eu já estive momentos antes.

— Certo... certo você tem razão. Desculpe por me meter desse jeito, mas é que...

— Eu tenho tudo sob controle pai, confia em mim.

Uso a palavra pai, que normalmente evito na clínica por questões óbvias, mas agora eu preciso lembrá-lo que nossa relação vai além, somos pai e filho. Somos família.

— Eu confio, claro que confio, você é um excelente médico, meu filho. É só que eu ... enfim, me desculpe.

— Eu te entendo pai. Não se preocupe com isso. — Tranquilizo-o.

Entendo perfeitamente sua reação. Ele é avó do Gustavo, e quer garantir que receba o atendimento correto.

— Nós vamos transportá-lo agora para a pediatria, você vem junto?

— Sim, claro. Só precisamos avisar sua mãe, Melissa e Luís. Eles devem estar ansiosos por notícias.

— Sim, alguém fará isso enquanto nós subimos. Quanto antes ele estiver na UTI neonatal com todos os recursos disponíveis de monitoramento é melhor e mais seguro.

— Certo você tem razão, então vamos.

Mas antes de irmos, meu pai leva a mão ao meu ombro, dá um sorriso contido e me agradece por ter salvo a vida de seu neto.

Seguimos para o local onde teremos condições de manter nosso pequeno Gustavo seguro.



Antídoto

MARIA LUIZA

— O doutor Leonardo pediu para avisar que eles foram para a UTI neonatal e que vocês podem se dirigir até lá— Uma enfermeira nos avisa.

— UTI? Mas ele pirou? Como está o meu filho? — Melissa pergunta preocupada.

— Ele está bem, senhora, mas o doutor irá conversar com vocês. — Ela explica.

Em uma análise melhor, lembro que esta é a enfermeira que já vi algumas vezes na UTI neonatal.

— Está bem, muito obrigada — Luiza diz. — Vamos, filha. Fique calma, Leonardo sabe o que faz.

Como uma boa mãe Luiza acalma a filha.

— Eu vou acompanhar vocês, podem me seguir por favor? — A enfermeira lança um olhar amigável e nos conduz.

Seguimos pelos corredores internos do pronto atendimento até chegar ao elevador.

Enquanto subimos os andares dentro do pequeno espaço, sinto os olhos de Carolina — seu nome tem gosto amargo — pousados em mim, encarando-a demonstrando que seu olhar não tem poder de intimidação, pelo menos não

comigo.

Vejo a criatura ganhar um rubor de raiva, sua pele clara avermelhada e o fogo que queima em seus olhos azuis, denunciam a fúria que ela sente. Principalmente depois que Luiza me apresentou como namorada de Leonardo e eu sei que ela queria dizer muito mais do que “*Muito prazer, Maria Luiza*”. Contudo, se conteve, passando a figura de boa moça na frente da mãe e irmã de Leonardo. Ela é daquelas que bate e esconde a mão. *Cobra*.

O elevador chega ao seu destino, as portas se abrem, posicionada mais ao fundo saio por último. Carolina faz questão de manter o braço na porta até que eu passe, ignoro-a e nem lhe agradeço pela falsa gentileza. Sigo pelo corredor e ouço seus saltos logo atrás de mim.

— Pelo jeito você não entendeu o aviso que eu te dei, Maria Luiza. — Carolina diz. E incrivelmente ela consegue falar em um tom suave e baixo. Tão diferente do tempo todo que ficou enchendo nossos ouvidos no pronto atendimento enquanto aguardávamos.

Ela conseguiu falar tanto e alto que em um determinado momento uma enfermeira lançou um olhar de reprovação — mas sem jeito de pedir silêncio — afinal a cobra falante estava com a dona da clínica e filha. Mas acredito que Luiza percebeu isso, pois em seguida pediu que Carolina, parasse de falar ou então que falasse mais baixo.

Mulherzinha sem noção.

— Não entendi, porque sinceramente seu aviso pouco me importa, Carolina — respondo olhando para frente e sem parar de andar.

— Já vi tudo, você é o tipo boazinha interesseira, não é?

Paro de andar, viro-me e encaro-a novamente assim como fiz antes no elevador. Analiso-a por um instante, é inegável que ela é uma mulher bonita, vestida em suas roupas caras e de grife. Possui um ar impetuoso e arrogante, como se fosse a dona do mundo. Mas torna-se uma pessoa insignificante diante de suas atitudes. Dinheiro não forma caráter, muito menos garante educação.

Encaro-a bem e digo:

— Tenha ao menos respeito por aquela que você chama de amiga e que quase acabou de perder o filho, e sobretudo, que ainda não tem ideia de como ele esteja. Por isso, se controle e principalmente, pare de me provocar. — Despejo e saio. Ela não terá minha atenção.

Carolina fica por um tempo imóvel, até que eu posso voltar a ouvir os sons dos seus passos no piso — que apesar de ser desses específicos para hospitais — são absurdamente sensíveis ao atrito que seu calçado ocasiona. Qualquer pessoa com um pinga de discernimento saberia que deveria andar devagar para evitar o barulho. Mas não Carolina, ela vem às pressas e desconfio

que é para me alcançar, mas quando se aproxima o suficiente para dar a resposta que certamente está engasgada em sua garganta, eu já estou ao lado de Luiza e Melissa.

Dar ouvidos a provocações de Carolina é algo que está fora dos meus planos. A ocasião pede controle e respeito ao que aconteceu com a família de Leonardo, por isso, apesar de saber que ela precisa ser colocada em seu devido lugar, mantereí minha serenidade. Eu sei que oportunidade não faltará para lhe mostrar de que *tipo eu sou*. O tipo que ela nunca desejou enfrentar.

— Vou avisar que vocês já estão aqui. Se quiserem se sentar, fiquem à vontade. — A enfermeira fala e em seguida some de nossas vistas. Ela passa por uma porta larga, que abre e fecha de forma automática, quando ela aproxima uma *tag* ou digita um código.

Sei disso porque nas vezes que vinha visitar Valentina, Beth abria a porta desse jeito, “*sistema de segurança, UTI neonatal não é casa da mãe Joana, onde todos podem entrar*”, dizia ela com aquele seu jeito que misturava humor e seriedade. Essa lembrança remeteu meus pensamentos aos dias que passei na clínica, aos momentos com Valentina e Leonardo. Uma involuntária alegria me atinge ao pensar que em um futuro breve seremos uma família.

A avó e os pais estão em um silêncio profundo e olhos atentos a porta, a ansiedade em ver Gustavo é evidente em suas expressões. Após aguardarmos por alguns minutos a porta se abre e é a minha amiga Beth quem surge. Ver um rosto amigo é sempre bom nessas horas.

— Leonardo pediu para vocês entrarem. — Ela fala dirigindo-se a Luiza, Melissa e Luís. Beth está tão séria, não gosto de vê-la assim. Será que o menino piorou?

Com sua visão periférica nota a presença desagradável de Carolina, me dá um olhar que me questiona silenciosamente se está tudo bem, com um sorriso e aceno de cabeça faço-a saber que estou bem.

Os pais de Gustavo passam pela porta rapidamente desejando ver o filho, Luiza fica por último e quase passando pela porta o som do seu celular a faz parar. Ela o tira da bolsa e ao olhar o visor uma ruga se forma em sua testa.

— Ah não... meu irmão ligando justo agora. — Luiza fica olhando para o aparelho em dúvida se atende ou não e em seguida olha para mim. — Maria Luiza, você pode fazer a gentileza de atender e conversar com ele, explique tudo, por favor? Ele está preocupado. Mas eu preciso entrar. — Ela pede.

— Claro! Pode deixar Luiza, eu falo com seu irmão. — Tomo o celular de sua mão estendida.

— Obrigada, querida — dito isto, ela passa pela porta.

Deslizo o dedo pela tela do celular e atendo a chamada. Contudo, antes mesmo de conseguir dizer *alô*, ouço a voz grave e em um tom preocupado do tio de Leonardo.

— Luiza, desculpa, quando você ligou não ouvi o telefone tocar. O que aconteceu?

— Oi — digo tentando iniciar um diálogo com alguém que não conheço e nem sei o nome —, não é a Luiza quem está falando...

— Quem é?! O que houve com ela?! — Faz uma pergunta atrás da outra e sua voz grave, torna-se ainda mais preocupada a cada palavra.

— Ela está bem — apresso-me em dizer —, pediu que eu atendesse o telefone, pois acabou de entrar para o ver o neto — explico.

— Por Deus! O que foi que aconteceu? Quem quer que seja você me diga, por favor? — Ele bem dizer implora pelas informações.

Sinto-me ansiosa em explicar, então faço isso sem rodeios e ele disposto a ouvir, fica em silêncio atento ao que digo. Conto ao tio de Leonardo exatamente tudo o que presenciei, detalhes de como o bebê está agora é impossível, pois não tenho ciência, mas pelo menos consigo lhe dar algumas informações que aparentemente o acalmam.

Enquanto falo ao telefone, afasto-me do olhar e ouvidos curiosos de Carolina, eu notei sua expressão ciumenta quando a Luiza me passou o telefone. Certamente não gostou que a mãe de Leonardo tenha pedido a mim o favor e não a ela.

Depois de tudo explicado ele diz:

— Certo. Você pode dizer a ela que assim que puder me dê notícias?

— Sim... sim eu digo a ela.

— Obrigado — ele responde, aparentemente aliviado. — Qual é seu nome mesmo? No início da conversa estava tão nervoso que nem gravei, me desculpe.

— É Maria Luiza, mas acho que eu também acabei não dizendo na pressa de lhe explicar o que aconteceu.

— É pode ser, pois acho que teria memorizado, sendo que seu nome é quase igual ao da minha irmã — Ele diz, em um tom simpático.

Esboço um sorriso e sou capaz de imaginá-lo fazendo o mesmo do outro lado da linha. Depois de breves segundos ele torna a falar:

— Está bem então, Maria Luiza, obrigado por me informar. E não esqueça de pedir que Luiza entre em contato, por favor.

— Farei isso, fique tranquilo — afirmo.

— Certo, obrigado mais uma vez.

Despedimo-nos e após ligação ser encerrada, percebo que esqueci de

perguntar seu nome e ele também não comentou, mas isso é irrelevante, o importante é que o tio de Leonardo foi devidamente informado de tudo que aconteceu como Luiza me pediu.

Sento-me em uma das cadeiras, nessa espécie de antessala da UTI neonatal. O local não é pequeno, mas acredito que qualquer lugar em que Carolina esteja o ar se torne pesado e sufocante — que situação desconfortável e desagradável — e pelo visto ela não pensa em ir embora tão cedo, pois resolve se sentar e para o meu desagrado, ela escolhe justamente uma cadeira ao meu lado, sendo que há pelo menos mais umas três cadeiras disponíveis além da que eu estou sentada.

Os traços finos do seu rosto magro possuem uma expressão de provocação, a cobra vai começar a destilar seu veneno, só que mal sabe ela que eu sou vacinada.

Há algumas revistas na mesa de centro, pego uma delas. É provável que eu não consiga me concentrar em nada para ler, mas só o ato de folhear a revista é uma boa tentativa para manter a minha atenção fora da pessoa que está ao meu lado.

Assim que abro a revista vejo uma foto de Leonardo e logo abaixo leio: “*Conheça o perfil do jovem médico Leonardo Magno Marquetti, chefe da pediatria da Clínica Hospitalar Dr. Magno, uma das maiores e bem-conceituadas do País*”. O título da matéria é surpreendente, não imaginei que Leonardo tivesse essa função e tampouco que a clínica era uma das maiores do país, claro que sei que se trata de uma clínica de renome, mas não calculei que era tanto assim.

Eu realmente desejo ler isso.

— Sabe — a voz da Carolina interrompe o início da minha leitura —. Eu e Leo nos conhecemos desde que éramos crianças. Nossas famílias são amigas há muitos anos.

Não preciso tirar os olhos da revista para notar que ela fala estendendo a mão olhando para as suas unhas compridas pintadas em um esmalte vermelho sangue.

Soa despretensioso seu comentário. Mas eu não respondo nada, fico em silêncio aguardando o que vem a seguir, pois eu sei que no fundo não é um comentário banal ou sem segundas intenções.

Ela continua.

— Eu vivi a minha adolescência toda esperando chegar o momento de ficar com Leonardo, sou apaixonada por ele desde que eu era apenas uma menininha — vira-se na cadeira ficando de lado e tendo meu rosto como seu alvo —. E eu não vou permitir que uma mulherzinha qualquer entre em meu

caminho.

É claro que Carolina iria me oferecer suas ameaças, mas eu continuo ignorando-a e nem me dou ao trabalho de olhar para ela.

— Você não é a primeira mulher que eu tenho que lidar. Sim, porque não pense que Leo é esse santo que aparenta não, ele sempre teve os *casinhos* dele. E, Maria Luiza — meu nome é pronunciado com desdém —, você é só mais um. Eu sei que no final é comigo que ele vai ficar.

Nossa! Jura? Eu não teria tanta certeza disso, Carolina. Penso em dizer, mas continuo com meus olhos na revista. Meu propósito de me manter imune ao seu veneno tem que ser mais forte que suas provocações.

— Você faz o que da vida, Maria Luiza?

Ignoro-a e não respondo.

— Ah... que isso? Você não quer conversar? Eu queria tanto saber mais de você.

Por fim, decido fechar a revista e encará-la.

— E para quê você quer saber mais sobre mim, Carolina?

— Porque eu quero entender o que foi que Leonardo viu em você. Certo, você é uma mulher bonita, eu não sou cega, mas é comum demais para ele, entende? Bem, o que eu quero dizer é que você nem família possui e aposto que é uma daquelas pessoas que conta as moedas no final do mês. Enfim... não é o tipo de mulher para um médico que tem seu brilhante perfil numa revista. — Ela diz, apontando para a revista em minhas mãos. Sua voz é nojenta e cheia de preconceito.

Minha paciência se esgota e nem um monge budista manteria a calma com uma mulher dessa provocando.

Sair daqui é o melhor que eu posso fazer antes que eu perca o que sobra da minha paciência e razão e dê uma paulada na cabeça dela, assim como se faz com as cobras — não que eu tenha um pau aqui para bater nela — mas um tapa bem dado nesse seu rosto irritante seria o suficiente para fazer calar a boca desse bicho peçonhento.

Levanto-me e no mesmo instante sinto a mão de Carolina envolver meu braço, apertando-o com força.

Agora ela passou dos limites.

— Solta. O. Meu. Braço. Agora! — ordeno e sinto o meu sangue ferver.

Ela solta o meu braço mas cerra os dentes e me fulmina, os olhos recheados de ódio.

— Escute aqui, garota!

— Escute aqui, você! — interrompo-a, fazendo-a parar de falar e

arregalar os olhos com a minha reação.

Continuo, pois agora ela vai ouvir.

— Quer mesmo saber o que Leonardo viu em mim? Exatamente o oposto do que ele vê em *você* e é por isso que ele está *comigo* e não com você, Carolina. E quer saber mais? Não sou mais um *casinho* não, eu sou a *NOIVA* dele. Vamos nos casar e garanto que isso não vai demorar nada.

Tomei todo o seu veneno, e fiz dele meu antídoto.

— Então, Carolina, tenha dignidade e caia fora. Leonardo nunca te quis e não te quer. Será que consegue entender isso?

— No-noiva? Casar? Foi isso que você disse?

Não precisei bater, mas consegui deixar a cobra tonta com o assunto casamento.

— Exatamente isso — digo, com um belo sorriso nos lábios. E agora quem lhe provoca sou eu.

— Vo-você acha mesmo que Leo nunca me quis? — Sua íris azul torna-se avermelhada. — Não tenha tanta certeza disso, Maria Luiza.

— Você é maluca — falo, incrédula de quanto ódio, veneno e rancor existe dentro dessa mulher.

Preciso ir embora, ficar aqui é protagonizar uma discussão que pode até partir para mais que uma discussão, pois a minha vontade de lhe dar um tapa na cara ainda não passou. Mas estou numa sala de espera de uma UTI neonatal, isso não seria nada bom. E certamente era exatamente isto que ela queria quando começou suas provocações.

— Aonde você pensa que vai!? — Já estou de costas para ela quando a ouço dizer completamente descontrolada e tão alto que é capaz que as pessoas dentro na UTI tenham ouvido.

— Ficar aqui ouvindo você grasnar é que eu não vou. — Dou-lhe um último olhar e saio.

Caminho atordoada pelo corredor, eu juro que se não estivesse em um hospital teria mostrado a ela muito mais sobre mim — e o que teria visto, não teria gostado nem um pouco — eu mostraria a ela que ninguém me chama de *mulherzinha qualquer*, me ofende ou menospreza o meu trabalho e o quanto eu ganho para viver. E principalmente, ninguém absolutamente ninguém, fala da minha família, nós podemos não ter sobrenome conhecido, podemos não ser de família rica — que expressão mais ridícula — mas somos pessoas dignas. Muito dignas por sinal.

— Opa! Cuidado aí moça... — Esbarro abruptamente em um homem e se não fosse as suas mãos indo rapidamente em meus braços o choque teria sido ainda maior.

— Nossa! Me desculpe, eu não vi você — digo e em seguida constato que ele usa um desses uniformes azuis como o do Leonardo, o que me faz concluir que ele também é médico.

— Você está bem? Se machucou? — questiona-me de forma atenciosa, mas o olhar que examina meu corpo e o sorrisinho no canto da boca mostra que é mais que atenção, parece que temos aqui um típico paquerador que não perde oportunidades.

— Sim...sim, estou. Eu só preciso sair daqui. — Desfaço-me de suas mãos que além de servir como escudo, segundos antes estavam alisando o meu braço.

— Ei, espera aí... você não é a moça do acidente? — interroga-me. E noto ele perder o olhar de paquerador.

— Não! Eu sou, Maria Luiza Ventura — falo, transtornada.

Já estou farta dessa coisa *de moça do acidente*, por isso nego e apresento-me falando meu sobrenome, pois eu tenho um.

Porém, em seguida noto que acabo descontando nesse desconhecido minha raiva por toda a carga da discussão com Carolina, e isso não é nada legal.

— Desculpe... sim eu sou a moça do acidente — digo com um ar cansado, mas lhe dou um sorriso para amenizar minha rispidez anterior.

— Eu lembro de você. — Ele fala apontando para mim como se estivesse constatando algo.

Já eu analiso-o melhor, tentando reconhecê-lo — o que é em vão —, pois nada me faz lembrar deste homem.

Ele percebe minha expressão de dúvida e se apressa em dizer:

— Você não deve se lembrar de mim, eu fui ao seu quarto uma vez quando ainda estava em coma. Muito prazer, eu sou Derek, amigo do Leonardo e trabalho aqui na clínica. — Ele conclui a frase estendendo-me a mão.

— É, realmente não lembro. Mas... muito prazer, doutor Derek. — Retribuo seu cumprimento.

— Tem certeza que está bem? Eu posso ajudar em algo se precisar. — Insiste.

— Estou bem sim, obrigada. Eu... eu só quero sair daqui.

— Está bem então...

Volto a fazer meu caminho em direção ao elevador.

— Ei, Maria Luiza! — A voz do homem que acabei de conhecer chama minha atenção.

— Sim? — digo ainda de costas, afinal o que ele quer? Eu preciso de ar puro e não aguento mais ficar neste ambiente.

— Sua revista! — Ouço-o dizer e viro-me.

Ele caminha na minha direção com a revista que desde que peguei não larguei com o objetivo de ler a matéria sobre Leonardo, mas estou tão agoniada e nervosa com tudo o que aconteceu, que nem percebi que ela caiu das minhas mãos quando esbarrei.

— Obrigada. — Tomo a revista e levo-a ao meu peito.

— Imagina. Fique bem, Maria Luiza. — Ele agora é apenas atencioso e simpático, sem o ar paquerador.

Assinto e volto a concluir meu caminho.

Entro no elevador, aperto com força mais de uma vez o botão que me levará ao térreo, faço isso com o objetivo que o elevador seja mais rápido, o que é inútil, mas faço mesmo assim.

A descida parece mais longa que a subida e olha que antes eu tinha a desagradável companhia da Carolina nesse elevador.

Preciso urgentemente sair daqui... respirar ar puro.

E, eu sei exatamente onde ir para conseguir isso.



Verdade e Medo

LEONARDO

Mais difícil talvez que enfrentar o medo de perder o meu sobrinho, pode ser que seja o medo e receio de dizer a minha família a verdade sobre o caso dele e as consequências. Por isso, explico calmamente cada detalhe para que entendam e também para que eu consiga encontrar as melhores palavras para dizer o que está me preocupando.

— Gustavo teve uma parada cardíaca, mas nós conseguimos estabilizá-lo rapidamente. Ele está respirando apenas com o auxílio de ventilação, não precisou ficar intubado, o que é ótimo. Mas... o que nos preocupa agora...

Respiro fundo e até parece que eu nunca passei por isso. Mas o fato é que não sou bom em lidar com estes momentos em que tenho que dar as notícias que não sejam aquelas que os familiares desejam ouvir, e sendo assim, torna-se tão difícil para mim.

— O que é Leo? Diga logo! — Melissa indaga-me e só então tira os olhos do filho, faz isso para buscar em mim respostas que certamente ela não queira ouvir. Verdades que eu preferiria ter a opção de não dizer, principalmente a minha irmã.

Todos assim que passaram pelo processo de esterilização puderam se

aproximar do ambiente onde meu sobrinho Gustavo está. E desde que chegou, Melissa se posicionou ao lado da pequena maca, suas mãos tremulas tocam com tanta delicadeza o corpinho dele que parece até que ela esteja com medo de machucá-lo.

Minha irmã está uma bagunça, no rosto além de tristeza, estampa culpa. Certamente ela se sente responsável pelo o que aconteceu ao filho. Mas não deveria ficar assim, pois foi um acidente.

Olho em seus olhos chorosos e falo:

— O que nos preocupa agora é em seguir o tratamento necessário para garantir que ele fique totalmente bem.

É a resposta e dou a ela, mas sei que o que acabo de dizer não explica muito. Mas como eu digo a ela? Como eu explico para minha irmã e meu cunhado que o filho deles pode ter implicações irreversíveis? Como eu conto a verdade?

— Como assim, Leo, se ele voltou a respirar, está estável. Só tende a progredir, não é? Ou há algum outro risco ainda? — Luís, meu cunhado busca detalhes. Ele não está diferente de Melissa, sua expressão é de tanta dor e preocupação, que isso só dificulta mais as coisas para mim.

Todos me olham em expectativa.

Concentro-me em definitivamente explicar melhor e principalmente, concentro-me em ser o mais brando possível. Contudo, antes que possa fazer isso meu pai, o doutor Henrique, se antecipa em responder, mas não do jeito que planejei dizer a verdade.

— Gustavo ficou sem respirar e a falta de oxigênio no cérebro pode ocasionar graves danos ao sistema neurológico, ou seja, ele pode ficar com sequelas. — Ele fala de um jeito seco e direto. Sem nenhuma sensibilidade.

Afinal, o que há com meu pai? Onde está o médico que sempre me ensinou que a família do paciente dever ser informada de tudo, mas de um jeito que não os assuste ou que cause o pânico?

Quero acreditar que seja o estresse que passou que o deixou assim, pois essa sua atitude em nada me agrada.

— É verdade isso, Leo? É verdade o que o pai acabou de dizer? — Melissa pergunta.

Eu queria poder dizer que não é verdade. Mas não posso.

— É... — respondo sem olhar para Melissa, pois meus olhos estão em meu pai ainda.

Apesar de desejar ser compreensivo com ele eu não consigo deixar de encará-lo e silenciosamente com os olhos cheios de reprovação e desapontamento demonstro a ele o meu desagrado pela sua atitude.

Reúno forças e paciência ao ponto que decido por fim deixar isso de lado — picuinhas ficam para depois — e enfim explicar aos pais do meu sobrinho tudo que eles precisam saber.

— Venha, vamos para sala ao lado, eu vou explicar melhor.

Levo-os para um lugar onde possamos conversar e não atrapalhar os pacientes e as atividade da UTI.

Faço sinal com a cabeça para que Beth me acompanhe, ela, assim como eu, tem ciência de tudo e sei que se for preciso, acrescentará algo importante e do jeito certo, saberá me auxiliar nessa situação como sempre fazemos. Afinal, trabalhamos bem juntos.

Diante dos membros da minha família, mas principalmente para os pais do Gustavo, começo a falar:

— Olha só ...Melissa e Luís.

“O Gustavo realmente ficou com essa falta de oxigenação no cérebro. E ele ter resistido já foi algo surpreendente. E sim... isso pode ter comprometido o sistema nervoso central. Porém — enfatizo bem essa palavra, pois ela é como um fio de esperança — desde que ele chegou e nós iniciamos o atendimento estamos tendo o cuidado em garantir ações que permitam a recuperação. Cada passo e acompanhamento agora são fundamentais, por isso o trouxe para a UTI, aqui estamos monitorando sua circulação, controlando a temperatura ideal e a glicemia, esses cuidados e outros em específico podem prevenir e assim o sofrimento neurológico que ele sofreu, não se torne em grandes consequências no futuro. Digo isso, porque ele tem apenas dois meses, então nós só teremos a real situação do quê, e se algo foi afetado a medida de seu desenvolvimento.

Engulo com força depois de dizer a verdade a eles e é como se houvesse cacos de vidro cortando minha garganta.

Luís me olha sério.

— Ou seja, agora nós não teremos muita certeza de nada então — diz ele. E suas palavras soam amargas.

— Nossa única certeza, que já foi uma feliz exceção em muitos casos, é que, apesar de tudo ele sobreviveu — acrescento fazendo-o lembrar que o milagre já aconteceu.

Eu sei que para os pais o desejo é ter o filho em condições perfeitas, mas não podemos esquecer que nosso pequeno Gustavo sobreviveu.

A sala fica em silêncio e talvez assim como eu, eles estão trabalhando em suas mentes tudo o que aconteceu, estão lidando com seus medos, restabelecendo do susto. E procurando a aceitação da verdade.

— Tudo bem — Melissa diz —, para mim é isso que importa. Eu quero meu filho vivo, se por acaso ele tiver dificuldades no futuro, se ele não for

como as outras crianças não me interessa, o que interessa é que eu tenho meu filho. Isso basta.

Minha irmã fala de um jeito confiante e não é apenas algo para disfarçar frustração, pois não há pesar em sua afirmação, ao contrário, enquanto eu explicava eu via se formar nela uma expressão de força, a expressão de uma mãe que sabe que é capaz de suportar e enfrentar qualquer coisa pelo filho.

Isso me deixa orgulhoso, vislumbro nela semelhanças com minha mãe — que até esse momento de nossas vidas eu nunca tinha percebido —, o olhar confiante, encorajador e otimista agora também era uma característica de Melissa e não apenas de dona Luiza. Coisas que talvez só a maternidade faça às mulheres e que principalmente despertam-se com intensidade nos momentos em que a dor se aproxima, mas ainda assim, elas têm que se manter firmes.

Aproximo-me delas, pois sinto a necessidade de abraçá-las — sei o quanto são fortes, mas também frágeis — puxo cada uma delas com um dos meus braços, aperto-as firme contra o meu peito. Todo o amor e atenção que minha mãe nos ofereceu enquanto éramos crianças, só cresceu e se multiplicou com o passar dos anos, mesmo agora, que somos adultos eu e Melissa sabemos o quão importante somos um para o outro. E que é esse amor que nos mantém sempre unidos.

A boa e reconfortante sensação que este abraço promove, me faz lembrar da pessoa que eu desejo trazer para fazer parte deste trio, *falta Maria Luiza aqui*. Abraçado com a minha mãe e irmã eu sinto a falta da mulher que me fez conhecer o amor — aquele amor que difere das relações fraternais — o amor que cria necessidades, o amor de corpos, o amor de almas, o amor que sempre quer estar junto, amando, apoiando, beijando e sentindo.

— Beth, a Maria Luiza estava lá fora quando você foi chamá-los?

— Sim, estava.

— E por que ela não entrou?

Beth tem um olhar confuso e demora para responder.

— Desculpe, doutor, eu pensei que...que... — seu olhar confuso torna-se receoso — bem, eu realmente pensei...

— Que era só para a família entrar. Fez certo, enfermeira Beth. — Meu pai diz e novamente ele está dando respostas no lugar das pessoas.

— Mas é exatamente, o que ela é — afirmo.

— É sim, Henrique. Eles estão namorando. — Minha mãe acrescenta com tanta naturalidade que fico impressionado.

Ela me fita carinhosamente e sinto-a feliz por saber que estou finalmente com alguém.

— Filho, Maria Luiza é uma moça muito gentil, pude conversar um

pouco com ela e fiquei encantada com sua doçura e educação. Leve-a em nossa casa, pois quero poder conversar com ela em um momento mais calmo, hoje aqui foi muita pressão.

O sorriso nos lábios de dona Luiza e seu olhar sincero me deixam alegre em saber que minha mãe também pôde ver em Maria Luiza, nesse breve momento que tiveram, exatamente o que ela é — doce e gentil — característica marcante da minha Malu.

Meu pai, nitidamente incomodado, questiona-me:

— Você está namorando aquela moça, Leonardo?

E por essa atitude dele, decido ir mais longe, não estava em meus planos contar a novidade hoje para a minha família. Mas...

— Não, não estou — respondo.

Vejo doutor Henrique relaxar quando ouve minhas palavras. Já minha mãe enrijece, afasta-se do meu abraço e me lança um olhar inquieto.

— Não? Como assim? Mas ela disse que sim.

— Luiza, isso é coisa da cabeça dela. Leonardo deve ter saído uma vez com a moça e ela já pensou que fosse namoro.

Ele faz pouco caso, mas está muito enganado. E pelo visto não vai gostar nada quando eu disser a verdade.

— Filho, isto é verdade? — Minha mãe, questiona-me, — Leo, você não é esse tipo de homem, não engane Maria Luiza. Ela deu entender que vocês estão em uma relação séria.

— E estamos mãe. Mas não estamos namorando. — Faço o mistério de propósito.

Melissa que já não aguenta a curiosidade, especula.

— E o que vocês são então?

— Noivos! — respondo por fim, com um sorriso amplo e cheio de expectativa com a reação deles.

— O quê?! — O questionamento vem em uníssono.

Meus pais, minha irmã, meu cunhado e até Beth, olham-me e suas expressões são um misto de surpresa e espanto.

— É isso mesmo que vocês ouviram — dou de ombros —, depois eu conto e explico melhor, agora vou trazê-la aqui. A essa altura ela deve estar extremamente aflita por notícias.

Eu sei que minha mãe e Melissa, por mais que tenham sido pegadas de surpresa, ficaram felizes. Mas meu pai, como eu esperava, não foi muito receptivo a essa novidade, mas é o de menos, porque em nada a opinião dele vai interferir no que eu quero fazer.

Os deixo falando sozinhos, tecendo seus comentários e faço meu

caminho para encontrar Maria Luiza.

— Leo... espera, preciso falar com você — Beth vem caminhando ao meu lado.

— Beth, prometo que conto tudo a você, só que agora quero ver Maria Luiza. — Continuo andando e faço em passos largos e rápidos.

— Leo! Me ouve! — Beth insiste, apressando seu ritmo para me acompanhar.

— Segure sua curiosidade, enfermeira cupido — Brinco.

— Carolina está aí fora. — Ela solta a frase e meu sorriso some.

Viro-me para olhá-la.

— E como você deixa a Malu sozinha com ela, Beth? Você conhece bem a Carolina.

— Sim, eu conheço. Mas fiquei sem reação quando a vi. Não sabia se deveria chamá-la também, você viu a reação do seu pai. E a Malu me deu um sorriso que parecia estar bem. Então achei que não teria problema elas ficarem sozinhas juntas.

— Saberemos disso agora, Beth — falo abrindo a porta de saída da UTI e para meu desgosto é a voz de Carolina que ouço.

— Noivos... como noivos? Ela só falou isso para me provocar, essa mulherzinha desqualificada. Você sabe alguma coisa sobre isso, Derek? Sabe se isso é verdade? — Ela questiona meu amigo que ainda nem foi atualizado com as últimas novidades da minha vida.

A fúria na sua voz desperta ainda mais minha preocupação com o que pode ter acontecido entre as duas. Dou uma olhada rápida em volta da sala e corredor e não vejo Maria Luiza. Droga! O que foi que aconteceu aqui?

— Onde ela está!? — pergunto, meu tom é impaciente. Eu conheço Carolina sei que ela provocou Maria Luiza.

Carolina olha-me surpresa.

— Ela quem? Aquela mulherzinha que diz ser sua noiva? Leo, isso não é verdade, *né*? — Ela tem um sorriso falso nos lábios, pois no fundo eu sei que ela está com raiva e ao mesmo tempo com medo da minha resposta.

— Onde ela está!? — repito, tão ríspido quanto antes.

— Ela foi embora — Derek responde.

— O que você fez a ela Carolina? O que disse para que ela fosse embora?

Sinto a raiva assumir o seu lugar em mim.

— Eu não fiz nada! Foi ela quem me encheu de ofensas, aquela mulher é uma desqualificada, grosseira e sem classe, Leonardo.

Transtornada Carolina me dá a certeza de que as duas bateram boca e

sei que a culpa foi dela. Malu não é o tipo que vai para o ataque e se ela respondeu algo, foi porque Carolina provocou.

— Pare! Eu não admito que você fale assim dela — aproximo-me —. Vamos, Carolina, diga logo o que aconteceu aqui, o que você fez para que ela fosse embora?

Encaro Carolina e meu olhar não é nada amigável.

— O que você fez para que ela fosse embora?! — repito. E meu tom é tão ríspido que Carolina aparentemente fica assustada.

— Leonardo, você não pode ficar com ela. Eu sou a mulher certa. Eu esperei por você esses anos todos é comigo que você tem que ficar. — Os olhos dela demonstram a mesma obsessão de suas palavras.

— Chega, Carolina! Chega!! Eu cansei. Eu te aturo há muito tempo, eu já tinha até acostumado a ter que lidar com isso, mas agora tem que acabar. Eu tive uma conversa franca com você pensei que tivesse entendido, mas pelo visto não. Me deixa em paz!

— Eu sou a mulher certa, não ela. Ela é uma qualquer, Leonardo! — Carolina grita.

— Basta! Você ultrapassou todos os limites! Carolina, você nunca foi a mulher certa. Nunca foi. Entenda e aceite, eu estou com a Maria Luiza, vou me casar com ela. E essa sua paranoia acaba aqui.

Carolina sorri, cinicamente.

— Eu nunca fui a mulher certa? Tem certeza disso, porque não foi isso que pareceu naquela noite em que você e eu...

— Cala a boca! — não deixo que termine de falar sobre aquela porcaria que aconteceu — E esquece isso de uma vez por todas, pois não significou nada entendeu? E tem mais, se você disse a ela sobre isso... eu juro que...

— Leo, calma cara. — Derek diz.

Contudo, permaneço com os olhos em Carolina, a respiração instável faz o meu peito subir e descer rápido.

— Calma, Leo. — Ele repete seu pedido trazendo-me de volta a consciência. Pois, Carolina consegue me tirar do sério.

— Vai embora, Carolina! — Esbravejo ainda perto do seu rosto.

Estou furioso por ela ter ocasionado essa situação.

— Você me paga por isso, Leonardo!

Lágrimas escorrem pela sua face. Não é a primeira vez que as vejo e como sempre não me comovem, pois, sei de suas artimanhas.

— Eu vou buscar a minha noiva, e quando eu voltar não quero ver você aqui, Carolina.

— Vamos, Carolina, o show acabou. — Derek diz, tirando-a da minha frente, fazendo-me um enorme favor.

Lanço a ele um olhar de agradecimento. Ciente de que estou bem nervoso com essa situação, Derek diz:

— Vou descer com Carolina pelas escadas e se você quer achar a sua noiva vá logo, eu a encontrei indo para o elevador e não parecia nada bem.

Sinto-me tremer, parece que o maldito medo hoje está querendo me perseguir, pois por todo o meu corpo e principalmente em meu coração eu o sinto.

Não posso acreditar que ela realmente tenha deixado a clínica sem falar comigo, talvez Maria Luiza não foi realmente embora apenas tenha saído de perto disso tudo para poder respirar longe de Carolina e de suas provocações.

Antes de entrar no elevador vou até uma das janelas na esperança de ter algum sinal... de vê-la em algum lugar.

E eu a vejo.

As janelas desse corredor têm a vista para o jardim. O jardim que tem um dom de acalmar nosso espírito — por experiência própria sei o quão bom é ficar nele por algumas horas — o jardim que ela tanto gosta, onde ficam as palmeiras que viu assim que despertou do coma e o lugar que ela visitou todos os dias seguintes durante sua estadia na clínica.

Lá está ela... tão bela, tão linda. A roupa branca que usa reflete os raios de sol, o vento sopra seu cabelo longo. Maria Luiza é o tipo de pessoa que tem uma luz própria. A luz que eu preciso, pois apesar da realização profissional, da família que tanto amo, eu sempre desejei que chegasse alguém em minha vida que pudesse entrar em meu coração, e fazer os dias completos e plenos, mesmo em dias difíceis como o de hoje.



Picada de cobra

MARIA LUIZA

— O que te faz tão concentrada nessa revista? — A voz rouca de Leonardo chama minha atenção e causa todo aquele alvoroço dentro de mim.

Algumas horas longe dele e eu sinto como se estivesse passado dias sem ouvi-lo ou vê-lo.

De pé, em minha frente, fito-o com admiração. Esse homem todo em sua altura, músculos e rosto perfeito arrebatam meu coração, seu olhar cheio de carinho só me faz ter a certeza de que posso enfrentar qualquer situação para tê-lo sempre em minha vida.

Algumas pessoas podem julgar que amores que acontecem tão repentinamente tendem a morrer da mesma forma com que nascem — rápido — mas eu sei que este não é o nosso caso. Sei que há algo mais forte e sublime que nos envolve e isso independe do tempo que tenhamos partilhado juntos e sim da intensidade de cada momento vivido. E desde que nos conhecemos fomos protagonistas de um encontro inesperado, intenso e ávido. O destino se encarregou de cruzar os nossos caminhos afim de nos fazer conhecer o amor e nós fomos capazes de entender isso, e principalmente aceitar.

Leonardo é um homem seguro de si e de suas ações, não teve medo ao me contar dos seus sentimentos e nem de dar um grande passo em nosso recente

relacionamento. Seu pedido de casamento me assustou, isto é certo. Mas bastou que eu tomasse consciência e afastasse meus medos e conceitos pré-estabelecidos de vida para que eu aceitasse seu pedido.

Aceitei casar com ele, propus formar uma família trazendo para a nossa vida Valentina e agora eu serei uma mulher forte e determinada em lutar para que isso se concretize e que nada atrapalhe. Principalmente aquela que deseja com toda a sua arrogância ter o homem que se tornou minha âncora e meu amor verdadeiro.

— Uma matéria sobre um talentoso médico — respondo, mostrando-lhe as páginas da revista. — Aqui tem informações sobre você que eu ainda desconhecia, mas que me deixaram ainda mais encantada por você, doutor Leonardo — acrescento, e sei o quanto estou parecendo uma mulher apaixonada ao dizer. Mas é o que eu sou.

— Tenho certeza que o que é mais importante sobre mim você já sabe. — Ele diz, sentando-se ao meu lado no banco que foi providencial assim que sai daquela situação hostil e pesada com Carolina.

Em cada uma das palavras dita a ela no calor da discussão, fui como uma rocha, mas quando me vi longe, permiti-me relaxar e deixar que o corpo amolecasse — afinal eu tenho sangue correndo em minhas veias — e ter um lugar para sentar foi essencial, pois todos os meus membros tremiam. Não que esse tremor é ocasionado por medo ou receio, esse tremor é o corpo liberando a adrenalina e vontade imensa que senti em esbofetear aquela cara nojenta dela. Mas, quer mesmo saber? Isso não importa agora que Leonardo está aqui. Por isso, nada de pensar em Carolina, há um assunto mais relevante e importante que me interessa.

— Como está o Gustavo? — pergunto, querendo saber de verdade como está o bebezinho que já nutro um sentimento especial.

— Ele está estável e não corre mais riscos. Agora é monitorar e tomar alguns cuidados para evitar ao máximo problemas futuros.

Leonardo parece tão cansado e eu diria até que mais que isso, talvez preocupado, natural depois de tudo que aconteceu.

— Que bom, fico aliviada em saber — acaricio o seu rosto a fim de acalotá-lo e levar para longe essa sua tensão —. Desculpe, queria ter ficado lá aguardando por notícias, mas eu precisava de um pouco de ar fresco.

Completo minha frase e faço isso substituindo minha mão pela boca, quando meus lábios lhe tocam a face, ele fecha os olhos e inspira fundo como se estivesse precisando disso.

Leonardo abre os olhos e sua imensidão verde acinzentada me dá o vislumbre de uma insistente preocupação.

— Não se preocupe, eu sei. Eu sei, Malu. — Ele diz, cabisbaixo.

Seus olhos demonstram-me que ele realmente sabe qual o motivo que me fez sair daquela sala de espera ao invés de ficar e aguardar por notícias.

Não crio papéis subjetivos, vou direto ao ponto.

— Ela ainda está lá? — questiono.

— Já mandei que fosse embora — responde-me de pronto.

Leonardo continua a enfrentar o meu olhar e eu reconheço no dele um viés de culpa. É quase como o mesmo olhar que me ofereceu ao me contar que era ele quem dirigia o carro que me atropelou. Mas como naquela ocasião, nesta Leonardo também não possui culpa, e eu preciso que mude de ideia.

— Olha, Leo, eu soube no dia em que ela foi até o meu quarto e fez todas aquelas ameaças que se eu pensasse em ter algo com você, teria de lidar com isto. Confesso que foi um dos motivos que até me fez pensar em travar meus sentimentos — sorrio — mas não resisti a tanto carinho e atenção e julguei que seria melhor ter de enfrentá-la a ter que abrir mão do que vi nascer entre nós dois. Por isso, não quero que sintam-se culpados, entendeu? — Uno nossas mãos. — Claro que de alguma forma Carolina é como uma pequena pedra no sapato, quase não se nota sua presença até que ela resolva incomodar. Mas juntos vamos tirá-la do nosso sapato.

— Eu sei disso, Malu. Sei que ela incomoda e é inconveniente. Por isso, preocupo-me com toda essa situação. Mas quero que saiba que eu já esclareci muitas coisas com ela antes mesmo de ficarmos juntos e hoje lhe dei um último e decisivo aviso. Não vou permitir que ela nos atrapalhe e nem que perturbe você.

— Obrigada, mas acredite, eu sei me defender. Já percebi que ela gosta de provocar e insinuar coisas, então o melhor que terei de fazer é ignorá-la. A verdade é que tudo não passa apenas de puro sentimento de rejeição. Ela queria ter você e nunca teve, por isso é que age dessa forma.

Noto Leonardo assumir uma forma ainda mais preocupada que vai além da que apresentava um pouco antes. Sua expressão é como se quisesse me dizer algo. Minha desconfiança cresce quando ele fica calado e começa a passar a mão pelo rosto e cabelo. Eu conheço esse gesto e quando ele o faz, definitivamente ele quer me dizer algo e está procurando como fazer isso. Resolvo ajudar.

— Leo, tem algo que você queira me dizer?

Seu olhar cheio de apreensão passeia pelo meu rosto, sem ele dizer nada, sem responder minha pergunta. Não estou gostando nada disso.

— Leo... tem algo que eu deva saber? Porque se existe...

— Malu, eu sempre soube desde as nossas primeiras conversas o

quanto espetacular você é. Sua personalidade, a forma de enxergar as coisas, eu já falei isso antes, mas sinto que preciso repetir. Você é um tipo surpreendente de mulher. E eu não estou comentando isso para neutralizar o efeito do que eu vou dizer a seguir, estou dizendo apenas, pois é assim que eu vejo você.

— Você me assusta falando assim. — E realmente é assim que me sinto, não estou gostando do rumo dessa conversa.

— Não se assuste, é algo ruim... chato. Muito chato. Mas quero que você saiba desde já que estou arrependido de não ter contato antes. Não foi porque eu pensei em esconder, eu só não tinha tido tempo talvez, pois cada vez que estamos juntos eu só consigo me concentrar em você e aproveitar o momento.

— Fale logo, por favor — peço, a garganta tão apertada que foi difícil fazer as palavras saírem.

— Há alguns meses eu perdi um paciente, tratava-se de um caso muito complicado, o bebê nasceu com uma doença rara nos pulmões, eu o vinha tratando desde que nasceu, a mãe e ele ficaram bem dizer vivendo na UTI da clínica durante um ano, eu busquei encontrar qualquer jeito para ajudar, inclusive com tratamento fora do Brasil. Mas depois do dia do seu primeiro aniversário, o quadro de uma pneumonia que a todo custo tentei minimizar evoluiu, e ele não resistiu. Sabe... eu sei que a culpa não foi minha, que poderia com muitas chances acontecer isso. Mas não consegui lidar. Eu fiquei arrasado essa é a verdade. Depois de um tempo que isso aconteceu e sem conseguir dormir direito alguns amigos que sabiam do que eu estava enfrentando me convidaram para ir a uma festa, então eu aceitei, pois julguei que seria bom espalhar um pouco. — Ele conta com os braços apoiados em sua coxa e a cabeça baixa.

— Eu sinto muito pelo seu paciente — digo, puxando seu rosto para cima. Eu sei o quanto Leo se dedica e se envolve com seus casos, ele já deixou isso bem claro.

Leonardo mantém o seu olhar no meu e vejo seu rosto inteiro contorcido em aflição. Temo por suas próximas palavras.

— Carolina estava nesta festa também... e bem..., eu acabei bebendo, eu não costumo fazer isso, mas tamanha minha frustração que acabei exagerando, e por bem resolvi não ir dirigindo para casa e sem condições de raciocínio lógico peguei uma carona com ela e...

— Espera! — interrompo-o. — O que você está tentando me dizer é que depois de ficar arrasado por perder um paciente decidiu ir a uma festa, então bebeu demais e acabou indo parar na cama com Carolina? — falo, e sinto um nó se apertar em minha garganta e um gosto amargo tomar conta da minha boca ao

ter que dizer essas palavras.

— Sim... infelizmente sim. — Ele diz, resignado.

— Na cama que nós fizemos amor? — A voz sai embargada pela dor que sinto e é como se algo estivesse cortando meu peito.

— Não! Jamais a levaria para minha casa. Você foi a única que estive lá, Malu. — sussurra, passando a mão pelo meu cabelo. — Eu juro que não significou nada para mim, tanto que só aconteceu esta vez, e porque eu não estava em meu perfeito juízo.

— Mas para a Carolina significou, Leo! — digo estupefata — Agora eu entendo, ela insinuou muitas coisas inclusive isso, mas não dei importância porque uma vez você me fez acreditar que não existia nada entre vocês dois. Você escondeu isso de mim, Leo e errou feio com essa atitude. Eu sei perfeitamente que tivemos outras pessoas e que não precisamos fazer uma lista das quais já saímos, mas Carolina? Carolina é um caso diferente, pois ela é alguém que ainda insiste em ficar com você. Você tinha que ter me contado.

A dor transpassa o meu peito, e junto com ela eu tenho a sensação de ter sido traída, e não por ele ter transado com a cobra desgraçada — isso me dá nojo — mas por não ter me contado antes.

— Malu, eu sei... você está coberta de razão, eu errei. Errei quando fui para cama com ela e errei principalmente por não ter dito isso a você. Mas estou dizendo agora, e estou sendo sincero em cada palavra. Precisa confiar em mim.

Ele está em completo desespero eu posso notar isso, assim como todo o seu arrependimento.

— E eu confio, Leo... Eu confiei quando você segurou minha mão naquele chão com o corpo todo dolorido e com o rosto coberto de sangue, e você me disse que ia dar tudo certo, que tudo ficaria bem. Confiei assim que eu acordei do coma, e você estava lá... e me deixou chorar no seu ombro e então disse que o pior tinha passado e que ia sempre estar ao meu lado. Acreditei quando disse que nunca existiu nada entre vocês dois. Na vez que declarou que estava sentindo algo por mim e queria uma chance, também confiei. Confiei tanto em você que aceitei seu pedido de casamento. E eu ainda confio quando diz que só aconteceu uma vez e por estar bêbado. Eu conheço o teu caráter, sei que está falando a verdade. Mas o que não confio nesse instante é no meu sentimento ferido, e isso eu não posso mudar.

— Malu, por favor... — amedrontado, suas mãos apertam as minhas com força.

— Sabe, Leo... quando ela começou a me atacar hoje, eu fui firme e segura, porque eu tinha a certeza que vocês nunca tiveram nada, e que isso contava a meu favor. Mas agora eu não sei se serei capaz de ser tão forte assim.

Como lidar com as provocações, quando na verdade ela já teve o que mais deseja — você. E nesse ponto de vista eu percebo que não existe nada que pese a meu favor nessa espécie de balança da disputa.

— Você tem tudo a seu favor, Malu! — diz tomando meu rosto em suas mãos — É com você que estou e é com quem eu quero ficar. Nunca houve alguém que me fizesse desejar dividir os meus dias. E Malu... você fez isso. Você é a mulher da minha vida.

O pensamento que tive assim que ele chegou nesse jardim, era justamente que eu seria uma mulher forte e determinada, que lutaria para que nada nos atrapalhasse, inclusive Carolina. Pois bem, é isso que eu tenho que ser agora, e as palavras que ele me diz só ratificam tudo o que ele vem demonstrando, e por isso não posso ser injusta com ele. Mas eu não posso ficar mais aqui olhando para ele e sabendo que aquela mulher que eu não suporto já esteve em seus braços.

Levanto-me.

— Aonde você vai? — em um salto ele também se põe de pé.

— Para casa. — E ao responder, uma lágrima que o tempo todo evitei que caísse, trilha minha bochecha chegando ao canto da boca, o gosto salgado alivia o amargor que vinha sentindo desde então.

— Fique, Malu. — Dói na minha alma ter que vê-lo assim. Os olhos dele se apertam demonstrando toda sua aflição com essa situação.

— Eu realmente quero e preciso ir, Leo... será melhor.

— Eu te levo então. — Oferece cheio de esperança.

— Não. Muito obrigada. Mas eu vou sozinha. Moro aqui perto, aproveito para caminhar.

— Malu... — meu nome sai em um sussurro. Seus braços envolvem-me e eu queria tanto ser forte o suficiente para esquecer e superar tudo nesse momento e ficar aqui, onde é o meu lugar. Mas não consigo.

— Leo... de verdade me deixa ir, eu prometo que só preciso de um tempo para digerir isso.

— Me desculpe... de verdade eu sinto muito. A última coisa que eu queria era magoar você. Mas se prefere ficar sozinha tudo bem. Tenha o tempo que precisar.

Ouço suas palavras e sinto tanto por isso estar acontecendo, sair daqui assim é como se eu estivesse deixando todo o veneno de Carolina entrar no lugar onde antes era ocupado por amor. Mas não é. Eu sei que não é. Eu apenas preciso me recuperar do choque que essa verdade trouxe ao meu coração.

— Tome. É o celular da sua mãe. Ela pediu que eu atendesse e falasse com o seu tio. Eu expliquei a ele o que aconteceu, mas ele está bem ansioso por

mais notícias. Por isso, pode por favor dizer a ela que ligue para ele assim que puder? — entrego-lhe o aparelho que ficou comigo desde então.

— Sim. Eu digo a ela.

— Não esqueça, ele insistiu bastante comigo para que ela não deixasse de informá-lo. — falo. Lembrando o quanto o tio de Leonardo repetiu várias vezes para que Luiza não esquecesse de ligar para ele. Se o recado não for dado corretamente, quem sai por uma pessoa não confiável sou eu, por isso saliento bem isso ao devolver o celular.

— Daremos notícias ao meu tio, fique tranquila. E obrigada pelo apoio de hoje. Tudo que aconteceu, enfim... ter você perto foi importante.

— Não precisa agradecer e espero que fique tudo bem com o Gustavo. E você, concentre-se nele, é o que interessa agora. — Tento soar alheia a dor que está rasgando meu peito, e sendo racional o suficiente para saber que Leonardo tem coisas mais importantes nesse momento.

— Obrigado, Malu. — Seus lábios vão até o meu supercílio e beijame.

Começo a deixar o jardim sem olhar para trás. Pois eu sei que Leonardo acompanha cada passo. Sei que ele respira pesado assim como eu estou respirando agora cada vez que me distancio mais. E eu começo a temer que tenha tomado a atitude errada em deixá-lo sozinho, pois tudo o que mais preciso agora é de seu abraço, mesmo sabendo que um dia aquela cobra peçonhenta já esteve envolvida nele



Decisão

LEONARDO

Com as mãos agarradas ao volante eu puxo o ar com força para os pulmões. Eu sei que isso deveria ser algo fácil de se fazer, mas não é... Decisões. É disso que somos feitos. Resta-nos saber tomá-las. Eu tomei uma, mas não sei se essa foi a melhor. Porém, agora que cheguei aqui não voltarei atrás. Saio do carro deixando de lado todo e qualquer receio. Eu sou um homem de decisões, eu sei o que quero e principalmente quem eu quero.

A porta de vidro do prédio entreaberta facilita minha entrada, passo tão rápido por ela que acredito que nem fui notado, pois o porteiro de cabeça baixa — distraído com algo, ou até tirando um cochilo — não me questiona onde pretendo ir. Sorte a minha, pois eu não gostaria de ser anunciado.

Assim que estou no elevador aperto o número do andar, gravei cada detalhe do endereço quando tive as informações em minhas mãos, talvez porque eu sempre soube que em algum momento seria importante saber. No instante em que as portas se abrem e o número no painel confirma que cheguei ao meu destino, ouço o típico som baixo do meu celular vibrando no bolso da calça. Não quero dar atenção a isso pois tenho algo importante para fazer, é o que penso. Mas meu instinto de preocupação sabe que também tenho outro assunto importante, saí da UTI e deixei o meu sobrinho aos cuidados de uma excelente

enfermeira e de um médico pediatra que sabe que assim que me tornei ausente do local toda a responsabilidade recaiu sobre ele. E mesmo ciente de que Gustavo ficou nas mãos de bons profissionais ainda assim me preocupo. Por isso, mesmo desejando que nada atrapalhe o que quero fazer, pego o celular para conferir se é o número da clínica. E não é. Poderia ficar aliviado, mas não é o que sinto. Ao ver o nome que pisca na tela, meus nervos todos contraem em euforia, mas também preocupação.

Atendo, sua voz vacilante me deixa saber que provavelmente está tão insegura quanto eu.

Ela por decidir ligar, eu por decidir vir aqui.

— Leo, oi... desculpa, eu não sei se você pode falar agora. Bem eu... eu não quero atrapalhar, mas eu só preciso dizer que ...

— Abre a porta do seu apartamento, Malu — interrompo-a. Qualquer coisa que ela queira me dizer terá de fazer isso olhando em meus olhos.

— Co- como assim? Para quê?

— Abra — peço. Com a voz rouca e firme que não sugere precedentes para questionamentos.

Sem finalizar a chamada, continuo com o celular ouvindo seus passos e sua respiração através do aparelho, quando o som dos seus passos cessam, são substituídos imediatamente pelo girar da chave na fechadura, *ela não hesitou um minuto em abrir quando se aproximou da porta* — comemoro — e a cada volta que a chave dá o meu corpo fica ainda mais agitado pela angustia que senti todo o tempo em que fiquei pensando em nós, até que sai correndo da clínica e decidi vir ao seu encontro. Por Deus! Onde eu estava com a cabeça ao deixar que ela fosse embora daquele jeito? Ao ver se afastar e não fazer nada para impedir?

Tomei um puxão de orelha da Beth quando retornei e contei tudo o que aconteceu a ela. E foi com toda razão.

— *Onde diabos vocês estão com o juízo ao deixar que Carolina consiga exatamente o que deseja? Vai falar com ela, Leo. Vai agora!* — não era um conselho era uma ordem.

Eu sabia que era isso que eu tinha que fazer, mas também queria respeitar o pedido que me fez “*me deixa ir, eu prometo que só preciso de um tempo para digerir isso.*” Agora diante da porta do seu apartamento que está prestes a ser aberta eu me pergunto se essas horas que se passaram desde que ela me disse isso já foram o suficiente. Sendo ou não, eu estou aqui.

— Leo!

— Eu sei que você pediu um tempo para digerir isso, só que eu precisava vir até aqui. — Entro fechando a porta, sem ao menos esperar que me convide. Ela dá alguns passos recuando, porém, mantendo o nosso contato

visual, eu sigo em sua direção.

— Malu eu sei que você está se sentindo traída e magoada por mim... e eu sinto muito por isso. Mas quero que saiba que eu tenho ciência de que cometi um erro em ir para cama com uma mulher que eu só consigo sentir repulsa e me arrependo por isso.

— Ela tocou em você, ela esteve em seus braços e na próxima oportunidade que tiver, Carolina jogará essa verdade na minha cara.

— E então você joga na cara dela que você é a mulher que eu amo, pois Malu, Carolina pode ter tocado meu corpo assim como outras mulheres também, afinal, não sejamos ingênuos por pensar que não fizemos isso antes de nos conhecermos. Mas nenhuma delas — pego suas mãos e as trago para o lugar que é só dela — tocou meu coração. Só você, Malu... somente você tocou o meu coração. — As últimas palavras saem como uma súplica.

Maria Luiza, assente seus olhos queimando com as lágrimas que se tornaram brilhantes na penumbra da sala que está a meia luz. Eu nunca desejei que ela derramasse lágrimas por nós. Por isso, capturo cada uma delas com meus lábios.

— Shhiii... não chore, por favor, não chore. Fique tranquila. Você não está sozinha, eu não vou deixar você, *ok*?

Ratifico a promessa que fiz a ela em outros dois momentos de sua vida que fiz parte — o acidente e quando retomou sua consciência — Eu sempre soube que aquele acidente me uniria a Maria Luiza e não haverá absolutamente nada que nos separará.

— Eu. Te. Amo — digo, tomado de completa emoção e expectativa.

— Eu também te amo. — Ela responde e no mesmo instante puxo-a para os meus braços beijando o rosto molhado pelas lágrimas. Encaro seus olhos e digo:

— Nós ficaremos juntos, Malu, para o resto de nossas vidas — falo com ternura. E é mais que uma promessa é uma decisão.

E então tomo-a em um beijo cheio de desejo, seus lábios apetitosos, sua língua em contato com a minha é como a explosão de fogos de artifícios. O sabor que ele promove aquece todo o meu corpo e é bem mais que a sensação de prazer, aliás nunca foi só isso, sempre houve algo a mais. Mas neste dia em especial é como se ao beijá-la e a forma como corresponde, é como se de fato Maria Luiza tivesse tomando posse daquilo que eu dei a ela — meu coração. Assim como a certeza de que qualquer mal que possa querer nos alcançar não encontrará espaço, pois o amor sempre terá peso maior na balança dos acontecimentos.

Começo a despi-la lentamente como se Maria Luiza fosse feita do

mais delicado cristal, beijo cada parte do seu corpo que fica nu. Acaricio os seus cabelos, minhas mãos se perdem na maciez deles, o cheiro tão sexy e doce que exala de sua pele é um convite forte e profundo. Eu não resisto mais nem um segundo sem fazer amor com Maria Luiza. Ao contrário do que fiz com ela, desfaço-me vorazmente de minhas roupas. Ela auxilia-me e é tão sagaz, o toque de suas mãos em mim faz meu corpo em chamas. Maria Luiza desperta tudo em mim. Ela é uma mistura de anjo e tentação, ela é alvoroço e calma, paixão e amor.

A levo entre beijos para o sofá, sento-me nele trazendo-a para o meu colo. Assim como a despi lentamente, agora como se quisesse se vingar ela uni nossos corpos de uma forma tão dolorosa e prazerosamente lenta, sua expressão de entrega e desejo me faz gemer e dizer coisas sem sentido, me faz sentir um homem completo e feliz.

Passeamos tantas vezes um pelo corpo do outro até que o cansaço prazeroso nos atinge, e cada vez que provo o gosto frutado de sua pele, os gemidos excitantes, a forma como ela chama o meu nome quando está prestes a se entregar ao prazer é mágico...é sublime. Eu sinto tudo de Maria Luiza, sinto seu êxtase e sinto o seu amor.

Em sua cama desfruto de um momento tranquilo, depois de tudo que este dia reservou. Minha mão sobe e desce pelo cabelo de Maria Luiza enquanto ela descansa a cabeça em meu peito e me conta um pouco da sua infância ao lado da mãe e da avó. Ela fala com um profundo carinho das duas, e posso imaginar como ter que viver sem a companhia delas é difícil, apesar de que, Maria Luiza não transparece isso, já que, demonstra sempre uma motivação singular em seguir a vida mesmo que sozinha. Admiro-a por ser tão positiva sempre. Mas definitivamente, ela não está mais sozinha. Pois, agora, Maria Luiza tem à mim.

Conforme a hora avança no relógio, lutamos contra o sono, vez que, dormir seria como perder um tempo precioso que desejamos ter um com o outro, contudo, o cansaço acaba batendo.

— Leo... eu preciso dormir. Amanhã tenho minha entrevista de emprego e eu sou péssima para acordar cedo. E Deus me livre perder a hora como da outra vez. — Sua voz é arrastada e preguiçosa, mas há um certo sorriso nela.

— Não vai — asseguro-lhe — Dessa vez eu vou levar você e garantir que chegue sã e salva. — Afasto uma mecha do seu cabelo, e em seguida beijo a curva de seu pescoço.

— Obrigada meu amor, quando estou com você sei que estou segura.

Depois disso ela fica em silêncio e sua respiração ganha um ritmo

contínuo, *o sono a venceu*. Eu não estou muito diferente, esse dia foi um bombardeio de emoções. Eu fui da alegria à angustia mais de uma vez. Por fim encerro meu dia abraçado a mulher que amo. É tão bom, que eu não quero que seja diferente nos outros dias.

— Não vai mais precisar do seu despertador, pois quem irá te acordar sou eu. Durma tranquila, eu estarei sempre aqui meu amor — sussurro contra seus cabelos.

É decisão.



Lutar pelo que se deseja

MARIA LUIZA

— Malu... — ouço meu nome sendo chamado como um sopro em meu ouvido. Malu... — novamente me chama. Reconheço essa voz rouca gostosa: é Leonardo, estou sonhando com ele.

— Acorde dorminhoca... — seu doce comando é inútil. Não quero acordar, eu estou dormindo e sonhando tão gostoso.

— Malu, meu amor, acorde. Está na hora. — A voz perde o tom de sopro e agora é mais firme. Parecendo ser real o objetivo de me acordar.

Espera!!

Não é sonho. É Leonardo me chamando.

Está na hora. Ah Deus, meu horário da entrevista! *Acorda Malu*, meu cérebro grita e finalmente abro meus olhos.

— Leo! Pelo amor de Deus, estou atrasada. — falo, e pulo da cama.

Preciso me arrumar. Vou direto para o banheiro, não posso perder um minuto. *Não acredito que aconteceu novamente.*

— Malu, você não está atrasada. Já estou te chamando mais cedo justamente para que não tenha que fazer tudo correndo. Vem cá. Eu te trouxe café. — Do banheiro ouço a voz risonha de Leonardo, enquanto jogo uma água no rosto e assimilo o que ele disse.

— Não estou atrasada? — questiono. Esforço-me para a voz sair alta suficiente para que ele me ouça.

— Não. — A resposta vem logo em seguida, com um tom baixo e tranquilo.

Com o corpo apoiado no batente da porta do banheiro ele observa minha insanidade matinal. E tem em seu rosto um sorrisinho, que parece rir de mim e não para mim.

— Graças a Deus! — Pego a toalha e começo a me secar. Na intenção de lavar o rosto com tanta pressa acabei não molhando só o rosto, mas também pescoço e busto.

— Graças a Deus? Graças a mim! — diz, como se estivesse sofrendo uma injustiça. E então acrescenta em tom brincalhão — Malu dorminhoca.

Vejo o quanto se diverte com todo o meu embaraço.

Acordar cedo nunca foi meu forte, mesmo fazendo isso sempre, ainda assim, meu corpo se nega a despertar com facilidade. Se pudesse, eu dormiria sempre umas horas a mais pela manhã, quem sabe isso mude um dia — e eu tenha toda a facilidade e bom humor do mundo ao acordar cedo —, mas por enquanto é assim que sou. Pelo que vejo, ao contrário de mim, Leonardo é daquelas pessoas que tem toda disposição quando acordam. Que inveja!

— Tem razão, obrigada. Mas não fique rindo de mim — digo, com o rosto afundado na toalha felpuda. Tentando parecer zangada com ele.

Ele solta uma sonora gargalhada e eu não resisto e começo a rir também escondendo o riso na toalha. Não posso sucumbir a essa gargalhada gostosa, tenho que me fazer de difícil e parecer que realmente estou zangada. *Só parecer.*

— Vem tomar uma xícara de café, garota camiseta molhada. — Paro de rir e olho para baixo, constatando a transparência que a água deixou em minha camiseta de algodão branca.

Noto Leonardo com os olhos grudados em mim, seu rosto perdeu aquele sorriso brincalhão e está mais para um predador pronto para atacar sua presa.

O minúsculo espaço entre a porta — onde ele está — e a pia — onde eu estou — é facilmente encerrado pelo movimento ágil e rápido. Sem tempo para reagir eu já estou em seu colo.

Sinto a urgência em seu corpo, e o meu corresponde à medida que sua língua quente desliza pelo meu pescoço. Uma de suas mãos me envolvem pela cintura, dando a sustentação necessária e a outra desliza por cima do tecido molhado.

Usando apenas o seu jeans, eu sinto o calor de sua pele nua da cintura

para cima, contraio minhas pernas prendendo-o com força entre minhas coxas. Todo o calor e umidade alcançam o centro do meu corpo e o desejo vem com toda intensidade.

— Acho que devemos tirar isso. Não queremos que você fique resfriada, essa água gelada no peito não fará bem. — Sinceramente nem consigo responder, e nem preciso porque ele já está tirando a roupa molhada, enquanto eu simplesmente estou inebriada pelo seu olhar selvagem, querendo ardentemente que ele me tome como sua presa: aqui e agora.

E eu não passo de uma presa fácil, não faço nenhuma menção de fugir. Conformada — e feliz — deixo que me ame aqui no banheiro, levando-me para debaixo da água que cai do chuveiro — que ele abriu e eu nem vi como — pois foi tão rápido que nem deu tempo para sentir falta de suas mãos que estão ávidas por cada parte de mim.

Se acordar cedo, implica fazer amor desse jeito com Leonardo. Então acabo de me tornar uma daquelas pessoas que adoram acordar quando a luz do amanhecer está dando os seus primeiros sinais.



—Bom dia — digo, chamando a atenção da moça que encontro assim que entro no escritório. Sentada atrás de uma mesa retangular de vidro, concentrada em algo que digita no computador.

Impossível não reparar o quanto ela é bonita e bem alinhada em um conjunto de saia e blazer num tom creme, com os cabelos acobreados puxados perfeitamente para trás em um rabo de cavalo, sem nenhum fio solto, que deixa amostra o seu belo rosto. Sua aparência elegante me faz acreditar que acertei ao escolher um vestido tubinho, com uma estampa sóbria de flores, optei por usar o cabelo solto, mas preocupei-me em deixá-los perfeitamente arrumados, sem aquele estilo mais volumoso e livre.

— Bom dia, Maria Luiza — responde de forma simpática. Ao chegar, ainda no térreo fiz minha identificação na recepção do prédio empresarial, cujo escritório que eu tanto desejo trabalhar ocupa mais de dois andares. E meu acesso só foi possível após autorização de alguém que certamente foi ela, pois já sabe meu nome.

— Eu me chamo Cíntia — estende a mão cumprimentando-me ao mesmo tempo que continua a falar —.Você veio para a entrevista, certo?

— Sim, para a entrevista — replico. Devolvendo-lhe de forma simpática.

— Só um momento, por favor. — Ela volta sua atenção para o computador novamente.

Enquanto isso eu aproveito para dar uma olhada rápida em volta da sala admirando o local que combina uma decoração moderna com alguns elementos antigos, posso considerar que é tudo de um bom gosto e requinte extremo. Um sofá de couro preto e duas cadeiras estilo Luiz XV com estofados de cor azul turquesa, são perfeitamente enquadrados juntos com a mesinha de centro de madeira escura, e entalhes vitorianos. *Que chique!* Penso, sonhando em fazer parte desse lugar. E em seguida, retomo minha atenção para a moça à minha frente.

— A pessoa responsável que geralmente faz as entrevistas teve um contratempo, por isso quem fará será um dos sócios. Estamos com uma certa urgência para preencher essa vaga. — Ela justifica. Mas por mim não há problema, faço minha entrevista com quem tiver que ser. Só fico impressionada com sua revelação sobre a urgência. Quantos candidatos será que foram selecionados e não atenderam às expectativas no momento da entrevista? Já que

pelo menos há dois meses estão em busca de alguém. Ouvi dizer que a metodologia de avaliação e contratação deles é bem rigorosa. Espero conseguir superar os outros e conseguir esta colocação — Mas você terá de aguardar um pouco, se não se importar, pois ele está em reunião com uns dos nossos clientes.

— Claro. Sem problemas. Eu aguardo sim — respondo. E penso que esse tempo será bom para organizar sistematicamente meu cérebro para a entrevista.

— Ótimo. Por favor, fique à vontade, sente-se — estende a mão apontando para o sofá — enquanto espera. Deseja beber algo? Temos café, chá e água.

— Eu estou bem, obrigada.

— Se mudar de ideia é só falar.

— Muito obrigada, Cíntia — repito seu nome, assim fica mais fácil de memorizar.

Faço o que ela diz, sento-me no sofá e desconecto-me do ambiente exterior, trazendo para minha mente o meu currículo, aptidões e meu tempo de trabalho na área, eu realmente faço o que gosto. E certamente, por isso sinto-me tão envolvida e pronta para assumir um cargo em um escritório como este. Sei que tenho capacidade, e farei com que minha entrevista seja a melhor possível.

Depois de recapitular pontos importantes, meus pensamentos começam a divagar e quando percebo Leonardo já ocupa minha mente.

Ontem quando o deixei sozinho, eu me arrependi tanto. Eu não fiquei brava com ele, não fui embora com a intenção de castigá-lo, era simplesmente porque eu queria poder chorar sozinha e expurgar todo o veneno. A náusea e a dor que tomou meu ser, foi tão forte que precisava daquele tempo para me recuperar.

Quando cheguei em meu apartamento eu desejei tanto ter com quem conversar, inúmeras ocasiões eu precisei da minha mãe, mas ontem parecia uma necessidade maior do que das outras vezes. Queria poder ouvir um conselho, queria ter seu colo e seu amparo enquanto minhas lágrimas caíam feito cachoeira. Imaginei se ela também passou por algo semelhante, e saberia como acalmar o meu coração.

Desejando muito sentir-me próxima a ela, peguei em meu armário a caixa que guardo algumas recordações, e é onde também seu diário está, esses anos todos em nunca cogitei lê-lo para saber o que há nele, mas tomada por uma vontade de talvez encontrar algo que pudesse me ajudar eu abri aleatoriamente em uma página. Não que o real motivo era descobrir algo sobre meu pai, pois isso realmente não me interessa. O objetivo era mesmo encontrar qualquer frase, que pudesse se tornar um conselho. E foi de fato o que aconteceu, reli tantas

vezes as linhas daquela página que me trouxeram luz aos pensamentos que ainda as tenho fresca em minha memória.

Meu amor, hoje quando você partiu, no instante em que o carro ultrapassou o portão e sumiu da minha visão. Uma dor cortante assumiu meu peito. Fui correndo para o nosso lugar para ter a sensação de você perto de mim. Sentada encolhida dentro do labirinto que as cercas vivas formam, eu relembrei nosso primeiro beijo ainda quando éramos crianças, e os que vieram depois ano após ano em que crescemos juntos. Mas principalmente relembrei da nossa última noite de amor sob o céu estrelado e a lua brilhante. Nossa jura de amor eterno, nossa promessa de que nada nos separará, nem mesmo a distância. Eu sei que esses anos demorarão a passar, mas nada fará o nosso amor se acabar. Já conseguimos vencer até aqui, ainda que escondido de todos, vencemos as diferenças para viver o nosso amor. E iremos vencer esse tempo de espera também. Serei sempre a tua amada, e você será para sempre o homem da minha vida.

Não faço ideia do que aconteceu e porque eles não ficaram juntos, pois eu realmente não li mais nada além disso, mas o que eu soube ao ler esta única página, foi que *quem* quer que seja o meu pai, foi o grande amor de minha mãe, pois ela nunca teve outra pessoa além dele. E principalmente eu soube que eles eram corajosos, já que ao que tudo indica viveram um romance escondido e terno desde a infância.

E o que me tocou profundamente foi a promessa que nada os separaria, se amavam e estavam dispostos a lutar pelo amor deles. Só que infelizmente isso não aconteceu, e definitivamente não é o que eu quero que aconteça comigo e Leonardo.

A história de um grande amor que não teve um final feliz não pode se repetir.

— Maria Luiza?! — Ouço a gentil secretária quase gritar meu nome.

— Sim — respondo, assustada.

— Puxa, você estava longe, essa foi a terceira vez que te chamei.

— Sério? Nossa, desculpa. Eu ... eu estava aqui compenetrada pensando na entrevista. — Dou um sorriso sem jeito para ela.

— Tudo bem, sem problemas. Acontece. — Sua voz é branda e compreensiva — Eu vou levar você até a sala do senhor Fernandes, ele está pronto para te receber.

— Ah, sim. Obrigada. — Levanto-me do sofá, apressando-me em segui-la.

Passamos para um corredor amplo, com várias portas com suas devidas identificações, paramos diante de uma que está escrito diretoria. Ela bate, e em seguida abre. Posiciono-me logo atrás dela, dou uma última arrumada no cabelo e respiro fundo.

Chegou a hora, vamos lá, Malu. Confiança e segurança. Você sabe o que tem que fazer. Uma voz encorajadora soa em meu subconsciente.

— Senhor Fernandes? — Cíntia diz, ainda na soleira da porta. Aguardando autorização para entrar.

— Entra, Cíntia. — A voz masculina é o aval que temos para seguir nossos passos.

A secretária gentilmente faz sinal para que eu passe a frente, dando-me assim a visão por completo da sala, que como o outro ambiente é muito bem decorado. Há duas grandes mesas, mas apenas uma está ocupada, que é justamente pelo homem que fará a entrevista comigo. Caminho até a ele com Cíntia ao meu lado.

— Esta é a Maria Luiza, ela é a candidata para a vaga de analista financeiro. — Apresenta-me ao homem, que até então eu imaginei que fosse um senhor de meia idade, mas que na verdade não é. Acredito até que tenha a mesma faixa de idade de Leonardo.

Ele é jovem, de boa aparência. O cabelo castanho escuro é espesso e maleável, um tanto desgrenhado talvez, mas penso que ele não se importa e este seja o seu estilo. A sobrancelha delineada formam um belo conjunto com seus olhos de um verde escuro, tudo isso associado a sua expressão simpática e juvenil lhe dão um ar despojado, mas que se ainda quisesse trazer um pouco da sobriedade necessária, uma vez que ele é sócio de um grande e renomado escritório de assessoria contábil e jurídica, ele veste-se com um terno de cor cinza, gravata azul escuro e camisa branca, o perfeito corte do terno, possibilita seus movimentos, ajustando-se perfeitamente ao músculos, principalmente do seus braços.

Preparando-me para cumprimentá-lo engulo a saliva para lubrificar minha garganta, agora sinto-me um tanto arrependida por não ter aceito pelo menos um copo de água quando Cíntia me ofereceu. Sou segura quanto aos meus conhecimentos, mas sinto-me um pouco nervosa, afinal, esta é uma das mais importantes entrevistas de emprego desde que fiquei desempregada. E talvez também, porque não esperava que o senhor Fernandes fosse *assim*.

— Maria Luiza, muito prazer, eu sou Vincent Fernandes. Sócio aqui do escritório e responsável por toda a área financeira. Como vai? — educadamente levanta-se e oferece-me sua mão de um jeito um tanto cortês.

— Muito prazer, estou bem, obrigada. E o senhor? — correspondo.

— Estarei melhor quando encontrar alguém para ocupar a vaga de analista financeiro do meu escritório. — Um sorriso no canto da boca, oculta um tanto sua expressão de frustração.

A considerar que esta vaga está disponível há mais de dois meses, eles já devem estar saturados das entrevistas que não deram certo.

— Espero poder ajudá-lo. — digo, confiante.

— Talvez, eu dei uma olhada em seu currículo e me pareceu muito bom. Mas sente-se, vamos conversar.

Sento e preocupo-me em posar as mãos soltas em meu colo, sem pressão a fim de liberar o nervosismo e principalmente para não deixar transparecê-lo. Aprendi essa técnica ainda bem jovem, em um curso que fiz em uma agência de emprego, e desde então sempre faço isso.

— Cíntia, por favor, providencie um café para nós. Você aceita, Maria Luiza? Ou prefere um chá, água talvez... — trata-me de uma maneira tão gentil que parece que estou aqui como cliente e não como uma candidata a vaga de emprego.

— Café está ótimo, obrigada. — Tento soar o mais natural possível.

— Dois cafés então, Cíntia. — Vincent faz o pedido a secretária com um sorriso nos lábios.

— Sim, senhor. Deseja algo mais?

— Sim, leva esse contrato social para o setor jurídico, preciso que redijam uma minuta com as algumas alterações que estão especificadas numa folha em anexo — ele diz, entregando uma pasta para Cíntia — Avisa que tenho urgência, o doutor Henrique acabou de sair daqui e fiquei de dar uma resposta no máximo até amanhã. Não quero atrasos, a clínica Magno é um dos nossos principais clientes.

Assim que ele menciona doutor Henrique e clínica Magno, minha curiosidade surge, quais serão as alterações que o pai de Leonardo deseja fazer no contrato social da clínica? Aliás, será que ele é o único proprietário ou conta com sócios? Quase certo que sim, pois geralmente empresas sempre possuem sócios. Apesar do bichinho da curiosidade eu me mantenho impassível ao assunto, em silêncio não teço nenhum comentário, e nem teria o porquê. Mas presto atenção.

— Pode deixar, eu mesmo cuidarei para que o prazo seja atendido.

— Ótimo, Cíntia, muito obrigado. E Cleo, deu notícias?

— Não, senhor. Mas eu vou entrar em contato para saber como ela está.

— Faça isso, e diga a ela para que segure o bebê por mais um tempo na barriga, se estivermos com sorte hoje encontraremos uma substituta à sua

altura. — Ele fala o final da frase olhando diretamente para mim.

Eu também espero estar com sorte e conseguir essa vaga, meu cérebro ecoa a frase atraindo toda a positividade.

— Sim, senhor, eu digo. — A eficiente secretária nos deixa a sós.

— Bom, agora é só você e eu, vamos ao que interessa. — Não sei se relaxo por sentir esse tom informal e descontraído para uma entrevista de emprego, ou se fico ainda mais nervosa.

— Vamos. — Limito-me a esta resposta, me preparando para as perguntas que virão a seguir.

— A minha analista financeiro está grávida, prestes a ter um bebê e todas as pessoas que ela entrevistou, julgou que não eram boas ou preparadas o suficiente para o cargo. Mas estamos no prazo limite, em breve ela nos deixará e não quero que uma nova pessoa assuma no escuro, quero que ela tenha tempo para passar as informações necessárias. Então, eu desejo muito, Maria Luiza, que essa pessoa seja você, afinal não quero que meu setor financeiro fique desfalcado e por consequência meus clientes sofram com isso. Eu analisei o seu currículo, ele é muito bom. Agora me resta ouvir de você sua experiência para que eu possa avaliar melhor.

— Sim, senhor, eu compreendo sua necessidade e de fato espero poder atendê-la.

— Muito bem, há quanto tempo você tem experiência com o departamento financeiro?

— Ainda na faculdade eu participei de programas de estágio diretamente ligados a setores financeiros, mas com a graduação concluída são cinco anos. Estou habituada com rotinas de contas a pagar, contas a receber e cobrança, assim como movimentação diária de pagamentos e recebimentos eletrônicos, procedimentos de cobranças, interface com clientes, fornecedores e instituições financeiras. Também possuo habilidades com sistema ERP, experiência com conciliação bancária, classificação contábil, controle de fluxo de caixa e emissão de relatórios gerenciais.

— Excelente, Maria Luiza, agora me fale um pouco da sua formação acadêmica.

— Sou técnica em contabilidade, graduada em administração de empresas, e estou no último semestre da pós-graduação em finanças e controladoria.

— Muito bem, e o seu nível de conhecimento em Excel, cálculos e matemática financeira? Posso acreditar que são excelentes conforme descritos aqui no seu currículo, certo?

— Sim, senhor, além da formação acadêmica fiz outros cursos para

aprimorar ainda mais minhas aptidões, e posso afirmar que tenho um conhecimento sólido, assim como a experiência. Possuo também curso avançado em inglês.

Vincent demonstra-se sempre atento as minhas respostas, e parece que gosta de cada uma delas.

— *Ok*, seu currículo e você expressam isso. Então, vamos ver isso na prática. Você pode fazer um fluxo de caixa agora?

— Claro.

— Certo, você pode usar aquela outra mesa. O computador já está com o sistema aberto. Fique à vontade para trabalhar. Vou aguardar até que termine, e teremos encerrado a nossa entrevista.

— Sim, senhor. — Levanto-me do lugar em que estava sentada e vou para onde fui indicada, levando comigo toda a minha segurança e conhecimento para preparar um fluxo de caixa perfeito e conquistar essa vaga.

Concentrada no que estou fazendo, não disperso minha atenção quando ouço uma leve batida na porta, mantenho meus olhos e meu cérebro trabalhando. Instantes depois uma mão masculina entra no meu campo de visão, deixando uma xícara delicada de porcelana branca.

— Seu café. — Vincent diz de uma forma como se não quisesse interromper.

— Ah sim, obrigada. — Ergo a cabeça e o agradeço.

Ele assente e volta para o seu lugar. Bebo do meu café e retomo minha atenção aos cálculos, a sala em profundo silêncio me faz esquecer por alguns momentos que na mesa a frente está talvez o meu futuro chefe.

Passado uma hora, eu termino meu fluxo de caixa e reviso cada detalhe antes de apresentá-lo.

Por fim, finalizo e dessa vez sou eu quem vou até a mesa de Vincent para interromper o que for que ele esteja fazendo com os olhos fixos em seu computador.

— Eu acabei.

— Muito bem, Maria Luiza, até que foi rápido. — Vai até o computador onde realizei o meu teste prático, analisa por alguns minutos. Eu ansiosamente aguardo por algum comentário. — Pelo visto o acidente e tempo que ficou em coma não interferiram em seus conhecimentos. Teve uma boa desenvoltura na entrevista e pelo que vejo aqui, você fez algo muito bom.

Como assim, ele sabe do meu acidente?

— Desculpe, você sabe do acidente que sofri?

— Sim, fomos informados. E inclusive você teve alguém que se preocupou em garantir que você tivesse uma outra chance para fazer essa

entrevista. Doutor Leonardo falou comigo. Você o conhece?

— Sim. — *não imagina o quanto.*

— Devo agradecer a indicação do doutor Leonardo, acho que valeu a pena esperar por você. Está livre?

— Como? — fico confusa como o rumo dessa entrevista.

— Está com disponibilidade para começar a trabalhar assim que for chamada caso nossa decisão seja positiva pela sua contratação?

— Sim. Sim... com toda a certeza. — Dou uma resposta afirmativa, mas também sou cautelosa para não parecer que estou desesperada por essa vaga. A verdade é que estou, mas ele não precisa saber.

— Eu vou conversar com a Cleo, e assim que decidirmos ligaremos avisando você. Mas acredite isso não deve demorar, pois como disse estamos com urgência.

— Estarei à disposição.

— *Ok*, foi um prazer conhecê-la. — E da mesma forma educada que cumprimentou-me quando cheguei para entrevista ele se despede tocando minha mão, mas dessa vez demora-se um pouco mais.

— Igualmente. — Busco não demonstrar o fio de desconforto que sinto. Mas que me faz tirar minha mão da dele.

— Maria Luiza? — Já estou passando pela porta quando ele me chama.

— Sim? — respondo, virando-me para ele.

— Uma última pergunta. Você gosta do que faz? Gosta da profissão que escolheu?

— Muito. — A resposta sai genuinamente, pois eu amo o que faço.

— Perfeito. Isso é tudo.

Caminho em direção a saída avaliando minha desenvoltura na entrevista, comemoro, pois transcorreu tudo bem. Respondi com propriedade as perguntas e no teste prático me sai bem, visto que o Vincent Fernandes elogiou. Em resumo foi tudo bem, mas não gostei, ou melhor, não estou habituada com entrevistas em que o tom informal seja usado. Só espero que caso venha conseguir essa vaga, Vincent não seja um chefe informal demais.

Agora vou até a clínica encontrar Leonardo, combinamos de almoçar juntos. Ele demonstrou tamanho interesse em saber sobre a entrevista. “*Assim que acabar, venha até clínica, eu reservei meu horário de almoço para você, assim poderá me contar como foi*” disse ele, quando nos despedimos.

Estou ansiosa para vê-lo, com passos apressados vou ao encontro do meu amor, faço o percurso até a clínica e lembro da ocasião em que vim obstinada a conseguir um emprego, e no fim acabei conhecendo Leonardo, o

homem que trouxe tanta felicidade e amor para os meus dias, fazendo-me ainda mais forte e decidida a lutar por aquilo que desejo. E hoje o que eu desejo não é só mais uma boa colocação no mercado de trabalho e sucesso na minha profissão e sim construir uma família com ele. E por incrível que pareça, na ordem dos desejos, este é o que está em primeiro plano, ficaria admirada se pensasse assim alguns meses atrás, quando eu só pensava em trabalho.

Mas como tudo muda numa fração de segundos, meus principais desejos também mudaram.



Valentina

MARIA LUIZA

Ao aproximar-me da recepção da pediatria, vejo sentada atrás do balcão de atendimento uma outra moça, e não a secretária de Leonardo. O que é estranho, pois, sempre é somente ela que eu vi ocupando este lugar. Mas hoje quem está aqui é um rosto desconhecido para mim — um belo rosto inclusive, uma moça de cabelos lisos cor de fogo, os olhos tão azuis brilhantes como de uma piscina refletindo a luz do sol — e, ao que tudo indica ela está substituindo a pessoa que eu estava acostumada a encontrar e que sempre foi muito simpática e gentil comigo. Eu ainda não conheço esta nova funcionária que auxilia Leonardo, mas é uma pena que a sua antiga secretária tenha saído, espero que seja apenas algo provisório, pois eu realmente simpatizava com ela.

A atual secretária está ao telefone e assim que percebe minha presença, oferece-me um meio sorriso que não chega a mostrar os seus dentes e pede para que eu aguarde um instante. É o que faço. Sento-me em uma das cadeiras relaxando os pés dentro do meu sapato de salto alto, *scarpins* são extremamente elegantes, mas também podem se tornar desconfortáveis, principalmente quando você caminha rápido como eu fiz. Ansiosa para encontrar Leonardo não poupei meus passos apressados. Agora buscando um pouco de alívio para os pés, estico as pernas suspendendo-os do chão e girando-os de um lado para o outro

alongando principalmente a musculatura da região do tornozelo. Ufa... é agradável.

Repetindo os movimentos de alongamento, começo a prestar atenção na conversa que a secretária mantém ao telefone. Bom, não preciso me esforçar para isso, pois ela não se preocupa em falar baixo.

— Isso, eu vou me atrasar, então se você estiver livre por aí pode ir para o almoço. O doutor Leonardo ainda está atendendo e depois eu preciso fazer mais algumas coisas. Menina, essa ala da pediatria é mais movimentada do que eu imaginava. — Ela diz a quem lhe ouve do outro lado da linha e pelo seu tom descontraído tenho a impressão que fala com alguma amiga.

Em silêncio ela fica ouvindo o que a outra pessoa diz, o que deve ser algo engraçado pois vejo seus lábios se separem em um sorriso e dessa vez mostrando seus dentes até que vira uma gargalhada — e não se importa com o volume alto — quando se recompõe volta a falar.

— Sim... vou ficar aqui cobrindo as férias da secretária dele. Não é tão ruim, afinal ele é um gato, *né?* — nesse momento sua voz baixa um tom, mas não o suficiente para impedir-me de ouvi-la falar do meu noivo e ainda por cima chamando-o de gato.

Não tiro a razão dela, pois Leonardo é mesmo um homem lindo e esse termo usado é bem conveniente, mas não gosto nem um pouco. Prevejo que assim que desligar esse telefone e souber quem eu sou — afinal farei questão de dizer que sou a *noiva* dele — ela não se sentirá confortável em ter me deixado ouvir sua conversa.

Ela se mantém ocupada em bater papo por um tempo ainda — saindo do assunto Leonardo para sorte dela — e penso que essa moça desconhece um tanto sobre ética profissional. E se eu fosse a mãe de algum paciente precisando de alguma informação? Certamente uma cliente da clínica não gostaria nada em ter de ficar esperando por uma conversa que não é sobre trabalho para poder ser atendida, mas como não é o meu caso respiro fundo e aguardo. Agora com os pés alongados e descansados.

Distraída fico olhando o *vai e vem* de pessoas, algumas delas usando seus uniformes em tons de azul claro e azul escuro, outras usando o jaleco branco por cima do uniforme, e percebi que algumas usam apenas o jaleco por cima de suas roupas comuns. Enfim, quando se tem tempo e nada para fazer você acaba observando tudo à sua volta.

Por toda essa movimentação neste horário, próximo ao meio dia, devem estar trocando o plantão, ou apenas indo almoçar. Enfim, todos em sua rotina diária de trabalho, e por vezes ao passarem por mim oferecem-me educadamente um bom dia e eu retribuo.

Reparo virar no corredor e caminhar em direção a recepção onde estou, um homem — ele por sua vez não está vestindo nada parecido com os funcionários da clínica — usando roupas gastas, mas visivelmente limpas, sandálias de dedos, barba longa ... bem longa, que misturam fios escuros com alguns fios brancos, o que me faz presumir, aliado as rugas que vejo em volta de seus olhos, que ele já deve ser um homem que esteja na casa dos cinquenta anos. Ou talvez, seja apenas um homem desgastado não pela idade e sim pelas circunstâncias da vida.

Ressabiado ele chega até o balcão onde a secretária com cabelo cor de fogo finalmente encerra sua ligação (somente agora).

— Bom dia — o homem diz a ela, limpando sua garganta e claramente sem jeito.

— Bom dia, senhor — ela responde sem muita simpatia e o olha de cima a baixo — Já lhe atendo. Aquela senhora está na frente — diz, apontando para mim. O homem sorri e me dá um pedido de desculpas.

— Pode atender ele primeiro, eu espero mais um pouco, não estou com pressa. — Amenizo a situação para o homem. Pois seu constrangimento é nítido, e afinal, estou aqui para ir almoçar com Leonardo, o assunto deste senhor deve ser mais importante que o meu.

— Tudo bem — ela assente e volta sua atenção a ele. — No que posso ajudar, senhor?

— Bem... eu gostaria de falar com o médico que atende crianças.

— A clínica não possui só um médico pediatra, então fica difícil se o senhor não souber o nome dele.

— Ah, sim. Desculpe, que cabeça a minha... é que não consigo me lembrar o nome dele, mas sei que ele cuida dos bebês. — Pensativo, leva as mãos até sua têmpora e certamente faz isso para ajudar a buscar em sua memória o nome do médico.

— Doutor Leonardo. — Sou eu quem digo, oferecendo-lhe ajuda.

Pois há grandes chances de ele estar procurando por Leonardo. E mais, do jeito que eu sou, já estaria dizendo a ele toda a lista de nome dos médicos pediatras da clínica só para lhe ajudar e não o ver assim, tão constrangido. *Puxa vida, será que custa?* Penso, ao encarar o olhar de má vontade da funcionária da clínica.

— Sim! Este mesmo. Doutor Leonardo, como pude ter esquecido o nome dele — diz para si mesmo — Obrigada, senhora. — Seu olhar acanhando e o sorriso ainda que escondido na barba me transmitem algo bom sobre este homem.

— Ele está, moça? Será que posso falar com o doutor? —

Esperançoso, questiona a secretária.

— Será impossível, pois ele está em uma consulta, e assim que terminar tem outro compromisso. Mas o que senhor deseja? Eu posso ajudar? — Ela até tenta parecer atenciosa, mas o jeito apressado como fala e ao desviar os olhos para alguns papéis a sua frente demonstram o contrário.

— Eu agradeço, moça, mas eu preciso mesmo é falar com o doutor.

— É... só que isso infelizmente não será possível — responde secamente.

— Por favor... é importante. Talvez se eu esperar aqui, eu falo com ele rapidinho, eu sei que ele é um homem ocupado. Mas eu tenho que contar a ele uma coisa — insiste.

— Senhor, eu já disse que não é possível. E se o senhor permanecer aqui eu terei que chamar um dos seguranças para lhe acompanhar. — Agora ela pegou pesado. É evidente que sua atitude é preconceituosa. Ela está julgando-o pela aparência.

E quer saber? Chega! Isso passou dos limites.

Essa atitude está me irritando sobremaneira. Eu desconheço da agenda de Leonardo para o restante do dia, mas sei que o compromisso que ele tem em seguida é comigo e se este senhor tem algo importante a falar, merece e será ouvido.

Desolado e assustado pela ameaça dos seguranças o homem não insiste mais e começa a se afastar.

Levanto-me da cadeira impulsionada pelo meu coração e pelo sentimento de justiça. Essa secretária não agiu da forma correta com este senhor, ela nem sequer verificou com Leonardo a possibilidade de atendê-lo. Conheço meu noivo sei que ele lhe daria atenção.

— Espere, senhor — chamo-o em uma voz firme — o doutor Leonardo vai falar com o senhor sim. — Lanço um olhar não muito amigável para a secretária. Demonstrando a ela que estou no caso e que este homem não está sozinho.

— Senhora, me desculpe, mas EU sou a secretária dele e somente EU posso afirmar isso. E sei que o doutor estará ocupado e não poderá atendê-lo.

Encaro-a por um tempo antes de lhe mostrar quem *EU* sou.

Sinceramente?

Não gostei dela. Sou uma pessoa tranquila e não gosto de me meter no que não é da minha conta, ainda mais aqui no trabalho de Leonardo. Mas não posso ver uma atitude injusta e preconceituosa dessas e ficar calada. Este homem só recebeu este tratamento por ser uma pessoa de aparência simples, se estivesse com uma boa roupa, aposto que a secretária teria sido mais solícita.

Por isso, não vou permitir que ele vá embora sem falar com Leonardo, seu compromisso em seguida é comigo e isso me dá ainda mais certeza de que ele poderá atendê-lo. E principalmente, sinto-me confiante para agir desta forma e deixar algumas coisas às claras com a atual secretária de Leonardo. Assim que coloquei meus olhos nela não me inspirou coisa boa. Isso só confirma que meu sexto sentido não falha.

Sou segura ao dizer:

— Pois eu sou a noiva do doutor Leonardo, e sei que ele atenderá este senhor. — Naturalmente calma, é assim que falo. Apesar de estar fervendo por dentro, não darei a ela esse meu sentimento.

— Noiva?! — A cor do seu rosto some, tornando-a um papel branco.

— Sim, você ouviu o que eu disse. E, se este senhor está insistindo em falar com ele é porque realmente precisa. Você deveria ser mais atenciosa, e não ameaçar em chamar os seguranças.

— Algum problema aqui? — A voz séria de Leonardo soa atrás de nós. Viro-me e vejo meu noivo usando por cima da roupa seu jaleco branco, e isso o torna ainda mais lindo. Mas deixo para admirá-lo em um outro momento, concentro-me em dizer a ele o que está acontecendo.

— Este senhor precisa falar com você. Mas estava encontrando alguma resistência por parte da sua secretária — apresso-me em dizer. E sim. Deixo claro a minha queixa contra essa que deveria tratar as pessoas com educação e humanidade, principalmente em um ambiente como este.

Leonardo corre os olhos entre nós três e percebe a tensão no local.

O pobre do homem já estava sem jeito antes, agora ainda mais, porém seu olhar é esperançoso. A secretária não esconde sua insatisfação e enrubescimento diante da minha intromissão. Eu, porém, digo através do meu olhar para Leonardo para que confie em mim — apesar de ser desnecessário — pois senti no instante que falei o que estava acontecendo que Leonardo não faria algo diferente.

Poucos passos e Leonardo está ao meu lado beijando-me o rosto como se quisesse tranquilizar-me.

— Oi, amor — sua voz é branda. — Se ele precisa falar comigo é claro que vou atendê-lo — responde. E a resposta não é apenas direcionada a mim, pois seu olhar vai para aos outros dois que nos assistem.

— Desculpe, doutor Leonardo, eu só estava fazendo o meu trabalho, não sabia que...

— Bom dia, eu estou reconhecendo o senhor. — Leonardo estende a mão cumprimentando o homem e cortando pela metade as explicações de sua secretária.

— Que bom, doutor! Então o doutor lembra que sou o homem que encontrou aquela *bebezinha*? — pela primeira vez percebo que este senhor simples fala sem constrangimentos, e sim com orgulho.

Espera! *O homem que encontrou a bebezinha*? Valentina. Ele só pode estar falando dela.

— Sim... claro. O senhor só me desculpe, pois não lembro seu nome. Na verdade, acho que não fomos apresentados naquela ocasião.

— Quanto a isso fique sossegado, doutor, porque eu também não lembrava do seu nome. Se não fosse essa moça ao seu lado me dizer, eu estaria ainda aqui tentando me entender com a sua secretária. — Ele desvia os olhos rapidamente para a secretária de Leonardo, que sorri tão falsamente como uma nota de três reais, e em seguida ele volta-se para nós. — José, muito prazer doutor. — Sorri genuinamente.

— O prazer é meu, senhor José. E essa é minha noiva Maria Luiza. — A palavra noiva sai com doçura dos lábios de Leonardo.

O senhor José oferece-me educadamente sua mão grosseiramente marcada por calos que são tão evidentes que se tornam notáveis ao toque. Correspondo-o. E em meus pensamentos sinto-me grata a este homem, pois foi ele quem trouxe Valentina para nossas vidas.

— Certo, agora que fomos devidamente apresentados, vamos ao meu consultório para conversamos. Tem problema se Maria Luiza participar?

— Leo, eu espero aqui fora — digo a ele, pois ainda que esteja curiosa com o assunto, já tive minha cota de intromissão neste caso.

— Não tem problema não, doutor. De forma alguma. — O senhor José responde em seguida, com um sorriso simpático.

— Perfeito. — Leonardo diz entrelaçando nossos dedos, mostrando-me que realmente deseja que eu participe desta conversa.

Antes de irmos em direção a sua sala ele finalmente dispõe de sua atenção para àquela que todo esse tempo nos observa calada, mas certamente se remoendo de raiva. Bom... talvez eu tenha pego um pouco pesado na maneira que falei dela para Leonardo, mas também ela forçou essa situação, se tivesse agido educadamente com o senhor José eu não teria tido de bancar a noiva que se intromete no trabalho do noivo.

E agora quem assiste sou eu, Leonardo não é grosseiro ao dizer, mas seu tom é firme, impõe respeito e a devida seriedade de um chefe.

— Tatiana, é seu primeiro dia aqui — Leonardo diz, e eu finalmente fico sabendo o nome da dita cuja — e talvez eu não tenha deixado claro algumas coisas. Mas o principal é que quem decide se vou atender ou não uma pessoa, sou eu. Portanto, antes de negar atendimento fale comigo. Tudo bem?

— Sim, doutor. Claro. Me desculpe.

— E esta é Maria Luiza, minha noiva, sempre que ela colocar os pés nessa recepção eu quero ser informado — fala, com um tom assustadoramente calmo.

— Sim, doutor. Pode deixar. E Maria Luiza, me desculpe. — A secretária diz, educadamente.

— Não é para mim que você deve um pedido de desculpas, e sim ao senhor José. Quem recebeu a ameaça de ser tirado daqui pelos seguranças foi ele e não eu. Sendo que o que ele apenas queria era falar com um médico da clínica — digo encarando-a e uso tom levemente brando, mostrando-lhe como agiu de forma injusta e precipitada com o senhor José.

Em meu campo de visão periférico noto Leonardo observando-me, percebo surpresa em seu olhar diante do que acabo de dizer, e talvez até por toda a situação, contudo o que gosto mesmo é de ver o sorriso no canto dos seus lábios que acaba de surgir. Ele nunca presenciou este meu lado, sou sempre muito pacífica, mas também sei me impor e cobrar pelas coisas certas. Detesto injustiça.

— Você tem razão — diz, em um tom gentil e então olha para o homem que antes tratara com hostilidade. — Desculpa, senhor José. Eu sinto muito pelo mal entendido.

Espero que sinta e que não repita isso com mais ninguém. Penso, vendo nos olhos de Tatiana a resignação.

— Está tudo bem, fique tranquila, moça.

Depois disso seguimos para o consultório de Leonardo e no caminho eu começo a imaginar o que pode ter trazido o senhor José até aqui. Ele disse que precisa contar algo a Leonardo, será que teve alguma informação sobre a mãe (*se é que pode se chamar assim*) da minha menina? Só de pensar isso, sinto meu coração bater acelerado e parece que ele vai ficando pequenino diante do medo e preocupação, percebo que Leonardo não está muito diferente de mim, pois a forma como ele aperta minha mão e o olhar que me transfere assim que passamos pela porta do seu consultório, demonstram preocupação com a chegada dessa visita inesperada.

Senhor José parece mesmo ser uma boa pessoa, eu só espero que ele não seja o portador de uma má notícia. Valentina é minha e de Leonardo. Ela é a nossa menina. Sei que há um extenso caminho a percorrer até que legalmente isso se concretize, mas em nossos corações ela se tornou nossa no momento em que cruzou nossos caminhos. Não permitiremos que nada nos separe.

LEONARDO

Eu nunca esqueceria o rosto do homem que trouxe Valentina — sua expressão pedindo por ajuda com a recém-nascida em seus braços será algo que carregarei em minha memória para sempre, afinal há tanta coisa que envolve esse fato que será impossível esquecer — por isso, assim que saí do meu consultório e o avistei na recepção ao lado de Maria Luiza o reconheci no exato momento, eu só não imaginava o motivo que o traria aqui outra vez.

Seu José falou tudo que tinha para falar sem rodeios, e o homem mal saiu pela porta e já estamos sentindo os efeitos que as informações que ele trouxe nos causou: medo, insegurança e receios.

— Leo...! E agora? O que nós vamos fazer? — abraçando-me forte com a cabeça colada em meu peito, Maria Luiza questiona-me e sua voz está cheia de preocupação e nervosismo.

Não é para menos, desde o dia que Valentina foi trazida para a clínica nunca houve qualquer notícia sobre a pessoa que teria abandonando-a naquela lixeira, (eu sinto repulsa de quem quer tenha feito isso, não gosto de fazer julgamentos sobre as pessoas, mas para mim uma atitude dessas não se justifica, independente das circunstâncias) a polícia fez o seu trabalho e abriu um processo investigativo, que eu desconheço em que situação está.

Por coincidência, e como se soubesse que essa “bomba” chegaria até nós, mais cedo no intervalo de uma consulta eu liguei para a assistente social que na ocasião foi designada para cuidar do caso. Eu já conversei com ela outras vezes durante o período em que Valentina ficou internada e hoje tentei colher algumas informações justamente sobre como está legalmente o processo de Valentina, já que eu Maria Luiza tomamos a decisão de adotá-la.

Nathalia me explicou que diante da situação de abandono e vulnerabilidade em que Valentina foi exposta, dificilmente a mãe biológica terá o direito de ficar com ela, e caso seja encontrada vai responder civilmente pelo seu ato. Porém, vai depender muito da análise que o juiz fará dos fatores que a levaram a abandonar a criança, por exemplo, se for comprovado que essa mulher tenha algum tipo de transtorno psíquico, a pena e até perda definitiva da guarda poderão ser reavaliadas. Sem contar que se houver algum parente que expresse interesse e que esteja apto para ficar com a menina e, passando também pelo crivo do juizado, eles poderão ter a guarda da Valentina. Ou seja, para que eu e Maria Luiza possamos requerer e ter maiores chances de conseguir legalmente a nossa menina valente é melhor que as coisas fiquem como estão.

Até hoje a origem familiar de Valentina é desconhecida, ela foi abandonada, e isso precisa se manter assim ou corremos o risco de perdê-la, já basta enfrentar o processo para adoção que é complexo, principalmente porque estamos querendo uma criança em específico. Isso tudo, a conversa com a assistente social, e em seguida o que senhor José nos contou me faz pensar que eu preciso conversar urgentemente com o meu cunhado e começar a agir.

—Malu — toco seu queixo trazendo seu olhar para mim — fique calma, está bem? Hoje mesmo vamos conversar com Luís, ele é um excelente advogado saberá nos instruir juridicamente e os passos necessários para o pedido de adoção. O que nós não podemos mais é perder tempo. Esse tipo de processo muitas vezes é demorado, há muitos detalhes, e por isso o quanto antes iniciarmos será melhor e mais seguro para que tenhamos nossa Valentina.

— Leo, mas você ouviu o senhor José dizer que viu uma mulher procurando e chorando desesperadamente por um bebê naquela mesma lixeira que ele encontrou Valentina? Essa mulher só pode ser a mãe da nossa menina! E se ela se arrependeu do que fez e agora quer a filha de volta? O que irá acontecer?

— Meu amor, essa mulher não é a mãe da Valentina.

— Como você pode falar isso com tanta certeza, Leo?

— Porque a mãe dela está bem aqui na minha frente — digo, tomando seu rosto em minhas mãos — a mãe da Valentina é você! Mãe é amor, zelo, proteção, doação e quem tem feito isso por Valentina é você. Malu... você fez isso a partir do momento que a colocou em seus braços aquela vez na UTI, e desde então não parou, e nem vai parar, fará ainda mais quando ela estiver vivendo conosco e poderá dar diariamente a ela doses exageradas de amor de mãe. Meu amor, juntos nós iremos criá-la e amá-la com toda a nossa força.

Maria Luiza sorri emocionada.

— Isso é tudo o que eu mais quero, Leo. Eu te amo tanto... e amo a nossa menininha também. Amo muito! Não consigo explicar, mas é algo tão forte que quando ouvi o chorinho dela primeira vez senti a necessidade de acalmá-la em meu colo, e assim que envolvi meus braços em seu corpo pequenino e a aconcheguei em meu peito foi como se preenchesse um lugar em meu coração, um lugar que estava esperando por ela. E Leo... eu não quero perdê-la. Eu já perdi pessoas que eu amo e sei o quanto isso dói.

Fito seu rosto bonito e amedrontado, preciso acalmá-la.

— Eu sei, meu amor, que você a ama e que não quer perdê-la, eu também não quero isso de jeito nenhum. Eu quero vocês duas na minha vida, todo os dias e para sempre. —Abraço-a forte, e afundo meu rosto em seu cabelo, sinto a fragrância deliciosa de seu perfume, inspiro seu cheiro levando ar aos

meus pulmões e a certeza da necessidade diária que Maria Luiza me causou, lutarei para que nada impeça nossa felicidade. — E sim, essa mulher que ele diz ter visto, pode ser a mulher que gerou Valentina, afinal é muita coincidência, quantas pessoas procuram por um bebê numa lata de lixo? É por isso que não vamos mais perder tempo, Malu, nós já temos Valentina em nossos corações, mas precisamos que legalmente ela seja nossa.

Tão linda como só ela sabe ser, Maria Luiza sorri, os lábios carnudos — convidativos para um beijo — os olhos marejados e brilhantes pela emoção que transborda de seu peito, fazem-me encantado por ela e por sua beleza que mistura doçura e sensualidade, mas é sua personalidade que me atrai profundamente e que me faz amá-la cada dia mais.

— Você tem razão, Leo, o melhor a fazer agora é iniciar toda essa documentação necessária para adoção, o *Seu* José disse que não vai falar o que viu a mais ninguém, na verdade ele pareceu estar com muita raiva dessa mulher, e gostou de saber que Valentina está bem lá no orfanato.

— Esse homem é uma boa pessoa, tem bom coração e sabe que a Valentina pode ter um futuro melhor se não ficar com quem insensivelmente a abandonou naquelas condições. Mas agora tem outra coisa que está me preocupando muito — digo, trabalhando em minha mente toda a preocupação que estou sentindo.

— O que é?

— Enquanto o *Seu* José estava contando sobre a forma descontrolada e agitada dessa mulher ao revirar aquela lixeira, uma luz de alerta surgiu em minha mente.

— Como assim, o que você quer dizer, Leo? — Malu solta-se dos meus braços voltando a assumir uma postura tensa.

Deus... eu não posso acreditar que não pensei nessa hipótese antes.

— Malu, essa mulher pode ser dependente química. Foram feitos vários exames na Valentina, todos os que são comuns quando o bebê nasce. Mas teve um que não foi feito. Eu falhei quando atendi a Valentina — falo, sentindo o gosto amargo do remorso em minha boca.

— Qual exame, Leo?

— HIV — respondo, e um turbilhão de coisas me atingem. Eu tinha que ter feito esse teste na Valentina, pois se ela for soropositivo, já teria que estar recebendo medicação.

— Oh meu Deus, Leo! Será? — Malu leva as mãos ao peito, como se sentisse a dor dessa informação em seu coração. E é de fato isso.

Droga! Droga! Como eu deixei isso passar... Valentina ficou quase um mês na clínica e eu não me lembrei disso.

— Eu não sei, Malu, mas precisamos saber o mais rápido possível.

— *Tadinha* da Valentina, Leo, se for... ela precisa de cuidados específicos!

— Sim, por isso vamos buscá-la agora mesmo e trazê-la para a clínica. Faremos esse e outros exames para checar tudo minuciosamente. Estou tão habituado em atender recém-nascidos em que as mães fazem o pré-natal e o teste de HIV, é um dos primeiros exames a ser feito pela mulher quando descobre que está grávida, que não me lembrei de pedir que fizessem em Valentina. Mas como eu não lembrei, Malu? Como?

Incrédulo e com raiva de mim mesmo, é assim que estou agora.

— Meu amor, calma! Não se culpe desse jeito. Tudo o que você fez foi salvar a vida da Valentina e dar a ela amor. Além disso, você é um ótimo médico. Por isso, não se martirize. O que precisamos agora é fazer o exame para saber. — Maria Luiza tornou-se branda diante da situação, apesar de preocupada com a nossa menina ela é ciente que não podemos nos apavorar agora, e isso me acalma.

— Malu, e se o resultado der positivo? — falo e o maldito medo me alcança ferozmente.

— Lutaremos com todas as nossas forças para que ela fique conosco. E principalmente, nós a amaremos e cuidaremos ainda mais dela. — Malu fala com determinação.

Suas palavras são capazes de afastar meu medo e enchem-me de emoção e força.

— Eu te amo, Malu. — Acaricio sua face com ternura. Ela relaxa ao meu toque e descansa seu rosto em minha mão.

— Ah, Leo... eu também te amo tanto.

Beijo seus lábios e enquanto a tenho em meus braços, sentindo seu corpo junto ao meu, eu penso o quanto Maria Luiza é uma mulher forte, corajosa, decidida, eu a admiro e a amo tanto por isso.

A amo quando ela se coloca em defesa de uma pessoa simples, como fez agora há pouco em relação a ineficiência e preconceito da minha secretária, a amo quando ela afirma que nada mudará em relação a Valentina caso esse resultado seja positivo, e sinceramente não esperava outra reação que não fosse essa. Malu é uma mulher de atitudes nobres, caráter bem formado e digno. Eu sei que terei ao meu lado uma companheira para todos os momentos, seja os bons, ou os difíceis pois em tão pouco tempo ela já me deu provas disso.

— Malu, nós iremos buscar a nossa menina, fazer o teste, e independente do resultado e percalços que poderão surgir em nosso caminho, nós não desistiremos da Valentina.

— Não mesmo, Leo. Pois não se desiste de quem se ama, e nós a amamos muito.



O inesperado

MARIA LUIZA

Então me diga, você é daquelas pessoas que planeja tudo em sua vida? Cada passo dela? Você tem um quadro e nele está escrito as metas que deseja alcançar, objetivos para conquistar? Ou simplesmente deixa acontecer no estilo da música “*deixa a vida me levar... vida leva eu...*” ?

Quem sabe você viva no meio termo? Sem quadros no estilo do livro “O Segredo”, mas também não é tão desprendida a ponto de fazer da referida canção seu hino de vida. Pois bem, eu sou exatamente assim. Nunca instituí para os meus dias metas rigorosas, mas sempre fui disciplinada e perseverante ao ponto de saber que, para conquistar algo eu teria de traçar algum tipo de plano para minha vida.

Quando deixei minha cidade no interior do estado para morar sozinha na capital, eu sabia que teria de me concentrar nos estudos, inicialmente, sem precisar trabalhar — pelo menos por um tempo — já que a faculdade era pública, o apartamento que eu tinha para morar era da minha avó, e o seguro de vida que minha mãe me deixou não era nenhuma quantia exorbitante — mas seria capaz de me manter por um período. Sem contar que eu tinha uma poupança que, religiosamente, desde que nasci, dona Cecília depositava um valor singelo todo o mês. No final das contas, me ajudou muito.

Mas, apesar disso tudo, eu sabia que chegaria o momento em que esse dinheiro acabaria e que minha avó não teria condições de ficar me prestando auxílio, já que sua aposentadoria e os congelados que fazia para vender eram o suficiente apenas para ela. Ou seja, depender da minha avó estava fora de cogitação, assim como ter que recorrer ao diário da minha mãe e descobrir quem é meu pai para lhe procurar e pedir ajuda. Isso muito menos, com toda a certeza. Eu teria de dar conta de mim mesma.

Por isso, me preocupei em arrumar um estágio remunerado já nos primeiros semestres da faculdade, e graças as minhas boas notas adquiridas no ensino médio e dedicação nas aulas no curso de administração, não demorou muito para que eu estivesse cuidando do meu próprio sustento. E, ano após ano de faculdade, as oportunidades de estágio iam sempre melhorando — durante o dia eu trabalhava e à noite estudava.

Lembro-me que, em uma ocasião, surgiu uma vaga em uma empresa e que, diferente das outras em que já havia trabalhado, buscava alguém para ocupar um cargo de forma permanente e não só para um estágio. Eu teria de preparar um projeto de solução para minimizar os clientes inadimplentes da empresa, esse seria o teste para alcançar a vaga além da costumeira entrevista de avaliação do currículo e aptidão. Já havia elaborado boa parte do meu projeto quando meu computador estragou. Sempre mantinha um dinheiro reserva para uma emergência e esta era uma, por isso iria usá-lo sem sombra de dúvida. Todavia, mesmo dispondo do dinheiro para pagar o conserto, isso levaria um tempo, e tempo era o que não tinha, afinal, o prazo estava correndo e eu precisava terminar o projeto. Poderia usar os computadores disponibilizados na biblioteca da universidade, contudo, não seria a mesma coisa do que poder fazer em casa em meus horários livres.

Foi então que Priscila — uma jovem de cabelo com a tonalidade castanho escuro, de fios longos e lisos, que usava sempre em seus lábios grossos um batom cor de rosa que os deixavam sobressalentes, mas não tanto quanto suas sobrancelhas largas e bem desenhadas, embelezando ainda mais sua face e seus olhos arredondados — ofereceu-me gentilmente seu *notebook* emprestado. Priscila fez isso pois éramos amigas, inclusive eu a considerava a minha melhor amiga, havia me afeiçoado a ela de imediato assim que sentamos lado a lado no primeiro dia de aula, julgo que foi por causa de seu sorriso caloroso ou talvez pela doçura que seus olhos demonstravam e, receber seu apoio, inicialmente foi reconfortante, contudo, depois me arrependi amargamente e mesmo que já tenha passado anos, as lembranças do que aconteceu ainda são vivas em minha memória.

— Malu, você acha que consegue escrever seu projeto durante a semana? Se sim, eu posso te emprestar meu notebook, mas aos finais de semana eu preciso dele, pois uso para falar com meu namorado. Sabe como é namoro à distância, né? Ainda bem que inventaram internet e webcam — diz Priscila, com um amplo sorriso.

— Durante a semana é mais do que o suficiente. Eu nem tenho como te agradecer, Pri — Respondo dando-lhe um abraço apertado cheio de alívio e gratidão.

Aquela foi a primeira vez, desde que estava vivendo sozinha nesta cidade, em que senti que poderia confiar em alguém, mas foi um ledor engano. Na semana seguinte, após finalizar o meu projeto, fui confiante entregá-lo ao professor que estava coordenando a seleção e envio dos projetos para a empresa. Ao passar os olhos pelas páginas, visivelmente confuso ele me disse que um projeto com mesmo teor, igual em tudo ao meu, já havia sido entregue pela aluna Priscila.

Argumentei, explicando toda a situação, contei que usei o computador dela e que minha melhor amiga tinha roubado todo o meu trabalho e apresentado em meu lugar. Foi inútil. Naquela ocasião, o professor me respondeu sem se importar muito com o assunto:

— Não tenho como saber quem está falando a verdade. Por isso, resolvam entre si até o final deste dia, pois apenas um projeto será enviado.

Eu tive vontade de contra argumentar e dizer a ele que como professor deveria se interessar em buscar a verdade. Mas limitei-me em gastar meu tempo com quem de fato deveria.

Furiosa, fui à procura de Priscila. Ao encontrá-la, minha expressão já denunciava que eu sabia que ela tinha me passado a perna. Suas explicações vieram em cascata:

— Eu sinto muito, Malu. Eu sinto mesmo, eu não queria ter feito isso, mas acredite: eu preciso muito mais dessa vaga que você.” — Ela falou com nítido pavor em sua voz.

— Mas isso não te dá o direito de roubar o meu projeto, não acha, Priscila? — Argumentei furiosa.

— Eu sei que não, mas era a única saída que eu tinha, Malu, me perdoe. Eu não fiz por mal.

— Para o bem é que não foi. Agora vê se me faz um favor?

— O que você quiser. — Priscila disse, esperançosa.

— Nunca mais fale comigo. Esqueça que algum dia fomos amigas. — Falei e não esperei por mais nada que ela tivesse a me dizer.

Eu poderia continuar uma discussão, exigir que ela fosse falar a verdade, mas por algum motivo decidi encerrar toda aquela porcaria que tinha feito meu estômago revirar em decepção e raiva.

Segui para o banheiro da universidade e chorei, esbravejei, soquei com as mãos a porta que chegou a cortar os nós dos meus dedos. Questionei-me naquele instante: como ela poderia precisar mais do que eu? Pois tinha uma condição financeira razoável e, ao contrário de mim, tinha o amparo de seu pais. Como, na face da Terra, Priscila Nogueira precisaria mais daquele emprego do que eu?

Depois de alguns meses, eu estava naquele mesmo banheiro em que cortei meus dedos e enquanto lavava as mãos ela saiu de uma das cabines, seu reflexo no espelho deixava nítido uma protuberância na barriga. Grávida, a minha ex melhor amiga estava grávida e, talvez sim, ela precisasse mais daquela vaga do que eu. A raiva que ainda me corroía pela traição passou quando eu soube o motivo.

E foi desde então que evitei me aproximar e criar vínculos com qualquer pessoa, isso explica porque quando sofri o acidente eu não tinha nem mesmo uma única amiga para se preocupar comigo.

Faço toda essa referência porque nessa vida, sempre somos surpreendidos, não importa se você é a pessoa que planeja tudo ou não, pois o acaso, o inesperado vai sempre te pegar pelo pé e muitas vezes fazer você ficar de ponta cabeça. Uma traição de um amigo, uma morte, o emprego que você perde... o amor que chega sem avisar, e a dor que pode te alcançar.

Eu jamais poderia prever que perderia minha mãe quando eu era apenas uma adolescente de quinze anos, muito menos que minha avó ficaria doente anos depois — com uma maldita doença que apaga toda a sua memória, ou pelo menos parte dela, pois vó Rita, ainda mantém algumas lembranças, mas são todas do passado. É capaz de se lembrar que tem uma neta de cinco anos, mas não reconhece que a neta sou eu e que hoje, já sou uma mulher de vinte e seis anos de idade — e que fiquei desempregada bem no momento que minha carreira profissional estava indo bem e aparentemente estável (oportunizando-me, inclusive, em fazer financiamento para comprar carro popular, afinal, quem não deseja ter seu veículo próprio e não ter que depender do falho transporte público?). Assim sendo, foi um verdadeiro *baque* quando recebi minha carta de demissão, contudo, sem pestanejar, fui à luta em busca de outro emprego.

E aí, o maravilho acaso — nessa situação, apesar de tudo, posso chamá-lo assim —, surpreendeu-me a tal ponto de me fazer ser atropelada quando estava indo para uma entrevista de emprego e, talvez, simplesmente, para fazer-me conhecer o homem que traria o amor para a minha vida. Não o

suficiente eu conheci um anjo, um anjo abandonado precisando de amor, cuidados... um anjo valente que traria um sentimento reconfortante ao meu coração. E todo esse amor que sinto por Valentina é o reflexo do amor que eu já conheci um dia — o amor de mãe e filha — o amor que me faz falta. E que eu quero mais que tudo poder dar a ela.

De alguma maneira eu também fui abandonada — contra a vontade de minha mãe — em circunstâncias muito diferentes, mas eu sei o que é estar sozinha no mundo. E Valentina não ficará sozinha, não importa se ela tenha ou não esse vírus, não importa se este resultado seja positivo. Com os conhecimentos de Leonardo, com tudo o que a medicina atualmente disponibiliza em relação ao HIV e com todo amor que sentimos por ela, seremos capazes de dar uma vida feliz para o nosso anjo valente.

Portanto, não importa o estilo de vida que você leva, seja você a pessoa que lê livros que te ajudam a manter o foco e disciplinar sua mente, ou seja aquela que vive um dia de cada vez, sem se preocupar com o amanhã, pois a verdade é que nós nunca estamos preparados para nada, absolutamente nada que acontece em nossa vida. Resta-nos, apenas, ter sabedoria e fé para passar por cada fase que o acaso nos apresenta.

Reflito sobre tudo isso agora enquanto observo Valentina de olhos bem abertos, nos braços de Leonardo que está posicionando-se da melhor forma para colocá-la no bebê conforto no banco de trás do carro de Luís, seu cunhado, que oportunamente apareceu no consultório quando estávamos de saída para buscá-la no orfanato. Numa breve conversa, Leo explicou tudo que estava acontecendo, desde nosso interesse em adotá-la, a mulher que supostamente seja a mãe biológica, até a urgência em fazer o exame em nossa menina. Luís, que viera para ficar com a esposa e o filho que estão na clínica, prontamente disponibilizou-se em nos ajudar no que for preciso e também nos ofereceu o carro que tem instalado o assento seguro para transportar bebê.

— Vamos precisar de um desses. — Leo me diz. E com todo cuidado acomoda Valentina.

— Certamente um desses e muitas outras coisas, Leo. Está preparado? — Lanço a ele meu melhor olhar interrogativo e animado assim que ele traz a metade do seu corpo para fora do carro, depois de afivelar o cinto e conferir mais de uma vez se ele tinha feito o serviço correto em deixar Valentina presa e segura no belo assento confortável específico para acomodar bebês recém-nascidos. Sorte a nossa que há outro pequenino na família.

— Claro que sim! E Malu, eu já disse isso antes, mas nunca vou cansar de dizer, acho incrível seu jeito confiante e positivo de pensar. Ao falar desse jeito sobre tudo que temos que comprar para receber Valentina demonstra o quão

confiante está que tudo ficará bem e que ela venha viver conosco.

— Sim, exatamente isso, pois é o que irá acontecer. Mas você também pensa assim, pois já ficou preocupado em ter uma dessas cadeirinhas para bebês.

— Verdade, é por isso que nos damos tão bem, meu amor. — Ele oferece-me seu sorriso lindo e aquela piscadinha que me arranca suspiros.

— É por isso que te amo — digo, dando-lhe um beijo.

— Eu também, minha linda e confiante Malu. — Ele responde entre meus lábios.

Depois disso entramos no carro e damos início a nossa viagem de volta. Faço questão de ir atrás com Valentina, segurando sua mãozinha, e tão logo o veículo entra em movimento ela adormece, a cabeça pende para o lado deixando sua bochecha ainda mais gordinha, aproximo-me perto do seu rosto, cheiro-a e ouço o som da sua respiração compassada. *Como é gostoso observar um bebê dormindo*, meu coração se enche de esperança de que poderei fazer isso por muitas vezes ainda.

Em silêncio acompanho o percurso sendo feito, assim como, acompanho o sono de Valentina e a maneira cuidadosa que Leonardo conduz o carro em uma velocidade amena para não despertá-la. Um extenso tempo se passa até que voltamos a falar e isso acontece ao nos aproximarmos da clínica.

— Já estamos quase chegando. — Leo me avisa, seus olhos encontram os meus através do espelho retrovisor enquanto o carro permanece parado na sinaleira.

— Valentina dormiu o trajeto inteiro — digo, sinalizando para nossa menina que dorme tranquilamente.

Ele sorri

— Não sei o que há com carros e bebês, sempre os fazem dormir. — Ele fala em tom de voz descontraído.

— Sim, mas acho que não é só com bebês, até eu senti vontade de tirar um cochilo — revelo.

— Imagino que sim, afinal você acordou bem cedo hoje, Malu dorminhoca.

— Mas valeu a pena acordar cedo, doutor. — As lembranças do amor gostoso que fizemos no chuveiro assume meus pensamentos.

— Sabe que pode acordar todos os dias assim, não é? — Ao dizer, oferece-me um olhar e sorrisinho malicioso.

— Sei. E isso me agrada muito. — Devolvo seu sorriso malicioso.

— A mim também. — Ele diz por fim e coloca o carro em movimento novamente.

LEONARDO

— Oi, meus queridos. Que bom que chegaram! — É Beth quem nos recebe na recepção da pediatria — Eu já deixei tudo pronto como você me pediu, Leo. — diz, enquanto envolve os braços em Maria Luiza e Valentina ao mesmo tempo, pois é no colo de Malu que a pequena está aconchegada e de olhos bem abertos, tentando captar toda a movimentação. O sono longo que fez, agora a deixou desperta. No instante que desliguei o motor do carro a danadinha acordou.

— Ótimo, Beth. Obrigado. Vamos ao meu consultório então, não quero esperar nem mais um minuto.

Enquanto estávamos indo buscar Valentina, liguei para minha fiel amiga pedindo que providenciasse os suprimentos necessários para o exame. Hoje em dia graças ao avanço da medicina e a importância dada em detectar com rapidez a presença do vírus principalmente em bebês recém-nascidos o Ministério da Saúde disponibiliza um teste rápido feito através da coleta da saliva da mucosa da boca, basta que os órgãos de saúde se cadastrem para receber o material gratuitamente. E sim, a clínica Dr. Magno possui este material, e eu bem sei disso, pois fui o responsável por enviar nosso pedido. E isso, me faz sentir ainda mais raiva por não ter lembrado de fazer o teste em Valentina.

Mas é isso, aqui estamos nós há trinta minutos de saber o resultado.

— Você quer fazer ou eu faço? — Beth questiona.

— Pode fazer — respondo cheio de ansiedade.

— Certo.

Beth vai até a mesa onde o material está disposto, e enquanto higieniza as mãos e coloca as luvas eu peço a Malu que sente com Valentina virada para frente.

Posiciono-me ao lado da cadeira, uma das mãos pousadas nos ombros de Maria Luiza — eu sei que apesar de toda confiança e força, ela está fragilizada com essa situação, eu expliquei a ela como seria o exame, e nesse momento, calada, observa tudo — e com a outra acaricio e seguro as mãozinhas de Valentina que não param de se mexer.

— Vamos lá garotinha, vou colocar isso aqui na sua boca, mas não vai doer nada, a tia Beth promete. — Com leveza Beth pressiona as bochechas de Valentina, abrindo assim sua boca para colher a saliva da pequena com uma haste de algodão.

Valentina choraminga por sentir o desconforto, e eu identifico que é um chorinho bravo, de quem não está gostando. Mas não dura muito tempo, pois Beth logo termina de fazer o seu serviço.

— Muito bem, já acabou! Viu só eu falei que não ia doer nada.

Sorrimos, pois assim que Beth termina de falar, Valentina emite um som alto, um resmungo como se tivesse respondendo algo.

— Agora é só esperar? — Malu pergunta.

— Beth agora vai finalizar o procedimento e saberemos dentro de uns trinta minutos — explico. — O resultado é parecido com o de uma leitura de um teste de gravidez. Uma listra não reagente, duas listras reagente ao vírus.

Malu olha-me atenta.

— Ou seja, uma listra o resultado é negativo para a presença do vírus e duas listras é positivo? É isso? — fala observando Beth fazendo seu trabalho.

— Sim, isso mesmo meu amor. — Confirmo, massageando a musculatura de seus ombros que estão enrijecidas diante desta situação.

— Então é uma listra que queremos ver surgir nesse *negocinho*. — Malu diz, esticando a cabeça para olhar o material que Beth tem em suas mãos, onde ela coloca a haste flexível com o fluido oral de Valentina e pinga os componentes químicos que farão o resultado aparecer.

— E é o que vai aparecer nesse *negocinho*, Malu. — Beth confiante diz, e para quebrar a tensão trazendo seu humor replica o que termo nada técnico usado por Maria Luiza, ao material do exame.

Malu inspira e expira com força, beijo seu rosto e sussurro:

— Vamos ter fé. — Ela assente, fecha os olhos por um breve instante, julgo que silenciosamente faz uma oração e ao abrir os olhos beija com delicadeza o rosto de Valentina e então sorri para mim. Correspondo seu belo sorriso e volto minha atenção para Valentina.

— Agora eu quero pegar essa mocinha dorminhoca, encher de beijos e mostrar a ela os brinquedos que tenho aqui. Vem, meu amor, vem... — a espertinha preferindo o colo de alguém que está em pé fica toda animada balançando as pernas e bracinhos.

— Como foi lá no orfanato? Nenhuma das freiras quis acompanhar? Afinal Valentina está sob a responsabilidade delas. — Beth pergunta.

— A irmã Salete até se ofereceu, mas eu disse que não havia necessidade e que cuidaríamos bem dela. E essa não é a primeira vez que trago uma das crianças do orfanato para fazer algum exame na clínica, então elas não tiveram nenhuma objeção — conto.

— Tem razão, e sem contar que as irmãs te adoram. É Deus no céu e o doutor Leonardo na terra.

— Não exagera Beth. — digo, dando a Valentina um chocalho todo colorido.

— Exagero nada, a mais pura verdade. Precisa ver, Malu. — Beth vira-se rapidamente para nos encarar, arqueando uma das sobrancelhas.

— E eu não vi? Passamos o sábado todo no orfanato e eu reparei o quanto Leo é querido por lá.

— Viu só... até Malu percebeu. — Beth dá de ombros.

— *Ok... ok...* elas gostam muito de mim. Admito, mas é que faço por merecer. — Sorrio ao dizer, pois sei que vem comentários sobre minha afirmação.

— Está bem convencido, *hein*, doutor Leonardo? — Malu diz, aproximando-se e dando um leve beliscão em meu braço.

— Demais. — Minha amiga enfermeira completa, sorrindo.

E eu sei que Beth está fazendo de tudo para quebrar a angustia dos minutos de espera pelo resultado, e ela consegue, pois, emenda um assunto no outro. Até da nova secretária ela fala, e inclusive tece comentários negativos, pois deixa claro que o trabalho desenvolvido pela moça não está a contento. Maria Luiza aproveita e conta tudo o que aconteceu mais cedo, deixando-me saber de fato o que houve antes de eu aparecer. Gostei de saber sobre seu posicionamento em mencionar que é minha noiva, adorei ouvir essa palavra sair com tanta propriedade de seus lábios. Já Beth, grunhiu de raiva por saber que o senhor José foi tratado daquele jeito.

— Darei um jeito de tirar essa Tatiana daqui, não quero uma mal-educada e preconceituosa trabalhando na recepção da pediatria — disse ela determinada.

Percebo que as duas trocam um olhar de cumplicidade, o mesmo olhar que eu e minha irmã sempre trocamos — o olhar de melhores amigos — e, é o que de fato Malu e Beth são. As duas criaram um vínculo muito forte de amizade, sinto-me feliz pois tanto uma quanto a outra merecem e precisam disto.



Olho para o meu relógio e vejo que se passaram quinze minutos, resta metade do tempo agora. Acho que nunca vivi trinta minutos tão demorados. Uma leve batida na porta chama nossa atenção.

— Posso entrar? — é Melissa quem chega distribuindo beijos e abraços em Malu e Beth, deixando-me por último.

— Estou sabendo de tudo, Leo, o Luís me contou. E não o culpe, sabe como meu marido é, não consegue esconder nada de mim.

— E nem deveria. Não tenho segredos com você, sabe disso.

Melissa bufa.

— É... mas ultimamente você não tem me contado muita coisa, seu irmão ingrato. Eu sempre confiei minha vida a você. — Os olhos castanhos brilhantes como os do nosso pai, lançam-me um olhar ressentido, traído. Mas o jeito como disfarça coçando seu nariz arrebitado tentando esconder o sorrisinho que quer escapar entrega que é pura cena para me comover.

Essa é a Melissa, sempre foi assim.

— Dramática como sempre... — brinco, trazendo à tona uma de suas características que carrega desde a infância — Desculpe Mel, é que tudo está acontecendo tão rápido que não consegui conversar com você direito. — E apesar de brincar com ela, digo sincero. Pois realmente estou em falta com Melissa, nós sempre dividimos tudo, e o fato de ela dizer que sempre confiou sua vida a mim, não é exagero. Ambos fizemos isso um com o outro.

— Eu entendo. Mas não deixe de me contar mais nada. Ou vou ficar brava de verdade com você. Sabe que me preocupa, Leo. — O tom suave das últimas palavras revela outra característica que carrega desde criança: amorosa.

— Sim, eu sei — digo, afagando seu cabelo e trazendo-a para mais perto. Ela aconchega-se em meu peito dividindo espaço com minha pequena.

— Ei... lindinha, você deve ser a Valentina. — Sem cerimônias vai tirando a menina do meu colo e levando para o dela — Sabe quem eu sou? Sua tia Mel. Siiim sua tia. E sabe do que mais? Você tem um priminho, aposto que o Gustavo vai adorar te conhecer.

Irreverente, sincera, espontânea, amorosa e dramática essa é a minha irmã. Dotada de tantas características que no final fazem dela um ser humano incrível que eu tanto amo e admiro.

Noto Malu observá-la com surpresa e carinho pela forma com que trata Valentina.

Alcanço seu corpo, fixo meus olhos nos dela, e sem que espere beijolhe unindo nossos lábios e deixando que nossas línguas se encontrem no caminho. Ela hesita inicialmente e sei que é por não estarmos sozinhos, mas não me importo, continuo a beijá-la, pois preciso e sei que ela também precisa. Nossos beijos sempre possuem significados, e este é o sopro de coragem que precisamos ter para ver aquele resultado, é o beijo que diz: não importa o que aconteça nós ficaremos juntos, e nós lutaremos todas as batalhas que tivermos que lutar para que Valentina seja nossa filha.

— Minha nossa!! Será que entrei no consultório certo?! — a voz do meu cunhado me faz parar de beijar minha noiva, que em breve, muito breve, será minha esposa.

— Amor, entra! Oh meu Deus você trouxe o Gustavo! — Melissa diz e sua voz sai surpresa ao ver o filho fora da UTI neonatal.

— Doutor Pedro disse que ele podia dar uma voltinha. — Luís explica, e noto-o receoso com a reação da esposa. — Achei que ele gostaria de conhecer Valentina — justifica, avaliando Melissa.

— Leo, está certo isso? Ele pode deixar a UTI? Eu sei que doutor Pedro é um bom pediatra, mas...

— Fique tranquila, eu conversei com ele hoje pela manhã. Não há mal em o Gustavo sair um pouco de lá. Nós iremos repetir alguns exames para nos certificarmos melhor, mas o monitoramento que foi feito dele durante a noite demonstrou um quadro estável em progressão. Gustavo está bem.

— Se você está dizendo, eu confio então, meu irmão. Ouviu só, Valentina? O Gustavo está bem. E você também estará, tenho certeza disso, lindinha.

Luís aproxima-se da minha irmã, colocando os bebês frente a frente, fazendo as apresentações. E eu tenho certeza que esses dois ainda nos darão muito trabalho com suas travessuras de criança, assim como serão grandes amigos.

— Leo...

— Sim, Beth.

— Já deu, o resultado está pronto. — Ela fala, fazendo travar no lugar. Respiro fundo, é a hora da verdade.

— Espera! — Melissa pede. — Desculpe... eu sei que estão ansiosos para saber o resultando, mas antes eu gostaria de dizer algo muito importante a você, Malu, Leo e Valentina. — Ela olha carinhosamente para cada um de nós.

Melissa é sempre muito brincalhona, mas agora o seu tom é sério. E apesar da vontade de correr para ver esse resultado eu quero ouvi-la.

— Pode falar, Mel. — digo, dando-lhe um sorriso.

— Eu quero que vocês saibam que não estão sozinhos nessa. Somos uma família e por isso, independentemente de qualquer resultado que esse exame mostre, nós estaremos sempre ao lado de vocês dando o apoio que precisarem, assim como nosso afeto. E dizer que estamos felizes em receber Malu e Valentina em nosso convívio. — Completa a frase indo até Maria Luiza.

— Obrigada, Melissa, de verdade muito obrigada. — Vejo minha irmã e minha noiva trocarem um abraço afetuoso com Valentina envolvida nele.

Ao se separarem Melissa diz:

— Malu, toma, segura sua filha. — Ela entrega Valentina nos braços de Maria Luiza. E eu assumo meu lugar ao lado das duas mulheres que trouxeram um novo sentido a minha vida. Passo meu braço envolvendo Malu pela cintura, seguro-a firme perto de mim.

E este é o momento.

— E então, Beth, qual foi o resultado?

— Olhem vocês mesmos...

MARIA LUIZA

Lembra-se que eu falei que o inesperado vai sempre te pegar pelo pé e muitas vezes te colocar de cabeça para baixo? E que diante dessas situações o que nos resta é buscar sabedoria e fé? Pois então, eu só não comentei que em algumas dessas situações você pode ter seu coração querendo sair pela boca — mas certamente você já saiba — pois em algum momento da sua vida também já se sentiu assim, exatamente como eu estou agora, tendo um coração retumbando como se tivesse uma escola de samba inteira dentro do peito, e a cada batida tenho a sensação que ele vai subindo mais pela minha garganta, ao ponto de sentir minha glote se fechando. Isso tudo acontece na fração de segundos que leva entre Beth dizer *vejam vocês mesmos*, e nos mostrar o bendito *negocinho* com o resultado.

E por Deus, o grito que solto quando vejo o resultado força meu coração descer para o lugar dele, pois eu o precisarei mais do que nunca a partir de agora, afinal filhos estão sempre nos dando fortes emoções e Valentina acabou de me fazer passar pela minha primeira experiência de quase morte. Instintivamente eu aperto seu corpo junto ao meu, choro tanto que minhas lágrimas pingam molhando sua roupinha macia e delicada. Leo traz sua cabeça para o meu peito, junta o seu rosto ao de Valentina, e eu posso ouvir os soluços e ver seus ombros tremerem pelo choro convulsionado que libera. Toda a tensão escapa através de nossas lágrimas. Mas não faz mal, pois são as lágrimas de alívio, de felicidade, de alegria, de gratidão à Deus. Valentina não tem nada, o resultado é negativo.

Nossa menina valente é livre de qualquer doença que colocaria sua vida em risco, que a deixaria dependente de uma dezena de remédios fortes. Livre... livre para ser uma criança saudável.

Somos envolvidos por outros braços, Melissa com Gustavo no colo, Luís e Beth juntam-se a nós e tudo é uma mistura de lágrimas e sorrisos.

E eu sei que lá de cima meu anjo protetor — minha mãezinha — sorri feliz ao ver essa cena, pois sabe que não estou mais sozinha, que agora faço parte de uma família. E, que principalmente sinto-me aliviada e grata a ela e a Deus por cuidar de nós.

— Pronto, meus queridos, respirem fundo. A menina de vocês não tem nada. — Beth, nossa amiga, nosso cupido, a pessoa que foi tão carinhosa comigo desde o primeiro momento em que a conheci, diz enquanto todos nós nos recompomos da forte emoção que nos tomou.

— Seus bebês danadinhos, parem de nos dar susto. Ou enfartaremos antes mesmo que vocês comecem a andar. — Melissa brincalhona comenta, fazendo-nos rir.

Em seguida Luís toca o ombro de Leonardo e diz:

— A partir de agora focaremos no processo de adoção, e se tudo der certo vocês poderão ter Valentina vivendo com vocês, pelo menos de forma provisória. Eu vou tentar que o juizado conceda isso, ainda no decorrer do processo.

— Meu marido é um excelente advogado, sei que ele fará o seu melhor né, amor? — Melissa diz, aproximando-se de Luís e dando-lhe um beijo no rosto.

— Certeza que sim — ele assegura. — Instantes depois em que Leonardo me contou tudo, já liguei para o escritório e pedi que comesçassem a peticionar o pedido da guarda provisória. — Luís fala, demonstrando sua atenção com o caso.

— Obrigado, Luís. — Leo fala com gratidão ao cunhado e em seguida olha para irmã. — E eu não tenho dúvida que ele seja excelente Mel, por isso confiei nele para nos orientar.

Abraçamo-nos novamente, fortalecendo nossos laços e o desejo mútuo em fazer o bem a quem amamos.

— Muito bem, agora que tal deixarem essas duas belezinhas com a tia Beth e vocês irem tomar um café na cafeteria que tem aquelas tortas deliciosas? — Beth diz em um tom de voz animado.

— Ótima ideia. — Melissa comemora — Acho que todos nós estamos precisando.

A sugestão de Beth é providencial pois no fim das contas Leo e eu nem almoçamos, mas ficar longe de Valentina não está nos meus planos, por isso hesito.

— Eu não sei, queria aproveitar o tempo com Valentina. Mais tarde já teremos que levá-la.

— Podemos fazer isso amanhã — Leo diz. — E você precisa comer algo, Malu.

— Podemos?! — questiono animada, pois é assim que essa possibilidade me deixa.

— Sim, meu amor — responde-me deixando um beijo em meu rosto. — Eu ligo no orfanato explicando que vou fazer mais alguns exames em Valentina e por isso só a levarei amanhã.

— Sendo assim, pode ser. Mas não quero demorar — digo ao meu noivo e seus olhos compreensivos me dizem que tudo bem.

— Certo, então vão e não esqueçam de trazer uma fatia de torta para tia Beth, aliás uma não, duas. Vou chamar a Clarissa para me ajudar com os bebês. Tragam uma para ela também, não quero ter que dividir o meu pedaço. — Beth fala dando de ombros e fazendo-nos rir.

— Clarissa a enfermeira da ala adulta? — Leonardo indaga, curioso.

— Sim, essa mesmo. Eu a trouxe para trabalhar comigo. — Beth fala com naturalidade.

Leonardo lança a ela um olhar questionador.

— E agora você pode transferir funcionários, enfermeira Elizabeth?

— Eu dou meu jeito, assim como vou arrumar uma outra secretária para você. — Ela continua a falar com naturalidade.

— Beth... Beth... se o doutor Henrique sabe que você está mandando mais que ele vai ficar bravo. — Leonardo adverte, mas seu tom soa brincalhão.

A enfermeira chefe dá de ombros.

— Tem coisas que o doutor Henrique não tem necessidade de saber. E além do mais ele tem coisa mais importante para se preocupar.

— Então está bem, é por sua conta e risco — Leonardo diz por fim.

— Deixa comigo, doutor. Eu sei o que faço.

Os dois trocam um breve olhar carinhoso acompanhado de um sorriso e em seguida Beth se aproxima de mim, sorrindo exatamente igual, para pegar Valentina. Ela já está com minha menina em seus braços, assim como a bolsa de Valentina em seu ombro, quando Leonardo volta a falar.

— E a propósito, Beth, falando em Clarissa, eu tenho algo que preciso conversar com você.

— Ué! O que quer falar sobre Clarissa? — Pergunta, sem tirar a atenção dos bebês que estão em seu colo, pois ela gentilmente acaba de pegar Gustavo dos braços de Melissa.

— Sobre a enfermeira nada, mas sim, sobre uma criança do orfanato. — Leonardo explica.

Beth finalmente olha para Leonardo.

— Como assim? — Ela franze a testa.

Observo a expressão curiosa de Beth, e eu também fico extremamente curiosa com este assunto.

— Não se preocupe, conversaremos depois e com calma. — Ele diz.

Beth assente e sem prolongar-se por mais tempo deixa o consultório carregando Gustavo e Valentina, cada um ocupando um braço. Fico admirada com sua agilidade, ela leva os dois bebês e ainda a bolsa de Valentina no ombro. A enfermeira Elizabeth é incrível.

Seguimos os quatro para a cafeteria, Luís abraçado a Melissa, e

Leonardo a mim. Enquanto caminhamos eu concluo que o inesperado te pega de surpresa, te faz tonto, mas também te faz diferente a cada nova experiência que ele te propõe a passar.

Melissa e Luís viveram momentos de angustia, dor e medo ao ver o filho naquela situação. Mas no fim saíram mais forte, unidos e experientes. Leonardo e eu passamos pelos mesmos sentimentos nessas últimas horas com nossa filha, e sei que depois disso, assim como o casal que segue um pouco mais a nossa frente trocando beijos, nós também saímos diferentes dessa experiência.

Tornamo-nos mais unidos pelo amor e mais fortes pela dor.



*Quem ama cuida
(e sente ciúme)*

LEONARDO

Quem nos vê sorrindo e conversando animados desse jeito, não imagina os momentos de aflição que passamos há pouco. Desejei profundamente que aquele resultado fosse negativo, e graças a Deus foi. Racionalmente eu estava pronto para agir como deveria se o resultado fosse outro, fornecer a Valentina o início do tratamento para neutralizar o vírus, cuidar da sua imunidade e a manter livre de doenças oportunistas de um organismo soropositivo. Mas se eu colocasse o médico de lado, e apenas fosse o Leonardo pai, saberia que sofreria por saber tudo que a minha menina valente teria de passar a partir daquele momento. O alívio que senti foi tão grande, que minhas pernas fraquejarem — e olha que para um homem assumir isso não é tão fácil — mas foi exatamente o que aconteceu, recostei-me no peito de Maria Luiza, tanto para ficar mais perto possível de Valentina, sentindo sua pele macia, mas sobretudo para ter um ponto de apoio. E foi ali chorando no peito da mulher que amo, com o rosto colado ao da minha filha, encontrei a segurança que precisava. Essas duas são parte integrante de mim, não importa o que eu faça a partir de agora, pois tudo será pensando no bem delas, no bem da família que já somos. Mas agora a montanha russa de sentimentos é substituída pela plenitude de um momento comum: um café acompanhado de pessoas que amo.

Assim que chegamos à cafeteria, que neste horário do meio da tarde é sempre muito movimentada, conseguimos uma mesa no lado de fora, o lugar é agradável, as mesas e cadeiras de ferro na cor azul claro, um singelo arranjo de flores no centro da mesa nos faz sentir em outro ambiente além do turbilhão do movimento da cidade.

— Eu não sei vocês, mas vou querer outro pedaço de torta. — Melissa diz, comendo ainda da fatia que tem em seu prato.

— Outro, Mel? — Meu cunhado questiona espantado.

— Estou sem comer direito desde ontem, Luís, além disso estou amamentando. Preciso manter minhas energias.

— Eu não estou amamentando, mas também vou querer mais um pedaço. — Malu emenda com um sorriso tímido.

— Quantos você quiser, meu amor. Agora vem cá.

— O que foi? — Ela questiona hesitante.

Puxo o seu rosto para perto, alcanço sua boca e passo a língua no canto de seus lábios.

— Tinha um pouquinho de torta, e é tão gostosa que não dá para desperdiçar — explico ainda com minha boca sobre a dela.

— Essas tortas são realmente deliciosas. — Malu diz, afastando nossos lábios.

— São, mas eu estou falando da sua boca, tão gostosa que não posso desperdiçar a oportunidade de senti-la.

— Então sinta sempre que quiser — responde, carinhosa e sedutoramente.

Ah, Maria Luiza! Me leva a loucura essa mulher.

As meninas comeram cada uma mais um pedaço de torta enquanto conversávamos e o assunto girou em torno da adoção de Valentina, Luís nos explicou um pouco mais como acontece o pedido de guarda, e nos deixou muito animados de que logo poderemos ter Valentina conosco. E isso foi o suficiente para ver os olhos lindos de Maria Luiza brilharem em emoção, pois, assim como eu, isso é o que ela mais deseja.

Enquanto aguardamos pelo retorno de Maria Luiza que foi até o banheiro, Melissa e Luís conversam sobre o filho deles e eu aproveito para checar o celular e responder algumas mensagens, principalmente as de pais dos meus pequenos pacientes que buscam por algum tipo de orientação. Há casos que facilmente são resolvidos por aqui, por isso uso muito desse canal de comunicação, poupando assim a vinda deles para uma consulta.

— Veja só se não é a minha arquiteta preferida! — uma voz masculina em tom animado chama minha atenção. Concentrado no celular não vi o

estranho se aproximar, mas assim que ouço sua voz ergo meu olhar. É um homem alto usando terno, ele toca os ombros de Melissa e no mesmo instante percebo uma ruga de desgosto no rosto do meu cunhado.

— Nossa! Que surpresa! Quanto tempo, como você está? — Melissa levanta-se estendendo a mão para cumprimentá-lo, mas ele ignora a mão dando um demorado beijo em seu rosto, acompanhado de um abraço.

Observo o homem com curiosidade, não é algum amigo de Melissa que eu conheça, mas pela forma que a abraça parece alguém que minha irmã tenha afinidade, o que não agrada muito Luís pois está notavelmente incomodado.

— Eu estou muito bem, e você Melissa Magno Marquezzi? — Ele responde, afastando-se e penso que para sua própria segurança é o melhor que tem a fazer. Pois Luís já está de pé ao lado da esposa. E sua expressão é de poucos amigos.

— Dutra — meu cunhado completa. — Melissa Magno Marquezzi Dutra. Magno da mãe, Marquezzi do pai e Dutra do marido.

— Ah sim, desculpe-me, eu não notei você. Muito prazer, sou Vincent Fernandes. — O *cara* diz com um sorriso debochado.

Isso não vai dar coisa boa, discussão de casal à vista. Conheço bem esses dois, se amam muito e são bem passionais, já presenciei discussões deles por conta de ciúme e não foi nada bom. Por isso começo a ficar preocupado.

Espera!

Vincent Fernandes? Já ouvi esse nome antes. Sim. Foi com ele que falei sobre a entrevista da Maria Luiza. E, puxa vida! Nessa confusão toda não chegamos a falar sobre este assunto. Agora lamento por não saber se foi esse *folgado* — que chega abraçando a mulher alheia como se fosse dele e ainda por cima debocha do marido — que a entrevistou ou se foi outra pessoa do escritório. De qualquer maneira o deixarei saber quem eu sou para que fique claro que Maria Luiza é uma mulher comprometida, não que eu duvide da postura da minha noiva, ao contrário, eu duvido é da postura dele, já percebi o tipo de cara que é a considerar pela forma que agiu com minha irmã que é casada, e com o marido ao lado. Imagina como pode ser com uma jovem linda aparentemente desimpedida e precisando de emprego? Caramba! Não quero nem pensar!

É... pelo visto não é só Luís e Melissa o *casal ciúmes*, pois eu bufo e pressiono o maxilar sentindo ciúmes da minha Maria Luiza, e como esse maldito possa ter se comportado com ela.

Melissa percebe a nuvem negra que paira sobre nós e tenta remediar nos apresentando, nos conta que Vincent é um cliente e que foi ela quem fez o

projeto do escritório dele, o que não muda muita coisa pois meu cunhado continua com o olhar fuzilando o tal Vincent, e sinceramente eu estou do mesmo jeito. Aproveito o momento em que o cumprimento para encará-lo bem e quando aperto sua mão uso de uma força além do normal.

Babaca.

— Você é o doutor Leonardo da clínica, não é? — Vincent pergunta.

— Sim, sou eu — respondo, encarando-o.

— Eu entrevistei hoje aquela moça que você me pediu para dar uma outra oportunidade. Gostei muito, ela tem um excelente currículo e se saiu muito bem na entrevista. Acho que a vaga será dela.

Minha dúvida é tirada, foi ele mesmo que a entrevistou. *Gostou foi?* Espero que tenha sido somente pelo seu currículo. Ou ele conhecerá um noivo que cuida e protege a mulher que ama, desse tipo de homem abusado.

— Que bom, minha noiva é mesmo muito competente. — Já solto, para que saiba com quem está falando e que Malu é comprometida.

— Ela é sua noiva? — interroga-me surpreso.

— Sim, e nos casaremos em um mês. — respondo.

Sua expressão de surpresa é ainda maior.

— Nossa! Eu não imaginei, você não comentou que ela era sua noiva, quando falou comigo.

— E deveria? Faria alguma diferença?

— Não, doutor, é só que eu não imaginei que ela era noiva.

Na minha visão periférica vejo Maria Luiza voltando, ela caminha com um sorriso nos lábios, mas ao se aproximar, percebo que muda sua expressão.

— Oi, senhor Vincent. — Contida, ela cumprimenta o visitante a nossa mesa. Não perco tempo, pego em sua mão e possessivamente passo meu braço em volta do seu corpo deixando minha mão sobre sua cintura, Malu por sua vez gruda sua mão a minha. E eu gosto disso.

— Maria Luiza, que bom ver você novamente. — Vincent devolve o cumprimento, e juro por Deus que se ele se atrever a beijá-la e abraçá-la como fez com Melissa eu o farei sentir o peso da minha mão.

Depois de cumprimentar Maria Luiza, Vincent joga uns fios de cabelo para trás e logo depois enfia as mãos nos bolsos de sua calça social. E é bom mesmo que ele as mantenha bem longe da minha noiva.

Exagero será? Não. Esse cara é um atrevido. Eu sou contra violência, mas não mexa com quem eu amo. E não seria só por Maria Luiza, mas também por Melissa.

— Estava aqui dizendo para o seu noivo que você foi muito bem na

entrevista. E só não confirmo que a vaga será sua, pois como eu comentei com você mais cedo, eu preciso conversar com a Cleo primeiro, mas acredito que em breve receberá uma ligação minha, Maria Luiza. — Trinco os dentes e fecho com força minha mão livre com a raiva que sinto pela forma como floreia ao dizer que vai ligar para ela.

— Ah... é...? — Sua reação não é tão animada para quem possivelmente acaba de conseguir o emprego. E isso me preocupa ainda mais. Afinal, como foi essa entrevista? Preciso saber.

— Sim. Por isso não deixe de ficar atenta ao seu celular. — Ele diz, curvando a boca em um sorriso.

Abusado.

Maria Luiza parece não ter respostas e apenas assente positivamente, já eu encaro-o enquanto noto seu olhar pousado por mais tempo do que deveria no rosto da minha noiva, ele percebe e então o desvia para o chão.

O engomadinho de cabelo desgrehado parece notar que sua presença não nos agrada e fala:

— Bom... eu já estava de saída, só parei para cumprimentar Melissa e no fim tive o prazer de conhecer parte da família do doutor Henrique, que é um cliente muito importante para o meu escritório.

Não respondo nada, quero que esse bastardo vá embora logo.

— O prazer foi nosso, Vincent. — É Melissa quem fala, e o prazer pode ter sido só dela, pois para mim foi um desprazer.

Seus olhos correm por todos nós e com um aceno começa a se afastar, mas antes de sumir de nossas vistas tem a capacidade de deixar uma provocação.

— Doutor Leonardo, não esqueça de me enviar um convite para o casamento. E Melissa, adoraria que fizesse o projeto do meu novo apartamento, me procure para conversarmos.

Vai receber sim, até dois. *Idiota provocador.*

— Que porcaria foi essa, Melissa? Você sabe muito bem que eu detesto esse cara. — Meu cunhado esbraveja.

— Ele é um cliente, Luís, você queria o quê? Que eu fosse mal educada com ele?

— Só não precisava ser *tão* educada. O prazer foi nosso Vincent? — ele diz imitando a voz de Melissa, seu rosto de pele clara, assumi o rubor de raiva.

— Luís tem razão, eu não o conhecia mas achei bem folgado. — Junto-me em dizer que também não gostei da atitude do maldito abusado.

— Folgado? Não só isso, Leo. Vincent Fernandes é um *galinha* sem limites. Eu conheço a fama desse desgraçado. E você fez bem em dizer que a

Maria Luiza é sua noiva, assim ele pensa duas vezes antes de dar em cima dela.

Minha noiva olha-me assustada. Pois não sabe o que aconteceu por aqui antes de ela voltar do banheiro. Melissa nos olha em preocupação. E para o marido ela entrega um olhar de quem está brava com a atitude dele.

— Luís, para com isso. Ele tem esse jeito galanteador e brincalhão, mas não é má pessoa. E outra, ele pode ser *mulherengo*, mas com mulheres solteiras, comigo ele nunca passou dos limites. E não fará isso com Malu também. Falando desse jeito vai acabar criando atrito entre Leonardo e Maria Luiza.

— Você está defendendo ele? Poupe-me, Melissa! — Luís diz, transtornado.

— Não, é só que você está exagerando, não acha?

— *Ok*. Eu vou me lembrar disso, quando uma cliente minha que você não gosta, me cumprimentar com beijos e abraços.

Melissa e Luís já não medem mais o tom de voz e penso que é melhor acabar com essa discussão agora.

— Acalmem-se, tudo bem? Aqui não é local e nem hora para uma discussão. Vamos embora.

Os dois fitam-se por um tempo até que começam a andar, pego na mesa as embalagens com as fatias de torta para a Beth, e em seguida conduzo Maria Luiza entre as pessoas fazendo nosso caminho para a clínica.

— Leo... o que houve aqui antes de eu chegar?

— Malu... precisamos conversar — digo, beijando o topo de sua cabeça.



— Eles estão animados um com o outro, os deixei assim juntinhos o tempo todo. Não deram trabalho algum. São uns anjos. — Beth nos conta quando chegamos ao quarto na UTI neonatal em que foi disponibilizado para o Gustavo.

O que vemos, quebranta nossos corações, Gustavo e Valentina dividindo o mesmo berço pediátrico, o meu sobrinho se aconchega perto do rosto da minha filha. E se já é impossível ficar imune a bebês, imagina quando são dois. Dois que você ama com todo amor que possa caber dentro do seu peito, e até bem mais que isso. Dois que em pouco tempo de vida já passaram por momentos difíceis e luta para sobreviver, mas que agora sentem-se bem e confortável, pois não há choramigo nem resmungos, há apenas os olhinhos bem abertos e expressões felizes. É como se essa proximidade fizesse bem para eles.

Percebo Luís pegar a mão da sua esposa, junto a minha à de Maria Luiza, e Melissa que está ao lado dela faz o mesmo. Os quatro de mãos dadas é o gesto puro e simples de união. Uma aliança feita graças aos caminhos que se cruzaram.

E assim ficamos contemplando nossos filhos, tendo a certeza de que nada é mais valioso que momentos que passamos com as pessoas que amamos, que nada é mais valioso que o amor que nos une e que nos faz uma família.

— Como são lindos. — Maria Luiza fala.

— E fofos. — Melissa completa.

— É... mas agora esses bebês lindos e fofos já devem estar com fome, eu vi que tem a mamadeira da Valentina na bolsa, vou preparar, já o Gustavo é com você Melissa, ele mama no peito, não é mesmo?

— Sim, Beth. E pelo horário da última vez que mamou, meu filhote já está com fome sim. *Vem cá, meu amorzinho.* — Melissa pega seu filho, e por incrível que pareça, ele chora ao sair do lado de Valentina, damos risada, com a reação de Gustavo.

— Pronto! Gustavo já se apaixonou por Valentina. E não quer ficar longe dela. — Luís brinca.

— Isso é porque minha filha é muito linda! Impossível não se apaixonar. — Entro na brincadeira e aproveito para pegá-la no colo e sentir o cheirinho de bebê que eu tanto gosto, e que sendo dela, é melhor ainda.

— Só que essa mocinha linda está impedida para esse mocinho lindo, pois são primos. — Maria Luiza corta nossa brincadeira nos trazendo a

realidade, ela está certa, afinal Gustavo e Valentina são primos, mesmo que não possuam o vínculo sanguíneo há outros que os ligam como tal.

— Verdade, Malu, e tem mais, serão criados tão juntos que ficarão quase como irmãos. Gustavo será o protetor de Valentina, *né* filho? — Melissa acompanha o pensamento de Malu, e já vi que as mulheres dessa família são mais racionais que os homens.

Conversamos por um tempo sobre o futuro dos primos juntos, sorrimos a cada possibilidade de acontecimentos deles que cada um de nós imagina, e sinto que o clima entre meu cunhado e irmã já melhorou, não sei o que mais falaram antes de chegarmos na clínica, mas é notável que estão bem. Fico aliviado, pois não gostaria de vê-los brigados.

Eu e Malu ficamos *babando* em Valentina, e sempre que ela fala com a nossa menina, a pequena esboça sorrisinhos ao ouvir a voz doce da mãe. Dou um beijo em cada uma delas, sentindo-me um homem feliz, completo e seguro por tê-las assim ao alcance dos meus braços.

— Eu sei que você quer ficar com Valentina, mas deixe que Beth fique com ela mais um pouco, pois quero falar com você. Tudo bem?

— Claro, Leo. — Seu sorriso e olhar demonstram a sinceridade de sua resposta.

Cumplicidade e confiança, isso é essencial em um relacionamento e eu sei que isso já existe entre nós, mas eu preciso conversar com ela, preciso que saiba o que senti referente ao seu futuro chefe, e principalmente ter certeza de que ela ficará bem se for trabalhar com ele.

Assim que Beth retorna, entregamos Valentina a ela e seguimos para o meu consultório, onde terei a privacidade necessária para conversar com minha noiva. E por toda sorte hoje o período da tarde é reservado para os meus serviços administrativos referente a ala da pediatria, portanto não tenho consultas marcadas, nem cirurgias e tampouco atendo na emergência. Portanto, ninguém irá nos incomodar.

— Está tudo bem, Leo? O que foi tudo aquilo na cafeteria? — pergunta-me assim que fecho a porta atrás de nós.

— Malu, vou te fazer uma pergunta e quero que seja sincera comigo.

— Sempre terá a minha sinceridade, Leo. Sabe disso.

— Eu sei, meu amor. — tomo sua mão e beijo-a fitando seu olhos — Desculpe por me expressar mal. O que quero dizer é que você se sinta segura comigo e que possa usar da sua costumeira sinceridade para me contar como foi a entrevista com Vincent Fernandes. — Não faço rodeios, vou direto ao assunto.

Maria Luiza meneia a cabeça, olhando no fundo dos meus olhos.

— Certo. Pelo o que ouvi da discussão na cafeteria posso imaginar o

que queira saber.

— Sim, Malu, eu preciso saber como ele agiu com você. Pois, o que eu vi do jeito dele com Melissa me deixou bem preocupado, e principalmente pela reação do meu cunhado.

Expressando sua compreensão Maria Luiza assenti enquanto falo, mas penso que já seja melhor esclarecer algumas coisas.

— Entenda — digo, tendo seu corpo ante o meu, e acariciando seu braço. Eu preciso desse toque — eu não estou aqui querendo dizer que não estou feliz por você conquistar esse emprego. Ou muito menos dizer que você não deve aceitá-lo só porque fiquei com ciúmes e que não fui com a *cara* do seu futuro chefe.

— Leo..

— Espera! Eu preciso dizer mais — beijo seus lábios demonstrando-lhe que está tudo bem que apenas preciso dessa conversa. — O que eu quero é ter certeza de que você não sofra nenhum tipo de assédio, Malu, seja ele qual for. Principalmente o moral, que infelizmente cresce cada vez mais, pois em muitos casos vem disfarçado em atitudes que aparentemente são inofensivas. Mas que precisam de atenção tanto quanto o assédio sexual.

— Eu entendo o que você quer dizer, Leo. E entendo sua preocupação. Vou falar tudo o que aconteceu e minhas impressões sobre Vincent Fernandes, pois mesmo que esse episódio na cafeteria não tivesse acontecido, eu iria lhe contar. — Sua resposta torna-me ainda mais preocupado e com raiva desse tal de Vincent.

Lutando contra a vontade de lhe encher de perguntas, reservo-me ao silêncio para ouvi-la. Sem interrupções a deixo que relate tudo. E Maria Luiza faz detalhadamente desde o instante em que entrou na sala dele, a forma cortês com que ele a tratou; as explicações que ele deu sobre a necessidade de conseguir uma pessoa para vaga, o teste prático, a hora que passou com Vincent sozinha em sua sala e que ele ficou longe e quieto, nada mais além de lhe entregar uma xícara de café, e o momento em que teceu comentários pessoais sobre o acidente e minha intervenção para que ela tivesse uma outra chance para fazer a entrevista. Não. Ele não foi aparentemente um completo idiota abusivo. Gentil demais talvez, para quem está realizando uma seleção para uma futura funcionária. Isso sim. E aí que mora o perigo, pois muitos homens agem exatamente assim, aparentemente inofensivos, mas no fundo ou quando tiverem a oportunidade demonstrarão a verdadeira face.

Mas quando Maria Luiza conta-me que percebeu que ele ao cumprimentá-la no final da entrevista segurou sua mão por mais tempo que o necessário e que ela fez questão de se afastar, demonstra que o desgraçado até

tentou, testando o limite e a reação dela. Fico enfurecido com isso, e penso que o aperto que dei na mão dele com força foi minha resposta inconsciente, pelo tempo a mais que ele desejou sentir a mão da minha noiva. E isso ainda é pouco diante do que sou capaz de fazer se ele tentar mais alguma coisa com ela.

— Isso é tudo, Leo. Eu também confesso que estranhei o jeito dele, normalmente com quem fiz entrevistas de emprego a tratativa era mais formal. Mas não o julguei precipitadamente, pois nunca o vi antes, não sabia se esse era o jeito natural dele com todos ou se essa atitude informal é o mecanismo que usa apenas com as mulheres. Contudo, eu não dei brechas, não fui muito simpática e demonstrei que eu estava ali disposta a conseguir minha vaga pela minha experiência profissional e não por outros meios.

— Meu amor, nem passou pela minha cabeça que você possa ter agido ao contrário disto. — Afago-a no rosto, pois seu olhar me diz que mesmo toda sua segurança e compreensão no meu interesse no assunto, o rumo dessa conversa a deixa preocupada. Por isso enfatizo. — Eu acredito e confio em você, Malu. Não confio nem um pouco nele, e por isso fiquei tomado pelo ciúme e preocupação. — Tocando em seu queixo, ergo sua cabeça um pouco mais, trazendo seu olhar para dentro do meu. — Malu... deixe-me saber de tudo, pois eu estarei aqui para te apoiar, como disse antes, não quero que sofra nenhum assédio, ou que seja intimidada por ele. Qualquer ação duvidosa me conte. Eu vou protegê-la. E caso não se sinta bem nesse ambiente de trabalho, saia. Você tem capacidade suficiente para encontrar emprego em qualquer outro lugar.

— Está certo, Leo, e pode ter certeza que caso eu consiga essa vaga, te deixarei saber tudo o que acontece lá.

— Obrigado, Malu. E lembre-se que sempre estarei aqui seja qual for a circunstância e principalmente, eu quero cuidar de você, me permita fazer isso. — sussurro as últimas palavras aproximando meus lábios ao dela, mas não a beijo esperando por sua resposta.

— Tudo bem, obrigada meu amor — Ela fala, dando-me um beijo suave, mas logo o encerra para voltar a falar. — Apenas preciso me acostumar com isso pois, como sabe, eu vivo sozinha por tanto tempo e...ter alguém com quem contar é uma novidade e até estranho — Maria Luiza sorri. — Mas é bom, e pensando bem, não será tão difícil assim me acostumar com seus cuidados, doutor. — Com as mãos espalmadas em meu peito, ela despeja beijos pelo meu rosto até chegar em minha boca, envolve-me em um beijo doce e quente, e quando encerra-o mantém sua face roçando em minha barba que está por fazer.

Esse jeito dela carinhoso e provocante, causa-me o mesmo efeito que uma fagulha de fogo faz ao cair em um pavio de pólvora de uma dinamite: sinto o rastejar do fogo sobre minha pele.

Eu preciso tomar seu corpo no meu agora, nesse instante, ou serei como a dinamite que explode em chamas, o desejo pulsante, acelera meus batimentos e minha respiração.

— Eu preciso de você, Maria Luiza. Agora! — entoo, agarrando-a pela nuca.

— Mas, Leo... aqui? No seu consultório pode ser perigoso. — Suas palavras me dão uma ideia.

— Tem razão. Já é uma tarefa difícil não passar o dia inteiro lembrando da sua expressão de prazer quando fazemos amor, e se nós fizermos isso aqui, nunca mais conseguirei me concentrar no trabalho, pois ficarei lembrando, e isso me fará desconcertado.

— Viu só, eu não quero diminuir sua capacidade em atender bem seus pacientes. Melhor esperar para mais tarde. — Minha noiva atrevida, tem coragem me de dizer isso no momento que levanta minha camiseta, tocando-me na barriga.

Sem chance! Tem que ser agora!

— De jeito nenhum. Vem... — pego em suas mãos, e puxo uma Maria Luiza com o rosto tomado pela curiosidade para fora do meu consultório.

— Para onde?

— Apenas venha comigo. — Beijo-a rapidamente, pois tenho pressa. Não só eu, pois ela apresenta-se do mesmo jeito.

A levo para onde sei que nesse horário não tem ninguém, o quarto usado para o descanso dos médicos, será oportunamente um bom local para amá-la sem ter que esperar chegar em casa, e que não me afetará no desempenho do meu trabalho.

Pelo menos, espero que não.

— Tem certeza que estaremos seguros aqui? — pergunta-me enquanto observa tudo à sua volta.

É um quarto de tamanho médio, o suficiente para um banheiro com chuveiro, duas camas de solteiro e um sofá para um descanso e cochilo que alguns médicos tiram no meio da madrugada.

— Certeza absoluta. Nesse horário é tranquilo. Não seremos surpreendidos, e de qualquer forma já tranquei a porta.

— Você é louco. E acho que gosto disso!

— Acha é? Saiba que é você que me deixa assim. Eu preciso de você, Malu, não posso mais esperar. — Firmo minhas mãos em sua cintura, fazendo-a arfar.

— Não espere, Leo... não espere. — Ela diz com a respiração entrecortada.

E eu não espero, início a tarefa prazerosa que é despí-la. Abro o zíper do seu vestido deixando minhas digitais por suas costas, sua pele está febril, o mesmo calor que me consome, a consome também e isso é tão bom, essa química que se transforma em combustão quando estamos juntos é extremamente excitante.

O vestido vai ao chão, e tenho seu corpo lindo todo para mim, a *lingerie* branca contrasta com o tom de sua pele. Perfeita e convidativa, carregou-a para cama com lençóis cinzas, e deixo meu corpo sobre o seu. A beijo em todas as suas curvas, mordendo e lambendo sua carne, sentindo sua textura em meus lábios. Essa mulher torna-me desorientado, enlouquecido e vulnerável, amo tanto que senti um ciúme absurdo ao imaginar que outro homem pudesse desejá-la dessa forma, linda e nua. Isso torna a minha necessidade ainda mais urgente. Eu preciso possuí-la e fazê-la minha.

Com uma mão, arranco minha camiseta, pois a outra continua a tocá-la, apertá-la, provocá-la onde eu sinto seu corpo pronto para mim, úmida e quente, ardendo feito brasa, desejando que eu possa consumir o seu fogo. Suas mãos abrem o botão e o zíper do meu jeans, ela não recusa a prova do efeito que me causa, toca-me e a faço sentir em suas delicadas e macias mãos todo o meu desejo por ela — pulsante e tenso — aperto o maxilar e puxo uma lufada de ar para o peito.

Maria Luiza sabe como me fazer entregue!

Arranco meus sapatos, meias e o grosso tecido da calça, deixando apenas em meu corpo a *boxer* cinza. O seu olhar pecaminoso é o sinal de que ela está tão afetada quanto eu por esse desejo insano. E em um toque desfaço-a da peça que esconde os seus seios. E como são lindos!

Lindos e gostosos, a primeira vez que os provei foi como saborear uma fruta doce. Quero sentir esse sabor novamente, junto-os em minhas mãos, pois quero os dois de uma só vez. Guloso, abocanho-os sugando com força, Malu geme, curva-se para cima buscando-me, intensifico ainda mais a estimulação em seus seios e a cada vez que faço, o gemido sexy que sai de sua boca torna-se alto ao ponto de ter que grudar meus lábios nos seus para que o som se abafe. Os olhos abertos fitam-me pedindo que seja agora, que a espera já não é mais suportável.

E não é, não consigo nem mesmo tirar sua calcinha, apenas afasto-a para lado dando-me o espaço suficiente para unir o local que é o centro de todo nosso bel-prazer. Apesar da urgência controlo-me e faço devagar, admirando sua solicitude, sentindo-a por completo. Dentro dela encontro a mansidão para minha alma. Amo-a ritmadamente, e conforme nossos corpos unem-se eles comandam todo o resto, pois não existe razão nenhuma nesse momento, somente

os sentimentos de duas pessoas que encontraram uma na outra o amor. O amor cativo e blindado pela certeza de que somos perfeitos e únicos quando estamos assim.

O ar fica pesado, os poros transpiram na eloquência dos movimentos que se aceleram. Falar qualquer coisa agora é quase impossível, mas ainda assim eu preciso que ela saiba além do que meu corpo diz.

— Malu, você tem ciência do que faz comigo?

— E o que é que faço em você, Leo? — dissimula querendo saber mais, isso me excita principalmente por sua voz que está tão rouca e densa.

— Eu enlouqueço e te amo um pouco mais a cada vez que fazemos amor. Você é incrível, Malu, incrível! Você é mistura de tempestade e bonança. E eu te amo tanto por ser assim, única e perfeita.

— É você, Leo. É você quem me torna desse jeito, é a forma como me ama que me transforma na mulher que sou com você.

— Diga que será sempre minha. Somente minha, Malu... — tenho essa necessidade, hoje mais que nunca.

— Somente sua, Leo. Serei para sempre a mulher que te ama, que deseja ser amada exatamente assim, todos os dias para o resto da vida. — Sua resposta é bonança.

Encaixados em ritmo acelerado, sinto seu corpo tornar-se tenso e sua respiração mais curta a cada vez que me movimento dentro dela, este é o prelúdio do prazer de Maria Luiza, morde com força seus lábios na tentativa de oprimir o desejo avassalador que têm em liberar seus gemidos. Ajudo-a. Vou até seus lábios, beijo-a, sua língua quente desliza pela minha boca, ela sabe provocar, em seguida sorrimos em cumplicidade sabendo que precisamos ser silenciosos. Mas até que ponto conseguiremos eu não sei.

E então começo aquilo que associado a tudo que ela já está sentindo a fará em delírio.

— Minha linda... — acaricio sua perna que está em meu quadril e levanto-a um pouco mais, aprofundando-me nela até onde seu corpo me permitir. Malu choraminga manhosa com o que sussurro com os lábios colados ao seu ouvido.

— Minha doce e sexy, Malu — vou fundo novamente. Ela geme em sofreguidão. E assim continuo...

— Minha gostosa ... — ela crava as unhas em minhas costas, curvando sua cabeça para trás e sente o prazer lhe atingir. É forte e intenso. Treme e se contrai, mantém sua respiração suspensa por segundos, até que solta, relaxando, inspirando fundo.

Como é linda.

Fico louco pela maneira que sempre me corresponde, louco por saber o quanto prazer posso proporcionar a ela, e não há nada mais estimulante para mim do que fazer isso. Não paro! Mantenho as investidas fundas e rápidas, assim como continuo a dizer que ela é MINHA.

— Minha Malu...

Deslizo minhas mãos por seus braços, pernas, barriga...

— Minha Mulher.

Saboreio novamente dos seus seios de mamilos sensíveis e rijos...

— Somente minha.

Uno nossas mãos na altura da sua cabeça, afundando-as no colchão... e sinto que já não tem mais jeito.

— Minha vida.

Deixo cair minha cabeça na curva de seu pescoço, sentindo todo o prazer sendo liberado, com força e calor. Extasiado encontro ar no perfume da sua nuca.

— Eu te amo, Leo. — Os lábios carnudos curvam-se em um amplo e carinhoso sorriso.

— Eu te amo, Malu.

Com beijos, carícias, cheiros e promessas de amor, confiança e dias felizes...

Eu me deixo nela, e ela em mim.



Nem tudo são flores II

MARIA LUIZA

— Eu te amo, Malu. — Leonardo me diz ainda com nossos corpos unidos, olhamo-nos tão profundamente que é até capaz de enxergarmos um a alma do outro. E, eu vejo a dele. Uma alma nobre, caridosa, que é reluzente em amor.

Sinto-me uma mulher sortuda em tê-lo comigo e ser amada por ele. Nunca fui amada desse jeito tão carinhoso e intenso, o que ele me faz sentir me leva às nuvens, perco os sentidos por alguns segundos no momento em que meu corpo explode em prazer.

Relaxada e serena recebo seus beijos e afagos em meu cabelo.

— Eu tenho algo para você, Malu.

— Para mim? Leo... Leo... o que está aprontando?

Sento-me na cama enquanto ele vai até a sua calça jeans caída no chão e tira algo do bolso e envolve em sua mão. Observo-o em curiosidade.

— Quando eu fiz o pedido de casamento a você ficou faltando isto. — Ele diz, abrindo a mão e tirando de um tecido de veludo preto um anel. Meu coração acelera.

— E agora quero fazer como manda o figurino. — Ajoelhando-se a minha frente, toma a minha mão direita na sua.

— Oh meu Deus, Leo...

— Maria Luiza Ventura, aceita se casar comigo e ser para sempre minha esposa?

— Leonardo... é tudo que eu mais quero, meu amor... — respondo sem engasgar, sem sentir medo como da primeira vez em que ele fez o pedido. Apenas respondo com todo o meu amor e certeza de que quero viver ao lado dele para sempre.

— Eu prometo que te farei sentir a mulher mais amada do mundo, Malu. — Leonardo coloca o anel de ouro branco com uma pedra solitária em meu dedo. E é o anel de noivado mais lindo que já vi.

— Você já me faz sentir isso, Leo — digo, sentindo toda a emoção percorrer o meu corpo e os olhos transbordando em lágrimas de felicidade.

— Nós seremos tão felizes, Malu. Você, Valentina e eu... e todos os outros filhos que teremos.

— Outros filhos?! Quantos mais você quer, doutor Leonardo?

— Quero casa cheia, Malu, e um amor como o nosso merece ser multiplicado, não acha? — ele me diz com um sorriso maroto.

— Acho que você tem toda a razão, e por isso também quero casa cheia — correspondo seu sorriso, imaginando uma casa repleta da algazarra de crianças.

Sutilmente Leonardo acaricia minha face com a dele. Conectados e próximos, respiramos um o ar do outro.

— Você é tão perfeita... tão linda, Malu.

— Tão sua — completo, recostando meu rosto em seu peito nu e quente ouvindo as batidas do seu coração, sentindo-me feliz e sobretudo segura no lugar onde estou.

Já formamos uma aliança quando decidimos nos entregar a este amor puro e verdadeiro, mas agora ao olhar esse anel em meu dedo e ter sua mão junto da minha é como se fosse a concretização de tudo o que ainda está por vir.

— Gostou mesmo? Tinha vários, mas quando passei os olhos por esse... não sei. Senti que deveria ser ele.

— Como sempre você fez a escolha certa, meu amor. Eu amei! Aliás como você encontrou tempo para encontrar um anel tão lindo? — interrogo-o, sentando em seu colo e mergulhando no verde acinzentado de seus olhos.

— Bom... eu contei com uma certa comodidade — ele faz uma pausa escondendo o jogo. Curiosa, inclino a cabeça buscando que me dê mais informações.

— Conheço o dono de uma joalheria, então ele trouxe um vasto mostruário para que eu pudesse escolher.

— *Uau!!* Isso que é ser um bom cliente. Recebe tratamento *vip*.

— Nem tanto, isso é porque sou o pediatra do filho dele, e acho que as ligações e consultas que fiz via telefone facilitaram esse tratamento *vip*.

— Toda ação tem uma reação. O bem que você faz hoje recebe amanhã.

— Exatamente isso, dona Malu, toda ação tem uma reação, por exemplo a senhora sentada no meu colo desse jeito tem uma reação — ele mordisca meus lábios.

— Acho que estou sentido essa reação, doutor — falo, provocando-o.

— Ah Malu... você me deixa doido, mulher! Vou te levar para o chuveiro e então você sentirá por completo minha reação! — Seu olhar não é de quem está brincando.

De supetão, Leonardo se levanta da cama carregando-me em seu colo e nos levando para o chuveiro, onde sei que receberei sua boa ação.



— Posso saber o motivo desse sorriso todo, dona Luiza?

Encontramos os pais de Leonardo no corredor assim que saímos do quarto em que acabamos de fazer amor, e isso é um tanto constrangedor. Se bem que só na minha mente, afinal não tem como eles saberem o que acabamos de fazer. Respiro fundo, arrumando o meu cabelo que está...molhado! Ai meu Deus! Cabelo molhado entrega tudo. Tomara que não percebam nada.

— Filho! Maria Luiza! Que bom vê-los. Como estão? — Luiza afasta-se do marido, abraçando-nos. Ela oferece o simpático sorriso que é tão natural dela, já o marido que sorria enquanto conversava com a esposa antes de nos aproximarmos, fecha seu semblante repentinamente e nos dá apenas um cumprimento contido com um aceno de cabeça.

Tenho a sensação que esse homem não gosta muito de me ver por perto.

— Nós estamos bem mãe, muito bem. — Leo enfatiza *o muito* sorrindo, aquele sorrisinho sugestivo. Safado! Ao invés de disfarçar me deixa ainda mais temerosa que sejamos percebidos em nossas ações de pouco tempo atrás.

— Que bom, meu filho, para uma mãe não há nada melhor do que saber que o filho está bem. E Malu, nós acabamos que nem nos despedimos ontem. Queria ter conversado mais com você, querida. Mas tenho certeza que oportunidades não faltarão. — A mãe de Leonardo segura em minhas mãos de um forma tão carinhosa que é perceptível que o seu desejo em que tenhamos mais momentos juntas vá além da cordialidade.

— Não faltarão mesmo, dona Luiza. E eu fico feliz com isso — devolvo-lhe seu carinho, e desejando verdadeiramente poder passar mais tempo com alguém tão afetuosa como ela.

— O que eu disse a você, *hein*? Nada dessa coisa de dona. Leonardo é quem me chama assim desde quando eu ainda lhe dava algumas broncas quando era um garoto. Mas eu prefiro só Luiza. A palavra dona me faz sentir mais velha do que já sou. — Ela cochicha em meu ouvido a última frase.

Sorrio com seu jeito. E analisando a mãe de Leonardo noto o quanto é uma mulher bonita e conservada, diferente de ontem — que estava com o cabelo preso — hoje os fios estão soltos e cacheados, isso a deixa com um ar jovial, assim como a roupa que é mais despojada. Percebo também que a cor de sua íris está um pouco diferente — olhos de pigmentação clara tem disso de mudar

conforme o dia — e hoje estão em um tom de verde mais escuro. Concluo que são belos de qualquer forma e que o sorriso sempre nos lábios a torna ainda mais linda.

— Verdade, você já me avisou sobre o *dona*. Desculpe, não a chamarei mais assim, prometo. Mas, Luiza, você é muito bonita, nem me atrevo a dizer sua idade, pois tenho certeza de que erraria.

— Bondade sua, Maria Luiza. Você que é muito bonita, aliás, é linda! E, Leo, o motivo de eu estar sorrindo desse jeito é porque seu pai acabou de me dizer que vai tirar aquelas tão prometidas e longas férias, sabe? Sem celular, sem clínica, sem pacientes, sem filhos, só eu e ele. Não é, meu amor? — Ela direciona o olhar para o marido com uma expressão carinhosa e feliz.

— É sim, Luiza. Mas você fala como se eu nunca tivesse feito isso. — Doutor Henrique responde e seu olhar para ela é carinhoso. Eles formam um belo casal.

— Claro que fez, quando nos casamos e fomos para lua de mel e alguns bons anos depois quando as crianças já estavam com dezoito anos.

— É bem... faz algum tempo. — O marido acaba tendo que concordar com a queixa da esposa.

— Viu só... — Luiza tem uma expressão vitoriosa ao falar.

— Leonardo, precisamos conversar, vou precisar que tome conta de tudo por aqui.

— Claro, pai, o que tiver que fazer na sua ausência eu faço, pode ir tranquilo. Aliás, para quando estão programando essas férias?

— Eu preciso finalizar algumas coisas, e acredito que dentro de um mês tenho tudo que preciso pronto, e assim poderei me ausentar.

— Daqui um mês? Bom então precisamos ajustar nossas agendas. — Leonardo responde.

— Por quê ? Não me diga que você também pretende sair de férias. — O homem de semblante fechando enruga ainda mais a testa, e eu engulo em seco prevendo a resposta de Leonardo que muito provavelmente não o agradará.

— Não... vou me casar. — Meu noivo responde, curto e direto. Como sempre é assim que age, sem rodeios, vai direto ao assunto.

— O quê?! Como assim?! — Os pais de Leonardo questionam juntos. A pergunta é a mesma, mas cada uma em um tom diferente. Luiza surpresa e entusiasmada, Henrique assustado e incrédulo.

Será mesmo que essa notícia precisava ser agora? O casal a nossa frente nos olha pedindo por respostas. Me reservo ao silêncio, deixo isso para Leonardo. Não me sinto segura o suficiente para falar qualquer coisa.

— Maria Luiza e eu vamos nos casar em um mês... um mês e meio no

máximo. — Leonardo é tão natural ao explicar e soa tão simples. Mas eu compreendo a reação dos pais dele, afinal não são muitos casais que iniciam um namoro e tão logo já se casam.

Quem nos vê imagina que somos doidos, e que estamos tomando um passo importante como este no calor de um momento ou quem sabe de forma impensada. Mas tanto eu quanto ele sabemos o quanto isso é real, forte e sincero... e que tempo de convívio não é fator determinante para fazer o que queremos. O que determina isso é a certeza que permeia nossos corações, é o sentimento que nos faz bem, é a alegria e segurança que conquistamos a partir do instante que tivemos um ao outro.

— Filho, você me contou que estavam noivos, mas por que a pressa? Como vamos organizar um casamento em tão pouco tempo? AH. MEU. DEUS. Não me diga que... ah Deus! Só pode ser isso! — Luiza fala desenfreada, cheia de expectativa.

— Isso o que mãe...? — Leo pergunta franzindo a testa.

— Eu vou ser vovó novamente ... é isso? Por isso a pressa? — A mãe de Leonardo fala e no instante seguinte está com as mãos em minha barriga.

Olho assustada para Leonardo pedindo que explique.

— É... você será vovó novamente... — Leonardo confirma com um sorriso satisfeito. E isso não ajuda muito e a confusão só aumenta.

O pai de Leonardo anda de um lado para o outro mexendo em seus cabelos grisalhos e nos olhando de um jeito que parece que está a ponto de ter um colapso nervoso.

Ai meu Deus, que confusão!

— Leo, explique isso melhor por favor. — Mais que um pedido é um apelo que faço ao meu noivo, pois Luiza continua com a mão em minha barriga e está até acariciando ela com um sorriso imenso.

— Como assim, Leonardo??!! Eu não estou acreditando no que eu estou ouvindo! — O pai de Leonardo esbraveja entre dentes.

— Eu também não, Henrique! Já imaginou que alegria, vamos ter outro netinho ou netinha, quem sabe uma menininha dessa vez?!

— Mãe espera... a Malu não está grávida... — a informação é como se acionasse um botão de congelar em Luiza e Henrique, que nos olham fixamente.

Tão cristalina como água, é a reação que cada um tem, e tão diferentes também. Minha futura sogra chega a fazer um biquinho de desapontamento por eu não estar grávida, mas o meu futuro sogro demonstra-se aliviado e feliz.

Sinceramente? Já vi que este é o membro da família que não está satisfeito com minha chegada. Deve achar que sou alguma oportunista, interesseira. É provável que seja difícil mudar sua opinião sobre mim tão cedo,

deixarei que o tempo se encarregue disso. E principalmente, demonstrarei a ele que não me intimido com seu jeito hostil, afinal não tenho nada a temer, nem a esconder. Estou com Leonardo e vou me casar com ele porque nos amamos e não há outro interesse, além de amá-lo. Deixarei que doutor Henrique saiba quem é Maria Luiza.

— Não. Por enquanto... — arqueando as sobrancelhas, Leo me encara sugestivamente. — Casa cheia não se esqueça disto — sussurra em meu ouvido.

E completa por fim, esclarecendo toda essa confusão.

— Porém, você vai ser vovó novamente sim, mãe. Pois nós vamos nos casar e adotar a Valentina.

E eu não sei qual é o pior para o doutor Henrique, se é eu estar grávida, ou saber que vamos adotar Valentina.

— Você enlouqueceu, só pode ser isso! Perdeu todo o juízo que tinha desde que atropelou essa moça.

— Henrique, o que é isso? Não fale desse jeito. — Luiza adverte o marido.

— E você quer que eu fale o quê? Que estou feliz em saber que meu filho vai se casar com uma desconhecida e mais feliz ainda porque serei avô de um bebê que foi abandonado numa lixeira?

— Olha lá como você fala de Maria Luiza e Valentina... — Leonardo ameaça. E o clima fica cada vez mais tenso.

— Sabe de uma coisa, Luiza, isso é tudo culpa sua. Foi você quem carregou ele para aquele orfanato e ensinou a ele essa coisa toda de amor ao próximo, de compaixão, de ajudar os mais necessitados. Está aí o resultado.

— Não seja ridículo, Henrique!! — o casal trava uma discussão. — Eu posso ter ensinado a Leonardo as boas ações sim, mas isso é algo natural dele, Leo foi assim desde criança. E o que isso tem a ver com se apaixonar e se casar? E agora me diga, Henrique, qual o mal em adotar um bebê que precisa de amor, se temos de sobra para dar? Ou o que você tem contra a adoção?

— Eu não tenho nada contra a adoção. Só desejava que meu filho homem me desse um neto legítimo.

— Já chega! Nós não vamos ficar aqui ouvindo as suas grosserias, pai, fique com todo seu preconceito para você. Vem, Malu! — Leonardo pega-me pela mão e começa a caminhar.

— Muito menos eu. Vou com vocês. — Luiza apressa-se em dizer.

— Eu quero falar com você, Leonardo, vamos até minha sala. — Henrique diz com autoridade. Leonardo vira-se para ele.

— Não, pai! Eu não vou. Me procure amanhã e tenha a certeza de que esteja disposto a ser mais educado, do contrário não haverá conversa nenhuma.

Assim deixamos doutor Henrique furioso e sozinho no corredor. Seguimos *sei lá eu* para onde, pois nem observo o caminho que fazemos. Nervosa, apenas sigo de mãos dadas a Leonardo. Luiza nos pede desculpas pela atitude do marido e que a desconsideremos. O intento dela é de apaziguar — compreensível, mãe sempre faz isso —, mas é difícil desconsiderar, já que esta atitude deixou bem claro tudo o que o pai de Leonardo pensa sobre mim e sobre Valentina. Ou seja, não somos boas o suficiente para o filho dele e para fazer parte desta família.

Quando as portas do elevador se abrem estamos no andar da pediatria novamente, e somente agora tomo a consciência de onde estamos. E tão logo somos surpreendidos por um médico. Reconheço, é o tal Derek que esbarrei no outro dia.

— Leonardo! Ainda bem que te achei! Preciso da sua ajuda no pronto atendimento para ver um bebê.

— O que houve, Derek? E o pediatra de plantão?

— Está em outra emergência, e pelo que eu vi desse bebê, também precisa ser atendido com urgência. E tem que ser agora. Vamos?

— Sim, claro. Vamos!

Derek nos olha com um sorriso.

— Desculpem o mal jeito, meninas, mas eu realmente preciso da ajuda desse pediatra.

— Mãe, fica com a Malu, ela vai te levar para conhecer nossa menina. E, meu amor, fique bem, *tá*? Não quero você preocupada. Eu volto assim que der. — Leonardo fala enquanto deixa um beijo em cada uma de nós duas. E some quando as portas do elevador se fecham.

— A Valentina está aqui na clínica? Houve algum problema com ela? — é perceptível a preocupação de Luiza.

— Bom, não exatamente, mas trouxemos ela para alguns exames. Ela está no mesmo quarto que Gustavo. Podemos vê-lo agora se você quiser.

— Eu quero muito ver meu neto... e conhecer minha neta. Mas, se não se importar eu gostaria de conversar com você antes.

— Sem problemas — respondo de pronto, e ansiosa por essa conversa.

— Certo. Então, vamos ao consultório do Leo. Ele não se importará de usarmos. E assim falamos com mais privacidade.

Passamos pela recepção onde a secretária Tatiana continua em seu posto de trabalho, ao ver nós duas desliga o telefone e levanta-se demonstrando total atenção.

— Doutora Luiza, Maria Luiza, boa tarde, posso ajudá-las?

Nossa, quanta cordialidade. Evidente que isso se dá pela presença da

esposa do chefe. Bom seria se ela fosse sempre assim.

— Boa tarde, nós vamos ao consultório do doutor Leonardo. — Luiza diz.

— O doutor não está.

— Ah sim, isso nós sabemos. Vamos até lá para conversar. E por favor, garanta que não sejamos interrompidas. — A mãe de Leonardo explica.

— Sim, doutora. Fiquem à vontade e se precisar de algo estarei aqui.

— Obrigada. — Luiza deixa um sorriso para a secretária. Eu apenas a olho sem expressar minha simpatia por ela, até mesmo porque não existe nenhuma.

— Não sabia que Leonardo tinha trocado de secretária. — Ela sussurra, enquanto nos aproximamos da porta do consultório.

— Pelo que sei ela está apenas substituindo a outra que está de férias.

Luiza assente, abre a porta e entramos no local onde pouco tempo antes tive momentos angustiantes, e para falar a verdade, apesar de toda doçura da mãe de Leonardo, sinto-me apreensiva com essa conversa.

— Venha, vamos nos sentar — Luiza diz, puxando as duas cadeiras que ficam em frente à mesa de Leonardo —. Eu gostaria de te contar algumas coisas sobre Henrique, e não que isso irá justificar a atitude que ele teve, mas só quero que você saiba um pouco mais sobre seu sogro. E antes de mais nada, quero que você tenha a certeza de que ele não é má pessoa. É apenas amargurado com algumas coisas que aconteceram no passado dele.

Sento-me em expectativa para ouvir o que Luiza tem a contar.

O que pode ter acontecido a este homem, que o faz agir em tamanho descontentamento ao saber que Leonardo e eu vamos nos casar e adotar Valentina?



Ambição

MARIA LUIZA

— Malu, você está bem? — Leonardo questiona-me, em um tom de preocupação.

— ã-hã! — respondo, enquanto deslizo pelo meu corpo uma de suas camisetas.

— Meu amor, eu também queria que ela estivesse aqui. Mas você sabe, é melhor seguirmos o conselho do Luís.

— Eu sei, Leo, eu compreendo.

— Então relaxe, o dia foi longo. E você, sabe. Valentina está em boas mãos.

— Foi muito agradável da parte da sua mãe se oferecer para ficar na clínica com ela.

— Realmente foi. Dona Luiza é assim. Um coração cheio de bondade e amor para dar. Vocês tiveram um tempo juntas, aposto que conversaram um monte. Minha mãe fala pelos cotovelos.

— É sim... conversamos bastante. Sua mãe é adorável, Leo. Eu gosto dela.

— E ela de você. Isso é nítido.

Dou-lhe um sorriso, satisfeita por saber que pelo menos tenho a

aprovação da minha futura sogra. Diferente do doutor Henrique.

— Eu preciso retornar uma ligação para o meu tio. Deite-se e descanse. Eu não vou demorar.

Leonardo deixa o quarto, estamos em seu apartamento. Eu gostaria de ter trazido Valentina para dormir conosco, mas Luís aconselhou que não seria bom. Futuramente se isso acabasse sendo descoberto e informado no processo de adoção poderia prejudicar por estarmos infringindo a lei. Nossa menina hoje é uma criança sob custódia do juizado. E mesmo que tenhamos essa sensação de que ela seja nossa, não podemos e nem devemos passar dos limites.

Luiza, quando a conheceu estremeceu de emoção em vê-la. Valentina desperta isso nas pessoas, e certamente por sua história. Um ser tão pequeno e indefeso em seu curto tempo de existência passou por uma grande luta, e isso mexe com os sentimentos de quem tenha pelo menos um fio de amor ao próximo. E sei que a mãe de Leonardo tem um bom coração. Ela se ofereceu para passar a noite com a menina, quando eu mesma já estava preparada para isso, só que Leo insistiu que eu deveria descansar. Sem contar que Beth também já tinha se colocado à disposição. Mas Luiza não deu espaço para ser contrariada. Disse que fazia questão, e no fim das contas ela ficou com os dois netos e com a filha na clínica. Gustavo foi deixado mais uma noite em observação. E para falar a verdade, senti que Melissa respirou aliviada. Mesmo cansada, não estava com pressa de ir embora. Desejou que o filho tivesse mais uma noite sendo monitorado.

Eu e Luiza conversamos por mais de uma hora no consultório de Leonardo. Sentadas uma de frente para a outra eu vi a emoção em seus olhos enquanto confiava a mim fatos do passado do marido. Fatos que não são ditos e nem lembrados. Mas que ela julgou que seria importante que eu soubesse e desde então tudo o que ela contou sobre o doutor Henrique fica viajando em minha mente.

E juro que quero entender, mas não consigo. Então se você teve uma infância miserável, é motivo para se tornar uma pessoa arrogante e preconceituosa? Pelo visto para o pai de Leonardo sim. O homem de olhar altivo foi filho de uma lavadeira — termo usado pelo próprio doutor Henrique, conforme me contou Luiza — e que para sustentá-lo sozinha, já que o pai os abandonou ainda quando Henrique era um menino, passava seus dias e noites no tanque e no ferro; lavando e passando as roupas daqueles que tinham bem mais dinheiro que eles, bem mais.

Henrique escondeu a verdade sobre si de Luiza por muito tempo, até que um dia ela o surpreendeu conversando com a mãe no campus da universidade, e aí não teve mais jeito, a verdade veio à tona. O médico tinha

vergonha da mãe e tudo que representava seu estado de simplicidade. Ele não desejava ser visto ao lado dela, e tampouco que as pessoas soubessem sobre sua realidade. Luiza contou-me que ficou horrorizada com o desprezo pelo qual falava da mãe, mas o amava o suficiente para relevar tal situação. Porém, não escondeu dos pais a verdade sobre o homem que tinha como namorado e que desejava como futuro marido. Sabia principalmente que seu pai, doutor Magno, o médico que além de ser o dono da clínica particular que na época surgira como um empreendimento desafiador no ramo da medicina e também professor na universidade, não se colocaria contra o amor dos dois, uma vez que o próprio não nasceu em berço de ouro, mas que as conquistas e o patrimônio que juntou ao longo dos anos foram frutos de muito trabalho honesto. Ao me contar sobre o marido, Luiza me deixou saber muito também sobre sua própria vida e de seus pais.

— *Quando contei a verdade sobre Henrique aos meus pais eles ficaram chocados, não por ele ser pobre, mas por sentir vergonha e por renegar sua origem. Só que meu pai já gostava muito de Henrique, tanto que quando soube de tudo, em vez de me pedir para me afastar de Henrique por conta de sua atitude preconceituosa e de desprezo com a própria mãe, decidiu ajudar Henrique e o convidou para trabalhar na clínica antes mesmo de se formar. E desde então a relação deles se tornou quase como de um pai e filho. Meu pai ensinou tudo a Henrique, inclusive de que ele jamais deveria se envergonhar da mãe que trabalhava para ajudar a fazer dele um médico. Mas apesar de tudo, eu percebi o alívio em meu marido quando a mãe dele morreu. Era como se de uma vez por todas ele não precisasse mais ficar lembrando de onde viera.*” — disse-me Luiza com os olhos cheios de lágrimas, lembrando a história do marido e sua também. Eu senti por vê-la desse jeito, o sorriso que antes estampava seu rosto, fora substituído por uma expressão de tristeza e vergonha.

No decorrer da conversa ela ia apresentando pontos de como o marido se tornara cada vez mais avesso a pessoas que tinham vida simples — pobres — e atribuía isso justamente porque lhe fazia lembrar de quem um dia foi. E sabendo que os filhos teriam uma vida completamente diferente da dele, traçou planos para eles, ainda mesmo quando eram crianças, sempre desejou vê-los se realizando profissionalmente e formando suas famílias, e lógico casando com pessoas do mesmo nível social, pessoas que não trouxessem em suas vidas as marcas que o próprio Henrique possuía.

Contraditório, insensível, preconceituoso. Ridículo!

Luiza não disse, mas é lógico que está claro. O, hoje poderoso, doutor Henrique Marquezzi não gosta de mim exatamente por quem sou. Maria Luiza, a

moça ‘sem família’, que foi criada sem pai, a moça que a mãe trabalhou duro para criar com a ajuda da avó. A moça desconhecida que não carrega um sobrenome conhecido. Nossas histórias até se parecem um pouco, mas diferente dele eu tenho muito orgulho da mãe que tive e de onde venho.

A verdade é que doutor Henrique não será o primeiro nem o último pai a desejar que o filho se case com alguém que esteja no mesmo nível social. Estamos em pleno século XXI, mas isso ainda acontece. Acontece e muito. Famílias afortunadas gostam de se unir, gostam de pensar em somar suas posses e não dividir. Principalmente quando são pessoas ambiciosas e Luiza não escondeu o quanto Henrique é ambicioso.

“— A ambição sempre foi o ponto de sustentação pessoal de Henrique. Ele tinha a ambição em se tornar um médico neurocirurgião, e se tornou, e não é apenas mais um. É um dos melhores do país. Henrique queria se tornar um homem rico, sem depender da ajuda dos sogros para oferecer uma vida confortável a sua família. E conseguiu. Henrique queria ser o chefe dessa clínica e se tornou. Não do jeito que desejava, mas acabou se tornando. Eu vejo que meu marido se tornou tudo que desejou, conquistou tudo o que queria. Mas a ambição ainda corrói seus pensamentos e principalmente seus atos... Ele se mantinha sob controle enquanto meu pai era vivo, mas depois da sua morte, Henrique parece ter travado mais uma batalha interna para conquistar algo que eu não sei o que é. O que mais Henrique pode querer? Tem tudo.” — a mãe de Leonardo possuía um olhar confuso diante do questionamento que findou nossa conversa sobre o marido. E se ela que é a esposa não sabe o que mais o marido pode querer, eu muito menos.

Mas agora fitando o teto do quarto e relembrando toda a conversa tomo atenção em dois fatos: Henrique se tornou chefe da clínica, não do jeito que desejava. O que isso significa?

Lamento por não ter entrado em detalhes com Luiza nesse aspecto. E chefe não quer dizer que é o dono. Certo? Certo. Henrique procurou o escritório de Vincent e conforme ouvi ele falar com sua secretária o pai de Leonardo deseja realizar alguma alteração no contrato social da clínica Doutor Magno, e tem urgência nisso.

Afinal, o que está tramando o renomado médico neurocirurgião? Será que o que ele deseja conquistar e que sua própria mulher não sabe o que é, tem justamente a ver com a clínica fundada pelo avô de Leonardo?

Então será que este é o ponto?

Mais do que nunca eu queria ter passado meus olhos por aquela folha que estava junto a pasta que Vincent entregou a Cíntia. Mais do que nunca eu

quero esse emprego e ter acesso ao que doutor Henrique está pretendendo fazer. Instintivamente algo me diz que não é nada bom. Todos nós devemos ter nossas próprias ambições, mas não a todo custo. Não colocando em cheque nosso caráter e muito menos passando por cima de outras pessoas.

LEONARDO

Minha Malu está um pouco estranha, já a conheço o suficiente para saber que tem algo incomodando-a. Suspeito do dia estressante, a situação de Valentina, e principalmente o episódio com meu pai. E o que foi aquilo? Doutor Henrique passou dos limites.

Por sorte lhe tenho muito respeito — mesmo ele não oferecendo o dele por mim e principalmente por Maria Luiza e Valentina —, do contrário, não teria controlado minhas ações quando vi seu olhar de desprezo e quando ele despejou suas grosserias para cima de nós.

Porém isso não se repetirá. Se ele insistir em falar mal da minha noiva e da nossa menina valente, saberá que terei minha relação com ele cortada até que mude sua atitude. Aliás, pensando bem, não é de hoje que nossa relação está estremecida. Na verdade, desde o acidente ele está estranho comigo, e quando Maria Luiza acordou do coma, eu notei o quanto ele queria me ver afastado dela. Sempre fez questão de me querer longe do seu quarto e de que eu mantivesse contato.

O que foi em vão, pois tudo que fiz foi ficar a seu lado.

E sua reação hoje, foi bem clara. Ele é contra esse casamento. Eu suspeitava por achar que seu desejo sempre foi que eu me casasse com Carolina, mas tenho a sensação de ser algo além disso. *Estranho*. Muito estranho. Mas meu pai está avisado. Só mantenho uma conversa com ele se tiver respeito pelas mulheres que amo e que escolhi ter em minha vida. E principalmente, que as aceite em nossa família.

Enfim, quero que esse dia termine. Vou retornar à ligação para o meu tio, saber o que ele deseja, e em seguida voltar para o quarto, poder descansar sentindo o cheiro doce de Maria Luiza.

Sento-me no sofá da sala, deslizo o dedo pela tela do celular chamando seu número e logo o tenho atendendo a ligação.

— Oi, tio. Desculpe, só consegui retornar sua ligação agora.

— Sem problemas, Leo. Como estão as coisas por aí? Meu sobrinho neto está bem? — sua voz tem preocupação ao perguntar sobre Gustavo.

— O nosso garotão foi forte. Gustavo está bem.

— Puxa... fico aliviado em saber, Leo. Foi um grande susto. Falei com sua mãe, senti tanto por não estar com vocês e poder dar meu apoio.

— Foram momentos de angústia, tio, mas fique tranquilo já estamos todos bem.

Enquanto converso com meu tio, passo a mão pela barba, os fios crescidos lembram-me que está na hora de apará-los.

— Que bom! Eu fico feliz por isso. Mas de qualquer forma estou programando minha agenda. Embarco para o Brasil em poucos dias.

— Isso é uma ótima notícia, sabe o quanto a vovó sente sua falta, aliás não só ela, todos nós.

— É... eu sei. Mesmo todos esses anos vivendo longe, parece que ainda não nos acostumamos com a distância. Por isso, estou indo para ficar sem pressa de voltar. Além de querer passar um tempo com minha família, quero colocar em prática aquele projeto que comentei com você. Está lembrando?

— Sim. E sabe que acho uma excelente ideia. Estarei aqui para ajudar no que for preciso.

— Obrigado, Leo, acho que vou precisar de ajuda com seu pai. Sabe como ele é, filantropia não é muito o forte dele.

Rimos, mas infelizmente é uma triste constatação. Tão diferente de todo o resto da família. Meu pai não é a melhor pessoa neste assunto.

— Sei sim, conheço bem o doutor Henrique. Mas tio... você tem todo o direito e poder para fazer o que quiser na clínica, ela é tão sua quanto dele. Aliás, é sua e da minha mãe.

— Mas é seu pai quem se dispôs a cuidar e administrar tudo. O respeito por isso, e não quero fazer nada sem o aval dele.

Pacífico, esse homem foge de discussões desnecessárias. Desde criança lembro do meu tio sendo exatamente assim.

— Eu te entendo. Mas ele acabará aceitando, vai gostar de ter o cirurgião plástico mais famoso de Los Angeles trabalhando na clínica. Não é de hoje que ele deseja isso. Aliás tio, esse é o caminho. Faça algumas cirurgias, dê o retorno financeiro que ele tanto visa, e em paralelo você desenvolve o projeto.

Alguns meses atrás, meu tio me ligou, falando sobre realizar na clínica cirurgias reconstrutivas da mama para mulheres que sofreram com câncer. Existe uma lei que garante que o Sistema Único de Saúde realize essas cirurgias, mas a fila de espera é enorme, menos de um terço das mulheres atingidas por essa doença conseguem fazer uma cirurgia reparatória, e muitas desenvolvem doenças depressivas. E meu tio, tem o objetivo de atender mulheres de baixa renda e oferecer o serviço gratuitamente na clínica.

— Você tem razão. Pode ser este o caminho. Eu sempre atendo em meu consultório alguns pacientes que são do Brasil. Posso fazer isso na clínica. Mas Leo, o cirurgião plástico mais famoso é você quem está dizendo. Pois estou longe disso.

— Deixa de modéstia, é sim. Você é o *rei* da cirurgia plástica.

— Falou o pediatra mais bem-conceituado do país.

— Longe disso. Tio, estou feliz que esteja voltando. Tenho algumas novidades para te contar.

— Novidades? Não me diga que vai casar?

— Isso mesmo!

— Sério, Leo? Vai me deixar sozinho no time dos solteirões convictos da família?

— Felizmente, sim. Encontrei alguém que me fez querer abandonar o time.

— Minha nossa!! Já vi que está caidinho por ela, como se chama a felizarda?

— O felizardo sou eu por encontrar uma mulher como ela. Quando conhecer Maria Luiza entenderá o que estou falando.

— Maria Luiza, a moça que atendeu o telefone da sua mãe e falou comigo?

— Sim, ela.

— Falei com minha futura sobrinha e nem sabia. Mas confesso que fiquei curioso em saber mais sobre a dona daquela voz doce e atenciosa.

— A dona da voz doce e atenciosa tem dono viu?

Do outro lado da linha meu tio solta uma sonora gargalhada, sei que o intento é só provocação.

— Ainda bem que você avisou. Brincadeira, Leo... esse teu velho tio sabe se pôr no devido lugar. E sabe que sempre desejei que você encontrasse alguém para amar e ser feliz.

— É eu sei e você ainda vai encontrar alguém, tio. E deixar essa vida solitária.

— Eu já encontrei, Leo, acredite. Um dia eu já encontrei. — Sua voz é firme e há nela um pesar e saudade, *talvez*? Um breve silêncio até que ele retorna a falar em um tom brincalhão, ocultando seus sentimentos. — E quem disse que sou solitário? Eu sou adepto ao lema: solteiro sim, sozinho nunca.

— Um novo amor pode fazer você mudar de ideia. Ainda dá tempo! Pense nisso!

— Talvez. Mas chega dessa conversa sentimental, melhor desligar. Fique bem Leo, estou feliz de verdade por você, dê um beijo em minha sobrinha por mim.

— Fique bem, tio, estou feliz com o seu retorno.

— Obrigado, Leo. Em breve estarei aí. E avise a família que doutor Carlos Miguel Magno está voltando.

A chamada é encerrada e fico feliz em saber que meu tio está voltando

para o Brasil, desde sempre ele viveu fora do país, mas isso não impediu sua afinidade comigo e com Melissa, é nosso único tio e mesmo estando longe sempre foi afetuoso. Suas visitas eram sempre constantes, mais de uma vez no ano organizava sua agenda movimentada para poder passar um tempo com a família. E todas as vezes que nos visitava sempre tornava nossos dias ainda mais divertidos. Sem contar que sempre trazia na mala presentes incríveis. Mesmo depois que deixamos de ser crianças.

Tio Miguel em alguns aspectos é um grande mistério, recluso para relacionamentos, nunca quis se casar e ter uma família. E este, sempre foi um assunto que o vi se esquivar. É como se algum dia tivesse sido marcado pela dor que às vezes o amor pode trazer.

Enfim... por hoje chega!

Sob a penumbra do quarto que se ilumina apenas pela luz da lua que entra pela grande janela de vidro do meu quarto, posso ver a silhueta do belo corpo de Maria Luiza envolto pelos lençóis, o cabelo longo espalhado no travesseiro ainda úmido pelo banho recente exalam um cheiroso perfume. Antes de fazer nosso caminho para o meu apartamento, passamos no dela, Maria Luiza separou algumas coisas que precisava para passar a noite e para o dia seguinte.

Mas isso tem de acabar. Essa semana quero que se mude e venha viver comigo. Nada de esperar casamento. Não sou mais capaz de dormir longe dela.

Não mesmo!

MARIA LUIZA

Silenciosamente sinto Leonardo se deitar ao meu lado na cama, meus olhos estão fechados, mas apesar do cansaço e de todos os pensamentos eu não consigo pegar no sono. E certamente por necessitar do seu abraço quente para me sentir relaxada e poder dormir. Suas mãos circundam minha cintura, puxando-me para junto dele, sinto repousar o rosto na curva do meu pescoço, inspirando fundo, tragando de mim o ar que o faça descansar o corpo e a mente. Todos esses anos eu nunca dividi a cama com alguém, mas a sensação que tenho é que já não sei mais dormir sem Leonardo. Tão natural e perfeito, nossos corpos se unem dando um ao outro o conforto e segurança que necessitamos.

— Já estava com saudade — digo, satisfeita.

— Eu pensei que já estivesse dormindo — sopra em meu ouvido, fazendo-me encolher com o arrepio e rajadas de calor que percorrem minha pele.

— Não sem você — respondo, afetada.

— Pelo visto está sofrendo do mesmo mal que eu. — Posso sentir o sorriso em seus lábios.

— Qual? — Faço-me de desentendida.

— Não sou mais capaz de dormir sem ter minhas mãos sobre a sua pele. — Desliza a mão por toda a extensão da lateral do meu corpo. — E, Malu, precisamos providenciar sua mudança — diz, enquanto brinca com sua língua em meu pescoço. Estremeço.

Viro-me para encarar os olhos de Leonardo.

— Pensei que queria ter pelo menos esse último mês de liberdade em seu apartamento. Sem todas as minhas coisas de mulher e manias.

— Pensou errado. Pois tudo o que quero ver são suas coisas. Roupas no armário, todos esses xampus e hidratantes que usou hoje e que eu adorei o cheiro, quero ver sua escova de dente ao lado da minha. Mas quero principalmente você, Malu. Você e suas manias todos os dias e a todo instante.

— Você é real, Leo? Pois, às vezes penso que ainda não acordei daquele coma e estou tendo um sonho maravilhoso.

— Posso provar o quão real eu sou, se quiser. — Pressiona sua mão espalmada no centro do meu corpo.

Desejo e excitação estão cravados em nossas peles, e sou capaz de ver labaredas de fogo no verde de seus olhos.

— Então, prove-me — provoco, juntando minha mão a dele, aumentando a pressão.

E Leonardo prova do melhor jeito que poderia ser.
Amando-me como sempre faz.
Amando-me doce e intensamente.



Quando o amor e a dor estão à espera

CARLOS MIGUEL

Leonardo é um sobrinho muito querido, mesmo vivendo longe conseguimos criar um vínculo muito forte. Eu vi esse menino crescer e se tornar o homem que é: de caráter admirável e profissional incrível.

E, sinceramente atribuo isso a minha irmã — meu cunhado Henrique tentou fazer um bom trabalho com os filhos, mas a carreira e a clínica foram seus principais objetivos — em contraponto Luiza sempre esteve lá para eles. E ela soube criar os filhos de uma maneira tão doce, cheia de amor e ensinamentos que transformou aquelas duas crianças em adultos maravilhosos.

Melissa era esprevidada e espontânea; amorosa e intensa nas mesmas proporções. Já Leonardo foi mais calmo e era o tipo de menino que queria trazer qualquer pessoa que ele visse na rua em situação de miséria para casa. Tinha a bondade e amor ao próximo em cada gesto, e ele mantém isso até hoje. É um ser humano admirável. O mundo precisa de mais *Leonardos*.

E hoje ao ouvi-lo falar com tanta alegria e admiração da noiva, fiquei muito feliz por ele. O *cara* merece sentir isso. Sentir o amor verdadeiro, e por tudo que eu sei da vida dele, essa é a primeira vez que alguém toca seu coração. *Tanto que irá se casar*. Eu só desejo que a história dele tenha um final diferente da minha. A conversa que tivemos por fim acabou me trazendo lembranças. Lembranças que por uma vida toda marcaram e marcam o meu coração e minha

mente. Sim, marcam. Pois, eu nunca a esqueci.

Eu já conheci o amor, mas também conheci a dor.

Amei uma mulher e jamais amarei outra como a amei, isso é impossível. Pois mesmo todos esses anos depois ela ainda ocupa o meu coração. Ela e todas as lembranças do tempo que fui feliz ao seu lado.

Posso fechar os olhos e lembrar com toda nitidez da primeira vez em que a vi.

Foi quando ela chegou em nossa casa, era apenas uma garotinha tímida que se escondia atrás das pernas da mãe. Não foi neste dia que conheci seu sorriso — pois nesse dia ela não sorriu uma única vez — mas conheci seu olhar. O olhar que fez meu coração bater mais forte no peito. O coração de um menino que nunca tinha visto uma menina tão linda quanto ela. O cabelo negro, liso, quase no comprimento da cintura estava trançado para o lado com uma fita rosa amarrando as pontas. Sua pele tinha um tom bronzeado natural, achei até parecida com a minha. Os olhos que encontraram os meus, eram castanhos e tinham um tom brilhante em volta de sua íris, e mesmo tímida e sem sorrir com os lábios eu pude sentir um sorriso neles.

Foi difícil fazer amizade, mas depois que fizemos, não houve um dia sequer que não conversamos e brincamos. Inocentes não tínhamos dimensão do que crescia dentro de nós. *Mas crescia.*

Numa tarde de verão de sol escaldante, nos refugiamos nas sombras do alto labirinto de cercas vivas que enfeitavam o jardim dos fundos para tomar sorvete. Com a boca lambuzada de sorvete e dando gargalhadas de alguma coisa idiota que eu tinha falado, eu vi meu corpo se projetando para mais perto do dela e impulsivamente tocar seus lábios com os meus. A sensação que tive foi de sentir um leve choque, parecia que tinha recebido uma breve corrente elétrica em meu corpo. E penso que com ela foi o mesmo, pois tão logo nossos lábios se encontraram também se separaram. Seu olhar inicial foi de espanto, depois ela baixou a cabeça timidamente, e eu fiz o mesmo. Mas então ela voltou a gargalhar... e eu? Eu também gargalhei, desejando sentir mais vezes aquela corrente elétrica. Esse foi o primeiro beijo dos muitos que demos.

Bom, demorou bastante tempo para que isso voltasse a acontecer, mas eu era capaz de esperar o tempo necessário — eu já a amava o suficiente para isso, mesmo sendo um garoto — E esperei com a paciência de um monge budista.

Crescemos.

Como uma bela rosa eu a vi desabrochar, seu corpo mudar e tomar formas. Formas que me faziam sonhar com ela todas as noites. A juventude nos alcançou e a inocência começava a ser substituída pelo desejo nato. Desejo

incontrolável e numa noite, iluminados pela lua cheia no mesmo local em que demos o nosso primeiro beijo, fizemos amor pela primeira vez. Nervosos, trêmulos e afoitos, mas sobretudo apaixonados, entregamos um ao outro a nossa virgindade. E, desde então nos amávamos naquele lugar, na calada da noite, ou no final de tarde, arriscávamos tudo a cada encontro. Arriscávamos ser pegos em flagrante, e isso acabaria com tudo. Se alguém descobrisse, sabíamos que seríamos separados no mesmo instante. Mas quando estamos apaixonados, corremos os maiores riscos. Não é assim?

Uma única pessoa sabia — minha irmã, o nosso anjo da guarda — Luiza era alguns anos mais velha, mas ainda assim compactuava e nos ajudava em nosso namoro proibido e escondido. Nem meus pais, nem a mãe dela poderiam saber. E eles nunca souberam.

Nunca!

Fomos capazes de driblá-los *por anos* (pelo menos foi o que pensava). Mas não fomos capazes de driblar a separação que fomos forçados a viver. E depois de todos esses anos, eu me pergunto se essa separação não foi proposital, se ela aconteceu justamente pelo fato de que eles sabiam o que estava acontecendo: O moço rico, apaixonado pela filha da empregada. E a filha da empregada apaixonada pelo moço rico, filho dos patrões.

Eu poderia ter cursado medicina no Brasil, como Luiza fez. E que a essa altura já estava até casada e com dois filhos. Mas não. Quando completei dezoito anos fui mandado para estudar fora do país. Não teve jeito. Eu tive que ir e deixar para trás a mulher que mais amei.

E foi quando meu coração se quebrou para sempre.

Nos amamos pela última vez, e enquanto fazíamos amor, sobre o lençol estendido na grama, escondidos no lugar mais afastado do labirinto, entregávamos mais que nossos corpos, entregávamos nossas almas.

A amei dizendo que voltaria, a amei dizendo que ela estaria para sempre em meu coração e que nunca haveria outra mulher nele, ela teria para sempre meu corpo e meu coração.

A amei contemplando a face ruborizada, os lábios inchados por tantos beijos. Beijos de amor... de despedida... de saudade que já cortava nosso peito.

A amei chorando e sorrindo, e ela fazia o mesmo. Sua expressão misturava amor e dor. Mas no momento em que atingimos o prazer juntos e seus lábios se curvaram em um lindo sorriso, e eu tomei isso para mim, como uma fotografia, registrei aquele momento e guardei para sempre na minha mente.

A beijei pela última vez, pedindo que esperasse por mim.

Mas ela não esperou! Droga! E por que diabos ela não esperou eu nunca soube. Ela foi embora tão logo eu fui. Sem deixar uma carta, sem dizer

adeus a ninguém (nem mesmo a Luiza), como uma fugitiva ela foi embora sem deixar rastros.

Depois deste dia eu nunca mais vi a mulher que mais amei em toda a minha vida... e isso dói. Como dói.

Mas no fim das contas, eu não me arrependo de ter me apaixonado pela menina de cabelos longos trançados para o lado. Não me arrependo de ter entregue meu coração a ela. Não me arrependo de ter amado, por mais que isso tenha doído por todos os anos (e que ainda dói), pois pelo menos eu conheci esse sentimento chamado *amor*.

Dói como um punhal cravado no peito. Dói até hoje, e eu sei que enquanto eu respirar vai doer. E eu sei também que enquanto eu respirar irei me lembrar dela. E tenho certeza que, mesmo depois que o último sopro de ar passar pelos meus pulmões, e a última batida do meu coração machucado bater, ainda assim eu me lembrarei de Cecília.

A mulher que jurou ser para sempre minha amada, e que disse que eu sempre seria o homem da vida dela.

A mulher que me fez conhecer o amor e a dor.



Ambições

LEONARDO

— Mas que coisa, Leo! Então seu pai simplesmente abriu o verbo e disse que não está contente com seu casamento? E tampouco com o seu desejo em adotar a menina? — Derek sentado na cadeira a minha frente em meu consultório está perplexo diante do que conto a ele sobre tudo que vem acontecendo.

Faz alguns dias que não converso com meu amigo, mas hoje coincidiu que estamos ambos com um horário livre no trabalho, então aproveitamos para conversar. Estava mesmo precisando bater um papo e falar principalmente sobre as porcarias que meu pai tem lançado sobre o assunto do meu casamento com Maria Luiza. Isso tem sido algo que vem corroendo meus pensamentos, e falar tudo o que penso sobre o meu pai com minha irmã ou mãe não é muito viável. E, para isso, Derek é um bom ouvinte e também imparcial.

— Exatamente, e ele só não falou mais das suas grosserias porque não fiquei para ouvi-las e muito menos deixei que Maria Luiza passasse por mais constrangimento.

— Doutor Henrique perdeu a cabeça, Leo, que loucura isso. E vocês já se falaram depois disso? O que você pretende fazer? — Derek joga seus questionamentos, é notável sua preocupação. Eu sei que ele é um bom amigo e

deseja me ver feliz.

— Eu disse a ele que só voltasse a falar comigo se estivesse disposto a ser educado. Mas acho que ele não está preparado ainda, pois desde então não me procurou. Só me enviou uma mensagem dizendo algumas besteiras do tipo que Maria Luiza não é mulher para mim e que ainda teremos uma séria conversa.

— Eu soube que ele está fora essa semana. O pessoal da clínica adora quando o doutor Henrique se afasta por um tempo. Parece que todo mundo respira mais aliviado quando o poderoso chefe não está.

— Sim, foi para um congresso. Ele só ia no final de semana, mas chamaram ele para dar palestra em outros dias. Então adiantou a viagem. Penso que isso acabou sendo oportuno, assim a poeira abaixa um pouco. Pois conversar com ele logo em seguida do que aconteceu seria bem capaz de as consequências serem bem sérias — falo, com a ciência de que minha disposição para ouvir as grosserias do meu pai é zero. Melhor assim, conversar de cabeça quente não seria uma boa ideia.

— Tomara que o doutor Henrique pense melhor e reconsidere sua opinião sobre a Maria Luiza. Ela me pareceu ser uma boa pessoa. E para você ter tomado essa decisão de se casar é porque ela é. Do contrário você não estaria com ela. Eu torço que dê tudo certo, amigo.

— Obrigado, Derek, e sim ela é ótima. Tem um caráter incrível, uma mulher justa, de boas atitudes. Já passou por dificuldades, tem uma história um tanto triste. Mas isso não é algo que a afete, pelo menos ela não transparece. Maria Luiza tem o coração de uma guerreira, luta sem medo por aquilo que ama. Ela já demonstrou isso — comento sobre Maria Luiza, e isso é o suficiente para levar meus pensamentos até ela e lembrar de tudo que já vivemos nesse pouco tempo de relacionamento e todas as provas que já me deu do quanto ela é forte. *Tenho tanto orgulho dessa mulher.*

— *Uau!!* Ela é perfeita para você, Leo. E com todo respeito. Maria Luiza é linda! — um sorriso bobo surge em seus lábios, não gosto.

— Olha lá, *hein!* Não ouse jogar esse seu olho grande para cima dela. Se não...

— Ei! Nem precisa dizer, *né?* Sabe que eu respeito. E mulher de amigo meu *pra* mim é homem. — Seu tom é quase como se estivesse ofendido. Mas conheço Derek. É um maldito de um cara boa aparência e vive jogando seu charme para cima das mulheres. Por isso já estou deixando-o avisado.

— *Ã-hã... sei!* Te conheço bem, doutor Derek.

— É, não sou santo, e você sabe disso. Mas é claro que a tua mulher eu respeito. Além disso, ela só tem olhos para o doutor bonito. — Brinca.

— Acho bom que respeite. Agora me diga, quem é a presa da vez? Afinal, você nunca sossega.

— Ah... nem tenho tido muito tempo, trabalhando demais aqui na clínica e fazendo minha música. Mas...

— Mas... vamos lá me conte quem é a dona do coração que você vai iludir dessa vez — acuso, afinal ele é campeão em fazer as mulheres se apaixonarem e depois cair fora. Nunca vi Derek em um relacionamento sério. Mas vive fazendo suas vítimas.

— Credo, Leo! Falando assim parece até que sou um *cara* mau. Eu não iludo as mulheres, eu só não tenho a culpa de ser assim irresistível e nem de não querer namorar. Afinal, para quer ter só uma se posso ter várias?

— Derek, quero ver você dizer isso quando você se apaixonar por alguma que não caia na sua lábia.

— Isso nunca acontecerá, não existe uma sequer que resista ao doutor Derek. — Reviro os olhos diante de tanta prepotência, mas sou obrigado a rir, pois apesar de tudo ele é engraçado. — Vamos lá me diga qual será a próxima vítima — insisto em saber.

— Estou de olho na sua nova secretária. Que mulher é essa? Linda demais...

— Qual delas? — investigo.

— Como assim? Você está com duas secretárias novas?

— Uma delas ficou só um dia, mas não se saiu bem e Beth já deu um jeito de trocar. E trouxe uma que trabalha no setor de internação para ficar aqui — explico.

— Essa *aí* que ficou um só dia eu não cheguei a ver. Mas a que está lá na recepção agora é encantadora. Meu Deus! Eu vim aqui outro dia e a vi. E desde então dou um jeito de passar pela pediatria só para ver o sorriso doce que ela tem. — Derek fala com um olhar distante como se estivesse visualizando o rosto da mulher em sua frente.

Noto um brilho diferente em seus olhos. Será essa que conquistará o coração *intocável* do meu amigo?

— Sorriso doce? Você está com febre? Desde quando você se atenta para o sorriso, e ainda mais acrescenta que ele é doce. Normalmente você repara e comenta sobre outras partes do corpo, como peitos e bundas... — digo a real. Pois é exatamente assim que ele é.

— Ah, Leo! Não sou assim vai... — pobre Derek injustiçado.

— É sim! — afirmo.

Derek se remexe na cadeira. Transtornado, desestabilizado. E parece até envergonhado. Rio internamente por vê-lo assim.

— Tudo bem, eu sou! Mas... não sei. Eu achei ela diferente. E também sempre que a vejo está sentada, então não pude reparar no bumbum, mas ela deve ter um lindo... Só sei que ela é uma morena e tanto, de um sorriso encantador! — definitivamente esse *cara* está estranho.

— Pensei que você gostasse das loiras.

— Leonardo, eu gosto de mulher. E mulher bonita. Absolutamente ela é linda. O cabelo longo com fios tão soltinhos que quando ela se movimenta eles saem do lugar, a pele cor de jambo se contrasta com um batom rosinha que ela usa nos lábios. Acho que por isso que defini o sorriso dela como doce, tive essa sensação.

— Derek, você está doente... só pode. Doente e babando aí enquanto fala dela... O que te aconteceu? Batom rosinha? Você disse mesmo isso?

— Caramba!! Você fica tirando onda! Mas eu estou falando sério. Essa mulher tem algo diferente...

Encaro meu amigo, observando a confusão que está em sua mente. Não é normal sua atitude. E até ele sabe disso. Por isso sua expressão de contradição.

Somos surpreendidos por uma batida na porta, e assim que é aberta e vemos quem é, Derek inspira fundo, arrumando sua postura na cadeira e passando as mãos pelo cabelo, claramente mexido com a chegada da minha secretária.

— Doutor Leonardo? Com licença. Desculpa interromper, é que a enfermeira Beth me pediu para pegar a assinatura do doutor em uns prontuários. E disse que teria que ser agora. — ela diz ainda parada na porta esperando autorização.

E é claro que essas assinaturas tinham que ser agora, Beth sabe que só estou aqui de papo. *Não me dá folga essa enfermeira mandona.*

— Pode entrar, Beatriz. Eu já estava acabando a minha conversa com o doutor Derek. Não é, doutor? — sem disfarçar seu interesse e sem me dar uma resposta, meu amigo acompanha hipnotizado o caminhar de Beatriz até a minha mesa. — Não é, doutor Derek? — repito na tentativa de tirá-lo da espécie de transe que está.

— Ah sim... sim... Só uma última coisa. No sábado eu vou tocar naquele barzinho de sempre. — Sinalizo positivamente, pois sei qual é. E é um dos poucos lugares que gosto e frequento. — Aquele... que fica na avenida São João. — Ele faz questão de enfatizar o endereço, e compreendo seu objetivo: deixar que a minha secretária saiba. — Talvez você e a Maria Luiza possam ir. Vai ser bacana, eu estou com um repertório novo e dos bons.

Demoro um instante para responder enquanto penso no convite e

começo a assinar os papéis.

— Pode ser uma boa mesmo. Eu vou falar com a Malu e convidar a Melissa e o Luís. Quem sabe assim, vamos todos e fazemos uma recepção de boas-vindas ao tio Miguel.

— O Miguel está vindo? Eu não sabia. Que excelente notícia!

— Sim, ele deve chegar até o final de semana. E vem para ficar por um tempo no Brasil.

— Perfeito. Eu vou adorar ver vocês todos lá! E a primeira rodada será por minha conta. — Derek diz, entusiasmado.

— Opa! Agora sim esse convite está interessante! Eu te aviso se iremos e você reserva os lugares.

— Combinado! Vou reservar os melhores lugares para vocês.

— Certo. — Concluo, finalizando nossa conversa. E capto o olhar sorrateiro de Derek na mulher parada ao seu lado.

Apresso-me em assinar os prontuários para que ela possa deixar a sala e fugir da mira dele, já que meu amigo não fez menção de sair.

— Pronto, tudo assinado como a enfermeira Beth pediu. Obrigado, Beatriz. — Entrego a ela a pequena pilha de papel.

— Eu quem agradeço, doutor. Com licença. — Sem demora, Beatriz se encaminha para a porta, e novamente Derek acompanha-a com os olhos.

— Bumbum lindo... Toda linda. — Ele sussurra para si mesmo, assim que a porta se fecha.

Tenho vontade de gargalhar por ver seu estado. Mas em vez disso. Uso da razão e a atitude correta neste caso. Vez que, estamos no trabalho.

— Derek, pega leve. Nada de constranger a funcionária. Você não se controlou e cravou os olhos nela. Isso não está certo.

— É... isso não está certo — confirma, com uma expressão preocupada —, o que não está certo é o que eu senti — bufa, esparramando-se na cadeira.

Não me controlo, solto uma gargalhada vendo o paquerador Derek afetado por uma mulher. E ao mesmo tempo sinto-me solidário a ele, pois sei bem como ficamos quando *aquela mulher* aparece em nossas vidas e do que somos capazes de fazer.

MARIA LUIZA

— Maria Luiza, você pode revisar esse fluxo de caixa para mim, por favor? Com a quantidade de vezes que tive de parar para ir ao banheiro, suspeito que eu possa ter cometido algum erro. — Cleo pede-me com a mão apoiada no alto da sua exuberante e redonda barriga de grávida do tipo que a qualquer momento pode dar à luz, mas conforme ela me disse ainda faltam algumas semanas. Só que, sinceramente, não é isso que parece. E sua expressão é de total cansaço, nesse final de expediente.

— Claro, eu só estou terminando a planilha de custos que você pediu e em seguida já reviso, pode ser? — sustento meu olhar nela e a vejo franzindo a testa.

Seus olhos que já são naturalmente miúdos e puxados para o lado tornam-se ainda menores com sua expressão de dor.

— Cleo, está se sentindo bem? — digo, levantando-me da cadeira e indo até ela.

— Estou. São só essas benditas contrações de treinamento. — Ela responde, entre dentes.

Continuo a olhá-la e parece até que estou sentindo o mesmo que Cleo. *Coisa estranha.*

Segundos depois ela respira fundo e começa a rir sem parar. Fico com aquela cara de quem não está entendendo nada, mas sorrio também.

— Você... — ela ri e fala ao mesmo tempo — você estava franzindo a testa, imitando minha cara de dor.

— Eu estava? — rio da constatação.

Retomando sua respiração ao normal ela responde:

— Sim, estava. Desculpe, foi engraçado.

— Tudo bem. Por que não se senta um pouco no sofá, estica as pernas e relaxa? Daqui há pouco já estamos encerrando mesmo.

— Tem razão vou fazer isso. Obrigada, Maria Luiza. E deixe essa revisão para amanhã. Já vimos números suficientes por hoje.

Há dois dias estou trabalhando no escritório. Meu telefone tocou logo cedo no dia após a entrevista com Vincent (e aquele constrangedor encontro na cafeteria), mas não foi ele quem me deu a notícia de que a vaga era minha, e sim Cleo.

Ela me pediu se eu poderia começar no dia seguinte, prontamente eu respondi que sim. Afinal, esse emprego era tudo o que eu queria. E agora ainda

mais, já que minha curiosidade em saber o que o doutor Henrique está pretendendo fazer tornou-se maior depois da conversa que tive com Luiza. Mas por enquanto não obtive nada sobre a clínica, além de ver o nome na lista de clientes.

Em meu primeiro dia aqui, Cleo me “bombardeou” com informações gerais sobre a rotina do setor e clientes. E hoje, no segundo dia estou auxiliando-a com o fechamento contábil de uma grande empresa de tecnologia. Estamos as duas, o dia inteiro bem dizer, trabalhando nisso.

E eu reparei o tempo todo, sua exaustão e as várias vezes que ela saiu para ir ao banheiro. Cleo tem a estrutura de mulher bem magra, mas é notável o inchaço típico de final de gestação. O cabelo preto liso, do tipo que não precisa ser escovado para ficar assim — perfeitamente no lugar — é cortado na altura do pescoço, a parte da frente mais comprida que a de trás — um corte moderno e bonito. Os traços brasileiros misturam-se com orientais, e seu sobrenome Matsuo confirmam sua descendência nipônica.

Cleo é bonita, simpática e muito boa no que faz.

Compreendo agora a preocupação de Vincent em ficar sem ela. Pois do que já vi ela desenvolvendo seu trabalho, demonstrou eficiência e agilidade, sem contar que ela está com o desempenho um tanto comprometido por conta dessa reta final da gravidez.

— Maria Luiza.

— Sim.

— Que bom que está aqui, e que bom que achamos você. Em breve terei de me afastar. A verdade é que já não estou mais aguentando. Amanhã vamos deixar algumas coisas que temos para fazer de lado. Assim mostro todo o resto a você, arquivos e informações que só estão em meu computador. Você terá que ter acesso e saber de tudo, para quando Vincent precisar de algo não ficar na mão e sem respostas. Ele detesta isso. — Cleo comenta, relaxada no sofá de couro branco da ampla sala, muito bem decorada como todo o resto desse escritório.

Achei a decoração impressionante na primeira vez estive aqui, e agora sabendo que foi Melissa que projetou tudo isso fico admirada com seu talento em fazer desse espaço de trabalho, um espaço tão confortável e belo. *E chique.*

Fico satisfeita com essa informação de Cleo, pois quero estar pronta para assumir tudo, assim que ela se ausentar.

— Se quiser posso ficar até mais tarde hoje, ou chegar mais cedo amanhã — ofereço-me.

— Não precisa. Hoje já estou muito cansada e amanhã pode ser no horário normal mesmo. Como Vincent não está esses dias no escritório podemos

trabalhar sossegadas. Quando ele está, fica o tempo todo chamando, ou vindo até a sala. Aliás, acostume-se. Ele sempre acompanha o trabalho de perto. E é muito exigente.

— Está bem. E obrigada por me dizer. Estarei concentrada em realizar um bom trabalho, Cleo. Esta é uma grande oportunidade para mim.

— Eu imagino mesmo que sim. Tenho certeza que você se sairá muito bem. Contudo, estarei disponível no celular caso precisem. Mas por favor, não deixa Vincent me perturbar muito. Quero poder curtir meu filhote. — Suas mãos acariciam a barriga e um sorriso brinca em seus lábios.

— Darei o meu melhor para que não seja incomodada. Prometo.



— Malu, como está aí? O jantar está quase pronto. — Leonardo, parado na entrada do *closet* usando apenas uma calça de moletom escura, exibindo seu peito nu, pergunta-me enquanto seca as mãos em um pano de prato. *Oh Deus, que homem é esse?*

Desde que ele disse que era para eu me mudar, estou trazendo algumas das minhas coisas, mas também não tenho tantas assim — bom, era o que eu pensava — a gente sempre pensa que não, até que tenha que fazer uma mudança e começa a ter dimensão do quanto acumulamos. Por isso, inicialmente estou trazendo o principal: roupas, calçados, e objetos de uso pessoal.

No dia que levamos Valentina de volta para o orfanato (e como foi difícil ter que nos separarmos da nossa pequena) já era noite, estávamos cansados. Mas, ainda assim, passamos em meu apartamento, peguei algumas coisas e enfiei na minha mala, assim tenho feito nas noites que se seguiram. E agora estou aqui diante do seu imenso *closet* organizando tudo que já trouxe.

Leonardo tem uma pessoa que o ajuda a manter em ordem seu apartamento, e que poderia fazer isso para mim. Mas, sinceramente, prefiro eu fazer. Assim também me habito, e sei onde cada coisa está.

— Estou acabando aqui com as roupas — respondo colocando a última peça de roupa no cabide — E então... — olho ao redor verificando o que falta, *a caixa* — Guardar essa caixa.

A caixa retangular de cor branca e estampa de flores e tampa preta que contém as poucas recordações que resolvi guardar da minha mãe: algumas fotografias, uma fita de cabelo que ela tinha desde criança (e que sempre guardou com muito cuidado), e o seu brinco que eu usava no dia do acidente. E por isso resolvi guardar aqui com as recordações para não correr o risco de perder. *Agora só vou usar ele numa ocasião especial*. E o seu diário. Sim. O seu diário está aqui.

Pego-a do chão, procurando um espaço para ela. Tenho urgência em guardá-la. Não porque não quero que Leonardo veja algo, mas porque eu não quero trazer essas lembranças todas para fora.

Na ponta dos pés. Estico-me para alcançar o espaço livre em uma prateleira mais alta.

— Espera, Malu, eu te ajudo.

— Não precisa, eu alcanço... — digo, e no segundo seguinte, desequilibro-me e a caixa escorrega da minha mão e vai ao chão espalhando o

pouco conteúdo que tem dentro dela.

— Eu te ajudo. — Leonardo repete, abaixando-se para juntar o que caiu.

— Eu faço isso — respondo um tanto nervosa. E abaixando-me para recolher depressa.

Ele para por um instante, e tem sua atenção em uma fotografia. *Uma das minha preferidas.*

— É você e sua mãe? — pergunta-me analisando a imagem. Olho também e a lembrança daquele momento registrado na foto me vem à mente.

Eu tinha de três para quatro anos, minha mãe com livro de historinhas infantis nas mãos, e eu segurando um pequeno brinquedo, estamos as duas sorrindo e olhando para esse brinquedo. Minha mãe ainda jovem, os cabelos... os lindos cabelos longos e pretos. O sorriso alegre, o olhar cheio de vida. Tão diferente do que estava naqueles terríveis dias no hospital.

Por isso que não gosto de ver essas fotografias, apesar de guardá-las evito olhar, pois me faz lembrar do quão linda e saudável ela foi um dia e teve que se despedir desse mundo de uma forma tão diferente do que era. *Sem seus cabelos longos, sem o olhar brilhante e sem o belo sorriso.*

— Sim, somos nós duas — respiro fundo.

— Está explicado toda essa sua beleza. Lindas, vocês duas. — Leonardo fala com admiração.

Sorrio, mordendo o lábio inferior. Contendo a emoção que começa a se formar no peito.

O olhar atento de Leonardo estuda minha reação.

— Deve sentir muita falta dela. — Não falo nada, pois o nó na garganta impede-me de responder. — Malu, você sabe que pode falar comigo sobre isso, não sabe? Não precisa se fechar em seus sentimentos. Eu estou aqui para você. — Leo puxa-me pela mão, levantando-nos do chão e afagando o meu cabelo, leva o meu rosto ao seu peito.

— Eu sei, obrigada. É que... sim. Eu sinto muita falta dela. Alguns dias mais, outros menos. Mas sinto muita falta da minha mãe — digo, e falar isso em voz alta para outra pessoa, é um tanto estranho.

No silêncio dos meus pensamentos eu sei disso, eu sei o quanto sinto falta dela. Mas não fico comentando, não gosto. Nem mesmo enquanto minha avó estava saudável eu ficava falando. E verbalizar, parece tornar mais real e dolorida a sua ausência.

A última pessoa que falei sobre isso foi com Beth, mas foi diferente, pois partilhamos da mesma dor.

Mas talvez me abrir um pouco seja bom, e Leonardo hoje, é a pessoa

mais próxima que tenho. Aconchegada em seu abraço eu sei que posso deixar fluir meus sentimentos e lembranças, pois ele é meu porto seguro, e não me sinto mais sozinha e com medo de sentir. Além do que, ele preenche meu coração de amor, aliviando o pesar pela falta da minha mãe.

— Malu, eu não posso dimensionar sua dor, e tudo o que já sentiu desde que ela se foi. Mas imagino que não é nada fácil. Mas sempre que quiser falar, contar algo sobre ela, sobre a vida de vocês terá minha atenção e carinho. Assim como o meu colo, quando tiver que chorar. — Ele acaricia minha face, secando uma lágrima solitária que insistiu em cair.

— Ela era uma mãe maravilhosa. Eu tive muito do seu amor, companheirismo. Era minha melhor amiga. Eu não tenho nada para dizer ao contrário. Ela supriu todas as minhas necessidades, e sei que fazia o impossível para isso. Já que eram só nós três. Minha avó ajudava muito também — conto, relembrando da convivência que tínhamos.

— E seu pai? Outro dia você comentou que não o conhece. Ele abandonou vocês?

— Eu nunca soube nada sobre o meu pai... até que nos seus últimos dias de vida minha mãe me disse um pouco sobre ele. Eu sempre achei isso, que ele havia nos abandonado, ou algo do tipo. Mas ela me disse que meu pai nunca soube de mim. O porquê e o que aconteceu eu não sei. Mas ela tomou para si a culpa de ele não saber da minha existência. Tanto que me pediu desculpas, e me deixou saber que através do seu diário eu teria as informações para saber quem ele é.

— E você o encontrou?

— Não. Eu nunca li o que tem escrito nesse diário, exceto uma única página, que li esses dias e pude ver que eles viveram um grande amor. Mas algo os impediu de ficarem juntos.

— E por que você nunca se interessou em ler tudo e saber afinal quem ele é? — Leonardo afasta-me um palmo para olhar em meus olhos, interessando-se por minha resposta.

Resolvo por fim, me abrir com ele.

— Porque, Leo, quando ela falou sobre ele eu já tinha quinze anos, e ele certamente já tinha uma família formada. E eu não quis aparecer de repente na vida dele. Somos dois estranhos um para o outro, essa é verdade. Por isso, apenas resolvi seguir por conta própria.

— Respeito sua opinião. Mas se é assim como sua mãe disse, que seu pai não tem conhecimento que tem uma filha, você deveria querer saber quem ele é, e fazer com que ele saiba de você.

— Eu não acho uma boa ideia, para quê eu vou interferir na vida dele a

essa altura do campeonato? E se... e se ele simplesmente me rejeitar? Deixar as coisas como estão é o melhor.

É melhor e mais seguro.

No fundo tenho medo de que ele não me aceite como filha, e eu acabe sofrendo.

— Malu, eu entendo que você possa sentir esse receio, de chegar para um *cara* e falar que é filha dele e ser ignorada. Mas você também acabou de dizer que eles viveram um grande amor e que foram impedidos de ficar juntos. Já imaginou o quanto pode ser bom para ele saber que teve uma filha com a mulher que um dia amou? Que existe um fruto desse amor?

— Ele certamente já ama outra mulher e tem outros filhos e não vai querer que algo do passado venha atrapalhar sua vida atual — digo, fugindo dos pensamentos esperançosos e belos diante do que Leonardo acaba de dizer. *‘Fruto de um amor’*.

— Você nunca saberá ao certo se não o procurar. E, Malu, ele tem o direito de saber. Isso foi tirado dele e foi tirado de você. Mas... ainda há tempo.

— Eu não sei, Leo... nós somos dois estranhos, nunca seremos como um pai e uma filha de verdade.

— É claro que construir uma relação de pai e filha não será do dia para noite, vocês viveram uma grande parte da vida sem saber um do outro. Mas não custa tentar, Malu. É uma oportunidade, é um direito que vocês dois possuem. Apenas pense nisso, meu amor. E eu estarei aqui para te apoiar. — Suas mãos sustentam meu rosto.

A ênfase e a clareza de cada palavra que Leonardo me diz começam a mudar meus pensamentos.

— Está bem... eu prometo que vou pensar. E obrigada, Leo.

— Não precisa me agradecer... como eu disse, eu estou aqui para você. Sempre, Malu, sempre poderá contar comigo. — Segura-me firme contra seu corpo, transmitindo amor e segurança.

E quem sabe ele tenha razão.

E se meu pai realmente gostar de saber que teve uma filha com minha mãe?

E se ele for um bom homem disposto a me aceitar e acolher? Teríamos a chance de construir uma relação, dividir momentos.

Será?... Será que isso é possível?

Eu só saberei se procurá-lo. E para isso tenho que dar o primeiro passo, que é ler o diário e conhecer toda a história e saber principalmente seu nome completo. Pois o que sei é apenas o seu primeiro nome.



Curiosidade

LEONARDO

Ostento um sorriso bobo em meus lábios desde que acordei até agora que estou chegando em meu trabalho. E certamente continuarei com ele no restante do meu dia. Tem uma música que diz: “*hoje ninguém vai estragar meu dia*” e é exatamente esse pensamento que tenho. Tudo porque ele começou perfeito.

Acordar com uma Maria Luiza, sedenta por prazer é uma delícia. Fizemos amor assim que os primeiros raios de sol invadiram o quarto. Fui surpreendido por ela, tomando a iniciativa me deixou nas nuvens com suas carícias ousadas debaixo dos lençóis. E ela estava tão bem disposta, feliz, leve. Como se a séria conversa que tivemos ontem sobre a mãe e a questão do pai não tivesse interferido em seu humor. Ao contrário, sinto que a ajudou.

O tal diário ela não guardou na caixa, como um livro que está disposta a ler, ela o deixou no criado mudo ao lado da cama. O que me faz ter a certeza de que em breve começará a ler e saber toda a verdade sobre o passado de sua mãe e principalmente a identidade de seu pai.

Durante o jantar a conversa fluiu com naturalidade, como sempre é quando estamos juntos. Falamos de vários assuntos; ela me contou sobre o seu dia de trabalho, eu mencionei alguns casos da clínica e falamos sobre Valentina.

Fizemos diversos planos para quando nossa menina estiver vivendo conosco.

Foi um momento casual, e foi tão bom ter com quem conversar no final do dia, ter companhia durante a refeição, ter ela aconchegada em meu peito no momento de dormir. Estamos há poucos dias nessa rotina. Mas a vida a dois é maravilhosa, principalmente quando se tem ao lado alguém que ama, e que desperta o seu interesse em todos os aspectos. E é isso que Malu faz comigo. Penso que nunca me cansarei da vida ao lado dela.

Quando comentei de sairmos no sábado, um sorriso gostoso se formou em seus lábios. E ela ficou ainda mais animada quando eu disse que Melissa também irá com o marido. As duas já demonstraram possuir afinidades, desconfio que darão muitas risadas juntas. O lugar é agradável, a música é boa — sim, Derek é um ótimo médico, e tem um talento incrível para a música — assim como tenho certeza que irá gostar de conhecer meu tio. Fará bem a nós todos um pouco de descontração.

— Ei, Beth, bom dia! — aproximo-me da recepção e cumprimento Beth que está sentada no lugar da secretária.

— Bom dia, doutor Leonardo — responde, assim que termina de digitar algo no computador.

— Beth, cadê a secretária nova? Não me diga que você também já despachou ela?

— Beatriz? Não! Imagina! Eu adorei aquela moça. — Um sorriso sincero rola em seus lábios ao falar — Ela só foi buscar café na máquina do andar de cima. A nossa para variar estragou novamente. — bufa — Você já viu isso aqui? Derek me entregou assim que cheguei.

Pego o folheto que Beth me mostra. Uma foto toda produzida de Derek com um violão na mão. É um convite para a apresentação dele deste sábado.

— Ele está distribuindo isso em toda a clínica? — pergunto, sorrindo por ver Derek nessa pinta de cantor.

— Sim. Está. E disse que vem aqui entregar um especialmente para Beatriz. Você sabe, ele já está arrastando asa para ela. — Beth revira os olhos de um jeito engraçado.

— Sim, eu sei. Ele me contou ontem. Mas já disse para pegar leve.

— Acho bom, aquele gavião que vá dar seus rasantes longe da minha pediatria. E sem contar que Beatriz me pareceu alheia aos encantos dos olhos verdes de Derek.

— Ele se demonstrou bem interessado por ela, e de um jeito diferente. Acho que a coisa é séria.

— Leo... pau que nasce torto nunca se endireita — afirma,

categoricamente. Assim como eu, Beth conhece Derek há muitos anos e sabe da sua fama, aliás todo mundo nessa clínica sabe.

Beth deixa a cadeira em que estava sentada e vem para um abraço. Todas os dias é assim. Sempre que chego para trabalhar tenho este abraço carinhoso e acolhedor. A enfermeira Beth é mais que uma funcionária da clínica, sempre foi uma amiga da família, a conheço desde que eu era criança, em meus aniversários ela nunca faltava. E sempre tinha esse mesmo abraço para me oferecer. Desde que comecei a atuar na clínica ela trabalha comigo, o que estreitou ainda mais nossa amizade e afinidade. Beth é minha melhor amiga, e muitas vezes me oferece um colo como uma mãe faz ao filho.

— Aí vem o gavião cantor... — Ela diz sorrindo ao me soltar do seu abraço.

— Bom dia!! — Derek diz animado.

— Bom dia, doutor. Ou devo dizer cantor? O que é isso aqui, Derek? — aponto para o panfleto em minhas mãos.

— Fiquei bonitão não fiquei? — faz uma cara de orgulhoso.

— Ah... ficou sim! Estou até pensando se você não vai deixar de ser médico e se tornar um cantor profissional.

— Adoro cantar e fazer música, meu amigo. Mas... a medicina é minha paixão, não troco esse jaleco por um violão.

— Tem certeza?

— Absoluta — responde firme. E em seguida seus olhos percorrem o ambiente — A Beatriz já chegou? — seu olhar é curioso e cheio de expectativa, procurando pela minha secretária.

— Serve aquela? — Beatriz vem caminhando pelo corredor com dois copos de café na mão. Sem jeito, baixa a cabeça quando percebe três pares de olhos nela.

— Que linda! — Derek sussurra. E percebo que puxa o ar de uma forma exagerada.

Ele está nervoso?

— Bom dia, doutores. — Educadamente Beatriz cumprimenta. Aceno e respondo. Já Derek, parece que perdeu a fala. — Enfermeira Elizabeth aqui estão os cafés como me pediu.

— Obrigada, Beatriz. — Beth pega os copos das mãos de Beatriz e em seguida estende um para mim.

— Beth, vamos ao meu consultório preciso falar com você — chamo minha amiga, pois preciso ter uma conversa com ela e também para deixar Derek no seu próprio embaraço diante da minha secretária.

A enfermeira desconfiada, me lança um olhar do tipo: não vamos

deixá-los sozinhos. Faço um sinal de cabeça insistindo que atenda o meu chamado. Ela dá de ombros, mas murmura um “*ok*”

— Bom... bom dia, Beatriz. — Ouço Derek enfim responder, assim que começo a me afastar acompanhado de Beth.

Bebo do meu café, e olho para Beth que também está sorrindo. É engraçado ver Derek que é sempre cheio de conversa, palavras de efeito e galanteio, sem atitude.



— Mas por que adotar uma criança está fora de cogitação, Beth? Você adora criança. E Clarissa, é um encanto de menina. Você precisa conhecê-la. Tão falante e esperta, já é crescadinha, nem ia demandar muito trabalho. Ao contrário, seria uma boa companhia para você, minha amiga — argumento com a enfermeira teimosa.

Beth se remexe na cadeira o tempo todo incomodada enquanto conto a ela sobre Clarissa — a menina do orfanato.

Aquela que reza todas as noites para encontrar uma *mãezinha*, a menina que no instante em que me contou um pouco da sua história e do seu desejo em ser adotada fez meu pensamento ir até a minha melhor amiga. Beth vive sozinha desde que sua filha morreu — e é obvio que sofre com isso — não tem marido, e trabalha bem mais do que é necessário. Aposto que se tivesse alguém não passaria tanto tempo na clínica. Aposto também que esse coração carinhoso ia ser bem mais feliz se tivesse uma criança para amar.

— Eu não tenho tempo, Leo... e por mais que essa menina já tenha uma certa idade, ainda assim demanda atenção e cuidados. E eu sou muito ocupada com meu trabalho na clínica. Você sabe disso. — Ela contrapõe.

— O que eu sei é que você aumentou sua carga horária justamente para não ter que passar muito tempo sozinha em casa. — Jogo a verdade sem dó.

— Olha só quem fala! Acho que somos iguais então. Porque eu bem sei, que você também tem uma escala excessiva, e é só porque quer, pois não tem tanta necessidade. — Recebo a verdade sem dó.

— Concorde, mas eu já estou pronto para mudar isso. Quero ter mais tempo com Maria Luiza e com Valentina. Há vida fora desses corredores, Beth. E nós precisamos viver. — amenizo, demonstrando a ela que estou disposto a mudar minha rotina excessiva e assim tentar fazer com que ela repense a dela.

— Eu fico feliz que tomou a decisão de diminuir a sua carga horária, Leo, você tem mesmo que aproveitar e passar mais tempo com a sua família. Mas eu? Eu já vivi o que tinha que viver. Trabalhar me dá prazer, me sinto bem aqui na clínica. Por favor, não se preocupe comigo. — A sua voz baixa um tom, cansando-se dos argumentos e contra argumentos que travamos nessa conversa.

— Beth, você tem tanto amor para dar... pense nisso com carinho. Seja a *mãezinha* da Clarissa — apelo, amolecendo a voz e fazendo uma cara que implora por um “sim”, ou pelo menos por um “vou pensar”.

— Nada disso, doutor Leonardo. Não venha com esse jeito *aí*

querendo me convencer. Eu não posso ser mãe novamente. Eu já demonstrei que falhei nessa missão. — Beth fala tão séria, e vejo nos seus olhos ressentimento.

— Você ainda se culpa pelo o que aconteceu? Você não pode, Beth. Se culpar pelo acidente que sua filha sofreu não é algo que você deve fazer, minha amiga — digo sincero, pois sei o quanto conselho Beth deu a sua filha para se afastar do namorado que era barra pesada. Infelizmente não adiantou.

— Vamos trocar de assunto, por favor? Não quero falar disso — Ela pede, e conhecendo-a como conheço, sei que é melhor parar por aqui.

Resoluto, descanso minhas costas no estofado da cadeira.

— Me diga como estão as coisas entre você e Malu. — Beth sorri ao pronunciar o nome da minha noiva.

— Estão indo bem... muito bem! — respondo e em seguida calo-me, lembrando do momento que tivemos logo cedo, e de todo o resto que temos tido nesses dias em que ela se mudou para o meu apartamento.

— Eu fico feliz em saber que estão bem, Leo. Malu é um doce. Estou com saudade de poder conversar com ela.

— Vem conosco no sábado, assim poderão conversar.

— No bar onde Derek canta? — sua expressão é de espanto

— Isso, e o que tem de tão espantoso, *dona* Beth?

— Não sei, só acho que já estou velha demais para esse tipo de lugar.

— Que papo é esse agora? Venha, será divertido. Tio Miguel também vai.

— Carlos Miguel chega amanhã?

— Sim, vou buscá-lo no aeroporto às 10h da manhã.

— Hum...está bem. E talvez, eu disse talvez... eu vá nesse bar aí. Mas agora vamos ao trabalho! O dia está cheio hoje, doutor. — Levantando-se da cadeira ela diz em seu tom general Beth de ser.

— Beth... — chamo. — Pense com carinho sobre Clarissa — insisto uma última vez antes de ela deixar o meu consultório.

— Leo, me desculpe. Mas não posso pensar ou cogitar ser mãe novamente. Como eu disse, já falhei nessa missão. Acredite em mim quando digo isso. Não quero desapontar mais ninguém — responde, e em seguida sai, fechando a porta. Mas antes que a fechasse fui capaz de captar sua dor em dizer tal afirmação.

Sinceramente, não entendo. E uma curiosidade desperta em desejar saber mais sobre o que Beth quis dizer com tudo isso.

MARIA LUIZA

Cu.ri.o.si.da.de (substantivo feminino): tendência para averiguar ou ver; desejo indiscreto do saber; vontade de conhecer. Essas são algumas definições para a palavra curiosidade. E apesar de eu estar assistindo a uma aula de análise de balanços para controle gerencial na pós-graduação nessa manhã de sábado, não é sobre isso que o professor está falando. Mas é exatamente o que eu estou pensando. Movida por uma (imensa) curiosidade em saber o que doutor Henrique está tramando — usar essa palavra parece um tanto pesado — mas depois de constatar algumas atitudes do meu futuro sogro em relação à clínica, é talvez oportuno usar tal palavra. Assim que Cleo me passou algumas informações sobre a clínica *Doutor Magno* fui a fundo em meu desejo de saber mais, e não deixei que essas informações fossem apenas superficiais. Com isso, descobri o objetivo do pai de Leonardo em alterar o contrato social da clínica que é de propriedade dos herdeiros Luiza e Carlos Miguel.

Usando da sua condição legal em gerir o patrimônio da família — pois possui uma procuração que lhe dá plenos poderes para administrar e comandar tudo — o ardiloso doutor Henrique solicitou mudanças sérias no contrato social. Mudanças que beneficiam a ele e ao tal doutor Alfredo Alvarez (sim, o pai de Carolina). Desconfiei que era ele e quando pedi o nome do pai da dita cuja para Beth, minhas suspeitas se confirmaram.

Henrique simplesmente deseja excluir os atuais proprietários e transferir para ele e Alfredo todas as porcentagens da sociedade que até então são divididas igualmente entre os irmãos.

Na nova conjuntura Henrique ficaria com 90% da sociedade, e os outros 10% ao Alfredo Alvarez.

Porque o médico que é pai daquele ser intragável está nesta jogada eu ainda não sei. Só sei que o ambicioso doutor Henrique se torna o sócio majoritário. Agora me diga, isso é ou não uma grande trama? Tudo leva a crer que sim. Pois duvido muito que os irmãos herdeiros da clínica estejam sabendo dessas pretensas alterações.

Alguns trâmites burocráticos ainda estão acontecendo e por incrível que pareça, a assinatura do doutor Henrique ficou faltando exatamente na última página do novo contrato social. Por isso, as mudanças solicitadas ainda não foram realizadas. Mas em breve, se ninguém (eu) contar o que está sendo planejado, os planos de doutor Henrique em se tornar o dono da Clínica Doutor Magno, irão se concretizar.

A curiosidade e oportunidade da ocasião me levaram a ter essas informações privilegiadas, e definitivamente eu preciso decidir o que fazer com elas.

Conto ou não isso tudo para Leonardo? Estarei sendo uma tremenda fofoqueira, intrometida? E principalmente, sou capaz de levar informações confidenciais do meu trabalho ao conhecimento de outras pessoas, podendo inclusive fazer com que eu perca meu emprego? Pois bem, desde ontem quando soube disso tudo, tenho essas perguntas em minha mente.

Sabidamente, não deixei transparecer nada para Leonardo. Não era justo, afinal nosso dia havia começado tão bem, ele estava feliz e eu também. Aliás, feliz e aliviada com a conversa que tivemos sobre minha mãe e sobre descobrir quem é meu pai. Por isso ao final do dia, véspera deste sábado em que temos uma programação agradável para fazer, eu decidi que não iria falar nada, pelo menos, não por enquanto.

Ainda assim, sei que tenho uma decisão a tomar e sei também que será muito séria. Há muita coisa em jogo. Contando tudo o que sei, uma grande tormenta pode se formar na família de Leonardo. Não contando, sinto-me traindo o homem que amo e até tornando-me conivente com a trama do doutor Henrique.

É isso aí Malu, quem procura acha, você achou. E o que vai fazer?

Nesse exato momento? Voltar minha atenção para o que o professor está falando. Pois se não, de nada adiantou eu não ter feito companhia ao meu noivo que neste momento está no aeroporto aguardando a chegada do seu tio. Já que estou aqui, me concentrar na aula é o melhor que tenho a fazer, sem contar que a disciplina de análise de balanços para controle gerencial é muito importante e precisarei colocar em prática tudo que aprendo nela. Pois, talvez em um breve futuro, a contas da clínica deverão passar por uma grande e minuciosa análise. Sabe-se lá o que o doutor Henrique possa ter feito ao longo desses anos à frente da administração dela?

O problema, é que agora outra curiosidade me consome: conhecer Carlos Miguel. O tio que Leo fala com tanto carinho e admiração, o tio que foi tão simpático ao telefone comigo. O tio que tem um projeto em atender mulheres com baixa condição social e que foram vítimas do câncer de mama. O tio que, mesmo que eu ainda não o conheça muito bem, mas que por saber tanta coisa boa sobre ele, já conquistou minha empatia. E por fim, o tio que tem Miguel no nome, assim como o meu pai, a diferença é que ele também possui o nome Carlos, e minha mãe ao dizer o nome do sujeito que é meu pai, disse apenas Miguel. Mas ainda assim meu cérebro fez exatamente o que sempre faz quando soube o nome dele — fiquei imaginando e pensando no meu progenitor —

loucura da minha cabeça. É claro que o tio de Leonardo não é ele. Seria ironia demais do destino se o tio do meu noivo fosse exatamente o meu pai desconhecido.

Não é mesmo?



— Você está perfeitamente linda, Malu. Vamos agora, ou eu serei obrigado a tirar esse vestido de você e fazer amor antes de irmos. — Abraçando-me pela cintura diante do espelho Leonardo sopra em meus ouvidos. Fazendo com que o familiar calor e desejo percorra meus poros.

— Acabaríamos nos atrasando — digo, deixando um beijo em seu pescoço e arrastando minha língua até sua mandíbula. Ele inspira o ar com força e o solta devagar escapando em um gemido o meu nome.

— Pois é... então vamos. Ou será exatamente isso que irá acontecer — mordisca meus lábios, pressionando seu corpo contra o meu, e em seguida uma mão quente e firme começa a levantar a parte de trás do meu vestido, brigando com o tecido para ver quem alcança o calor da minha pele.

— Nada disso, doutor! Vamos logo! — afasto-me do seu toque e da sua provocação.

Eu seria capaz de fazer amor com ele agora, meu corpo está pedindo por isso. Mas... estou completamente pronta, cabelo levemente preso para o lado, deixando (sugestivamente) à mostra o meu pescoço — local, que eu sei que Leo adora beijar, e que adoro ser beijada — o vestido preto de alça nos ombros possui um fino tecido que o sobrepõe ultrapassando até quase chegar no antebraço, mas sua transparência parecida com de uma renda, revela nuances da minha pele. Com o comprimento um tanto acima dos joelhos, alonga um pouco mais minhas pernas, o salto alto dá o toque final ao *look* que escolhi. E desfazer tudo isso vai dar um certo trabalho. Apesar de que, seria por uma boa causa. Porém, ainda assim, marcamos horário com o pessoal e não é muito educado deixá-los esperando.

E eu, estou afim de jogar um jogo de sedução com meu noivo, e deixar que desembrulhe o pacote só no final da noite, pode tornar esse jogo ainda mais interessante.

— Malu... Malu... sua gata fujona. Ainda te pego! — Leonardo resmunga enquanto começo a andar em direção a porta do quarto e ele vem logo atrás.

Assim que chegamos ao bar de luzes opacas, mesas e cadeiras em madeira rústica, com lamparinas em formato de mini abajur dispostas sobre elas, avistamos fácil numa delas Melissa e Luís. Sentados um ao lado do outro sorriem ao nos ver.

Passando entre alguns lugares já ocupados repleto de pessoas

animadas e usufruindo das suas bebidas, juntamo-nos ao casal que nos espera.

Melissa levanta-se para nos cumprimentar e constato o quão deslumbrante ela está. Usa um vestido preto com estampa de miúdas flores, com um corte que é justo até a cintura e em seguida tornando-se mais solto e evasê, *lindo!*. Mas o que realmente chama atenção é o decote poderoso em forma de um “V” que se estende desde o seu colo até sua barriga, unindo-se apenas por um pequeno ponto de tecido no centro entre cada um dos seios. As pontas laterais do cabelo na altura do pescoço estão frouxamente presas e a maquiagem em tom *nude* e de olhos marcantes assim como a minha, ornamentam seu belo e perfeito rosto.

— *Uau!* Você está linda, cunhada! — Melissa diz, enquanto me abraça apertado.

— Você também, Mel. Esse decote está divino! — respondo, afastando-me na distância para admirar a ousadia do seu decote.

Ela ri uma gargalhada gostosa.

— Luís quase enfartou quando me viu vestida assim. Não queria que viesse com este vestido — lança um olhar para o marido que também está muito bem vestido em um terno *slim fit* preto e uma camisa branca, que combina com sua pele que é tão clara quanto a camisa. Os grandes e azuis olhos de Luís fitam a esposa sabendo exatamente sobre o que ela está falando. Ela responde com um dar de ombros acompanhado de um biquinho sexy.

Luís rende-se a Melissa dando-lhe uma piscadinha, (bom advogado que é, certamente firmou algum tipo de acordo com a esposa para que ela pudesse usar o vestido em questão).

Eu e Luís cumprimentamo-nos com um beijo no rosto e um abraço que não chega a encostar nossos tórax. Já os irmãos, grudam-se um no outro. Leonardo deixa um beijo carinhoso no topo da cabeça de Melissa, que o abraça recostando-se em seu peito.

— Como é lindo esse meu irmão! — ela ergue o rosto que se aninhava ao peito de Leonardo, e sorri faceira ao dizer: — Não é, Maria Luiza? — seu olhar brincalhão encontra o meu.

— Muito lindo! — respondo. Observando a beleza de homem que é o meu noivo.

Por cima da camisa escura, está um terno *slim fit* assim como o de Luís — e pelo jeito este é o estilo que agrada tanto o marido quanto o irmão de Melissa. Eu particularmente estou amando ver meu noivo lindo neste terno. Como Leo tem os músculos dos braços mais definidos que Luís, o tecido fica mais justo, permitindo-se notar a força que possui nos braços. O cabelo e pele clara, assim como o verde acinzentado dos olhos contrastam com o tom negro de

sua roupa. *Perfeitamente lindo!* Mordo os lábios, contendo desejo de me atirar em seus braços e beijá-lo.

— *Cadê o tio Miguel?* Ele não veio com vocês? — Leo questiona, enquanto voltamos cada um para o seu par, e assim que fica ao meu lado envolve-me pela cintura. O agradável perfume amadeirando que usa, alcança meu olfato fazendo-me viva para ele. Como eu gosto do seu cheiro, e de sentir o peso de sua mão espalmada na lateral do meu corpo.

— Foi atender uma ligação. Mas disse que não demorava. — É Luís quem responde.

Ainda de pé corremos os olhos no espaço. E tão logo, o primeiro dedilhar de violão reverbera nas caixas de som chamando nossa atenção para o palco — que do lugar onde estamos temos uma boa visão dele — vemos Derek. O amigo de Leonardo está lá, num estilo despojado — diferente das vezes que o vi na clínica — os fios de cabelo estão desalinhados, o jeans preto combina com a jaqueta de couro também da mesma cor. Os cintilantes olhos verdes, brilham ainda mais com a luz posicionada bem acima do palco. Fazendo dele o centro da atenção, principalmente quando a introdução da canção se finda e sua voz — levemente rouca, afinada em um tom grave — começa a juntar-se com os acordes do instrumento musical. Ainda que acústico a melodia é animada e reconheço facilmente qual música Derek está cantando - *Vive La Vida* da banda britânica *Coldplay* é uma boa pedida para começar essa noite.

Viva a vida, digo baixinho a mim mesma, e sem perceber estou movendo timidamente minhas pernas e quadril no ritmo da canção.

— *Aí vem o tio Miguel!* — a irmã de Leonardo anuncia animada, sinalizando para onde o tio está.

Transfiro os olhos do palco para a entrada do bar, buscando ver pela primeira vez o tio de Leonardo, e facilmente identifico-o. Alheio aos olhares que percebo despertar nas mulheres que encaram o homem maduro, de alta estatura, de cabelos castanhos bem penteados que misturam alguns fios grisalhos, ele caminha a passos firmes em nossa direção, esquivando-se ocasionalmente de algumas mesas, até que chega onde estamos.

— Boa noite! Chega de ligações por hoje. Prometo! — ele diz, arqueando a sobrancelha e guardando o celular no bolso da frente da calça.

Vendo-o de perto, reparo algumas linhas de expressão em sua face, linhas que a idade lhe trouxe, mas que em nada interferem na beleza do seu másculo rosto.

— Isso mesmo, doutores! Nada de celular, nada de trabalho. Vamos nos divertir! — a irreverente Melissa fala fazendo-nos rir.

Sobrinho e tio cumprimentam-se com um abraço acompanhado de

alguns *tapinhas* nas costas, e nem parece que já tinham se visto hoje, pois eles se mantêm assim por um tempo. Quando finalizam o abraço, a atenção volta-se para mim e então Leonardo apresenta-me ao seu tio.

— Essa é Maria Luiza, minha noiva. — Ele diz, e noto o seu tom orgulhoso ao pronunciar as duas palavras finais.

De uma maneira quase sincronizada eu e Carlos Miguel estendemo-nos nossas mãos.

— É um prazer conhecê-la, Maria Luiza — um sorriso simpático brota em seus lábios. E, diferente de um simples e rápido apertar de mãos, afetuosamente Carlos Miguel coloca a sua mão livre por cima da minha e eu automaticamente faço o mesmo. Com nossas mãos unidas, ante um ao outro, percebo sua íris castanha se mover lentamente como se estudasse cada feição do meu rosto.

— O prazer é meu — digo, sorrindo para o homem que se mantém transferindo o calor de suas mãos nas minhas, mas que já não tem mais o mesmo sorriso simpático, eu o vi desfalecer de seus lábios ao ponto que seguia olhando-me e principalmente quando o respondi. Minha voz parece ter causado algo que não posso decifrar, mas que promoveu em seu semblante uma ruga.

Contudo, seus olhos permanecem fixos em mim. É um tanto estranho, mas não me incomodo com o jeito que me olha e nem com o tempo que permanecemos de mãos dadas.

Ao contrário, por alguma razão, gosto do que Carlos Miguel me transmite nesse nosso primeiro contato.

Ainda embebida pela reconfortante sensação de conhecê-lo, ouço Leo dizer:

— Está tudo bem, tio?

Carlos Miguel solta devagar nossas mãos e volta a sorrir.

— Estou bem sim. É que... já faz muitos anos que não vejo uma jovem tão linda e tão parecida... — ele não completa a frase, apenas balança a cabeça de um lado para o outro, como se quisesse apagar ou afastar algo de sua mente.

— Tio Miguel, não se esqueça que eu também estou aqui viu? — Melissa faz um beicinho dramático.

O tio conhecendo a sobrinha, pega em sua mão girando-a como em um passo de dança e dizendo o quão linda ela está.

Apenas algumas poucas músicas tinham se passado, estávamos bebericando ainda, da nossa primeira rodada de bebidas, conversando e sorrindo quando uma voz ecoou no bar chamando por Melissa.

— *Meeeeel amiiiiigaaaaaa!!*

E não foi nem preciso de microfone para sobressair-se ao barulho das vozes das pessoas que conversavam animadas cada qual em seus grupos de amigos, e ao som do violão que chorava em uma melodia doce e triste.

Essa irritante, aguda e estridente voz só podia ser dela. Sim, Carolina. Confirmo o que já sabia assim que ela se aproxima e a vejo grudando-se no pescoço de Melissa que se obriga a levantar da cadeira, ou terá o seu pescoço quebrado.

Os longos fios loiros se movem no abraço frenético e escandaloso que ela dá em minha cunhada, mas sorrateiramente feito a cobra que é, lança-me o seu olhar venenoso.

Ignoro seu olhar de réptil rastejante, mas aproveito que ela esteja concentrada em mim, e dou um beijo de tirar o fôlego em Leonardo. Ele não hesita e corresponde, multiplicando o tempo do nosso beijo, e o intensificando ainda mais.

Se essa cobra pensa que vai estragar minha noite está enganada, já me deixei ser picada por ela uma vez, e afirmo com toda a certeza de que isso nunca mais irá acontecer.

Pois dessa vez eu não estou na clínica. Dessa vez, se for necessário, eu darei o que fiquei devendo a ela da última vez que nos vimos. Ainda mais que já tomei uma dose de tequila e já estou quase chegando ao fim da minha taça de gim-tônica. O que, sinceramente, é muito para mim que não costumo beber quase nada além de umas taças de vinho.

O diabo loiro que não se meta comigo ou com meu noivo! Pois senão, farei o fogo queimar em seu rosto, com a raiva e a força que minha mão a alcançará.

Não é porque sou educada e doce, que eu não sei enfiar um belo tapa na cara.

É melhor não pagar, para ver!



Não é adeus

DIÁRIO DE CECÍLIA

Meu amor, hoje é o dia em que eu deveria sentir apenas alegria. Mas infelizmente outros sentimentos percorrem a minha alma.

Estou aqui escrevendo em meu diário, mas não é no quarto que dormi por anos da minha vida, este não é o quarto da casa aos fundos da mansão, onde algumas vezes nos amamos. E sim, um quarto sem vida, sem lembranças felizes.

Tantas coisas estão acontecendo e tudo que eu mais queria era você comigo. Desde que você se foi, eu tenho tentado seguir. E faço isso, alimentando-me das nossas lembranças.

Mas me diga, como eu poderei me acostumar sem você? Se o tenho em minha vida desde que os meus dentes ainda eram de leite, se você despertou em mim os sorrisos mais felizes, se você se tornou meu melhor amigo, primeiro e único grande amor?

A nossa velha infância ainda brinca em meu coração e memória. Foram anos de convivência e agora ter que acostumar-me sem sua presença é um esforço sobre-humano. Um dia de cada vez, é assim que penso. Contudo, há sempre aquele dia — desses trinta primeiros dias que nos separamos — que a saudade aperta e se apodera de quem eu sou.

Não ver o teu olhar apaixonado — porém contido nas vezes que estávamos na presença das outras pessoas — não me aconchegar em teus braços ao me deitar na grama para ver a lua brilhante no céu azul negro, não sentir o teu toque quente e macio... é tão dolorido, mas tão dolorido... que incansavelmente meu corpo anseia pelo teu para cada um desses momentos, desde os corriqueiros até os mais sublimes. Ah... como eu sinto sua falta.

Busquei preencher cada hora do meu dia. Manter minha mente ocupada ao máximo na tentativa de fazer essa dor diminuir.

Luiza sabe o quanto tem sido difícil, e está sempre se preocupando em saber como estou. Estava passando a maior parte do tempo com ela, ajudando-a com as crianças. Melissa e Leonardo tem o dom de me fazer sorrir (mesmo quando quero chorar) você sabe o quanto eles são crianças adoráveis e carinhosas. Principalmente Leonardo. E, vez e outra estão perguntando do tio Miguel. Não é só a mim que você faz falta, para eles também.

As aulas do curso gratuito em que me escrevi para o pré-vestibular, mal começaram e eu já tive que abandonar, e além do curso preparatório — o sonho de cursar a faculdade de letras também. Pelo menos por um tempo.

Há alguns dias comecei a me sentir mal — enjoos e tonturas. No início desconfiei que tudo poderia ser o efeito da saudade e da minha pouca vontade em me alimentar, mas a cada dia a intensidade desse mal-estar aumentava e minha desconfiança passou a ser outra. Tomei a decisão de fazer um teste de gravidez, comprei um desses de farmácia. Tentei ao máximo ser discreta e não deixar que minha mãe percebesse nada. Assim que cheguei da rua, fui direto para casa, não parei na cozinha da mansão, pois tinha certeza que era o local onde ela estava, e principalmente estava ocupada em servir o almoço, mas como se ela fosse capaz de farejar que algo estava acontecendo, enquanto aguardava pelo resultado fui surpreendida por ela no banheiro. Tremendo e sem reação por ser pega de surpresa e também pelas duas listras que começavam a aparecer no teste, foi impossível esconder qualquer coisa da dona Rita.

Minha mãe tomou das minhas mãos o teste, os papéis de instrução que indicavam a forma de interpretar o teste. Eu já tinha lido e sabia que aquelas duas listras confirmavam a minha desconfiança — eu estou grávida.

E, meu amor, no momento em que eu deveria me sentir feliz por ter a certeza que dentro do meu ventre se formava o nosso bebê. Uma enxurrada de ações e palavras vindas da minha mãe fizeram a raiva e tristeza se aprofundarem em meu coração. Era como se ela soubesse de nós dois, pois não questionou quem poderia ser o pai. Simplesmente jogou em minha cara que eu não passava de uma jovem fácil, irresponsável e ingrata. Que ao me envolver com você trai a confiança dela, e sobretudo que estava traindo a confiança que

seus pais tinham nela.

Intransigente, não me deixou explicar que nos amávamos. Aos prantos, ela me deixou trancada no quarto, até que horas depois voltou e começou a fazer nossas malas. Aguardou que todos tivessem saído — sua mãe, Luiza e as crianças foram para o orfanato, já que hoje era o dia de visitá-lo, e os doutores Magno e Henrique foram para a clínica. Com a certeza de que ninguém nos veria indo embora, ela me arrastou para dentro de um táxi e me tirou do lugar onde passei minha infância, do lugar em que crescemos juntos, do lugar em que fui amada todos os dias por você. Não me deu a oportunidade de me despedir de nada e nem ninguém. Fez tudo de caso pensado.

E enquanto o veículo se movia para o portão de saída, eu olhava pelo vidro traseiro a grande casa branca de jardim lindo que ia ficando para trás e lembrando-me da primeira vez que cheguei aqui, da primeira vez que te vi, e que, timidamente não sorri para você, mas tive a certeza — mesmo sendo apenas uma menina — de que seu olhar encantador e simpático, fazia-me cativa a você.

Minha mãe me trouxe para onde estamos agora, uma casa velha, úmida e triste que fica muito longe de onde eu fui feliz um dia. E suspeito, que será aqui que iremos viver.

Ela não me deixou falar ou fazer nada. Pedi, implorei para que eu pudesse ao menos deixar uma carta para Luiza, mas foi em vão. Dura feito pedra, a mãe que sempre foi tão adorável comigo, não se sensibilizou com todo o meu choro e nem com minhas súplicas.

Eu não sei o que será de mim e desse bebê a partir de agora, mas eu juro que assim que puder eu voltarei. Voltarei pelo menos para avisar a sua irmã, sei que como sempre fez, ela poderá nos ajudar, poderá fazer com que você saiba dessa gravidez.

Meu amor, escrevo cada uma dessas linhas, enquanto lágrimas quentes percorrem minha face e atingem o papel, enquanto sinto-me sufocar por essa dor e medo, ao mesmo tempo que um lampejo de alegria me alcança, pois estou esperando um filho seu. E principalmente, porque acredito que nós não dissemos adeus. Sei que um dia você voltará, e eu terei toda a segurança e amor que você sempre me transmitiu.

Te esperarei. Mesmo sabendo que essa dor da espera possa me fazer sofrer a cada dia, mas assim como um doente em estado grave sobrevive com a ajuda de fios ligados a uma máquina, nossas lembranças também me farão sobreviver. Cada momento que tivemos, cada vez que nossos corpos e almas fizeram amor da forma mais linda e orquestrada, cada vez que sorrimos, cada vez que eu me lembrar de suas mais lindas feições, do seu corpo quente, seus

braços que me envolvem de um jeito que me sinto segura, de cada beijo que demos, encontrarei forças para sobreviver a este período de escuridão em minha vida. E, ainda que esteja escuro, eu terei um raio de luz a brilhar que também me ajudará a manter o meu coração batendo — nosso bebê.

É questão de tempo, e estarei de volta ao lugar em que sempre pertenci – seus braços. E agora mais do que nunca, eu tenho um bom motivo para ser forte.

Pois, Carlos Miguel, você se foi, mas deixou dentro de mim, o fruto do nosso amor.



Duelo

CARLOS MIGUEL

Tomamos nossos lugares à mesa, os casais sentaram-se lado a lado. Acomodei-me na ponta, próximo a mim ficaram duas belas mulheres — Melissa e Maria Luiza — e eu ainda estou retomando os meus sentidos e trazendo os pensamentos para o presente.

Estou tentando ao máximo refrear o desejo em permanecer olhando para a noiva do meu sobrinho. Afinal, já fiz uma cena no momento em que fomos apresentados e fiquei vagando meu olhar pelo seu rosto. Assim que Leonardo me perguntou se estava tudo bem, percebi o quão estranho eu estava agindo, mantendo minhas mãos nas de Maria Luiza e olhando-a fixamente.

Mas o que senti foi algo diferente e incontrolável.

Perdido na imagem do passado que assumiu meu pensamento eu congelei. Perdido na pessoa que estava a minha frente e quem ela me lembrou eu fiquei sem voz.

Inexplicável.

Agora, concentro-me em afastar as lembranças e agir com naturalidade, pois o que não preciso é ser interpretado de forma errada. Meu interesse em permanecer olhando-a é unicamente por ela ser quase como uma cópia fiel daquela que ocupa o meu coração. E absurdamente é que não é só em

sua aparência, mas observando-a ainda mais, eu noto jeitos e trejeitos que me são tão familiares.

Assim que o garçom chegou para fazermos os pedidos das bebidas, eu a vi entusiasmada e um tanto tímida ao pedir uma dose de tequila. Seu olhar demonstrava que aquilo não era algo que ela fazia com frequência, e isso fez-me lembrar de Cecília. Ela era exatamente assim — tinha esse olhar vivo, alegre e tímido em determinadas situações que não lhe eram comuns — sem contar o sorriso que fez seus lábios grossos se expandirem de uma forma bonita, igual aos de Cecília.

Como pode? Como pode uma pessoa se parecer tanto com a outra? Coincidências? Ou carga genética? Se Cecília tivesse uma filha, (e será que teve?) certamente seria exatamente assim — como Maria Luiza. Tenho vontade de conversar, fazer várias perguntas afim de obter respostas que possam saciar todas essas dúvidas que permeiam minha mente, que sempre permearam, mas que ao ver uma jovem tão parecida com ela, me faz ainda mais curioso... e louco... Sim! A verdade é que desde que reacendi as lembranças de Cecília em meus pensamentos eu voltei a ser aquele mesmo Carlos Miguel do passado, o que sempre que via uma mulher de cabelos negros e longos, traços belos e marcantes, ficava imaginando se poderia ser Cecília. Mas os anos se passaram, Cecília não estaria mais na sua forma jovem, então lógico que esta não é ela. Contudo, ela teria idade e semelhanças suficientes para ser filha dela.

Deus do céu... isso é obsessão! Preciso parar!

Para minha sorte, as bebidas chegaram, uma boa dose de uísque puro vai ajudar a colocar tudo isso para o lado.

— Vamos brindar! — Melissa erguendo seu copo de um coquetel de frutas sem álcool, propõe. — Ao retorno do Tio Miguel e ao noivado de Leo e Malu! — completa com seus olhos cintilantes e um sorriso genuíno.

Tocamos nossos copos, comemorando o encontro que nos une, e o motivo pelo qual estamos aqui. Pego o olhar apaixonado dos noivos. É tão agradável ver a felicidade que transborda em suas feições. Enquanto o líquido de cor âmbar escorre pela minha garganta, internamente faço votos de que a vida seja justa com eles. Que sejam sempre felizes e que possam viver todo esse amor que demonstram sentir.

— Pessoal... eu preciso confessar que nunca bebi tequila antes! — Maria Luiza diz, a sua voz aveludada combina com os movimentos dos lábios, e seu olhar é de expectativa.

— Como uma mulher de vinte seis anos nunca tomou uma única dose de tequila? — minha sobrinha lança a pergunta, fazendo-me saber sua idade.

Vinte seis anos...

— Acho que nunca tive uma boa oportunidade antes. — Ela responde olhando para o noivo, dando a ele este momento.

— Então deixa eu te ajudar. — Leonardo oferece, mostrando-lhe todo o ritual de beber uma tequila.

Observamos sorrindo, e Melissa — claro tinha de ser ela — puxa o coro: *vira!... vira!...vira!...*

Com o *shot* em sua frente Maria Luiza olha para ele como se estivesse diante de uma difícil e duvidosa missão, fica assim por alguns segundos até que... *vira!* A sequência de tequila, sal e limão, dão a ela uma expressão engraçada, que vai desde uma cara *feia* até um amplo sorriso e olhos arregalados.

Não há tempo para que ela diga algo sobre sua primeira experiência com tequila, pois em seguida Leonardo a beija, saboreando nos lábios de sua amada a sua própria e especial dose do líquido.

Depois disso, a conversa segue ainda mais animada e solta, entre um gole e outro alternamos os assuntos, mas todos de alguma maneira são para nos fazer sorrir.

A música é boa, o cantor — que para minha surpresa é o doutor Derek, amigo de Leonardo — tem um bom repertório, gosto do timbre da sua voz, principalmente agora que está cantando um rock melódico, que me enche das mesmas e velhas lembranças de sempre — perdi as contas de quantas noites adormeci ouvindo *Wish you were Here (Eu queria que você estivesse aqui)* da banda Pink Floyd, desejando ter em meus braços a minha Cecília.

Deixo que a canção me alcance, mas não permito tristeza, apenas permito-me sorrir na companhia desses jovens apaixonados. Lembrando-me, que apesar da aparente injustiça que a vida teve comigo, ela também foi justa, fazendo-me conhecer o meu grande amor.

Viajando nos versos eu a vejo: linda e sorridente correndo entre os arbustos daquele labirinto, os cabelos longos ao vento, os raios de sol iluminando ainda mais a pele que já tinha um brilho natural. *Como era linda, minha doce Cecília.*

Meus pensamentos são interrompidos quando uma moça loira chega a nossa mesa, sem reservas e muito menos discrição, abraça minha sobrinha com grande entusiasmo. Percebo o sorriso no rosto da bela Maria Luiza sumir, e Leonardo tornar-se desconfortável.

Pelo visto, a loira esvoaçante não agrada ao casal.

Observo-a um pouco mais e a reconheço — trata-se de Carolina. Conheço a figura, sei que sempre foi interessada em Leonardo. Mas, sei também que na minha última vinda ao Brasil, se eu fosse um homem que tivesse

interesse por mulheres mais jovens, a teria tido em meus lençóis. Pois a moça em questão não escondeu de mim que queria isto. Não obtive sucesso em suas tentativas, pois não curto esse lance com mulheres que tem idade para ser minha filha (se eu tivesse uma) e principalmente não é e nunca foi fácil me relacionar, Cecília me deixou estragado para outras mulheres. Não pratico o celibato, porém nunca consegui me envolver emocionalmente com mais ninguém depois dela.

Minhas suspeitas sobre Carolina ser uma presença desagradável ao casal, confirmam-se quando Maria Luiza possessivamente gruda os seus lábios nos de Leonardo, o casal protagoniza um daqueles beijos de cinema, e nós somos os expectadores, principalmente Carolina que não esconde sua raiva e ciúme. Se a noiva do meu sobrinho tinha por objetivo demonstrar a quem ele pertence, o fez muito bem. E mais, se ela está agindo assim, e diante do que já conheço do histórico de Carolina, aposto que esta atitude é o retorno de alguma provocação. Resta saber o que vai acontecer daqui em diante.

A jovem loira ostenta um vestido preto justo ao corpo, lábios contornados com batom vermelho vivo e decote que exhibe seios volumosos — nitidamente próteses de silicone — e nem precisa ser cirurgião plástico para identificar, pois o grande volume (exagerado) sem movimento algum deixam essa percepção fácil.

O casal encerra o beijo, mas mantêm-se diante um do outro, olhando-se e acariciando-se entre afagos e beijos. Permanecem imersos na bolha de amor que é só deles. Ignorando todo o resto, demonstram que não estão interessados no que está além dessa envolvente atmosfera em que se encontram.

— Ooooi... Leo.

Sempre tem algo ou alguém para tentar se intrometer na bolha de amor (por experiência própria eu sei exatamente disso) e neste caso em questão é alguém. Um alguém que usa uma voz melosa ao pronunciar o nome do meu sobrinho, mas sinceramente não é mel que escorre e sim veneno. Pressinto que Carolina está disposta a criar confusão...

Leonardo não responde. Permanece com a atenção em Maria Luiza.

— Ooooi... Leo. — Carolina repete no mesmo tom de antes, sem obter resultado. Pois Leonardo permanece alheio.

— Carol, por favor. — Melissa pede.

— O que é? Agora seu irmão não fala mais comigo só porque está com a *noivinha* dele? — Carolina mantém o olhar fulminante em Leonardo e Maria Luiza.

— Carolina, você não é bem-vinda aqui, por favor, saia. — Leonardo é ríspido e direto.

— Nooossa... nota-se que sua educação mudou muito desde que está

com essa mulherzinha oportunista.

Assim que Carolina finda sua frase. Maria Luiza ergue seu corpo da cadeira, Leonardo até tenta segurar a noiva no lugar na intenção de evitar a fadiga. Mas é em vão. Colocando-se de pé, Maria Luiza cresce diante da sua oponente e a encara com os olhos de uma mulher segura e pronta para o ataque. Leonardo acompanha a noiva e fica de pé ao seu lado, suas mãos envolvem a cintura dela, num gesto protetor.

A morena e a loira estão dispostas a duelar, e isso não vai prestar.

Preocupado com o que pode acontecer, também fico de pé, pronto para agir se for necessário. Percebo que a música ao fundo cessa, e o cantor pede uma pausa. E tenho a impressão que a música não tinha chegado ao fim quando ele fez isso. Alguns segundos depois o sistema de som preenche o ambiente com uma música agitada — assim como estão os ânimos na nossa mesa.

— Do que foi que você me chamou? — A morena questiona, cruzando os braços na frente do corpo e serrando os olhos.

— Exatamente do que você ouviu, querida, mas se quiser eu repito — a loira faz uma pausa e esboça um sorriso debochado. — Mulherzinha oportunista.

— Chega, Carolina! Você não vai ficar aqui ofendendo minha noiva. Saia imediatamente daqui! — Leonardo assume seu papel em defesa de Maria Luiza, e o vejo nervoso e irritado, tão diferente do que meu sobrinho costuma ser.

— Você pensa que conquistou Leonardo, e que serão um casal do tipo *felizes para sempre*, não é? E que Leonardo será para sempre seu..., mas está MUITO enganada. Tudo que vem fácil... vai fácil — Carolina diz não dando atenção para a ordem de Leonardo e continua suas provocações.

Maria Luiza continua a encará-la.

— E você é uma ridícula que está morrendo de inveja por isso. E saiba que suas ameaças não me amedrontam, Carolina. Leonardo e eu seremos sim, um casal feliz... e não há nada e muito menos você que impedirá isso. Aceita que dói menos... SUA REJEITADA. — Maria Luiza cospe com desprezo, sua resposta à provocação da *loira confusão*.

— Rejeitada, eu? Isso é o que você pensa! — A loira solta uma gargalhada.

— Isso é o que eu tenho certeza. Agora nos deixe em paz! Ou... — ao dizer isto, Maria Luiza aproxima-se ainda mais de Carolina.

Loira e Morena encaram-se a menos de um palmo de distância, a cena assemelha-se com aquelas dos lutadores de *MMA* no momento da pesagem — desafiando um ao outro para o combate.

Tragam o octógono... (brincadeira). Chamem o juiz.

— Ok, garotas... acho que isso já foi o suficiente. — como a pessoa mais madura nesta mesa, julgo que é melhor fazer isso parar, antes que consequências mais graves aconteçam.

— Carolina, hoje quem faz o show aqui sou eu, e de música. Portanto é melhor você se retirar. — O cantor chega a nossa mesa para ajudar. E agora, entendo porque parou a música, antes que ela chegasse de fato ao seu fim.

Maria Luiza não cede um centímetro em seu espaço e ignorando a ordem de Derek, Carolina continua...

— Quer saber? A ridícula aqui é você que está achando que vai se casar com Leonardo, um médico reconhecido, de família rica e que ainda por cima acha que irão adotar aquela *bastardazinha* que foi jogada no lixo.

Sem falar nada e sem prévio aviso, a mão da morena alcança o rosto da loira, fazendo sua cabeça se mover para o lado com a força do impacto do tapa que estala alto e seco.

— Nunca. Mais. Fale. Da. Minha. Filha! — a fúria no olhar de Maria Luiza é de uma leoa brava e outro tapa atinge o rosto de Carolina fazendo-o mover-se para o lado oposto.

Em sua defesa a mulher que chegou querendo confusão levanta a mão pronta para retribuir o tapa, porém, Maria Luiza é mais rápida e segura o punho de Carolina com força.

Saio do meu lugar e fico no meio das duas enquanto Leonardo puxa Maria Luiza e Derek faz o mesmo com Carolina. As mãos femininas tentam alcançar uma a outra, as mulheres esperneiam tentando soltar-se.

— Sua vagabunda maluca! — Carolina grita!

Dizem que a raiva é um ótimo propulsor da força. Maria Luiza consegue se soltar dos braços fortes de Leonardo e avança de tal forma para cima de Carolina que ninguém é capaz de impedi-la, ou talvez também ninguém deseje fazer isso, sabendo que a loira está recebendo exatamente o que veio fazer.

Pediu e levou.

Transferindo-lhe o terceiro tapa, a leoa brava ainda consegue pegar um copo que está na mesa e lança o líquido no rosto de Carolina, que já está vermelho ao extremo — e sem exageros — está com a marca dos dedos de Maria Luiza.

— Ah meu Deus!! — finalmente ouço Melissa, ela diz espantada, mas em seguida começa a rir, um riso abafado por sua mão que está na boca.

A morena — *boa de briga* gruda a mão na loira *confusão* (mas que não é boa de briga) pelo cabelo, na altura da nuca e puxa para trás.

— Ouça bem, Carolina, porque dessa vez, sou eu quem te dou um aviso: deixe Leonardo e eu em paz, e principalmente não envolva nossa filha nisso, ouviu bem?

Carolina não responde, apenas respira rápido e com um olhar de um bicho acuado.

— Você ouviu bem? — Maria Luiza puxa com mais força e a cabeça de Carolina vai ainda mais para trás.

A dor da pressão que sofre no cabelo, o medo, e arrependimento por ter vindo desafiar para um duelo uma oponente com mais força que ela e atitude, a faz ceder. E mesmo que a contragosto, ela obriga-se a dizer. Um “*Sim, eu ouvi*” amargo feito fel.

— Nunca mais se meta com a minha família, ou não será apenas essa sua cara de cobra peçonhenta que conhecerá o peso da minha mão. — Maria Luiza diz por fim, e em um solavanco solta o cabelo de Carolina, trazendo dessa vez sua cabeça para frente. E o corpo desestabilizado, perde o equilíbrio e quase cai.

A noiva de Leonardo, passa a mão uma na outra, como se estivesse limpando e depois nas laterais do seu vestido. Respira fundo e olha para o seu noivo com um sorriso.

— Vem, Leo, vamos dançar... eu adoro essa música. — Ela pega na mão de Leonardo que também sorri, eu noto que é um sorriso orgulhoso.

Ao passar por Carolina, ela lhe dá um empurrão com o próprio corpo. E a perdedora que quase caiu antes, agora não conseguiu se manter em pé.

A vencedora do duelo, deixa a sua adversária caída sentada de bunda no chão, e sai dali com um olhar vitorioso.

Nós, atônicos, apenas olhamos...

— Mel, você vai ficar aí rindo não vai me ajudar? Você é minha amiga e nem fez nada para me defender. — Carolina choraminga para Melissa.

Penso que Melissa vai prestar ajuda a sua amiga, mas faz exatamente ao contrário.

— Carolina... você fez por merecer. E sinceramente, eu no lugar de Maria Luiza teria feito o mesmo ou até pior. Fique sabendo que uma mulher pode aguentar qualquer tipo de provocação, mas nunca toque no filho dela, pois esteja certa de que conhecerá sua fúria. — Minha sobrinha fala tão dura como uma rocha, sem demonstrar solidariedade alguma.

— Eu não acredito nisso! Considere nossa amizade desfeita, Melissa! — Carolina esbraveja com o ódio jorrando em lágrimas. E tirando seu corpo do chão.

— Eu acho é ótimo! Pois no fundo você sempre quis minha amizade

apenas para ser uma forma de se aproximar de Leo. E quer saber a verdade? Eu não suporto esse seu jeito, e essa sua voz de gralha. E tem mais, não te suporto desde que éramos crianças e quando brincávamos você queria sempre a minha boneca *barbie*. Você sempre foi assim, essa garota mimada que acha que pode ter tudo que deseja. Aliás, vê se volta para o ovo e nasce de novo. E agora cai fora, Carolina. — Melissa fala firme, dando por encerrado o assunto.

A loira estapeada e cheirando a bebida, dá meia volta e sai esbarrando nas pessoas, principalmente com uma mulher que está chegando próximo a nossa mesa e quanto mais perto fica, mais familiar seu rosto se torna — Beth, a enfermeira e amiga da família. Ela caminha em nossa direção com uma expressão curiosa e ao seu lado está uma outra mulher, e esta eu não conheço.

— Ela veio... — ouço Derek dizer ao meu lado. E com seu olhar fixo na morena de cabelos longos que está usando um bonito e sóbrio vestido vermelho.

— Gente... o que foi que eu perdi? — Beth diz ao chegar.

— Maria Luiza deu uns tabefes em Carolina. — Derek responde rindo.

— Malu deu uma bela lição nela, isso sim. — Melissa completa.

— Três tapas na cara e ainda jogou bebida nela... foi hilário. — Luís dá mais detalhes.

— Sério? Mas e Malu, está bem? Onde está ela e Leonardo? — seu tom é preocupado.

— Acho que está ótima. Eles estão lá — aponto para o casal dançando e se divertindo.

— Essa Carolina não tem jeito mesmo. Malu é uma moça boa e tranquila, se partiu para a agressão física é porque Carolina pediu para isso.

— É, a moça provocou e acabou levando. — digo, afinal foi isso que aconteceu. E nem sempre se consegue manter uma estrutura calma, mesmo sendo uma pessoa tranquila.

— Noite que segue então pessoal, vamos curtir! — O marido de Melissa sinaliza, convidando para tomarmos nossos lugares.

— Tem razão, Luís — concordo. E afinal, se Maria Luiza e Leonardo estão bem, podemos continuar e aproveitar.

— Beatriz, fico feliz que tenha vindo. — Os olhos de Derek demonstram admiração pela jovem, ele permanece neutralizado diante dela. Beth tosse de leve, daquele jeito, com o objetivo de chamar a atenção. — E você também, Beth. Obrigado. Sentem-se, eu vou pedir que tragam mais cadeiras para Leo e Malu — Ele fala, puxando cordialmente as cadeiras para elas se sentarem.

As duas mulheres recém chegadas agradecem, e em seguida Beth nos apresenta a moça de vestido vermelho, nos fazendo saber que ela é a Beatriz,

secretária de Leonardo na clínica.

— A propósito, Derek, não era para você estar cantando? Eu vim aqui para ver se você é tão bom cantor quanto é médico. — Tem humor na forma em que Beth fala.

— Eu estava, mas quando vi a confusão se formar eu vim dar um auxílio — explica.

— Pois então volte, e trate de cantar algo que seja do meu tempo. — A mulher que tem quase a minha idade fala em tom mandão, mas no fim dá um sorriso brincalhão.

— Pode deixar, enfermeira Elizabeth, cantarei algo especial para você. Mas... vou esperar um pouco, já que o casal parece estar se divertindo com a música que está tocando. — Voltamos nossos olhares para a pequena pista de dança, onde Leonardo e Maria Luiza dividem o espaço com outras pessoas que também estão dançando.

E eles estão daquele jeito — alheios a tudo à sua volta, dentro da bolha de amor, trocam beijos calorosos com seus corpos colados e em movimento. E que bom que não foram afetados pelo mal que tentou se intrometer na bolha deles.

— Gosto de ver Leo assim, ele merece. — A enfermeira fala com ternura. E eu sei o quanto de amor ela sente pelo meu sobrinho.

— Beatriz, o que você quer beber? Eu peço para você. — Ouço Derek dizer para a secretária de Leonardo.

Ele se demonstra tão atencioso com essa moça, que suspeito que tenha interesse por ela.

— Qualquer coisa que eu mesma pague, mas agradeço sua gentileza, doutor. — O médico cantor, engole em seco a resposta da moça. E pelo jeito ela não retribui do mesmo interesse por ele.

— Certo... está bem então... Eu vou voltar para lá ...tenho uma canção especial para o casal e vou aproveitar que estão lá... dançando... — completamente desconcertado, chega a falar gaguejando. Certamente é o efeito da resposta de Beatriz.

Preocupo-me em ver com Beth o que quer beber e assim chamar o garçom, ela hesita em pedir algo alcoólico, mas pela nossa interpelação ela acaba sucumbindo e pedindo um *dry martine*.

— E você, Beatriz? — talvez não fosse do seu agrado aceitar uma bebida de Derek, por isso educadamente pergunto.

— Obrigada, mas vou até o balcão pedir algo, assim aproveito para conhecer o ambiente. — responde-me também educadamente. A moça é durona.

— Tudo bem, mas peça para colocar na conta da nossa mesa —

prevejo que ela vai agradecer, e negar, e por isso adianto-me em dizer: — Por favor, aceite.

Beatriz dá um sorriso tímido, e aceita. Após pedir licença deixa a nossa mesa, dizendo a Beth que não demorará.

— Leo e Malu estão dando um show na pista de dança! Como são perfeitos juntos! — Melissa comenta sobre o casal e de fato formam um belo par. A sintonia deles é tão intensa e notável. Visivelmente trata-se de um encontro de almas.

Leonardo demorou para encontrar e se entregar a alguém, mas na verdade, só faltava encontrar a pessoa certa e Maria Luiza é essa pessoa. E é assim que acontece, muitas pessoas estão sozinhas e às vezes dizem que não acreditam no amor verdadeiro e único, mas isso é simplesmente porque não encontraram sua alma gêmea. Eu acredito muito nisso, e acredito também que o destino reserva a pessoa certa para cada um. Precisamos estar atentos e dispostos para identificar isso, e aceitar quando o amor chegar.

Melissa continua a tecer seus comentários.

— É bom ver Leo assim feliz e com alguém. Ele sempre se ocupou com a profissão, mas por vezes eu o achava muito sozinho. Ele precisava disso. Aliás... — ela faz uma pausa tomando um gole da sua bebida, erguendo seu olhar —, todos precisam, ninguém deve envelhecer sem ter um corpo quente para dividir a cama nas noites frias. — O final da frase, é dito lançando um olhar sugestivo que vai de mim para Beth.

Pego sua intenção. Afinal, essa é Melissa. E a questão de eu ser um homem sozinho sempre foi motivo para ela dizer que eu precisava de uma companheira. Mas ela não sabe que eu já tive uma, e que esses anos todos nunca consegui substituí-la. E a verdade é que nunca desejei.

— Luís, amor, também quero dançar. Vamos? — Melissa convida o marido, deixando um beijo em seu rosto.

— Seu pedido é uma ordem, meu amor. — O marido apaixonado responde, tomando a esposa pela mão e a conduzindo.

A danada da minha sobrinha está tramando, e lógico que vai aproveitar a oportunidade de me deixar sozinho com Beth. E não me incomodo, pois ela é uma companhia agradável, nos conhecemos há muitos anos. Sei muito sobre Beth, sei que a vida também não foi muito justa com ela, mas ainda assim, ela não perdeu a força e o sorriso. Uma marca dela. Desde quando era jovem admiro isso nela.

Beth que hoje — assim como eu — possui marcas de expressão no rosto, um dia teve uma pele lisa sem essas ruguinhas que demonstram sua experiência de vida. Contudo, isso não tirou dela a beleza delicada, as maçãs do

rosto sempre ostentaram um rosado natural, e mesmo anos depois continua com essa aparência de pêssego. A mulher de uma estatura baixa — e que, por isso meu pai sempre a chamava carinhosamente de *Pequena* — tem um corpo com curvas um tanto preenchidas e acentuadas, e eu acho um conjunto bonito.

O cabelo sempre foi de um loiro natural, e os bonitos olhos verdes, eu já os vi tomado pelo vermelho ocasionados por choro, muito choro. Como eu disse antes, a vida não foi muito justa com ela, principalmente por alguns acontecimentos, que ao lembrar me faz sentir repulsa por uma pessoa. Mas é melhor deixar de lado, afinal muitos anos já se passaram. Acordos foram feitos, e aparentemente ela superou.

— E então, Beth, como está a vida? — pergunto, interessado em saber.

— Levando... E a sua?

— Levando também.

— Acho que é isso que a gente faz depois dos cinquenta.

— Verdade, acho que é isso mesmo.

Rimos um com o outro.

— Leonardo disse que você veio para ficar.

— Sim, ele te contou do que pretendo fazer?

— Contou. É uma nobre iniciativa Miguel, estou à disposição para ajudar no que for necessário.

— Obrigado, Beth. Será um prazer poder contar com sua ajuda e participação no projeto.

— Então, já me considere da equipe. — Ela sorri ao dizer e sua cabeça pende levemente para o lado, fazendo os fios loiros acompanharem o movimento.

— Ótimo! Teremos muito trabalho pela frente.

Continuamos a conversar, e por vezes reparo na sua boca que acaricia a taça onde ela bebe a sua bebida, um sorriso sem timidez e acredito que também sem outras intenções — pois Beth nunca demonstrou isso comigo — brinca em seus lábios. E por esta razão me sinto à vontade ao seu lado. À vontade para não ter de esconder minhas feridas. Beth não conhece muito da minha história, mas o suficiente para saber que já fui marcado pelo amor e pela dor.

— Pessoal, eu gostaria de um minuto da atenção de vocês, pois a próxima música que irei cantar é muito especial. Foi o meu melhor amigo que pediu que eu cantasse para a sua noiva. Leo e Malu, vocês são seres que foram feitos exatamente um para o outro. E saibam que para mim, poder ser testemunha desse amor e da forma como ele aconteceu é inspirador. Eu passei a acreditar que às vezes uma pessoa cruza o nosso caminho, e nos faz sentir e desejar coisas que antes nunca sentimos... Bom é isso. Então, aos noivos!

O médico que é o cantor da noite, ao anunciar dessa forma tão bela a canção que irá cantar, faz o bar inteiro entrar em êxtase, em aplausos e assobios. E tão logo o violão dá os primeiros acordes, o silêncio reina, e a atenção está no centro da pista de dança onde Leonardo e Maria Luiza estão sozinhos já que as outras pessoas saíram e deixaram que aquele local fosse exclusivamente deles.

Abraçados, ela entrelaça as mãos no pescoço dele.

Ele pousa a mão na cintura dela.

Com os rostos perfeitamente alinhados, a testa de um descansa na do outro.

Os corpos unidos, faz o coração de um bater junto ao do outro.

Duas almas felizes por encontrar a sua metade, duas almas que resplandecem o amor.

O amor daquele tipo tão forte, que ultrapassa barreiras, que carece não só de uma vida para ser vivido, mas de tantas outras.

Lindo de ver... e de sentir. Eu já senti (eu sinto), conheço cada detalhe do que um amor desse é capaz de fazer em nós.

E por isso, sei que Cecília e eu não dissemos adeus.

Um dia, ainda nos encontraremos.

Eu creio nisso, contudo o meu duelo é com a saudade e com o tempo. Quanto mais ele passa, mais a saudade aumenta. Quanto mais ela aumenta... mais dói.

Porém tenho dois aliados — amor e as lembranças que ele me causou.

Ainda amo Cecília, e sobrevivo com as lembranças dos dias felizes e de glória que passamos juntos.

Irei duelar só enquanto eu respirar.



Jogo de amor

MARIA LUIZA

— Malu, você está bem, meu amor? — Leonardo, nitidamente preocupado investiga em meus olhos a resposta, ao mesmo tempo que toma minhas mãos acariciando-as nas dele e abrigando-as juntas em seu peito.

— Eu estou ótima, Leo! — respondo genuinamente, pois é exatamente assim que me sinto após esbofetear Carolina.

Não sou adepta de violência, mas dar três tapas na cara da insuportável cobra peçonhenta e ainda jogar bebida nela, foi ma.ra.vi.lho.so!

Eu suportaria por mais tempo suas provocações até que ela saísse da minha frente, afinal, também não queria fazer vexame (não queria, mas que ansiava por esquentar a palma da minha mão naquelas bochechas brancas feito cera, com certeza ansiava) e quando ela abriu a boca para falar de Valentina, tive a minha melhor oportunidade.

Foi o estopim, não pensei e nem me preocupei com mais nada, apenas avancei para cima dela com os nervos em ebulição e com muita raiva. Mas sobretudo com meu instinto protetor. Qual mãe, ouve alguém insultar seu filho e não faz nada? Nenhuma. E eu, já tenho Valentina como minha filha. Temos todo o trâmite da papelada para resolver. Mas, meu amor por ela está além dessa formalidade. Por isso, mexeu com ela mexeu comigo! Isso serve para a Carolina

e para qualquer pessoa que ouse desmerecer aquele anjo lindo.

Unindo nossos lábios, dou-lhe um beijo demorado e a certeza de que realmente está tudo bem. Leonardo envolve-me pela cintura, abraçando-me forte junto ao seu corpo. E é justamente o que preciso, pois quero aproveitar esta noite com ele, e não será este episódio que me impedirá.

— Malu, se você está bem eu fico bem. Então, se me diz que está ótima, eu também me sinto ótimo! — seus lábios se curvam sorrindo abertamente e para acompanhar dá uma daquelas piscadinhas.

Me derreto.

— Agora, eu não quero ficar comentando sobre o que aconteceu, mas eu preciso dizer que você foi... demais.

— Eu espero que ela tenha aprendido a lição.

— Eu também espero isso. Mas, me diga, você já tinha feito isso alguma vez? Pois você foi certa e firme nos tapas que deu.

Por um breve momento sinto-me tímida e arrependida por ter perdido o controle e protagonizado uma briga, mas no mesmo momento que sinto, deixo de sentir. Carolina mereceu.

— Você sabe, eu sou uma pessoa tranquila.

— Sim, eu sei. Por isso que fiquei surpreso.

— É... mas isso não quer dizer que eu não saiba bater se for preciso — digo, sorrindo e lembrando-me justamente de que foi o que pensei minutos antes de tudo acontecer, quando a cobra de salto chegou à nossa mesa. — Também eu meio que vinha prevendo que teria esse momento com aquela criatura algum dia. E quando ela falou de Valentina não me segurei — respiro fundo —. Não me arrependo. — Completo meu raciocínio, segura de que, apesar de ter usado de violência fiz exatamente o que tinha que fazer. Pois com pessoas do tipo de Carolina, nem sempre o diálogo resolve.

— E nem deve, eu fiquei surpreso e orgulhoso. Pois você defendeu nossa menina, defendeu nossa família. Você foi incrível. — Seu polegar acaricia a pele do meu rosto.

— Que bom, Leo, ainda bem que não ficou chateado com minha atitude. Enfim... essa foi a primeira vez que bati em alguém.

— Eu nunca me chateio com suas atitudes, meu amor. — Agora é vez de Leonardo me beijar e demonstrar com o beijo que está tudo bem.

— Mas então, dona Malu, hoje é sua noite das primeiras vezes. — Seu tom é brincalhão, afastando o peso da conversa.

— Como assim? — questiono sem entender.

— A primeira vez tomou tequila e a primeira vez que deu uns tapas em alguém — conclui, fazendo-me compreender e rir.

— Ah sim. E tem outra coisa que estou fazendo pela primeira também, mas essa você só saberá quando chegarmos em casa. — Mordo o lábio inferior. Lembrando-me do que deixei de vestir hoje.

— Agora sou eu que digo: Como assim? — ele é um poço de curiosidade.

— Repito, só saberá quando chegarmos em casa. — Dou de ombros.

— Malu... Malu... Por acaso isso é um jogo? — Ele estreita seus olhos em minha direção.

— É sim! — respondo com segurança. — E por acaso você quer jogar? — convido no meu melhor tom provocativo.

— Evidente que sim. Eu gosto disso, dona Malu. Agora vamos dançar, foi para isso que me chamou aqui, não foi?

— Exatamente, doutor.

Que comecem os jogos.

LEONARDO

— Exatamente, doutor. — Ela me diz de um jeito inocentemente forjado. Pois sinto a sensualidade em seu olhar quando diz a última palavra, e principalmente quando seus quadris começam a se mover ao som da música.

Vamos jogar então Maria Luiza.

Giro seu corpo de costas para mim, espalmo minha mão em sua cintura e a trago para bem perto. Seu quadril roça no meu cada vez que ela rebola, a música de ritmo quente e sensual colabora para que ela me provoque.

E me faça louco de desejo.

Não deixo por menos, despejo beijos em seu pescoço, transpasso minha língua pelo caminho sentindo o adocicado gosto de sua pele, mordisco o lóbulo de sua orelha, fazendo os pelos de seu corpo eriçarem.

— Gostosa — sussurro em seu ouvido. Sinto-a arfar.

Afetada pela reação que provoco nela, sua respiração torna-se pesada e seu peito sobe e desce com força.

Malu afasta-se de mim, *fujona*, mas seu objetivo é único — me fazer vê-la liberando seu corpo à canção.

Assisto seu show, os longos cabelos também dançam e cada vez que seu corpo se mexe acompanhando a batida da música — ora mais suave, ora mais intenso — meu coração bate mais forte, e meus músculos enrijecem desejando que este não fosse um lugar público.

Seu olhar está fixo no meu e ele está selvagem e provocativo, assim como Maria Luzia está por completo. Ela encurta nossa distância, voltando para mim. Os saltos que está usando dão a ela alguns centímetros a mais, deixando-nos quase pareados na altura, o tecido da minha camisa encontra o tecido do vestido dela na altura de seus seios e os sinto contra o meu peito. Desejo poder tocá-los, mas policio minhas mãos a se manter apenas por suas costas, quadril e em alguns momentos descendo um pouco mais até ao volume, arredondado, firme e gostoso.

Maria Luiza tem um bumbum perfeito.

Deve estar usando calcinha minúscula pois sempre que passo a mão pelo seu quadril não a sinto. Nem mesmo a fina tira nas laterais. Curioso, tateio discretamente pela região procurando-a, mas não encontro nada.

Danada! É isso!

— Cadê sua calcinha, Malu? — questiono, baixinho. E faço a pergunta apenas para ter o prazer de ouvi-la dizer a resposta que eu já sei.

— Resolvi pela primeira vez não usar. — Sua resposta sai sussurrada, e a voz é tão sexy que tenho a sensação de perder todos os meus sentidos.

Essa mulher me leva a loucura, como sempre.

Em seguida suas mãos afundam-se em meu cabelo, encarando-me. Maria Luiza umedece seus lábios antes de começar a me torturar com eles. Transfere beijos de fogo por toda a extensão do meu pescoço, mandíbula, queixo e ao alcançar meus lábios, ela não os beija, maliciosamente apenas contorna-os com a sua língua quente e molhada. Exatamente do jeito que eu tenho certeza que ela está *lá*... no lugar onde a minha língua queria estar agora.

Essa boca que me provoca me faz querer o infinito do seu prazer. Abrigo minha mão em sua nuca segurando-a com firmeza, forçando-a a me dar o beijo por completo. Abro espaço entre seus lábios e afundo minha língua em sua boca encontrando a dela no caminho. Sinto os vestígios do sabor da bebida que há pouco bebíamos, os efeitos do álcool em nossa corrente sanguínea deixam nossas línguas ainda mais ousadas, desesperadas... assim como nossos corpos.

Isso tudo está uma delícia, mas por Deus, essa música precisa parar, pois eu não sei se consigo me controlar, e este não é o lugar apropriado para perder o controle.

A não ser que...

— Malu, já que hoje é uma noite de primeiras vezes, que tal continuarmos essa dança em um lugar mais restrito?

— Sério? Mas aí já teremos que ir embora. — Ela faz beicinho.

— Não disse para irmos embora, disse para acharmos um lugar escondido, deve ter algum nesse bar. — Suas pupilas dilatam-se um pouco mais, e não sei é excitação pela minha proposta ou receio e medo. — Você confia em mim? — Eu sei que sim, mas pergunto lançando a ela um desafio.

— Com toda a minha vida. — Entrega-se e aceita meu desafio.

Abraço-a, inalando a fragrância gostosa do seu perfume preferido — que se tornou o meu também — sexy e doce, assim é minha Malu.

A música se finda, estou prestes a deixar o local e fugir com Maria Luiza para um lugar escondido distante de todas essas pessoas, mas a voz do meu amigo me impede de continuar meu plano de fuga.

Lembro-me do pedido que fiz a Derek, para que tocasse uma canção específica e é o que ele irá fazer agora.

— Pessoal, eu gostaria de um minuto da atenção de vocês, pois a próxima música que irei cantar é muito especial. Foi o meu melhor amigo que pediu que eu cantasse para a sua noiva. Leo e Malu, vocês são seres que foram feitos exatamente um para o outro. E, saibam que para mim, poder ser testemunha desse amor e da forma como ele aconteceu é inspirador. Eu passei a

acreditar que às vezes uma pessoa cruza o nosso caminho, e nos faz sentir e desejar coisas que antes nunca sentimos... Bom é isso. Então, aos noivos!

As pessoas que antes também dançavam afastam-se deixando-nos sozinhos após ouvir o anúncio do meu amigo. Estamos a sós na pista de dança. E somos, o centro da atenção. Derek começa a tocar em seu violão as primeiras notas da canção, Maria Luiza a reconhece, abre um sorriso que alcança meu coração, seus lindos olhos ficam marejados, o olhar sexy e provocativo que tinha, torna-se doce e romântico, os olhos cor de amêndoas sob essa luz opaca, ganha uma pigmentação diferente, sua íris brilha tanto assemelhando-se com pequenas pedras de topázio imperial na cor mel.

Permanecendo hipnotizado nos olhos inebriantes de Maria Luiza, tomo sua mão, beijo-a de forma cortês, giro-a em seu próprio corpo e a trago para aninhar-se ao meu. Seus braços envolvem-me pelo pescoço e suas mãos encontram abrigo na minha nuca, onde ela carinhosamente afaga o meu cabelo. Descanso minhas mãos em sua cintura, fazendo entrelaçados nossos corpos, com nossas testas unidas, continuo a fita-la e absorvo sua respiração quente.

A letra da canção me faz lembrar de tudo que já passamos até aqui e da forma como o amor nos alcançou — tão repentino, tão claro e tão verdadeiro. Desde que ouvi essa música no carro voltando do orfanato, no final de tarde do sábado que nos reencontramos após minha viagem — e estávamos morrendo de saudade um do outro — a mantenho em minha mente. E por vezes ouço-a, pois, a letra é tão perfeita e encaixa-se tanto para a nossa história.

Com Você

*“Conhece todos os meus segredos
Sabe o ponto fraco do meu coração
Me acalma quando eu sinto medo
Minha segurança está em suas mãos*

*É com você que o amor é intenso
É com você que o sonho é tão real
E é nos teus braços que amanheço o dia
Me faz sentir fora do normal*

*E é por você, a verdadeira dor da saudade
Sem você, sou apenas aquela metade
Que fica sem ter razão*

*A gente tem tudo pra dar certo
Nosso amor foi abençoado por Deus*

*Eu te preciso e quero ter você por perto
É a minha vida e seu amor sou eu*

*A gente tem tudo pra dar certo
Nosso amor foi abençoado por Deus
Eu te preciso e quero ter você por perto
É a minha vida e seu amor sou eu.”*

É, eu sou um homem romântico, gosto dessas coisas, de canções que marcam momentos e esta é uma que nos marcou. E sei que não é diferente para Maria Luiza. Por isso, quero guardar essa noite ao som desta música.

Dançamos lentamente embalados pelo ritmo calmo e gostoso que chega aos nossos ouvidos, e aprofunda-se em nossos corações e almas. Assim que Derek termina de cantar a última estrofe, proferimos juntos a frase que demonstra nossos mais sinceros e genuínos sentimentos.

— Eu te amo. — Unimo-nos em um beijo calmo e sereno.

A força do destino fez os nossos caminhos se cruzarem e ela tornou-se meu perfeito universo de amor.

MARIA LUIZA

Envolvida nos braços de Leonardo enquanto dançamos a música de letra e melodia romântica eu sinto toda a segurança e todo amor que jamais senti antes. A fase da Maria Luiza solitária encerrou no momento que Leonardo segurou minha mão pela primeira vez. A partir daquele momento minha vida tomou um novo caminho. Um caminho de amor, companheirismo e verdade, e eu quero seguir para sempre nele. Por isso, eu tomo a decisão que precisava tomar — Leonardo saberá o que seu pai está planejando, contarei a ele tudo que sei. E farei isso o quanto antes.

A verdade, sempre a verdade deverá ser a base da nossa relação, confiamos um no outro, e omitir essas informações dele é ir contra tudo o que semeamos — sinceridade e confiança. Afinal tudo que estamos construindo e tudo que queremos viver e ser carece que tenhamos sempre a premissa de falar a verdade. Nada poderá envenenar isso entre nós.

A música chega ao fim, a frase “eu te amo” é um sopro de amor que sai do nosso âmago, é puro, forte e autêntico. Jane Austen cita no livro *Razão e Sensibilidade* que: *“Não é o tempo nem a oportunidade que determinam a intimidade, é só a disposição. Sete anos seriam insuficientes para algumas pessoas se conhecerem, e sete dias são mais que suficientes para outras.”* Exatamente como foi comigo e Leonardo, não importa quanto tempo estamos juntos, pois o tempo que já dividimos foi o suficiente para sentir todo esse amor e conhecer um ao outro. Eu o amo, isso é isso que importa.

Derek da sequência ao seu show anunciando uma nova música e oferecendo ela a Beth e a convidando para dançar, no mesmo instante que ouço seu anúncio, procuro por Beth, e a vejo em nossa mesa. A mulher que me deu carinho e se tornou minha amiga, estampa um sorriso ao lado do tio de Leonardo, que está de pé estendo-lhe a mão em um pedido para dançar.

Em seguida eles caminham de mãos dadas até a pista de dança, assim que chegam ao nosso encontro, Beth me abraça apertado, percebo um rubor em sua face. Incentivados por nós e também por Melissa — que está eufórica — e Luís, os dois começam a dançar.

Fico feliz ao vê-la assim, solta e descontraída. A imagem de Beth e Miguel juntos e se divertindo é um vislumbre de que não importa a idade para aproveitar a vida e principalmente se dar o direito de amar, eu não conheço muito da vida do tio de Leonardo mas sei que ele é um homem sozinho, Beth por sua vez também é. Seria demais desejar que um novo casal se formasse? Eu

adoraria ver minha amiga tendo um companheiro, e penso que Miguel seria uma ótima pessoa para ela.

— Vem comigo. — Leonardo sussurra em meu ouvido e em seguida me puxa pela mão e começa a caminhar entre as pessoas saindo da movimentada pista de dança.

— Onde vamos?

— Essa é deixa para a nossa fuga, Malu. — Ele diz e compreendo claramente que não desistiu do plano.

O jogo continua.

Passando por algumas mesas, alcançamos um corredor no fundo do bar, há algumas portas e numa delas mantém o aviso “acesso restrito” Leonardo gira o trinco e a porta se abre. Seguimos para dentro, olhamos em volta, e ao que tudo indica é uma espécie de depósito, há algumas caixas de bebidas, cadeiras, mesas e outras coisas que não identifico. A sala está uma penumbra, apenas uma baixa claridade vem das luzes da rua que atravessam as janelas de vidro.

Meu noivo está em completo silêncio, e suas ações são ágeis e rápidas, ele se afasta e pega uma cadeira apoiando-a na porta de forma que a trave impedindo que seja aberta pelo lado de fora.

Feito isso vem em minha direção, preparando-se para o ataque, começa a dobrar a manga da camisa preta que usa, como se estivesse se preparando para um ataque. *E está.*

Move-se como um felino, seu olhar é de um predador nato, e a cada passo que fica mais próximo eu vejo que seus olhos verdes estão em um tom perigosamente mais escuro.

O convidei para jogar, e ele está jogando.

Tomando-me eu seu colo, aprofunda um beijo ardente em meus lábios, sua língua está sedenta de desejo, apoia meu corpo na primeira mesa que encontra no caminho, fazendo-me sentar nela.

Ele encaixa-se no meio das minhas pernas. Seu silêncio continua, e eu, simplesmente não consigo dizer uma única palavra. Apenas o som abafado do barulho do bar e a da música ecoam no ambiente.

Leonardo despeja uma série de beijos pelo meu pescoço, uma das mãos enredadas em meu cabelo e a outra segue levantando o meu vestido, alcançando minhas áreas mais sensíveis. O toque voraz das suas mãos, da sua língua que passeia por mim, faz meu corpo esquentar.

É o prelúdio do incêndio...

O tecido rendado que sobrepõe meu vestido é arrancado dando a ele mais da minha pele, os dedos tracejam rastros quentes pelos meus braços, baixa a alça do meu vestido deixando meus ombros nus, mordisca, lambe cada parte.

Um som de prazer ultrapassa sua boca, em resposta também deixo escapar um gemido.

Lentamente inclina meu corpo, fazendo-me deitar sobre a madeira da mesa. As mãos voltam a vaguear pela área interna das minhas coxas. Mas ainda não me toca onde sinto todo o meu desejo queimar.

Ele desce um pouco mais o vestido na parte de cima, sua língua briga por espaço com o sutiã de renda preta que estou usando, até que ele vence. Afastando-o por completo tem acesso aos meus seios. Com aquele olhar de predador, leva o seu dedo polegar a boca umedecendo-o em seguida está massageando a rigidez de um dos seios, e o outro sua boca toma com posse e furor. Em reação aperto com força minhas coxas em sua cintura e sinto o gostoso volume em seu jeans, ele sente a pressão — e sofre com ela — e ali despejando suas carícias grunhe afetado por toda essa combustão de excitação.

Ergue seu olhar fitando-me sério, perigoso, ardente.

— Sem calcinha, dona Malu. — A sua voz é rouca, seca. Fazendo-me ainda mais excitada.

Deslizando a mão dos seios para minha barriga, Leonardo chega a barra do vestido que ainda esconde a minha pele desprovida de qualquer tecido.

— Sem calcinha — murmuro, sofrendo por antecipação ao seu toque.

Ergue por completo o vestido, deixando-me exposta. Seus olhos deviam-se dos meus e vão para onde eu desejo loucamente que ele aplaque toda essa tensão que assume cada músculo do meu corpo.

— Linda. — Ele diz, passando a língua pelos lábios, pronto para o ataque. Aguardo em expectativa, gemendo e clamando por senti-la em mim.

Ele baixa a cabeça, e meu fim está selado. *Eu vou perder esse jogo.*

Sua língua massageia a minha pele rosada, e eu sinto uma corrente elétrica transpassar por toda minha coluna, contraio-me e ele firma uma das mãos sob meu ventre e sem aviso a outra aprofunda-se em meu corpo. Sinto uma segunda onda de corrente elétrica transpassar meu corpo, fazendo-me em total delírio.

— Huumm... molhada e quente, do jeito que eu gosto, Maria Luiza. — Ouço-o dizer com a boca grudada no centro do meu prazer.

Dedo e língua dividem o mesmo espaço, sua língua quente e firme massageia minha pele sensível e o dedo malicioso brinca de entrar e sair, os movimentos tanto de um quanto outro ora são calmos e ora assumem maiores intensidades — exatamente como dancei provocando-o fazendo meu jogo de sedução, e agora é sua vingança.

Com a necessidade de me agarrar em algo, minhas mãos encontram seu cabelo, puxo-os com força, contraio-me, remexo-me. Sinto-me queimar viva

a cada movimento.

Através da minha respiração entrecortada solto gemidos de excitação.

Leonardo é um homem seguro, experiente, sabe o *que fazer e como fazer* para me levar a combustão.

Ele sabe como ganhar esse jogo, e sinceramente? Estou disposta a perder.

Se perder significa queimar em prazer. Eu perco, eu queimo.

— Leo... — digo com o pouco ar que ainda sobra em meus pulmões.

Eu mal posso respirar, é tão incrivelmente gostoso. Eu desejaria ficar sentindo isso para sempre, tento — em vão — adiar o término desse jogo. Mas é impossível.

— Me dê isso, Malu... eu quero sentir o teu prazer em minha boca. — Seus olhos se erguem encontrando os meus.

E há tanto neles, há o desejo cravado, há amor, paixão, cumplicidade, há fogo.

O homem pronto para ganhar esse jogo, mantêm-se a fazer exatamente os movimentos do jeito que me fará alcançar o prazer. Esse homem conhece meu corpo, sabe e sente que já não suportarei mais. Assim como diz a música “*Fire meet gasoline — Fogo encontra gasolina*”.

Atinjo meu ponto máximo, explodo em prazer...

O ar se esvai por alguns segundos...

Ouçó os gemidos de Leonardo, juntar-se aos meus. Ele sente prazer em *me* dar prazer...

Queimamos juntos...

Fogo encontra gasolina.



Anúncio de uma tempestade

LEONARDO

— Gente! A noite foi perfeita! Por favor, me prometam que faremos isso mais vezes? — Melissa diz enquanto deposita um beijo em cada membro do nosso grupo.

Parados já no lado de fora do bar, nos despedimos dos nossos amigos. E minha irmã tem razão, precisamos repetir mais vezes, noites como esta. Pois foi realmente muito agradável.

Eu que o diga. Ver Maria Luiza dançando daquele jeito sensual e depois tê-la rebolando, gemendo e se contorcendo de prazer em minha boca, foi surreal. A fuga rápida foi mais uma primeira vez para ela esta noite — que ainda não acabou.

Beatriz minha secretária aparentemente se divertiu. E apesar de jogar duro com Derek deu a ele alguns sorrisos discretos, e suspeito que ele só conseguiu a vitória desses sorrisos, pela música que ofereceu a ela — *Beautiful Girl* (Garota Bonita). Derek não é bobo, ia usar das ferramentas disponíveis para conquistar pelo menos um pontinho com ela. E talvez tenha conseguido.

Beth e Miguel durante todo o tempo conversaram bastante. Vi meu tio e minha amiga, darem boas gargalhadas um com o outro.

Melissa e Luís, aproveitaram e comemoram a noite livre só para os dois sem se preocupar com o filho — Gustavo ficou com minha mãe. E tenho certeza absoluta que esse casal *também* vai aproveitar o resto da madrugada até

que o novo dia chegue.

— Foi perfeita mesmo, Mel, e eu também quero repetir. — Maria Luiza diz a minha irmã, assim que ela a alcança para um beijo.

— Temos muito o que conversar amanhã... — abraçado, a Maria Luiza, ouço Melissa cochichar para Maria Luiza.

Lembro-me de reforçar o convite que já tinha feito antes, durante o nosso segundo brinde com todos juntos na mesa. Inclusive com Derek, que já tinha encerrado sua apresentação.

— Pessoal, não esqueçam do almoço na casa da minha mãe. Quero todos vocês lá.

— Não perco almoço na casa da doutora Luiza, por nada nesse mundo. Sua mãe cozinha bem demais! — Derek é o primeiro a responder.

— Ainda bem que ela não puxou a vó Laura nesse quesito. — Melissa emenda. E preciso concordar com ela, vó Laura sempre foi uma negação na cozinha.

Minha mãe conta que depois de vovó insistir muito nessa tarefa e não obter sucesso, acabou contratando uma cozinheira de — mão cheia — que trabalhou por muitos anos para a nossa família, e foi com ela que aprendeu tudo que sabe. Tenho certeza que para amanhã ela mesma fará questão de preparar o almoço, e nos oferecer suas melhores especialidades.

— E ainda bem que você aprendeu pelo menos alguma coisa com sua mãe Melissa. Pois eu gosto de comer bem. — Meu cunhado da sua contribuição ao assunto, deixando um beijo no rosto da minha irmã, que já está abrigada em seus braços.

— E você, Malu, sabe cozinhar? — Mel pergunta com aquele olhar maroto dela.

Todos os olhos estão em minha noiva, que tomou uma expressão séria e preocupada.

— Vish! Pela cara da Maria Luiza ela é estilo vó Laura. — Luís se intromete em dizer.

— E se for, também não há nenhum problema nisso. Assim como minha mãe, ela deve possuir outras inúmeras qualidades. — Meu tio se pronuncia em defesa da minha noiva e da própria mãe.

— Acho que ela está fazendo suspense para você, doutor. — é a vez de Beatriz falar.

— Ué, você ainda não sabe, Leo? — Derek questiona, surpreso.

De fato, ainda não sei, mas como disse meu tio, isso não importa mesmo. Minha Malu possui tantas qualidades que saber cozinhar ou não é mero detalhe.

— Tenho certeza que ela sabe. — Beth afirma. E seu olhar me diz, que ela afirma com conhecimento de causa.

— Meu amor, só para que saiba, sua resposta não mudará meu desejo de me casar com você, *tá?* — digo, beijando sua mão, onde está o aro de ouro branco e um rubi solitário que escolhi para brilhar no dedo de Maria Luiza.

— Modéstia à parte, eu mando muito bem na cozinha. Aprendi com minha vó e minha mãe. E só para vocês saberem, as mulheres Ventura possuem truques especiais para deixar tudo mais gostoso. — Malu diz cheia de orgulho.

A resposta faz todos aplaudirem. Melissa brada alto que o próximo almoço é por conta de Maria Luiza. E uma algazarra se forma.

— Mulheres Ventura? — Tio Miguel, brada ainda mais alto que Melissa, sobressaindo-se no meio da algazarra.

Paramos de rir, voltando nossa atenção a ele.

— Desculpe... — ele pede sem jeito, e seu tom de voz baixa.

Dá alguns passos e fica na frente de Maria Luiza, eu noto que suas feições estão transtornadas e confusas.

E por que estão?

— Você... você disse Ventura? — ele engole o ar pesadamente — Maria Luiza, seu sobrenome é Ventura? — a pergunta é feita com dor e ansiedade.

— Sim, meu sobrenome é Ventura. — A expressão de Malu é receosa, porém ela responde firme. Principalmente quando pronuncia seu sobrenome.

— Miguel, nosso táxi chegou — Beth anuncia.

— Tio tem certeza que não quer que nós te levemos? Não nos incomoda em nada, podemos passar e deixar você na mamãe e depois irmos para casa. — Minha irmã diz as palavras, aproximando-se do nosso tio.

Ela toca-lhe o braço, e é como se o tirasse de uma espécie de transe que ele estava desde que ouviu Maria Luiza dizer “Ventura”.

O que há de errado?

— Tenho sim, Mel. Muito obrigado, querida. Aproveitem o tempo de vocês. — Tio Miguel agradece, deixando um abraço afetuoso em Melissa.

Retomado da consciência ele se despede com um aceno de cabeça, desejando boa noite a todos. Segue para o carro que acabou de parar e Beth o acompanha.

Melissa e Luís também se despendem de nós e vão em direção ao local em que deixaram o carro deles estacionado.

Derek e Beatriz também passam por mim e Maria Luiza, despedindo-se, e pelo que ouvi da conversa que rolou no bar, Beatriz veio de carro e deu carona para Beth. Ou seja, agora certamente ela vai voltar sozinha para o dela e

Derek também. Ou não... vai saber também.

— Você está bem? — pergunto preocupado. Desconfiando que Malu, não esteja bem, apesar do sorriso que ofereceu aos nossos colegas.

— ã-hã... estou. Vamos para casa?

— Claro amor, vem. — Passo a mão pelos seus ombros e a conduzo até o carro.

O caminho todo é feito em silêncio, por vezes percebo Malu fitando a lateral do meu rosto. Quando tiro meu olhar da estrada e corro rapidamente para ela. Um sorriso carinhoso se forma em sua boca.

E eu não sei o porquê, mas tenho a sensação que uma grande densa e escura nuvem começa a ser formar em nosso céu, anunciando uma tempestade.

Assim que chegamos em casa e ultrapassamos a porta, o primeiro trovão dessa tempestade nos alcança.

— Leo, eu preciso te contar uma coisa. E é muito sério o que eu tenho para falar.

A frase de Maria Luiza é como um raio que risca o céu negro, é o anúncio do estrondo que vem a seguir.

É a tempestade que chega.



Tempestade I

MARIA LUIZA

— Leo, eu preciso te contar uma coisa. E é muito sério o que eu tenho para falar — digo, assim que entramos no apartamento. Não consigo ficar com isso correndo em meus pensamentos nem mais um minuto e ao dizer percebo que minhas palavras dão a Leonardo uma expressão nítida de preocupação.

Deixando as chaves no aparador, ele assente e vem ao meu encontro. Sentamo-nos no sofá, e nesse momento tento reunir rapidamente as palavras certas para dizer a Leonardo que o pai dele possivelmente está tramando contra a própria família.

— O que houve, Malu? Foi algo que aconteceu no bar? É sobre meu tio? Pois se é, eu também achei estranho as reações dele com você. — Leonardo adianta-se em falar.

— Não, Leo! Não é nada que tenha acontecido no bar. De fato, achei seu tio um pouco estranho. Mas não é isso que está me incomodando e que preciso te contar — digo, sabendo que o assunto do tio do Leonardo é algo para outro momento.

— O que é então meu amor, me diga? — sua voz é carinhosa e encoraja-me ainda mais.

— Confiamos um no outro e combinamos que sempre falaríamos a

verdade... — começo a dizer com calma ainda na busca de ter uma maneira mais branda de contar tudo.

— Sim, claro. Por favor, diga logo, já estou ficando preocupado, Malu.
— Ele diz, passando as mãos pelo rosto e alcançando o cabelo. Do jeito que já conheço e que revela que está nervoso.

Definitivamente não há uma forma mais fácil ou branda, a questão é ir direto ao ponto.

— É sobre seu pai, Leo.

— Ele te procurou? Foi grosseiro com você, algo assim? Se ele fez isso... — interrompe-me e seu nervosismo é ainda maior.

— Não. Não é isso. — Levo minha mão delicadamente ao seu peito, fazendo com que pare de falar e tranquilizando-o pelo menos temporariamente.

Eu respiro fundo e silenciosamente através de seu olhar, Leonardo pede-me que eu continue.

— Leo, você tem conhecimento que seu pai está alterando o contrato social da clínica? — Resolvo abordar o assunto dessa forma, sondando primeiro, o que meu noivo possa saber das atitudes do seu pai.

— Alterando o contrato social...? — o rosto simétrico de Leonardo ganha rugas na testa — Não... não estou sabendo de nada. Mas o que especificamente, Malu? — ainda sem entender busca por mais informações.

— Leo, o seu pai está tirando da sociedade sua mãe e seu tio e passando para ele 90% da clínica e os outros 10% para o doutor Alfredo.

— O quê?! Como assim?! — surpreendido, ele levanta-se do sofá e começa a caminhar de um lado para o outro.

— Ele solicitou ao escritório que fizesse essas alterações nesta semana, e elas foram feitas, bom, na verdade, ainda não foram concluídas e levadas à frente para oficialização — explico. — Mas eu vi o que ele pretende fazer, e fiquei preocupada se isso estava certo. E se você talvez soubesse de algo.

— Não, ele não comentou nada disso comigo. Que estranho... — Inspirando fundo, Leonardo volta a se sentar ao meu lado.

Com os cotovelos apoiados em cada uma das coxas, ele sustenta o rosto nas mãos, o seu olhar está fixo em algum ponto no chão, fica em silêncio e percebo que seus pensamentos vagueiam para longe, na tentativa de buscar o entendimento para o que eu acabo de dizer.

— É... também achei, por isso estou contando para você. E sua mãe será que sabe? — digo, depois de um certo tempo que Leonardo se mantém na mesma posição e no mesmo silêncio.

— Não sei, mas acredito que não, pois tenho certeza que teria me dito se soubesse de algo. — Ele diz, voltando seu rosto para mim — Mas para ele

fazer isso não precisa que minha mãe e meu tio estejam de acordo? Não é necessário que eles assinem, autorizando essas alterações? Eu sei que meu pai tem uma procuração e é responsável por administrar a clínica desde que meu avô morreu. Mas ele pode realizar essas alterações sem o conhecimento dos sócios proprietários? Como isso é possível?

— Sim, ele pode. Eu li detalhadamente essa procuração. Seu pai é responsável por toda a clínica e tem poderes ilimitados sobre ela, inclusive o de vender e alterar contrato social sem que tenha a autorização da Luiza e do Miguel. Ele tem carta branca para fazer o que quiser com a clínica Doutor Magno, Leo.

— Mas por que meu pai está fazendo isso?

Seu questionamento é uma mistura de incredulidade e confusão.

— Essa é a grande questão, Leo. E eu só sei que ele teve pressa em fazer essas mudanças. Tudo aconteceu em uma semana. No dia em que fui fazer a entrevista, sem querer ouvi Vincent dizer a secretária dele, que seu pai tinha ido até o escritório e pedido a alteração com certa urgência, e ontem estava com a Cleo, vendo alguns documentos dos clientes e quando tive acesso aos da clínica me deparei com isso. Eu até ponderei se deveria te contar ou não, se deveria me intrometer neste assunto — revelo.

— Você fez bem em me contar... mas, meu amor, você tem certeza do que viu? É isso mesmo? Não que eu duvide de você, é só que...

— Que é difícil de pensar que seu pai esteja fazendo uma mudança tão séria como esta e aparentemente sem consultar sua mãe e tio? — indago, e ele assente com uma expressão pensativa. — E é realmente difícil mesmo, mas eu tenho certeza e compreensão absoluta de tudo que vi, resta saber qual o objetivo do seu pai com essas mudanças e se Luiza e Miguel de fato não sabem de nada, ou talvez eles saibam e ainda não comentaram com você. — digo refletindo sobre assunto — Me certifiquei de tirar cópias, se você quiser dar uma olhada.

— Tudo bem, obrigado. — Ele solta uma grande lufada de ar olha para o chão e depois para mim — Malu, algo me diz que isso não está certo. Mas também não posso fazer julgamentos e até conclusões precipitadas.

— Concordo meu amor — passo a mão em seu rosto. — E o que você pretende fazer?

— Ter uma conversa séria com meu pai. Doutor Henrique terá de me explicar o que está acontecendo. Não quero preocupar minha mãe antes de ter certeza das intenções do meu pai. Meu tio talvez. Mas se puder quero poupar minha mãe disso.

— Leo, só uma coisa, você não tem muito tempo, amanhã você precisa se certificar de tudo, pois em breve a mudança será consumada.

— E vou. Obrigado por me contar. Você sabe que dependendo do que acontecer, de como meu pai reagir e o que está por trás disto, a sua atitude em vazar essa informação, pode lhe custar o seu novo emprego. — Sua mão percorre o meu cabelo em um afago carinhoso. Até numa situação como esta, ele se preocupa comigo.

— Não me importo, Leo. Só me importo com você e o que isso tudo pode acarretar à sua família. Mas desejo de verdade que seja apenas um mal-entendido que o seu pai esteja agindo com o conhecimento de sua mãe e seu tio. Mas ainda assim, obrigada por confiar em mim, e no que lhe contei. — Encontro sua mão em meu cabelo e entrelaço nossos dedos, unindo-os.

— Eu sempre confiarei em você, Malu. Sempre! — Ele diz, com os olhos fixos nos meus.

Com a consciência tranquila, por ter contado o que vi, relaxo meu corpo que até então estava tenso no abraço que Leonardo me oferece.



Milagrosamente, desperto antes de Leonardo. Com cuidado desfaço-me dos braços que me mantêm presa ao seu corpo e saio da cama.

Depois da conversa que tivemos, tomamos banho juntos, Leo parecia que tinha decidido colocar de lado o assunto *chato* sobre seu pai, e se reservou em continuar nossa noite, ou melhor madrugada de amor. E eu ainda devia isso a ele, já que lá no bar foi somente ele que me deu prazer, portanto sabia que era a minha vez de proporcionar isso a ele.

Ainda no chuveiro começamos nossas carícias e eu estava mais que disposta a ajudá-lo a esquecer e afastar a preocupação. Após o banho e já com nossos corpos devidamente livres da água, ele me conduziu do banheiro para cama em seu colo, deitou-me com calma sobre os lençóis brancos e macios. Leo estava sereno e doce e eu segui seu ritmo, beijamo-nos, sorvendo com delicadeza o gosto das nossas peles que cheiravam uma fragrância gostosa e refrescante do sabonete de erva doce. Suas mãos tracejavam toques íntimos e pulsantes, nossos olhos se mantiveram conectados o tempo todo em que fizemos amor. Foi uma entrega perfeita o que oferecemos um ao outro e assim que atingimos o prazer da forma mais sublime e divina Leonardo aconchegou-me em seu peito quente, e ao som das batidas compassadas de seu coração eu adormeci.

Eu estava tão cansada que acabei pegando no sono primeiro que ele, porém meu sono não estava tão profundo ao ponto não o sentir com todo cuidado acomodando-me no travesseiro e deixando a cama. Observei-o se afastar, vestir sua *boxer* branca e se manter diante da grande janela de vidro.

Enquanto fazíamos amor, a natureza resolveu nos entregar uma — inesperada — tempestade, o céu que antes estava estrelado transformou-se no azul quase negro, e o brilho da lua, fora substituído pelos raios que vez o outra reluziam, trazendo em seguida o som dos trovões. E mesmo algumas horas depois a tempestade continuava. O vidro em que Leonardo estava diante, era severamente castigado com a água e o vento que ricocheteavam nele com força.

Com os braços descansando em seu peito, ele fixava seu olhar para fora, e certamente todos os pensamentos estavam ligados a conversa que tivemos, assim como a que ele terá com seu pai.

E agora, sou eu quem está diante da janela, mas o cenário é outro, como diz o ditado depois da tempestade vem a bonança. O sol apareceu trazendo com ele luz e calor. Luz necessária para afastar a escuridão e o calor para secar o que antes estava molhado.

Se de fato a intenção do pai de Leonardo não for das melhores, talvez estejamos prestes a passar por uma tempestade, Leonardo principalmente. Mas a exemplo da natureza, sei que depois dela virá a bonança. Basta confiar, ser forte e saber passar por ela.



— Já disse que você está linda nesse vestido? — Leonardo fala, percorrendo os olhos por todo o meu corpo. O semáforo fechado dá a ele mais tempo para fazer isso.

Enfim, estamos a caminho da casa que é dos avós de Leonardo e onde os pais dele sempre moraram desde que se casaram, confesso que demorei mais tempo que o comum para me arrumar — e ainda bem que levantei primeiro que ele, senão provavelmente chegaríamos na hora em que a sobremesa estaria sendo servida e não o almoço — fiquei numa dúvida imensa do que vestir, de como deixar o meu cabelo, e até da maquiagem. Quem não fica assim para ir ao primeiro almoço de família? Ainda mais sabendo que conhecerei a avó de Leonardo. Ainda preciso passar pela avaliação de dona Laura, e espero, que seja positiva. Basta doutor Henrique com sua implicância comigo.

— Bom, você disse isso para todos os outros três que experimentei. Mas não lembro se disse, exatamente para este. — Faço um biquinho manhoso para ele.

— Tudo em você fica bem, Malu, e este sem dúvida a deixou ainda mais linda. Gosto dessa cor em você. — Ele afirma com tom de admiração. E em seguida coloca o carro em movimento, voltando seus olhos para frente com atenção na direção.

Depois de toda a dúvida escolhi um vestido de tecido leve, o que é propício para o dia já que está calor. Ele possui uma cor sóbria em tom de rosa chá, o estilo *mullet*, deixa a parte da frente mais curta e a de trás mais comprida, porém é um comprimento que não expõe nada das coxas. Somente na parte superior que ele mostra um pouco mais, pois tem um decote em V e as alças são finas onde o cabelo que optei por deixá-los soltos caem sobre meus ombros. Uma tira do próprio vestido envolve a cintura, amarrando-a em um laço, dando um toque gracioso à roupa. Nos lábios um batom carmim que me preocupei em tirar bem o excesso para não o deixar muito forte. Bom, por fim eu gostei.

— Obrigada, você também não está nada mal — digo, fitando-o com graça.

— Nada mal? Eu acho que merecia mais que um *nada mal*, dona Malu. — Ofendido ele reclama. Mas um sorriso sorrateiro brinca em seus lábios.

— Você é lindo, Leo. Lindo e perfeito sempre! — Esticando-me no banco alcanço-lhe — com e sem roupa — sussurro em seu ouvido. E é o que ele é: lindo e perfeito; com ou sem roupa.

Eu chego a suspirar olhando para Leonardo. Diferente de muitos homens, ele tem uma beleza natural, despretensiosa, cuida-se em manter o corpo saudável e os músculos definidos, mas não faz nada muito ao extremo, em casa mesmo se exercita. Notei que ele não é de usar muitas cores, seu *closet* reserva muitas camisetas e camisas de cor branca, gelo, algumas poucas azuis e percebi também que ele gosta bastante de preto. Ele tem um estilo básico, hoje por exemplo, está perfeito em seu jeans e camiseta de cor clara.

— Agora melhorou! — satisfeito, ele sorri ainda mais. — Posso dizer o mesmo sobre você, perfeita com ou sem roupa. — Leo da aquela piscadinha que me aquece em lugares profundos.

Oh Deus! Que homem!

— Ah! E não esqueceu de colocar os brincos que pedi, né?

Eu ainda escolhia o vestido que iria usar, quando Leonardo me pediu que usasse o brinco que era da minha mãe, fiquei instigada com o seu pedido, mas apenas coloquei-o sem fazer questionamentos.

— Não, de forma alguma, seu pedido é uma ordem, doutor.

— Bom saber, me atentarei em fazer mais alguns pedidos a você, Maria Luiza.

— Terei o maior prazer em atendê-los.

Seguimos percorrendo o caminho e conversando muito, e claro, falamos da nossa menina valente. Tanto eu quanto Leonardo estamos com muita saudade dela, e por isso planejamos que de ir ainda hoje até o orfanato para visitá-la. Preocupo-me se isso realmente será possível, vez que ainda não sabemos qual será reação e as consequências da conversa que Leonardo terá com o pai, que chega hoje do congresso que o manteve afastado esses últimos dias. Mas o que eu sei é que não posso mais passar uma semana sem sentir aquele cheirinho gostoso de Valentina, sem ver aquelas bochechas redondinhas, e sentir suas mãos gordinhas agarrando meu cabelo e tampouco sem aquele olhar que faz meu coração bater cheio de alegria e sensações reconfortantes.

O trajeto do apartamento até o nosso destino não é longo, a casa fica em um bairro nobre da cidade, as ruas bem cuidadas são preenchidas por casas grandes e lindas, cada uma com um estilo particular, algumas à vista, outras escondidas atrás de muros e portões altos totalmente fechados, exatamente como ao que estamos diante, no máximo trinta minutos se passaram e chegamos a casa em que Leonardo cresceu. O robusto portão de ferro na cor branca, e muro alto cobertos por heras bem aparadas me impede de ver qualquer coisa que esteja além dele. Mas assim que Leonardo aciona o botão do controle no carro, o portão se abre, e o que vejo é estonteante.

A medida que o carro se aproxima da casa, fico ainda mais encantada

com tudo que vejo, um belo jardim, com um gramado verde e no centro um chafariz, em volta alguns arbustos perfeitamente podados, muito jasmim e outros tipos de flores dão um lindo colorido. A casa chama atenção pelo seu tamanho, a cor predominante é branca, mas alguns detalhes são quentes, como marrom e vermelho. Não sou nenhuma entendedora de arquitetura, mas do pouco que já li em meus livros de romance e principalmente nos de história no tempo da escola, posso identificar traços de uma construção no estilo vitoriana, as janelas são grandes com várias divisões quadriculadas, uma varanda que se estende por toda a parte da frente, as vigas de sustentação são arredondadas, e bem no centro da grande porta de madeira esculpida, está Luiza à nossa espera.

— Aqui estamos nós, vamos?! — Leonardo diz, assim que desliga o carro.

— Essa casa é linda e esse jardim é maravilhoso — digo, sem esconder meu espanto.

— Bom, eu acho demasiadamente grande e ostentadora demais. Mas sim, é linda! E espere só até ver o jardim que fica nos fundos e todo o resto.

— Vou adorar ver tudo, com certeza!

Puxa vida, se a casa é assim por fora, fico imaginando por dentro! Parece aquelas mansões que só está ao alcance de nós meros mortais, através das novelas ou filmes.

— Bom dia, queridos! Que bom que chegaram! — Luiza diz ao descer as escadas e vir ao nosso encontro oferecendo seu caloroso abraço.

— Oi, mãe, tudo bem? — a resposta de Leonardo, vem cheia de ternura. E ele permanece carinhosamente com o braço por cima do ombro da mãe, afagando as mechas de cabelo cacheados que estão ali.

— Tudo ótimo, meu filho, e com vocês? Se divertiram bastante ontem? — os brilhantes olhos verdes de Luiza, vagueiam de Leonardo para mim. — Malu você está linda! Amei esse vestido!

Sorriso em agradecimento e contente, pelo menos Luiza já demonstrou que gostou, espero que vó Laura também.

— Obrigada, Luiza e você como sempre está ótima! — digo fitando a mulher que transborda em simpatia e beleza.

— Sim, a noite foi muito boa. — Leonardo e eu, respondemos quase juntos. E ele me dá aquele olhar. Fazendo-me lembrar de tudo que a noite nos reservou (de bom e principalmente íntimo).

Baixo a cabeça, disfarçando o sorriso *pecaminoso* que brota em meus lábios ao trazer as lembranças mais quentes à tona.

— E por aqui, tudo bem? — meu noivo acrescenta. Claramente, tentando disfarçar os resquícios de suas lembranças.

— Sim, por aqui tudo certo, exceto seu tio que me deixou preocupada. Aconteceu algo com ele ontem?

— Não! Como assim, o que houve? — Leo torna-se preocupado.

E eu, também. Afinal, o tio de Leonardo, agiu daquele jeito todo estanho depois que falei meu sobrenome.

— Hoje cedo quando acordei e fui lá atrás seu tio estava dormindo no jardim.

— No labirinto? — Leo pergunta e Luiza assente. — E porque o espanto? Ele já fez isso outras vezes. Teve até uma vez, que você me disse que não precisava se preocupar que era porque ele gosta daquele lugar.

— Sim, mas nunca com uma garrafa de uísque ao lado, e vazia. Ou seja, ele bebeu demais. Com muito custo consegui levá-lo para o quarto, e dar um analgésico a ele.

— Quer que vá checar como ele está? — Leo oferece.

— Fui ainda há pouco, está dormindo em um sono pesado. Obrigada, querido, mas não se preocupe com isso, *ok*? Eu deixei uma mesa de café da manhã para vocês no jardim dos fundos e vó Laura está lá, ansiosa para conhecer a Malu.

Luiza abraça-me uma segunda vez. Somos quase da mesma altura, e descansamos o queixo no ombro uma da outra, quando o abraço se torna mais demorado e acolhedor.

— Seja muito bem-vinda e sinta-se à vontade, Malu.

— Obrigada, Luiza. De verdade, muito obrigada.

— Agora vão... vó Laura e uma surpresa os espera!

Sem dizer mais nada Luiza sobe os degraus voltando para dentro da enorme casa, deixando Leonardo e eu sem entender.

— O que será? — digo, cheia de ansiedade.

— Não imagino, mas veremos em breve, vamos!

Leo pega na minha mão e nos conduz pelo caminho que dará aos fundos da casa. E por onde quer que eu olhe há plantas lindas e também algumas estátuas em gesso, o chão pedras, e percebo que a minha sandália de salto alto e fino não é um calçado muito adequado para andar aqui.

— Um aviso sobre vó Laura. Ela fala tudo que pensa, não tem travas na língua, por isso não se assuste com ela, ou com algo que ela possa dizer.

— É como, Melissa?

— Um pouco pior. Mas é maravilhosa.

— Não duvido que seja.

— Não se preocupe, ela vai adorar você, eu tenho certeza disso.

Espero que sim!

Assim que viramos pela lateral da casa e alcançamos os fundos eu avisto a vó Laura sentada numa cadeira de ferro, a sua frente um carrinho de bebê, certamente o bisneto Gustavo faz companhia a ela recebendo agradável sol o da manhã. A senhora, sem notar nossa proximidade tem sua atenção ao bebê, de cabeça baixa olhando para ele, tem em sua mão um chocalho que balança sorridente.

— Oi Vó! — Leo chama, há alguns passos de distância.

A senhora de cabelos brancos, presos em um volumoso e bem feito coque, levanta seu rosto dando-me uma visão por completo dele e seu sorriso, igualmente bonito como o de Luiza, mas ao contrário dos olhos da filha, os dela são castanhos claros, e nem mesmo o peso da idade apagaram o brilho que consigo notar daqui. Mantenho minha atenção nela, admirando-a com ternura, vê-la me fez lembrar da minha vó. Como pode? Os anos para algumas pessoas causam maiores danos e para outras não. Pois a vó de Leonardo apesar da idade que já alcança, dá sinais de plena lucidez e vivacidade, já a minha perdeu tudo isso quando perdeu sua memória. Mas é isso, a doença não escolhe quem vai atingir, apenas chega, tomando tudo da vida de uma pessoa, lembranças, memórias, convivência com quem se ama.

— Ei, belezinha, eles chegaram! — Ela diz, levantando-se e tirando o bebê do carrinho para aconchegá-lo em seu colo de modo que fique de frente para nós e nesse instante meu coração bate mais rápido descompassado e alegre. Não é Gustavo como havia imaginado, e sim Valentina!

— É a nossa menina! — Leo fala puxando-me com ele, andando depressa, vencemos totalmente a distância.

Ele, aparentemente, mais emocionado e surpreso do que eu, pega dos braços da vó nossa Valentina, que está linda em um vestido de cor pérola, fitas de cetim ornamentam a roupa, mas é o sorrisinho em seus lábios que faz tudo ainda mais valioso, é sua expressão diferenciada quando ouve a voz do homem que a ama sem medidas e sem reservas. Leo a beija, cheira, fala palavras de carinho e quanto mais ele fala, mais ela fica agitada, bracinhos e pernas correspondem ao estímulo. Mesmo ansiosa em pegá-la no colo, contenho-me em deixá-la nos braços do homem que ajudou a salvar sua vida, pois eu *bem* sei o quanto esse abraço transmite segurança e amor. E o quanto faz bem.

— Vó, essa é a minha noiva Maria Luiza. Maria Luiza, essa é minha vó Laura. — Leonardo diz sorridente. E Valentina parece prestar atenção.

Deseje-me sorte filhinha!

— É um prazer conhecer a senhora! — digo, estendendo minha mão e sustentando um sorriso nervoso.

Os segundos parecem intermináveis, seus olhos me varrem dos pés até

meu rosto, e parando por alguns segundos no decote do meu vestido.

Ai meu Deus, será que me preocupei em não mostrar muito as pernas mas exagerei no decote?

— É uma bela mulher. — Ela diz, examinando-me sem discrição.

— Muito obrigada — agradeço, ainda com a mão estendida e vazia. Pois a senhora examinadora não me deu a dela.

E permanece fazendo sua inspeção.

— O prazer é meu em conhecê-la — tomando finalmente minha mão — mas... não sei, tenho a sensação de ter visto você antes. Será possível isso? — acrescenta com uma expressão curiosa e ainda mais examinadora.

— Acho pouco provável, vó. — Leonardo interfere.

— É, deve ser esse meu cérebro gasto que está fazendo confusão. — Vó Laura suaviza seu olhar — Agora venha cá me dê um abraço, pois sou uma velha que gosta mesmo é de abraços e não só apertos de mão! — respiro fundo e relaxo abraçando-a.

Em seguida, Leonardo passa Valentina para o meu colo e posso me entregar a satisfação de senti-la junto ao meu peito e saciar um pouco da saudade. Avó e neto se abraçam, enquanto isso ela reclama algo sobre ele não a ter visitado nos últimos dias, e ele se justifica explicando a correria do trabalho.

Não precisou de muita conversa para que eu já me sentisse à vontade na presença da vó de Leonardo. Ela comentou da sua alegria em saber que o neto vai se casar, e demonstrou também felicidade sobre querermos adotar Valentina, este assunto trouxe outro relacionado que é o orfanato, onde ela falou com orgulho dos seus anos de envolvimento e todo carinho que sente pelas crianças.

Quando Leonardo perguntou como tinham trazido Valentina, ela foi sucinta em sua resposta.

— Foi ideia de Luiza, ela queria fazer uma surpresa para vocês e deu um jeito.

Porém, Leo preocupado em sempre fazer as coisas da maneira certa, insistiu por detalhes.

— Vó, explica isso direito, Valentina saiu com autorização do orfanato, né?

— Claro que sim! Sua mãe ligou no orfanato convidando a irmã Salete para o almoço, mas com a condição de que ela teria que trazer a menina de vocês. Então o motorista foi buscá-las hoje mais cedo.

— Obrigado, vó, foi a melhor surpresa que poderíamos receber hoje.

— Não há nada mais prazeroso que ver a alegria dos filhos, Leo. E tudo foi ideia da sua mãe, agradeça a ela. — Vó Laura aponta além de nós. Viramo-nos e vemos Luiza — Meu papel foi só ficar aqui com essa belezinha à

espera de vocês — completa, pegando nas mãos de Valentina.

A mãe de Leonardo se aproxima, percebo em seus olhos a intensidade da emoção. Emoção que preenche a nós todos.

— Tenho a vó, mãe, esposa e filha mais lindas e de caráter admirável do mundo. Deus foi muito generoso comigo ao colocar em minha vida mulheres tão incríveis como vocês. Eu sou um homem de muita sorte mesmo! Eu as amo muito! Obrigado por me fazerem tão feliz.

Os longos braços de Leonardo conseguem envolver a nós todas em um abraço. Impossível segurar a emoção que se torna ainda maior diante de uma declaração tão linda, e de um momento tão único como este.

— Repita isso novamente e não me inclua que me atiro agora mesmo nessa piscina e fico lá no fundo dela e você terá de me salvar. — A voz de Melissa ecoa atrás do nosso amontoado de emoção, fazendo-nos rir.

— Deixa de drama, venha cá! — Leonardo sorri e estende a mão para Melissa. Ela a encontra, e junta-se a nós. — Eu te amo você é a melhor irmã no mundo inteiro. — Ele diz, em um tom sério.

E pela primeira vez eu vejo essa menina mulher com um olhar vacilante. Com o queixo trêmulo e a voz embargada, ela responde o irmão exatamente com a mesma frase que ele disse a ela. Depois de um tempo abrigada no peito do irmão, Melissa sorri satisfeita e volta a ter aquele brilho bonito nos olhos e o jeito direto de falar.

— O pessoal já chegou: Derek, Beth e Beatriz estão lá na sala. Tio Miguel ainda não acordou e papai ligou, disse que não irá demorar. Mãe, ele sabia desse almoço?

A menção da presença do pai de Leonardo, e a forma como Melissa questiona a mãe sobre a ciência do pai, referente a este encontro familiar, me preocupa.

E mesmo que o sol esteja com toda sua divindade iluminando-nos e aquecendo-nos nesse momento, eu sei que a tempestade está chegando.



Tempestade II

CARLOS MIGUEL

— Miguel, meu amor, eu estou aqui. Miguel...

— Cecília? Cecília, é você?

— Sim, sou eu, meu amor.

— Cecília!. Não...não é possível. É só mais um sonho.

— Acorde, Miguel... você tem que se levantar dessa cama.

— Para quê? Acordar será lembrar de toda a dor que me machuca, pois você não me esperou, Cecília. Você não está aqui.

— Eu não estou, mas ela está... e você precisa vê-la, você precisa saber. E tem que estar ao lado dela, Miguel, ela vai precisar de você...

— De quem você está falando, Cecília... de quem? Quem é ela?

— Carlos Miguel! Vamos, acorde meu irmão, preciso saber se você está bem!

— Quem é ela?

— Como quem é ela? Miguel, sou eu Luiza que estou te chamando.

— Luiza?

— Sim...Luiza sua irmã. Santo Deus! Será que o álcool ainda está agindo no seu organismo? Vem eu te ajudo a levantar, você precisa de um banho.

— Luiza pega em meu braço tentando-me tirar da cama. O toque em meu braço

me faz olhar para ela, sua expressão é preocupa, esfrego as mãos no rosto e com dificuldades tomo ciência do que fiz ontem quando cheguei do bar e como deve estar meu estado agora.

— Obrigado minha irmã, mas não precisa se preocupar. Pode deixar eu consigo sozinho, não estou bêbado se é o que está pensando — falo esboçando um sorriso para tranquilizá-la e ao mesmo tempo sinto um gosto amargo na boca. *Estou péssimo, essa é a verdade.*

— Bom, ainda bem. Pois estou prestes a servir o almoço. E mamãe quer você lá embaixo. Você sabe que ela gosta de almoçar meio dia em ponto.

— Vou tomar um banho e já vou. Mas não atrase o almoço por minha causa, fiquem à vontade. Assim que terminar aqui, eu desço.

— Certo. Deixei um copo de suco de laranja e um analgésico. Vai te fazer bem.

— Obrigado, Luiza.

— Não demore.

Luiza deixa meu quarto, e eu reúno todas as forças para deixar a cama, ao me levantar a primeira coisa que vejo é o corpo de um homem devastado. Meu reflexo no espelho é lastimável. A roupa amarrotada da noite anterior combina com meu rosto. O cabelo uma bagunça e debaixo dos olhos bolsas escuras de olheira. Toda essa bagunça exterior, é a mesma que está dentro de mim.

Droga! Droga! Há quanto tempo eu não bebo desse jeito? Anos provavelmente, mas ontem eu estava disposto a qualquer coisa que me fizesse parar de pensar em Cecília... qualquer coisa que fizesse parar de doer a saudade, a mágoa e o arrependimento. Saudade de um cheiro que nunca mais senti, saudade do corpo que nunca mais toquei, saudade da mulher que está cravada no meu peito. Mágoa por ela não ter me esperado, como disse que esperaria. Arrependimento por ter partido e deixando-a sem ter lutado mais pelo nosso amor. Por não ter enfrentado nossos medos juvenis e ter ficado aqui ao seu lado, pois assim, nós nunca teríamos nos separado. E teríamos vivido a plenitude do nosso amor com ou sem aprovação dos nossos pais. Fui a merda de um covarde, isso sim.

Agora sofro as consequências. Estou num modo tão alucinado, que cheguei a sonhar com ela. Eu já havia sonhado, mas eram sempre sonhos com nossas lembranças, mas este, parecia real. Ouvi a voz de Cecília tão nitidamente, que eu pude até sentir o pincelar de seus lábios em meu ouvido. *Do que ela estava falando? Ou melhor, de quem ela estava falando?* Que loucura, talvez Luiza tenha razão, ainda há resquícios de todo álcool que ingeri. Só pode ser isso. O melhor a fazer é tomar um banho e tentar me desfazer de todo esse

tormento. Apesar de que, talvez ele só aumente, pois ver o rosto da noiva de Leonardo, só me faz lembrar ao de Cecília.

Há o que aqui? Um jogo traiçoeiro do destino? Ele se encarregou de trazer uma mulher exatamente igual à que amei para a minha família e que tem o mesmo sobrenome? Se Maria Luiza tem alguma ligação com Cecília. Eu saberei, e será hoje!

MARIA LUIZA

— Luiza, se seu pai estivesse aqui, estaria se acabando nesse almoço. Está tudo maravilhoso, minha filha. Parabéns! — a voz firme da vó de Leonardo ressoa no ambiente onde pouco se fala, já que a comida está tão gostosa que ninguém se atreve a parar de comer.

Como uma verdadeira matriarca, ela está sentada na cabeceira da longa mesa de jantar, equipada de louças de porcelana branca, talheres de prata e taças de cristais. Todo esse luxuoso arranjo não poderia ser diferente, já que toda a casa é assim — um luxo.

— Papai adorava comida italiana. Esse prato de tortellini era o preferido dele. Fiz questão de aprender este e tantos outros com a Rita.

— Rita? — questiono curiosa. Já que o mesmo nome da minha vó é mencionado.

E por coincidência ela fazia esses pratos que vejo aqui nesta farta mesa. Aliás era o meio de ajuda ao nosso sustento. Enquanto minha mãe trabalhava fora, minha vó ficava em casa, e em nossa pequena cozinha ela vivia entre farinha e ovos, pois fazia massas para vender nas redondezas e tinha uma boa freguesia que adorava as massas frescas feitas pela minha vó.

— Sim, Rita foi uma cozinheira que trabalhou conosco por muitos anos. — Luiza explica.

— Rita salvou meu casamento. — A vó de Leonardo diz em seguida. E seu comentário faz surgir um olhar curioso em nós.

— Como assim, dona Laura? Explica isso direito. — Derek pede de um jeito brincalhão enquanto termina de servir mais vinho em sua taça e na de Beatriz que está sentada ao seu lado.

Pois é lógico que ele fez de tudo para ficar exatamente onde está, próximo a morena que está mexendo com seus sentimentos. Leonardo me contou sobre eles, e gostei de saber que o amigo — solteiro e mulherengo — dele está aparentemente apaixonado e querendo agir diferente desde que conheceu essa moça.

— Eu não sei o que você pensou, meu jovem, mas lhe explico: Eu era uma mulher péssima na cozinha, e continuei sendo a vida inteira. — Risos são ouvidos com a declaração sincera de Laura — É verdade — ela afirma, e volta a explicar. — Magno era filho de italianos, a mãe dele cozinhou de dar inveja, fazia pratos da sua terra natal e meu marido estava acostumado com isso. Mas teve o azar de casar com uma mulher que não sabia nem fritar um ovo. Tentei

por alguns anos cozinhar ao gosto do meu marido para agradá-lo. Mas nunca consegui, foi então que conheci Rita e a trouxe para trabalhar aqui, e por sorte ela era ótima. Dei a ela o livro de receitas que era da minha sogra, e sim, todas as receitas que eu tentei fazer e nunca consegui acertar, ela conseguiu. Portanto, Magno não reclamava mais da comida, e eu então tive meu casamento salvo. Pois meu filho, hoje em dia isso não influencia em nada, mas na minha época isso seria capaz de fazer um casamento se acabar. E aquele italiano guloso, adorava comer bem.

Mais risos se sobressaem no tintilar dos talheres. E apesar do momento descontraído, percebo um olhar distante da vó de Leonardo. Certamente por lembrar do esposo, que não tem muito tempo que faleceu, deixando-a a encargo da família e com todas as lembranças e histórias que anos de convivência lhe renderam.

— Rita era muito boa mesmo. Eu gostava dela, sempre foi muito carinhosa ao me ensinar. — Luiza diz e sinto saudosismo em sua voz.

— Sim, eu também gostava muito dela, na verdade Rita se tornou uma grande amiga para mim. — A mãe de Luiza emenda e há também saudosismo em sua voz, ao falar *dessa* Rita.

E é o mesmo sentimento que atravessa meu coração agora, ao comer dessa comida que lembra tanto a da *minha* Rita, minha vó Rita.

— Ué, mas o que houve com ela, dona Laura? — Derek volta a questionar.

— Não sei, apenas um dia sai de casa e quando voltei ela tinha ido embora com a filha. — A resposta sai curta e posso até dizer que com ressentimento.

— O importante é que minha sogra linda aprendeu a cozinhar antes que ela se fosse, e para minha sorte Melissa adotou um pouco dos dotes culinários da mãe. — Luiz solta seu comentário cheio de graça, beijando o rosto da esposa.

Depois desses comentários, voltamos a saborear nosso almoço. Beth um pouco mais calada que o normal, sentada à minha frente, sempre que nossos olhares se encontram ela me dá um sorriso carinhoso. Ao seu lado a cadeira está vazia à espera do tio de Leonardo que ainda não apareceu. Luiza esteve no quarto dele um pouco antes de nos sentarmos à mesa, e disse que ele logo se juntaria a nós.

Leonardo e eu, estamos lado a lado, sua mão, vez e outra pousa na minha, assim como seus lábios que de vez enquanto se aproximam do meu rosto, perguntando se estou bem e deixando um beijo nele. Irmã Salete que antes de iniciarmos o almoço fez uma bonita oração que falava da alegria e gratidão em

partilharmos momentos como este em família, está ao lado dele. E deixou aparente sua satisfação em fazer parte conosco deste dia, assim como de saber que vamos adotar Valentina.

As crianças tiram uma soneca na sala sob a vigília da babá de Gustavo, eu não sabia que Melissa contava com o auxílio de uma pessoa para cuidar do filho, mas hoje fiquei sabendo que sim.

— Leo, você não está esquecendo de nada? — Melissa pergunta ao irmão.

— Não, Mel. Claro que não estou esquecendo de nada. — Ele responde, sem dizer muita coisa.

E claro, isso basta para que eu me torne curiosa ao assunto.

— Então faça logo, eu estou doida para ver!

— Melissa, deixa de ser intrometida, menina. — Luiza chama a atenção da filha.

— Tudo bem, mãe. Eu também estou ansioso para fazer isso. Estava só esperando que todos já estivessem minimamente saciados. E que a mesa estivesse completa. Mas... vamos lá.

Meu noivo afasta sua cadeira da mesa, colocando-se de pé, ergo meus olhos para fitá-lo em curiosidade. O que ele pretende fazer? O pedido de casamento já foi feito, duas vezes por sinal, o lindo anel que sustento com orgulho em meu anelar direito — e que não vejo a hora de mudar par ao esquerdo — foi-me entregue depois que fizemos amor aquele dia na clínica.

O que mais, pode me reservar este homem?

— Malu...— a pronúncia do meu curto apelido sai mais demorado e cheio de ternura dos lábios de Leonardo, que sorriem amplamente.

Oferecendo-me sua mão, pego-a, levanto-me e ficando ante a ele. Mantenho meus olhos nos dele, fixando-me na amplitude de tudo que passa neles.

— Malu, qualquer coisa que eu diga sobre o meu amor por você, pode soar repetitivo ou clichê, mas eu nunca me cansarei de proclamar todo o amor que sinto.

— E eu nunca me cansarei de ouvir, Leo.

— Que bom, meu amor! Pois hoje, diante da minha família que também já é sua e de nossos amigos eu quero e preciso dizer o quanto sua chegada me fez bem. Eu jamais imaginaria que algo cruel, como foi aquele acidente, onde você teve sua vida em risco, fosse o meio de fazer com que eu conhecesse a mulher que estava predestinada a ser minha. Você cruzou o meu caminho, Malu, e eu pude conhecer o amor verdadeiro. Não há uma ponta de dúvida em cada decisão ou em cada atitude que tive com você, desde o momento

que te pedi para ser minha.

Ele faz uma breve pausa, engolindo a emoção que o impede de continuar, aproveito para declarar o quanto ele represente para mim.

— Leo, você sabe o quão bem fez a mim, você é meu anjo. A forma em que nos conhecemos, como você disse, pode ter sido cruel. Mas tudo que veio depois dela, foi benevolente. Você cuidou de mim, ofereceu-me tanto carinho, tanta atenção e doação. Eu me senti segura, Leo. Mesmo quando todo meu corpo doía naquele chão, pois você estava lá. Eu sofreria tantos outros acidentes, se isso implicasse em te conhecer e me tornar sua.

Enxugando a lágrima que se aloja no canto de seus olhos. Leonardo torna a falar.

— Eu soube, exatamente no primeiro instante que te vi, que eu a desejaria para sempre. Por isso, quero que a partir de hoje, você use isto — uma caixa de veludo preta surge nas mãos de Leonardo, e eu estou tão emocionada que sou incapaz de perceber de onde ele a pegou, ou se alguém lhe entregou. Ao abri-la vejo um delicado colar de ouro e o pingente é o símbolo do infinito. Exatamente igual aos brincos que uso, e que eram da minha mãe. (E agora, entendo o seu pedido para que eu o usasse). — Assim como o símbolo do infinito, é o nosso amor. Os traços são em contínua ligação, não há neles um ponto de partida ou término, limites ou fim, tampouco nascimento e morte, exatamente como será com a gente, com o amor que temos um pelo outro, isso tudo, Malu, será eterno e infinito. Eu te amo sempre, para todo o sempre eu irei te amar.

Todo amor e admiração que carrego por Leonardo, transborda, unindo-se a emoção que este presente me desperta. Sua atenção em me dar uma joia para fazer par com os brincos que possuem tanto significado para mim, e que seu símbolo, tão lindo e poderoso é um verdadeiro ápice e não consigo conter as lágrimas, que descem copiosamente pela minha face enquanto ele afasta o meu cabelo e prende o colar em meu pescoço e em seguida toma-me em um beijo cálido. Entre o beijo digo o quanto o amo, e ainda descansando meus lábios no dele, e envolvida em seus braços, ouço palmas lentas, solitárias e secas.

Viramos para ver de onde elas vêm e quem a protagoniza. E constatamos dois homens, um é Henrique e um pouco além dele está Miguel.

— Ah... que cena mais linda! — Doutor Henrique diz, aproximando-se e mantendo suas palmas, pois é das mãos dele que o som impetuoso está sendo emitido.

— Pai. — Leonardo diz, encarando-o e o tom involuntariamente soa amargo.

Eu apenas sopro o nome dele, reunindo toda a minha força e coragem.

Pois apesar da frase que denota algo bom, eu sei que o vem dele não é. Trata-se apenas de deboche e talvez provocação. É a tempestade que chega.

— Pai!!! Que bom que você chegou há tempo de ver essa cena, foi linda mesmo!! — Melissa brada, deixando seu lugar e indo ao encontro de Henrique. — Ei, tio, você também está aí, isso ótimo! Agora a família está completa!

Miguel ao se aproximar também recebe o abraço de Melissa. E os dois ficam diante de nós.

— Perdoem-me pela indelicadeza do meu atraso. — Miguel diz, aparentemente sem jeito. E seus olhos estão fixos em mim.

— Vejam só o que temos aqui? Um almoço comemorativo, é isso? E eu, o dono dessa casa tampouco fui convidado. — Henrique queixa-se.

O breve silêncio constrangedor é interrompido pelo estalar de língua que vem da senhora que agora está de pé na cabeceira da mesa. E ela dá voz a sua expressão de altivez.

— Henrique, Magno pode estar morto, mas eu ainda estou viva! Portanto a dona dessa casa sou eu. Mas como você vive nela todos esses anos pode-se considerar como tal, e sendo assim não precisa de convite. Venha, sente-se. Seu lugar, o de sempre, ao lado da sua esposa, não foi ocupado — ela sinaliza. — E você também, Miguel, tem um à sua espera. Aliás o que não falta nessa mesa, são cadeiras. Vamos, sentem-se!

Os dois homens não se movem, e possuem como mira, Leonardo e eu. Começo a ficar nervosa com a atitude deles e com a forma que nos olham. Bom, de Henrique eu já esperava uma recepção não calorosa, mas não entendo a expressão do tio de Leonardo.

— Gente! Que colar mais lindo! — Melissa que parece alheia ao efeito da situação vem até mim e toca o delicado colar em meu pescoço. — É muito lindo. Você é muito linda! Estou tão feliz por vocês! — ela diz, em um sorriso acompanhado de um olhar meigo. — Ah meu Deus! Espera! — sua mão deixa o colar e vai para cabelo, colando uma mecha atrás da minha orelha. — Você está usando brincos iguais ao colar. São tão delicados, foi Leo quem te deu também?

— Não. Esses brincos eram da minha ...

Sou impedida de terminar minha frase.

— Deixa eu ver! — Miguel avança até mim de uma forma abrupta e meio que chega a empurrar Melissa. As íris de seus olhos castanhos estão dilatadas e elas estão ali no brinco e no meu rosto, e assim como Melissa fez no colar — mas vindo de Miguel é totalmente estranho — ele leva a mão ao meu pescoço, na altura da orelha, a proximidade é tanta que posso sentir sua respiração pesada, a cabeça inclina-se levemente, a testa ganha um vinco central,

como numa expressão de dor, mas à medida que ele perpassa seu polegar sobre o brinco, seu olhar se suaviza.

— De quem eram esses brincos? Quem é você? — Ele murmura.

Meu coração acelera com a ação dele, e seu questionamento. Assim como o medo desconhecido.

— Tio Miguel, o que é isso? — Leonardo questiona, mas o tio não responde nada.

— Que idiotice é essa, Carlos Miguel? São só brincos, há a venda mais desses do que você possa imaginar? — Henrique interfere nitidamente incomodado.

— Não! Não como estes... não sendo usados por alguém tão parecida com *ela*. Me diz, Maria Luiza, me diz de quem são esses brincos. — Miguel continua fitando-me intensamente. Sem deixar de passar o dedo no brinco.

— Miguel, meu irmão, tenha calma. Henrique tem razão, há muitos desses brincos por aí. Por favor, você está assustando a Maria Luiza. — Luiza tenta afastar o irmão, pegando-o no braço, mas é inútil, pois ele não se move, e desconfio que só fará isso quando eu der a resposta que tanto quer.

— Me diga, por favor. A dona desses brincos é a sua mãe, não é?

Miguel, o nome do seu pai é Miguel. A voz da minha mãe surge na minha mente. E o medo que outrora era desconhecido, torna-se conhecido. E isso acontece tão rápido justamente porque *este* Miguel agiu de uma maneira tão estranha ao me conhecer, que me preencheu de receios.

— Sim — respondo em um sopro.

— E qual é o nome dela, Maria Luiza? Eu só preciso do nome — tortuosamente, ele pede.

— Cecília. — Dou-lhe a resposta sem relutar.

— Cecília? — o nome da minha mãe sai em um misto de dor e alegria através dos lábios de Miguel.

— Sim, o nome da minha mãe é Cecília. — Volto a afirmar, sentindo meu peito comprimir.

— Meu...Deus! Você é filha dela, você é filha da minha Cecília. Eu não posso acreditar!! — ele diz através de um soluço de choro que é abafado por um sorriso no mesmo instante.

Meu peito comprime ainda mais, pois eu sei que em breve não haverá mais sorriso e somente lágrimas.

— Ei... alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? Tio, fala alguma coisa. — Leonardo totalmente confuso tenta afastar o tio dele de mim. Mal sabe ele, que este homem não é apenas tio dele. Que armadilha, foi essa que destino me preparou?

Eu não posso acreditar este homem é meu pai! Um medo latente em saber quem ele era me acompanhou por todos esses anos, e agora eu queria não estar aqui, diante dele. Eu não queria que fosse dessa forma, eu não queria — muito menos imaginar — que ele fosse o tio do Leonardo, meu noivo.

Mas por um breve momento, sinto-me alheia a tudo isso e deixo apenas o sentimento de encontrar meu pai transbordar em meu peito. Concentro-me eu seu rosto tentando me enxergar nele, faço isso tentando encontrar traços que nos assemelham e encontro. São características sutis, mas estão lá, sem conhecê-lo, sem saber quem era o meu pai eu só conseguia atribuir toda minha carga genética a da minha mãe, mesmo sabendo que biologicamente isso é impossível. Contudo era exatamente assim que pensava, pois não tinha um pai para comparar e agora tenho. Ele está diante de mim tão surpreso quanto eu. Sua alegria em saber que sou a filha de *sua* Cecília é tão extenuante que de alguma maneira me acalma fazendo com que o tal medo ou receio em ser rejeitada vá para bem longe.

— Onde? Me diz onde ela está. Eu preciso saber, eu preciso vê-la. — A pergunta que eu temia chega, e eu começo a me quebrar, uma dor intensa me atinge, é tão forte que sinto uma pontada em meu peito, comprimo-me, meu corpo todo enrije-se. Ter de dizer a ele que ela está morta fará sofrê-lo, vai machucar seu coração, momentaneamente feliz, e me machucará também assim como reacenderá a minha própria dor. Acabo de descobrir quem é meu pai, mas minha mãe não está *mais aqui*. O que a vida fez conosco? Por que não tivemos a oportunidade de vivermos os três juntos e felizes como uma família?

— Não...não....você não pode vê-la. — digo temendo tudo que está por vir.

— Por que, não? — ele insiste e eu começo a sentir o ar ficar pesado a cada segundo — Tudo bem se ela está casada. Eu não quero interferir na vida dela, eu apenas preciso vê-la. Eu preciso fazer com que ela saiba que eu nunca deixar de amá-la! Eu preciso, me diz por favor. Aonde ela está? Eu vou ao encontro dela, aliás, porque ela não está aqui com você?

— Você não poderá vê-la... Eu não posso vê-la! — grito, não suportando a dor que essa afirmação me traz.

É aquela dor cortante que está guardada por anos no fundo da minha alma, e associado a dor, há também raiva. A raiva que senti quando ela se foi e me deixou. E que agora ressurgiu, pois eu sei que não foi só a mim que ela deixou partindo tão cedo. Ela deixou o seu grande amor, aquele descrito na única página que eu li do diário, e que eu estou tendo a chance de vê-lo diante de mim, e sentir nele a mesma intensidade das palavras que registraram o que a minha mãe sentia.

— Por que, não? O que aconteceu com Cecília? O que houve com ela?
— ele grita.

— Tio, já chega! Malu, vem vamos sair daqui. — Leo firma suas mãos em minha cintura, e eu sou grata pois sei que precisarei de seu sustento.

Estou prestes a me quebrar totalmente e fazer um coração se quebrar, talvez mais do que já esteja.

— Ela está morta! A sua Cecília, a minha mãe, morreu quando eu tinha quinze anos — digo, fazendo-me em mil pedaços.

O sorriso que ele tinha nos instantes atrás quando soube que Cecília é minha mãe somem. Miguel fita-me completamente atônico, encaro-o esperando que a notícia seja brevemente digerida. Ele leva as mãos ao rosto esfregando-as com força quando volta a me olhar não aguento ver aquele semblante triste, quebrado. Em choque ele começa a mover lentamente a cabeça de um lado para o outro, negando a si mesmo a notícia que acaba de receber. Com o queixo trêmulo segurando sua dor e com muita dificuldade ele murmura “*não, não pode ser*”.

— Eu sinto muito — sussurro sentindo as lágrimas descendo pelo meu rosto.

— Não!!! Não!!! Cecília não pode estar morta!!! Não!!! — Miguel grita atordoando e eu o vejo se quebrar, assim como eu já me quebrei naquele dia quando vi minha mãe morrer, e hoje quebro-me novamente por testemunhar a dor que ele sente.

Um choro convulsionado me atinge, fraquejo e todo o meu corpo treme, e se não fosse a sustentação dos braços de Leonardo eu já estaria no chão.

— Nós não estamos falando da mesma Cecília... não pode ser. Isso é um engano. Mas... mas o sobrenome é o mesmo... então... Mas não. Cecília, a minha Cecília não está morta. — Suas palavras de negação e inquietação são dolorosas.

Eu sinto sua dor tão intensa, sofro com ele e por ele. Eu acabo de encontrar meu pai e tenho que ser a pessoa que lhe dá a notícia certamente mais triste de sua vida. Mas ainda preciso lhe contar que eu sou a filha que ele teve com a sua amada Cecília, isso acrescenta ainda mais toda essa enxurrada de emoção, quero nesse momento lhe contar a verdade, mas todos esses sentimentos transbordam e não consigo falar nada além de chorar. Sinto-me fraquejar e por isso apenas agarro em Leonardo deixando todo o choro sair.

— Miguel, eu se fosse você, meu cunhado, não dava ouvidos, pois essa moça aí... é encrenca. — Henrique diz, fazendo com que eu fraqueje ainda mais então para Miguel buscando forças. E claro ele continua com seu olhar devastado.

Porque esse homem sente tanta raiva de mim?

— Você enlouqueceu, pai?! Maria Luiza é minha noiva e eu exijo que você a respeite! — Leonardo fala exasperado, e com o rosto junto ao seu peito, sinto as palavras ressoar com força através dele.

— Por favor todos se acalmem, agora! — a mãe de Leonardo pede na intenção de abrandar a situação.

Sinto-me desorientada, encontrar meu pai e sendo ele da família do meu noivo acrescenta um peso em minha mente. As vozes assim como os rostos dessas pessoas tornam-se vultos, minha consciência se perde diante de tudo isso. Ainda com os pensamentos confusos busco pelos bebês no meio dessa confusão, mas não os vejo mais na sala.

— Só estou falando a verdade, essa moça só faz confusão. Outro dia na clínica você foi grosseiro com Carolina, por causa dela, e ontem *essa* que você chama de noiva agrediu Carolina. Ou seja, eu realmente não sei o que você está fazendo ao lado de uma mulher como esta. Ela só traz problemas, e agora está fazendo seu tio passar por toda essa situação. — Henrique fala com naturalidade.

E eu quero dar ele as respostas devidas, mas não tenho forças suficientes para digladiar com um homem como ele. Não agora, onde ainda estou reunindo meus cacos, e porque ainda vejo Miguel quebrado, desolado.

Mas meu protetor faz isso por mim.

— Pelo visto o senhor está bem informado, mas se tem alguém que procura confusão não é Maria Luiza e sim Carolina, só que isso não é algo que eu tenha que explicar a você. O que eu exijo é que você respeite Maria Luiza. Pois essa mulher como você disse, é a mulher que eu amo, com quem vou me casar e que será a mãe dos meus filhos, além do mais ela já a mãe da minha filha, pois nós iremos adotar Valentina.

— Adotar a menina da lixeira? Bom, isso é o que você pensa. — Henrique diz.

E a forma como ele fala de Valentina, faz com que eu meus dedos agarrem com força o tecido da camisa de Leonardo, afundo meu rosto em seu peito e nesse turbilhão de sentimentos o medo e receio crescem.

— O que você está querendo dizer com isso? — Leonardo questiona. Suas mãos estão envolvendo-me de uma maneira protetora.

— Ah, Leonardo deixa de ser patético, vai. Você já passou dos limites, se casar com uma mulher que mal conhece e ainda adotar uma criança que também não se sabe a origem é ridículo. — As palavras de Henrique saem com desprezo.

— Como você é preconceituoso. Tenho vergonha de ter um pai assim.

Mas escute bem: Maria Luiza é muito digna e honrada. E eu acho bom que você a aceite em nossa família e principalmente que a respeite. Assim como terá de fazer com Valentina. — Leonardo é firme ao dizer.

— Isso é algum tipo de ameaça, por acaso? — Ergo um pouco o olhar e vejo Henrique encarando o filho com raiva.

— Não. É um aviso. E pai, eu tenho outro aviso para dar. Pare agora de fazer qualquer coisa que esteja planejando referente a clínica.

— O que você está querendo dizer? Eu sou o responsável por tudo aquilo, eu a mantenho funcionando. Se não fosse por mim, essa clínica teria morrido, muito antes até do doutor Magno morrer. — O pai de Leonardo, fala cheio de razão e segurança.

— Sim, todo o seu trabalho é inquestionável. Mas isso não lhe dá o direito de fazer o que pretende fazer. Você ouviu o que eu disse: Pare. Agora.

Pai e filho, ficam diante um do outro. Fúria começa a brotar nas expressões de Henrique, e pelo visto, ele sentiu o peso do que Leonardo acaba de dizer.

— O que é que Henrique quer fazer na clínica? Fale, Leonardo, eu quero saber. — Dona Laura que até então observava calada entra na discussão.

— Não há nada, dona Laura. Leonardo não sabe o que diz, ele está com a cabeça no mundo da lua por causa de um rabo de saia. — Henrique se adianta em dizer.

— Leo, eu estou esperando, me diga. — A senhora insiste.

— Vó... — meu noivo inicia.

— Cala a boca, Leonardo! — Henrique grita preocupado. Seu grito faz meu corpo se contrair. Tento de alguma maneira me manter forte, sinto o olhar de Miguel em mim.

— O meu pai está transferindo a clínica para o nome dele. Um novo contrato social foi feito, onde minha mãe e o tio Miguel são excluídos e ele se torna o novo dono da clínica Doutor Magno.

— E aproveitando esse momento, você sabia dessa mudança, mãe?

— Não, eu não sabia de nada. E, não. Eu não estou de acordo. — Ouço Luiza dizer, seu tom é de incredulidade.

— E você, tio?

— Eu também não. — A voz de Miguel soa aparentemente melhor.

— Ou seja, já que os donos da clínica não sabem e muito menos estão de acordo, ele está roubando a clínica. E tem mais... ele está fazendo tudo às pressas, e eu até quero que o doutor Henrique, nos diga, o porquê de tanta pressa em fazer essa alteração, e por que só *agora*, já que desde que o vô Magno morreu, ele deteve de meios para realizar tal feito. *Hein*, pai?! Nos diga o

porquê?

— Já chega! Eu não admito que você fale comigo nesse tom, e muito menos que me acuse levemente! Você é um filho ingrato, isso que você é! — o pai de Leonardo se faz de vítima, mas seu descontrole e sua ira são notáveis.

— Meu neto, essa é uma acusação muito séria. Você tem certeza do que está falando? Como obteve essas informações? — A matriarca da família, fala.

— Certeza absoluta, vó. E as informações eu garanto que são de fonte segura. — Leonardo me olha de um jeito que percebo sua intenção em me poupar. Todavia não será necessário. Eu não quero isso.

— Tão segura, que você não é capaz de dizer quem é. — Henrique debocha.

Reúno minhas forças ergo meu rosto do peito de Leonardo e digo:

— Eu. Eu sou a fonte. Foi através de mim que Leonardo ficou sabendo — digo tornando-se o mais firme possível e deixando que minha voz saia exatamente da mesma maneira.

— Mas é claro! A mulher confusão tinha que estar por trás dessa calúnia toda. Você não deve nem saber o que é um contrato social, então me diga de onde é que você tirou essa asneira toda? — o pai de Leonardo, mantém mascarando seu medo tentando inverter o jogo.

Inspiro fundo. Como ele pode me questionar a tal ponto.

— Para sua informação eu sei bem o que é um contrato social. Especificamente o da clínica pois ele esteve em minhas mãos, tanto o atual onde Luiza e Miguel são os sócios proprietários, quanto aquele que os exclui da sociedade e no lugar entram o senhor e o doutor Alfredo, 90% e 10 % respectivamente — explico pausadamente e em minúcias. — Mas tem um detalhe, doutor Henrique. Certamente na pressa em assinar, acabou esquecendo justamente da última página. E o contrato social, que *faria* do senhor dono da clínica Doutor Magno, não seguiu para a devida formalização junto aos órgãos responsáveis. E agora ele repousa sabe onde? Em cima da mesa, aliás, *minha* mesa, no escritório onde *eu* trabalho. — digo, dando a ele informações que o deixam nitidamente preocupado.

— Henrique, você não pode ter feito isso! Por que, Henrique? Por quê? — Luiza completamente decepcionada fala olhando para o marido.

— Isso é uma grande mentira, vocês não podem acreditar nela. Está na cara que ela sim, é uma grande usurpadora, querendo colocar todos vocês e principalmente você, Leo, contra mim. — Henrique fala apontando o dedo para mim.

Suas palavras de alguma conseguem me ferir.

Nunca permiti que minha honestidade fosse colocada em xeque. Aprendi desde cedo com minha mãe e com minha vó, que esta é nossa maior arma contra os ataques desse mundo, repleto de pessoas que estão sempre dispostas a tudo, para obter êxito em cima dos outros e saciar seus egos que são maiores e mais importantes que o caráter.

— Eu tenho fotos no meu celular e também cópias que estão em casa, que podem comprovar. Eu jamais, inventaria uma coisa dessas. E se tem algo que carrego com orgulho de tudo que minha mãe e minha vó me ensinaram, é a honestidade. E eu estou sendo ao falar sobre essa questão da clínica, e principalmente no que vou dizer agora.

CARLOS MIGUEL

Acompanho atordoado toda essa discussão e o principal motivo por estar assim não é saber que meu cunhado está com objetivos escusos em relação à clínica, evidente que isso me preocupa, pois é o legado de meu pai. Mas nenhuma outra notícia supera a de saber que a minha Cecília está morta. *Deus como isso machuca!* Por todos esses anos desde que nos separamos vivi com um punhal cravado em meu coração e o cravei quando soube que ela havia ido embora, fiquei ferido, conheci a dor que o amor pode trazer. Contudo, de alguma maneira ainda tive forças para seguir, pois imaginava que em algum lugar Cecília estava vivendo, estava seguindo com a sua vida, e mesmo que ao imaginar que os sorrisos dela não eram para mim (e isso era terrível), ainda assim eu poderia viver, afinal, imaginava que ela estava bem e para alguém ela os oferecia.

Mas agora ao saber que ela morreu esse punhal acaba de ser arrancando, pois ele representava Cecília em meu coração e ao arrancá-lo eu sangro... sangro... e minhas forças parecem se esvair.

Olho para o rosto da filha dela, esse rosto familiar que abalou meu emocional desde que o vi. Esse rosto tomado por dor, choro e confusão. E em alguns momentos ao tentar encontrar algo em seu olhar que me conforte eu tenho o vislumbre de ternura. Lembro-me do sonho que tive com Cecília, o sonho que parecia tão real e uma esperança involuntariamente palpita no meu coração devastado.

Todo este falatório sobre a clínica está me sufocando eu quero que parem de falar sobre isso, pois eu quero ter uma conversa com Maria Luiza eu quero detalhes eu preciso que me conte o que aconteceu com Cecília. Porém mesmo me sentindo sufocado eu noto tanta raiva em Henrique ao falar com Maria Luiza e isso me incomoda, ele não pode tratar a filha da Cecília desta forma. Ela está tão fragilizada, e acolhida nos braços de Leonardo tenta ser forte e dizer o que sabe, tenta contrapor o que Henrique diz contra ela.

Estou a ponto de explodir e dizer que se calem, mas quando ouço Maria Luiza mencionar a mãe e avó e dos valores que elas a ensinaram, torno-me atento e sinto um certo orgulho, tenho certeza que Cecília foi uma mãe maravilhosa.

— Miguel — Maria Luiza diz, sua voz assim como seu olhar estão vacilantes. Ela se afasta de Leonardo, da alguns passos em minha direção e ficando ante a mim pega minha mão. Seu gesto me paralisa, observo-a

aguardando por qualquer coisa que ela tenha a me dizer. Maria Luiza inspira fundo, sinto-a nervosa, suas mãos tremem, eu as seguro firme oferecendo apoio e incentivando-a que fale.

— Eu me chamo Maria Luiza Ventura, minha mãe Cecília Ventura, e minha vó Rita Ventura. Então se Cecília Ventura, foi a mulher que você amou, eu provavelmente — Ela esboça um sorriso e isso por si só alcança minha alma como uma luz, meu coração ferido resolve bater acelerado em antecipação por aquilo que Maria Luiza está prestes a falar. — Bom, provavelmente não. De certeza, eu sou sua filha. — *Meu Deus!* Fico totalmente sem reação, mas imediatamente uma inquietação assume meu corpo e à medida que meu cérebro repete as palavras que acabo de ouvir sinto uma emoção incontrolável.

A voz de Maria Luiza é branda e ela aparenta uma calma em seu semblante que até então não tinha.

— E de verdade eu nunca... nunca soube sobre a identidade do meu pai, até que minha mãe estava prestes a morrer... Ela me disse pouco, apenas que o nome do meu pai é Miguel. E que ele nunca soube da minha existência. Mas há um ... um diário...

— O diário de Cecília — completo, surpreso.

— Sim, você sabia que ela escrevia nele? — ela indaga.

— Sabia, ela adorava escrever. Eu dei a ela aquele diário em seu aniversário de quinze anos, junto com esses brincos que você está usando — conto trazendo todas as recordações para o presente.

— Então... eu só li uma página, esses anos todos eu não quis saber, sinceramente eu não tinha coragem para saber a verdade. Mas ela me disse que neste diário está a história de vida dela, e também as informações necessárias para saber quem é meu pai e achá-lo, mas pelo visto, eu já o encontrei, antes mesmo de ler tudo que há no diário.

Tudo que Maria Luiza me diz bate forte em minha mente. Me sinto confuso, como isso pode ser? Com estou tendo essa informação, essa importante informação, somente agora?

— Como assim? Então, eu fui embora deixando Cecília, grávida? Por que ela não me contou? Eu nunca a teria deixado sozinha! Deus! Como me arrependo de ter ido, de ter obedecido ao pedido do meu pai.

— Eu não sei por que ela não te contou. Mas certamente no diário estão todas as respostas para o que queremos saber.

Respiro com dificuldade, repito a cena da noite anterior e meus olhos examinam Maria Luiza atentamente assimilando cada detalhe. Seu olhar está cheio de receios, mas quanto mais eu olho para ela sinto a luz, uma luz que abrandava minha dor, uma luz capaz de começar a cicatrizar minhas feridas.

— Você é minha filha? — digo, tomando seu rosto em minhas mãos. Não contendo a emoção que essa notícia me traz e deixo que as lágrimas desçam pelo rosto, mas são lágrimas de felicidade e a emoção que sinto é a mesma de Maria Luiza que também chora — Eu e Cecília tivemos uma filha! Oh meu Deus! Eu não posso acreditar! Estou tão feliz por saber isso! EU tenho uma FILHA! — Lentamente aproximo-me e beijo sua testa e sinto explodir em mim uma alegria que jamais imaginei sentir. Em seguida tomo-a em meus braços, seguro firme seu corpo trêmulo e pela primeira vez na vida eu abraço a minha filha.

Em meu peito ela continua a chorar, baixo meu olhar para encontrar o dela e vejo em seu rosto um sorriso misturando-se as lágrimas, ela inspira fundo como se um peso saísse de seus ombros. Ofereço-a instantaneamente meu amor, meu colo, embalo-a e mesmo que lamente pelos caminhos que separaram Cecília de mim eu agradeço ao destino por ter trazido a nossa filha para os meus braços.

— Não!! Isso não pode estar acontecendo. Eu sempre soube que você me traria problemas. Sua bastarda desgraçada! — a voz de Henrique ecoa feroz, quebrando o meu momento com Maria Luiza, olho para ele que está tomado pela fúria.

E mais feroz que a voz de Henrique, está Leonardo que tão rápido quanto a luz, alcança o pai, empurrando-o contra parede. Ele o agarra pelo colarinho da camisa, os punhos cerrados com toda sua força e em seguida minha irmã Luiza corre para afastar pai e filho.

— Não, Leo! Por favor, não faz isso, meu filho! Apesar de toda a raiva que sente agora, não esqueça que ele é seu pai. E eu sei que você não se perdoaria se o machucasse. — Luiza diz, nervosa.

Maria Luiza e eu nos separamos e vamos até os dois que estão prestes a iniciar uma briga.

Aliás estamos todos tentando amenizar essa situação. Luís e Derek ajudam na tentativa de separá-los, mas Leonardo não está disposta em soltar Henrique.

— Leo, você não precisa fazer isso — Maria Luiza diz, tocando o ombro de Leonardo.

Ao toque dela, ele abrandando e lentamente solta o pai.

— Malu... — Leonardo sussurra, abraçando-a.

Henrique resmunga mais alguma coisa enquanto se afasta. Não compreendo por completo, apenas consigo ouvir ele repetir “*eu sempre soube que você me traria problemas*” apontando o dedo com raiva para Maria Luiza.

— Espera aí... o que foi que você disse, Henrique? — digo, fazendo Henrique congelar no lugar — “*Eu sempre soube que você me traria*

problemas?”. O que você quer dizer com isso? Você sabia quem era ela? — aproximemo-me de Henrique e fico ante a ele.

A resposta não vem.

— Responda!!! Eu te fiz uma pergunta!!! — grito.

— É claro que eu não sabia de nada, vocês estão loucos! E parem de dar ouvidos a ela. Eu não sei como, mas ela soube do seu caso de amor com a filha da cozinheira e agora está aqui se fazendo de coitadinha inventando tudo isso. Você acha mesmo que uma mulher criaria a filha sozinha, sabendo que o pai é rico? Que a família é abastada? Está na cara que essa mulher está mentindo, isso é um golpe, ela não é sua filha!

— Eu não estou mentindo!!! — Maria Luiza diz, abraçada a Leonardo.

— Fale o que você sabe, Henrique e como você sabe? — Inquieto exijo por respostas.

— Miguel, meu irmão, calma. — Luiza pede. E eu sinto muito por vê-la tão nervosa, mas não posso deixar de saber mais nada sobre Cecília e sobre Maria Luiza.

— Luiza, como eu posso ficar calmo? Olha para Maria Luiza, ela é a cara de Cecília, e como ela poderia saber de tudo isso? É claro que ela não está mentindo. Maria Luiza é sim, minha filha e eu suspeito que Henrique sabia disso — faço uma pausa examinando minha irmã. — Luiza, você sabia?

— Meu Deus, Miguel! Claro que eu não sabia. Eu só fui perceber as semelhanças quando você começou a perguntar dos brincos, até então eu não havia me dado conta. Como eu não percebi antes, eu não sei. Mas sim, ela é cara da Cecília, linda... linda feito a mãe. — Seu olhar desvia-se para Maria Luiza que nos olha assustada.

Por um instante paralisamos olhando-a. Pois as semelhanças são tão grandes que é como se víssemos Cecília nela. Minha mãe deixa o seu lugar e vai até Maria Luiza, faz o mesmo que eu já havia feito, analisa Maria Luiza.

— Eu posso estar velha, com as pernas um pouco fracas, a pele enrugada, e o cabelo branco. Mas se há algo bom em mim, é que a idade não levou minha memória. Quando eu botei meus olhos nela eu sabia que conhecia essa moça, bom, não essa exatamente — os dedos de minha mãe tocam a face de Maria Luiza. — Mas esses traços não passaram despercebidos por mim. Principalmente essa boca aí com esses lábios de dar inveja a qualquer mulher. Está na cara, literalmente na cara que ela é filha de Cecília. Mas como pode ser sua filha também, Miguel? — ela questiona voltando-se para mim. — Você viveu um caso de amor com a filha da Rita, debaixo do nosso nariz?

Antes que eu responda qualquer coisa e revele tudo para minha mãe, Henrique abre a boca, mas o que vem dela não é nada agradável.

— Vocês estão malucos?! Claro que ela não é filha do Miguel. Nós nunca ficamos sabendo que fim deu aquelas duas... elas sumiram daqui, nunca mais voltaram e agora vocês irão acreditar numa desconhecida qualquer que chega contanto essa a história. Está na cara que essa mulher não passa de uma golpista.

— Não falei assim com ela! — exclamo com raiva. — Você não tem o direito de acusá-la, Henrique. E principalmente quero que você me diga o que sabe, pois, a afirmação que fez antes deu a entender que sempre soube quem ela é. O que você está escondendo de nós, eu exijo que você fale.

Henrique parece ponderar o que dizer.

— Olha, querem mesmo saber? Sim! Eu sempre soube da existência dela. E agora sei que ela é mais esperta e menos ingênua que Cecília. Mas é exatamente como a mãe em outro quesito: uma vadia fácil e interesseira.

— Seu desgraçado!!! — vocifero e Leonardo me acompanha ao mesmo tempo que avançamos para cima de Henrique.

Leonardo o alcança primeiro e novamente prensa o pai dele na parede, ele empurra o antebraço no pescoço de Henrique e seu punho direito está erguido pronto para deferir um soco, mas eu o impeço.

— Sai, Leo! Deixa esse desgraçado comigo. Você não precisa e nem dever fazer isso. Mas eu preciso e eu vou! — e não há tempo para que Henrique fuja, ou se esquive.

Defiro um soco certo e forte atingindo o maxilar de Henrique que cambaleia e vai ao chão, monto nele, e nesse momento não penso em mais nada, libero minha raiva dando seguidos socos e nem vejo onde estão pegando, mas sei que estou acertando-o com toda força que tenho, Henrique geme e tenta se desvencilhar, rolamos pelo tapete, sou atingindo por um soco, mas sou incapaz de sentir qualquer dor, continuo a bater e me defender. Sinto braços me puxando tentando me afastar de Henrique, mas sou um homem tomado pelo instinto de defender a filha e nada me fará parar, até que ouço a única voz que pode fazer isso.

— Parem agora vocês dois! Miguel, já basta! — minha mãe diz, altiva. Enrijeço meu maxilar, não quero parar. — Afaste-se, Miguel! — Ela ordena. Quero que o deixe lúcido.

Contrariando minha própria vontade levanto-me devagar olhando para a o rosto de Henrique e isso me dá gana de voltar e lhe dar mais socos, mas alguém me puxa afastando-me de vez dele.

— Levante-se, Henrique, pois agora quem terá uma conversa com você será eu, Laura Magno, sua sogra, a mulher que te conheceu ainda quando você era só um jovem, mas que já dava sinais de que seria um problema no

futuro. Ambicioso e ardiloso, armou contra a própria família que o acolheu, que te ajudou e que te fez o médico que és. Portanto, levante-se, limpe este sangue da sua cara e venha falar comigo.

Vejo Henrique obedecer ao comando dado por minha mãe, mas ao se mexer e principalmente a mão ele solta um grito de dor, ele está ferido, e é justamente na mão. A mão firme que realiza cirurgias delicadas no cérebro. Maldito, eu ainda não sei todo o mal que pode ter causado em minha vida, mas parece que o destino já começou a cobrá-lo por suas ações.



A tempestade continua

MARIA LUIZA

Miguel sentado de um lado da sala e Henrique no outro, os dois recebem cuidados com os ferimentos, bom, Henrique bem mais que Miguel, já que ele acabou apanhando mais. A briga foi rápida, mas o suficiente para deixar um corte no supercílio e um nariz sangrando. Mas creio que o pior de tudo foi seu dedo indicador, que Derek não confirmou se está quebrado ou não, mas improvisou uma tala e o enfaixou bem. Henrique queria deixar a e ir para a clínica receber atendimento, mas Laura não permitiu. Já Miguel está apenas com um corte nos lábios.

Presenciar uma briga já é horrível ainda mais quando acontece dentro de casa e protagonizada por membros de uma família, todos nós ficamos assustados, Melissa e Luiza gritavam desesperadamente que separassem os dois, foi triste demais.

— Esse maldito merecia apanhar mais. — Miguel rosna enquanto segura uma toalha com gelo em seus lábios. E Beth está ao seu lado pronta para lhe aplicar um curativo no corte.

— Você quebrou meu dedo seu irresponsável. Como farei minhas cirurgias agora? — Henrique vocifera do outro lado.

— Dane-se suas cirurgias, Henrique! Aliás não sei onde você fará

cirurgia, pois na minha clínica que não será. — Miguel rebate.

— Calados os dois! Tenham um pouco de compostura e vamos conversar como adultos. Eu quero saber de tudo. — Laura avisa olhando para Henrique. — Vamos, Henrique, comece agora a contar tudo o que sabe sobre Maria Luiza. Eu quero a verdade.

Henrique por um momento me lança um olhar de raiva. Talvez em outras circunstâncias eu me sentiria intimidada. Mas não mais, principalmente agora que além de me sentir protegida por Leonardo, sinto-me também protegida por Miguel — meu pai.

Na ampla sala, estão Luiza que ficou extremamente nervosa e agora bebe um copo de água com açúcar que Melissa trouxe para ela, as duas sentadas uma ao lado da outra, estão com as mãos dadas e nitidamente entorpecidas e abaladas, com essa situação. Elas permanecem em silêncio o tempo todo e no olhar há tristeza, isso me corta o coração por vê-las assim elas que possuem sempre aquele belo sorriso nos lábios é lamentável. Luís de pé atrás do sofá onde elas estão sentadas, permanece com as mãos no ombro da esposa e por vezes também no da sogra.

Relutei em também me sentar — mas acabei atendendo a pedido de Leonardo — pois minha adrenalina ainda está alta, e sinto a necessidade de ficar de pé, movendo-me tentando acalmar a inquietação que corre pelo meu corpo. Cada vez que lembro das palavras ditas por Henrique contra mim e contra minha mãe, sinto uma vontade imensa de arremessar algo contra ele, ou eu mesma partir para cima dele. O maldito teve coragem de chamar a nós duas de vadia. Desgraçado!

— Você está tremendo. — Leo diz, ao segurar em minha mão.

— Estou nervosa. Estou com raiva... — digo, encontrando a segurança de seus olhos que se fixam nos meus.

— Eu estou aqui com você. Fique calma. Ele não te fará mais nenhum mal. — Ele garante, deixando um beijo na minha mão trêmula, e aproximando ao máximo seu corpo ao meu no sofá que estamos sentados. De uma maneira protetora passa o braço por cima do meu ombro, dando-me aquela sensação que reconheço: Leo é minha âncora.

— Também estou preocupada com Valentina, será que ela está bem? — falo, ao lembrar da minha menina que estou com tanta saudade, e nem consegui ainda curti-la do jeito que desejo.

— Certamente está bem, a irmã Salete e a babá estão com ela. Mas eu pedi que Beatriz fosse dar uma olhada nela, em breve ela retorna e nos diz como nossa menina está. Não se preocupe.

Assinto, confiando em suas palavras.

— Desde quando você sabe que eu tive uma filha com Cecília? E por que nunca me contou? Diga logo! — Miguel retorna a falar, após Beth fazer o curativo nele.

Noto minha amiga extremamente nervosa. Também pudera, essa situação deixa qualquer pessoa assim, mas não sei, a sinto diferente da Beth de sempre.

— Está bem eu conto, mas com uma condição.

— Você não está em uma posição muito boa para exigir condição alguma, Henrique. Mas diga, quero saber qual é.

— Nada de partir para cima de mim, já estou suficientemente machucado.

— Não, isso não é nada. Machucado estou eu, que vivi minha vida inteira sem saber que tinha uma filha, e principalmente perdi o grande amor da minha vida. Se tem alguém ferido aqui sou *eu*. — Miguel responde, afetado pela dor e pela raiva.

— Henrique não haverá mais agressões físicas aqui, eu garanto. — Laura afirma a ele e em seguida, direciona-se para o filho. — Miguel, eu sei que você pode sentir vontade de esmurrar Henrique, mas filho, isso não fará mudar em nada o passado. Deixe-o falar tudo, e depois faremos o que tiver que fazer.

— Tudo bem, por todo o respeito que tenho a senhora, a Luiza e aos filhos desse calhorda, dou minha palavra que não vou mais agredi-lo.

— Certo. Este é o Miguel que conheço. Obrigada, meu filho. — Laura diz carinhosamente ao filho.

— Agora fale, Henrique. Nos diga toda a verdade. — Miguel insiste para que Henrique inicie a contar aquilo que ele e eu ansiamos em saber, mais que qualquer um.

— Desde início? — Henrique empertiga-se na poltrona que está sentado.

— Desde o início. — Miguel replica e faz o mesmo gesto que Henrique. Mantendo-se atento a cada palavra que está por vir.

Leonardo dá um aperto de leve em minha mão enquanto sopra em meu ouvido um *“Seja forte e fique tranquila, eu estou aqui com você, ok?”*. Sussurro um *“Ok”* e aperto com mais força a mão dele, segurando-a firme. *Ele é meu ponto de apoio.*

— Será bom finalmente falar tudo. E ter a oportunidade de dizer algumas verdades principalmente a você, Miguel. — Henrique diz, no tom que sempre costuma usar: arrogante.

Miguel até faz menção de abrir a boca para falar algo, mas se cala. A vontade em saber a verdade é maior que ficar discutindo com Henrique.

A verdade. Mas e será que podemos acreditar que o pai de Leonardo falará a verdade? E será que ele não irá contar uma história totalmente distorcida, quem garante que ele não acusará minha mãe de qualquer coisa, fazendo-a de culpada? Eis o momento, que me sinto uma completa idiota por não ter lido o diário dela. Agora o jeito será ouvir esse homem rancoroso e dependendo do que ele falar, irei me intrometer para defender minha mãe, pois eu a conheci muito bem, sei que ela nunca faria nada de errado, nunca faria nada para me prejudicar. Ela foi sim, uma grande vítima disso tudo.

Henrique inicia, e estamos todos em olhos e ouvidos direcionados a ele.

— Por todos esses anos eu estive naquela clínica dando tudo de mim.

“Eu me privei de estar com a minha família, me privei de passar mais momentos com meus filhos quando eles eram crianças, e de dar mais atenção a minha esposa — ele olha ressentido para a sua própria família — para estar lá. Para estar sempre ao lado do doutor Magno, aprendendo muito com ele, isso é verdade. Mas também o auxiliando a gerir a clínica que ano após ano crescia, até se transformar na clínica que é hoje, uma referência no país. Os melhores profissionais trabalham conosco, pessoas vem de outro estado para se consultar, para realizar procedimentos cirúrgicos — nota-se o orgulho em suas palavras — Atendemos com excelência nossos pacientes, e doutor Magno sempre prezou por isso. E não pensem que era fácil nosso dia a dia na clínica, pois nunca foi. Nossos esforços sempre eram imensos. Por vezes eu chegava em casa à noite, exausto, com saudade dos meus filhos, da minha esposa — ele fita a esposa, e por incrível que parece eu posso sentir o amor e a sinceridade nele. Mas então volta a olhar para Miguel, e seu olhar muda, trazendo o rancor e a inveja. — E enquanto eu estava lá dando duro, você, Miguel, estava aqui, vivendo sua juventude, e se agarrando com a filha da cozinheira no jardim. E eu trabalhava feito um cavalo para enriquecer um patrimônio que não era meu. Mas ainda assim fazia porque apesar de tudo gostava, e sempre sonhei em um dia ser o presidente da clínica Dr. Magno e ter tudo sob o meu comando. Mas aí seu pai, um dia me disse que ia trazer você para a clínica assim que começasse a cursar medicina, já para que você se familiarizasse com tudo, e que quando estivesse preparado iria assumir a clínica, pois o doutor queixava-se que andava cansado. Mas que tendo você e *eu* para tocar as coisas ele ficaria tranquilo, principalmente porque eu continuaria na função de auxiliar — Henrique se remexe no lugar, e como se ao ter que falar sobre isso e relembrar, é notável que sente vivo nele a rancor desta fase que viveu — Eu, tinha que ser o presidente e não você, eu estava a mais tempo, eu tinha trabalhado e sabia muito mais para assumir esse cargo. ”

— Eu nunca quis tomar o seu lugar, eu sempre soube que você era o braço direito do meu pai, e admirava por toda a sua dedicação. Admirava e tinha respeito pelo profissional que você é Henrique, mas isso foi até o dia de hoje. — Miguel diz com sinceridade.

— Mas, seu pai, — Henrique continua — apesar de reconhecer que eu era bom, queria que o filho dele fosse o presidente, e não o genro. Portanto eu coloquei na cabeça dele, que te mandasse estudar fora do Brasil. Te afastar era a melhor saída, eu mostraria ainda mais ao doutor Magno que eu dava conta de tudo sozinho e que ele poderia se ausentar como desejava. E eu enfim teria a clínica nas minhas mãos.

— Eu não acredito que você me afastou daqui por isso. Eu fui embora contrariado, eu nunca queria ter deixado Cecília. Você sabia que ela e eu estávamos juntos, como você pode fazer isso? — o homem de coração machucado, rebate com pesar.

— Sinceramente, não estava nem um pouco preocupado com seu caso de amor. — O homem ambicioso dá de ombros, demonstrando não se importar.

— Estava preocupado com sua ganância? Sua ambição? — Miguel rebate novamente e dessa vez seu tom é alterado pela raiva.

Henrique não se abala, e continua a contar. E a cada vez que o ouço dizer suas palavras sem piedade, sinto uma pontada no peito e um leve enjoo começa a se formar em meu estômago.

— Doutor Magno relutou um pouco, afirmando que seria muito tempo longe de casa, que sua mãe sentiria sua falta... mas eu insisti e por fim consegui convencê-lo que você deveria ir.

— Claro que você conseguiu convencê-lo. Afinal, você conseguia tudo com ele. Aliás eu queria saber o porquê do meu pai ter tanta devoção por você, mesmo sabendo que você era um mentiroso, e principalmente da atrocidade que você fez.

Miguel diz isso e suas expressões são uma linha tênue de indignação e repulsa, e diante do seu comentário lembro-me do que Luiza me contou sobre Henrique e imagino que Miguel esteja se referindo ao fato de Henrique esconder a verdade sobre sua mãe e a forma rude como a tratava.

— Eu sempre fui um excelente profissional. Eu sempre me interessei pelos assuntos da clínica e você não. Mas ainda assim, ele só sabia falar que você seria o presidente da clínica. — Henrique fala, sem se importar com os comentários de Miguel.

— Você pode ser o melhor profissional, mas como homem sempre foi um merda desprezível, isso sim! Você feriu duas pessoas que meu pai amava, e ainda assim ele continuou a te apoiar. Meu Deus! — não aguentando o efeito da

conversa, Miguel se levanta e começa a andar de um lado para o outro.

— Miguel, meu irmão, por favor, não...! Não traga isso. — A voz chorosa de Luiza brota na sala.

— Desculpa, Luiza, mas eu creio que muito em breve isso terá de ser enfrentado. — O irmão responde sem muita sensibilidade.

— Miguel, cale-se! Cale-se ou eu não conto todo o resto. — Incomodado, Henrique ameaça.

— Meu irmão eu te imploro, não toque nessa ferida. — Luiza fala novamente, e seus olhos estão suplicantes para o irmão.

— Tudo bem, minha irmã, mas ainda assim, prepare-se, pois, você terá de mexer nela. — Miguel suaviza.

O diálogo que se formou entre os dois irmãos desperta a curiosidade, então Leonardo interfere na conversa.

— Do que vocês estão falando? Há mais segredos nessa família do que se possa imaginar pelo visto! Porque não aproveitamos e falamos tudo de uma vez?

— Leonardo, não! Por favor, fiquem todos calados! Henrique prossiga. — Laura novamente toma o comando da conversa. E é o que basta para que todos acalmem os ânimos e Henrique retorne a falar.

— Obrigado, dona Laura! Agora Miguel presta bem atenção, porque certamente essa parte é a que mais interessa a você. — Eu consigo sentir prazer e o deboche nas palavras de Henrique, ele sabe que o que vem a seguir afetará ainda mais Miguel. — Você se foi e tempos depois a Rita e a filha foram embora sem dizer nada. Assim como os demais dessa casa, eu também não fazia ideia do porquê. Até que um dia, eu voltei para casa mais cedo, nem lembro o motivo que me fez retomar antes do meu horário, mas eu lembro que encontrei Cecília aqui no portão, quando me viu ficou surpresa, e eu ainda mais. Alguns meses tinham se passado e uma barriga de grávida era notável no corpo dela. Ela veio à procura de Luiza, estava aparentemente assustada e receosa em falar comigo. Mas, mesmo assim, insisti em saber o que havia... e quem era o pai daquela criança, desconfiava que poderia ser você.

Ouvindo-o falar da minha mãe sinto o enjoo dentro de mim, aumentar, e mais que isso minha cabeça parece sentir todo o peso desse momento, uma dor impertinente e latejante pulsa em minha fronte.

— Dei a ela atenção necessária, e demonstrei ser de confiança. Muito jovem, ingênua e sensível acreditou na minha bondade. Em toda a sua vulnerabilidade começou a chorar, e entre as lágrimas me contou que soube da gravidez um mês depois que você foi embora. Rita não quis mais ficar aqui, para ela, a atitude da filha foi errada, e que não permitiria passar por essa vergonha

diante da dona Laura e do doutor Magno que sempre foram bons patrões e tinham uma extrema confiança nela. Por isso, obrigou a filha a ir embora com ela sem dizer adeus.

Minha nossa!! Será possível que minha vó fez isso? Não pode ser verdade, encolho-me no sofá com medo de ouvir o resto.

— Elas foram viver numa cidade no interior do estado, longe daqui. Eu percebi que para ela ter vindo até aqui, passou por muitas dificuldades, desde sair sem a permissão da mãe, até financeira. Me explicou que a mãe não deixava dinheiro com ela, justamente para que não corresse o risco de que viesse contar para alguém, evidentemente que para Luiza. Pois era a melhor amiga dela, e quem dava cobertura para vocês. — Henrique toma uma lufada de ar antes de soltar o que eu mais temia — Então, Miguel, se eu acabei separando você da sua *amada*, não coloque toda a sua amargura em mim, pois a mãe de Cecília também contribuiu para isso.

Olho para Miguel, seu rosto está atônico e eu vejo as lágrimas escorrerem por sua face. Eu não posso acreditar que minha vó foi também foi responsável por separar os meus pais. Por impedir que eu tivesse a chance de tê-los juntos em minha vida.

Como eu queria ter lido aquele diário e poder dizer que isso é mentira. Mas não posso, pois não li.

Que droga!

— Por isso, mesmo com medo se poderia ou não confiar em mim, ela arriscou contar, pois sabia que não conseguiria voltar aqui tão cedo. Eu sabia que Luiza ao saber da gravidez de Cecília, iria ajudá-la, iria te contar, e você voltaria no exato momento que soubesse. Sabia também que se meus sogros soubessem não iriam negar ajuda e muito menos renegar essa criança. Meus planos estavam começando a dar certo, seu pai estava prestes a tirar as férias dele, seria o período necessário para eu ficar sozinho na clínica e demonstrar que teria capacidade de manter assim. E para que nada interferisse eu menti para Cecília. Disse a ela que você estava muito bem, e que já estava até namorando com uma moça que cursava medicina com você, fiz questão de enfatizar que se tratava de uma jovem de família rica. E você pretendia se casar com ela, e não voltar mais para o Brasil.

Henrique revela, e não sinto nem um pouco de arrependimento nele. Miguel se mantém calado e parece ter suas forças se esvaindo, ao ter ciência de tudo — a mentira maldosa, inescrupulosa de Henrique — que afastou minha mãe dele. E eu, vou ficando cada vez mais abalada, o enjoo aumenta e dor de cabeça também. Sinto vontade de sair correndo desse lugar, vontade de não ouvir mais nada. Mas ainda assim, reúno o que sobra da estabilidade emocional e

física para saber o resto.

E tão frio como uma geleira o maldito Henrique prossegue.

— Claro, que Cecília ficou arrasada. Isso talvez seria o suficiente para ela ir embora e nunca mais te procurar. Mas tive receio que ainda assim, ela contasse da gravidez, então eu a aconselhei dizendo que ela não deveria contar nada sobre o filho de vocês, em virtude de que dona Laura havia ficado muito chateada com a partida repentina delas, que achou uma atitude ingrata, já que sempre foram bem tratadas aqui. E mais que um conselho eu assustei, afirmando que tanto Laura quanto Magno seriam capazes de tirar a criança dela. Enfatizei o quanto eles tinham influências e dinheiro e que ela nunca poderia ir contra eles, pois acabaria perdendo. Por fim, disse que o melhor que ela tinha a fazer era sumir, sem deixar rastros.

Meu nível de controle vai se acabando e começo a chorar desenfreadamente, repouso a minha cabeça no peito de Leonardo sentindo a tristeza ao pensar e imaginar como minha mãe foi atormentada por Henrique, como sofreu com suas mentiras e suas ameaças.

— Confesso que tive pena dela, Cecília nunca foi meu alvo, você era meu alvo, Miguel. Mas ela e essa criança te fariam voltar e atrapalhar meus planos. E no fim tudo saiu melhor ainda, pois você nunca voltou. — Henrique dá um sorriso satisfeito quando termina de falar.

É insuportável vê-lo dizer todas essas coisas e perceber que não há nele nem um pouco de arrependimento. Mas há verdade, eu tive dúvida se ele falaria a verdade, mas tudo demonstra que sim. Pois tudo que Henrique diz, vai contra ele. Ele assume o que fez, as coisas que disse a minha mãe. Do contrário ele poderia contar os fatos de um jeito que amenizassem a situação para seu lado. Mas não é isso que estou vendo aqui. A verdade e a maldade dos seus atos além de nos espantar, nos ferem.

— Meu Deus! Meu Deus! Como você pode, Henrique? Como você pode fazer isso com ela, comigo, com a nossa filha? Você não tem um coração batendo dentro do seu peito? Você é seco, insensível e sem caráter. Eu te odeio!!! — Miguel fala aos prantos.

— Ei, calma aí! Eu não sou esse monstro todo não! Eu ofereci uma ajuda, ela não quis aceitar, mas ainda assim eu mantive ajudando-a, durante anos eu deposei uma quantia em dinheiro para ela. Fiz por pena, e também assim garantiria que ela nunca passasse por dificuldades a ponto de pensar em contar a verdade, mesmo correndo o risco de perder a guarda da criança.

— Ah... nossa! Não imagina o quanto estou comovido com sua atitude, Henrique! Seu desgraçado! — Miguel fala exasperado e caminha até Henrique, com o dedo apontado para o rosto dele, meu pai despeja sua revolta —

Você mentiu para ela, você a afugentou, usando de um meio mais cruel, ameaçando que ela poderia perder a criança. Minha mãe nunca faria uma coisa dessas você sabia bem disso.

— Santo Deus, Henrique... você é pior, muito pior do que eu poderia imaginar. Eu percebia o quanto você desejava o sucesso e era ambicioso. Mas tudo que disse até agora é assustador! Inventar algo dessa natureza? Eu jamais tiraria a criança de Cecília. Ela era minha neta eu a teria acolhido e amado como tal. Eu não sabia dessa relação deles, mas eu nunca faria uma maldade dessas. Nunca... — Dona Laura finalmente se pronuncia, e pela primeira vez sinto-a tão intimamente afeta por tudo que Henrique está nos contando.

Seu olhar vai de Henrique para Miguel que chora, e por último pausa em mim, que já nem sei mais como suportar tudo isso e como ainda tenho lágrimas para derramar.

— Você sabia esses anos todos onde Cecília estava? — Miguel indaga, respirando fundo, buscando suas forças.

— Não, eu realmente não sabia onde ela morava, sabia que era no interior, eu não mantive contato com ela, apenas busquei por uma conta corrente nos registros do emprego da mãe dela e depositava o dinheiro. Depois desse dia que a encontrei aqui no portão, nunca mais a vi, até que muitos anos depois, recebi uma ligação de Cecília lá na clínica. Ao telefone ela me contou da sua doença e me pediu ajuda. Eu fui até o hospital vê-la, era a primeira vez que ela tinha sido internada e tinha acabado de descobrir o câncer, estava assustada e desesperada, e não era para menos, Cecília estava com um tumor no cérebro, fui disposto a ajudá-la de verdade, fazer a cirurgia que tivesse que ser feita, salvar a vida dela. Apesar de tudo eu sou um médico e jurei salvar vidas. Mas chegando lá eu constatei que o caso era muito avançado, ela poderia morrer na cirurgia. Além disso, não era só no cérebro que havia o tumor, o câncer já tinha feito metástase pelo corpo, outros órgãos estavam atingidos. Nem eu, nem qualquer outro médico tinha o que fazer, apenas esperar o momento que o corpo não aguentasse mais. Ela iria passar por todo o processo contra o câncer, mas apenas para lhe dar o respiro de poucos meses de vida.

— Eu não posso acreditar... Cecília precisou de ajuda e foi justamente a você que ela recorreu. E mais doloroso que isso é saber que ela morreu acreditando em todas as suas mentiras, acreditando que eu não a amava o suficiente a ponto de esquecê-la meses depois de ter ido embora. Você acabou com a minha vida, e acabou com a dela, antes mesmo que ela estivesse doente. — Apesar da nítida raiva que meu pai está sentindo eu pego o peso da dor em suas palavras.

— Ela morreu sabendo que você a amava! — Henrique fala, seus

olhos se fecham e eles se apertam e eu não posso imaginar o que passa pela mente e coração deste homem. — Pode não parecer, mas sim, eu tive compaixão por ela. Eu sabia que ela logo morreria, e que saber da verdade sobre você, a faria pelo menos morrer feliz, ou mais aliviada, sei lá...contei que você nunca namorou ninguém no passado e que não havia se casado, mas que continuou vivendo fora. Cecília morreu sabendo que você ainda a amava, Miguel. — Ele repete enfatizando cada uma das palavras. — Mas, confesso, que insisti na ideia de que ela deveria deixar a filha escondida, já que agora, a menina era apenas o que Rita, a mãe dela, teria como família. É eu sei, continuei sendo cruel e ameaçando-a, mas... sinceramente não sei se ela prestou atenção nisso, pois chorava copiosamente naquela cama de hospital depois de saber toda a verdade. Por fim, eu deixei aquele quarto de hospital e no corredor esbarrei com uma jovem, idêntica a ela e mais que isso, ela também era muita parecida com você e no rápido momento captei até semelhanças com dona Laura. Sabia que era sua filha e sabia que mesmo Cecília morrendo, eu ainda teria esse fantasma para lidar até o fim da vida. Fui embora pedindo ao médico responsável por Cecília para me informar da situação dela e dois meses depois recebi a notícia de sua morte.

Ao ouvir tudo isso, um gosto amargo feito fel inunda minha boca, debruço-me no colo de Leonardo e continuo a chorar como uma criança. Choro relembrando toda dor que foi ver minha mãe naquele estado, e agora por saber o quanto ela sofreu durante sua vida, e mesmo assim, sempre tinha um sorriso, uma alegria que era só para mim. E era só para *me* fazer feliz, pois nesse momento, depois de saber de toda a sua história eu sei que sua felicidade nunca foi completa, lhe faltava o homem que ela viveu e morreu amando.

— E veja a ironia do destino — Henrique fala amargurado. — Muitos outros anos se passaram e Maria Luiza, acabou vindo parar nas minhas mãos, a moça que Leonardo atropelou, e que chegou em estado grave na clínica era justamente ela. Eu não consegui salvar a vida da sua Cecília, mas salvei a vida da sua filha, Miguel. Eu a submeti a uma cirurgia de urgência e dei a ela o melhor tratamento, garantindo que ela ficasse viva.

— E certamente só a salvou porque não sabia quem era ela. — Miguel fala, e em seguida sinto-o sentar ao meu lado no sofá. Seus braços tiram-me de Leonardo e levam-me para o peito dele. Meu corpo completamente amolecido não rejeita o seu acalanto. Tremo e choro nos braços do meu pai.

— Não, eu não sabia quem era ela. Mas jamais teria feito algo diferente do que o melhor para mantê-la viva. Eu posso ser tudo o que sou, mas nunca faria mal a ela dessa forma.

— E quando foi que você soube quem era ela? Porque, agora, isso

explica muito de sua reação em me querer longe dela, explica sua atitude hostil sempre que eu falava de Maria Luiza, e principalmente você não querer que ficássemos juntos. — Leonardo diz com uma voz embargada e ressentida.

— Eu soube um pouco depois, vendo o prontuário dela, ao constatar seu nome e o da mãe, tive um choque. E olhando para o rosto da Maria Luiza, mesmo que ferido, as semelhanças estavam lá. Ela estava lá, a filha de Miguel. E meu filho, eu via no seu rosto o sentimento de preocupação e até mais que isso.

— E ameaçado com a presença dela, você resolveu roubar a clínica! Pois Maria Luiza é por direito uma das herdeiras de todo o patrimônio que você diz ter ajudado a contribuir. — Miguel, constata.

E eis a explicação sincera e crua de Henrique sobre sua atitude com a clínica.

— Sim, exatamente por isso. A essa altura do campeonato eu não preciso dela para dividir a herança que eu ajudei a construir. A herança da minha mulher e dos meus dois filhos. Eu nunca fui devidamente valorizado! Pois doutor Magno a quem eu tinha como um pai e que dizia ser eu como um filho, morreu e não em seu testamento. E ainda assim o Henrique aqui — ele bate no peito, e a sustenta ali enquanto fala — continuou a manter aquela clínica de pé. E você, Miguel — agora, como uma flecha, Henrique aponta para Miguel com a mão — nunca teve que se incomodar com nada, sempre fez sua própria fortuna com suas cirurgias plásticas bem longe daqui. Contudo eu tenho que dividir com você os frutos do meu trabalho e agora com a sua filha também.

— Meu Deus, homem... você é doente. Essa sua ganância é doentia. Isso não pode ser algo que uma pessoa em sua normalidade faça. Eu não acredito que toda essa maldade foi por....dinheiro. Pois saiba que eu daria cada centavo do que possuo para ter minha família.

— Você fala isso porque sempre teve tudo, nunca passou por dificuldades, nunca sofreu humilhação justamente por não ter dinheiro. Mas *eu* sim. Eu sei o que é isso. E jurei a mim mesmo que me tornaria um homem rico e que qualquer pessoa que estiver em meu caminho impedindo-me de alcançar meus objetivos, eu tiraria, sem pensar duas vezes. E infelizmente essa pessoa foi você, e por consequência a mulher que você amou e a filha que tiveram. Eu sinto muito.

— Você sente muito? — Miguel solta uma gargalhada sem graça. — Você destruiu a minha vida e da Cecília. Você me afastou de casa, me tirou o que eu mais amava. Roubou de mim anos que eu poderia ter visto minha filha crescer, que poderia ter cuidado dela e da Cecília — Miguel segura-me contra ele com mais força — e agora ela poderia estar viva. Eu poderia ter tido uma família e não ter passado esses anos todos exilado, longe das outras pessoas que

eu amava, longe de casa, porque tudo aqui me fazia lembrar de Cecília. Eu vivi na solidão, na incerteza de saber o que tinha havido com a mulher que amei desde que eu era um garoto. Por causa da sua ganância e ambição desenfreada, você me tirou o que para é mim, ao contrário do que é para você, o, bem mais valioso nessa vida: a família.

— Henrique eu quero você fora da minha casa! — dona Laura diz em alto e bom som olhando para ele. Depois se volta para filha com um tom mais brando — Luiza, Henrique é seu marido, eu vou entender e respeitar se você quiser ir com ele. Mas aqui em casa eu não posso suportar e permitir que ele fique. Me desculpe, minha filha.

— Mãe, a senhora não tem que pedir desculpa. A sua decisão está correta. Henrique deve sair desta casa. Mas ele vai sozinho. — Luiza responde firme e sem receios.

— A senhora não pode fazer isso comigo, dona Laura! — Henrique brada.

— Sim! Eu posso. E tem mais, você está fora da presidência da clínica.

— O quê?! Não, isso não!!! — Henrique brada, mais alto ainda.

Dona Laura ignora a reclamação de Henrique e se dirige ao marido da neta.

— Luís, veja essa questão para mim, eu quero que cancele a procuração que Henrique possui para administrar a clínica.

— Sim, senhora. — Luís responde sem pestanejar.

— Ótimo! Amanhã de manhã quero todos na clínica para uma reunião.

— A matriarca da família anuncia.

— Bom, pelo menos uma reunião, para que eu possa mostrar que... — Henrique se apressa em dizer, mas Laura interrompe.

— Henrique, quando disse *todos*, eu me referi a Luiza, Miguel, Leonardo, Melissa, Luiz e Maria Luiza. Você não.

— Mas o que a senhora pretende fazer? Vocês irão falir aquela clínica.

— Nada disso mais é problema seu. E agora, aproveite que a mala que usou para viajar nem foi desfeita e saia. O resto das suas coisas, eu me comprometo em enviar para onde você estiver. Pois nesta casa você não pisa mais.

— Ingratidão!! É isso que recebo de vocês!

— O ingrato foi você, Henrique. Eu poderia ficar aqui discutindo com você, dizendo que estou com muita raiva por ter se intrometido e prejudicado a vida do meu filho. Ou então falar de tudo que eu e Magno fizemos e aceitamos por você e pelo seu casamento com Luiza. Mas eu me nego a travar essa briga, porque agora eu vou dar atenção e cuidar da minha família. E por favor, saia.

Pois você não sabe o significado de família, apesar de todos esses anos conviver em uma que te amou.

Henrique baixa a cabeça, e essa é uma das poucas vezes que o vi dessa maneira. O homem olha em volta do lugar, passa por cada rosto, em sua face está a resignação. Ele sabe que não tem mais o que argumentar. Percebo que seus olhos param por mais tempo em Leonardo e Luiza, mas quando encontram o de Melissa, sua filha — que este tempo todo acompanhou tudo em silêncio, o que é algo inédito, diante da Melissa tão falante, mas visivelmente abalada não encontra forças para falar. — Ele oferece a ela um triste sorriso, que retribui exatamente igual. Os olhos de ambos brilham com as lágrimas que surgem. Henrique estende os braços para ela, hesitante ela levanta do sofá e o abraça por um tempo, e em seguida se desfaz do laço e deixa a sala chorando ainda mais. Luís não perde tempo e vai cuidar da esposa.

Depois disso Henrique sai, junto com ele toda sua ambição e o peso de um homem invejoso, e amargurado pelo desejo de enriquecer a todo custo.

Eu continuo no sofá absorvendo tudo que aconteceu, enquanto deixo a cabeça descansar no ombro do homem que é meu pai, tenho em minhas mãos o toque do homem que é meu noivo, homem que amo que me transmite paz e segurança. E que é também o meu primo.

Como poderemos viver a partir de agora? Como vamos dividir nossos sonhos, desejos de um casal, sabendo que corre em nossas veias o mesmo sangue? Eu não sei. Contudo, o que eu sei é que eu o *amo*, e que minha vida se tornou mais feliz com a presença dele, e eu já estou acostumada demais com a felicidade, e não quero deixar ela escapar pelos dedos.

Não mesmo!

— Miguel, filho — Laura diz, carinhosamente se aproximando de nós — Henrique interferiu na sua vida, Miguel, te afastou de casa, te levou para caminhos que você não queria, mas agora o destino se encarregou de te trazer para casa, para encontrar sua filha. Os caminhos que se separam no passado, hoje se cruzam. Ainda, que com raiva do que Henrique fez, e dor por saber que Cecília não está mais viva, não deixe que estes sentimentos sejam maiores e substituam o sentimento de alegria por ter em seus braços a filha que teve com a mulher que amou. — A senhora que eu estava tão ansiosa e nervosa em conhecer hoje quando cheguei nessa casa, pega em minhas mãos, erguendo-me do sofá. — Seja bem-vinda ao lar, minha neta. — Há tanta ternura em seus olhos que sinto meu peito se aquecer.

Aguardo confiante que a tempestade passe e que a luz do sol ilumine meus pensamentos e meu coração para que faça o melhor. E principalmente ilumine o coração de todos dessa família, que hoje tiveram suas vidas marcadas

e feridas. Infelizmente essa é a consequência de uma forte tempestade, ela deixa estragos por onde passa.



Calculando os estragos

LEONARDO

Na noite anterior enquanto eu olhava a chuva que caía e batia com força no vidro da janela eu previa que a conversa com meu pai não seria das melhores. Quando Maria Luiza me contou aquilo tudo, eu acreditei nela — não haveria porque não — e fiquei muito desconfiado com a atitude do homem que tomei como exemplo para minha vida em muitos aspectos. Mas ainda assim, uma ponta de esperança pairava dentro de mim. De que tudo não passaria de um engano, ou que haveria algum motivo importante, talvez algo para ajudar a clínica, enfim eu apenas não queria pensar que meu pai poderia estar realmente tramando contra a própria família. Contudo, todas as revelações deste dia me levaram ao máximo da decepção. Tudo! Absolutamente tudo que ele contou foi uma verdadeira tormenta em nossas vidas. E agora teremos que lidar com os estragos que as suas revelações nos causaram.

Assim que ele deixou a casa, instantaneamente sentimos o ar tornar-se mais leve. E Maria Luiza foi rodeada de carinho, pela minha família — que agora sabemos que é tão dela quanto minha — vó Laura foi a primeira a demonstrar seu carinho e dizer o quanto estava feliz por tê-la como neta, minha mãe também não poupou palavras de afeto, a abraçou e chorou, recordando principalmente de Cecília — a mãe de Malu, e que também fora sua grande

amiga — emocionou-se ainda mais, por perceber que minha noiva leva seu nome, e certamente Cecília assim o escolheu lembrando da amizade que possuía com minha mãe. E sobre Melissa, que já tinha se dado tão bem com Maria Luiza, só posso dizer que essa relação entre elas tende a ser ainda melhor, e assim que minha irmã lhe tomou e em um abraço apertando falou animada e emocionada que estava feliz por finalmente ter uma prima. E também pronunciou em voz alta aquilo que temia desde que o quebra cabeça começou a se encaixar. *“Meu Deus!! Então se Malu é minha prima, é também do Leo!!”* Um silêncio congelante se formou no ambiente. Ninguém foi capaz de tecer qualquer coisa sobre isto, a não ser Derek que soltou um comentário dizendo que conhece casais que são primos e que isso não é problema ou impedimento algum. E graças a Deus, o assunto fora deixado de lado. Afinal, isso é o que terei de tratar sozinho com a Malu.

Mas eu senti Maria Luiza extremamente desconfortável e não sei se por esse tema que foi abordado, ou por tudo que aconteceu. E apesar de todo o carinho que ela recebia, eu sabia que seu desejo era ir embora, seus olhos me diziam isso. Ela estava tensa e só relaxou um pouco quando Beatriz apareceu na sala trazendo Valentina no colo, imediatamente ela pegou nossa menina e aconchegou em seu peito — e assim permaneceu por todo o tempo até que fomos embora — meu tio não se continha em sua alegria ao saber que tinha sua filha ali diante dele, abraçava, conversava com ela, porém todo seu entusiasmo às vezes se murchava quando se lembrava de que a mulher que amou não está mais viva.

Mesmo cansada de tudo aquilo Malu foi atenciosa com todos, contou um pouco da vida dela com a mãe e com avó. E ao dizer que Rita ainda está viva, trouxe uma alegria imensa para a vó Laura, que prontamente desejou fazer uma visita a ela.

Quando todo o cansaço e exaustão dos momentos vividos horas antes na sala da casa onde eu cresci já eram incontáveis para Malu e para mim também, fomos embora. Ela só hesitou por ter que deixar Valentina, porém a irmã Salete informou que teria que voltar para o orfanato, e tão logo nos despedimos de todos, voltamos para a casa.

Ainda no carro ela queixou-se de um forte mal-estar e dor de cabeça — o que foi suficiente para me deixar preocupado — aconselhei assim que chegamos para que ela tomasse um banho e descansasse, lhe preparei um chá e imaginei que tudo que ela gostaria era dormir, mas não. Em vez disso me pediu para ficar sozinha e pegou o diário de sua mãe, para finalmente fazer aquilo que durante esses anos todo preferiu não fazer, mas que agora sente uma forte necessidade.

Enfim, agora Maria Luiza está lá absorta nas páginas que trazem as informações da vida da mãe e também a verdade sobre a dela própria. Dei a ela o tempo e espaço necessário, volta e meia entro no quarto para vê-la, conferir se está tudo bem, já a encontrei chorando e sorrindo diante do diário e até agora não trocamos nenhuma palavra sobre o assunto que tanto me preocupa.

Será que algo poderá mudar dentro dela sobre o nosso relacionamento em virtude de sermos primos? Poderá isso interferir em nossas vidas? Eu rezo para que não, pois não saberei lidar com Maria Luiza se afastando de mim. Eu não posso perdê-la. Mas não posso forçar algo que a faça desconfortável.

Na sala escura, sinto-me vencido pelo cansaço e afundo-me de costas no sofá, com as mãos atrás da cabeça, fico fitando o teto sem enxergar nada. E apenas as imagens deste dia de tempestade rodeiam a minha mente fazendo-me sentir um estranho vazio por saber que a mulher que amo está no quarto, mas que, depois disso tudo eu não tenho certeza se é o lugar que ela irá querer permanecer.

— Leo? — ouço meu nome ser dito num sopro suave e doce. Que só pode vir dela, minha doce Malu. Parada em pé ao lado sofá, veste minha camisa branca, que já se tornou sua preferida para dormir. Como gosto de vê-la vestida com uma peça de roupa minha, que de tão grande acomoda-se em seu corpo como um vestido.

— Oi — respondo espreguiçando-me com um sorriso que sua presença me desperta.

— Estava dormindo? Não queria te acordar, desculpe. Mas também não queria que dormisse fora da sua cama.

— Tudo bem, este sofá não é dos piores. E Malu, aquela não é a minha cama, é a nossa cama.

Ela não diz nada, apenas sorri e assente com um balançar de cabeça.

— Conseguiu ler tudo?

— Sim. Seu pai não mentiu em nada.

— Mas houve alguma nova informação?

— Sim, e também há muito do amor que ela viveu com Miguel.

— E como se sente agora que sabe de tudo?

— Não sei o que sinto. — Sua voz está embargada e sua expressão está tão frágil, cansada.

— Vem cá. — Pego em sua mão, trazendo-a para deitar comigo no sofá.

Ela sustenta sua mão na minha mantendo-se de pé como se estivesse avaliando se aceita o convite de se deitar ao meu lado. Faz isso por um breve instante, até que decide por fim se acomodar no sofá tal como uma criança que

precisa ser confortada depois de um sonho ruim.

De frente para mim e tão próxima consigo ver seus belos olhos vermelhos e inchados de tanto que chorou hoje.

— Foi tão sofrido saber tudo que minha mãe passou. Mas também foi tão lindo saber do amor que sentia e viveu com Mi...meu pai. — Sinto sua respiração quente tocar minha pele quando fala e novamente lágrimas percorrem a sua face.

— Shiii...Não chore... não chore. Eu estou aqui com você. Sempre estarei, Malu. — Conforto-a. E se pudesse tirava toda a sua dor.

Abraço-a junto ao meu peito, e unindo ainda mais nossos corpos passo a perna por cima da dela, sinto sua musculatura tensa com nosso contato físico, mas aos poucos conforme vou afagando seu cabelo, e deixando que chore tudo o que ainda precisa chorar, ela vai relaxando... relaxando até que adormece em meus braços.

Passado um tempo, constato que está totalmente entregue ao sono, levo-a em meu colo para a nossa cama, deito-a com cuidado para que não acorde. Tudo que ela precisa agora é descansar.

E tudo que eu preciso é apenas ficar aqui, ao seu lado, sentindo o seu cheiro, o calor do seu corpo. Venerando os traços tão lindos do seu rosto. Agora sua feição é relaxada, leve, e isso traz um pouco de paz para o meu espírito.

Talvez, nada do que esteja me atormentando esteja passando pelos pensamentos dela, talvez nada disso fará o curso dos nossos caminhos se separem. E talvez, os estragos da tempestade não sejam dos piores, afinal somos fortes e unidos o suficiente para consertar qualquer dano.



— Boa sorte! E já sabe: Não deixe que esse *cara* te trate mal ou fale algum desaforo para você.

Digo a Maria Luiza assim que estaciono o carro numa vaga em frente ao prédio do escritório que ela tanto desejou trabalhar um dia.

— Não se preocupe eu saberei lidar com Vincent Fernandes. — Ela diz, confiante. Guardando o celular na bolsa que está em seu colo. E sem me olhar.

— Ótimo! E se precisar me liga, estou há poucos minutos sabe disso.

— Obrigada, mas não precisa se preocupar tanto. — responde em um tom de voz baixo, olhando para qualquer ponto no painel do carro e não para mim.

Não gosto da sensação que perpassa meu corpo e nem desse clima. Nunca fomos assim.

— Preciso sim, Malu — ênfase — E eu sempre irei me preocupar com você. Achei que já tinha se acostumado com isso.

Sorrio para ela, tentando trazê-la de volta para nossa habitual harmonia.

— Tudo bem — Ela inspira com força e volta seu olhar para mim rapidamente e em seguida baixa-o evitando o meu.

— Acredito que aqui não levará muito tempo e em breve estarei na clínica para a reunião.

Observo-a falar e a vejo nervosa, assim como em nossas primeiras conversas. Onde ela tentava evitar meu toque, meu olhar e esconder algo que era mais forte do que ela mesmo poderia imaginar, mas que crescia dentro de si. Passado o tempo que estamos juntos tenho certeza do seu amor por mim. Mas ela está agindo daquele mesmo jeito que agia antes de se entregar ao nosso amor, tentando de alguma maneira impedi-lo de acontecer por medo e receio.

Não falamos ainda e não tocamos no assunto “primos” e minha cabeça está dando voltas com tudo que nos aconteceu e para ser sincero eu não consigo avaliar o que essa atitude dela significa.

Só consigo pensar na granada que foi jogada em nosso relacionamento e estamos com ela parada nas mãos, com medo de mexer e acabar tirando o gatilho, fazendo com que exploda e destrua tudo ao redor.

— Isso é bom, não queira desobedecer a vó Laura, ou verá ela brava — digo em brincadeira na tentativa de fazê-la sorrir.

Mas ela não sorri e continuo a senti-la distante.

— Realmente não quero isso. E você não esqueça de ligar para o Vincent.

— Farei assim que chegar em meu consultório.

— Tudo bem.

Ela já está prestes a sair do carro, mas seguro em seu braço antes que se vá — não posso começar meu dia sem sentir o sabor de seus lábios — abriço minha mão em sua nuca, e a trago com calma para mim, fito seu olhar inseguro ao perceber minha intenção. *Eles não deveriam estar assim*. Não dou tempo para que pense qualquer coisa.

Beijo-lhe logo, fazendo-a lembrar o quanto isso é bom e quanto dependemos disso.

Eu não posso e não vou perdê-la.



— Bom dia, doutor Leonardo. Aqui está o seu café. — Beatriz me recebe na recepção da pediatria, estendo-me um copo de café.

O café que sempre recebo das mãos da Beth. E por falar nela, não a vi ir embora ontem. E só agora me dou conta de que ela provavelmente foi e não se despediu. *Que estranho.*

— Bom dia. Muito obrigado! Mas onde está Beth? — questiono preocupado.

— Ela me ligou, disse que ia se atrasar um pouco. Mas já deixei tudo organizado por aqui, doutor. Eu reagendei todas as consultas dessa manhã para outros dias, conforme me pediu ontem.

Depois de saber da reunião que teríamos hoje, e todo o resto que preciso fazer na clínica, achei viável cancelar as consultas, eram todas de rotina, nenhum paciente será prejudicado por isso. E bem, qualquer emergência com algum deles estou aqui na clínica.

— Certo. Obrigado, Beatriz, e sobre o que aconteceu...

— Doutor, por favor, nem precisa dizer nada. Pois da minha parte não haverá comentário algum aqui na clínica.

— Bom... muito bom. Obrigado. E por favor peça para que Beth me procure quando chegar.

Ontem ela saiu sem ser notada e hoje liga dizendo que vai se atrasar? Beth nunca faz isso. Tem algo errado.

— Pode deixar, doutor.

— Ah, mais uma coisa! Me dê alguns minutos, e faça uma ligação para o escritório do Vincent Fernandes. Sabe que é o escritório que presta assessoria aqui para clínica? Deve ter o número aí na agenda.

— Sei sim, doutor. Farei em breve e passo a ligação para o seu consultório.

— Certo! E, Beatriz, pode dizer a ele, que é o presidente interino da clínica que irá falar.

— Tudo bem. Farei isso.

— Obrigado.

No meu consultório, inspiro fundo preparando-me para este dia atípico de trabalho. Começando por ter que falar com esse Vincent Fernandes — só de pensar o nome desse boçal sinto raiva — contudo agora preciso concentrar meus esforços em trabalhar por esta clínica e fazer isso não só como médico e chefe da

pediatria.

Ontem mesmo, meu cunhado preparou uma nova procuração tornando-me o presidente interino — Luís é quem foi designado para cuidar e nos assessorar nessas questões legais — sugeri que fosse o tio Miguel o novo presidente, mas ele preferiu que eu assumisse a função pelo menos até que ele esteja a par de tudo e familiarizado com a rotina que vivenciamos e com os funcionários. E pensando bem é melhor assim, não precisamos que nada mais sofra os efeitos da tempestade que passou por nossa família.

No entanto, a preocupação com o que mais meu pai possa ter feito na clínica sem que soubéssemos nos alertou para outros pontos. No intento de dimensionar os estragos, uma das minhas primeiras ações é ter todas as informações fiscais e financeiras da clínica, e isso é Vincent quem terá de me trazer. Tendo tudo em mãos eu sei quem poderá me ajudar a realizar uma varredura minuciosa nesses documentos contábeis.

MARIA LUIZA

— Maria Luiza! Ainda bem que chegou! — Cleo diz assim que abro a porta da sala — Vincent já esteve aqui perguntando por você — completa, esbaforida, andando de um lado para o outro com a mão em sua barriga.

— Bom dia, Cleo, como vai? — Cumprimento-a, fazendo-a parar de andar.

— Ah... desculpa o mau jeito. Estou com os hormônios à flor da pele. Bom dia! — Cleo, inspira fundo e relaxa os ombros.

— Sem problemas. Bom, se Vincent quer falar comigo, vou até a sala dele — digo, virando-me para deixar a sala.

— Espera! — sua voz me faz parar.

Imagino sobre o que vai falar. E aguardo ainda de costas.

— Você fez mesmo isso? Você passou informações do escritório? — não vejo seu rosto, mas seu tom de voz ao perguntar sai como quase uma acusação.

— Sim, eu fiz. — respondo, tornando a olhar para ela.

— Meu Deus! Por que fez isso? Maria Luiza, eu acho que a conversa com Vincent não será das melhores, acho que você perderá sua vaga aqui no escritório. — Ela diz, mas não sei ela está realmente preocupada comigo, ou por não ter mais alguém para substituí-la.

— Tudo bem, eu já esperava... por isso — Falo com naturalidade.

De fato, tinha ciência que isso poderia acontecer.

— E você não se importa? Queria tanto esse emprego! — Ela diz e seu tom de voz é bravo mas em seguida parece que vai começar a chorar.

Acabo sentindo pena dela, está sensível por conta da gravidez, e talvez esteja mesmo preocupada comigo, mas com raiva por ter feito algo que acabará prejudicando-a.

— Cleo, eu sinto por não poder ficar aqui e ajudar você. Mas não poderia ver algo errado acontecendo e não fazer nada. Principalmente quando se trata da minha família.

Antes mesmo de saber de toda a verdade já os considerava assim — como minha família. E não poderia permitir que o pior acontecesse a eles.

— Sua família?... — indaga, sem entender.

— Eu preciso ir, Cleo. Saiba que gostei muito de conhecer você ... de verdade! E desejo que tudo corra bem no seu parto, e que seu bebê nasça com muita saúde.

Gostaria de ter tempo e vontade de ficar para conversar mais um pouco com ela, mas agora minha ansiedade por saber o que Vincent tem a me dizer é maior. Eu sei que certamente estou prestes a deixar esse lugar. Eu mal esquentei meu bumbum na cadeira e já terei de ir embora. Mas não faz mal, apesar de tudo sinto-me bem com isso.

— Com licença. — digo, logo depois de bater na porta e ouvir um sonoro “pode entrar”.

— Entra, Maria Luiza. — Vincent diz, seu tom e sua expressão não são muito amigáveis.

Aproximo-me e paro atrás de uma das cadeiras que estão à frente da mesa de Vincent. Firmo minhas mãos no encosto do móvel.

— Sente-se. — Ele gesticula e aparenta cordialidade.

Apesar disto, hesito, minha vontade mesmo é ficar de pé.

— Sente-se — insiste, erguendo as sobrancelhas e agora com um ar cansado.

Sento-me, mantendo meu autocontrole e preparada para não levar qualquer desaforo para casa, o que fiz pode ir contra a política da empresa, mas foi para impedir um crime. Sim, afinal, roubo é crime. E era exatamente isso que Henrique pretendia fazer, se não fosse eu para atrapalhar seu plano.

— Você deve imaginar porque a chamei para conversar.

— Sim. — digo e esta é a minha resposta e nada mais.

Quero saber o que vem, antes de eu dizer qualquer coisa.

— Pois bem, o que deu em você? Sua primeira semana de trabalho aqui e já apronta uma dessas? Doutor Henrique me ligou ontem à noite, o homem estava possesso. Ameaçou tirar a clínica aqui do escritório. Você tem noção de como a clínica Magno é um importante cliente para nós? Por sua causa corremos o risco de perdê-los! Você não teve um pinga de ética profissional ao levar informações que só dizem respeito aos proprietários. Não sei qual sua relação com seu futuro sogro, mas o que fez foi errado, e se queria prejudicá-lo acabou nos prejudicando. E por isso eu terei que demitir você. — Vincent fala tudo de uma vez, totalmente exasperado e ao final afrouxa sua gravata.

Ele está agitado e nitidamente sem conseguir controlar sua raiva e preocupação com as consequências que meu ato poderá causar para o escritório.

— Tudo bem eu já esperava que você ia me demitir. Mas Vincent eu levei as informações sim, só que as levei para quem tinha pleno direito em saber. Doutor Henrique não estava agindo com boa fé, e tampouco com o conhecimento dos sócios proprietários. Ela estava roubando a clínica.

Enfatizo bem a palavra “roubando” para ver se ele cai na real, que o que iria ser feito era errado.

— Maria Luiza — uma batida na porta o interrompe, ele ignora e continua. — Maria Luiza o doutor Henrique tem uma procuração, — outra batida mais forte — ele é o responsável por tudo ele é o presidente...

— Senhor Vincent? — Reconheço a voz de Cintia, a secretária dele.

— Merda!! — ele dá um soco na mesa — O que foi Cintia? Eu disse que não queria ser interrompido. — Vincent fulmina a secretária que caminha aproximando-se com um telefone na mão.

— Desculpe, mas acho que é importante o senhor atender essa ligação. — Cintia fala sem jeito. Amedrontada com a reação do chefe.

Dela, porque meu ele não é mais.

— Eu estou ocupado agora, Cintia. Anote o recado que eu retorno depois. — Vincent não dá importância.

Mas eu até desconfio quem seja ao telefone. Intimamente sorrio por pensar nele.

— Senhor, acho que é melhor atender agora. — A secretária insiste, mordendo os lábios de um jeito nervoso.

— Está bem! Mas afinal, quem é que quer falar comigo?

— Doutor Leonardo Magno Marquezzi, o presidente interino da clínica Doutor Magno.

— O quê? — A boca de Vincent se mantém aberta depois de falar e o seu rosto tem uma expressão de total surpresa.

— Posso transferir para o seu ramal?

— Anda, passa logo essa ligação. — Ele diz, fitando-me com os olhos cerrados.

Obviamente querendo ver minha reação, mas eu me mantenho sem esboçar nada.

— Alô?

Vincent fica em silêncio ouvindo o que Leonardo diz no outro lado da linha.

— Reunião? Sim, doutor eu posso ir. Tentarei providenciar o máximo de documentos sim.

Sua tratativa com o novo presidente da clínica, é extremamente cordial. Tão diferente da altivez que estava comigo, minutos antes.

— Está bem, dentro de uma hora estarei na clínica.

Ele desliga o telefone e noto-o completamente embasbacado com a rápida conversa que teve ao telefone.

— O que foi que você fez? — ele indaga.

— Como assim? — respondo com uma pergunta, pois eu não entendo onde ele quer chegar.

— Isso tudo foi um plano para afastar o pai dele da presidência?

Vincent Fernandes parece surpreso e em choque ao mesmo tempo.

— Não. Isso tudo foi para não ver a clínica sendo roubada — digo firme olhando em seus olhos, pois não tenho nada a esconder e não estou falando mentira — E Vincent, eu acredito que já posso ir, afinal já fui dispensada por você.

— Não... não... me explica isso direito. Leonardo é o novo presidente? E doutor Henrique? Ele me pediu para seguir com a documentação.

— Se eu fosse você não faria isso, ou terá problemas sérios. — Ele franze a testa, demonstrando a confusão que passa em sua mente.

— E vá a reunião. Será importante. — Acrescento levantando-me da cadeira.

Pronta para seguir meu rumo fora desta sala.

— Que porcaria toda é essa? Eu não quero ter problemas para o meu escritório. — Vincent diz, em extrema preocupação.

— Apareça na reunião e tomará conhecimento de tudo — respondo, quase alcançando a porta.

— Devo lhe dizer adeus, Maria Luiza? — pergunta em expectativa.

Giro a maçaneta da porta e antes de sair olho para o meu ex chefe.

— Até breve, Vincent Fernandes. — Abro-a de vez e saio.

Deixo o escritório pomposo, orgulhosa de mim mesma. Orgulhosa por ter dito a verdade e ajudar a proteger o legado do doutor Magno, que agora sei que também é meu avô. E orgulhosa por enfrentar essa breve situação com o Vincent Fernandes sentindo uma calma e segurança extrema, tão diferente dele.

O homem de porte elegante e todo gentil que conheci aqui quando fiz a minha entrevista em nada se assemelha ao que acabou de falar comigo. — Grosseiro e desorientado diante dos fatos.

Ah! E o cabelo dele? Uma bagunça e tanto... ele passara as mãos nele o tempo todo, creio que na tentativa de se acalmar enquanto ouvia as palavras de Leonardo.

Eu até controlei meu riso, por vê-lo daquela maneira. Riso que solto agora percorrendo o curto caminho do escritório até a clínica.

Nunca trabalhei tão pouco tempo em um lugar, esse foi meu recorde de entrar e sair de um emprego.

Bom, acho que este escritório foi apenas um meio para me fazer chegar perto do lugar onde eu realmente pertencço. Onde eu realmente devo estar.



Eu estarei com você

LEONARDO

Pergunto-me onde estava Vincent Fernandes, quando lhe disse que eu sou o novo presidente da clínica. Certamente escondido debaixo da mesa, pois eu mal ouvi sua voz de tão fraca entonação.

Permito-me rir imaginando-o, de todos os momentos até agora dessa situação relacionada a clínica, esse foi de longe o melhor.

Eu nunca me preocupei com essas coisas de cargo e status. Meu objetivo é trabalhar e fazer o meu melhor. Mas cá entre nós, também tenho ego, e não diferente da maioria dos seres humanos tenho um espírito competitivo, não que eu esteja em uma com Vincent Fernandes. Mas o *engomadinho* me tirou do sério na primeira oportunidade que teve e definitivamente eu não fui com a cara dele. Então por isso senti-lo perder o prumo quando disse para vir a reunião e trazer os documentos contábeis, foi muito bom. Mas sobretudo sua reação um tanto temerosa, me alerta.

E essa relação de cliente e prestador de serviço está por uma linha muito tênue, se for constatado que meu pai além de tentar mudar o contrato social, tenha cometido outros erros, encerro imediatamente nosso vínculo com esse escritório, e os farei responder judicialmente. Sem contar que não precisar ter contato com Vincent é uma ótima opção, e já começo a compor novos planos

para a clínica nesse sentido.

— Leo, posso entrar filho? — A voz da minha mãe surge, tirando-me dos pensamentos. Parada na porta semiaberta aguarda minha confirmação.

— Oi, mãe! Claro, entra! — digo, deixando a cadeira e indo ao seu encontro.

Abraço-lhe apertado. O que aconteceu não está sendo fácil para todos da nossa família. Mas não tenho dúvidas que para minha mãe, a carga torna-se ainda mais pesada, presenciar tudo o que meu pai fez, o homem que ela ama e confiou todos esses anos.

— Quando abri a porta notei um sorriso largo em seu rosto, Aposto que é por causa da Malu. Como estão as coisas entre vocês dois? — Ela diz, ainda com a cabeça pousada em meu peito.

Inspiro fundo, sem ter certeza se quero mesmo falar sobre isso, agora.

— Estamos bem — Opto em dizer. Sem querer entrar em detalhes.

Afastando a cabeça do meu peito, seu olhar se ergue, sustentando meu rosto em suas mãos ela me encara daquele jeito que parece estar lendo meus pensamentos. Desde criança foi assim, e sempre foi muito difícil esconder qualquer assunto dela.

— E por que seus olhos estão me dizendo outra coisa?

— Eu não sei o que eles estão te dizendo, mas eu estou dizendo que estamos bem.

— Leonardo, nada de meias palavras. Conte-me o está acontecendo.

— Incrível, eu simplesmente não consigo te esconder nada, dona Luiza. Ainda mais quando fica me olhando desse jeito — Ela sorri, dando de ombros. — Mãe, você faz isso desde que eu era criança. Como consegue?

— Talvez por ser sua mãe. E porque conheço teu olhar desde que nasceu. É certamente por isso — afirma com naturalidade — Sem contar que, quando você abriu os olhinhos pela primeira vez foi o meu olhar que você encontrou e sentiu nele o meu amor e segurança. E desde então, Leo, não houve um dia em que você conseguiu me esconder algo. Acho que isso explica tudo — diz, com carinho e estala um beijo em meu rosto — Agora, me conte, ainda temos um tempinho a sós, a vovó, Miguel e Melissa pararam no jardim.

— Ok, você venceu! Vem, vamos sentar e eu te conto o que está havendo.

Sem saída, resolvo contar a ela, e ao falar para alguém tudo que está acontecendo, e sendo esse alguém a minha mãe... eu deixo transparecer todo meu medo e insegurança que venho tentando afastar e negar a mim mesmo desde o momento que os fatos revelaram que eu e Maria Luiza somos primos. Da minha parte, isso não impede em nada levar adiante nossa relação. Mas para

ela, está nítido que não é tão fácil assim.

Ao contar como Maria Luiza está agindo de uma forma diferente ao normal, sinto o peso dessas ações, mesmo que estejamos convivendo, eu não posso viver afastado dela. Afastado no sentido de, não ter seu toque carinhoso, sem sentir o familiar perfume que encontro sempre na curva do seu pescoço, e só de lembrar da fragrância todo meu pulsar aumenta. Deus! E como vou viver sem beijá-la? Ou sem receber toda a sua entrega quando fazemos amor?

Maria Luiza não pode fazer isso comigo. Com nós. Com o nosso amor. Haveremos de passar por cima desse intitulado empecilho.

— Não poderá ser isso que nos separe! — digo, sentindo a necessidade de externar essa dor que comprime meu peito.

Sim. Dor, muita dor. Exagero ou não... mas eu já a sinto. Porque só de existir a probabilidade de nos separarmos eu perco minha estabilidade emocional.

Eu nunca amei uma mulher, como amo Maria Luiza, aliás eu nunca amei antes e a possibilidade de não poder viver esse amor é como ter meu coração arrancado do peito. Eu morro!

— E não será meu filho! Não será! Eu prometo! — Minha mãe responde, emocionada.

Comovida e envolvida na minha dor e no meu medo, seus olhos ficam marejados, e só então noto as olheiras debaixo deles, vestígios de uma noite mal dormida. Quanto não passou e pesou na mente dela? Quanta dor e mágoa?

Sinto-me egoísta por estar aqui falando dos meus problemas, sem ter lhe dado atenção antes, para saber como está lidando com tudo o que aconteceu.

— Mãe, e você? Me diga como está. Meu pai te procurou?

— Ligou algumas vezes, mas ainda não sinto vontade de falar com Henrique — ela diz, com um ar cansado. — Leo, dizer que estou bem é mentira, mas de alguma maneira me sinto mais madura e forte para lidar com os erros de Henrique faz.

— Como assim?

— Ah... filho. Achei que ele tinha mudando, graças ao nosso amor e por mim. Mas ao visto não, pois continuou a fazer besteiras e principalmente a trair minha confiança.

— Nossa... eu sempre imaginei que...

— Mesmo passando por experiências ao lado dele que prefiro não lembrar, eu sempre acabava dando-lhe um voto de confiança. Mas o que ele fez com Miguel e Cecília, foi a gota d'água. Eu não posso mais amar Henrique. Não depois de tudo. — Ela diz e seu tom é de desapontamento.

Sua afirmação é intrigante. Preciso compreender tudo isso.

— Mãe, ontem vocês mencionaram algo do passado, o que aconteceu?
— indago.

Faço com ela exatamente o mesmo que ela fez comigo: fixo meus olhos nos dela, tentando encontrar algo, tentando fazer com que me conte.

— Tem a ver com meu pai, não tem? — insisto.

Tenho o lampejo de que ela está prestes a falar.

— Me fala, mãe, você sabe que eu sempre estarei ao seu lado e que pode confiar em mim.

Seus lábios se separam, ensaiando o que irá dizer.

Mas a porta se abre.

— Ai! Desculpa, não sabia que... Beatriz disse que você estava sozinho, então eu decidi entrar direto sem ela anunciar antes, desculpe. — A mulher da minha vida fala sem jeito por nos ter interrompido.

Eu estou muito feliz em ver Maria Luiza e saber que ela já não está no escritório do Vincent, mas foi por pouco que não ouvi o que ainda há escondido sobre meu pai.

Minha mãe levanta-se da cadeira e vai até a porta onde Malu está, e tomando-a pela mão lhe conduz para dentro do consultório.

— Malu... imagina e por acaso noiva precisa ser anunciada?! Entra!

Vejo em seus olhos uma certa apreensão, que se suaviza ao receber um abraço da minha mãe. Dona Luiza tem esse jeito simpático e acolhedor, capaz de sempre nos deixar confortável.

— Nós só estávamos aqui de papo antes da reunião. Passei pela recepção alguns minutos atrás e Beatriz não estava. — explica.

— Pois é... mas continuem, eu não quero atrapalhar. — Malu diz se afastando, voltando em direção à porta.

— De jeito nenhum! Fique, Malu! — Minha mãe a segura pela mão, trazendo-a novamente para perto. — Eu vou chamar os demais e esperamos por vocês dois na sala de reunião. Pode ser? Aproveitem um tempinho juntos.

Ao concluir ela dá uma piscadinha para Maria Luiza, e ainda, antes de sair me oferece seu costumeiro e belo sorriso encorajador. O mesmo que sempre foi capaz de me impulsionar nos momentos mais difíceis.

— Tudo bem, iremos em seguida — respondo, mandando um beijo no ar para ela.

Amo demais minha mãe, e agradeço por ela me apoiar em tudo. Mas nossa conversa ainda não acabou, vou insistir para ela me contar tudo o que envolve meu pai e seus possíveis erros do passado.

Sozinhos em meu consultório, Maria Luiza e eu ficamos diante um do outro. Desde que ela entrou na sala lhe observo tentando encontrar em suas

expressões, alguma pista do que afinal ela está sentindo ou pensando. É o que faço agora, mergulho nas profundezas dos olhos de pigmentos tão lindos e únicos. Ela quase não pisca, como se quisesse exatamente isso: que eu a visse por trás deles.

Eu disse antes, que se eu a perdesse, seria como ter meu coração arrancado do peito, mas eu estava errado, afinal, ele não pertence mais a mim, e sim a Maria Luiza. Ela é a dona dele, e é somente com ela que posso viver.

E quero que ela seja capaz de ver isso, e sentir o quão forte é. Dou um passo à frente encurtando por completo a distância que havia entre nós — desejando encerrar não só a distância física, mas a que nossas almas estão enfrentando. — De tão perto que estamos eu sinto o seu respirar e seu peito se movendo rápido. Ainda não lhe abraço, apesar de estar morrendo de vontade de fazer isso.

Inclino meu rosto na direção do dela, roço com meu nariz o seu pescoço, inspiro fundo trazendo para os meus pulmões o seu cheiro, ela arqueja e pende a cabeça para o lado, é uma brecha, e é o suficiente para me fazer sorrir e aproveitar a oportunidade. Encosto ali meus lábios sentido a maciez da sua pele. Maria Luiza suspira e percebo sua respiração se abrandar, como se permitisse se entregar ao que anseia tanto quanto eu — unir nossos corpos em um beijo, um beijo como aquele segundo que demos, e que foi aqui em meu consultório.

Faço um caminho com meus lábios que vai desde o pescoço até sua bochecha, estou prestes a beijá-la, e então ela me abraça e afunda o rosto em meu peito. Desviando, escondendo-se do meu beijo. Apesar da dor que isso me causa, eu a abraço também. Envolver meus braços em suas costas, segurando-a firme contra mim. Em silêncio ouvimos apenas nossos corações que agora batem a um ritmo frenético. E é ali que ela diz o que eu precisava ouvir para sentir um pouco de paz.

— Leo, eu te amo. Eu apenas preciso de um tempo.

— Eu também te amo — digo aliviado, pelo menos em partes. — Você tem o tempo que precisar — afirmo, mesmo sabendo que durante este tempo sem tê-la por inteiro, me fará sofrer.

Mentalizo um dos versículos que está em 1 Coríntios 13:

O amor (...) tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

MARIA LUIZA

— Obrigada. — É o que eu consigo responder, logo após Leonardo me dizer que tenho o tempo que precisar.

E como eu desejo que tudo isso suma de mim, da minha mente. Parece fácil, e talvez seja e eu quem está por complicar tudo. Meu corpo, meu coração quer ser dele. Mas incontrolavelmente sinto algo que me faz dizer: *não posso*.

Eu sempre fui uma pessoa que precisa de tempo para digerir alguns assuntos, e nesse momento é o que preciso. Pois saber que somos primos, e a ideia de que quero ardentemente ser beijada e tocada por Leonardo, me faz sentir um misto de emoções e contradições.

Já fizemos tudo isso antes. E o que muda agora? Muda que é justamente por saber, por ter ciência, que meu cérebro me impede de prosseguir. Mesmo que todos digam que não há problemas, minha mente faz todo meu corpo travar. Preciso de tempo.

Pois eu sei que isso vai passar. Terá de passar.

— Desculpe — acrescento, vendo em Leonardo compreensão, mas também dor.

— Tudo bem, Malu. Será no seu tempo. Eu só quero que você tenha certeza de que nosso amor é grandioso e belo. Não é errado sentir o que sentimos. Não temos culpa, não sabíamos de nada quando nos conhecemos e era impossível imaginar algo desse tipo.

— É... eu sei disso, Leo. Como poderíamos imaginar que somos... primos — minha voz chega a falhar quando tenho que fazer essa afirmação.

Ficamos perdidos um no outro. E a apreensão toma conta.

— Eis uma grande peça que o destino nos pregou — decido dizer, tentando diminuir o peso da circunstância.

— Sim, uma peça das boas... — Ele sorri, e percebo sua intenção em também amenizar nossa tensão. — Mas só não podemos esquecer que está em nossas mãos o tipo de final que desejamos dar a ela. Eu quero um final feliz para nós dois, Malu.

Leo está profundamente mexido com essa situação tanto quanto eu. Estamos os dois abalados, e com medo de tudo que ainda teremos de enfrentar. Torna-se insustentável me manter firme sem derramar uma lágrima. Ontem eu chorei tanto, chorei por toda a dor em saber a verdade sobre meus pais, mas chorei de medo ao que poderia acontecer comigo e com Leonardo. E principalmente eu não quero que ele sofra, pois Leo não merece. E muito menos

quero ser o motivo para o seu sofrimento.

— Eu também, Leo, eu juro que quero um final feliz para nós. E eu sei o quão belo é o nosso amor, eu só não...

Um nó enforca minha garganta e não consigo falar, apenas chorar e antes mesmo que as primeiras lágrimas escorram, Leonardo está me abraçando. E é assim que tem sido desde então. E é só em seus braços que encontro minha segurança. Meu conforto. Minha certeza de que ficarei bem.

— Ei... tudo bem, Malu. Não chore, por favor não chore — ele diz, carinhoso e preocupado, enquanto o polegar seca cada lágrima que insiste em cair — Vai ficar tudo bem, nós iremos superar isso juntos, *ok*?

Balanço a cabeça confirmando.

— Malu, apenas prometa que ficaremos sempre juntos... — Leo pede, e sinto o quanto teme por nossa separação, mas isso nunca passou pela minha cabeça.

Apesar de toda a confusão e luta entre minha mente e meu coração, me afastar dele está fora de cogitação.

— Prometo. Eu prometo, Leo. — respondo e trago firmeza para minha voz, para que ele tenha certeza disso.

— Obrigado, meu amor. Obrigado. — Ele diz, segurando meu rosto em suas mãos. Seus olhos verdes brilhantes e úmidos me olham em ternura — É tão bom ouvir isso, Malu — completa, com um sorriso de alívio que ilumina seu rosto e também meu coração.

— E agora, me diga como foi a conversa com o *engomadinho* folgado. Estou curioso, quando falei com ele, parecia não acreditar no que eu dizia. — Leonardo fala e não esconde a satisfação.

— Eu estava na frente dele quando você ligou, foi hilário. Ele ficou sem chão e muito nervoso — acabo rindo também, lembrando da reação de Vincent. — E a conversa com ele, foi do jeito que esperávamos.

— Ele demitiu você? Mesmo sabendo que meu pai não é mais o presidente?!

— Bom, ele me demitiu antes da sua ligação. Mas acredito que ainda assim, a atitude seria a mesma — digo.

— Malu, pode soar estranho o que vou dizer agora. Mas confesso que estou feliz que não tenha mais que trabalhar nesse escritório.

— É... no fundo eu também gostei. Acho que não era o meu lugar.

— Não mesmo! Seu lugar é aqui, ao meu lado na clínica. — Ele afirma e encaro-o sem entender direito, onde quer chegar.

Como se lesse meus pensamentos, completa:

— Eu vou precisar da sua ajuda, Malu.

— Aqui na clínica? Minha ajuda? — questiono, ainda sem compreender qual a sua intenção.

— Sim... vem, vamos para reunião, adianto o assunto com você no caminho — ele segura a minha mão e nos leva para a porta — Eu acho que você vai gostar da ideia — completa antes de abri-la e por fim dá um sorriso e aquela piscadinha, só para me lembrar o quanto eu gosto e me derrete quando ele faz isso.



Aquela

MARIA LUIZA

Quando o elevador se abre e chegamos ao último andar da clínica, tenho uma visão diferente do habitual.

Um andar amplo, com um *layout* e divisões bem distintas dos corredores que tive a oportunidade de circular nos andares inferiores. O que vejo, é um espaço onde outros membros dessa grande e complexa engrenagem, trabalham, para fazer tudo *isso* funcionar.

Nos andares abaixo estão todas aquelas alas divididas em especialidades de atendimento, consultórios, e quartos com pacientes — os profissionais de saúde se dividem cada um no seu setor para fazer um bom trabalho. E o pessoal aqui em cima é o responsável por toda a questão administrativa da clínica.

Sei disso, pois Leonardo me explicou brevemente enquanto passávamos pelo corredor principal que é usado para ir de um lado para o outro por quem trabalha nesse espaço e também é o caminho para chegar nas outras salas que ficam nos fundos, como por exemplo a sala de reunião, que é onde estamos agora.

Contudo, ainda enquanto fazíamos nosso caminho, pelo corredor —

que de um lado concentram-se todas as ilhas de trabalho separadas por divisórias baixas, e do outro é a parede que é feita totalmente de um vidro fumê e ao longo do seu comprimento persianas de cor branca que certamente são para auxiliar no controle da luz do sol que aquela hora da manhã ainda não estavam causando incomodo e por isso todas estavam abertas — fomos surpreendidos por um dos funcionários.

Um homem jovem, na faixa dos vinte anos. E ao se aproximar, consegui concentrar-me apenas em suas primeiras palavras: “*Doutor Leonardo, eu gostaria de lhe agradecer, meu filho está bem melhor...*” Em seguida mantive minha atenção no bordado de fios brancos, no lado esquerdo de sua camisa social de cor azul marinho. Ali havia um desenho que imitava o batimento cardíaco e junto as linhas que sobem e descem tinham um coração, acima desse desenho estava escrito: “*Clínica Dr. Magno*”, e abaixo: “*Amor por sua saúde*”.

Por tudo que conheço desta família, *minha família* (ainda estou me habituando com essa novidade), no instante que vi o *slogan* da clínica, achei tão bonito e me dei conta que nunca havia reparado nisso. Pensei o quão representativo é a frase, já naquele momento, mas principalmente depois de saber — em seguida — quando no início da reunião vó Laura nos presenteou com uma breve introdução, contando um pouco da história do *meu* vô com a medicina. Instante este, em que flagrei um olhar de surpresa nos rostos dos demais, o que me fez presumir que alguns fatos eles também desconheciam, e que não era somente eu — a recém-chegada a família, que não sabia.

Ela nos contou que o médico Gaetano Magno, (e foi exatamente assim que ela falou, fazendo-me ter conhecimento do seu primeiro nome, sendo que até então só havia visto todos se referirem a ele por Magno. E a forma como ela pronuncio o nome dele, foi de uma intimidade, e carinho que só caberia a ela mesmo, se referir a ele desta maneira tão singular). Enfim... *ele* desde criança interessou-se pela medicina — causa e cura das enfermidades — e isso se originou, em virtude de que sua única irmã, e gêmea dele, sofria com convulsões na infância sendo que mais tarde na adolescência, foi diagnostica com síndrome epilética, a falta de dinheiro, impediu a família de realizar o devido tratamento, e manter o uso dos remédios necessários, e em uma das crises, a irmã acabou morrendo na flor da juventude,

“— *Magno passou a querer saber mais sobre o assunto, apaixonou-se pelo cérebro humano e seus mistérios, mas foi na cardiologia que se destacou e conseguiu ter uma carreira, e bem, acho que isso explica um pouco porque ele gostava tanto de Henrique. Ele sempre admirou o dom e aptidão de Henrique para a neurologia, o que apesar de tentar Magno nunca teve. Henrique é um mau caráter, mas seu talento é inegável.* ”

Na ocasião ao concluir, vó Laura estava inexpressiva, e ficou um tempo olhando fixo em um ponto e os pensamentos pareciam voar para o passado. Fiquei pensando comigo, quantos momentos ela passou ao lado do marido, dores, lutas, conquistas, decepções e agora ter de lidar com a traição do genro, e principalmente saber o quanto o marido ficaria decepcionado ao saber do que Henrique fez.

O fato é que é notável o quanto meu avô dedicava-se a sua profissão, e o quanto a realizava com um importante diferencial: amor e pessoalidade.

Então tive a certeza de que aquela era sem dúvida a melhor frase para se representar a este centro de saúde. “Clínica Dr. Magno. Amor por sua saúde”. Suspeito que mais do que qualquer outra coisa, esta deve ter sido a receita, por tudo ter dado tão certo. E provavelmente isso mudaria se essa clínica ficasse por mais tempo nas mãos do doutor Henrique.

Só voltei minha atenção para o tal funcionário, quando vi sua mão estendida em minha direção, e a expressão dele me dizia que esperava pelo meu cumprimento mais tempo que deveria. Sorri sem jeito, cumprimentando-o e desculpando-me por estar tão relapsa. E antes mesmo, que outro assunto fosse iniciado, Leonardo apressou-se em dizer que já estávamos atrasados para uma reunião.

Avançamos no corredor e viramos à esquerda.

— A sala de reunião fica no final desse corredor. — Leonardo informou-me, levando a minha mão até a sua boca, e deixando um beijo ali.

Nossas mãos estavam entrelaçadas desde que saímos de seu consultório, até chegarmos na sala de reunião — a não ser pelo breve e intenso momento do elevador.

Sim, MUITO INTENSO. Só de lembrar sinto um fervilhar na minha pele.

Estávamos ainda na ala da pediatria aguardando o elevador, e assim que a caixa de aço parou em nosso andar, Leo educadamente — como é natural dele — parou diante da porta aberta travando-a com a mão, e deixando que eu entrasse primeiro. Eu fiz. Entrei. Ele veio em seguida, apertou o botão no andar desejado e em vez de ficar ao meu lado, deu um passo a mais e ficou atrás de mim, e garantiu que ficássemos bem próximo — muito próximo — tanto que eu até conseguia sentir sua respiração soprando em meu cabelo. Um arrepio percorreu todo a minha coluna, começando desde o dedinho do pé a até os fios de cabelo da minha nuca, quando senti a primeira lufada de ar, que ele soltou devagar, logo após inspirar com força e veemência o ar envolto ao meu cabelo.

Sou capaz de afirmar que um campo magnético se formou entre nossos corpos, e a energia desse campo magnético era tão intensa que me sentia

sendo atraída fortemente para ele assim tal qual acontece com o metal e o ímã.

Um choque entre nossos corpos aconteceria, se eu não me agarrasse a algo para exercer uma força oposta.

Mas foi inútil.

Porque não havia nada em que eu pudesse me apoiar: olhei para as portas lisas do elevador a minha frente, olhei para um lado, para o outro. E claro, não tinha nada onde eu pudesse me segurar.

Com isso, cravei o dente no lábio inferior, trazendo para o meu peito a bolsa que estava na lateral esquerda do meu corpo, segurei-a com força e fiz disso meu suporte para não sucumbir ao desejo voraz de sentir aquele abdômen ... firme ... definido... quente... lindo encostando nas minhas costas, preenchendo-me daquela sensação boa quando nossos corpos estão juntos.

Agarrar na bolsa continuou sendo inútil, eu sucumbiria, ainda assim.

Ao fazer o movimento com a bolsa, a alça dela escorregou pelo ombro, e foi então que fui fardada a fraquejar.

Leonardo gentilmente — como é tão natural dele, parte II — arrumou a alça trazendo-a para o lugar, seus dedos avançaram além da extensão da tira que imita couro, senti-os subindo do braço até o ombro e não ajudou em nada eu estar usando um vestido que deixa meus braços totalmente sem tecido algum. Portanto senti todo o calor emanado da ponta dos seus dedos que por onde passaram deixaram um rastro quente e elétrico.

Julgo, que mesmo que eu estivesse usando roupas de mangas compridas e grossas, ainda assim sentiria, tudo o que ele me faz sentir.

Sim, eu sentiria!

Deixei-me ceder a atração, ao magnetismo... inclinei-me para trás desejando senti-lo, sucumbindo à força que me puxava para ele. E foi então que atordoada, respiração entrecortada, com os olhos fixos nos números do visor em cima da porta do elevador indicando os andares em ascensão, acabei perdendo meu ponto de equilíbrio ao tanto de *quase* cair. Quase, graças os braços fortes e viris de Leonardo que me envolveram pela cintura impedindo minha queda. E bom, além de impedir minha queda, o contato forte e íntimo aconteceu, fazendo-me sentir aquela eletricidade toda percorrer cada membro do meu corpo, e sobretudo fazendo-me lembrar como é estar em seus braços, livre de amarras, ou objeções criadas pelo meu próprio cérebro.

Ficamos ali, sem nos mexer. Eu podia sentir o coração de Leonardo tamborilando, enquanto mantinha-me com as costas apoiadas em seu peito, e ele certamente o meu, pois um braço estava ocupado em circundar minha cintura, mas o outro estava segurando-me envolta dos ombros e ocasionalmente seu antebraço repousou bem em cima do meu peito — onde meu coração para falar a

verdade não tamborilava, e sim dava galopes. Leo não facilitou, e com a boca colada ao meu ouvido me perguntou com uma voz rouca e profunda se eu estava bem, afetada e sem força para falar apenas dei um leve balançar de cabeça positivamente.

A campainha apitou, indicando que havíamos chegado no último andar, separamo-nos e ele saiu na frente, posicionando-se exatamente como antes: segurando a porta para eu passar.

Saí com a cabeça baixa e envergonhada, mas com uma sensação familiar, prazerosa, ainda sentindo toda a eletricidade do nosso contato percorrer meu corpo.

Vi no rosto de Leonardo um sorrisinho vitorioso, de quem sabe o quanto é capaz de mexer comigo e meus desejos íntimos. No final das contas, desconfiei, que sua atitude em ficar na posição que escolheu assim que entrou no elevador, foi mostrar-me que há uma força que nos atrai, um sentimento muito maior do que qualquer convenção social que se faz presente como uma barreira em meu maldito e teimoso cérebro.

Ele disse que eu tinha o tempo que precisasse, mas não se comprometeu em *não me* fazer lembrar e provar a todo instante o quanto nós dois funcionamos bem — em todos os sentidos — e ainda bem que ele não se comprometeu com isso.

Estão todos aqui debatendo os assuntos práticos para o funcionamento da clínica, ouvi Luís falando sobre as questões legais, Leonardo comentando de algumas ações que não devem ser interrompidas, outras que ele julga ser necessário mudar, e quanto mais ele fala, nota-se que seu conhecimento com os assuntos relacionados a clínica vai além da pediatria.

Mas o problema é que estou metade prestando atenção no que estão falando e a outra metade divagando sobre Leonardo e eu.

De hoje essa situação não passa...

Santo Deus!

Concentre-se, Malu!

Meu cérebro grita, lembrando-me que esta reunião é muito importante. Afinal, agora meu envolvimento a cerca disso tudo será muito além do que um dia eu poderia prever — neta do doutor Magno, e escolhida para auxiliar Leonardo para realizar uma análise nos documentos contábeis. — Eu tenho que estar totalmente focada.

E exatamente agora, Leonardo trouxe para a pauta da reunião o nome do pai que lógico já foi comentado outras vezes, mas nesse momento em si, eis que surge uma questão muito séria e inédita para o restante da família: a

possibilidade de Henrique ter agido de forma desonesta, além do intento em alterar o contrato social.

Sentada diante de Luiza, Vó Laura, ajeita-se na cadeira, ela olha para filha e em seguida para Leonardo, que está na ponta, ocupando seu devido lugar como presidente.

— Leonardo, então você está desconfiado que pode ter mais coisas que precisamos descobrir sobre Henrique? — Ela indaga, preocupada.

E antes que Leonardo responda algo, ouvimos Melissa dizer:

— Eu não posso acreditar que meu pai estaria roubando a própria família. — Sua voz sai baixa, mas o suficiente para ouvirmos.

Minha cunhada parece estar em um daqueles momentos em que nossa boca nos trai, dando som aos nossos pensamentos. Contudo, percebo que ela não questiona Leonardo e sim a si mesma, negando-se a aceitar os fatos sobre seu pai.

Leonardo estuda sua expressão, certamente tentando falar da melhor forma com a irmã.

— Mel, a atitude que nosso pai teve, coloca em xeque todo o tempo em que esteve à frente da clínica. — Ele diz, olhando nos olhos da irmã. Seus olhos transmitem a sinceridade de sempre, e assim sendo não é difícil para ela confiar em suas palavras. — Principalmente no momento que ficou sozinho sem o vovô e desde que a Maria Luiza apareceu.

Neste acréscimo a frase, em seguida sinto todos os pares de olhos que estão nesta sala em mim. É um tanto desconfortável, confesso. Ser o motivo de toda essa tempestade vir à tona, não é nem um pouco agradável.

Mas o que posso fazer? Não fui eu a culpada pelas coisas serem assim.

Percebendo talvez o meu *leve* desconforto. Meu pai coloca sua mão sobre a minha e me oferece um sorriso. — Um dos muitos que me deu desde que entrei nesta sala — aliás, foi tão puro e bonito como seu rosto se iluminou quando me viu, que eu só consigo retribuir todo esse carinho, da mesma forma que ele está me oferecendo: genuinamente.

— Qual o plano, Leo? — O tom que Miguel usa com o sobrinho é firme, confiável.

— Inicialmente, uma auditoria nos documentos contábeis da clínica que compreendem principalmente este período que mencionei. E também a mudança urgente do responsável das contas correntes da clínica. — Leonardo explica.

Há um consentimento geral.

— Faz sentido. O doutor Henrique se sentiu acuado com a presença de Maria Luiza, e pode ter enfiado ainda mais os pés pelas mãos. — Luís

interpõe sua opinião.

Leonardo assente e volta a discorrer sobre o assunto.

— Foi o que pensei. Por isso, liguei para o Vincent com o objetivo de chamá-lo para uma reunião afim de informar das mudanças por aqui. E aproveitei para solicitar que trouxesse alguns documentos, como os relatórios e balanços fiscais desses dois últimos meses e pessoalmente eu vou exigir acesso e cópia de tudo relacionado ao financeiro da clínica. O serviço que realizamos aqui no nosso administrativo é primário, mas também vou averiguar. Contudo o que o escritório do Vincent faz é justamente prestar a devida assessoria e realizar o fechamento e controle final, resta-nos saber se o que estão fazendo, está sendo realizado com lisura — explica.

— E quem fará essa análise nos documentos? Você vai precisar de um profissional adequado para isso. Ou dependendo até uma empresa de auditoria. — Luiza indaga.

— Sim, nós vamos precisar, mas eu já tenho alguém para fazê-lo. — Leonardo responde a mãe, e ligeiramente seus olhos se voltam para mim.

— Quem?! — A matriarca da família no auge dos seus oitenta anos pergunta, franzindo a testa, e suas linhas ocasionadas pelo tempo e experiência de vida ficam ainda mais salientes igualmente à sua lucidez. Por vezes me pergunto se vó Laura não esconde sua verdadeira idade. Ela é tão ágil, a fala é firme e a mente de fato, parece não falhar, como ele mencionara.

— Maria Luiza. — Leonardo responde de imediato. — Ela está totalmente apta e possui experiência para isso, sem contar que precisamos de uma pessoa de extrema confiança para este momento delicado, e que não faça das informações que poderá encontrar um motivo para prejudicar e manchar a reputação da clínica. — Ele fala com atenção dividida em cada membro desta reunião, e percebo seu objetivo em captar a reação de *um por um*.

Eu também faço o mesmo: passo meus olhos em cada um, e me sinto mais receosa com a reação de Melissa, contudo, sua expressão não me diz nada ao contrário de aprovação. Ela sorri para mim, com sinceridade. Eu gosto de verdade dela, e fico feliz em saber que sua afeição por mim não mudou.

Na ocasião em que meus olhos encontram os de Leonardo, vejo-os que estão cheios de segurança e admiração. Não nego. Muito me agrada saber que Leo além de *me* amar, e querer-me como sua companheira de vida, também me quer como companheira de trabalho e principalmente que confia no meu potencial.

Fujo do seu olhar, pois não posso me envolver naqueles olhos lindos de tons de verde acinzentados — me farão desconcentrada — ajeito-me na cadeira, fico de forma atenta para qualquer questionamento sobre minha

capacidade profissional.

O que no final das contas não acontece, todos apenas me olham com um sorriso de aprovação, parecendo aguardar o aval da vó Laura que fica alguns segundos me observando e batendo a caneta que está em sua mão na mesa. Seu olhar examinador, e o som da caneta batendo na mesa, acabam me deixando agoniada e ansiosa. Mas controlo qualquer vestígio aparente desta ansiedade, mantendo minha postura segura.

— Isso é perfeito. Se Maria Luiza da conta do recado. Então será ela quem fará essa auditoria — diz, dando um baque com a caneta, dessa vez mais forte sobre a mesa.

Respiro aliviada. Ainda que eu saiba que agora eu sou um deles, às vezes sinto-me nervosa diante de todos. Sinto-me em alguns momentos a Maria Luiza de antes. — Aquela que até alguns meses atrás estava desesperada por uma vaga de emprego, aquela que fora criada pela mãe e pela avó e que nunca conheceu o pai. Aquela que vivera sozinha, sem ter ninguém nem ao menos para avisar que sofrera um grave acidente.

Agora tudo o que preciso é aceitar que pertenço a este lugar. E essa família e essa clínica são minhas também.

— E mais, se algo errado for encontrado, eu não quero mais que este escritório preste assessoria para a clínica. — Leonardo acrescenta, trazendo uma questão importante.

— De jeito nenhum, não podemos confiar que a nova era na clínica fique sob a responsabilidade desse escritório. — Luiza faz sua observação concordando com Leonardo.

— Leonardo, eu estou em pleno acordo com o que você achar melhor. Conte com meu apoio. — Meu pai diz, confirmando sua segurança no trabalho de Leonardo.

— Obrigado, tio, e quando achar que está pronto para assumir... sabe que a presidência é sua.

— Leo, este é outro assunto que precisamos conversar. Luiza, sua vó e eu decidimos ontem que você ficará na presidência de forma permanente. Claro, se você quiser.

Leonardo é tomado por uma expressão de surpresa.

— Como? Mas era só o tempo em que você precisasse para...

— Eu sei, para me habituar e tudo mais. — Meu pai interrompe, sorrindo. — Só que este cargo deve ser seu. Este é o seu momento, Leo. Você vive essa clínica, conhece todos os meandros deste lugar, é bem visto pelos funcionários, pelos pacientes, possui habilidade para gerenciar pessoas, tem conhecimento, boa visão para os negócios, e principalmente tem amor no que

faz. Você mais do que ninguém é perfeito para ser o novo presidente da clínica Dr. Magno.

— Pois eu também acho que Leo é perfeito para o cargo e fará um excelente trabalho. Estou orgulhosa por você. — Melissa expressa sua opinião, e suas últimas palavras saem um pouco embargadas. O marido lhe sorri, e aperta sua mão. No privado, no íntimo do lar deles, ele mais do que qualquer pessoa deve saber o que ela está passando diante dessa situação do pai.

Depois de ser atencioso com a esposa, Luís se dirige a Leonardo. E sei que ele está sendo sincero.

— Leonardo, apenas desejo sucesso. E sabe que estou à disposição para o que precisar. — Luís o tipo de pessoa que nos inspira sinceridade.

— Filho! — A voz em tom exclamado de Luiza, contrapõe digamos que talvez o peso de tudo que está acontecendo. — Eu estou muito feliz e orgulhosa por você. Este lugar já deveria ter sido ocupado por você antes — ela demonstra uma genuína satisfação. — Você sabe que eu sempre estarei ao seu lado.

— Leonardo, a caneta está nas suas mãos, e tem carta branca, confiamos em você. — Vó Laura diz, com firmeza e fixando bem o olhar no novo presidente da clínica. — Magno estaria orgulhoso de ver o neto assumindo a clínica.

Leonardo agradece a todos, e o vejo transbordar em contentamento pela confiança que sua família lhe deposita. Ele é extraordinário, e eu preciso dizer isso a ele. E também agradecer por confiar na minha capacidade de trabalho, assim como os demais.

— Eu gostaria de dizer algumas palavras — digo, um tanto envergonhada.

— Maria Luiza, fique à vontade. — Leonardo responde, e apesar da seriedade em dizer meu nome, sinto também amor em suas palavras.

Respiro fundo, enquanto percorro rapidamente os olhos por cada um deles e então lembro-me dele: o acaso.

“sempre somos surpreendidos, não importa se você é a pessoa que planeja tudo ou não, pois o acaso, o inesperado vai sempre te pegar pelo pé e muitas vezes fazer você ficar de ponta cabeça”. Eu não estou de ponta cabeça, mas estou extremamente surpresa com o que ele me aprontou.

Quem diria que Maria Luiza Ventura, seria também uma Magno. E mais do que fazer parte disto tudo, eu também tenho minhas responsabilidades a cumprir.

— Bom, primeiro preciso dizer que você é extraordinário. — falo, encarando Leonardo e sinto meu coração acelerar no peito — Tudo o que você

faz é com total amor e entrega, além de ser muito inteligente e capaz — vejo seu sorriso se alegrar. — Não tenho dúvida que será um ótimo presidente para a clínica. Parabéns!

Inspiro fundo uma vez mais e volta a falar:

— Eu gostaria de agradecer a confiança que depositaram em mim, tanto quando contei tudo o que sabia a vocês e principalmente por me darem a chance de poder contribuir com a clínica — digo, com sinceridade — E obrigada por confiarem na minha habilidade profissional. Me comprometo em oferecer o meu melhor por esta clínica e também por esta família. Vocês são uma família maravilhosa e eu não poderia estar mais feliz em estar aqui, e também por finalmente ter meu pai — as últimas palavras saem trêmulas, abaladas pela minha emoção.

Miguel leva a mão em meu rosto, deixando um afago.

— Maria Luiza... — vó Laura diz, deixando a sua cadeira e vindo até mim. Ela pega em minha mão fazendo-me levantar, suas mãos vão até meus cabelos e os coloca para trás dos ombros deixando suas mãos ali. — Querida, nós agradecemos por você, ter nos alertado para algo tão sério. E saiba que estamos muito felizes por ter você conosco, e nós haveremos de superar os anos perdidos, as dores, e os danos causados com muito, muito amor Maria Luiza.

Não sei como, só sei que quando me dei conta estava recebendo o abraço não só da minha vó, mas também de todos, e a cada abraço uma palavra de carinho. Mais acolhida que isso, seria impossível.



Eu corro

LEONARDO

Sentado esperando que o próximo participante dessa reunião apareça começo a pensar sobre os últimos acontecimentos, a reunião fluiu bem, o clima foi leve entre todos, o objetivo em comum de levar adiante o trabalho e cuidar para que não se perca tudo o que já foi feito pela clínica é compartilhado por todos nós. E mais que isso, o desejo de mudança, de começar a fazer ações que foram no decorrer dos anos sendo deixadas de lado, ou projetos que meu avô tinha e não conseguiu colocar em prática.

No início até fiquei um pouco apreensivo com essa grande responsabilidade, estava preparado para assumir a presidência da clínica provisoriamente, e depois voltaria a normalidade do meu dia-a-dia — agitado — de trabalho. Mas os planos mudaram, agora mais que médico nessa clínica, eu sou também aquele que deve garantir que tudo funcione bem, que nossa equipe tenha êxito com cada paciente atendido. Que no final do dia, os números de vida sejam sempre maiores do que o de morte. Que cada pessoa que procurar por ajuda médica na clínica Dr. Magno receba o melhor tratamento e receba amor.

Com essa nova atribuição, terei de ajustar minha agenda do melhor jeito possível para continuar atendendo meus pacientes, mas também não deixar cair a qualidade do atendimento. Suspeito, que a carga horária nos plantões que

vinha pensando em diminuir terá de acontecer o mais cedo do que eu imaginava. Ou até extinguir. A saída será ficar apenas com as consultas periódicas agendadas e as cirurgias agendadas também. Dar plantão no pronto atendimento será impossível. Preciso ver a escala urgente, e tentar remanejar, ou até contratar outro profissional. Como eu disse, o atendimento não pode cair a qualidade.

A gerência desse lugar necessita de dedicação, e nesse período inicial vai exigir ainda mais da minha total dedicação. Preciso conhecimento de tudo que tem acontecido aqui, reconhecer o terreno e fazer as limpezas necessárias. E o que mais me preocupa agora, é essa situação de que meu pai possa ter desviado dinheiro. Pois se isso aconteceu...bom não gosto nem de pensar nas consequências.

Apesar de meu pai demonstrar que nunca foi a pessoa honesta que sempre pensei, não lhe desejo nada de ruim.

Sinto tanto por minha mãe e irmã, está sendo muito mais difícil para elas entenderem todas essas revelações. No fundo só quero poder proteger as duas de qualquer dor que os atos de meu pai possam causar.

Momentos antes a assistente do meu pai esteve na sala e foi informada das mudanças, ao saber que agora eu sou o presidente sua expressão foi tomada por surpresa e até espanto. Pedi a ela as chaves da sala do doutor Henrique e foi então que sua reação foi estranha, parecia preocupada ao ponto de relutar em me entregar as chaves. Contudo, depois que insisti acabou cedendo. Pode ser coisa da minha cabeça, talvez ela só esteja assustada pela mudança repentina e sem prévio aviso. Mas de qualquer forma sua reação serviu para que eu fique atento aos seus atos.

Vó Laura foi embora acompanhada por Melissa e Luís. Já tio Miguel, minha mãe e Maria Luiza continuam comigo na sala, para a reunião com Vincent. Achei de bom tom que minha mãe e meu tio permanecessem para que Vincent tenha ciência plena de que as mudanças aconteceram e que principalmente o que meu pai estava prestes a fazer era sem o consentimento dos devidos donos da clínica, mesmo que ele tivesse a procuração que lhe dava poderes legais sobre isso, ainda assim, não era o que os donos desejavam.

— Ah! Que bom! ... Beth está vindo. — Tio Miguel diz, com atenção ao celular em sua mão.

Olhamos para ele sem compreender muito bem sua reação entusiasmada e por qual motivo Beth estaria vindo aqui.

Percebendo a situação ele começa a explicar:

— Eu pedi a ela que viesse colher meu sangue e de Maria Luiza para o exame de DNA — diz, olhando para mim e minha mãe, em seguida volta-se em específico para Malu. — Eu quero que o quanto antes você tenha meu

sobrenome e que tenha seus direitos garantidos como minha filha.

Os olhos de pai e filha brilham, diante um do outro. Ele continua a explicar com entusiasmo.

— Luís me disse que com o exame em mãos é só entrar com o pedido de registro de paternidade. Após aceito, você deverá atualizar todos os documentos com o novo sobrenome e incluindo na sua filiação o meu nome. E com isso você torna-se minha filha legítima e automaticamente minha herdeira direta, Malu.

— Eu vou ficar muito feliz em poder levar seu sobrenome e ser reconhecida como sua filha, mas de tudo isso, o mais importante para mim é ter a oportunidade de conviver com meu pai. — A resposta de Malu sai acompanhada de um sorriso.

— Encontrar você, te assumir como minha filha e te amar tal como um pai é o que a vida me reservou de melhor depois de anos recluso nas lembranças dos meus dias felizes. Malu, eu sei que com você na minha vida eu começarei a construir novas e felizes lembranças.

Ele junta a mão dele sobre a dela em cima da mesa e fala cheio de carinho, ela sorri de um jeito largo e feliz. Acabo lembrando-me do dia em que comentei com Maria Luiza que ela deveria buscar saber quem era o seu pai. E por todas as forças do universo, coincidências e destino o pai desconhecido (até então) da mulher que amo é nada menos que meu tio.

Incrível.

Não demora muito Beth chega até a sala. Seu sonoro e sorridente “*bom dia*” não disfarça (pelo menos para mim, que a conheço bem) de que ela não está em um bom dia.

Resolvo investigar, aqui mesmo diante de todos, enquanto ela prepara as agulhas e materiais para fazer o seu serviço.

— Beth, você está bem? — questiono, e tenho sua atenção. Olho bem para o seu rosto e reparo em um pequeno corte em seu lábio inferior. — O que houve? — emendo a outra pergunta apontando para o machucado.

— O que houve? — Ela bufa — o *hulk* houve.

— Ele está na clínica? — Beth assente com um bico de desagrado. — Mas ele esteve aqui no mês passado, o que foi que ele quebrou dessa vez?

Às vezes me pergunto quantos ossos esse menino ainda tem para quebrar.

— Você não vai acreditar, ele conseguiu quebrar o dedo da mão, cujo o braço está quebrado!! — responde balançando a cabeça em própria descrença.

Se tem um paciente que tira Beth do sério chama-se Daniel, vulgo *Hulk* e pelo apelido você já pode imaginar como o garoto de setes anos é.

— Foi uma criança que fez isso em você?! — Malu pergunta, em espanto. Enquanto Beth ajeita o garrote para coleta de sangue em seu braço, e em seguida começa a busca pela veia perfeita.

— Malu, aquele menino não é uma criança comum, ele é o *hulk* ou filho dele. Quando ele fica bravo sai quebrando tudo, e acredite a força dele é descomunal. — Beth conta. Logo depois já está com a agulha pronta para espetar na veia que encontrou, Malu vira o rosto para não ver a picada. Beth percebe. — Não vai doer nada, é como uma picadinha de formiga. — Fala do jeito que costuma usar com as crianças. Rimos, e num instante a agulha já está sugando o sangue para dentro da seringa.

E sobre o menino, Beth não está mentindo em nada e nem exagerando. Daniel é exatamente assim. Já até fiz alguns exames neurológicos nele, a pedido da mãe que passa um cortado com ele, mas o menino é saudável. Seu único “problema” é toda essa energia em excesso e sua audácia, por isso de vez *em sempre* está se machucando. O mal é que detesta hospital, picadas de agulha e ter de ficar quieto. Então ela acaba “surtando” e tem acessos de raiva. Para conseguir acalmar o menino durante uma crise é bem difícil.

— Quando ele deu entrada? — questiono, já sabendo que a pediatria estará movimentada pelos próximos dias que ele terá de ficar por aqui.

— Ontem. A Clarissa me ligou apavorada sem saber o que fazer para acalmá-lo e sem conseguir colocá-lo no soro. — Beth revira os olhos de um jeito engraçado. — Então eu vim para clínica para ajudá-la e acabei levando um soco dele. — sua voz soa inconformada.

E agora ela já está no braço do Miguel com o garrote colocado e procurando por uma veia. Beth já está tão habituada a fazer isso, que para ela é fácil e até automático. Então não me importo em continuar a conversa, no mesmo tempo que ela faz o seu serviço.

— Por isso você foi embora ontem, sem se despedir então?

— Sim! Aliás... me desculpem. Acabei saindo às pressas não me despedi de ninguém e nem avisei Beatriz que estava de carona comigo. Coitadinha, como será que veio embora?

— Eu a vi indo com o Derek. — Tio Miguel fala, franzindo a testa em dor quando a agulha se aprofunda em sua veia.

— É só uma picadinha de formiga. — Beth diz a ele sorrindo.

Tio Miguel fita o rosto de Beth de uma maneira diferente, ela não parece incomodada e sustenta por um breve momento o olhar nele e quando termina de colher o sangue, não passa despercebido por mim, o aperto que ele dá na mão dela.

Beth guarda os materiais usados, pronta para levar as amostras de

sangue para o laboratório quando seu celular começa a tocar no bolso do seu jaleco branco. Tirando-o atende de imediato e ouvimos ela dizer “Ok, estou indo aí.”

— É o *hulk* — ela diz, assim que encerra a chamada. — Tirou o escalpe que coloquei ontem a muito custo. Ah esse menino...

— Eu vou lá com você, quando eu estou ele sempre acaba dando uma amenizada. — digo e ela concorda.

Já estamos indo para a porta quando minha mãe se levanta da cadeira e nos alcança.

— Vou descer também, eu preciso conversar com você, Beth — diz de forma incisiva.

— Doutora, pode ser em outro momento? Esse horário da manhã é sempre agitado, ainda mais com...

— Não tem problema, eu espero por você. — O olhar incisivo de dona Luiza continua.

— Tá bem, doutora. — Beth responde, e vejo preocupação em seu rosto.

Observo as duas sem entender nada, mas com uma certeza, alguma coisa tem aí.

Antes de deixar a sala de vez, dirijo-me à Malu.

— Já volto — digo, fitando seu rosto, mas principalmente os lábios que beijei hoje mais cedo, mas que já me sinto sedento por beija-los novamente.

No elevador, foi quase. Eu sei que Maria Luiza não irá resistir por muito tempo, e eu estou disposto a quebrar essa sua resistência logo.

MARIA LUIZA

Leonardo e Luíza desceram e em seguida meu pai saiu da sala para atender uma ligação e prometeu voltar com uma xícara de café gostei da ideia, afinal, meu desjejum hoje foi irrisório — uma xícara de café puro, nada mais — e depois de tirar esse sangue, parece que me deu mais fome do que costume ter pela manhã.

Enquanto aguardo todos para a reunião, envolvo-me em ficar olhando as fotos de Valentina que estão meu celular. Surpreendo-me ao encontrar uma em que ela está deitada no meu colo, certamente Leo tirou sem que eu tenha percebido, a imagem me faz sorrir. Deslizo o dedo para a foto seguinte e esta foi eu quem tirei de Leo e Valentina, captei o momento lindo em que ele estava de olhos fechados dando um delicado beijo em na cabecinha de Valentina.

Vendo essas fotos, penso em tudo que não quero perder.

— Bom dia, me desculpe pela demora... — Vincent entra na sala, tirando-me da atenção ao celular. Mas sua voz some no momento em que me vê.

Fica parado na porta por uns instantes e então decido convidá-lo a entrar.

— Entra, Vincent — digo, sem sair do lugar.

Ele entra com um olhar desconfiado. Eu ia sugerir que ele ocupasse a cadeira do outro lado da mesa, mas antes mesmo de eu dizer qualquer coisa ele já está se sentando ao meu lado e deixando uma pilha de pastas sobre a mesa. Ele bufa, passa as mãos pelo cabelo e me encara.

— O que você faz aqui? Vai participar desta reunião também? — não gosto do jeito que fala e nem do jeito que me olha.

— Sim, eu vou participar desta reunião — respondo, sem baixar meu olhar.

— E onde está Leonardo? — ele pergunta, olhando ao redor da sala.

— O doutor Leonardo — enfatizo —, novo presidente da clínica, foi atender uma emergência, mas deve estar voltando.

— Hum... — ele diz e fica me encarando balançando a cabeça, como se estivesse pensando ou ponderando algo. — Escuta, Maria Luiza, eu sei que eu fui meio rude com você antes, eu estava um pouco nervoso, mas queria que você reconsiderasse e voltasse a trabalhar no escritório.

— Oi? Como é que é? — indago, completamente estática não acredito que ele está mesmo me dizendo isso.

— Cleo simplesmente me abandonou! — ele responde, jogando as

mãos para o ar. — Eu preciso urgentemente de alguém no lugar dela — sua voz se abrande e seu rosto se aproxima do meu como se fosse me contar um segredo — e você é ótima, Maria Luiza. Por favor, me desculpe e volte comigo para o escritório.

Assim que termina de falar leva a mão dele até a minha, retiro no mesmo instante que sinto o contato.

Levanto-me da cadeira, e sinto novamente sua mão, agora ela está no meu braço.

— Solte-me — digo, repelindo o contato novamente.

E ele torna a firmar os dedos em volta do meu braço e dessa vez com força.

— Ah! Qual é? Não se faça de difícil.

— Solte-me! — repito, sentindo nervosismo. E tentando livrar-me de suas garras.

— Tira. A. Mão. Dela. Agora!!!. — A voz de Leonardo ressoa na sala feito um trovão.

Vincent larga meu braço, e eu deixo imediatamente o lugar ao seu lado e corro para perto de Leonardo.

Nervosa olho para ele que tem a fúria percorrendo seu rosto, e as mãos fechadas em punho.

— Eu estou bem — digo, ao me aproximar dele. E com isso tento acalmá-lo.

Ele passa a mão no meu braço que antes estava sendo pressionado por Vincent, a marca dos dedos dele estão aparentes em minha pele.

"Desgraçado" Leonardo resmunga, e sai marchando em direção ao homem que ainda está tranquilamente sentado na cadeira.

— O que você pensa que estava fazendo segurando o braço dela? Ficou maluco? — Leonardo vocifera diante de Vincent Fernandes.

— Ei, doutor! Fica calmo *tá* bem? — Vincent diz, levantando-se.

De pé os dois ficam cara a cara. E a expressão de Leonardo não muda, só piora.

É claro que Vincent percebe isso, e certamente querendo deixá-lo ainda mais nervoso, dá um sorrisinho.

— Eu só estava aqui dizendo a sua noiva que gostaria que ela voltasse comigo. — A frase não é dita do jeito correto, Vincent faz soar com outra intenção. Sua expressão é de pura provocação.

Tento alertar Leonardo, dizer que ignore o que Vincent, mas não dá tempo.

A mão fechada em punho de Leonardo, acerta o rosto de Vincent. O

soco é forte, bem no seio da face e atinge o nariz. De imediato o sangue começa a escorrer, com uma expressão indignada Vincent esfrega as costas da mão limpando-o, e em seguida sua mão voa até Leonardo que se esquiva para trás, mas ainda assim acaba sendo atingido na lateral do rosto, alguns centímetros abaixo da têmpora.

Ah. Meu. Deus! Quero sair da sala e chamar ajuda mas fico parada no lugar.

Os dois se encaram novamente, Leo como um touro bravo começa a arrastar Vincent pela gola da camisa até chocar a suas costas contra a parede.

Ele o segura com uma mão presa ao colarinho, e o antebraço faz pressão contra a garganta de Vincent, dificultando sua fala e respiração. Leo está em descontrole, posso ver a raiva em sua expressão e isso não é nada bom.

— Leo, não! — peço. Na tentativa de evitar o pior.

Vincent esperneia no lugar e tenta empurrar Leonardo, mas ele não se move. A respiração rápida, demonstra sua fúria.

— Escute aqui seu desgraçado!! — Leo fala com o rosto ante ao de Vincent, furioso. — Ela não vai voltar com você, o lugar dela é AQUI na clínica que é DELA! — Vincent olha sem entender — Está surpreso, não está? Você sabe quem o é doutor Carlos Miguel Magno? — O homem encurralado na parede, apenas assente, sua voz não sai. — Claro que sim, pois é. Maria Luiza é FILHA de Miguel.

Vincent arregala os olhos, balbucia algo que eu não consigo decifrar.

Leonardo pressiona-o com mais força contra a parede e continua a falar, quase cuspidando as palavras na cara de Vincent.

— E saiba que é ela quem irá conferir cada um desses documentos. Nós vamos fazer uma auditoria em tudo! E se tiver algo de errado, ou suspeito fique sabendo que você estará muito, muito ferrado.

— Oopa!!! Opa!!! O que está havendo aqui?!

Graças a Deus meu pai chega, e tão logo deixa o copo de café que trouxe em suas mãos e vai até os dois para separá-los.

— Leo, solta ele, filho. Qualquer coisa que esse cara tenha feito, não merece que você perca o controle. — A voz do meu pai é branda e sua mão vai até o ombro de Leonardo para afastá-lo.

— Ele estava prendendo o braço da Maria Luiza com essas mãos imundas dele. — Leonardo responde, sem desviar os olhos de Vincent que começa a ficar vermelho e com dificuldades para respirar.

— O que?!! Filho da mãe!! Então espero que este sangue na sua camisa seja dele e não seu.

— Me solta... me solta porra! — Vincent consegue falar com muito

custo.

— Leonardo, eu acho que ele já aprendeu a lição, agora solta esse maldito. Ele está ficando sem ar, Leo. — Miguel volta a pedir.

Ouvindo as palavras do tio, Leonardo afrouxa a pressão na garganta de Vincent mas continua a segurá-lo pelo colarinho.

— Presta atenção no que eu vou dizer: O seu escritório de merda, não presta mais nenhuma assessoria para esta clínica. Eu quero tudo que está em seu poder. Todos os documentos que nos pertencem, tanto contábeis quanto jurídicos, você deverá nos entregar! Tudo, entendeu?! E a partir de agora, quem fala com você é meu advogado.

Vincent mesmo ali sob o domínio de Leonardo, solta uma risada debochada.

— É no meu escritório que estão os advogados da clínica, idiota.

— Não, o meu! O meu advogado é o doutor Luís Dutra, não os abutres que trabalham para você. E agora eu vou te soltar. Você vai sair por aquela porta sem fazer escândalo e principalmente eu quero que você lembre desse seu nariz quebrado, toda vez que pensar em segurar ou tocar em uma mulher sem permissão. — A voz de Leonardo e suas expressões estão mais leves, contudo a tensão ainda é aparente.

Vincent é solto por ele, e por algum juízo que lhe sobra na cabeça, não parte para cima. Ajeita a gola da camisa, joga os fios de cabelo caído em seu rosto para traz e encarando Leonardo, começa a se afastar.

Cada passo de Vincent é observado por Leonardo e meu pai. E eu garanto em sair do caminho para que ele nem passe perto e tente alguma gracinha.

Já na porta, Vincent vira-se dando uma última olhada para todos nós e principalmente para Leonardo.

— Você me paga! — Vincent diz.

— É o que veremos! — Leonardo responde.

Vincent sai, a porta faz um baque quando ele a fecha.

Vou até Leonardo.

— Você está bem? — perguntamos, ao mesmo tempo um para o outro.

Assentimos juntos. Mas ele, definitivamente não está bem,

— É melhor dar uma olhada nisso — toco delicadamente a região onde está um corte com um esfolado e um hematoma avermelhado em volta.

— Eu estou bem. Não se preocupe. — Ele responde se afastando.

— Leo! — Chamo-o.

Ele se vira, seu olhar é cansado.

— Preciso trocar a camisa — responde, saindo da sala.

Fico sem reação por alguns minutos e só então deixo meu estado letárgico e saio em disparada atrás Leonardo na tentativa de alcançá-lo.

— Vamos...

— Vamos...

Digo enquanto aperto repetidas vezes o botão do elevador, aliás porque temos essa bendita mania? Pura ilusão achar que ao apertar mais vezes ele sobe mais rápido.

É ilusão, mas eu continuo a apertar.

Aperto...

Aperto...

Aperto...

E pliiimmm...

Elevador chega, mal as portas se abrem e já estou dentro, estou dentro e chocando meu corpo ao de outra pessoa.

— Desculpa... — falo sem olhar direito e sigo com o dedo no painel com os números dos andares, mas... droga! Será que ele foi para a pediatria ou outro andar? Meus dedos dançam diante dos números.

— Eu o vi descer no quinto. — a pessoa à minha frente diz.

Olho, tomando a devida atenção na pessoa que esbarrei, trata-se do funcionário que falou com Leonardo antes no momento em que estávamos indo para reunião.

Abençoado seja!

— Obrigada... muito obrigada — respondo apertando o número cinco.

E deixando um sorriso sincero de agradecimento ao funcionário enquanto as portas do elevador se fecham diante de nós.

Enquanto o elevador desce eu fico entregue a ansiedade de encontrar Leonardo.

Quinto andar...quinto andar... onde ele foi no quinto andar?

Pediatria no terceiro, vestiário — já que ele disse que ia trocar a camisa — é no segundo. O que tem no quinto andar? O que tem? — forço o cérebro a lembrar.

Sim! A sala de descanso dos médicos. Ele só pode estar lá.

Pelo bom Deus chego ao quinto andar, as portas se abrem e eu saio andando o mais rápido possível, controlando o meu desejo de correr. Mas talvez eu pareça uma maluca correndo nos corredores de um hospital, ou então posso até assustar alguém.

Tento apenas andar rápido, tento...

Ao dobrar a direita vislumbro um corredor largo, sem ninguém, espio

pelos ombros atrás de mim, e não vem ninguém, na frente muito menos.

Eu corro...

Eu corro...

Eu volto para ele...

Eu estou diante da porta, respiro fundo.

Abro-a...

Eu o vejo...

Sem camisa e uma toalha nas mãos secando o rosto.

Entro...

Meu coração palpita.

Fecho a porta atrás de mim sem tirar os olhos de Leonardo.

Meu coração palpita ainda mais...

— Leo — sussurro.

— Malu. — meu nome é dito junto ao ar que que ele sopra para fora do pulmões. Ele não se move, fita-me com uma expressão surpresa.

— Eu amo você — declaro.

Leo joga a toalha no chão, mas na verdade quem está jogando sou eu.

Eu não aguento nem mais um segundo, sem ser a Malu dele e ele o meu Leo.

Corro para o amor da minha vida, seus braços me impulsionam e eu circundo sua cintura com as minhas pernas, sou tomada em seu colo.

Acaricio seu rosto com o meu, sinto o seu cheiro, junto nossas peles, nosso calor, nosso desejo, nosso amor.

Descansando minha testa na dele e com nossos lábios próximos, roçando um no outro, digo aquilo que está em meu coração.

— Uma noite... um dia sem você é como um sonho que eu deixo de viver.

Ele sorri.

— Pois então deixe-me fazê-la sonhar e viver, todos os dias, meu amor.

— Para sempre...? — questiono. Emocionada.

— Para todo o sempre. Só depende de você, Malu! Afinal eu sou seu!
— a resposta é pura, honesta, como tudo em Leonardo.

E quer saber o melhor? A resposta vem acompanhada de um beijo! Mas não é qualquer beijo. É um beijo cheio de saudade, entrega, amor e paixão.

Eu me entrego a ele.



Por amor

MARIA LUIZA

Após declarar que o amo, ele me promete todo o seu amor para sempre e afirma "*eu sou seu*", isto faz martelar algo em meu peito tão forte. Que tenho vontade de gritar ao mundo inteiro que esse homem maravilhoso é meu. LEONARDO É MEU!

O beijo que me dá, é um beijo delicioso, e tudo que havia reprimido em mim se libera.

Nesse instante eu sei que nada mais ira reprimir meus sentimentos por Leonardo.

Nesse instante eu digo ao meu cérebro que ele pode ficar tranquilo, e aceitar o que meu coração pede — ser para sempre de Leonardo — e principalmente permitir e aceitar que este sentimento é puro, verdadeiro e que isso não é errado.

Eu amo, amei antes de saber que tínhamos laços sanguíneos. E continuarei amando-o depois de saber.

Deixar de sentir meu amor e deixar de desejar ser tocada e amada pelo homem que transformou minha vida é inconcebível.

O amor que Leonardo me ofereceu desde o instante em que nossos caminhos se cruzaram naquele acidente, foi o mais lindo e genuíno.

E não importa. Não, definitivamente não importa que ele seja o meu primo.

Entrego-me a ele de corpo, alma e coração.

A boca dele continua a buscar pela minha, nesse frenesi de carícias. Sua língua passeia com a minha, elas estão afoitas e vorazes. Reivindicando cada vez mais uma a outra.

— Malu, eu estava ficando doido, só de imaginar que eu nunca mais fosse beijar essa sua boca. — Leonardo diz, ainda com nossas bocas coladas e sugando meu lábio inferior.

— Me desculpe — peço, arrependida por ter feito ele se sentir dessa maneira.

Ele nos leva para a cama, senta-se nela e eu continuo em seu colo. Enquanto uma das mãos passeia pelo meu corpo, sinto a outra em nosso meio, afastando o tecido da sua calça, ele tem pressa. Sigo-o, nessa ânsia urgente de tê-lo dentro de mim.

Apoio um pouco os joelhos na cama e assim consigo levantar mais o vestido. Suas mãos vão direto para a pele que acabou de ser exposta, ele aperta com força meu bumbum, solta um gemido que mistura alívio e prazer.

— Estava ficando mais louco ainda, por imaginar eu nunca mais te tocaria desse jeito. — Sua voz é rouca e baixa.

— Isso nunca iria acontecer. Eu não vivo sem o toque de suas mãos em meu corpo — falo, beijando seu pescoço e rebolando em seu colo, enquanto sinto-o passar o dedo pela minha calcinha.

Estou prestes a apenas empurrá-la para o lado e assim me ver livre do tecido que impede meu total contato com ele. Mas então ele segura minha mão.

— De jeito nenhum — olho para ele sem entender. — Estou doidinho para fazer isso, mas antes eu preciso tirar esse seu vestido e ver seu corpo Malu.

Sorrio para ele.

— *Ok.*

Desço devagar do seu colo, viro-me de costas para ele.

Leo entende que preciso de sua ajuda para abrir o vestido. Ele se aproxima e sinto seu corpo junto ao meu exatamente como fez antes no elevador. Aquele magnetismo está presente e ainda mais forte.

Suas mãos juntam os fios do meu cabelo em um rabo de cavalo e os erguem, uma delas os mantêm suspensos e a outra começa a descer o zíper do vestido, assim que está totalmente aberto, me afasto de súbito dele.

Faço de propósito.

O vestido com o zíper aberto torna-se frouxo ao meu tronco, seguro-o com as mãos em meu peito, fazendo um suspense, eu sei que ele não me viu hoje

de manhã ao me vestir. E acho que ele irá gostar da minha *lingerie*.

Fico poucos segundos encarando-o e o instigando-o, até que solto as mãos e deixo o vestido passar pelos braços e chegar até a cintura. Com uma mexidinha de quadril o tecido passa pelo bumbum, desliza pelas coxas, pernas e alcança o chão.

Leonardo suspira, sua expressão de admiração me faz sentir a mulher mais linda do mundo e mais desejada também.

— Meu Deus Malu, que *lingerie* é essa?

— Você comentou que gostou do *rosa* no meu tom de pele.

— É eu comentei — ele suspira ainda mais pesado.

E vem...

Leonardo encurta rapidamente nossa distância, me beija e empurra meu corpo até que minhas costas chocam com uma parede. Ele pressiona seu corpo junto o meu, baixa por completo a calça e junto com ela vai a *boxer*.

Numa manobra rápida, me deixa de costas para ele. Viro meu rosto apenas o suficiente para vê-lo ajoelhar-se, e então passar as finas tiras da minha calcinha pela lateral do meu corpo, preocupando-se em erguer com cuidado cada um dos meus pés na hora de tirá-la por completo. Com o tecido rendado em suas mãos, ele a cheira e em seguida envolve em seu pulso direito.

Sinto um vibrar por todo o meu corpo quando vejo esta cena, e seu olhar está tão primitivo que eu não posso nem imaginar o que ele pretende fazer comigo.

Ele sobe devagar deslizando suas mãos pelas minhas pernas, subindo para as coxas e firmando-se em minha cintura. Em um puxão ele traz o meu quadril para si. Empino-o e sinto roçar em mim sua ereção quente.

Leonardo desliza a palma da mão por toda a minha coluna, e em um movimento com o pé afasta os meus pés. Eu voluntariamente ajudo a dar-lhe mais espaço e afasto minhas pernas.

Ele se instala entre minhas coxas, eu espalmo minha mão na parede, preparando-me para recebê-lo. Leo flexiona as próprias pernas e puxa meu quadril um pouco mais para trás, com a mão guia-se até mim. E em um movimento suave, sinto-o preenchendo-me com a força do seu desejo.

Ele se move inicialmente devagar, mas depois de alguns movimentos acelera e intensifica. Fazendo-me sentir uma dor de prazer a cada vez que me preenche com mais força.

A maneira como nossos corpos se encaixam é aparentemente rude, não consigo ver seus olhos por completo, mas ele sempre faz tudo ser especial, selvagem e amoroso ao mesmo tempo. Pois, cada vez que seu corpo se afasta e se aproxima do meu, Leonardo garante em sussurrar palavras de carinho, de

provocação... palavras que me excitam ainda mais.

Ficamos nessa posição até que uma fina camada de suor se forma em nossa pele, com nossas respirações entrecortadas e as pernas já tremulas ele ainda assim consegue me pegar no colo e levar até a cama.

As costas que antes sentiam o peito de Leonardo agora sentem os lençóis. O meu sutiã ele tira somente agora. Mas antes olha em admiração e sorri de um jeito safado.

Mordo os lábios, ansiosa por voltar a receber tudo que ele tem para me oferecer, e ele não demora, levanta minha coxa e então se encaixa novamente em mim e voltamos a sentir um ao outro.

Nossos olhares agora se encontram e continuamos a fazer amor, continuamos a segurar o desejo de gemer enlouquecidamente pela sensação prazerosa que sempre sentimos quando estamos assim.

E quando já não conseguimos mais segurar o clímax que nos alcança, beijamo-nos para abafar a vontade de gritar em puro êxtase e prazer.



Enquanto nos secamos no banheiro depois da ducha rápida que tomamos. Somos surpreendidos por um barulho que vem do cômodo ao lado, onde há pouco fazíamos amor. Imediatamente meus olhos buscam o de Leonardo, preocupada.

— Que barulho foi esse?

— Pareceu a porta. Mas você trancou, não trancou?

— Acho que não. Esqueci... nem pensei nisso na hora em que entrei... Ai meu Deus, se alguém tivesse entrando enquanto nós... — digo, confusa e perdendo a voz, ao constatar o constrangimento que poderíamos ter passado.

— Que sorte a nossa, não?

Ouvimos uma voz feminina, o som é baixo e abafado pela porta do banheiro que está fechada e trancada. — Pelo menos essa, está.

— O que vamos fazer? Esperar? E se foi alguém que veio descansar — cochicho para Leonardo.

— Se for só isso, estaremos com mais sorte ainda. — Ele comenta, em um tom sério e com o corpo um pouco curvado passa sua boxer pelas pernas em seguida coxas, até cobrir de vez tudo *aquilo* que me faz encontrar as nuvens.

Ele se apressa em vestir-se e eu faço o mesmo, já nem me importando se ainda tenho alguma gotícula de água pelo corpo, e graças a Deus que resolvi juntar meu vestido, calcinha e sutiã e trazer para o banheiro comigo.

— Como assim? — questiono, e viro-me de costas fazendo sinal para que ele feche o zíper do meu vestido. Ele o sobe por completo, deixa um beijo em minha nuca e vira-me para ele, segurando-me pelos ombros.

— Você acha que é só nós que fazemos isso aqui?

— Ah. Meu. Deus! — digo, tapando a boca no instante que percebi que aumentei a volume da voz, isso porque já estou imaginando que teremos de ficar aqui ouvindo o sexo alheio.

— Nós precisamos conversar. — Ouvimos a mesma voz feminina dizer. E quem quer seja parece estar brava.

Leonardo me olha de cenho franzido.

— Menos mal que tenhamos de ouvir uma discussão ao invés de...

— Shiii... — ele leva dois dedos até meus lábios, silenciando-me. — Escuta...parece a voz da...

— Por favor, pare de fugir de mim, nós precisamos conversar! — A frase é dita exclamada e alta, permitindo-nos ter certeza de quem é que a diz.

— Sua mãe — completo.

Olhamo-nos surpresos, e para conseguir ouvir melhor colamos nossos ouvidos na porta.

— Quem está com ela? — falo, cochichando novamente, e dessa vez bem baixo que o som da minha voz quase nem sai.

— Doutora, eu não estou fugindo, apenas estou ocupada.

— Beth — sussurramos juntos.

Um vinco ainda mais saliente se forma na testa de Leonardo. Desgrudo meu ouvido da porta, ponderando nosso ato em ouvi-las. É uma invasão de privacidade.

Com o queixo apoiado em seu ombro, e a boca próxima ao ouvido que não está grudado na porta alerta:

— Escutar conversa atrás da porta não é a coisa mais bonita de se fazer, doutor. — Minhas mãos entrelaçam na dele, fazendo um leve movimento para afastá-lo. Mas ele não se mexe.

— Você tem razão, mas eu terei de ouvir. Pois estas duas estão muito estranhas ultimamente.

Fico pensando no que ele diz, e de fato, também achei elas com algumas ações estranhas, Beth no almoço e Luiza quando disse que precisava falar com Beth.

Acabo retomando minha posição ao lado dele, aproximo novamente o ouvido na porta, fico de frente para Leonardo que ostenta uma expressão séria.

Concentramo-nos em ouvi-las, o que está fácil, elas devem ter caminhado mais para o meio do cômodo pois agora é possível ouvi-las perfeitamente.

— Beth, nós precisamos contar toda a verdade. — A mãe de Leonardo diz.

— Não... por favor, não. — Beth responde, e é perceptível notar que sua voz está tremula.

— Até ontem eu também achava que não deveríamos. Mas, Beth ele está sofrendo, e eu não posso ver meu filho sofrendo e não fazer nada.

— Mas o que houve? O problema todo foi com a Malu, o que tem a ver o nosso assunto com isso?

— Tudo, a condição de serem primos estremeceu o relacionamento deles. Ele me disse que a Malu está afastada dele. Beth eu não vou ver Leonardo perder a única mulher que o fez conhecer o amor.

Olho para Leonardo, quero pedir desculpa a ele por tê-lo deixado triste ou sofrendo por minha causa. Minha expressão deve dizer o que estou pensando, pois ele afunda a mão em minha nuca, acaricia meu cabelo, e sopra perto dos

meus lábios “*está tudo bem, vamos apenas ouvi-las*”. Faço que sim, com a cabeça.

— A Malu ama o Leo, ela não vai deixar ele por conta disso. É só um momento que deve estar passando. Eles voltarão a ser o que eram.

Se pudesse agradeceria a Beth, suas palavras sobre mim, estão *super* corretas. E, ainda bem que esse “momento” já passou e agora, podemos voltar a ser o que sempre fomos.

— Não vou deixar que fique sofrendo enquanto eles não se acertam e por mais que fique tudo bem entre eles, ainda assim, não quero que permaneçam juntos com algum peso na consciência. E quer saber Beth, eu acho até melhor contarmos, ele merece saber a verdade. — Luiza enfatiza bem a última palavra.

E por Deus, que verdade é essa?

Percebo Leonardo ficando tenso, os olhos verdes estão atentos como de uma águia.

— Não! Não e não! Eu o amo também e não quero que ele sofra, Luiza, mas nós não podemos dizer a verdade. Nós fizemos uma promessa, um trato, um acordo. Leonardo não pode saber da verdade. Se ele souber, vai me odiar para sempre. — Beth grita.

Arregalo os olhos para Leonardo, sua expressão está quase indecifrável. Mas estou temendo que a qualquer momento ele abra essa porta e por isso afasto meu corpo um pouco, já sinto o coração acelerar.

— E você acha que a mim não? Eu sou a mãe que mentiu para ele esses anos todos. Beth, eu vou contar!

Tão rápido, após ouvir o que Luiza disse, Leonardo abre a porta.

— Conta mãe! Que verdade é essa? Eu quero saber!

LEONARDO

— Conta mãe! Que verdade é essa? Eu quero saber! — digo, e vejo a cor sumir do rosto das duas mulheres que me olham assustadas.

— Leo? Malu? Vocês estavam aí? — minha mãe fala, engolindo a saliva como se tivesse espinhos na garganta.

Dou alguns passos e fico diante da minha mãe e Beth, as observo com atenção. As duas mantêm uma expressão de pavor, mas algo em Beth é ainda pior.

— Você brigou? Quem fez isso no seu rosto? — Minha mãe pergunta, preocupada.

— Isso não vem ao caso agora — respondo, impassível. — Mãe, que verdade é essa?

Beth pega a mão da minha mãe e conhecendo-a como conheço sei que está nervosa.

As duas estão, mas como eu disse, algo em Beth é pior.

— Por favor, Luiza, não... — ela diz, e as lágrimas começam a cair de seus olhos. — Por favor, não me faça ter de lembrar de tudo novamente. — Beth implora.

Eu sinto uma dor no peito por vê-la desse jeito. Mas seja o que for, preciso que minha mãe conte.

— Desculpa, Beth — a voz da minha mãe é branda e vejo sinceridade quando pede desculpa a Beth — Eu sei que é muito, *muito* difícil e dolorido para você. Mas eu não vou mais enganar Leonardo.

Olho de uma para a outra, vou ficando nervoso, ansioso e também com medo. Pois eu nunca vi as duas mulheres que me conhecem desde criança desse jeito. O tempo de convivência que tenho com as duas, faz-me saber que este assunto é muito sério.

Sinto os dedos de Maria Luiza se entrelaçar aos meus, ela aperta firme minha mão tentando me passar segurança.

Minha mãe encara nós dois.

— Você e Maria Luiza não são primos — declara.

Malu e eu ficamos estáticos e sem entender.

— Como é que é? — questiono.

— Vocês não são primos, meu filho. — Mamãe repete, pausadamente.

— Não?? Miguel não é meu pai? — Maria Luiza pergunta. A mão que antes estava quente na minha, torna-se gelada e as sinto úmidas.

— Miguel é seu pai, Malu. — Minha mãe responde rápido.

A afirmação não resolve muito pois, a confusão em minha mente aumenta.

— Então, o que quer dizer com Leonardo e eu não sermos primos? — Maria Luiza diz.

Ela me encara, o vinco entre suas sobrancelhas mostra que está tão confusa quanto eu.

— É mãe? Como? Que loucura é essa agora? Se Malu é filha do tio Miguel, como é que nós não somos primos?

Fito minha mãe, ela que sempre tem um sorriso nos lábios, agora os tem trêmulos pressionados um contra o outro, segurando um choro. Seus olhos verdes assim como os meus preenchem-se de água e vazam escorrendo pelo seu belo rosto.

No mesmo instante busco pelos olhos de Beth, os seus olhos — também verdes — parecem uma cachoeira, as mãos na boca abafam o som do seu choro convulsionado.

Por Deus, o que está havendo? A expressão delas me assusta cada vez mais assim como me deixa sem entender nada.

— Leo... — Minha mãe caminha até mim, e em seguida segura o meu rosto entre suas mãos. Aguardo suas palavras, mas não saem, ela apenas me olha.

— Pelo amor de Deus mãe, fala logo! — digo, tomado por agonia. Ela solta meu rosto abruptamente e começa a caminhar pela sala de uma maneira inquieta. Com as mãos pressionando o próprio peito começa a chorar. O som do choro dela se junta ao de Beth.

— As duas podem por favor me dizer o que está acontecendo?! — grito e aflição torna-se insuportável.

— Leo ... Eu não sou sua mãe biológica, não fui eu quem gerou você. — As palavras escapam de seus lábios, e em seguida ela leva as duas contra sua boca, como se aquelas palavras tivessem saído sem seu consentimento.

Eu acabo de levar um soco no estômago, essa é a sensação. Cambaleio pelo quarto, enquanto meus olhos intercalam entre essas duas mulheres à minha frente, ambas choram e uma procura a mão da outra, enquanto eu procuro por algo em que possa me apoiar, porque minhas pernas não vão me sustentar, não sei se consigo ficar de pé nesse momento.

O que ela disse?

Eu não sou seu filho?

Ela não é a minha mãe?

Então quem é?

De onde eu vim?

Por que elas estão fazendo isso comigo? Por quê?

Entorpecido perco o prumo dos meus pensamentos, Beth e minha mãe se agarram uma na outra o choro delas é alto inflamado de dor e é como se o meu peito fosse se rasgando a cada vez que o gemido do choro delas aumenta. Eu quero que isso seja um pesadelo, não pode estar acontecendo. Não! Não pode ser verdade! Luiza é minha mãe.

— Isso é mentira! — exclamo. Vou até ela, encaro seu rosto. — Você é a MINHA MÃE, foi você que me trouxe ao mundo! — Ela gesticula negativamente fazendo meu peito se comprimir, tudo em mim dói nesse momento. Olhar para ela dói, olhar para Beth dói.

— Não fui eu quem gerou você. — repete as palavras que me jogam ao chão, meu corpo começa a tremer um nó se faz e minha garganta. O ar torna-se pesado.

— Não!!! Não pode ser!!! — grito com as mãos ao peito, como se algo estivesse sendo tirado de mim, pois nesse momento eu não sei quem sou de onde vim. Toda a minha vida é uma mentira!

Por Deus! Eu preciso entender — ou melhor — saber de porque Beth está tão desesperada.

— Se não é você a minha mãe biológica ... então quem é? — pergunto. Meus olhos descem até a mulher sentada na cama com o rosto escondido entre mãos trêmulas.

— Beth. — Minha mãe responde.

— Beth? — O som mal sai dos meus lábios, à medida que um *flashback* de todos os anos que a conheço começa a passar em minha mente em alta velocidade, trazendo momentos desde a minha infância até o dia de hoje.

Agora, tudo se explica: a afinidade, os abraços mútuos, ou aqueles sorrisos que ela me dava com tanta ternura, os conselhos, o café que me trazia toda manhã, sua preocupação excessiva com meu bem-estar. Beth, sempre, em todas as ocasiões estava lá para mim. E por vezes, eu brincava dizendo que ela era minha segunda mãe.

Eu não entendo, se ela é minha mãe, então, por que não me criou, por que ficar em segundo lugar? Eu não consigo entender.

Fico olhando-a pensando nisso tudo e ela, ainda sem coragem, não ergue a cabeça, não me olha.

— Sim, Beth é a sua mãe biológica.

Minha mãe diz, e eu volto minha atenção para ela, em busca de mais respostas.

Se Beth é minha mãe, não quero ouvir o que vem a seguir.

— E eu sou filho do meu pai?

— Sim, você é.

NÃO... NÃO...

O ar torna-se pesado, respirar dói, pois estou sentindo meu peito ferido pela mentira que me envolveu esses anos todos.

— Então se eu sou filho do meu pai, e se Beth é minha mãe biológica... — digo, atormentado por tudo que ainda preciso saber.

— Você teve um caso com meu pai?! — pergunto perplexo. Que tipo de relacionamentos essas pessoas têm? Beth estremece ao som da minha voz e seu choro é incontrollável,

Ela chora tanto que eu sinto vontade de abraçá-la, mas não consigo, não quando, saber que sou seu filho, faz a nossa confiança se quebrar, e confiança é como um cristal, uma vez quebrado, nunca mais volta a ser o que era. Ela, mentiu. Todos mentiram.

Maria Luiza comovida com o estado de Beth, sai de onde estava até agora e senta ao seu lado abraçando-a. A mulher de estatura pequena, agora parece se encolher ainda mais diante desta situação.

— *Hein?* Me diz! Você foi amante do meu pai? — Volto a perguntar, querendo que ela reaja, que diga algo.

— Leo, não! — Minha mãe (Luiza) me repreende.

Viro-me para ela.

— Mãe, agora você vai defendê-los? — pergunto indignado. — A vítima é você que foi traída por eles. Aliás, como você aceitou? Como você conseguiu criar o filho da amante do seu marido?! — Já não meço as palavras e nem o tom de voz.

— Eu nunca fui amante do seu pai Leo! NUNCA!!! — Beth grita, engasgando no choro.

— Como nunca?! Então como isso pode ser possível? Me explica, por favor?! — peço, sem paciência.

— Leonardo pare! — minha mãe repreende-me novamente. — Beth é tão vítima quanto eu ou você — diz, com calma. — Se tem alguém que sofreu e sentiu na pele a dor do que Henrique fez, foi ela.

Suas palavras me assustam, me deixam tonto — se é que posso ficar mais.

— Como assim vítima? — Minha voz vai sumindo quando a resposta para essa pergunta começa a se formar em minha mente.

Olho, incrédulo para Beth. Há tanta dor estampada em seu rosto e não poderia ser diferente. Como que meu pai foi capaz de fazer algo tão monstruoso? Ele é um homem sujo imundo!

— Ah meu Deus... — Malu sussurra e abraça Beth ainda com mais força, como se também já tivesse compreendido a resposta.

É como se um caminhão tivesse me atingido em cheio. Sinto-me todo quebrado, com feridas que ardem. Tudo isso me faz contrair em repulsa, raiva e dor. Balanço a cabeça de um lado. *Eu não posso acreditar nisso! Não!*

Com toda essa avalanche de sentimentos minha respiração se torna entrecortada, a pulsação fica acelerada, cerro os punhos com força e o desejo de bater nele: Henrique. É enorme! E nem ousa pensar ou chamá-lo, como meu pai.

— Aquele desgraçado te violentou? — murmuro, desejando que sua resposta seja *não*.

Busco por seu olhar e ela me retribui com timidez.

— Sim. — Beth, sopra fraco a resposta. Seu rosto está todo vermelho, exaustão desse choro que não cessa e dessa dor que carrega por anos.

Eu sei que é errado, mas eu quero matá-lo!

— E você engravidou de mim? — digo, chorando de raiva e de dor.

— Sim. — Beth responde tão baixo, que é quase inaudível.

— Eu sou fruto de um estupro!! — falo, e no mesmo instante chuto uma cadeira que está por perto, extravasando nela minha vontade de socar a cara daquele desgraçado.

Beth se mexe, erguendo seu tronco do apoio do corpo de Maria Luiza.

Os seus olhos verdes — os mesmos que eu tenho e que eu sempre achei que vieram do DNA da mulher que aprendi a chamar de mãe — me fitam, e estão vermelhos e há tanta dor neles.

— Não fala, por favor não fala essa palavra. — Beth diz, encontrando forças, sabe Deus onde. — Não fala, porque eu me sinto um lixo, eu me sinto horrível. Porque eu acabo lembrando daquela noite, e eu não quero lembrar daquela noite, Leo. Não quero lembrar de tudo o que aconteceu.

Compreendo que é de fato, muito dolorido para ela. E agora, entendo quando minha mãe disse que Beth foi a maior vítima de Henrique, nessa situação.

Ajoelho-me diante de Beth.

— Mas eu sou a sua maior lembrança, daquela noite, não? Por isso, você não quis ficar comigo. Mas ainda assim, se manteve por perto? Por quê?

— Por amor a você. E porque, apesar de tudo... você é meu filho.

— Mas não quis me criar. Eu não entendo.

— Leo, eu não vou negar que quando eu descobri a gravidez, eu entrei em desespero. Ainda era muito jovem e fiquei apavorada. Senti muita raiva. Raiva de a vida ter feito o que fez comigo, mas ao mesmo tempo pensava que a criança que se formava em meu ventre não tinha culpa do ato de um adulto

bêbedo e irresponsável. — Beth diz, a dor em suas palavras finais é tão forte, e isso me faz imaginar o que eu não queria e eu sofro por ela.

Ela fecha os olhos, a expressão de dor dela mistura-se ao choro, e tentando controlar sua emoção, volta a falar.

— Sabe, Leo, eu lutei, não pense que eu não lutei contra ele, pois eu lutei. E toda vez que eu tentava gritar por ajuda ele tapava minha boca, toda vez que eu dava um chute para tentar me livrar dele, Henrique usava de toda sua força para me prender, e quando eu não tinha mais as minhas para lutar eu... eu....

— Não precisa contar... não precisa, Beth. Não precisa — abraça-a. — Me desculpe, eu não quero fazer você reviver essa cena. Me desculpe.

— Leo, apesar de tudo eu nunca pensei em interromper a gravidez. Eu seria capaz de gerar você e não te criar, mas tirar-lhe a chance de nascer, jamais.

— Mas. Por quê? Você tinha esse direito, você poderia ter interrompido, é legalmente aceitável em casos assim.

— Ainda bem que eu não fiz, Leo, olha só para você. Olha o ser humano que você é. O homem que você se tornou, e tudo isso porque teve uma chance de nascer e teve uma mãe maravilhosa que te deu amor, te ensinou os valores, ajudou a formar o teu caráter. — Ela diz, olhando para minha mãe.

Meu anseio em saber como tudo aconteceu é muito grande, eu preciso saber das entrelinhas dessa história.

— E você, mãe, como me aceitou? Como descobriu, tudo o que aconteceu? — Beth e ela se olham, como se uma desse a outra o consentimento para dizer tudo.

Minha mãe pega a cadeira que chutei instantes antes, traz para perto e se senta, por esse gesto concluo que a conversa será longa. Troco a posição e ao invés de ficar de joelhos, sento-me ali mesmo no chão diante de Beth, segurando suas mãos. Maria Luiza me olha preocupada, ela se mantém ao lado de Beth e com o braço passado por cima do ombro dela, dando-lhe apoio.

— Henrique — ela inspira e expira, preparando-se para falar. — Teve uma espécie de crise de consciência dias depois do que fez e se abriu com o seu avô. Na época, meu pai contou que Henrique parecia estar verdadeiramente arrependido e envergonhado do que tinha feito. Mas ainda assim isso não diminuiu o peso das mãos do doutor Magno sobre ele. Henrique levou uma surra do meu pai, e ao chegarem em casa naquele dia, fez Henrique me contar o que tinha acontecido. Eu o odiei, quis matá-lo com uma faca, e isso não é no sentido figurado não. Eu fui para cima dele com uma de verdade. — Minha mãe inspira e expira com força novamente, e enxuga o canto dos olhos. — A pobrezinha de Melissa, tinha apenas alguns meses de vida e estava no carrinho na sala e ouviu

toda a discussão e gritaria. Naquela noite, ela não dormiu, apenas chorava e chorava, parecia que tinha entendido o que havia acontecido.

Eu odeio esse homem, ele magoou todas as pessoas mais importantes em minha vida.

Eu o odeio.

— Enfim, depois do meu acesso de fúria e quase matar Henrique, eu lhe disse que ele deveria pedir perdão a Beth, e principalmente, o fiz jurar que nunca mais tocaria nela ou em qualquer outra mulher, inclusive em mim. Essa última parte da promessa acabou sendo quebrada depois de muito tempo. E por favor, não me julguem pelo o que eu vou dizer agora, mas eu não sei como conseguia ou permitia, mas eu o amava, e não deixei de amar depois do que aconteceu. E talvez eu ainda o ame, hoje.

A última frase é dita quase falhando, minha mãe começa a chorar. Seu olhar me demonstra acima de tudo vergonha. E eu não quero que ela se sinta assim, pois afinal, nem sempre conseguimos comandar nossos sentimentos.

— Assim que descobri que estava grávida — Beth continua a contar, agora um pouco mais calma. — Eu procurei o doutor Magno e o informei de tudo, expliquei que não estava disposta a tirar o bebê, mas que o entregaria para adoção. No momento em que contei a ele, não lhe dei tempo para reagir, pois ao falar logo deixei a sua sala, afinal, não estava disposta a aceitar qualquer interferência em minha decisão.

— Henrique soube que Beth esperava um filho dele. E quando me contou, ele viu minha fúria novamente e dessa vez, deixei um corte em seu braço que precisou dar pontos. — um leve sorriso se forma em seu lábio ao contar isso. — Ele não me pediu, mas seus olhos me diziam que ele não queria que a criança fosse dada para adoção. Eu passei aquela noite em claro, olhando para Melissa que dormia em meu colo, e pensava no bebê que era seu irmão e que dali nove meses ficaria à mercê da sorte em encontrar um lar para viver. Eu não tirava a razão da Beth em não querer criar aquela criança, mas ainda assim, sabia que ela tinha um coração capaz de amar, quando estava ferida, pois optou por levar a gravidez em diante. Era uma situação muito difícil para ela e para mim. Mas quando o dia amanheceu eu estava disposta a tentar amenizar os danos que Henrique havia nos causado. Danos que marcariam nossas vidas para sempre.

Minhas duas mães se olham, os olhos delas brilham com todas as lágrimas e emoção por reviver todo esse drama, e sinceramente eu apenas ouço-as contar como vim ao mundo e eu não sei definir o que sinto neste momento. É contraditório, pois estou feliz por saber a verdade. Mas sofro com ela. E não é a verdade em si que dói, mas os motivos que a esconderam.

— Luiza me procurou, e me fez a proposta, e assim que ouvi não

acreditei nas palavras que saíram da boca dela. Era demais para qualquer mulher, mas não foi para ela. Eu sei que aquilo a feria tanto quanto feria a mim. Mas ainda assim, Luiza fez o que fez. — Beth fala com admiração e gratidão.

— Eu disse a Beth que ficaria com você, que eu te criaria como meu filho, o mesmo amor que dava para Melissa iria dar a você também.

— Mas não foi só isso, — Beth se apressa em contar mais. — Luiza me proporcionou uma gestação tranquila, longe de tudo que me lembrasse de Henrique e do que aconteceu. Luiza me deu amor, cuidou de mim. A cada mês a barriga ia crescendo e você ia se desenvolvendo. E quando percebemos estávamos juntas curtindo tudo, desde os chutes que você dava, até preparar o enxoval.

Olho confuso para elas, como tudo isso foi possível?

— Beth e eu ficamos o período da gravidez inteira morando em outra cidade, meu pai alugou uma casa confortável, e ficamos as duas lá, ou melhor as três, pois eu levei Melissa comigo.

Minha mãe explica, e por incrível que pareça, ao falar desse ponto da história eu não vejo dor nos olhos dela e nem nos de Beth.

— Recebíamos a visita do doutor Magno e da Dona Laura, sempre. Eles eram os únicos que sabiam onde estávamos.

As duas se alternam em contar. Fico emocionado com tudo que ouço e até sem reação. Maria Luiza está tão calada que estou preocupado, mas acredito que seja apenas envolvida na história. Percebo suas mãos vez e outra enxugando algumas lágrimas que descem pelo seu rosto bonito. Vez e outra ela também me olha de um jeito carinhoso. Tê-la nesse momento, é reconfortante.

— Eu deixei Henrique de fora de tudo e passei esse tempo longe dele. A ideia era que quando você nascesse eu voltaria para casa com você, Beth iria viver a vida dela em outro lugar e seria como se nada nunca tivesse acontecido. Assim como, eu imaginei que depois de meses estaria curada da ferida e poderia voltar a viver com meu marido, e com meus dois filhos. Bom, essa era a ideia. Que em tese deu certo. O que saiu dos planos foi o sentimento de Beth por você, assim que você nasceu o instinto materno falou mais alto. Eu vi em seus olhos todo amor e todo arrependimento por abrir mão do filho.

— É verdade eu me arrependi — Beth fala, e volta a se emocionar. — Mas eu também não poderia ser cruel com Luiza, ela tinha feito tudo por mim, e ela já te amava tanto quanto eu. Seria injusto com ela, não cumprir minha parte no plano que era dar você a ela e seguir minha vida, e além disso, eu sabia que você teria um futuro bem melhor se fosse criado com Luiza. Mas então, ela me fez a sua segunda proposta, e me demonstrou quanta bondade ela tinha no coração.

— Por amor a você Leo e por amor a Beth, afinal ela já tinha sofrido o suficiente, e a convivência, nos deu uma afinidade, que nunca demonstramos em público, mas que existe entre nós duas. Por fim, eu propus que ela continuasse a viver aqui, continuasse a trabalhar na clínica. E assim, sempre poderia ver você e acompanhar o seu crescimento. Beth diz que tenho um bom coração, mas nem tanto assim, eu impus alguns limites a ela. Deixei claro, que a mãe sempre seria eu. E que ela nunca poderia contar a verdade a quem quer que fosse e muito menos a você. Ela aceitou sem questionamentos. E desde este dia, você teve eu como mãe e Beth como sua guardiã.

As palavras ditas de uma maneira tão calma por minha mãe, chegam ao meu ouvindo e vão direto ao meu coração e as lembranças de Beth em minha vida se acendem em minha mente, ela sempre foi presente e eu me sentia bem em tê-la por perto, principalmente em minha fase adulta em que meu contato com ela começou a ser ainda maior. Assim que passei no vestibular e escolhi a pediatria, Beth demonstrou a alegria e orgulho, pois escolhi a mesma área de trabalho que ela, e portanto, tudo faz sentido agora.

Não consigo conter a emoção, sou um homem de trinta anos, mas sinto-me com o um garotinho, e deixo-me chorar. Maria Luiza deixa o lugar ao lado da Beth e vem para o chão comigo, ela acaricia meu rosto, com ternura e compaixão.

— A ligação entre você e Beth sempre foi forte e natural. E por vezes tinha ciúme, e às vezes ainda tenho, só para constar. — Dona Luiza diz, em meio a um sorriso. — Depois que você veio para a clínica, ainda mais, contudo eu nunca vi Beth fazer nada além do que lhe dar amor e até melhores conselhos do que eu, pois afinal, filhos tendem a ouvir mais os amigos do que os pais. E eu agradeço a Deus por você ter uma tão especial.

Apesar de toda emoção noto minha mãe mais calma e seu tom é brando ao dizer:

— Leonardo tudo o que fizemos foi por amor, e se nunca te contamos a verdade antes, foi porque queríamos te poupar dos detalhes tristes e doloridos da história. Um coração como o seu não merecia ter esta marca de um passado, que Beth e eu optamos por deixar lá no fundo do baú das nossas lembranças. E tudo parecia certo. Mas eu não poderia deixar você e Malu, conviver com algo que pudesse atrapalhar a relação de vocês — minha mãe transfere sua atenção para Malu. — Sinta-se livre para amar e ser amada por Leo, vocês não são primos. E ainda que fossem, um amor tão lindo, não deve ser desperdiçado.

— Leo, me perdoa. Perdoe sua mãe. Nós omitimos algo tão importante de você, mas como Luiza disse, foi por amor. Então, por favor, perdoe a nós duas, pois nós te amamos muito, e viver sem seu perdão será uma dor ainda

maior de todas que já sentimentos.

Respiro fundo, e reúno minhas forças para dizer a elas tudo que estou pensando e sentindo neste momento. Levanto-me do chão, trazendo Maria Luiza comigo. Em seguida Beth deixa a cama que estava sentada e minha mãe ergue-se da cadeira. As duas posicionam-se lado a lado. Minha mãe e minha melhor amiga. E quantas vezes ao longo desses anos esses papéis se inverteram? Muitas.

— Eu não posso perdoar vocês... Eu não posso, porque não cabe um pedido de perdão aqui. Eu seria imaturo se não compreendesse os motivos que as levaram a fazer o que fizeram e por nunca me contar. Ainda tenho algumas dúvidas, mas as tirarei em outro momento. Pois agora depois de ouvir tudo o que me contaram e todos os sentimentos estampados no rosto das duas. Depois de ver a dor, o arrependimento, medo, insegurança, alegria, sinceridade, admiração, amor. Eu não posso dizer outra coisa que não seja. Obrigado. Obrigado por vocês terem me amado, quando todas as circunstâncias pediam para que vocês me odiassem.

Elas respiram aliviadas e não preciso nem dizer que mais lágrimas inundam nossos rostos.

Vou até Beth, tomo suas mãos na minha e sinto o seu toque macio.

— Beth obrigado por ter me dado a chance de nascer. Obrigado por colocar o seu amor por mim, acima das lembranças ruins e permanecer aqui e ser minha melhor amiga. Você sabe o quanto é especial para mim. — Abraço-a apertado. Beijo-lhe o rosto e com isso acalmo o seu coração.

Sigo para minha mãe.

— E você, dona Luiza obrigado por me aceitar na sua vida, por me acolher como um filho, e também por sobrepor o seu amor por mim às lembranças tristes. Obrigado por ser minha mãe. — Também dou a ela um abraço apertado e um beijo no rosto.

— Você é meu filho, sempre será. — afirma emocionada, beijando-me a têmpora e levando meu rosto até seu peito.

De alguma maneira seu beijo parece ainda fazer o mesmo efeito de anos atrás — quando eu era garoto e corria para ela sempre que me machucava — e mesmo diante dessa dor insuportável, que nem se compara a dor de um joelho ralado, sinto-me levemente melhor por receber seu beijo.

Ciente de que mesmo que não tenha sido ela que me gerou, mas foi a mulher que me criou, que me ama sem medidas, e que é a MINHA MÃE e principalmente também sofre por ter de revelar tudo isso, correspondo seu gesto, lhe dou um beijo e digo com os lábios encostado em seu rosto molhado:

— Você é minha mãe, sempre será.

Depois de um tempo abraçado a ela digo:

— Mas saibam, que ao longo desses anos, sem que talvez percebessem, em muitas ocasiões vocês inverteram os papéis. E eu, sinceramente nunca me incomodei com isto. Por mim, tudo pode permanecer como está. Exceto uma situação e isso eu gostaria de falar a sós com Beth, se vocês não se incomodarem.

— Não, claro que não. — Minha mãe responde com tranquilidade. Ela e Maria Luiza despendem-se e deixam Beth e eu a sós.

Fito-a e faço a pergunta que até então não tinha feito.

— Porque você não denunciou ele na época? Ele cometeu um crime, deveria ter pago pelo que fez a você.

— Eu sei, mas eu não quis denunciar.

— Você não quis, ou foi coagida a não denunciar?

Ela engole em seco, seus olhos desviam-se dos meus. E seu silêncio, é a resposta.

Abraço-a, com uma certeza. Henrique pagará pelo que fez a Beth, pois agora ela tem um filho disposto a ajudá-la.



Prove-me

DEREK

Enquanto isso na pediatria...

— Bea? — Chamo-a assim que me aproximo da sua área de trabalho. Não a vejo, mas sei que está aqui.

Ela não responde.

Insisto.

—Bea?

Nada de resposta. Essa mulher só tem o sorriso doce viu...

— Bea ... nem adianta se esconder de mim, porque eu já te vi assim que virei o corredor. Sei que você está aí embaixo — digo, e apoio as mãos no balcão, esperando que ela surja detrás dele.

Ouço-a inspirar com força, é quase como se estivesse bufando com raiva.

Como eu disse, de doce ela só tem o sorriso. Os poucos momentos que tivemos, Beatriz demonstrou sua personalidade forte, mas sobretudo seu jeito hostil. E por incrível que pareça, se apenas com aquele sorriso doce eu me sentia atraído por ela, agora em conhecer um pouco de sua personalidade, sinto-me ainda mais.

— E o que te faz pensar que estou aqui para me esconder de você? — Ela não surge, apenas sua voz emana lá de baixo. — E mais, quem disse que você pode me chamar de *Bea*?

Debruço-me por cima do balcão chegando até tirar os meus pés do chão só para vê-la. Sorte a dela que a altura de mais de um metro e o formato “L” deste balcão impedem uma aproximação rápida, senão acho que já teria pulado por cima dele só para alcançá-la inesperadamente.

— Primeiro: se não está se escondendo de mim, o que faz abaixada aí de... joelhos? — fico admirado ao constatar sua posição e minha voz acaba saindo em um tom mais surpreso do que eu esperava. — Você está rezando? — pergunto sem compreender, mas já emendo outro ponto. — Segundo: ontem quando eu gentilmente lhe dei uma carona, você comentou que seus amigos lhe chamam de *Bea*.

— Certo. Meus amigos. Coisa que você não é. — Ela é rápida na resposta. Rápida e ríspida.

— Porra... essa doeu, *Bea*... — as letras de seu apelido rolam pelos meus lábios devagar, só para provocá-la.

Saio de cima do balcão e assumo uma posição decente, arrumo o jaleco no corpo e reúno um pouco do meu amor próprio — pouco, do muito que eu possuo — estou prestes a sair fora, agora talvez não seja uma boa hora para tentar paquerar essa mulher.

— Aiii... droga! — Beatriz dá um gritinho de dor.

— O que foi?! — Debruço-me novamente sobre o balcão para vê-la.

— A porta desse armário não quer abrir, acabei cortando o dedo. Droga! — Ela xinga.

Tenho vontade de dizer a Beatriz que esta é a força do universo trabalhando contra ela, por ser tão grossa comigo. Justo comigo? Poxa... justo comigo que sou um cara tão querido por todos aqui na clínica. Principalmente se for do sexo feminino.

— Espera! Eu te ajudo. — é o que respondo. Jamais diria a ela o que pensei.

Mais depressa que posso dou a volta no móvel e abaixo-me ao lado dela.

— Deixa eu ver... — peço.

— Essa porta, acho que emperrou. Não abre de jeito nenhum. — Beatriz ignora meu pedido, e continua a mexer na porta.

— Eu me referi ao seu dedo. Deixa eu ver... — Pego sua mão.

— Ah... o dedo. Foi nada. Só...

— Cortou — digo, assim que constato o corte superficial em seu dedo

indicador.

— *Ok*, doutor, obrigada. Mas eu posso lidar com esse cortezinho no meu dedo. — Ela desdenha da minha preocupação e afasta sua mão da minha.

— Por que você é assim?

— Assim como?

— Arredia. Você me trata como seu eu fosse o lobo mau. Sempre quer se afastar de mim — digo, com sinceridade.

— Bom... talvez porque você realmente seja um lobo mau. Pronto para atacar e ... — ela trava sem continuar a frase. Talvez pensando as palavras, contudo seus olhos me encaram de um jeito destemido — pronto para atacar e comer. Mas é claro que não é a vovozinha.

— *Uau!!!*... Essa doeu parte dois. — Dou a ela minha melhor cara de dor. Cara que não é nem um pouco mentira. Essa afirmação, vindo dela de alguma maneira me incomoda sobremaneira.

É em vão, Beatriz dá de ombros sem se importar. O mover dos ombros, faz com que os longos cabelos se mexam saindo do lugar, caindo em frente ao seu rosto de uma maneira suave.

Ah... como eu gostaria de senti-los em meus dedos, experimentar a maciez dos fios, e principalmente trazer para o meu olfato o cheiro deles.

— Você faz um péssimo julgamento sobre mim, sabia disso? — fito-a.

— Não faço julgamentos, estou apenas comentando sobre algo que ouço as pessoas desse lugar falar.

— Pois é. E isso é errado.

— Vai me dizer então que você não é o lobo mau dessa clínica?

Beatriz é audaciosa, não se intimida fácil, nem mesmo nesse instante em que a encaro sério, devido a acusação que me faz. E eu gosto que ela não se intimide, quero dar corda para que ela acabe — sem que perceba — falando o que pensa sobre mim e também deixando escapar mais sobre ela.

— Claro que não sou — digo, tal qual uma vítima e isso faz Beatriz revirar os olhos. Quero sorrir do jeito dela, mas me controlo. Ainda tenho que parecer esse homem injustiçado. Por isso continuo.

— Sério? Só porque eu saio com algumas mulheres da clínica, dou a elas um prazer inenarrável eu sou considerado um lobo mau? E registra-se que todas que saem comigo, é porque querem, eu não forço nada. — Ergo as mãos em sinal de rendição para dar mais ênfase as minhas últimas palavras.

— Não? E o que está fazendo comigo? — Beatriz questiona, espantada.

— Estou forçando? — A minha resposta vem com outra pergunta, e uso do mesmo tom de Beatriz.

— É o que parece não? — De novo, outra pergunta. E vejo que não há sabor de diversão nela.

Prendo o maxilar com a raiva que sinto nesse momento. Eu sei que qualquer outra mulher aceitaria uma investida minha sem que eu precisasse fazer todo esse esforço, aliás, ficaria feliz só em ser paquerada por mim. E a morena jambo geniosa e impetuosa fica aqui fazendo seu jogo difícil.

Afinal, eu devo estar doente mesmo. Qual a paranoia que estou nutrindo aqui? Esse romance de Leonardo e Maria Luiza me influenciaram e agora acho que quero ou posso viver algo assim.

Besteira! Nada dessa *coisa* de relacionamento sério me interessa.

Mentira! Me interessa sim. Algo em mim mudou quando olhei para Beatriz.

Algo nela me fez querer uma mulher que não esteja apenas envolvida nos lençóis da minha cama, mas que esteja envolvida em meus braços sem que eu sinta vontade de soltar. Uma mulher que o som da voz não seja apenas os gemidos e sim uma boa e agradável conversa. Algo nela me fez querer mais que uma noite de sexo bem feito e com muitos orgasmos.

Algo nela me despertou...

Eu, Derek D'Ávila, não quero mais qualquer mulher. Eu quero Beatriz.

— Desculpa se pareceu que estou forçando... é que eu estou apenas tentando — digo, sem encenação teatral, revelando toda a minha sinceridade.

— Então pare! Pois eu não estou afim! — Sua voz é firme, ao ponto de me assustar.

— Por que não? — insisto.

Eu não desisto fácil morena.

— Nossa! E você disse que não estava forçando. Eu não tenho que te responder isso. — Ela diz, e começa a se levantar. Seguro sua mão, parando seu movimento.

— Tá, eu já entendi. Você não é fã de sexo casual, prefere estar em um relacionamento sério, namorar, essas coisas...

— Está enganado.

— Estou?!

— Sim, muito enganado. Pois se tem algo que eu não quero é um namorado ou estar presa a um relacionamento. Eu curto minha liberdade e independência, doutor.

— Mas não curte um sexo casual? Eu não estou entendendo...

— Sexo casual eu curto, só não curto ser mais uma na sua lista.

Engulo em seco o amargor produzido pelas duras palavras de Beatriz. Eu sabia que seria difícil conquistá-la, mas não imaginei que era tanto assim.

Pensei que se eu estivesse disposto a ser um cara sério, mostrar que poderíamos ter um relacionamento, fazer tudo direitinho como manda o figurino, eu até poderia ter uma chance com ela, mas essa mulher de sorriso doce, é mais dura na queda do que previ.

Fico olhando-a sem saber o que dizer, e pensando que estratégia usar agora que sei mais sobre ela.

Ela sorri vitoriosa antes de se virar e continuar sua briga com a porta do armário.

— Agora, por favor, me ajuda com essa porta, preciso pegar uns prontuários que estão aqui dentro.

Aproximo-me o quanto posso, fazendo menção de ajudá-la com a porta.

— Eu já disse que você cheira deliciosamente bem? — digo, próximo ao seu ouvido.

Surpresa, ela se vira e ficamos cara a cara, seu semblante é como o de uma carranca. Puro disfarce, pois percebi um leve jogar de cabeça, antes de se virar assim que minhas palavras sussurradas chegaram a ela.

— O quê? Só fiz um elogio. — Dou de ombros.

— Vai me ajudar ou vai ficar se aproveitando para sentir o meu cheiro?

— Sou bobo não, Bea, *te* ajudo e *te* cheiro ao mesmo tempo.

É a vez de Beatriz engolir em seco e sentir a reação das minhas palavras, sinto que marquei um ponto aqui.

Não falo nada, apenas pisco para ela, e foco em ver qual o problema com essa porta. Envolvido em arrumá-la e aproveitar do momento perto de Beatriz, ouço uma voz bem próxima que chama minha atenção.

— Alô. Eiii! Fala devagar. Não estou entendendo uma palavra do que está dizendo, Fernandes.

— É o doutor Henrique. Ai meu Deus! Se ele me ver aqui com você vai pensar que...

Beatriz não termina de falar, faço sinal para que ela fique em silêncio.

Doutor Henrique continua sua conversa ao telefone.

— Fica calmo, isso não vai acontecer. Você fez o seu trabalho direito, não fez? Então, por que se preocupar? Eles não encontrarão nada. — Ele diz num tom exacerbado.

Alguns segundos de silêncio e até penso que ele tenha ido embora, decido espiar, mas o vejo apoiado de costas no balcão. Volto a minha posição no chão e levo meu indicador aos lábios, indicando para Beatriz se manter em silêncio.

— E se, ouviu? Se encontrar, ela não vai falar nada. Eu ainda tenho uma carta na manga, Fernandes. Fica tranquilo. Vamos ver se ela tem coragem de abrir a boca!

Do outro lado da linha, alguém diz mais alguma coisa, e doutor Henrique se despede.

— Agora eu preciso desligar, vamos nos falando.

— Primeiro dia que não sou mais o presidente desta clínica e isso aqui já vira uma bagunça. Nem mais a secretária está no lugar que deve estar.

Doutor Henrique diz, e no segundo depois Beatriz está de pé. Tento segurar em sua perna, mas é inútil.

— Oi, doutor Henrique. No que posso ajudar?

— Que susto! De onde você surgiu? — Ouço-o dizer, e parece bem assustado mesmo. Mas acho que não pelo surgimento inesperado de Beatriz, mas talvez com medo que ela tenha ouvido da conversa dele.

— Estava aqui guardando uns documentos — diz, com um sorriso forçado que vejo aqui de onde estou.

— Onde está o doutor Leonardo?

— Em reunião.

— Ainda?! — O tom do doutor Henrique é de quem realmente está perdendo o controle de tudo.

Sinceramente isso me assusta.

— Suspeito que sim, doutor. Pois ele ainda não desceu para a pediatria. Mas se o doutor quiser eu confirmo.

— Não... não tem necessidade. Deixa.

Um barulho de toque de celular se inicia, mas logo é parado. E o pai do meu amigo Leonardo inicia uma outra ligação.

Permaneço com minha atenção em suas palavras.

— Alô, que bom que você ligou. Vou precisar ir em um lugar e quero que você vá comigo.

Ao contrário de antes, nessa ligação ele não soa irritado.

— Ah... ótimo, estarei aí na frente em poucos minutos. — Ele conclui e ouço seus passos se afastando.

Levanto-me e vejo-o virar no corredor e deixar a pediatria.

— Ai meu Deus! Essa foi por pouco. — Beatriz diz, assustada.

— Ei, você não precisa ter medo, doutor Henrique não apita mais nada dentro dessa clínica.

— Vai saber, hoje não, mas e se ele volta a ser o presidente? Eu não quero perder o meu emprego. — Ela fala com naturalidade, como se conversasse com um amigo.

Gosto disso, acho que foi a primeira frase que trocamos sem que ela esteja com aquele maldito escudo *contra Derek*.

Mantenho a conversa no mesmo ritmo, falando do assunto *doutor Henrique*.

— Depois do que aconteceu ontem, doutor Henrique nunca mais voltará a ser o presidente, nem mesmo médico da clínica. Pode ficar sossegada. — Tranquilizo-a.

— Eu não comentei com ninguém o que presenciei naquele almoço. Mas foi horrível, *né?*

— Horrível demais. Eu conheço bem essa família, e o que aconteceu foi muito grave. Doutor Henrique perdeu toda sua credibilidade. E agora, esse *papo* que ele teve no celular foi bem esquisito. Com quem será que ele estava falando?

— A primeira ou a segunda ligação?

— As duas...

Beatriz tem uma expressão pensativa, um biquinho se forma em seus lábios, e ela o mexe de um lado para o outro. Nas pontas dos dedos ela enrosca uma pequena mecha de cabelo e fica enrolando-a.

O assunto é sério, mas ao mesmo tempo me divirto por vê-la assim, desarmada, sendo o que é.

— Fernandes... Fernandes... Vincent. O dono do escritório que dá assessoria a clínica. Ele estava falando com o Vincent Fernandes.

— Sim! Certamente era com ele que doutor Henrique falava. E quem foi a pessoa da segunda ligação?

— A pessoa eu não sei, mas que era uma mulher era. Eu consegui ouvir um pouco a voz, mas não entendi o que foi dito.

— Leonardo tem que saber disso — falo, me afastando.

— Onde você vai?

— Encontrar Leonardo. Eu vou contar o que ouvimos, ele precisa saber. — Sigo no corredor.

— Espera! — a voz de Beatriz me faz parar. Viro-me para ela, esperando que continue a dizer o que queria.

Um sorriso tímido perpassa em seus lábios, mas é capaz de iluminar toda sua face.

— Obrigada por me ajudar com a porta do armário.

— De nada, sempre que precisar é só chamar.

— Obrigada, mas acho que você tem coisas mais úteis para fazer.

— Te ajudar é algo útil. E, Bea, de verdade? Nunca passou pela minha cabeça acrescentar seu nome na lista.

— Não?!

Impressão minha ou esse “não” saiu em tom de desapontamento?

— É no meu coração que eu quero o seu nome. Porque o que quero com você não é sexo casual. Ela inspira com força, seu olhar está suave.

— Mas Derek, eu não quero um relacionamento com ninguém...

Já ouviu aquele ditado: O feitiço vira contra o feiticeiro?

Pois é, agora que eu quero ter um relacionamento sério com alguém, esse alguém não quer.

Mas tem outro ditado que diz: Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

— Prove-me!

— Prove-me? Como assim? O que quer dizer?

Volto alguns passos e fico diante dela.

— Bea, prove-me. Me dê uma noite, prove-me, e depois *prove-me* que não quer um relacionamento comigo. — Despejo minha proposta e saio.

Dou alguns passos adiante vibrando por saber que eu a deixei sem ação, sem palavra e com uma baita dúvida.

— Derek? — ouço Bea me chamar novamente. Vibro ainda mais.

— Sim? — Respondo atencioso, olhando para ela.

— Você também cheira deliciosamente bem. E não sei se disse, mas você além de ser um ótimo médico, canta muito bem. — Seu olhar mistura aquele jeito audacioso e tímido.

— Eu sei! — respondo no meu melhor jeito Derek de ser.

— Convencido. — ela diz, e faz aquela expressão irritada e linda dela.

— Eu sei! — sorrio. Ela sorri também.

— Bea?

— Sim, Derek.

— Prove-me!



Segunda chance

MARIA LUIZA

Beth e Leonardo são mãe e filho. Dá para acreditar nisso? Quando eu digo que o inesperado te pega pelo pé e te coloca de cabeça para baixo, alguém pode até pensar que é exagero meu. Mas olha isso: a melhor amiga, a pessoa de confiança de Leo é, no final das contas, a mulher que o trouxe ao mundo.

Enquanto eu ouvia toda história sendo contada por Luiza e Beth, não conseguia nem respirar direito. Por isso, assim que deixei aquela sala, precisava respirar um pouco de ar puro e ver a luz do sol. Sabia onde encontrar — o jardim.

Convidei Luiza para me acompanhar, mas ela disse que precisava conversar com meu pai. Eu também deveria ir falar com ele, pois saí da sala de reunião às pressas para encontrar Leonardo e o deixei lá sozinho. Mas certamente ele entendeu minha reação. Eu tinha que encontrar Leo e não queria perder mais tempo além daquele que fiquei paralisada quando ele deixou a sala. De qualquer forma, pedi a Luiza que avisasse que eu estava bem e que ficaria um breve momento no jardim.

E aqui estou eu, com os pés fora dos sapatos, sentido o geladinho da grama verde bem aparada, o sol já está quase a pino e por isso os raios refletem por todo ambiente, sem nenhuma sombra. Mas isso não me incomoda, ao

contrário, gosto de senti-los tocando minha pele e principalmente o meu rosto, inspiro o ar com a cabeça erguida para o céu, lembrando tudo que ouvi dessa intensa história.

Beth e Luiza demonstraram uma força que eu sinceramente não sei se teria diante de um caso desses. Beth, por amor, foi mais forte que o trauma de um estupro. Luiza, por amor, foi mais forte que o ato imundo do marido.

As duas foram capazes de amar quando o coração delas sangrava.

Eu sei que não é a melhor situação, mas apesar de tudo, Leo teve o amor incondicional de suas duas mães. E isso me faz admirá-las ainda mais.

Eu sentia uma compressão no peito cada vez que olhava para Leonardo e via no seu rosto as emoções e reações que essa verdade — a verdade sobre sua origem — lhe causava. Eu sei como é, passei por essa experiência recentemente. É incrível como sua história pode ser *uma* por toda uma vida e em algum momento dela, você vê tudo sendo desconstruído.

As verdades e certezas que você sempre acreditou, desmancham-se em sua frente numa fração de segundos. E aí você tem duas opções: desmanchar-se com elas, ou reunir suas forças e reconstruí-las.

Leonardo decidiu reconstruir. Ele não renegou, tampouco questionou a atitude que as duas mulheres que lhe amam incondicionalmente tiveram. Ele sabiamente compreendeu que o que elas fizeram foi por amor. E é com esse amor que ele recebeu a sua vida toda — e essa é uma verdade e certeza sólida que não se desmanchou — que ele encontrou a esperança e alento para se reconstruir. E eu só posso admirá-lo ainda mais.

Leonardo e eu tivemos nossos caminhos cruzados para que nossas novas verdades viessem à tona. É espantoso como tudo isso aconteceu conosco. Eu chego a pensar até que tudo isso estivesse marcado para acontecer. É como se aquele acidente tivesse sido incluído em nossa linha do tempo para fazer com que o oculto em nossa vida se tornasse claro.

Mas o que é mais revoltante é que todos esses acontecimentos que foram ocultos por todo esse tempo, foram ocasionados por uma única pessoa: Henrique é o responsável por todo o mal. Todo o mal feito para minha mãe e meu pai e todo o mal causado na vida de Luiza e Beth.

E eu sei que o sentimento de justiça nesse caso vai falar mais alto do que o sentimento de perdão. Ou melhor, o perdão até pode acontecer, mas não sem que antes a justiça seja feita. Henrique de uma forma ou de outra terá de pagar por todo o mal que ocasionou em nossas vidas. Ele não poderá sair impune disso tudo.

— Não mesmo! — falo, sozinha. Pois não há ninguém aqui, mas o próprio som da minha voz faz com que eu retorne dos meus pensamentos para a

realidade. E também o som que meu estômago emite reclamando por comida.

Deus do céu! Ainda bem não tinha qualquer pessoa por perto, ou teria ouvido esse ronco alto vindo do meu estômago faminto. Melhor eu voltar e chamar esse pessoal para almoçar, ou acabarei passando vergonha.

Enquanto me abaixo para calçar os sapatos, olho para clínica, os vidros me permitem ver o vai e vem de pessoas no corredor central que dá para a porta de saída, o mesmo sol que reflete em mim também reflete neles causando um efeito bonito, um feixe de luz forte está direcionado bem na porta que dá para o jardim, um homem passa por ela.

Um homem que causa alvoroço maior no meu estômago que a fome que estou sentido. Apresso-me em terminar de ajeitar o pé no calçado e sigo para a porta que ele acabou de passar.

Henrique caminha apressado e eu faço o mesmo no intuito de alcançá-lo. Instintivamente — e até talvez impensadamente — sinto uma vontade imensa de falar com ele e dizer tudo que está engasgado em minha garganta.

Quando ultrapasso a porta do jardim para dentro da clínica ele já está adiante no corredor, quase apontando na saída. Aperto o passo, fecho em punho as mãos nas laterais do corpo, pronta e determinada a pará-lo e encará-lo de frente. Mas quando chego na saída ele já está à frente entrando em um carro.

Deixo a porta de saída da clínica e continuo a segui-lo, o trânsito lento e um semáforo impedem de o carro seguir em frente, e de onde o vejo identifico uma mulher de cabelos loiros na direção. E eu reconheceria a quilômetros de distância quem é a dona dela. Carolina, a cobra peçonhenta é quem dirige o carro, o carro que Henrique entrou.

Continuo a caminhar em direção ao veículo que começa a atingir uma velocidade mais alta, afastando-se de mim. *Não vou desistir* preciso saber o que esses dois estão fazendo juntos. *Eu vou* segui-los custe o que custar.

E pelos anjos que me iluminam o trânsito fica lento novamente e um táxi é forçado a parar bem na minha frente, não penso duas vezes, abro a porta da lateral traseira e me enfio nele. Estou prestes a dizer a celebre frase “Moço, siga aquele carro” quando uma voz chama minha atenção.

— Maria Luiza?!

Olho para a pessoa, não a reconheço no primeiro instante, o cabelo está tão curto, diferente de como usava no tempo da faculdade, mas o lábio volumoso e bem desenhado no batom de tonalidade forte permanece o mesmo.

— Priscila?! — digo, em total surpresa por reencontrar minha ex melhor amiga. Aquela que roubou meu projeto para conseguir uma vaga de emprego no meu lugar.

— Eu vou tomar outro taxi. — Levo a mão na porta para abri-la.

— Não. Por favor, fique. — Ela me impede, segurando em meu braço.

— Senhora, eu já estou em corrida. — O taxista diz quase junto ao pedido de Priscila, me olhando pelo espelho retrovisor.

— Por mim não tem problema, ela pode ficar. — Priscila responde ao taxista. Em seguida olha para mim. — Para onde você está indo?

— Eu não sei.

— Não sabe? Maria Luiza, você está se sentindo bem?

— Eu preciso seguir aquele carro. — Aponto para um *Suv branco* (que eu desconheço a marca) também parado no trânsito a uns quatro carros a nossa frente. — E você, para onde está indo?

— Isso não importa, pois agora também vou seguir aquele carro. — Priscila diz, deixando no final da frase um leve sorriso e um acenar de cabeça.

Eu não sei muito o que dizer a ela, por isso, apenas sorrio e aceno também.

— Moço, segue aquele carro — falamos juntas ao motorista do táxi.

Nos olhamos sem jeito uma para outra, mas acabamos sorrindo.

— E não perca ele de vista de jeito nenhum — acrescento.



— Você se casou? — Priscila me pega de surpresa com a pergunta.

— Estou noiva. — Respondo sem tirar os olhos do carro onde Carolina e Henrique estão.

Depois de um tempo o trânsito finalmente flui. Carolina conduz de forma ágil e rápida o seu carro e diante de todo esse movimento de veículos, não me atrevo a desviar os olhos da via e nem do carro. Não posso perdê-los de vista.

— É seu noivo que está no carro que estamos seguindo? — A segunda pergunta me pega ainda mais de surpresa.

Olho rapidamente para Priscila. É obvio que ela está curiosa em saber do que isso tudo se trata. Mas agora eu não estou com cabeça e nem sei se quero contar tudo a ela.

— Não, não é meu noivo — respondo sucintamente, demonstrando que não estou disposta a levar a conversa adiante.

Passado mais algum tempo, o motorista do taxi nos alerta:

— Senhoras, eles estão indo em direção a um bairro da cidade considerado não muito seguro, e irá ficar cada vez mais distante do centro. Devo continuar?

— Só pare quando eles pararem, por favor — respondo com toda minha educação e convicção.

— Senhora, só para avisar, a corrida dará um valor alto. — O motorista careca de meia idade volta a falar.

— Não tem problema, eu pago. — Tateio em volta do banco, procurando por minha bolsa.

— Droga! — Esbravejo. Lembrando-me que não estou com ela, nem carteira e muito menos o celular.

— O que houve? — Priscila me olha preocupada.

— Esqueci completamente que estou sem a minha bolsa e sem qualquer dinheiro.

— Não se preocupe com isso, Maria Luiza. Eu posso pagar.

— Eu te reembolsarei assim que voltarmos — afirmo — na verdade, eu mesmo posso pagar. Só preciso pegar a minha bolsa quando chegarmos, tenho dinheiro nela. O senhor se importa em receber na volta? — pergunto ao motorista.

— Olha, senhora... seria bom se pelo menos a corrida até o nosso destino fosse acertada. *Aí* eu zero o contador e fazemos como uma nova corrida

para voltar.

— Sêrio que precisa fazer isso? Eu garanto que pago! — insisto.

— Eu prefiro, senhora. — Ele diz sem jeito.

— Tudo bem, Maria Luiza, ele faz isso por segurança. Não se preocupe, eu pago.

— *Ok*, então. Muito obrigada.

— Imagina, isso é o mínimo que eu posso fazer depois de tudo.

— Certo.

Não vou entrar em detalhes, e nem querer tirar satisfação daquilo. Já se passaram alguns anos do tal episódio, outras oportunidades de emprego surgiram. Eu não vou ficar agora remoendo o passado, afinal tenho assunto mais importante aqui.

— Você continua trabalhando na área? — Minha *ex* amiga pergunta e percebo um interesse sincero em saber.

— Sim.

— Que bom, fico feliz. Tenho certeza que é uma ótima profissional.

— Obrigada. E você?

— Bom, eu gerencio um negócio próprio.

— Ah! Legal!

— Não sei se você conhece, mas aquela cafeteria perto da clínica é minha. Bom... minha e do meu marido.

Não acredito! Esse mundo é pequeno mesmo. Quero dizer a ela que conheço a cafeteria e que adoro aquelas tortas. Mas vejo o carro de Carolina estacionar em frente a uma casa. E isso toma totalmente minha atenção.

— Senhora, eu vou parar por aqui. Se chegar mais perto eles podem notar.

— Tudo bem. Aqui está ótimo. — Não pisco enquanto vejo Henrique descer do carro e logo em seguida Carolina.

Diante de uma cerca de madeira, metade em pé e a outra metade caída os dois falam algo um para o outro. E em seguida estão batendo palma.

Não demora muito para que uma mulher franzina, usando roupas gastas, surja de dentro de uma casa também de madeira, sem pintura alguma e com tábuas visivelmente quebradas.

O que esses dois podem querer com alguém que vive num lugar como este?

A mulher deixa a porta e se aproxima deles, o que me permite vê-la melhor. É uma mulher jovem, certamente tem menos idade que eu, mas sua aparência sofrida, magreza e roupas gastas dão a ela mais idade do que está em seu registro de nascimento.

Daria tudo para ouvi-los e saber o que o soberbo Henrique tanto fala com essa mulher, principalmente agora que percebo que a tal mulher está chorando e Carolina, como se fosse uma pessoa muito gentil, a abraça e caminha com ela para dentro da casa. Henrique segue atrás delas, antes dá uma olhada em volta e isso me faz afundar no banco do carro.

Com medo de ser vista por eles, apenas espio entre o vão do encosto do bando do carona que está à minha frente.

Henrique e Carolina entram na casa... E eu morro de curiosidade, ao mesmo tempo que sinto um medo apertar o meu peito, pois algo me diz que isso tem a ver com a Valentina.

O taxista rumo em direção a clínica após acompanharmos Carolina deixar Henrique na porta de um hotel no centro da cidade — local totalmente diferente do que ele visitou pouco tempo atrás — deve ser aqui que o mau caráter ficou quando foi escorraçado de casa.

— Você está bem? Quer falar sobre isso? — Priscila indaga, de maneira preocupada.

— Sim, estou — respondo e minto, afinal *bem* é algo que *eu* não estou. Mas então, acrescento uma verdade:

— E não, eu não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. Desculpe. — Ela deve estar estranhando minha reação, vez que antes mantive uma conversa com ela de um jeito até que natural.

Avisto o alto edifício com a fachada toda em vidro e sei que estamos chegando na clínica. *Graças a Deus*, pelo tempo que fiquei fora sem contato com todos, sei que ao chegar os encontrarei preocupados. Lastimável, pois já tivemos emoções suficientes, contudo eu tinha de fazer.

O carro finalmente estaciona, e eu posso descer dele. Antes, vejo Priscila passar às mãos do motorista um bocado de notas, ele nos entrega seu cartão, agradece e segue para o seu trabalho em busca de outros passageiros.

— Maria Luiza, eu confesso que fiquei surpresa e feliz em te reencontrar. Eu não sei o que está acontecendo em sua vida, de qualquer forma eu quero que saiba que eu sempre desejei poder te ver novamente e te pedir desculpas pelo que fiz. — Priscila diz, e posso enxergar sinceridade em sua expressão.

— Está tudo bem, foi uma situação desagradável, mas também não precisava carregar esse peso, já passou.

— Como eu faço para te encontrar de novo? Você trabalha aqui na clínica?

— Priscila, certamente nos encontraremos em breve. Sou sua cliente na cafeteria. Adoro tudo que já provei lá, as tortas principalmente.

Eu mal termino de falar e a minha ex melhor amiga me envolve em um abraço, que eu sinceramente não esperava, mas acabo retribuindo.

Enquanto meu coração bate junto ao da primeira pessoa que me acolheu nessa cidade e que pela primeira vez criei algum tipo de vínculo — além da minha mãe e minha avó — ouço a voz do primeiro e (único) homem que me fez conhecer o verdadeiro amor.

— Malu!!! Graças a Deus, você apareceu! — Leonardo repete, aproximando-se de mim.

Desfaço-me do abraço de Priscila e os poucos passos que me separam de Leonardo eu elimino correndo.

Meu corpo se choca no dele e eu afundo meu rosto em seu peito, sem demora sinto seus braços cercando-me de um jeito protetor. Ele me aperta forte contra si, beija o topo da minha cabeça e inspira o ar em meu cabelo. Ergo lentamente meu rosto em direção ao dele, capto na hora sua preocupação.

— Desculpe sair sem avisar — digo, num tom arrependido.

— Tudo bem, o importante é que agora você está aqui. — responde, com um sorriso afetuoso nos lábios. — Mas me diga, aonde você foi, meu amor?

— Atrás de Henrique e Carolina, eu vi Henrique saindo com ela da clínica e os segui — conto.

Leonardo enrugando o cenho.

— Eles foram a um lugar que me deixou com um mau pressentimento, Leo. — acrescento preocupada.

— Oh, meu amor, fique calma. Henrique não nos fará mais nenhum mal.

Leonardo volta a me abraçar e isso é o suficiente para acalmar minhas emoções e preocupações.

— Agora vem, vamos ao refeitório da clínica, você precisa comer algo, deve estar com muita fome.

— Como sabe?

— Estou ouvindo seu estômago roncar.

— Sério? — Pergunto, horrorizada.

— Seriíssimo. — Leo responde, num tom sério. *Quero um buraco para me enfiar nele nesse instante.* Depois de alguns segundos me encarando ele solta uma gargalhada, une minha mão a dele, beija-a e nos conduz.

E antes de abandonar a área externa e ultrapassar as portas de vidros que se abrem e fecham automaticamente, eu olho para trás.

Priscila já se foi.

Bom, mas eu sei onde encontrá-la, basta ir comer um pedaço de torta e pedir para falar com a dona da cafeteria — que geralmente não está na caixa ou

pelo balcão de atendimento — pois é na cozinha que ela coloca literalmente a mão na massa em prol do seu negócio. Não obstante a minha surpresa foi em saber que ela é a dona do lugar, como é também a responsável por aquelas tortas deliciosas.

Talvez Priscila mereça uma segunda chance e talvez possamos voltar a ser amigas.

Aliás, dizem que todos merecem uma segunda chance.



Boas notícias em meio ao caos

LEONARDO

Preencho a panela com água, levo ao fogo e fico parado olhando, aguardando que ela entre em ebulição ao ponto de colocar a massa para cozinhar. O cristalino dela traz em minha mente os olhos chorosos de Beth e de minha mãe. Foram tantas lágrimas derramadas que suspeito que encheriam essa panela sem dificuldades.

As lembranças de dias atrás quando soube de toda a verdade ainda estão frescas em minha memória e tudo que ocorreu desde então também.

Assim que Beth e eu ficamos a sós ela me contou que não havia sido coagida em não denunciar Henrique, mas que o meu avô havia pedido, e ela fez questão de frisar que foi um pedido — que ela não levasse à público o que aconteceu, pois seria um escândalo para a clínica.

E então por consideração ao doutor Magno e por tudo que a família estava disposta a fazer por ela, e também por se preocupar com o que a notícia do estupro acarretaria para a clínica e por consequência aos funcionários — uma vez que se a imagem da clínica fosse prejudicada, perdendo sua credibilidade e honradez que sempre prezou, perderia também pacientes. Sem pacientes, não haveria porque precisar dos profissionais — Beth não denunciou.

Até posso imaginar meu avô falando, todo preocupado, gesticulando freneticamente as mãos, ou então deslizando-a para cima e para baixo pelo suspensório branco que sempre usava — sempre que estava nervoso com algo

fazia isso — os anos que passei ao lado dele, conheci cada detalhe dele, inclusive suas manias, mas sobretudo aprendi muito sobre medicina e sua devoção por essa clínica. Ter um caso de estupro dentro dela, seria vergonhoso e mancharia a imagem e a solidez que ele levou anos para conquistar.

E *ok*. Eu compreendo o ponto de vista e o interesse dele em defender a reputação da clínica. Mas, ao meu ver, usar isso foi uma forma de coagir. O que, infelizmente, me causou uma ponta de decepção em relação ao grande homem que sempre admirei.

Enfim, quando eu comentei que ela sofreu sim coação — velada — mas sofreu, Beth revelou que não denunciou, não somente pelo pedido do meu avô ou por preocupação com o que poderia acontecer à clínica, mas principalmente porque se sentiu envergonhada. Que não queria ser uma mulher marcada, que a marca que Henrique deixara nela fora suficiente, que ela não queria nenhum tipo de olhares ou julgamentos.

Pensei em argumentar, dizer que ela nunca deveria se sentir envergonhada. Ele é o monstro, e ela a vítima. Quem deveria sentir vergonha e peso dos olhares e o julgamento alheio era o maldito homem que fez isso à ela. Mas, optei por abraçá-la e não falar mais nada — pelo menos naquele momento. — Pois não quero que ela sinta vergonha ou sinta-se um lixo, como ela mesmo referiu-se a si própria. Ela é sim, uma mulher forte e guerreira, mesmo ferida e marcada encontrou meios de seguir em frente e mais que isso, de amar. Beth precisa ter ciência disto e me preocuparei em sempre lembrá-la.

Ela voltou a me pedir perdão pelo que fez, mesmo eu dizendo que não era necessário, que havia compreendido. E apesar de parecer que ela estava mais calma, Beth teve outro momento de choro convulsionado, e entre lágrimas tocou em um assunto que fez despertar novamente todas as minhas emoções e sem conseguir controlar o choro, deixei que minhas lágrimas se misturassem às dela, enquanto nos mantínhamos abraçados.

A filha que Beth perdeu no trágico acidente foi alguém por quem chorei sem saber que ela era mais que apenas a filha da minha melhor amiga, mas era também a minha irmã. A irmã que eu não tive a oportunidade de conviver e dividir momentos — e que infelizmente nunca terei — fez um sentimento de pesar acertar em cheio no meu peito.

Thamara é a filha de Beth, que ao contrário de mim, foi fruto de uma relação. Uma relação que durou até que ele a trocasse por outra mulher. Ainda assim, esse bebê foi concebido em um ato de amor e consentimento, e não de um estupro.

Desde sempre soube que Beth era uma mulher separada, que tinha uma filha que era quatro anos mais nova que eu e que ela fazia o papel de pai e mãe,

pois o marido havia ido embora para viver com a nova família que formou, deixando para trás ela e a filha de apenas cinco anos de idade.

Não é difícil entender que depois dessas experiências negativas com homens, Beth nunca mais quis qualquer tipo de relacionamento. Os homens que a tocaram, feriram seu corpo, sua alma e seu coração.

De um jeito desleal por assim dizer, a vida lhe dera dois filhos, mas no final das contas Beth não os tinha para chamar de seus e viver a plenitude do amor entre mãe e filhos. Thamara partiu cedo demais, deixando nela o sentimento de culpa — além daquele que carregava por minha causa. E eu? Eu era o filho que não lhe pertencia.

Mas que agora pertença.

Beth já sofreu demais. Meu Deus! Como ela consegue ser tão forte? Ter sempre o bom humor e o sorriso nos lábios? Quando em seu íntimo, ela chora pelas marcas que a vida lhe causou. Compreendi sua reação negativa quando sugeri que ela adotasse a menina Clarissa.

É o medo de amar e falhar. De amar e perder.

E ainda ali, abraçado a ela transmitindo todo meu amor e a certeza de que ela não está mais só, vi a porta da sala ser aberta abruptamente e meu tio entrar acompanhado da minha mãe. Seu passo apressado e seu olhar de compaixão me diziam que ele sabia de tudo. Sabia que a verdade finalmente tinha sido contada e lógico que ele sabia dela, desde sempre. Pois não foi em vão o comentário que fez durante a fatídica discussão que teve com Henrique no dia anterior.

No momento que tio Miguel parou diante de nós, sua mão delicadamente foi ao encontro da mão de Beth. Ambos sustentaram o olhar por alguns segundos e foi então que vi meu tio tirar com sutileza a minha mãe biológica dos meus braços para acolhê-la nos seus. O gesto foi tão sutil quanto pegar uma criança assustada no colo. Ele a levou para seu peito de um jeito calmo, dando a ela confiança.

E assim que o rosto de Beth encontrou o peito dele e os braços envolveram-lhe o corpo, Beth inspirou fundo e junto veio choro, mais um dos muitos que ela já havia chorado.

Tio Miguel, usou um tom baixo, mas acalentador: “*Ei, pequena, não chore*”. O apelido que meu avô costumava chamar Beth. Isso me fez pensar quanto tio Miguel a conhecia.

Quando tudo aconteceu ele era muito jovem também, tempo depois foi embora do país e só voltou nas esporádicas visitas. Mas ainda assim, eu pude sentir que em seu gesto tinha algo íntimo e amigo. Além disso, compreensivo. Me perguntei, se ele também tinha sido conivente com o fato de não denunciar

Henrique. E como se lesse meus pensamentos, deu-me a resposta assim que me observou por cima do topo da cabeça de Beth. Seu queixo estava apoiado nela e um pouco antes ele deixou um beijo em seus fios de cabelos dourados.

— *Eu nunca concordei em esconder isso de você, e mais que isso, eu nunca concordei por terem poupado aquele canalha de pagar pelo que fez.*

Naquele momento assenti sentindo um caroço na garganta. Apesar de compreender o ato de amor que Beth e minha mãe tiveram por mim, contudo, a dor da verdade ainda pesava e pesa sobre meu corpo e pensamentos. Mais que isso, a raiva e o desejo de fazer com que Henrique pague pelo que fez, é muito forte.

E como se não bastasse tudo que já havia acontecido naquela sala, ainda teve o sumiço de Maria Luiza, que associado ao que Derek me contou sobre Henrique, fez minha preocupação com desaparecimento dela atingir um nível ainda mais alto, e no meio de toda a loucura procurando por ela, o dever me chamou, tive que ir às pressas para centro cirúrgico.

Fiquei aliviado quando Maria Luiza finalmente apareceu na clínica, mas depois que me relatou o lugar e a cena de Henrique e Carolina com a tal mulher desconhecida, não pude evitar a preocupação.

Retorno minha atenção para o que estou disposto a fazer, olho para a panela onde a água para preparar uma massa ferve. O objetivo é cozinhar para Maria Luiza, mas com as lembranças desse dia, esqueço-me de tudo e a água evapora quase por completo.

— Droga!! — murmuro. Acrescentando mais água.

— Por que está xingando, doutor? A massa não deu muito certo? — Malu diz, entrando na cozinha.

Viro-me e a vejo sorrindo, seu semblante está mais leve, tão diferente de hoje durante o dia na clínica, enquanto estava concentrada em todos aqueles relatórios.

— Ainda não deu. Mas vai dar. Não se preocupe, teremos um jantar. — respondo, confiante.

Sustento meus olhos nela, como pode ser uma mulher tão linda? Sua beleza me hipnotiza. Encostada na mesa de um jeito tão casual, usando um short de malha preto e uma regata branca solta no corpo, sua pele tem um brilho diferente. Os longos cabelos estão molhados e o cheiro que vem dela é tão convidativo, que eu esqueço da panela no fogão e aproximo-me querendo sentir mais do seu cheiro e sua pele macia.

Cada centímetro do corpo dela me atrai, cada palavra que sai da sua boca, cada atitude. A mulher que me hipnotiza por sua beleza, me hipnotiza também por ter esse caráter forte e destemido.

Ergo seu corpo do chão e sento-a sobre a mesa, sua mão toca meu peito sem camisa, seu toque libera uma agradável sensação por todo o meu corpo. Abaixo-me e começo a despejar beijos em sua pele desde o seu pé, passando pela perna, subindo até coxa. Assim que atinjo o tecido do seu short vou para o outro lado fazendo a mesma sequência — pé, perna e coxa. A pele sedosa tem cheiro de amêndoas, fico entorpecido, querendo mais e mais dessa mulher.

De pé diante dela fito seu rosto, ela morde o lábio inferior e seus olhos me dizem exatamente o que ela quer eu faça.

Arranco a bermuda que coloquei depois do banho, o chão recebe além dela a minha *boxer*.

Totalmente nu e pronto para amar Maria Luiza, ajudo a se desfazer do short que esconde o meu tesouro. Ela se deita na mesa, mantendo-se apoiada nos cotovelos.

— Vem, Leo... — diz, com a voz rouca e densa.

— Ah, Malu... — sussurro. Sentindo o pulsar do meu desejo por ela.

Toco o centro do seu corpo para ter a certeza de que ela está pronta para mim e claro que está. Beijo-a mais uma vez, sua língua passeia maliciosamente pelos meus lábios, puxo-a pela cintura, trazendo-a mais para a ponta da mesa. E ali com a boca colada na dela, encontro seu corpo e deslizo para dentro dela.

Ela geme, eu enlouqueço.

Eu a amo, esquecendo do mundo.

Esquecendo das preocupações.

E da água que coloquei para ferver.

A noite vai acabar em pizza.



O dia amanhece tão lindo e não só pelo céu azul sem nuvens ou pelo sol que logo cedo iluminou nosso quarto, mas porque Maria Luiza e eu tivemos uma noite ótima — depois do amor que fizemos na mesa da cozinha, comemos pizza sentados no chão da sala, e entre uma taça e outra de vinho falamos do turbilhão de coisas que estão acontecendo. Porém, mesmo que recaia sobre nossos ombros tantos problemas e preocupações, sorriamos ao imaginar nossa vida assim que tudo isso passar, assim que oficializarmos nossa união. E especialmente quando Valentina estiver vivendo conosco.

Porque no final das contas, quando estamos juntos, estamos bem, somos fortes e sábios para lidar com as adversidades da vida.

E depois da ligação que acabei de receber de Luís, o dia se tornou ainda melhor, se é que poderia, pois ainda temos outra boa notícia. E tenho certeza que minha Malu vai adorar saber das duas.

Por isso estou aqui diante da porta onde ela realiza o seu trabalho, eu não podia esperar nem um segundo a mais para lhe contar.

Bato de leve na porta e abro.

— Posso entrar? — digo, vendo-a concentrada no que está fazendo.

Seus olhos se erguem dos muitos papéis dispostos sobre a mesa de reunião. E aquele lindo sorriso está lá para me fazer sorrir em resposta.

— Claro, presidente. — Ela responde, girando-se na cadeira e cruzando as pernas numa atitude propositalmente sensual em seu vestido branco e justo.

O vestido deixa a mostra sua pele a partir dos joelhos, mas eu sei exatamente o que se esconde acima. E só de imaginar... ah... essa mulher!

Malu provocadora...

— Malu, não faz isso, ou vamos ter que batizar essa mesa também — falo, fechando a porta e indo ao encontro dela.

Sua face ganha um tom mais rosado que o natural, provavelmente sentindo o calor atingir seus poros ao relembrar do que somos capazes de fazer em cima de uma mesa ou em qualquer outro lugar.

Sento-me numa cadeira ao seu lado, puxo a dela bem perto da minha, seu joelho toca na parte interna da minha coxa. O efeito Malu é instantâneo, mas me controlo, afinal o que me trouxe aqui é um assunto sério.

— Tenho uma novidade muito boa! — anuncio.

— Conta! — ela diz, entusiasmada.

— Luís me ligou... — faço uma pausa, só para ver a expressão de curiosidade em seu rosto.

— E... — Sua íris move-se em expectativa.

— Temos uma entrevista com a assistente social, sobre a Valentina! — conto animado.

— Ah meu Deus!! Sério?? — Malu brada, com o sorriso estonteante.

— Sim. Não me pergunte como, mas Luís deu um jeito de adiantar ao máximo o processo de adoção e conseguiu agendar essa entrevista para essa semana.

— Essa é realmente uma ótima notícia, meu amor!

Tomada pela alegria da informação seus braços cercam o meu pescoço e seus lábios vão de encontro aos meus.

— Nem fala, estávamos precisando disso — digo, ainda sob seus lábios macios. Acaricio sua face e lentamente afastamo-nos.

— E quando será?

— Amanhã, não marque nada nesse horário, não podemos em hipótese alguma faltar. Eu já pedi para Beatriz reagendar alguns compromissos.

— Amanhã?! Que maravilha! E claro, não iremos faltar de jeito nenhum! Bom... como meu compromisso é só com esse monte de números não preciso reagendar nada.

— Só? Acho que você tem um grande e minucioso trabalho por aqui. E por falar nisso, como estão as coisas? Encontrou algo? — indago.

— Olha, aparentemente não. Mas tem algo que me chamou a atenção. E eu vou ter que pesquisar mais sobre para ter uma conclusão melhor. — Seu semblante torna-se sério e ela volta a olhar para os papéis, pegando uma das folhas, com várias linhas em destaque com caneta marca texto.

— O que é? Talvez eu possa te ajudar — ofereço.

— Eu não tenho conhecimento da necessidade do uso mensal de alguns materiais, mas encontrei um número alto em compras de materiais implantáveis, principalmente os de uso da cardiologia. Por exemplo, o *stent* eu vi que existem dois tipos, os de metal puro e o de eluição de fármaco. — Ela explica.

Faz uma breve pausa olhando para a planilha em suas mãos, aproveito para comentar sobre e dar algumas explicações.

— Isso, os dois tem o mesmo objetivo que é reabrir artérias coronarianas, a diferença é que o farmacológico libera medicamentos na corrente sanguínea pouco há pouco, durante anos. Ele é menos agressivo e diminui os riscos de formar coágulos de sangue e fazer com que o paciente tenha que realizar um novo procedimento depois de algum tempo. Mas o que não quer

dizer que o outro não seja bom, ou também indicado para o procedimento. Muitas pessoas usam o de metal.

— Entendi. E como ele tem esse diferencial acaba se tornando mais caro.

— Exato. Os dois são apresentados aos pacientes. E eles podem optar por qual utilizar. Afinal, isso influencia no valor total do procedimento. O paciente acaba pagando mais se quiser um material com esse *plus*, digamos assim.

— Ah, tá! E pelo que notei, os dois tipos estão sendo bastante usados aqui na clínica, pois a quantidade de compras são quase as mesmas tanto de um quanto de outro. E o fornecedor é sempre o mesmo.

— Doutor Magno era muito fiel aos bons fornecedores, ele sempre queria que os melhores materiais estivessem disponíveis à equipe médica e principalmente que os pacientes recebessem o melhor. Então, quanto ao fornecedor, acredito que não tenha nenhum problema. Mas se quiser mais detalhes você poderá conseguir com o chefe da cardiologia.

— Isso seria ótimo. Fiquei curiosa. E assim já aproveito para saber sobre os outros materiais também, pois esse caso do *stent* não é o único que chamou minha atenção com valores altos. Quem é o responsável do departamento?

— O doutor, Alfredo Alvarez — respondo, lembrando-me do seu envolvimento com Henrique.

— Ele? — Malu arregala os olhos.

— Pois é. O próprio. Lembrando que eu ainda não conversei com ele para entender até onde ele participou do plano de roubar a clínica com meu pai.

— Leo, não sei..., mas sinto que tem algo errado nisso. Não é estranho que o departamento com maiores gastos seja justamente o dele?

— Verdade, você tem razão.

— Eu vou pesquisar a fundo isso. — Ela fala e um tom enfático.

— Ok, vou falar com ele e aproveito para pedir os relatórios dos procedimentos. Talvez doutor Alfredo seja o próximo a ser afastado da clínica.

— Mas, Leo, não existe outra forma de conseguir esses dados, que não seja com ele? E, principalmente, que ele não seja alertado sobre a varredura que estamos fazendo em todos os documentos da clínica?

— Você está certa — comento, orgulhoso em ver sua perspicácia. — E tem sim outro jeito — explico — A clínica utiliza um programa em que cada departamento tem acesso ao que lhe corresponde. Você só precisa de um computador com o programa e acesso livre. Eu vou pedir para o Marcus providenciar isso para você.

— Obrigada. Mas, Leo, você tem tanto o que fazer. Me diga onde encontrar esse tal de Marcus, que eu mesmo vou falar com ele.

— Pode deixar que eu falo e explico tudo a ele, o que você está fazendo aqui é prioritário, e hoje mesmo terá acesso a tudo dentro dessa clínica.

— Tem razão. É melhor o presidente fazer esse tipo de pedido. — Ela diz, sorrindo. — Seria estranho, eu chegar em um funcionário dizendo que quero um computador e tudo o mais. Com certeza, pensaria: *Quem é essa louca na minha frente pedindo acesso livre?*

— Isso só aconteceria — interrompo-a — se você fosse falar com ele antes de que a circular informando aos funcionários sobre a nova vice-presidente chegasse ao conhecimento dele. E eu relutei em admitir que uma foto sua fosse enviada junto. Mas obriguei o meu *eu* ciumento que era o melhor a fazer, assim, todos podem ficar cientes de quem você é.

— O quê? Como assim, você enlouqueceu?

— Não gostou da ideia? Se preferir deixamos sem foto, eu não tinha me agradado mesmo de distribuir fotos suas pela clínica — falo, segurando meu sorriso.

Caramba! Acabei dando a outra boa notícia. E ainda não era a hora.

— Não! Não estou falando da foto! Estou falando de...

— De você ser a vice-presidente?

Ela balança a cabeça positivamente e seu olhos estão vidrados com a surpresa.

— Ah, Deus! Tio Miguel vai me matar. Ele é quem queria dar essa notícia. Você pode me fazer um favor? Quando ele te contar faz essa mesma expressão que está agora, assim bem surpresa, mas só tira esse olhar um pouco assustado, porque você, meu amor, é totalmente capaz de assumir esse cargo, além de ser seu direito legal.

— Mas, Leo, como e quando vocês decidiram isso? Meu Deus!! Não estou acreditando! Eu, vice-presidente da clínica?

— Tio Miguel, minha mãe e eu voltamos a conversar ontem no fim da tarde. E, por fim, chegamos a decisão que esse era o correto a ser feito.

— E os demais, foram consultados? Melissa? Talvez ela gostaria de...

Sua voz some, sinto-a temerosa. Maria Luiza precisa se acostumar que agora tudo isso aqui também é dela.

— Sim, todos aprovaram e ficaram felizes com a notícia — inspiro, tomo seu rosto em minhas mãos e olho bem no fundo de seus olhos.

— Malu, coloca uma coisa nessa sua cabecinha linda. Você faz parte dessa família, seu pai é dono da metade disso tudo, ou seja, você também é dona da metade disso aqui. Acostume-se com isso!

Ela pressiona os lábios e assente lentamente. Noto seus olhos ficarem marejados.

Maria Luiza é assim, sempre tão emotiva e transparente em suas emoções e reações. Penso que isso seja algo bom, já que sua sinceridade está sempre estampada, entretanto às vezes isso pode torná-la tão exposta aos que não possuem essa mesma boa-fé dela.

Mas então lembro-me dos momentos que já presenciei ela sendo impassível, séria e totalmente segura e isso me faz concluir que ela sabiamente sabe dosar suas emoções, ações e reações. E principalmente, sabe quando e com quem pode deixar transparecer o que perpassa em seu íntimo.

Eis mais um motivo para eu admirar ainda mais essa mulher.

— E quanto a Melissa, você sabe que ela te adora. Melissa ama essa clínica. Contudo, isso aqui não é a praia dela, ela tem outra profissão e ama o que faz. Inclusive eu a convidei para fazer um projeto para reformular a sala da presidência — que é enorme —, o que a deixou muito entusiasmada. E isso me lembra outra coisa, você e eu dividindo a mesma sala. — As últimas palavras solto dentro de um sorrisinho travesso.

— Eu vou adorar. — Ela declara, em um tom satisfeito.

— Eu só não garanto que conseguirei resistir ao efeito que você me provoca sempre que está por perto. Por isso, ocasionalmente eu terei que te beijar e...

— Presidente, considerando que esses beijos não interfiram no desempenho do nosso trabalho, acredito que não acarretará problemas, só precisamos ser discretos.

— Vice-Presidente, se você está afirmando isso, eu assino embaixo.

Os lábios que eu conheço tão bem, se estendem em um amplo sorriso, trazendo à sua face uma expressão genuinamente feliz. Não resisto e a beijo, saboreando o gosto de felicidade, gosto de boas notícias em meio aos problemas.



Concentra, Malu

MARIA LUIZA

— Leo, eu confesso que estou surpresa e até um pouco assustada com essa notícia. Mas muito, *muito* feliz mesmo!!! É algo desafiador e eu adoro isso, vou dar tudo de mim e serei uma ótima vice-presidente. Obrigada por confiar na minha capacidade, meu amor — falo, abraçando-o com força e com o rosto afundado em seu peito, logo após nos beijarmos.

Eu estou em completo êxtase e entusiasmada, com as boas notícias que Leonardo trouxe. Isso me faz refletir em como a vida é boa, ainda que as adversidades surjam, elas sempre nos entregam bons momentos.

— Malu, eu que tenho que te agradecer. — Sua mão toca o meu queixo, elevando o meu olhar ao dele — dessa forma, poderei conciliar melhor a rotina da pediatria com a presidência. Saber que tenho você ao meu lado para dividir essa responsabilidade me dá uma segurança tranquilizadora. Sabe como é, eu sou médico e conheço bem a rotina da clínica, mas você é a administradora, precisamos disso e da sua capacidade para tornar este lugar ainda melhor em um contexto geral. — Leo sorri, encantador. Ele faz meu coração derreter ainda mais por ele. Aliás, faz isso sempre! Faz pelas palavras que diz e por suas atitudes.

— E modéstia à parte, eu não tenho dúvida que unindo nossos conhecimentos, faremos um excelente e inovador trabalho. E você sabe, nós

funcionamos muito bem juntos — ele completa, dando uma piscadinha ao mesmo tempo em que leva uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. Carinhosamente, desliza seu polegar pela minha face, e me faz sentir um arrepio delicioso percorrer todo o meu corpo.

Olho-o com ternura, vendo refletir em seus olhos, a sinceridade e satisfação. E respondo-o da mesma forma:

— Sim, nós funcionamos muito bem juntos. E também fico muito feliz em poder te ajudar, porque sei que você é apaixonado pela pediatria e dedicado aos seus pacientes. E doutor, Leo, os pequenos precisam de você.

Ele me encara por alguns segundos, e após uma inspiração profunda, volta a falar:

— Eu já disse o quanto te acho uma mulher incrível e maravilhosa? Pois se disse ou não, eu vou dizer agora. Maria Luiza, você é a mulher mais incrível e maravilhosa desse mundo inteiro.

Suas palavras me fazem sorrir e eu só consigo dizer aquilo que explode em meu peito.

— Eu te amo tanto, Leo.

— Eu também te amo, Malu.

Envolvendo-me em seus braços ele me beija de forma lenta e amorosa.

— Adoraria passar mais tempo com você, vice-presidente. Mas já me excedi na visita, preciso dar uma olhada num bebê que nasceu ontem, ele estava bem, mas durante a noite teve que ser levado para a neonatal. Quero conferir de perto o que houve.

— Tudo bem, eu também preciso seguir com meu trabalho por aqui.

— Mas nos vemos no almoço?

— Sim!

— Certo, então eu te espero na pediatria, de lá descemos juntos para o refeitório.

Combinado, doutor Presidente — respondo, com um sorriso. Ele sorri em resposta e beija mais uma vez meus lábios antes de seguir.

Acompanho seus passos, admirando a amplitude de seu corpo, a camisa dobrada até o cotovelo, me dão a visão de seus braços traçados por músculos viris, fazendo os pensamentos flutuarem nas lembranças da noite anterior, recordando a pegada firme que seus braços possuem. Umedeço os lábios, sentindo um rubor alcançar minha face e desejando que o final deste dia chegue — para estar em casa — e em seus braços novamente.

— Ah! E não esqueça! — Leonardo vira-se antes de chegar a porta, pegando-me no flagra.

— O que foi? Você está bem? — Ele pergunta.

Engulo a saliva, tirando do rosto a expressão boba que devo estar.

— Si-sim — gaguejo — O que você ia dizer? — apresso-me em perguntar.

— Tente disfarçar ao máximo que já sabe que é a vice-presidente. Seu pai em breve estará aqui. Demonstre surpresa.

— *Ok*. Pode deixar! — respondo com firmeza.

E acho que Leonardo não percebeu que eu estava literalmente babando por ele.

— Outra coisa.

— Sim?

— Luís vai passar aqui no final da tarde para dar algumas instruções e tirar dúvidas que tenho para a entrevista, se tiver alguma, sugiro que anote para não esquecer de perguntar a ele.

— Ah... está bem, eu farei isso.

Ele por fim, abre a porta, sai e a fecha.

Retomando o fôlego e os sentidos, ocupo-me ainda de pé em remexer nos papéis, tirando debaixo de uma das folhas a minha agenda.

— E, Malu? — A porta se abre.

É ele!

Deus do céu... o que foi agora. Eu preciso me recompor.

— Sim? — respondo em um sorrisinho.

— A próxima vez que me *secar* desse jeito, tenha certeza que não tem ninguém por perto.

— Eu não esta...

— Estava.

— Não... juro que não — nego, veemente.

— *Ã-hã... acredito.*

Ele sorri, fecha a porta novamente e me deixa sozinha.

Jogo-me na cadeira, ponderando se trabalhar todos os dias ao lado dele será uma boa ideia.

Eu vou queimar em desejo.

Controle-se, Malu...

Concentre-se, Malu...

Eis, o meu mantra.

Tão logo Leonardo deixa a sala, Marcus aparece — o tal Marcus é o funcionário que falou conosco enquanto estávamos indo para a reunião e que eu não prestei atenção ao seu nome quando fomos apresentados e é também o abençoado que me disse o andar que Leonardo havia descido, poupando meus esforços em procurá-lo. — O que já me faz sentir uma certa simpatia por ele.

Marcus me dá as devidas instruções para o uso do programa, garanto em anotar algumas informações e também o seu ramal caso precise de ajuda. Mas ao que tudo indica o sistema não se trata de nada muito complicado.

Concentre-se Malu, repito. Enquanto fixo atentamente meus olhos na tela luminosa com várias janelas abertas do programa que me dará acesso às informações que desejo encontrar.

Eu darei conta e fuçarei nisso aqui até encontrar o que quero, até fazer as conexões de cada relatório de paciente atendido no mês com os de compras efetuadas. Até compreender cada entrelinha desse procedimento. E, sobretudo, ter certeza de que esses pacientes foram de fato atendidos. Afinal, papel aceita tudo. Nesse caso, o programa. Quem garante que as informações lançadas no programa são fiéis? Portanto, acabo de ficar satisfeita em notar que junto ao nome de cada pessoa atendida, possui também uma ficha cadastral com os dados pessoais completos e lindos números de telefone. Alguém aqui — eu — irá gastar um bocado com ligações. A certeza, só virá com a confirmação direta de cada paciente.

Anoto, as perguntas que pretendo realizar, e garanto fazer com que pareça apenas uma ligação em busca de um *feedback* para saber se o atendimento na clínica foi satisfatório. Os pacientes não precisam e nem devem saber que se trata de uma investigação.

Escolho aleatoriamente o nome de um dos muitos atendidos no último mês. Antes de fazer a primeira ligação preencho com água contida na garrafinha de plástico o copo alto de cristal, ambos foram deixados por Catarina — a ex-secretária do doutor Henrique — e atualmente minha e de Leonardo. A jovem de cabelos escuros, rosto amendoado e olhos marcantes, demonstrou-se muito gentil e simpática — até demais — e bem diferente do dia em que parecia tão assustada com as mudanças ocorridas. Mas, ainda assim, resolvi não fazer pré-julgamentos, não é porque ela era a pessoa de confiança de Henrique que ela não seja uma boa pessoa. Certo? Talvez. Não fiz pré-julgamentos, mas não impedi meu sexto sentido de trabalhar em analisar bem a dita cuja. Por enquanto, Catarina está em análise.

Concentre-se Malu, vamos ao que interessa.

Certificando em lubrificar a garganta e obter uma voz limpa e nítida ao telefone, bebo um bom gole da água, que para o meu gosto está um pouco gelada demais, em seguida esfrego uma mão na outra e seco os dedos na roupa, a temperatura baixa do líquido faz a parte externa do copo ficar molhada. Digito os primeiros números no visor do celular e uma batida na porta interrompe-me.

Droga! Logo agora! Xingo baixinho.

A porta se abre. Vendo quem é, retiro mentalmente meu xingamento.

— Oi, querida! Posso entrar?

— Claro.

Miguel — ou melhor dizendo — meu pai entra. Ele caminha em minha direção com um sorriso nos lábios e um olhar carinhoso, levanto-me imediatamente para recebê-lo. Trajando roupa social, noto — como da primeira vez que o vi — o homem bonito que é.

Não é à toa que minha mãe foi tão apaixonada por ele. E o descrevia de uma forma tão perfeita. Fiquei impressionada com a riqueza dos detalhes nas páginas de seu diário. E ao lê-lo, eu me senti mergulhada em um livro de romance, tal qual aqueles que ela mesmo me ensinou a gostar.

E foi só através dessas páginas que descobri que mais que seu amor pela leitura ela também tinha pela escrita. Seu sonho era ter feito faculdade de letras. Ela nunca me falou isso, talvez para não demonstrar que teve seu objetivo impedido ou frustrado. Pois se havia algo que ela fazia questão de enfatizar, era que eu nunca deveria esmorecer. Que se um dia eu tivesse um grande objetivo eu deveria fazer de tudo para alcançá-lo.

E eu fiz. A graduação em administração e agora chegando ao final da pós-graduação é sem dúvida um grande objetivo conquistado. E, mesmo que ela pense que o dela não foi. Eu constatei que sim. Pois, ela tinha um talento com as palavras que era algo natural, não carecia de um curso superior para isso. Minha doce mãe, deixou registrado em seu diário da forma mais bela possível a sua história de amor.

A história de amor que viveu com esse homem que está me abraçando de um jeito tão apertado e demorado que é como se nunca quisesse ter que separar nossos corpos.

— Desculpe. — Ele diz, afrouxando a pressão de seus braços que me circundam.

— Tudo bem — respondo, aumentando a pressão dos meus braços nele. Demonstrando assim, o quanto eu também quero isto.

— Aqui. — Meu pai fala, afastando-se apenas o suficiente para pegar o envelope que havia deixado em cima da mesa antes de me abraçar. — É somente a confirmação daquilo que já sabemos. Porém, é o que nos fará oficialmente pai e filha. Por isso que este papel — ele tira o resultado de DNA do envelope lacrado — é tão importante para nós.

Virando duas páginas, ele posiciona o papel de tal jeito que nós podemos ler ao mesmo tempo. Não reparo em mais nada que esteja escrito ali, apenas no que diz ao final da página em letras garrafais e em negrito:

É PAI BIOLÓGICO

Tento continuar a ler, mas todo o resto torna-se embaralhado pois meus

olhos ficam embebidos em lágrimas, até que uma delas alcança o papel e em seguida outra, mas esta não é minha e sim, dele. Do meu pai.

— Você é minha filha, Malu. Minha filha. — Ele declara emocionado.

— Sim. Eu sou sua filha, pai! — respondo, também tomada de pura emoção e lágrimas.

Vejo-o respirar fundo e satisfeito, voltando a me abraçar com toda a sua intensidade de sentimentos. Sentimentos reprimidos de uma vida inteira. Julgo que todos os anos que ainda teremos pela frente não serão suficientes para suprir toda essa demanda reprimida. E por isso, eu sei que todo momento que tivermos juntos, serão ávidos de carinho e ternura.

Sem pressa, permanecemos abraçados por incontáveis minutos.



— Sabe de uma coisa, Malu, você é uma péssima mentirosa!

Meu pai ri ao dizer isso. Após me contar que eu sou a vice-presidente. E eu fazer minha melhor encenação de “Ah Meu Deus! Eu nem imaginava, que surpresa!”

— Mas... como assim? Por que está dizendo isso? — Insisto em disfarçar. Vez que, a surpresa da notícia até pode ter sido encenada, mas a alegria é sincera.

— Está na cara que você já sabia. Leo te contou, não foi? — Sua graça se vai e ele assume um semblante fechado.

— Ah... não fique chateado com ele, foi sem querer que Leo acabou me contando. Mas olha, ele ficou *super* preocupado. Me pediu ao máximo para demonstrar surpresa.

— Reiterando, você é uma péssima mentirosa! — Seus lábios se abrem num sorriso, deixando-me tranquila. De forma alguma eu gostaria de vê-lo chateado com a situação.

— Mas... tudo bem. Eu até imaginei que isso poderia acontecer. Ele ia acabar deixando escapar. Por isso que não contei a ele sobre isto aqui. — Sua mão vai até o bolso da calça e tira de dentro dele uma pequena caixa retangular de cor branca.

— Tome, é meu primeiro presente para você! — Ele diz, entregando-me a caixa.

Abro-a.

— Ah, Meu Deus!!! Que lindo!! — exclamo com um sorriso genuíno de surpresa.

— Agora sim! Era essa carinha que eu queria ver! Gostou?

— Se eu gostei? Amei! Olha isso! — digo, passando o dedo no relógio de cor dourada, com dois pares de ponteiros finos, um dos pares é maior que o outro e fica bem no centro marcando a hora e minutos. Logo abaixo também no centro um pequeno círculo com o par de ponteiros menores é preenchido com minúsculas pedrinhas brilhantes.

— Meu Deus... isso aqui é...

— Calma... não é ouro puro, apenas banhado. Acho que não seria muito seguro usar algo tão valioso assim no dia a dia. Mas dentro são cristais de ouro branco.

Ele sorri, analisando minha reação.

— É lindo demais, obrigada! Amei meu primeiro presente! — afirmo, abraçando-o em gratidão.

— Que bom que gostou. E tem mais!

— Como assim mais? Por favor, isso está mais que suficiente.

— Falta algo essencial, que a partir de agora você usará muito.

Meu pai tira o relógio de onde ele repousa em uma delicada almofada de cetim, ajusta no meu pulso esquerdo — fica perfeito. E em seguida ergue o lugar onde antes o relógio estava, revelando o segundo presente.

— Malu, agora você tem a caneta em suas mãos. Faça o melhor trabalho que puder por essa clínica, que é sua também. Torne-a um exemplo e referência, bem mais do que ela já é. E especialmente, marque seu nome na história dela, como uma excelente administradora.

Diante de tanta beleza dos dois presentes que acabo de receber, todavia e principalmente pela beleza das palavras ditas pelo meu pai, eu quase perco a fala.

— Obrigada por confiar em mim. É uma honra ter uma oportunidade como esta. Acredite, eu não irei decepcionar. — Afirmo com o que ainda consigo, diante de toda emoção.

— Eu nunca cogitei essa possibilidade. Acredito de olhos fechados em seu potencial, afinal você é uma Ventura Magno.

— Obrigada, pai.

— Eu tenho muito orgulho, por ter uma filha como você. Cecília foi maravilhosa ao criar nossa filha de um jeito tão especial que te tornou assim, perfeita.

O coração bate acelerado, toda emoção preenche meu ser. Abraço novamente meu pai. E em pensamento trago minha mãe para este momento.

Eu te amo, mãe. Obrigada por tudo que fez por mim.



Concentre-se, Malu! Mas está difícil!

Também pudera, a manhã foi marcada por fortes emoções. Meu pai permaneceu comigo por um tempo, conversamos e eu pude saber um pouco mais do seu projeto em atender as mulheres vítimas de câncer de mama, claro que o assunto trouxe as lembranças tristes da fase terminal da doença em minha mãe. Mas o assunto também trouxe a esperança. E a alegria em saber que muitas mulheres terão motivos para sorrir e voltar a se olhar no espelho.

Olho para o lindo relógio em meu pulso e confiro o horário. Quase meio dia, se bem que meu estômago já havia avisado que estava na hora do almoço.

Assinalo — com minha nova e exuberante caneta dourada e gravada em sua extensão as iniciais do meu nome e sobrenomes — o último paciente que vou ligar nesta manhã.

Os nove que fiz contato confirmaram passar por um procedimento cirúrgico no último mês, bem como o material implantável escolhido bate com o mesmo descrito na ficha do paciente. Seis deles escolheram o *stent* fármaco e outros três o de metal. Ou seja, o mais caro é realmente a preferência dos pacientes. Essa constatação me faz refletir se não estou direcionando minha atenção e energia para o foco errado.

Pensativa, levo a caneta à boca, no mesmo instante retiro. Essa não é o tipo de caneta que *você* fica roendo a tampa. Jamais! Então busco uma mecha de cabelo, enrola-a e desenrolo-a entre os dedos da mão e fico analisando...

Concluo que, mesmo achando que estou enganada quanto a isso, pego o celular pronta para efetuar a décima ligação. E antes mesmo de digitar o número do paciente que desejo falar, uma chamada entra no celular iluminando ainda mais o visor.

O número é privado, não gosto de atender ligação de quem não se identifica. Contudo liguei para tantas pessoas, e pode ser que algumas delas queira dar mais alguma informação.

Decido atender.

— Alô — digo, em expectativa.

— Pare o que está fazendo, Maria Luiza. Pode não ser uma boa ideia achar o que tanto procura. Você saberá lidar com as consequências?

Reconheço a voz ameaçadora. É Henrique.

Ele fala e desliga, sem me dar a chance de responder.

Travo...

Perco totalmente minha concentração...

Inspiro fundo.



Ajuda inesperada

MARIA LUIZA

Sigo com pressa para o andar da pediatria. A cada passo que dou, sinto a batida do meu sapato no chão sincronizada com a do meu coração, forte e pesada e cada vez mais acelerada quando relembro a frase dita por Henrique.

Não quero e não deveria ficar tão assustada ou surpresa. Mas o fato é que aquele maldito consegue mexer com meu emocional. Imaginar que ele está planejando algo é atormentador, mas ter a certeza disso é mil vezes pior. A ameaça foi clara “...*Você saberá lidar com as consequências?*”, meu Deus esse homem está indo longe demais, o que passa na mente dele. Qual será essa consequência? Ou será que tudo não passa de um blefe para me fazer parar de buscar por algo errado que ele tenha feito?

É óbvio que Henrique está ciente que estamos auditando suas ações na clínica. Pelo que Derek disse a Leonardo, na ligação dele com Vincent o meu ex-chefe contou a Henrique que isso está acontecendo. Mas a forma como sua frase ameaçadora foi dita, me deu a sensação de que o crápula sabia exatamente o que eu estava fazendo durante toda essa manhã “*Pare o que está fazendo, Maria Luiza. Pode não ser uma boa ideia achar o que tanto procura...*”

Então o ponto é: Eu estou mesmo no caminho certo? Estou procurando onde realmente Henrique fez suas tramoias junto com doutor Alfredo?

Eu já estava desistindo dessa ideia. As informações positivas do paciente estavam demonstrando que tudo acontecia corretamente. Mas, se bem, que falar com nove pessoas não me dá a amostra e certeza, ainda. E há outra questão, qual o retorno financeiro disso?

Está bem que este é um método aparentemente fácil e seguro de desviar recursos. Mas Henrique é um homem de ambições altas e incalculáveis. Quanto de dinheiro pode ter sido desviado?

Comprar materiais (caros) pagar por uma “x” quantia, mas não as receber em sua totalidade, contudo pagar o valor total da compra. O dinheiro cai na conta do fornecedor, e o fornecedor devolve. E, evidente que ao devolver esse dinheiro ele não cai em uma das contas da clínica. Uma conta que seja dele, de Henrique. Só pode ser isso. Se for, trata-se do puro e simples famoso caixa dois.

E para ele fazer isso, esse fornecedor tem que ser alguém de estrita confiança. Quem é esse fornecedor? Eu preciso consultar os registros dessa empresa e consultar quem é o proprietário e assim terei uma parte do quebra-cabeça montado.

E onde precisamente o escritório de Vincent entra nisso?

Isso é caso de polícia, ainda mais depois dessa ameaça que acabou de me fazer.

Confesso, no fundo estou com medo, claro que estou, afinal, só de imaginar que ele pode fazer algo contra nós sinto um calafrio percorrer todo o meu corpo.

Contudo, meu medo não poderá — e não será — maior que minha coragem. Principalmente agora que sinto que o meu faro não me traiu — tem coisa errada e doutor Alfredo está envolvido nisso. Estou na direção correta para encontrar talvez apenas a ponta de uma das falcatruas do ambicioso e sem caráter Henrique.

E maldito seja esse homem! Se pensa que vai amedrontar-me está muito enganado, pois maior que meu medo é minha coragem e desejo em fazer justiça.

Avisto a recepção da pediatria, e só então me dou conta que já estou aqui, foram apenas os meus pés que me guiaram, caminhei no automático, entrei e sai do elevador sem ter consciência de onde estava indo. Pois meu cérebro, durante o percurso se ocupou em organizar cada pensamento sobre tudo isso, com o coração acelerado é verdade, mas no mesmo compasso está minha mente. Meu cérebro está pensando rápido e ansioso para desvendar e compreender essa teia criada por Henrique. Assim como, está também ansioso por contar logo tudo para Leonardo.

Beatriz está distraída conversando com o doutor Derek, eles não notam

minha aproximação e a avaliar pelo sorriso no rosto dos dois a conversa está boa.

— Bom dia — digo, despertando a atenção de ambos.

Sem jeito Beatriz muda a postura sorridente, para séria e compenetrada. Mas antes percebi seu susto ao ouvir minha voz. Bom, talvez, pelo falo de que agora não sou mais somente a noiva do doutor Leonardo, mas também a vice-presidente desta clínica.

— Bom dia, dona Maria Luiza. — Beatriz, responde. Sua forma de tratamento diferenciada do comum, me dá a certeza de que a notícia já deve ter chego ao conhecimento dos funcionários.

— Bom dia, vice-presidente. — Derek fala com um sorriso que não alcança os olhos, mas é simpático. — Parabéns. Saiba que fiquei muito feliz com a notícia. — Cumprimenta-me cordialmente. Todos os funcionários estão cientes de que a clínica possui uma vice-presidente. E que, sou eu.

Ainda que, ansiosa para encontrar Leonardo, correspondo seu cumprimento. Beatriz faz o mesmo — estende-me a mão parabenizando-me e desejando-me sucesso. Agradeço-os e aproveito para dizer-lhes que podem continuar a me chamar só de Maria Luiza. Nada de dona, ou vice-presidente. Não preciso dessas formalidades, o que preciso é da disposição deles em colaborar com a clínica, realizando um excelente trabalho.

— Preciso falar com o doutor Leonardo, ele está muito ocupado agora? — questiono Beatriz.

No mesmo instante, sinto um fraquejar nas pernas e uma leve tontura.

— Ele está na neonatal. Mas posso *interfonar* e avisar que você está aqui.

— Maria Luiza, você está se sentindo bem?

— Sim, estou. — Minto, e uma nova onda de tontura me atinge. Apoio-me no balcão buscando sustentação.

— Não está não. Vem, senta aqui. — Derek me acompanha até uma das cadeiras que ficam em frente ao balcão da recepção. — Você está pálida e sua mão gelada. — Afirma, observando-me atentamente.

— Estou bem, só preciso falar com Leonardo.

— Vou avisar na neonatal. — Beatriz se apressa em dizer e tira o telefone do gancho.

Interrompo-a.

— Não, não precisa. Não quero atrapalhá-lo. Eu aguardo.

— Maria Luiza, olha *pra* mim, diga o que mais está sentido? É nítido que você não está bem. — Derek fala, preocupado.

— Foi só uma tontura. Já está passando.

— Certo. Eu quero que inspire fundo e solte o ar lentamente. Beatriz, por favor, traga um medidor de pressão e um copo de água. — Ele pede a ela sem tirar seus olhos atentos de mim.

Faço o que me pede, inspiro fundo e jogo ar para os pulmões e em seguida solto devagar. Repito, mais de uma vez e logo o aparelho está sendo colocado em meu braço. Do pescoço Derek tira o estetoscópio e o coloca a ponta de metal junto ao medidor no meu antebraço.

Segundos depois ele diz:

— Está um pouco baixa. Você se alimentou hoje pela manhã?

— Sim... sim. Não é nada demais, só estou um pouco nervosa. Mas, como eu disse, já está passando.

— *Ok*. Tome — Derek coloca o copo descartável com água em minha mão — Beba pausadamente, vai te fazer bem.

Assinto e bebo, gole por gole e sinto meu organismo voltando ao normal.

— Está se sentindo melhor?

— Estou. Obrigada, doutor — agradeço-o.

— Muito bem, então vem — ele me estende a mão — Eu te acompanho até a neonatal.

— Não precisa, de verdade. Eu aguardo — respondo, sem me mexer.

Derek me olha com a cabeça inclinada, um sorriso nos lábios e a mão estendida, demonstram insistência.

Apesar de não querer atrapalhar Leonardo, eu preciso vê-lo. Estar perto dele por si só é uma forma de fazer ainda mais forte minha coragem. E aplacar a ansiedade de poder dividir com ele o que faz crescer a angústia em meu peito.

Pego na mão estendida de Derek, e intimamente agradeço sua empatia e a vontade de me ajudar.

Após passar pelo processo de higienização para entrar na UTI neonatal, e colocar um desses longos aventais azuis por cima da roupa estou pronta para entrar no ambiente.

Como estou de salto, caminho com cuidado para não fazer barulho. Ao me aproximar vejo as incubadoras, algumas ocupadas por bebezinhos, e ao mesmo instante que fico triste por vê-los nessa situação, penso o quão guerreiros são. Isso me faz lembrar da Valentina e a primeira vez que a vi na mesma situação que esses pequenos se encontram agora. E assim como aconteceu com ela, tenho fé que todos esses aqui também se recuperarão.

— Leo está lá. — Derek fala em um tom baixo e sinalizando para o fundo da grande sala.

De onde estou vejo-o de costas, noto que ele não está sozinho, ao seu lado — também de costas — está uma mulher sentada em uma cadeira de rodas, e meus olhos vão imediatamente para essa mulher, mas principalmente para a seu braço estendido até um dos círculos abertos que dão acesso ao interior da incubadora.

Continuo a caminhar lentamente. Aproximando-me. Vejo uma das mãos — toques lentos e sutis acariciam o bebê. Fico hipnotizada na cena. E conforme torno-me ainda mais próximo, ouço a voz baixa de Leonardo falando com os pais da criança, a voz dele me tira do breve transe.

Das mãos da mulher percorro meus olhos fazendo um caminho inverso até seu rosto e no momento que vejo quem é reconheço imediatamente aquele de traços orientais, a surpresa e a compaixão tomam conta de mim.

— Cleo — sussurro. Mas não baixo o suficiente para não ser notada.

Ela ergue seus olhos, eles estão ainda menores do que são, pois estão inchados. Eu fico sem ação, envergonhada por ser uma espécie de intrusa. Estou pronta para pedir desculpas por atrapalhar e dar meia volta, mas então percebo o homem que está além de Cleo e isso me põe congelada.

Sem fala e sem movimentos. Eu permaneço muda e no mesmo lugar.

O que ele faz aqui?

Vincent Fernandes, com um o semblante cabisbaixo, transparecendo sincera preocupação. E se meu cérebro nervoso e confuso, diante desta cena, não estiver me traindo eu posso afirmar que ele esteve chorando. E não foi pouco, não.

— Vocês possuem mais alguma dúvida? — A voz de Leonardo, retira-me do estado catatônico.

Observo-os, buscando entendimento para o que vejo.

— Nós podemos ficar mais um tempo aqui com ele? — Cleo pergunta.

— Sim, claro. Tudo o que esse garotão precisa agora, é ter certeza de que as pessoas que o amam estão aqui. — Leo explica — Fale com ele, sua voz o tranquilizará. E, acredite, vai ficar tudo bem — completa, pousando a mão no ombro de Cleo. E em seguida olha para Vincent.

— Obrigado, doutor. — Ele diz, com uma voz fraca.

Leonardo assente. E vira-se vindo até mim.

— Doutor? — Vincent o chama. Leonardo retorna sua atenção para ele — eu gostaria, se possível, falar com você. — Ele fala tão manso, que fico impressionada.

— Sim. Pode falar. — Leonardo responde, de um jeito brando e atencioso.

Se alguém me contasse que esses dois homens trocaram socos, eu não acreditaria, mas não importa o que tenha acontecido entre eles, esse bebê é mais importante do que qualquer desavença que ambos tenham tido.

— Na verdade, o que eu gostaria de falar não tem a ver com o bebê. Mas sim, com o doutor Henrique. — Inspiro fundo e engulo em seco.

Como se ponderasse o pedido de Vincent, Leonardo me olha através do canto dos olhos, sustentamos o olhar por alguns segundos, até que, sincronizados, fazemos um sinal um ao outro, quase que imperceptível do tipo que diz “*vamos ouvir o que ele tem a dizer*”

— Espero por você no meu consultório. — Leo responde.

Vincent assente e quando o olhar dele cruza com o meu — e até este momento isso não tinha acontecido — ele desvia, baixando-o para o bebê. Sua mão acaricia uma mecha do cabelo liso e curto de Cleo. Ela não repele o toque — ao contrário — inclina um pouca a cabeça, recebendo o afago. Vejo uma lágrima descer do roto dele e dela ao mesmo tempo.

Lembro-me agora, que nos poucos dias que tivemos de convivência eu nunca ouvi Cleo falar sobre o pai da criança. E diante dessa cena eu só posso imaginar que Vincent seja. Será?

Sinto a mão de Leonardo envolver a minha. Deixo de fitar o aparente casal ao lado do filho e olho para o meu noivo. Em silêncio e com nossas mãos entrelaçadas começamos a nos afastar.

— Maria Luiza? — ouço Cleo chamar. Até numa entonação mais alta que deveria para o ambiente. Sem jeito, leva a mão a boca e olha em volta — Você quer conhecer meu pequeno guerreiro? — cochicha o restante da frase. E no final me dá um sorriso.

Chego perto o suficiente para vê-lo. É um lindo bebezinho. Seu peito sobe e desce rápido e no centro de seu minúsculo peito, um curativo.

Oh, Deus! O que será que houve com ele?

Tenho curiosidade, mas não pergunto. Depois Leonardo me explica o que houve com o bebê e todo o resto.

— Ele é lindo, parabéns! — Limito-me a dizer.

— Obrigada. — A mãe orgulhosa responde.

— Qual o nome? — Peço, com carinho.

— Matheus. — Seu sorriso se abre ainda mais ao pronunciar o nome do filho.

— É um lindo nome.

— Eu o escolhi assim que soube que era menino — emocionada, sua voz fica embargada — Matheus significa...

— Presente de Deus... — Vincent murmura, enxugando as próprias

lágrimas que descem desenfreadas pelo seu rosto e baixando-se aos joelhos da mulher que está fragilmente sentada na cadeira de rodas. A mão repousada que está fora da incubadora e que descansa em seu colo, é tomada pela mão de Vincent e levada até os lábios dele e em seguida os mesmos lábios que beijaram a mão, tocam com carinho os lábios de Cleo.

Eu sinto o canto dos olhos umedecer e constato que o homem que me fez sentir tanta raiva hoje protagoniza ao lado da minha temporária colega de trabalho uma cena de forte emoção.

Ao que vejo aqui, Cleo, Vincent e o pequeno Matheus são uma família.

Eu não sei os meandros da história dos dois. Mas sei que passaram pelo susto e dor por ver o filho nesse estado. E agora estão aliviados e gratos por saber que o presente de Deus dado a eles passa bem.

Vincent nunca imaginara que o homem a quem ameaçaria, seria o responsável por garantir que seu filho ficasse bem. Talvez por isso resolveu colaborar e decidiu contar o que sabe sobre Henrique.

A ajuda vem de onde menos se espera não é mesmo?

Leonardo ajudou Vincent.

E agora, Vincent quer ajudar Leonardo.

Os caminhos que se cruzam, nunca são em vão. Possuem, no final das contas, sempre um propósito.



Sinta I

LEONARDO

“E ao contrário do que muitos dizem por aí, que médicos não devem ter sentimentos para não atrapalhar o desempenho do trabalho, eu te aconselho que sinta.”

É incrível, mas é como se eu conseguisse ouvir a voz do meu avô dizendo isso todas às vezes que algo com níveis emocionais altos acontecem nessa minha profissão. E todas essas vezes eu comprovo o quanto doutor Magno estava correto ao dizer: Sinta.

“...Sinta tudo o que essa profissão te traz, pois somente assim você terá sensibilidade suficiente para cuidar dos seus pacientes e ser um bom médico.”

E o que eu senti ao ver Vincent Fernandes desesperado, temendo pela vida do filho foi algo que eu não consigo nem descrever.

Preocupado em saber o que havia acontecido durante a noite para que o bebê que eu atendera no dia anterior — e que passava bem — tivesse que ter sido transferido para UTI neonatal, deixei para depois a visita dos outros pacientes e fui determinado em vê-lo primeiro.

E ainda bem que fiz isso.

Ao entrar na UTI vi toda aquela movimentação familiar de quando

algo errado está acontecendo, bipes altos ressoavam das máquinas que monitoravam o bebê, enfermeiras andando de um lado para o outro e meu colega de profissão, dando o devido atendimento ao pequeno ser.

Aproximei-me rápido e enquanto colocava as luvas nas mãos, perguntei o que estava acontecendo, mas nem precisei esperar pela resposta para constatar que o bebê estava sofrendo uma taquicardia.

Ouvia o relato do doutor sobre o quadro clínico (que não era nada bom) e dos exames que já haviam sido feitos de imediato e foi nesse instante que me atentei para o homem com as mãos na cabeça, mexendo descontroladamente no cabelo, os olhos em pânico, que bradou em completo desespero:

— Doutor Leonardo, por tudo que você tem de mais sagrado nessa vida, salva o meu filho, eu te imploro não deixe que ele morra.

Olhei nos olhos chorosos de Vincent Fernandes e não pensei em outra coisa. Pois aquilo era algo entre mim e ele.

E, não. Eu não estou me referindo a nossa rixa, briga, socos e xingamentos. Estou me referindo ao pedido que ele me fez e que jamais negaria.

— *Eu assumo daqui.* — disse ao médico que já estava fazendo o trabalho.

E assumi.

Assumi a responsabilidade pela vida ou morte daquele bebê.

Mas... hoje especificamente, estava sendo um daqueles dias bons e associado à minha experiência, fiz o que tinha que ser feito de forma rápida e segura para que a vida do pequeno Matheus fosse poupada.

Eu salvei a vida do filho de Vincent Fernandes.

E o que eu senti depois foi um alívio reconfortante, tanto pelo sucesso do procedimento quanto por ver no rosto do pai o mesmo sentimento que o meu, mas sobretudo em seu olhar havia gratidão.

Ser sensível a dor do outro é meu maior e melhor guia nessa profissão.

Eu senti a dor e medo de Vincent em perder o filho. E também sua alegria ao ver que, apesar do susto tudo tinha ficado bem.

Estejamos dispostos a sentir mais, talvez os riscos sejam maiores ao se abrir para os sentimentos, mas as recompensas também são.

A frase é a mesma do doutor Magno, mas depois de tantas situações que a vida tem me reservado eu digo isso por experiência própria:

“*E ao contrário do que muitos dizem por aí, eu te aconselho que sinta.*”

Penso sobre tudo isso desde que deixamos a neonatal, e posso

imaginar o quão confusa e curiosa Maria Luiza deve estar para saber o que aconteceu.

Mas seu silêncio me preocupa, há algo me dizendo que minha Malu não está legal.

— Você está bem? — questiono Maria Luiza, enquanto nos aproximamos da minha sala.

Sua mão está gelada e é nítido uma palidez em seu rosto.

— Tirando o fato de que estou extremamente chocada com o que acabei de ver e ouvir de Vincent, estou.

Reponde-me de um jeito aéreo, os olhos não encontram os meus. E ainda assim, eu percebo que há mais nela do que só a surpresa do que viu na neonatal. Maria Luiza está aflita e eu sinto isso.

— É... mas antes você já não estava se sentindo bem. — Derek diz.

Eu paro de andar, virando-me e vendo o meu amigo que vem logo atrás. E só agora me dou conta em saber o porquê de ele estar ali.

— Como assim? O que houve? — Olho dele para Maria Luiza.

— Não foi nada demais. Já passou. — Ela responde sem dar mais informações.

— Ah, Malu, nada disso! Se houve algo com você eu quero saber em detalhes.

— Ok, eu senti uma leve tontura e Derek me ajudou. Foi só isso. — Sua resposta é dada, mas sei que não está de fato completa.

Encaro Derek. Ele sabe que quero informações concisas. Não preciso nem pedir para que ele conte, pois o faz voluntariamente.

— Maria Luiza chegou até a recepção para falar com você. Não se sentiu bem, teve uma tontura e eu a auxiliei. Aferi a pressão e estava baixa. Mas depois de um breve momento normalizou. Perguntei a ela se estava sentindo outros sintomas e me disse que não. — Ele relata.

Maria Luiza literalmente fulmina Derek com o olhar.

— Sinto-me bem. E repito: foi só tontura e uma fraqueza nas pernas. Já passou.

— Mas não é algo comum para ficar sentindo, Malu. Temos que ver o que está te causando isso.

— Leo, não se preocupe. É só estresse. Precisamos conversar urgente. — Ela diz, sem esconder a ansiedade.

Conheço bem esses olhos que me dizem se tratar de algo muito sério, e só pode ser referente a Henrique.

Derek pigarreia, pronto para entrar na conversa novamente.

— Preocupação ou alguma outra coisa — não compreendo o que ele

está querendo dizer. — Eu se fosse você ficaria atento aos sintomas que possam surgir. — Finaliza, dando-me um tapinha nas costas e segue adiante.

Alguns segundos levam para a ficha cair. E então compreendo o que ele quis dizer.

— O que foi isso? — Malu questiona, apontando para o meu amigo.

Conduzo-a alguns passos até chegarmos a porta do consultório, abro-a.

Maria Luiza me olha com desconfiança.

— Vem, entra — digo, dando-lhe um sorriso. — Precisamos conversar.

— Acaricio uma mecha do seu cabelo, quando ela passa por mim.

Encarando-me ela diz:

— O problema de trabalhar em uma clínica e ser a vice-presidente é que qualquer mal-estar que eu sinta gera uma preocupação exagerada. — Malu revira os olhos e bufa chateada.

Acabo sorrindo da sua reação.

— Acostume-se. É normal que todos se preocupem com o bem-estar da vice-presidente.

— Isso é besteira. — Ela retruca.

Volto a sorrir. Mas decido ir logo ao ponto.

— Malu, nós nunca tocamos em um assunto, mas eu preciso saber de uma coisa. Eu sei que é minha responsabilidade também, mas como eu falhei preciso saber se...

— Se o quê? Do que você está falando, Leo?

— O controle de natalidade está em dia? Quero dizer, você usa algum método contraceptivo?

— Sim! Claro que uso! — Ela responde de pronto. — Ah merda! — Xinga e seus olhos se estendem.

— O que foi?

— Não, não está não. Eu... eu tomo injeção, mas... desde o acidente acabei esquecendo. Droga! Como eu pude ser tão relapsa com isso.

Sentando-se na cadeira, Maria Luiza leva as mãos à cabeça, balançando-as em descrença.

Ora, ela não deveria ficar tão chateada ou nervosa com isso.

Abaixo-me diante dela.

— Amor, olha *pra* mim — tiro suas mãos do rosto. — Não precisa ficar assim. — Acalmo-a.

— Foram tantas coisas que aconteceram uma seguida da outra que eu acabei esquecendo desse detalhe importantíssimo. — Ela diz, castigando-se. — Desculpa — seus lábios sopram o pedido.

As íris brilhantes de seus olhos dançam, mirando-me com

preocupação.

— Ei? Que isso? Como eu disse, é minha responsabilidade também. Nós dois fomos relapsos. Mas... Malu, sinceramente, que mal tem nisso?

— Que mal? Bom... eu não posso engravidar agora.

— Por que não? Nos amamos, estamos juntos, já temos uma filha e qual o problema se já tivermos outro?

— Mas, Leo, esse não é o momento... — faz uma breve pausa — ainda.

— E por acaso, há o momento certo, Malu? E outra coisa, mais um filho só multiplicaria o amor que sentimos um pelo outro. Eu adoraria — confesso.

— Mesmo? Ou só está dizendo isso para me acalmar e amenizar a situação?

— Mesmo! — respondo sério.

Levo sua mão aos meus lábios. E depois ao meu peito onde bate um coração totalmente apaixonado por essa linda mulher. Faço isso, demonstrando-lhe meu carinho e que essa possibilidade não me preocupa, ao contrário, faz esse coração apaixonado bater descompassado em felicidade e expectativa. Pois é exatamente o que estou sentindo.

— Saberemos se você está grávida ou não em breve. Basta colher seu sangue. Ou melhor, se o laboratório ainda estiver com um pouco da amostra que tirou para exame de DNA você nem precisará levar outra picada. Eu vou ligar no laboratório. Hoje mesmo saberemos se essa tontura é só por conta do estresse ou se já temos um irmãozinho para Valentina.

— Huum... pode ser que seja uma irmãzinha também.

Ouvi-la dizer isso me faz sentir uma sensação gostosa, imaginando um mundo ainda mais cor de rosa.

Mas então constato que...

— Deus do céu!!... Aí serão três mulheres para eu cuidar e sentir ciúmes. Temos que equilibrar isso. Preciso de um companheiro para me ajudar com vocês.

Ela dá um sorriso contigo, mas como se passasse algo bom por sua mente — certamente imaginando a alegria que uma criança traz — em seguida abre um amplo sorriso. E essa é a reação mais clara de que seu sentimento não poderia ser outro a não ser de alegria. Assim como o meu.

Tudo comigo e com Maria Luiza é forte intenso e não respeita os limites de tempo. Nos amamos o suficiente para saber que ter uma vida inteira juntos é o que desejamos. E que essa vida seja repleta de momentos felizes e doces, que só os filhos são capazes de proporcionar.

Deixo o lugar à sua frente, e vou até o telefone, faço a ligação ao laboratório e tenho a confirmação que ainda possuem a amostra de sangue da Malu. Solicito a realização de um exame que nos dará a confirmação ou não de que nossa família já irá aumentar.

Feito isso, sento-me ao seu lado, uno nossas mãos afim de iniciar nossa conversa antes que Vincent chegue, quero explicar a ela o caso do filho dele, mas antes ainda, quero saber o que ela tem a me dizer, pois mesmo que o assunto sobre essa possível gravidez tenha arrancado sorrisos de seus lábios, eu conheço a mulher que amo e sinto-a aflita.

— Agora me diga, o que houve? Encontrou algo nos documentos?

— Leo, seu pai me ligou. — Ela diz, transtornada.

Ao ouvir suas palavras, assumo uma postura de atenção.

— O que ele queria? — questiono.

— Ele... ele disse que eu deveria parar de procurar, pois se encontrasse algo, se eu estaria preparada para lidar com as consequências.

— Ele fez uma ameaça!

— Sim fez. E foi muita clara, Leo.

— Não posso acreditar que ele foi capaz disso! Saber que esse homem que infelizmente é meu pai ligou ameaçando-a, me faz sentir um sentimento que eu não gostaria de nutrir e que não combina nem um pouco comigo: ódio. Mas é impossível não sentir diante de tudo que está acontecendo. — digo atordoado.

— Lamento por toda essa situação, Leo, e ao mesmo tempo fico muito preocupada. Que consequências são essas? — Malu diz, com o semblante fechado e tomado por preocupação.

— Também gostaria de saber, mas diante de todo o mal que ele já causou e agora ter ciência dessa sua atitude baixa, só me faz querer uma coisa, Malu: vê-lo atrás das grades, pois este é o lugar dele. Só que antes eu quero acertar as contas pessoalmente com ele.

A expressão temerosa de Maria Luiza aumenta, por isso abraço-a e tranquilizo-a:

— Não tema, meu amor. Eu vou sempre proteger nossa família.

Tão logo Maria Luiza e eu terminamos nossa conversa, Beatriz liga avisando de Vincent. Maria Luiza se remexe na cadeira, noto sua expressão desconfortável, quando informo minha secretária que ele pode entrar.

— Malu, se você não se sentir bem em ficar nessa conversa, eu falo com ele sozinho.

— Não... não. Tudo bem, eu consigo lidar com isso. É que ... é estranho, não é? Outro dia você estava segurando-o pelo colarinho, e hoje...

— Salvei a vida do filho dele, e acho que isso de alguma forma

tornou-o agradecido.

— Sim. E ainda acrescento que fiquei até emocionada ao vê-lo tão fragilizado ao lado de Cleo e do filho deles.

— Pois é, vamos ouvi-lo, darei a ele um crédito, do contrário encerro a conversa.

— Você está certo, meu amor. Faremos isso.

Uma leve batida na porta anuncia a chegada de Vincent.

Receoso ele nos olha ainda no vão da porta.

— Pode entrar, Vincent — digo a ele, dando a confirmação que aguardava.

É chegado o momento de sabermos o que ele tem a nos dizer sobre Henrique.

Vincent Fernandes entra, seu olhar continua livre daquilo tudo que ele sempre representou, ele continua desarmado.

E tudo que ele nos revela, me leva a ter certeza que em breve terei meu momento com Henrique e em seguida o colocarei na cadeia. Precisamos apenas pensar em como agir a partir de agora que temos as informações precisas para incriminá-lo. E, sobretudo, precisamos reunir as provas, pois se ele pensa que ficará ileso aos seus crimes contra a clínica e as feridas que causou em todas as mulheres que eu amo, está muito enganado. Henrique não só está enganado, como está louco se planeja nos fazer algum outro mal, pois antes eu acabo com ele.



Sinta II

LEONARDO

— Meus Deus! Eu nem acredito estamos em casa!

Malu diz assim que abro a porta, entregue ao cansaço ela vai direto para o sofá onde literalmente se joga nele.

Faço o mesmo, sento-me ao seu lado e trago suas pernas para o meu colo, esticando-as.

— Não sei como você aguenta andar o dia todo com isso — digo, tirando os seus sapatos de salto alto, reparo a marca que o calçado deixou em seus pés, que pela exaustão do dia estão inchados.

Começo a massageá-los. Ela solta um gemidinho de prazer ao receber o primeiro toque.

— Depois de um tempo você acaba acostumando — ela diz, fechando os olhos e deixando-se relaxar com o passear dos meus dedos em seus pés.

— É, mas acho que será melhor você começar a usar algo mais confortável. Ou, seus pés irão sofrer cada vez mais, a partir de agora.

— Eu sei, aquela clínica é enorme, para cada lado que eu vá tenho que andar um monte e os pés acabam sofrendo dentro do sapato de bico fino e salto alto. Ajustar-se ao meu novo ambiente de trabalho é o que devo fazer para não deixar que nada atrapalhe meu desempenho, muito menos um sapato. Amanhã

mesmo vou procurar usar um que seja o mais confortável possível.

— Faz bem, meu amor — falo, contemplando o seu rosto levemente inclinado para trás sob a meia luz da sala. O lugar está propício para um cochilo, principalmente depois do dia cansativo que tivemos.

Malu fica em silêncio, faço o mesmo, fecho meus olhos e deixo a cabeça descansar no apoio do sofá. Mas o cérebro se mantém ativo lembrando dos acontecimentos.

No final da tarde, quando estávamos prontos para a reunião com Luís, Melissa ligou nos convidando para ir jantar em sua casa. Não descartei o convite e até achei uma boa, pois assim além de conversarmos com o marido dela sobre a entrevista com a assistente social e receber as devidas orientações, eu teria um momento — que até então não tinha sido possível — com minha irmã para lhe contar sobre tudo. Inclusive, que a minha mãe biológica não é a mesma que a dela. E eu sabia que essa conversa não seria fácil.

Tanto que só a fiz depois do jantar, pois sabia que antes, acabaria deixando-a agitada, e ela tinha preparado tudo com tanto carinho para nos receber que não quis desfazer o clima harmonioso com que ela tinha planejado em nos receber.

Foi somente depois da sobremesa e da conversa com Luís que a chamei para sentar-se ao meu lado. E nesse ponto, eu já me sentia um pouco nervoso em como começar a conversa e assim que Melissa me abraçou acabou sentindo minha tenção.

— *Vai dar tudo certo Leo, vocês conseguirão a guarda da Valentina. Logo ela estará aqui, com a gente, você vai ver.* — Ela disse, passando-me confiança. Abracei-a ainda mais forte.

Sim, eu estou ansioso para que esse dia chegue. Mas naquele momento o que fazia meu coração se comprimir no peito não era a situação da adoção da Valentina, e sim dizer para a Melissa a verdade — nem tanto por não possuímos a mesma mãe biológica — mas eu teria que contar para minha irmã que o pai que ela tanto ama fez algo monstruoso.

Se Melissa já se sentia decepcionada diante dos últimos fatos assombrosos que tivemos conhecimento que Henrique fez, ao saber que ele violentou uma mulher e que desse ato eu nasci o coração dela se quebraria por completo em relação a ele.

E não há algo mais dolorido do que a decepção, principalmente quando ela vem de uma pessoa que você cresceu admirando e amando – seu próprio pai.

E se quebrou, por mais que ela não tenha verbalizado todo os

sentimentos que lhe passaram no momento que eu contei, eu vi em seu olhar o coração se partir em decepção, descrença e dor.

Henrique me decepcionou muito, porém mais que decepção eu sinto raiva. E é ela que me dá a força para ir até onde tiver de ir para fazer com que ele pague por tudo que fez a minha família.

Diante de tudo que Melissa poderia dizer, ela se limitou em dizer que me amava muito e que nada mudaria isso. Quando nos despedimos, a frase que habituamos a dizer sempre um para o outro. *“Te amo, você é o melhor irmão do mundo inteiro”*. Foi dita em um abraço demorado e olhos marejados.

Quanta dor Henrique foi capaz de nos causar. Mas isso vai acabar. Ele não nos machucará nunca mais.

— Leo? — Malu chama baixinho.

E eu achando que ela estava dormindo. Mas ao abrir meus olhos, encontro os dela me fitando.

— Sim?

— Gustavo estava uma graça naquela roupinha de marinheiro, né?

Seu comentário me pega de surpresa, e fico feliz que ela estivesse pensando nele e não nos assuntos que estavam permeando a minha mente.

— Sim, estava, eu que escolhi aquela roupinha para ele — conto.

— Foi? Ficou muito lindo, combinou com o azul dos olhos dele. Aliás, você tem ótimo gosto, eu lembro do vestido lindo que escolheu para Valentina.

Sorrio, lembrando-me da minha menina e do dia que escolhi o vestido no shopping, no momento em que comprei imaginei ela o usando. Tão perfeitinha, tão linda.

— Estou com saudades da nossa menina. Não vejo a hora de poder tê-la, Leo. — Maria Luiza revela.

— Eu também, meu amor. É tudo que mais quero — respondo e inspiro fundo pensando na caminhada que ainda temos pela frente.

— Vai dar tudo certo, amor. Temos que ter fé.

Maria Luiza move-se, tirando suas pernas do meu colo e aproximando seu corpo do meu. Carinhosamente afaga meu cabelo.

— Eu tenho fé, Malu. — digo.

— Então por que essa carinha triste?

— Não estou triste por causa de Valentina, aliás não estou triste. Impossível ficar assim quando eu tenho você na minha vida.

— É, mas eu te conheço, Leo, tem algo aí dentro de você que não está legal. Será que é porque o resultado deu negativo?

Silencio-me por um instante, lembrando-me que antes de irmos para a casa de Melissa e Luís pegamos o resultado do teste gravidez e ainda no carro

abrimos. E ao constatar que Malu não está grávida, confesso que fiquei um pouco frustrado.

— É que eu já estava gostando da ideia de termos mais um bebê.

— Ah, meu amor, não fica desapontado. Não foi dessa vez, mas pode ser em breve. Ainda temos infinitas possibilidades para isso.

— É... eu sei. Tudo bem, você tem razão.

— Aliás, que tal um banho bem gostoso e aí se você estiver afim a gente pode praticar um pouquinho, vai que seja dessa vez. — Ela fala, sentando-se no meu colo.

Como sempre, a reação que Maria Luiza me provoca é instantânea.

— Malu, e você tem dúvida? Eu estou sempre afim de beijar essa sua boca gostosa.

A beijo sem reservas encontrando sua língua, sugando-a com a mesma intensidade que sinto o desejo se acender em meu corpo, mordiscando os lábios volumosos e doces de Maria Luiza.

— Estou sempre afim de sentir teu corpo junto ao meu — pressiono-a contra mim, fazendo-a arfar.

Malu joga a cabeça para trás e eu beijo o pescoço que traz os traços da fragrância de seu perfume. Sinto o adocicado sabor de sua pele.

— De te amar e amar cada vez mais.— Perpasso minha barba em sua face de pele macia.

— Eu nunca vou me cansar disso. — Ela sussurra em meu ouvido.

— Nem eu — sopro em sua boca.

Levanto-me do sofá, caminho com ela em meu colo até o chuveiro e lá mesmo eu começo a amá-la e dar-lhe prazer, enquanto a água quente e reconfortante se espalha pelos nossos corpos nus.



— Malu, eu não quero ser chato, mas se não sairmos agora, vamos nos atrasar. Eu tenho consulta no primeiro horário — falo entrando no quarto — Espera!? Você trocou de roupa?

Pouco antes quando lhe trouxe uma xícara de café ela estava com vestido. Agora está de calça.

— Desculpa, amor. Já acabei — responde, enquanto desliza o batom pelos lábios — e sim, troquei de roupa. Luís disse para usar algo sóbrio, mas que também me desse uma aparência doce e me deixou cheia de dúvida. Então lembrei desse *camisete* de cetim perolado. O que acha? Eu fico sóbria e doce? — interroga-me e sinto apreensão e até insegurança em seu olhar.

— Malu, você está ótima! E não fique muito nervosa com a entrevista. A assistente social não é nenhum monstro.

— Preciso passar boa impressão.

— Como se isso fosse um esforço para você. Tenho certeza que a assistente social notará a boa pessoa que você é.

— Que somos! Vamos?

— Vamos, dona Malu.

Seguimos para a clínica para os compromissos da manhã e depois teremos a nossa tão almejada entrevista com a assistente social.



Com a agenda lotada a manhã inteira, eu mal consigo trocar algumas palavras com Maria Luiza, apenas ligo rapidamente para lhe dizer que a assistente social virá à clínica para realizar a entrevista e sendo assim, nós não precisaremos ir até o fórum.

Beth passa em meu consultório para desejar sorte na entrevista, aproveito e conto a ela sobre o teste de gravidez e sabiamente alerta-me sobre algo que não havia pensando, quero contar logo isso para Malu e também saber se houve alguma novidade no “caso Henrique”.

Assim que o horário da entrevista chega, subo até a sala de reunião, abro a porta devagar, vejo-a sentada com as pernas cruzadas, enrolando uma mecha de cabelo nos dedos, concentrada em algo no notebook ela não percebe minha presença.

Faço meus passos lentos, admirando-a. Quando menos espero, ela vira o olhar em minha direção e abre um sorriso.

— Como foi sua manhã, doutor? — pergunta-me, levantando-se da cadeira e vindo ao meu encontro.

Abraço-a e deixo um beijo casto em seus lábios.

— Boa, nobre vice-presidente. Atendi todos os pacientes agendados, e ainda um rápido encaixe. E a sua como foi? Vincent fez o que disse que ia fazer? Mandou o HD? — Bombardeio-a com perguntas.

— Sim. E eu já acessei. De fato, como Vincent disse, esse HD contém todos os e-mails que os dois trocavam. Alguns dá para perceber que eles falavam em código, já outros talvez por nunca imaginar que tudo isso fosse descoberto, eles acabavam falando com todas as letras e tem explicitamente Henrique pedindo a manipulação dos balanços contábeis.

— Excelente! É disso que precisávamos. — Comemoro.

— Sabe o que me deixou impressionada, em alguns desses e-mails Vincent comenta que é errada a atitude de Henrique, que ele não concordava. E então Henrique ameaçava tirar a assessoria da clínica das mãos do escritório de Vincent.

— É, mas Vincent Fernandes não é esse santo também, deveria receber uma boa grana para ajudar a encobrir o desvio de dinheiro que Henrique vinha fazendo, e falsificar os balanços.

— Sim, disso eu não tenho dúvida. Mas você fará o que ele te pediu? — Malu questiona.

Vincent Fernandes está disposto a colaborar com todas as informações e provas que tiver em seu poder, mas pediu ao máximo que o nome do escritório dele fosse preservado. E eu até ponderei, pois não foi uma condição e sim um pedido.

— Luís terá muito trabalho para tentar deixar o escritório dele de fora. Porém, Vincent está ciente de que certamente responderá também. Mas acredito que nada que um bom advogado não possa defendê-lo.

— Sim. E, Leo, o que está me preocupando agora é a real situação financeira da clínica. Porque Henrique certamente não estava desviando troco de bala, e o rombo pode ser maior do que estávamos esperando.

— Eu pensei nisso também. E seja qual for o tamanho do rombo, vamos reaver de Henrique cada centavo que ele desviou.

— O mais difícil será o acesso as contas de Henrique. — Malu, comenta.

— Mas nosso novo aliado disse que conseguiria.

— Vincent até pode conseguir, mas você sabe, não é certo a quebra de sigilo bancário sem autorização judicial.

— Malu, eu quero entregar essa denúncia completa para que não falte elementos claros para a condenação do meu pai. Não me importo se lá na frente eu tenha de responder por acessar as contas clandestinas dele. Aliás, eu só não transfiro todo o dinheiro que encontrar nelas para as contas da clínica porque isso acaba atrapalhando em provar que ele nos roubou. Mas assim que tivermos com tudo que precisamos para comprovar o desvio de dinheiro, levaremos a denúncia à polícia.

— Leo, você vai contar a sua mãe tudo o que está acontecendo?

— Sim, eu vou.

— Estou com pena de Luiza, vai ser um baque.

— Mais um você quer dizer, *né*? Sinceramente, eu não entendo como minha mãe viveu ao lado desse homem esses anos todos, principalmente depois de saber que...

— Não. Não pensa nisso agora, meu amor. E não julgue sua mãe. Qualquer coisa que ela tenha feito foi por amor. E você sabe, Henrique não foi o tempo todo ruim, pelo menos não demonstrou e apesar de tudo ela o amava e ele também. E às vezes o amor cega, ao ponto de fazer com que a pessoa viva num estado de dormência. Pode ter sido isso que aconteceu com Luiza.

— Você tem razão. Mas ainda bem que ela finalmente acordou desse estado de dormência, eu sei que ela irá apoiar o nosso próximo passo contra Henrique. Malu, eu quero ver esse homem preso, eu quero que ele acabe atrás das grades, pois lá é o lugar dele.

Comento sentindo o fervilhar da raiva. E a excitação por saber que não estou longe disso.

— Nossa, eu nunca vi você falando desse jeito de alguém e nem com esse olhar...

— Raiva, eu sinto raiva, ódio de Henrique. Eu quero que ele pague por tudo que fez. E quero ter a certeza de que ele nunca mais fará nada contra as pessoas que eu amo.

— Eu sei, meu amor, eu também quero justiça. — Malu passa as mãos pelo meu rosto. E seu toque é capaz de me acalmar. — Mas, Leo, não se deixe envenenar pela raiva. Você possui um coração nobre, não se esqueça disso.

— Eu sei, meu amor, eu sei. Mas tudo isso irá passar em breve.

— Tomara, pois não quero ver você desse jeito.

— Não se preocupe, meu amor. Por falar em sangue, vamos precisar colher o seu, para repetir o exame.

— O teste de DNA. terá de ser refeito? Por quê?

— Não, o de gravidez.

— Leo, já deu que não estou grávida. Exame de sangue não é o teste de gravidez mais confiável?

— É! Só que eu não sei onde eu estava com a cabeça, quando decidi usar a amostra que ficou armazenada do exame de DNA. Bom eu sei, eu quis te poupar de uma outra picada. Conte isso para Beth, ela só faltou me chamar de burro, acredita?

— Como assim? O que foi que ela disse?

— Vou usar as palavras dela: “Como que você faz uma pulsão pericárdica perfeita e salva a vida de um recém-nascido, e pede um beta HCG com sangue colhido a um dia atrás? Por acaso não sabe que os níveis hormonais mudam de um dia para o outro?

— Eu até posso imaginar a Beth falando isso.

— Precisava ver a cara dela. E eu me amaldiçoei, pois ela está completamente certa.

— E quando eu disse que fiz isso para que você não precisasse tirar sangue novamente ela riu da minha cara e disse: “E até parece que Maria Luiza é o tipo de mulher que tem medo de uma agulha, principalmente se for eu a colher”. Nessa parte final ela só faltou me furar os olhos com uma agulha.

— Sou obrigada a concordar com ela. Agulha não me assusta nem um pouco.

— Pois é, então vamos refazer o exame.

— Mas, amor, se esses níveis hormonais mudam de um dia para o outro, porque não esperamos mais dias, até porque, Leo, se for mesmo uma

gravidez, está muito no início e é capaz de não aparecer novamente e eu não quero você com aquela carinha de desapontamento novamente.

— Está bem, vamos esperar. Mas só mais alguns dias.

— Combinado.

Ela se aproxima e beija quando ouvimos uma leve batida na porta. Maria Luiza se afasta de súbito.

— Com licença? Desculpe, eu não queria atrapalhar, é que a assistente social chegou.

— Ah sim, obrigada, Catarina. Pode, por favor, acompanhá-la até aqui? — Maria Luiza diz em um tom sério, mas eu a sinto com vontade de sorrir.

— Sim, senhora. Com licença.

— Nós não devemos ficar nos beijando a toda a hora aqui. — Malu cochicha como se alguém pudesse nos ouvir.

— Não se preocupe com isso. Agora me diga, e a secretária, o que tem achado dela? — pergunto, realmente interessado em saber.

— Ainda estou analisando, mas até agora tem sido muito solícita.

— Eu sinceramente, estou pensando se devemos mantê-la aqui, ela passou muito tempo ao lado de Henrique. Não gosto disso. Quero todos que foram ligados a ele fora dessa clínica — revelo.

— Leo, cuidado. Não sabemos se essa moça o ajudava nas coisas erradas. Talvez era apenas a secretária.

— Não sei, Malu. Não sei. Quero que fique com os olhos bem abertos nela — peço, realmente preocupado.

— Eu já estou. Agora, respira fundo e concentre-se apenas em nossa Valentina. E esta entrevista nos coloca mais perto da nossa menina, mas para isso temos que nos sair bem.

— Jurava que você estaria nervosa quando chegasse o momento da entrevista, e no final das contas você quem está me acalmando.

— Por Valentina eu sou capaz de tudo, inclusive disfarçar essa dor de barriga que estou sentindo, só de pensar que essa mulher vai começar a me avaliar a partir do momento que ela passar por esta porta.

— Boa tarde.

— Boa tarde, Nathalia, entre por gentileza.

— Com vai, doutor?

— Bem obrigado, e você?

— Com muitas crianças precisando de um lar. Espero poder encontrar um para Valentina.

— E nós ansiosos por recebê-la em nosso lar. Muito prazer, eu sou Maria Luiza.

Olho para Maria Luiza, sentindo um orgulho tremendo dessa mulher. Ela fala com a assistente social de uma forma convicta, mas sem soar austera, ao contrário, ela sorri de um jeito doce ao encerrar a frase.

Por alguns segundos a mulher à sua frente lhe observa, talvez tirando suas primeiras impressões. No instante depois a mão é estendida, acompanhada de um sorriso e um acenar de cabeça que Malu retribui.

E tenho a *impressão* que a primeira impressão que a assistente social teve da mãe da Valentina é que se trata de uma mulher e TANTO.

A entrevista inicia-se, e na primeira etapa a assistente social, faz comigo e com Maria Luiza individualmente. Ela questiona porque decidimos adotar se podemos ter filhos naturais, assim como busca saber, caso Maria Luiza engravide durante o desenrolar do processo, se desistiríamos da adoção — ora é claro que não, e eu faço questão de frisar isto — questiona-nos ainda, como foi nossa infância e como é nossa família.

Já na segunda parte os questionamentos são feitos com nós dois juntos e são abordados os assuntos sobre nosso relacionamento, como nos conhecemos, nossa história. Tanto na primeira como na segunda parte da entrevista, somos extremamente sinceros. Contamos toda a verdade, não existe uma vírgula de tudo que nos aconteceu desde que nos conhecemos que não tenha sido mencionado.

Enquanto damos nossas respostas, a expressão de Nathalia é muito contida não nos dá sinal de nada do que pode estar pensando diante de tudo que dizemos, um levantar de sobrancelhas vez e outra, é o máximo que ela faz.

A entrevista se finda e ela silenciosamente guarda os questionários em sua pasta de couro marrom.

Miro a lateral do rosto de Maria Luiza. Ela castiga discretamente o lábio inferior com o dente, então pressiono a mão dela que está em cima da mesa na tentativa de amenizar sua ansiedade. E sinceramente? A minha também.

Volto a observar a assistente social e nesse instante, ela tira os óculos inspira fundo e inclinando-se levemente na cadeira diz:

— Os comentários que farei agora, não influem em nada na entrevista, até porque ela já acabou e também não é o mais correto, contudo, algo me diz que devo alertá-los sobre alguns pontos.

Ao ouvi-la dizer isso, imediatamente meus olhos procuram de Maria Luiza e silenciosos, deixamos que Nathalia fale sem ser interrompida. Pois qualquer que seja os pontos que ela possui para nos alertar, compreendemos que sua atitude é uma forma de querer nos ajudar.

Nathalia nos alerta que ao escolhermos a adoção de uma criança específica o processo acaba se tornando mais difícil, ouço-a atentamente,

lembrando-me exatamente que Luís já havia nos falado sobre isso, contudo, como bom advogado que é, nos explicou e nos tranquilizou, dizendo que possuímos uma boa tese para defender e sustentar que justifique o desejo em adotar especificamente Valentina e não outra criança diante de tudo que aconteceu com ela e do envolvimento que criamos.

Mas quando Nathalia aborda o assunto da mãe biológica isso é o que mais me preocupa e se houve algo que questionei nosso advogado foi sobre essa questão. Luís deixou claro que se comprovado que foi ela quem abandonou a filha na lixeira, responderá pelo crime de abandono de incapaz e diante disto perde, o chamado poder de família.

Nosso principal desafio é passar pelos processos de entrevistas e no final de tudo convencer o juiz que somos a família que Valentina precisa.

Pois bem, mas Nathalia nos chama a atenção para algo que talvez até chegamos a pensar anteriormente, mas que atualmente não havíamos mais mencionado — nós não possuímos a certeza absoluta sobre como tudo aconteceu. A polícia, ainda investiga e nada foi encontrado.

A assistente social nos deixa ciente de que dependendo as condições em que os fatos realmente aconteceram, a mãe, ainda mantém o direito sobre a filha.

Os fatores desconhecidos tornam tudo isso mais perigoso, delicado e amedrontador e essa entrevista foi o suficiente para nos deixar preocupados.

Por mais que tentamos não nos abalar, acabamos sentindo a insegurança que este assunto produz em nós e por isso a vontade de ir correndo visitar Valentina é incontrolável. Tê-la nos braços é tudo que Maria Luiza e eu precisamos agora.



Tudo que for preciso

MARIA LUIZA

Ao chegarmos ao orfanato somos recebidos no portão de entrada por uma das irmãs e em seguida ela nos acompanha até o refeitório onde as crianças estão jantando. Assim que a porta é aberta o aroma da comida nos envolve e no mesmo instante identifico o cheirinho agradável de sopa de legumes. E além do cheiro, os olhares curiosos — principalmente das crianças — também nos envolve.

Corro meus olhos por todas as crianças sentadas lado a lado nos bancos ao redor da longa mesa, e é na ponta dessa mesa que eu vejo Valentina. E vê-la é o suficiente para que a dor que havia se instalado em peito seja substituída pelo conforto que essa visão me traz.

Faço o caminho até Valentina, com as mãos unidas a de Leonardo, irmã Salete é quem a segura e quando chegamos diante dela, carinhosamente nos oferece um sorriso, e sem dizer qualquer palavra passa ao meu colo o corpinho de um pouco mais de cinquenta centímetros, mas que é capaz de fazer gigante a minha felicidade.

Aconchego-a perto do meu coração, sinto uma lágrima quente escorrer pela minha face, mas antes que ela caia, Leonardo colhe com o polegar. Abraçando-me com Valentina entre o meu peito e o dele, vejo seus olhos verdes

tornarem-se marejados, e quando sua testa recosta na minha, não contenho a emoção e outras lágrimas fazem uma trilha molhada pelo meu rosto.

— Eu não quero perdê-la — revelo.

— Malu, você acredita na força do amor, não acredita? — Leo diz, fixando seu olhar ao meu.

— Acredito — afirmo.

— Isso basta. O amor que nos uniu até aqui, será o responsável por nos manter assim para sempre.

Ficamos com Valentina por todo o tempo que nos é permitido e quando não tem outro jeito, nos despedimos.

Despedidas são sempre momentos difíceis e ter que mais uma vez sair do orfanato deixando Valentina, só aumentou ainda mais o meu desejo de fazer tudo que for preciso para garantir que ela fique conosco e que nossas despedidas não aconteçam mais.



Enquanto aguardo Leonardo para almoçarmos aproveito para sentir o cheirinho da nossa menina na delicada *fraldinha* que trouxe comigo da visita que fizemos ontem a ela, bem como, reafirmo em meus pensamentos a promessa de que farei tudo que for preciso para ficarmos definitivamente juntos.

Uma leve batida na porta, talvez seja Leonardo. Mas não, quando a porta é aberta, vejo Beatriz.

— Maria Luiza? Com licença.

— Oi, Beatriz, entra.

Um leve sorriso de lábios rosados, enfeita o rosto bonito de Beatriz, que está bem amostra, pois o cabelo está preso em um rabo de cavalo muito bem puxado para trás, apenas alguns fios da sua franja longa estão caídos na lateral do rosto. Ela usa um vestido no estilo tubinho de cor azul marinho, que não marca muito as formas do seu corpo. Beatriz é uma mulher de beleza natural que não precisa de muitos efeitos para chamar a atenção, aliás eu já notei o quanto ela é discreta.

— Doutor Leonardo me pediu para vir até aqui e dizer que ele está em um atendimento e não poderá ir almoçar com você.

— Ah, tudo bem, obrigada. Nossa, mas não precisava o trabalho de vir até aqui, poderia ter ligado — falo, lembrando-me justamente do longo caminho da pediatria até aqui.

— Imagina, isso não é trabalho algum. E ele pediu também para que eu te acompanhasse. — Beatriz fala sorrindo e com uma ponta de receio.

— E assim, ele garante que eu realmente vou almoçar. — Reviro os olhos.

— Ele se preocupa com seu bem-estar.

— Até demais, eu não quero que ele fique lá trabalhando e preocupado comigo, sou bem crescidinha — comento.

Não que isso me deixe brava, mas é fato. Leonardo não precisa se preocupar tanto. Afinal ele tem outras preocupações, principalmente quando está dedicado aos pacientes.

— Deve ser a força do hábito, sempre cuidando das pessoas, em específico crianças, então o nível de preocupação é maior ainda. — Beatriz justifica em defesa de Leonardo.

— É eu sei, e principalmente agora que ele suspeita que eu tenho uma em minha barriga a preocupação está redobrada. — Acabo soltando.

— Oh meu Deus! Sério? Aquele mal-estar então foi...

— É só suspeita. Na verdade, já fiz um exame e deu negativo. Mas Leo, ainda quer que eu faça outro — explico.

— Está certo, nem sempre o primeiro exame dá o resultado real, uma prima minha teve de fazer três testes para o quarto dar positivo. — Beatriz conta.

— Nossa, ela foi insistente.

— Pois é, e sempre que dava negativo, a família dizia para ela que não era, mas ainda assim insistia em repetir porque comentava que sentia que estava grávida. E no final das contas estava mesmo.

Um sorriso sugestivo do tipo que diz, pode ser o seu caso, perpassa pelo rosto de Beatriz. Não digo nada em resposta, apenas sorrio e faço sinal para irmos. Mas em pensamento crio mais um pouquinho da expectativa que já havia diminuído quanto a este exame.



Diante da variedade de opções no *buffet*, acabo sendo mais lenta que os demais na hora de me servir, é como se eles já soubessem exatamente tudo que querem encontrar e em qual das cubas estão o que desejam, pois são rápidos e ágeis ao passar pela comida.

Começo com as saladas, ali escolho algumas folhas verdes, legumes cozidos (tenho preferência por eles assim, do que crus), acrescento um molho para saladas no canto do prato e também alguns tomates secos que encontro já no final da área fria do *buffet*, eles com rúcula, eu adoro.

Em seguida, coloco um pouco de arroz, bem pouco mesmo, pois vejo uma apetitosa lasanha mais à frente e é exatamente o que eu quero. Nas opções de proteína tem frango, peixe e carne. Um pedaço pequeno de bife é o suficiente, pego uma batatinha *souté* e para finalizar a lasanha que vinha namorando desde então, que para a minha alegria completa é de carne e não de frango (não sou muito fã de lasanha de frango, mas também como, se for preciso, afinal, lasanha é lasanha).

Beatriz vem servindo-se logo atrás de mim, dou uma espiada em seu prato — metade dele está preenchido com saladas das mais diversas cores e a outra com peito de frango grelhado e há também um pedaço até que generoso de lasanha.

Olho para o meu prato e percebo que dei uma leve exagerada, se peguei arroz, não deveria ter essa batata douradinha e coberta por cheirinho verde e nem essa lasanha quase que se desmontando com o tanto de molho e queijo.

Bom, agora que já estou deixando o prato na balança não tem mais jeito, o que está feito, feito está. Amanhã me preocuparei em colocar apenas um carboidrato, se comer todos os dias assim, meus pneuzinhos ficarão cheios.

— Bom dia, vai beber o quê? — A moça cuidando da balança me pergunta.

Ela está com o olhar baixo escrevendo na comanda o peso do meu prato e o valor que deu. Estou prestes a dizer que quero uma água com limão e gelo, quando ao destacar o papel do bloco ergue o seu olhar para entregar-me e então me reconhece. Sem jeito ela pigarreia, arruma a toca branca em sua cabeça que esconde o cabelo preso.

— Bom dia, vice-presidente. A senhora gostaria de beber o quê? — A frase reformulada é dita entre uma boca cheia de dentes amostras, sorrindo para

mim.

Beatriz nota a diferença e acaba sorrindo do jeito da moça.

— Qual seu nome? — pergunto.

— Madalena, senhora. Me desculpe o mal jeito antes, como pode ver é bem movimentado aqui e todos têm pressa.

— Tudo bem, Madalena, não se preocupe com isso. Eu gostaria de uma água mineral, se tiver ela em temperatura ambiente, eu prefiro. E um copo com limão e gelo, se possível.

— Claro, senhora.

Em seguida Madalena pega um copo descartável, acrescentando o gelo, limão que já fica previamente cortado ali por perto, e então se afasta um pouco para buscar a garrafinha de água. Ela os arruma na bandeja, junto com o prato que acaba de tirar da balança e me entrega.

— Está bom assim, senhora? Se precisar de algo mais é só avisar.

— Está perfeito, muito obrigada.

Dou uns passos para o lado com minha bandeja nas mãos, aguardo por Beatriz. Ouço-a falar com a Madalena em um tom amigável, já devem ser conhecidas.

— Eu vou querer o de sempre, Madá. Acabaxi com hortelã.

— Ok, assim que ficar pronto eu peço para levar na mesa.

— Obrigada.

O diálogo é rápido e direto. Madalena não desgruda os olhos do que faz e realiza com destreza. Olho para a fila atrás de nós e percebo que aumentou bastante. Compreendo a pressa de Madalena. É só ela e uma balança para atender todo esse pessoal. Vou conversar sobre isso com Leonardo, mais uma balança e outra pessoa para ajudar, irá otimizar o tempo.

Percebo alguns olhares enquanto faço o caminho até a primeira mesa vazia que avisto na lateral esquerda. Esse horário é realmente bem movimentado. Outro dia quando estive aqui, o cenário era bem diferente, muitas mesas livres e nada de fila para se servir.

Sentamo-nos frente a frente. Minha visão dá para a entrada do refeitório e noto que cada vez chegam mais pessoas.

Tiro os talheres do saquinho plástico, envolto a um guardanapo, faço isso olhando em minha volta. Sinto-me um pouco desconfortável com a quantidade de olhares que me observam.

— O pessoal não está acostumado com o chefe almoçando aqui, doutor Henrique dificilmente aparecia, quando vinha era sempre mais tarde. — Beatriz comenta.

— *Hum...*é bom se habituarem, pois eu certamente estarei todos os

dias aqui. — Falo, e em seguida provo da lasanha. Que por sinal, está ótima.

Beatriz abre um sachê de sal e despeja-os sobre a salada, ao final, lambe o dedo tirando as sobrinhas de sal dele. E então diz:

— São muitas novidades para a equipe, estão todos ainda se acostumando com as mudanças.

— Verdade — digo, pensando se é apenas as mudanças que os deixam tão curiosos ou fato de eu ser a vice-presidente que é a noiva do presidente, e ainda se já sabem que sou filha de Miguel, sou portanto “prima” de Leonardo na cabeça deles.

Assunto para deixar esse pessoal curioso e comentando é que não falta.

— Sabe, posso dar uma sugestão? — Beatriz questiona.

— Adoro sugestões. Diga.

— Doutor Henrique sempre foi muito distante dos funcionários. E eles sentem falta disso. Os mais antigos aqui na clínica, comentam que no tempo do doutor Magno era diferente, que ele estava sempre pelos corredores conversando com todos e sabendo o que acontecia. Eu sei que é tudo recente, mas além do documento informando as mudanças, você e o doutor Leonardo reunir a equipe, ou pelo menos o responsável de cada setor, seria legal.

Realmente é uma boa sugestão. Assim tenho a oportunidade de apresentar-me e passar a mensagem de como Leonardo e eu desejamos gerir essa clínica — com a constante participação e sugestão deles, os funcionários.

— Você tem toda razão. Farei isto em breve. Obrigada.

Beatriz sorri, e começa a comer, faço o mesmo. Entre uma garfada e outra vamos falando de assuntos sobre a clínica. A conversa com Beatriz flui, gosto do seu jeito desenvolvido e natural comigo.

Acabo ficando curiosa por saber mais dela, e então no final do nosso almoço resolvo investigar.

— Beatriz, qual a sua história? — Suas sobrancelhas se erguem e seu olhar me diz que a peguei de surpresa com essa pergunta. — Me fale um pouco sobre você, se não se importar é claro — acrescento suavizando meu tom curioso.

— Minha história... — Ela repete pensativa, enquanto passa o guardanapo na boca — não costumo falar muito de mim...

— Acho justo saber, afinal você sabe bastante da minha. — Dou-lhe um sorriso, incentivando que fale.

— Ok, é justo. Pois bem, eu sou formada em administração, trabalho na clínica há dois anos. Uso quase todo o meu salário para pagar meu crédito estudantil, minhas despesas e o pouco que sobra economizo, pois estou aguardando o resultado de uma bolsa de estudo para fazer uma especialização

fora do país. Meus pais moram em uma cidade que fica uns onze quilômetros daqui, entre três irmãos sou a filha do meio. Minha irmã mais velha é casada e tem filhos, meu irmão mais novo também, já eu, não tenho namorado e nem pretendo ter.

— *Uau!!* — Fico surpresa com a forma direta e sucinta de Beatriz falar. — Não sabia que era formada em administração. — comento, pois apesar de tudo que ela contou essa parte foi o que me deixou mais curiosa — E antes de ir para a pediatria cobrir as férias da secretária de Leonardo, então você trabalhava na área administrativa lá de cima? — questiono.

— Não, na verdade não. Eu era da internação.

— Mas acredito que seus conhecimentos seriam mais úteis em outro setor. Talvez quando sair da pediatria, ao invés de voltar para internação, você possa ir trabalhar comigo. Vou precisar de ajuda. O que acha?

— Bom, eu adoraria. Mas se conseguir essa bolsa que falei, terei de ir embora e não sei se é vantajoso para você começar um trabalho com alguém que no final do ano vá embora. Mas de qualquer forma, estou à disposição.

— Não tem problema, você fica o tempo que puder ficar.

— Obrigada. — Beatriz assenti e dá um sorriso e noto satisfação nele.

— Beatriz, e quem foi ele?

— Ele?

— O cara, a sua desilusão amorosa, para fazer com que não queira namorar.

— Estou achando que você seria uma ótima investigadora da polícia. Solto uma gargalhada.

— Desculpe, estou perguntando demais mesmo.

Dou-me por satisfeita com o que já soube de Beatriz, e apesar do sorriso largo que me oferece tenho o vislumbre de uma ponta de tristeza que o assunto sobre a “*desilusão amorosa*” trouxe a ela. Arrependo-me por ser tão curiosa.

Terminamos nosso almoço, sinto-me saciada e feliz. Se tem algo bom nessa vida é comer quando se está com fome. E eu estava.

— A comida estava ótima — comento, depois de um tempo em silêncio.

— Sim, nossa e eu estava com fome, saí de casa atrasada não tomei nem café da manhã.

— Você mora muito longe da clínica?

— O ônibus que eu pego leva uns quarenta minutos.

— É um pouco longe.

— Não tanto quanto para o lugar que vou me mudar. E o pior é que

terei de pegar dois ônibus para chegar aqui no horário.

— E por que vai se mudar?

— Divido apartamento com uma colega, bom... na verdade é dela o apartamento, eu pago por um quarto nele, mas agora ela vai levar o namorado para morar com ela e me pediu para sair.

— Que chato isso — lamento.

— Nem fala, pedi a ela para me dar mais alguns meses, não queria ter de assumir um contrato de aluguel agora, pois estou aguardando o resultado da bolsa que sai final do ano. Mas não teve jeito, ela pediu para eu sair e por isso terei de voltar a morar com meus pais enquanto isso.

Assimilo tudo o que me conta e no momento seguinte tenho uma ideia para ajudar Beatriz. Identifico nela, tanto de mim. É notável que é uma mulher forte, que luta por sua independência e tenta a melhor forma de se virar na vida.

Olho em seus olhos arredondados e escuros tal qual uma jabuticaba, pronta para lhe oferecer uma ajuda, contudo além de Beatriz sentada à minha frente, vejo duas funcionárias chegando ao refeitório que chamam minha atenção, pois essas eu já conheço.

É o cabelo de fogo — Tatiana, a secretária que ficou por um dia na pediatria. Ela está ao lado de Catarina, a minha atual secretária. As duas estão tão próximas e parecem tão íntimas, que presumo tratar-se de boas amigas.

Beatriz nota meu olhar distante reparando em alguém, discretamente ela se vira na cadeira. No que retoma sua posição, faz uma expressão de repulsa.

— Qual é a delas? — questiono, sem tirar os olhos das duas amigas.

— Como profissionais não posso comentar nada pois não conheço esse lado delas, mas como pessoas, posso afirmar que são insuportáveis, tanto que o pessoal não vai muito com a cara delas não. Catarina pensa que tem o rei da barriga por ser a secretária do doutor Henrique e Tatiana não é muito diferente, pois trabalha na cardiologia com o doutor Alfredo. As duas almoçam sempre juntas, não se misturam com os outros funcionários. É o que eu sei sobre elas.

— Hum! É bom saber. Obrigada, Beatriz.

Atenção redobrada com essas duas, ainda mais agora que sei que Tatiana trabalha com doutor Alfredo, na verdade trabalhava, pois Leonardo já o mandou embora. Porém, pelo que acabo de perceber, tanto Henrique quanto Alfredo saíram desta clínica, mas ainda permanecem com olhos aqui dentro.

— Tem gelatina de sobremesa, quer que eu pegue para você? — Beatriz pergunta.

— Não, obrigada. O que eu quero agora é te dar uma coisa e pedir que você me acompanhe a um lugar.

Beatriz franze a testa sem compreender onde quero chegar, enquanto

remexo em minha bolsa.

— Tome.

— De onde é essa chave?

— Meu apartamento, fica bem próximo aqui da clínica. Você pode ficar o tempo que precisar e não se preocupe com o aluguel, apenas se preocupe em pagar o condomínio e o consumo de água, gás e energia elétrica. Pode ser?

— Imagina, Maria Luiza, é muita bondade, mas eu ... eu não posso aceitar.

— Deixa de bobagem, claro que pode aceitar. Eu não estou usando, o apartamento está pronto para morar, aceite, Bea, por favor. É de coração que eu estou oferecendo.

— Eu fico sem jeito, Maria Luiza, mas é uma oferta e tanto.

— Então pegue a chave e mude-se quando quiser. Ainda tem algumas coisas minhas por lá, mas isso eu passo uma outra hora e pego. Fique à vontade nele.

— Está bem. Obrigada! Obrigada mesmo! E em que lugar você quer que eu te acompanhe?

— Vem, vamos sair daqui, no caminho eu te digo.

— Ok. Então vamos, vice-presidente.

Dou a Beatriz um sorriso, ela retribui. Sinto que este almoço nos proporcionou um pouco mais de intimidade e eu gosto disso.

— Um professor da faculdade. — Ela diz, assim que passamos pela porta de saída do refeitório. — A minha desilusão amorosa — explica.

Mas nem precisava, pois eu já havia entendido.

Olho bem no fundo dos olhos de Beatriz. Na verdade, não sei se ela precisa desse tipo de conselho, mas resolvo dar.

— Eu não preciso dizer que você é uma mulher incrível e o que quer que esse babaca tenha feito não merece um pinga de espaço no seu coração nem em suas lembranças. Não permita que nada que tenha acontecido no passado influencie no presente.

— Obrigada, Malu.



Ah, Deus do céu! Quando Leonardo diz que Beth é a melhor pessoa para tirar sangue nessa clínica não é exagero. A menina do laboratório, teve de me picar mais de uma vez para encontrar a veia e quando o fez senti uma ardência terrível enquanto sugava com a seringa o sangue vermelho e espesso.

Não queria que ficasse com alguma marca ou roxo no local. A intenção é fazer isso sem Leonardo saber. Assim se for mesmo uma gravidez, posso lhe fazer uma surpresa para contar o resultado.

Como nunca tinha ido até o laboratório, não sabia onde ficava. Beatriz foi comigo, poupando-me a tarefa de encontrá-lo sozinha e principalmente porque gostei da companhia dela. Leonardo fez bem em pedir que ela me acompanhasse no almoço, assim não fiquei sozinha e ainda tive a oportunidade de conhecer um pouco mais de Beatriz.

Depois de fazer o exame, queria ter passado na pediatria e ver se Leo já estava livre e assim matar um pouquinho da minha saudade, mas como eu sei que esconder qualquer coisa dele é impossível, resolvi vir direto para a sala de reunião, onde é meu posto de trabalho. Pelo menos assim tenho mais tempo para baixar essa adrenalina que estou sentido após fazer pela segunda vez o teste e me preparar psicologicamente para não contar nada a ele, até que eu tenha o resultado. Focar no trabalho é o melhor que posso fazer, e esquecer — pelo menos por enquanto — que fiz este exame.

Mantenho-me concentrada no computador e nos relatórios fiscais, ainda estou analisando e comparando dados, agora já sei a fonte de onde e como Henrique fazia sua falcatura. Agora me ocupo em tentar dimensionar o estrago que isso causou nas contas da clínica.

Uma leve batida na porta, dispersa minha atenção. Em seguida ela está sendo aberta e Catarina aparece.

— Com licença?

— Sim.

— Vincent Fernandes está aqui e gostaria de falar com a senhora.

— Tudo bem, ele pode entrar.

— A senhora deseja algo? Posso trazer um café se quiser.

— Por enquanto não precisa, qualquer coisa eu chamo.

— Está bem, com licença.

Ajeito-me na cadeira. E sem entender me sinto ansiosa. Ficar sozinha com Vincent nessa sala me remete a lembranças recentes que não são muito

boas.

— Maria Luiza?

— Oi, Vincent. Pode entrar.

— Obrigado, com licença. — Ele fecha a porta, sem querer sinto-me desconfortável.

Ele parece notar e diz:

— Me desculpe, mas eu vou ter que fechar. É mais seguro — fala apontando para uma pasta preta em suas mãos.

— Tudo bem.

— Sei que você tem seus motivos para não manter uma conversa particular comigo. Mas passei na pediatria e não encontrei o doutor Leonardo.

— Tudo bem, sem problemas. O que você tem aí?

— Os extratos das contas de Henrique. Todo o dinheiro ainda estão nelas, ele não mexeu em nada, por enquanto. Mas sugiro que façam algo rápido, pois quanto mais Henrique se sentir ameaçado mais rápido dará um jeito de levar esse dinheiro para outro lugar e tenho certeza que levará para contas estrangeiras. Ele comentava que já tinha algumas contas abertas. Por isso, vocês não têm muito tempo a perder. Ou recuperar todo esse dinheiro poderá ser mais difícil. — Ele comenta com um ar de preocupação.

— Está bem, eu vou avisar o Leonardo. Obrigada, Vincent.

— Não tem o que me agradecer, Maria Luiza.

— Cleo e o bebê, como estão?

— Saberei disso agora, mas quando nos falamos ao telefone pela manhã ela estava bem e o Matheus também.

— Que bom, eu fico feliz em saber.

— Obrigado.

— E, Vincent?

— Sim?

— Penso que com a chegada do seu filho a esse mundo, seja uma oportunidade para você ter mais atitudes que te tornarão uma pessoa cada vez melhor.

Sem dizer nada, Vincent assente e deixa a sala. Eu respiro fundo e caio sentada na cadeira atrás de mim, mas não por causa da reação a sua presença aqui nesta sala, mas porque não perco tempo e abro a pasta. E o montante de dinheiro que vejo em cada conta e no total delas, quase me deixa sem ar. É muito, muito dinheiro.

Vou ao meu celular que está em cima de um balcão no canto da sala de reunião. Coloquei-o para carregar assim que voltei do almoço.

Não gosto de ligar para Leonardo sabendo que ele está ocupado, mas

este caso em específico merece nossa total atenção. Chama-o até que caia na caixa postal, não insisto, mas deixo uma mensagem de texto para ele, dizendo que entre em contato assim que possível.

Volto para o meu lugar, decido que um café agora vai bem, uso o telefone interno para pedir a Catarina a gentileza de me trazer uma xícara. Esclareço que quero puro e sem açúcar. Tão logo ela está na sala, deixando a xícara e com aquele tom solícito e simpático com que tem me tratado.

Passa pela minha cabeça fazer alguns questionamentos à ela, mas por fim acabo deixando de lado e opto por permanecer observando-a. Mas se antes eu ainda não havia sentido, hoje especificamente senti algo em Catarina que não gostei. Pois, se eu estou observando-a, ela faz exatamente o mesmo comigo, principalmente depois da visita que recebi de Vincent Fernandes, é como se quisesse descobrir algo.

— Obrigada, Catarina, pode ir — falo, encarando-a.

— Disponha, senhora.

Ela se vai, sozinha novamente na sala, tomo um gole de café e abro a pasta olhando para os números à minha frente. Meu celular toca, só pode ser Leonardo, levanto-me rápido e vou até ele.

— Alô — digo, sem mesmo ter olhado o visor antes.

— Como vai, Maria Luiza?

— Henrique.

— Isso mesmo, sou eu. E, como sou uma boa pessoa. Estou ligando para dar meu último aviso.

— Não quero saber de suas ameaças.

— Pois deveria. Preste atenção: se você e Leonardo levarem para a polícia o que descobriram a meu respeito com a ajuda do covarde e traidor do Vincent, vocês nunca mais terão a chance de ficar com a guarda daquela menininha que vocês chamam de filha.

— Não ouse falar ou fazer qualquer coisa contra ela Henrique!

— Não farei nada contra ela, farei contra vocês. Eu sei quem é a mãe dela. E no momento que vocês entregarem esse maldito dossiê que me coloca na cadeia, eu te garanto que essa mulher estará no fórum acompanhada de um excelente advogado, apresentando-se como a pobre e amável mãe da menina que lhe foi roubada, após ela dar à luz.

Ah, meu Deus! É aquela mulher que Henrique e Carolina encontraram. Só pode ser ela.

— Não é verdade, ninguém roubou a Valentina. Foi ela quem jogou a própria filha no lixo. Você não pode fazer isso...

— Sim, eu posso. E eu farei, Maria Luiza, eu juro por Deus que farei.

Não pague para ver. Convença Leonardo a parar com essa idiotice e vocês poderão ficar com essa bastardinha de vez.

— Você não presta mesmo!

— Meu recado está dado. E é o último.

Henrique encerra a chamada. Sinto raiva e nervosismo percorrer todo o meu corpo. E também sinto duas certezas diante de tudo o que esse maldito inescrupuloso homem disse.

Nós vamos denunciar Henrique a polícia, agora mais do que nunca, pois eu não vou convencer Leonardo a parar. A justiça será feita e Henrique pagará por tudo que fez.

E eu sei exatamente onde ir para fazer essa grande mentira sobre a mãe biológica acabar antes mesmo de começar.



Planos destruídos

LEONARDO

Estava de saída para almoçar com Maria Luiza, quando Derek ligou no meu consultório dizendo que tinha uma pessoa lá embaixo querendo falar comigo. Perguntei quem era, ele não soube dizer, pois assim que a tal pessoa disse que estava a minha procura, em seguida passou mal. Intrigado em saber quem era e também preocupado desci o mais rápido possível ao pronto atendimento, chegando fiquei surpreso ao ver quem era: senhor José — o homem que encontrou Valentina.

Derek contou que o homem parecia muito fraco e desmaiou antes mesmo de poder dizer o nome. Meu amigo o atendeu e fez alguns exames que demonstraram que senhor José teve uma crise de hipoglicemia. Por isso, foi devidamente medicado e permanece dormindo desde então.

E, por bem, achei melhor ficar por aqui, até que ele acorde e assim saber o que o trouxe até a clínica. Afinal, da última vez que ele veio as notícias não foram as melhores.

Sabendo que ia acabar demorando, pedi a Beatriz que fosse avisar Maria Luiza e também lhe fizesse companhia no almoço.

Espero que Malu tenha compreendido e principalmente que tenha se alimentado direito.

— Você pode ir se quiser, eu fico aqui e assim que ele acordar eu te chamo. — Derek oferece.

Confiro as horas em meu relógio e constato que já passou muito mais do horário de almoço. As primeiras horas da tarde já estão correndo.

— Não, tudo bem. Eu vou ficar. De qualquer forma já perdi meu almoço com a Malu.

Fito o semblante cansado de Derek.

— Mas, e você? Teu plantão acabou, não acabou? Pode ir.

— Acabou, mas vou ficar por aqui. Estou bem.

Após dizer isso, ele estica um pouco mais o corpo na cadeira. De pé encostado na parede do quarto em que seu José está descansando, observo Derek, ele está um bagaço, os olhos estão vermelhos e miúdos, parece até que não dormiu a noite inteira.

— Está nada, sua cara está péssima, trabalhou a noite inteira. Precisa dormir, vai para casa descansar — insisto.

— Prefiro dormir por aqui, no meu apartamento está impossível — bufa, cansado.

— O que houve? — questiono.

Derek revira os olhos, passa as mãos pelo cabelo e então conta o que está acontecendo.

— Diana, o marido e os filhos estão no meu apartamento.

Levanto as sobrancelhas, surpreso. Sei que Derek não suporta pessoas invadindo seu espaço ou tendo que o dividir.

— Ela simplesmente chegou dizendo que ia ficar por um tempo até uma reforma no apartamento dela ser concluída — explica. — Não tenho tido mais sossego desde então, e pelo visto não terei tão cedo. Então acredite, a clínica é o melhor lugar que tenho para descansar. — Derek dá de ombros e logo em seguida inspira fundo de um jeito derrotado.

Diana, a irmã de Derek, tem uma família um tanto grande digamos assim. E bem, o marido só para se ter ideia, é um sujeito do estilo que abre a sua geladeira, toma da sua cerveja e ainda reclama se não estiver bem gelada. Ou seja: folgado e sem noção. Os filhos, são crianças saudáveis — graças a Deus — e crianças saudáveis, correm; gritam; pulam, fazem sujeira e etc. ... considerando que são quatro e o mais velho tem oito anos — sei disso, pois sou o pediatra deles —, posso imaginar como está o apartamento do meu amigo e como ele está se sentindo.

Diante disto digo:

— Acho que posso te ajudar. Você pode ficar no ...

— Leo, agradeço — interrompe-me. — Mas eu não sou o tipo de

amigo inconveniente que vai passar uns dias no apartamento do *amigo*, principalmente quando ele tem uma mulher.

— E eu por acaso te ofereci para ficar no meu apartamento? — falo, sério.

— Ué, não era isso que você ia fazer? — Derek senta-se ereto na cadeira.

— Olha bem para minha cara e vê se sou maluco? — ironizo — ia mesmo querer você desfilando de cueca pelo apartamento com a Malu nele.

— Você me ofende falando desse jeito. Sou um homem respeitoso.

— Não precisa fazer essa cara de vítima. Não vou te oferecer *meu* apartamento, mas vou te ajudar. O apartamento da Malu, está vazio. E acredito que ela não irá se importar de emprestar por um tempo para você.

Ele se anima.

— Sério mesmo?!

— Sim. E para sua sorte, ela deixou uma cópia da chave comigo.

Alcanço no bolso da calça o molho de chaves, tiro a do apartamento da Malu.

— Aqui está. — Entrego-lhe a chave.

Seus olhos brilham, parece até que acabei de lhe entregar a chave da porta do céu.

— Puxa vida, obrigado, cara! — Derek vibra. — Finalmente vou poder ter uma noite de sono tranquila. Mas você não quer falar com ela antes? — Ele diz, coçando a nuca de um jeito preocupado.

— Depois aviso a Maria Luiza. Como eu disse, ela não irá se importar. O apartamento está lá fechado mesmo. Você pode usá-lo.

Derek se levanta e vem me dar um abraço.

— Sendo assim. Obrigado, irmão.

— Amigos são para isso. — Digo, deixando um tapa pesado em suas costas.

Em seguida olho para o homem deitado na cama, a aparência tão desgastada, barba longa demais, roupas velhas, fico pensando qual a verdade sobre ele. O que o levou para as ruas.

— Derek, os exames apontaram mais alguma coisa? — pergunto.

— Bom, se quer saber sobre drogas, o toxicológico deu negativo — assinto, aliviado. — Mas o organismo dele está bem debilitado, apresentou anemia, e como pode ver ele é bem magro e associado as condições em que deve viver, eu posso dizer que ele está em um quadro de desnutrição, sem contar que o índice glicêmico estava nas alturas.

— Coitado — lamento, passo a mão pelo rosto pensando no que posso

fazer por ele além de lhe oferecer um bom tratamento.

— Derek, quero que o mantenha internado o tempo que for necessário para ele se recuperar. Enquanto isso, aprofunde os exames, descubra o tipo de diabetes dele para receber o devido tratamento. Vamos oferecer os medicamentos e quando estiver pronto para receber alta temos que garantir que ele continue com o controle da diabetes. — Inspiro fundo, ainda olhando para o *seu* José. — Preciso ajudar este homem, Derek, e vou precisar de você nisso.

— Pode deixar. Me comprometo em cuidar dele enquanto estiver na clínica e depois que sair também. Sei que este senhor, acabou adquirindo um papel importante na sua vida.

— Obrigado.

— E por falar nisso, como está a Valentina? Foram visitá-la ontem, como você comentou comigo?

— Fomos sim. Maria Luiza precisava e eu também. Valentina está ótima, saudável e crescendo a cada dia. Tirei fotos dela, vou te mostrar — tateio nos bolsos o celular. — Ah não...

— O que foi?

— Esqueci o celular no bolso do jaleco lá no meu consultório. Mas ela está linda, muito linda, Derek.

— Posso imaginar, depois não esquece de me mandar as fotos. — Ele sorri, eu sei que seu interesse por ela é sincero.

— Pode deixar, eu mando sim.

Depois de algum tempo ali, observando o homem que dorme um sono profundo e calmo deitado confortavelmente na cama — lugar bem diferente de onde certamente costuma dormir — ele dá sinais de que está acordando.

Nos aproximamos, seu olhar é um pouco assustado.

— Senhor José, eu sou o doutor Derek. — Meu amigo se apressa em falar — o senhor teve uma crise de hipoglicemia, mas já foi medicado. Como está se sentindo?

— Santo Deus! — *Seu* José passa a mão pelo rosto, abatido. — Bem, acho que agora estou bem. — Sua voz está um tanto fraca.

— Isso é bom. — Derek dá a ele um sorriso. — O doutor Leonardo está aqui, eu o chamei, conforme o senhor havia me pedido antes de desmaiar.

— Ei, *seu* José! Que susto foi esse, *hein*?! Mas não se preocupe, aqui o senhor terá o tratamento que precisa — digo, pousando minha mão em seu ombro.

— Doutor, desculpa, acho que acabei dando trabalho para vocês. — Ele diz, nervoso.

Gesticulo negativamente e preocupo-me em acalmá-lo.

— De forma alguma. Por sorte o senhor estava aqui quando se sentiu mal. E, *seu* José, nós queremos e vamos cuidar do senhor. — Deixo isso bem claro.

O homem fica nitidamente emocionado, pisca algumas vezes e timidamente seus dedos grosseiros, marcados de calos enxugam os olhos.

— Obrigado, doutor, mas eu não tenho como pagar um tratamento aqui nessa clínica. — Ele dá uma conferida no quarto em que está.

Sorrio.

— Ora, mas quem falou em dinheiro aqui? Não se preocupe com isso, *ok*? Quero apenas que o senhor se preocupe com sua saúde.

— O doutor é mesmo um homem muito bom. Obrigado. — Seus olhos lacrimejam mais um pouco.

Quantas vezes na vida será este homem recebeu atenção ou quantas vezes pôde se sentir seguro? Ou ainda, quantas vezes alguém lhe estendeu a mão? Ofereceu uma ajuda? *Não faço ideia*. O fato, é que eu farei tudo o que tiver ao meu alcance para lhe oferecer novas oportunidades em sua jornada.

— Tudo bem, isso não é nada. Mas saiba que o senhor poderá contar comigo a partir de agora e também com o doutor Derek, não é doutor? — falo, olhando para o meu amigo e percebo que até ele se sente emocionado.

— Claro que sim! — Derek afirma, e em seguida toma a mão do homem na cama nas suas. — *Seu* José, considere-se sob os cuidados do melhor médico desta clínica, eu lógico.

Derek nos faz sorrir.

— E também do melhor amigo — acrescento — Derek é um bom amigo para mim e agora considere-o para o senhor também.

— Obrigado, vocês são anjos na terra.

Derek e eu nos olhamos satisfeitos, é nesses momentos que podemos afirmar o quanto nossa profissão nos dá oportunidades únicas e emocionantes.

Estou ansioso para saber o que ele tanto queria falar comigo, pois da outra vez em que estive na clínica, trouxe informações sobre a possível mãe biológica da Valentina. Percebo que apesar de ainda debilitado está em condições de conversar mais um pouco, então vou direto ao ponto.

— Mas, me diga, *seu* José, o que o trouxe até aqui desta vez?

Sem rodeios ele responde:

— Queria saber se estava tudo bem com a *bebezinha*, o doutor sabe, acabei ficando com ela na minha cabeça. Vira e mexe, eu me lembro do choro que eu ouvi vindo daquela lixeira naquele dia e não consigo parar de pensar em como ela está.

Inspiro fundo, fico emocionado em saber o quanto esse homem se

preocupa com a minha menina.

— Eu compreendo sua preocupação, *seu* José. Mas Valentina está bem e segura, o senhor pode ficar despreocupado quanto a isso.

Ele balança a cabeça positivamente e dá um sorriso.

— Que bom, doutor, e a mãe dela? O doutor conseguiu encontrar?

Enrugo a testa, e agora sou eu quem está coçando a nuca. Olho para Derek, que faz uma cara de quem não está entendendo também.

— Com assim? Eu não estou procurando por ela.

— Não?

— Não — afirmo.

— Mas e o médico que o doutor pediu para me procurar, pois precisava de ajuda para achar a mãe dela?

— O que? Desculpa, *seu* José, mas não estou entendendo. Eu não pedi para ninguém lhe procurar e muito menos a mulher que abandonou Valentina.

Seu José apresenta uma expressão descompensada.

— Doutor, mas então como foi que aquele outro médico me achou e me disse que o senhor precisava muito encontrar a mãe da menina, pois ela estava doente e precisava do sangue da mãe, e...

— Espera! Que médico? Quando e como ele era? — pergunto, e imediatamente sou tomado por preocupação, pois sem mesmo receber sua resposta, imagino de quem está falando.

Henrique.

Instigo-o a me contar em detalhes como foi que isso aconteceu. E constato minhas suspeitas. Henrique foi atrás deste homem para buscar informações sobre a mulher.

Mas como Henrique soube do *seu* José? As únicas pessoas que souberam da ida dele até à clínica naquela ocasião foram; Malu, eu, Luís e Tatiana, a secretária que ficou apenas naquele dia e que ainda por cima destratou *seu* José e se indispôs com Maria Luiza. Mas ela não tinha como saber o assunto que ele tratou comigo. Ou tinha?

— Ele foi por diversas vezes lá onde a menina foi deixada, ficava horas esperando que a mulher aparecesse. — *Seu* José, explica.

— Merda!! Ele deve ter encontrado ela então. — Passo as mãos pelo cabelo, nervoso e então decifro a trama de Henrique.

Como se lesse meus pensamentos, Derek diz:

— A carta na manga, Leo, é isso!

— E por isso a chantagem e as ameaças — completo.

— Doutor, algum problema? Eu fiz errado em ... fiz merda, não foi?
— *Seu* José pergunta, agitado.

— Está tudo bem, não se preocupe — afirmo, tranquilizando-o. — Eu preciso ir agora. O senhor ficará internado por um tempo até que fique melhor. O doutor Derek vai cuidar de tudo para fazer sua internação.

Olho para Derek.

— Encaminhe ele para a ala de internação, faça tudo, e assim que puder me procure. Eu vou falar com Maria Luiza.

— Certo, deixa comigo. — Derek, responde.

Com passos pesados e rápidos, vou ao encontro de Maria Luiza.

— Maria Luiza está na sala? — pergunto com pressa ao passar pela mesa de Catarina.

— Doutor, não a vi sair, então dever estar...

— Obrigado! — respondo, antes mesmo que ela termine de falar.

Me afasto em direção à sala, abro a porta e entro com tudo, corro meus olhos pelo ambiente e nada de Maria Luiza.

Nos segundos seguintes, observo com mais calma a sala, não vejo a bolsa dela, só pode ter saído. Mas para onde?

Não gosto disso.

Sem perder tempo, decido ligar para o seu celular. Lembro-me que estou sem o meu. Vou ao telefone em cima da mesa, disco rapidamente os números do celular da Malu, que para sorte tenho gravado na memória. Aguardo ansioso a discagem dos números. Tudo que mais quero é ouvir a voz dela, mas em seguida o toque de chamada no celular ecoa na sala, ergo minha cabeça procurando em volta. Não acredito! O celular dela toca alto e faz o barulho de vibração sobre o móvel no canto da sala. Coloco o telefone no gancho e vou até o celular dela que está preso ao cabo do carregador.

O universo parece conspirar contra. Eu preciso achar Maria Luiza. Pode não ser nada, ela pode estar em qualquer lugar desta clínica. Mas não gosto da sensação que passa pelo meu peito, da outra vez em que isso aconteceu, Malu estava *dando uma* de detetive seguindo Henrique e Carolina até um lugar desconhecido, mas que desconfio ter ligação com a mulher que abandonou Valentina.

Volto ao telefone da mesa, ligo para Beatriz, elas almoçaram juntas, talvez minha secretária saiba de algo, mas sua resposta não é positiva, então peço para que procure Maria Luiza pela clínica e que também traga o meu celular.

O tempo seguinte, permaneço na sala, esperando que quem sabe, Malu apareça. Ou que Beatriz venha trazendo boas notícias.

Caminho de um lado para o outro, sento, levanto. Decido pegar o celular de Maria Luiza em busca de alguma pista.

Sento-me novamente, respiro cada vez mais pesado e angustiado. Digito o código de acesso, é o mesmo ainda desde que eu lhe dei esse aparelho. Busco nas chamadas, tem uma realizada para o meu número e logo depois ela recebeu uma de um número que não está salvo em sua agenda, mas que eu sou capaz de identificar, esse é o número de Henrique ele o mantém por anos. Toco no número e faço uma chamada para ele, mas o desgraçado não atende.

Com os nervos à flor da pele, tento me acalmar. Fixo meu olhar no porta-retratos que fica no mesmo móvel onde o celular estava. Mas o que está chamando minha atenção para ele, não é a imagem do meu avô com todos os funcionários da clínica e sim... levanto-me e pego-o nas minhas mãos.

— Que merda é essa?! — exclamo, incrédulo.

— Doutor? — Beatriz chama ao entrar na sala. — Eu não a encontrei em lugar algum da clínica. — Ela diz e em seguida entrega-me o meu celular.

Derek está com ela, o semblante dos dois é de preocupação.

— O que está havendo, Leo? — Ele pergunta.

— O desgraçado do Henrique está o tempo todo nos vigiando — respondo, entregando a ele o porta-retratos com uma micro câmera instalada.

— Que filho da mãe! Como ele fez isso? — Derek diz atônico.

É o que eu também quero saber.

— Beatriz, por favor traga Catarina aqui, agora! — Ela compreende o grau de urgência interposto em minha voz e sai às pressas da sala.

— Essa secretária dele, deve ter alguma coisa com isso! — Bufo entre dentes.

— Calma, Leo.

— Maria Luiza recebeu uma ligação de Henrique e sumiu. E agora acabo de descobrir que ele tem acompanhado cada ação nossa. Não posso ficar calmo, Derek. Eu preciso agir!

— Nós vamos achá-la. Henrique não seria tão doido ao ponto de fazer mal a ela. — Seu tom é brando tentando me acalmar.

— Sinceramente, não duvido de mais nada que possa vir dele.

— Doutor Leonardo? — Beatriz entra na sala, segurando Catarina pelo braço. — Eu a encontrei na porta do elevador e a julgar pela bolsa no ombro, acho que ela já estava indo embora.

— Me solta, Beatriz! — Catarina puxa o braço da mão de Beatriz.

Encaro a secretária de Henrique.

Inspiro e expiro antes de falar.

— Catarina... eu vou perguntar uma única vez. Eu quero que seja sincera comigo. Você está ajudando Henrique? Foi você quem colocou essa câmera aqui? Você sabia disso tudo?

— Não, doutor claro que não! Eu nem sei o que está acontecendo — Seus olhos trêmulos, sua expressão assustada, entregam o seu nervosismo e sua mentira.

— Você está mentindo, e eu pedi que fosse sincera comigo — falo, fulminando-a.

— Eu não estou! — Catarina brada.

— Está sim! Mas não tem problema, eu vou chamar a polícia e aí você pode dizer o que sabe a eles. O que acha?

— Não, doutor, por favor, eu não sei de nada. — Ela volta a afirmar sua mentira.

Derek se aproxima, coloca as mãos em meu ombro e fala:

— Leo, trazer polícia aqui vai ser um furdunço. Vai despertar curiosidade e preocupação em todos na clínica.

— Não estou preocupado com isso agora, Derek.

— Eu tenho uma amiga que é delegada da polícia civil. Posso pedir que ela venha e que seja discreta. — Beatriz oferece.

— Ótimo! Faça isso por favor, Beatriz — digo, olhando para Catarina. O medo em seus olhos aumenta.

— Tá ... eu falo! Droga! Eu sabia que isso ia acabar acontecendo, a corda sempre arrebenta pelo lado mais fraco. — Catarina lamenta.

— É melhor você começar a falar, ou as coisas podem ficar ainda mais sérias para o seu lado — digo.

— Mas sem polícia. — Ela fala, como se estivesse em condições de negociar.

— Negativo! Com polícia — contraponho. — Beatriz, pode chamar a sua amiga delegada, por favor?

Beatriz assente e tão logo está tirando o telefone do gancho.

— Derek, fique aqui com elas e garanta que Catarina não vá embora. E qualquer coisa me liga — falo e começo a fazer o meu caminho para fora da sala.

— Aonde você vai? — Derek pergunta.

Olho para o meu amigo.

— Encontrar a minha mulher — respondo. Certo de que não vou permitir que nenhum mal aconteça a minha Malu.

MARIA LUIZA

— O senhor me espera aqui, eu não pretendo demorar — digo ao taxista, que pela segunda vez fez este caminho comigo.

Assim que recebi a ligação de Henrique eu sabia exatamente onde teria de ir. Não pensei duas vezes, peguei o cartão do taxista que seguiu o carro de Carolina até aqui naquele dia. Ele mais do que ninguém seria a pessoa certa para me trazer. Pois sozinha eu não lembraria de como chegar nesse lugar.

Estou pronta para sair do carro.

— Dona Maria Luiza, espera! — Paro no lugar, ao som de sua voz. — Aqui não é uma área muito segura, por favor, tome cuidado e fique com o celular na mão, qualquer coisa eu dou um toque para a senhora.

— É tão perigoso assim? Estamos em plena luz do dia — digo, duvidando.

Meus olhos examinam a rua e no mesmo instante, uns três rapazes, *com cara de poucos amigos*, passam pelo carro. Desvio imediatamente meu olhar de um deles quando percebo que nossos olhares se encontram.

Talvez o taxista tenha razão.

Procuro na bolsa pelo celular. E penso que é melhor levar apenas ele e deixar a bolsa aqui.

Droga!...

— Não acredito! Não acredito que esqueci novamente o celular. — murmuro. E juro que sinto vontade de me dar um tapa na cabeça por ser tão relapsa.

— Saí às pressas e deixei o celular carregando. Mas eu preciso de um celular — falo, ao homem sentado no banco do motorista. Ele me observa pelo espelho retrovisor.

Faço mais um xingamento em meus pensamentos e no mesmo momento tenho uma ideia.

— Vou precisar de um favor — ele vira-se para trás. Encaro o taxista careca e ele franze a testa. — Preciso do seu celular emprestado — explico, apontando para o celular em sua mão.

Ele coça a cabeça, talvez ponderando meu pedido.

— Para sorte da senhora eu tenho outro celular comigo — remexe no porta-luvas. — Pegue, assim também terei como me comunicar com você, caso eu note a *barra* ficar estranha por aqui.

Numa mão ele segura o celular dele e na outra o que pretende me

emprestar — é um daqueles modelos antigos, *bem antigos*.

— Desculpa, mas vou ter que levar esse aparelho aí — aponto para o *smartphone* e dou um sorrisinho sem graça.

O homem me observa por um tempo.

— É importante. O senhor precisa me ajudar — insisto.

— *Tá bom ... tá bom!* Mas olha só, esse aí é o número que está no meu cartão, então deixa ele no modo silencioso, não atende as ligações que aí é direcionado para o número do aparelho que vai ficar comigo.

— *Ok*. Muito obrigada! — respondo e levo a mão ao trinco da porta para sair.

— Exceto — ele torna a fala. — Por um número com final 1880, se for esse, sou eu te ligando, então você tem que atender.

— Certo — falo e faço novamente minha tentativa de sair do carro. Mas antes, espero o taxista falar o que tem para falar, pois noto em seu rosto esse desejo.

— Bom, eu não sei o que vai fazer aí nessa casa. Mas, de qualquer forma, boa sorte.

— Obrigada.

Saio do táxi, inspiro fundo. Por incrível que pareça não sinto nenhum nervosismo. E é por Deus que só sinto a coragem percorrer meu corpo.

Na frente da casa simples de madeira e portão com tábuas caídas, decido como devo fazer para ser notada aqui fora, chamar pelo nome da mulher com quem desejo falar é impossível, pois, não sei seu nome, portanto faço prática que é bater palmas, até que *ela* surge na porta.

Usando uma calça de moletom preta e camiseta marrom — ambos bem maiores que o seu tamanho — escondem a magreza do seu corpo que eu já havia notado da outra vez que a vi de longe. O cabelo está solto, é comprido e volumoso. Ela me observa, e seu olhos de tom castanho bem claro, quase esverdeado estão desconfiados.

— Boa tarde, eu preciso falar com você, posso entrar? — Uso meu melhor tom educada e simpática.

— Foi o doutor *bacanudo* que mandou você aqui? — Examina-me ao dizer.

Concluo rapidamente que ela só pode estar falando de Henrique.

— Sim — respondo, de pronto.

— Entra, então. — Ela gesticula, com a cabeça.

É agora...

Este é o meu momento com a mulher que abandonou Valentina naquela lixeira. E definitivamente, não será *ela* quem ficará com a minha

menina. Não mesmo.

Faço meu caminho do portão até a porta onde ela está.

— Com licença? — peço, ao ficar ante a ela.

Encaro-a sentindo raiva dessa mulher que mal conheço, porém lembro-me que por enquanto tenho que me manter amigável, por isso, sorrio.

— A vontade. — Ela retribui o sorriso, e faz sinal com a mão para que eu entre.

De lado na porta, ela dá espaço para eu passar, entro na casa e na primeira lufada de ar que inspiro, sinto uma mistura de cheiros, mas nenhum deles é agradável. É tão forte que tenho vontade de levar a mão ao nariz e fazer uma cara feia, contudo controlo-me e concentro-me em todo o resto e menos nesse cheiro. *Impossível*. Pois além de tudo meu estômago revida ao olfato desagradável.

Engulo com força a saliva que se forma na boca, e forço meu estômago a se controlar.

Olho o espaço em minha volta sem dar muito na cara que estou reparando. E o que vejo é sofrível. A mobília é pouca, velha e suja. O chão da rua deve ser mais limpo que este, e não é exagero, pois tem até bitucas de cigarro espalhadas por ele.

Conforme caminho para dentro, escuto seus passos no assoalho de madeira logo atrás de mim, entramos num outro cômodo que avalio ser a sala. Deitada no sofá de corino preto com alguns rasgos, há outra mulher, ela está concentrada na televisão à sua frente.

— Oh Rosângela, *passa fora!* — A mulher atrás de mim diz a que está deitada no sofá.

— Poxa, bem agora? Eu tô vendo minha novela da tarde. — A tal reclama. Mas se levanta do sofá.

— *Tô com visita, anda... sai fora e não reclama.* — A resposta vem em tom grosseiro.

Rosângela passa por nós, antes me encara, analisando-me dos pés à cabeça. Fico parada, e ainda lhe ofereço um meio sorriso, mas ela não faz o mesmo.

Engulo novamente a saliva, controlando o enjoo que cada vez mais aumenta, pois o cheiro consegue ficar ainda pior a cada passo que dou.

— Rosângela? — A dona da casa chama, quando ela já está quase na porta de saída.

— O que foi Shirley? — Rosângela bufa.

Shirley, é o nome dela. Ótimo, não vou precisar perguntar.

— Passa lá no *Malandro* pega umas *paradas* e depois volta aqui. —

Shirley fala, sem se preocupar comigo.

E é obvio que essas *paradas* que ela se referiu, só podem ser drogas.

Não tenho muito tempo para ficar pensando no assunto, pois a outra dá a resposta em seguida. Seu tom é alto, tomando toda minha atenção.

— Eu não vou *não*, dá última vez que fui, ele disse que não ia te vender mais nada. Esqueceu que *tu tá* com dívida com ele? — Rosângela diz, em meio a muitos gestos com as mãos.

Disfarço meu interesse na conversa, desviando o olhar das duas.

— Que *mané* dívida o quê? — Shirley responde, brava. — Já paguei tudo, sua lambisgoia. Pode ir lá... e traz coisa boa, entendeu?!

— Se ele soltar os cachorros em mim, *tu* vai ver só...

— Vai na boa, Rô, agora eu sou cliente *vip* do *Malandro*. — Shirley fala de um jeito orgulhoso.

— *Vip* é? E de onde *tu* arrumou dinheiro, maluca? — Rosângela inquire.

E eu bem suspeito de onde veio esse dinheiro. Muito provável que seja algum adiantamento do Henrique.

— Isso não é da tua conta, sua enxerida. Anda... vai e faz o que eu tô mandando.

Aparentemente um pouco contrariada, ainda assim, Rosângela vai embora.

Fico sozinha de vez, com a mulher quer trouxe Valentina ao mundo.

— Desculpa o mal jeito, *essa daí* é meio lesada. — Ela diz, voltando seu olhar diretamente para mim.

— Sem problemas — respondo.

— Senta aí, eu volto já, só vou na cozinha beber água. Aquela *desgramada* da Rosângela colocou mais sal na comida do que tem no mar, só pode. *Tô* com uma sede terrível.

— Tudo bem, não se preocupe. Eu espero você aqui.

— *Tá* bom.

Shirley vai para a cozinha, não há parede que divida o cômodo onde estou para onde ela foi, então mesmo receosa sento-me nesse sofá, assim fico de costas para ela e consigo tirar do bolso o celular. Procuro pelo gravador de voz, meu dedo fica ali em cima do play, esperando pelo momento certo.

— Ela fez de propósito só *pra* me deixar irritada, mas ela me paga, vai ter volta. — O xingamento é dito em voz alta, lá da cozinha.

— Talvez ela perdeu a mão, só isso — respondo, fazendo-me interessada no assunto. Pois assim continuo parecendo simpática e tenho a oportunidade de analisar o jeito dela.

Ouçõ seus passos se aproximando, dou o play no gravador de voz e escondo o celular debaixo da blusa. Mas procuro manter numa boa posição, torcendo que este aparelho grave com nitidez.

E, para minha sorte ela se senta bem ao meu lado.

Ótimo. Assim, capta bem o som da voz dela.

— O doutor ligou avisando, mas pensei que era a loira que vinha trazer as roupas e também não imaginei que ia ser tão rápido. O homem está mesmo com pressa. — Ela diz, dando um sorriso, mostrando-me seus dentes amarelados.

Sinto-me desconcertada pelo o que ela acabou de dizer.

— Roupas? — questiono sem querer. Quando vi já tinha dito.

Concentre-se, Malu ...

Não posso dar bandeira. Mas, sinceramente, acho que ela nem percebe e ainda assim explica:

— É... ele ligou dizendo que ela ia me trazer umas roupas boas e que também ia deixar um dinheiro *pra* eu dar um trato no visual.

— Ah, sim! Claro — concordo.

— Ele disse que não posso aparecer assim no fórum, tenho que causar uma boa impressão. Essas frescuras *todas aí*. Bom, *tu* sabe. — Shirley dá de ombros.

Maldito Henrique, preparando-se para colocar seus planos em ação, mas antes, eu vou destruí-los.

— Sim eu sei. E o *doutor Henrique* — friso bem o nome dele — falou quando você vai ter que ir ao fórum? — investigo, tentando tomar conhecimento dos planos de Henrique, antes de colocar o meu em ação.

— Ele não disse quando, só disse que eu tinha que estar preparada.

— Certo. E você está mesmo disposta a ir lá e dizer que não abandonou a criança? Ou melhor, você quer ela novamente?

Shirley me encara.

— Pelo jeito, *taís* por dentro de tudo então?

— Sou de extrema confiança — afirmo com um bom e amigo sorriso.

Ela se remexe no sofá, puxa uma perna para apoiá-la nele, faz um coque no cabelo e o prende com os próprios fios.

Seu jeito de sentar mais solto, à vontade, demonstra que está desarmada quanto a minha presença e que possivelmente conte tudo que eu preciso, basta instigar que ela fale.

— Você quer mesmo ficar com a criança? — pergunto, novamente.

— Olha... então vou te *bater* a real. Pelo dinheiro que ele me ofereceu e ajuda todo mês que garantiu que vai dar, eu *tô* disposta sim. Eu até cuido de

uma criança nessas condições.

— Então, presumo que foi um bom negócio para você — digo em um tom positivo. Mas o que eu sinto mesmo é ódio dessa mulher interesseira.

— Bom negócio? O melhor da minha vida! Nunca imaginei que *aquela* criança poderia me trazer algo bom.

Engulo cada palavra que ouço, não deixando transparecer meus sentimentos.

— Você não a queria, por isso deixou ela naquela lixeira?

— Claro que não, aquela gravidez foi a pior coisa que me aconteceu. Um erro de percurso entende?

E eu, cheguei a cogitar que essa mulher poderia ser uma vítima de toda a situação, mas que nada. É um monstro mesmo.

— Entendo. Mas então, por que você foi procurar por ela novamente na lixeira? Foi lá que o doutor Henrique te achou, não foi?

— Caramba, mulher! *Tu* sabe de tudo mesmo. — Ela bate no meu braço, e sinto-a até animada em poder compartilhar a história comigo.

— Como eu disse, sou de extrema confiança. — Sorrio, incentivando-a que continue a falar.

— Eu fui algumas vezes lá sim, porque todo santo dia eu ficava com aquele maldito choro dela no meu ouvido, aí eu acabava chapando *pra* ver se passava, só que ficava pior, porque o remorso acabava me comendo. Era agonizante. Mas para minha sorte, num dia desses o doutor Henrique me ajudou e me trouxe até em casa. Acabei contando tudo para ele. Depois de uns dias ele apareceu aqui com a loira e fez a proposta. Não tinha como recusar, é muita grana.

Continuo a sorrir, mas por dentro sinto raiva e repulsa desta mulher, de Henrique e Carolina.

— Então, por dinheiro, você vai na frente do juiz dizer que não abandonou sua *própria* filha?

— É isso mesmo, o doutor disse que é para eu dizer que eu tive ela e que alguém roubou ela de mim, algo assim. Um advogado vai me dizer direito o que eu preciso falar. Aliás é você? Por isso, está aqui?

— Não, não sou eu — falo, pensativa. Digerindo as palavras que ouço. Imagino-me avançando para cima dela e lhe dando uns bons tapas, que é o que ela merece.

— Hum! E onde estão as coisas, não tô vendo bolsa de loja nenhuma aí com você. — Ela diz, interessada.

— É... eu não tenho nenhuma bolsa aqui comigo.

— E por que não? Resolveram me dar tudo em dinheiro? Se é isso eu

acho até melhor.

É impossível segurar a raiva, chega de encenação, agora ela vai saber quem eu sou.

— Não! Eu não tenho roupa e nem dinheiro para te dar! — digo, exaltada, pois não consigo mais ficar aqui ouvindo ela dizer tudo isso com tamanha naturalidade.

— Que palhaçada é essa? Gente rica é assim mesmo... olha só, se vocês pensam que vão me enrolar, podem tirar o cavalinho da chuva, porque eu não sou trocha não.

Levanto-me, ajeito o celular no cós da calça, deixo as mãos livres, preparando-me para o que vier.

— Escuta, Shirley, eu não estou aqui a pedido do doutor Henrique.

— Não? — Ela também se põe de pé. — Então, quem é você?

— Eu sou a mulher que vai adotar Valentina, mas acho que Henrique não te contou sobre isso, não é?

Noto-a ficar nervosa.

— Que porcaria é essa? Eu não quero me meter em confusão. Só fiz um trato com ele.

Encaro-a, e falo tudo que planejei falar e fazer com que essa mulher não siga com a mentira.

— Se você não quer confusão, então é melhor desfazer o trato com Henrique. Shirley, se você for até lá e disser que é mãe dela, com certeza será presa.

— Tu tá maluca? Eu não posso ser presa! Eu sou a mãe dela, tenho meus direitos!

— Você não é mãe dela! — grito — Eu sou a mãe dela. E acredite, você perdeu todos os direitos quando a deixou a mercê da sorte naquela lixeira. Ela poderia ter morrido, você sabia disso?!

— Era esse o objetivo! — Shirley fala e sai da minha frente.

Sigo-a.

— Você estaria ainda mais encrencada do que já está. Eu se fosse você, me manteria nessa sua casa imunda; escondida; sem que a polícia saiba que foi você quem abandonou aquele bebê — falo em suas costas.

Ela se vira, seus olhos estão furiosos.

— Quem *tu* pensa que é *pra* vim aqui me ameaçar? — Shirley fala com as mãos na cintura e o rosto erguido.

— Acredite, isso não é uma ameaça, é um conselho — afirmo.

Sem me intimidar continuo a falar.

— Se fizer o que Henrique está te propondo, você será presa. E aí,

Shirley, nem que você tenha todo o dinheiro para pagar, não vai poder comprar as *paradas* do *Malandro* — aviso-a. Mas uso um ar de deboche.

Ela não é tão burra assim, e pelo que já notei, Shirley não quer saber de polícia.

— *Tais* me falando isso tudo, porque *tu* quer a menina pra ti, não é? Então a gente pode negociar. — Ela ergue as sobrancelhas — Pagando bem, que mal tem. Se cobrir a oferta do doutor Henrique, a criança é tua.

É nojenta a naturalidade de como ela fala.

— Valentina não é uma mercadoria para ser negociada. Você não presta mesmo! — digo, sentindo uma náusea horrível. Um gosto amargo alcança minha boca, engulo com força.

— Mas é minha filha e eu faço o que quiser com ela! — Shirley grita.

Avanço para bem perto dela. Travo o maxilar e fecho minhas mãos em punho. Eu não sei o que irá acontecer a partir deste momento. Mas se for preciso, eu estou pronta para cair no braço com essa mulher.

— Valentina. Não. É. Sua. Filha! — Berro, próximo ao rosto de Shirley. — Você já fez o que queria fazer com ela, descartou-a no lixo. Deixe-a em paz!

Após falar nesse tom agressivo, pensei que em seguida estaríamos nos engalfinhando, mas não... ela apenas me encara por um tempo — lágrimas se formam em seus olhos, mas ela não pisca, impedindo-as que caiam — e então se afasta e vira-se, dando-me as costas.

Inspiro fundo, tentando me acalmar.

— E quer saber Shirley? — falo em um tom brando, mas não vou poupar a verdade do que penso. — Eu tive pena quando soube da história dela, mas agora dou graças a Deus que você tenha feito isso, pois aquele anjo não merecia crescer ao seu lado.

Ela volta a me olhar.

— Por que sou pobre?! — É a vez de ela gritar.

Shirley passa a mão bruscamente pelo rosto enxugando as lágrimas que a contragosto caem.

— Não. Não é porque você é pobre. É porque você não a ama. — Sinto uma serenidade tomar conta do meu ser. — Eu conheço muita gente simples, que o dinheiro falta, mas em compensação o amor sobra e através dele encontra forças para criar os filhos da melhor maneira possível. Eu sei bem disso, e você não imagina o quanto.

— Cala boca! Eu não quero teu *discursinho* moralista. É fácil falar, *tu* deve ter nascido em berço de ouro, com mãe e pai dando tudo.

— Está enganada, eu não nasci em berço de ouro e nem tive pai e mãe

dando tudo, no sentido material. Mas, sim, eu tive mãe e avó dando amor, que era tudo o que eu precisava. E eu não estou aqui querendo dar discurso nenhum. Eu apenas quero que você não tire a chance dessa criança que você trouxe ao mundo viver com uma família que a quer e que já a ama muito, ao contrário de você.

— Aquele médico me prometeu uma grana, já até adiantou algum. *Tu* não vai atrapalhar meus planos.

Nada do que eu tenha dito tocou o coração ou pelo menos a consciência de Shirley. Sua única preocupação é com o *negócio* que acaba de perder.

— Esqueça! Eu já atrapalhei. — Ergo minha blusa mostrando o aparelho preso a minha cintura. — Tenho sua confissão gravada nesse celular, para o seu próprio bem, isso acaba aqui, Shirley.

A boca entreaberta, quer dizer algo talvez, mas ela está atônica e sem reação.

Já chega, dei meu recado e tenho o que preciso. Não há mais nada o que fazer neste lugar, exceto uma última pergunta.

— Quem é o homem que...

— O pai da criança? — ela se apressa em dizer.

— Não... eu não quero saber quem é o pai, pois ele eu conheço bem. O que eu quero saber é quem foi o homem que engravidou você.

— Não faço a mínima ideia — dá de ombros — eram muitos naquela festa. E eu *tava* doidona demais *pra* lembrar com qual deles ou com quantos eu dormi. — Shirley diz com o olhar altivo. Demonstrando que não se importa com o que acabou de dizer.

— *Ok*. Adeus, Shirley.

Caminho até a porta sem dizer mais nada e também sem ouvir. O único som é do estalar das tábuas de madeira cada vez que piso no chão.

Alcanço a rua, deixando para trás esse lugar fétido e as imagens dessa mulher.

Finalmente consigo respirar direito; inspiro e expiro uma vez, duas... e antes que eu possa inspirar e expirar pela terceira vez previamente *aliviada*, eu vejo um carro parado um pouco mais à frente da casa. E imediatamente dá partida assim que os olhos da motorista encontram os meus.

O diabo loiro estava aqui, certamente à espreita ouvindo tudo o que foi dito no covil onde eu nunca mais quero ter de pisar.

— Senhora, graças a Deus. Eu já estava ficando preocupado. — O taxista diz assim que entro no carro.

Jogo-me no banco traseiro. Meu coração palpita, a adrenalina contida

começa a ser liberada e meu corpo treme.

Pondero em seguir Carolina, mas será impossível. Seu carro potente já sumiu de vista.

— Senhora, tudo bem? — O homem me olha preocupado.

— Apenas me leve deste lugar, por favor. — Peço.

Ele assente e dá partida no veículo.

Passo o cinto de segurança, e no momento seguinte descanso a cabeça nas mãos, minha cabeça dói tanto, que parece que vai explodir, mas antes, o que explode é o meu choro.

Ele sai convulsionado...

É uma mistura; de raiva, de dor, alegria, alívio, receio, medo e coragem.

Não sei explicar, apenas sinto e deixo as lágrimas quentes escorrerem dos olhos pela minha face, algumas delas se alojam no canto da minha boca, outras pingam na calça e umas descem até o pescoço.

Eu choro...

Choro...

Decido enxuga-las com as mãos, o preto do *rímel* que antes manchava o rosto, agora estão nelas.

Rio... *minha cara deve estar péssima.*

Rio e Choro...

— Senhora?

Ergo meus olhos, e vejo uma mão estendida para trás com uma caixa de lenço.

— Obrigada.

Ocupo-me em limpar a sujeira em meu rosto e também me acalmar.

— Devo levá-la ao endereço em que lhe peguei?

— Sim, por favor. Vamos para a clínica.

Do lado de fora do carro, a paisagem passa em um movimento rápido, prédios e todo o movimento do centro da cidade se difere do lugar em que eu estava. Depois de um tempo, sinto-me mais calma, mas uma lágrima e outra ainda desce silenciosa. E sem contar que estou completamente ansiosa para chegar logo na clínica, *preciso tanto de um abraço de Leonardo.*

Sinto uma vibração na barriga. *Caramba* o celular! Tiro-o, passo a mão pelo local na minha pele que chega e estar dolorida e marcada.

Estou pronta para passar o celular ao dono dele, mas sem tirar os olhos da direção ele diz:

— Pode deixar tocar.

— *Ok.*

Seguro o celular em minhas mãos, olho para o visor que brilha com a chamada de um número... um número que eu conheço.

Atendo!

— Leo?!

— Malu?!

— Leo?! Leo, sou eu amor.

— Malu?! Pelo amor de Deus! Você está bem? Aonde você está?

— Sim... sim eu estou! — Choro ao ouvir a voz dele.

— Você está chorando, meu amor... Malu, me diga aonde você está que vou te encontrar agora! — sua voz mistura a doçura como sempre fala comigo e o pânico.

— Tá tudo bem, Leo, não precisa — tranquilizo-o, fungando — eu já estou voltando para a clínica.

— Malu, por favor, eu preciso saber se você está segura!

Engulo o choro e arrumo a voz para falar melhor com ele e assim deixá-lo mais calmo.

— Eu estou segura, estou dentro do carro a caminho da clínica.

— Como eu queria estar com você agora, Malu. Eu tive tanto medo nessas horas que fiquei sem notícias sua. Eu...eu tive tanto medo do que poderia estar acontecendo.

— Leo, eu estive com ela, a mulher que abandonou Valentina, foi horrível. Ela é horrível — conto.

— Por Deus, Malu! Você está ferida? Ela te machucou? — Mais pânico em sua voz.

— Fica calmo, Leo, eu não estou ferida, em breve eu chegarei *aí*.

— Eu só vou desligar esse telefone quando eu ver você. Se não quiser, não precisa falar nada, deixe-me apenas, ficar ouvindo o som da sua respiração. Eu preciso disso, Malu.

— Eu estou aqui com você, Leo.

Sem mesmo me importar se o taxista estava ouvindo toda a conversa, no decorrer do caminho conto a ele tudo o que aconteceu, como foi meu encontro com Shirley. Leo demonstra seu inconformismo de eu ter ido até lá sozinha. Não tiro a razão dele, eu ficaria exatamente igual se ele tivesse feito o mesmo. Mas no final das contas ele compreendeu minha atitude repentina. Quando já havia lhe falado tudo, foi a vez dele me atualizar com acontecimentos na clínica, fiquei pasma ao saber que estava sendo vigiada por Henrique e morri de raiva ao saber de Catarina. E também fiquei decepcionada comigo mesmo. *Como pude ter me enganado?* Justo eu, que sempre tive facilidade para sentir o caráter de uma pessoa. Meu sexto sentido falhou desta vez. Contudo, fiquei

aliviada em saber que a polícia já havia sido chamada e cuidado de tudo.

E foi só então no meio de todos os assuntos que me dei conta em saber como Leo tinha conseguido o contato do taxista.

— Leo, como você conseguiu me achar aqui? Quero dizer... o número do taxista?

— Bom, antes eu cheguei a me irritar com o universo. Afinal, você sumir desse jeito e deixar o celular novamente, como da outra vez, só poderia ser uma conspiração contra. Mas então, para remediar a situação ele me enviou uma pessoa que me deu este número.

Priscila, só pode ter sido ela.

— Na verdade, eu ainda não sei o nome dela — sinto-o sorrir — mas eu sei que ela tem uma torta de cereja aqui para você e a cara está ótima. Por isso, acho bom chegar logo, pois Beth já está aqui e você sabe, a Beth adora essas tortas.

Sorrio e me surpreendo em pensar que Priscila foi até a clínica para me dar uma torta e no final das contas acabou ajudando Leo a me encontrar. E sorrio ainda mais, soltando até uma gargalhada em imaginar Beth, salivando em cima da minha torta.

Meu riso faz Leo rir também.

Mas de repente, ele fica em silêncio e diz sério, sem humor:

— Malu, eu só vou conseguir voltar a respirar, quando te ter em meus braços novamente. Então, por favor, diga que você está chegando.

No exato momento em que ele termina de dizer isto, o carro estaciona na frente da clínica. Eu não preciso lhe avisar, pois ele já está na frente da clínica com o telefone no ouvido e olhos como de uma águia esperando por mim. Ao me ver ele deixa o telefone descer lentamente do seu ouvido.

Seu olhar se suaviza.

Deixo o carro sem me preocupar em falar com o taxista e sem lhe entregar o seu celular. *Faço isso depois.*

Sustentando nossos olhares, corremos um para o outro.

Assim que nossos corpos se chocam, afundo-me em seu peito. Ele me abraça apertado.

Com o ouvido colado no peito dele, ouço um coração acelerado e descompassado, tal qual o meu. Ficamos alguns segundos assim, sentindo a segurança que transmitimos um ao outro. Quando nossos corações se acalmam, eu ergo minha cabeça, olho para ele.

— Você pode respirar agora, Leo.

Em seguida seus lábios encontram os meus, ele me dá um beijo que normalmente me tiraria o fôlego, mas a sensação é outra. Já que, quando sua

respiração quente e pesada se mistura com a minha eu sinto um profundo sopro de alívio, tranquilidade e amor alcançar bem mais que meus pulmões, chega até o meu coração.



Numa fração de segundos

LEONARDO

Seguro seu rosto em minhas mãos, acaricio sua face com o polegar, deslizando-os até os lábios que acabei de beijar.

Mergulhado nos olhos de tons marcantes que me encantaram desde o primeiro instante que os vi, eu percebo neles a exaustão ocasionada por lágrimas e sem contar uma mancha preta em volta deles, certamente a maquiagem que não suportou o dilúvio que jorrou através deles.

Até quando será assim? Até quando ficarei aqui apreensivo quando Maria Luiza sair da clínica, até quando temerei que algo ruim possa estar acontecendo? *Eu sei bem até quando.* Enquanto Henrique estiver solto por aí, ligando para ela e fazendo suas ameaças isso vai acontecer.

Mas isso vai ter que acabar, pois não quero nunca mais ter que ver Maria Luiza assim.

— Malu, me prometa que nunca mais sairá da clínica sem avisar, sem me contar o que está acontecendo. Não suportarei mais um susto desses. E sem contar no risco que correu indo até aquele lugar sozinha.

Ela sorri, sem graça.

— Você tem toda razão, meu amor, me desculpe. Prometo que nunca mais farei isto.

Abraço-a mais uma vez, beijo a sua testa.

— Obrigado — sussurro, sentindo a sensação reconfortante que é tê-la em meus braços novamente.

Beth se aproxima, toca o ombro de Maria Luiza.

— Malu, querida, você está bem? Por favor, não nos dê mais este tipo de susto. — Logo em seguida as duas estão em um abraço apertado.

Quando contei a Beth tudo que estava acontecendo, ela não saiu do meu lado e assim como eu, minha melhor amiga e mãe também ficou extremamente preocupada.

— Minha nossa! Suas mãos estão geladas! É melhor entrarmos e conferir se ela está mesmo bem. — Beth, fala alarmada.

— Sim, vamos — respondo, pegando a mão de Maria Luiza, que realmente parecem duas pedras de gelo.

— Espera! — Maria Luiza diz, fazendo-nos parar. — Eu preciso pagar o taxista, pegar minha bolsa e também lhe devolver o celular — explica.

— Eu faço isso, vá entrando com Beth. — Acaricio seu rosto.

— Está bem, mas antes tenho que enviar o arquivo do áudio para você. — Malu tira o celular do bolso de trás da calça. Ela começa a percorrer o dedo pelo celular e noto-os trêmulos.

Apesar de afirmar o tempo todo que está bem é nítido que ela ainda está abalada com tudo o que teve de passar.

Ela termina de enviar o arquivo, no segundo seguinte o alerta de mensagem toca em meu celular. Confiro se o arquivo chegou corretamente. Feito isto, pego o aparelho que está em posse de Maria Luiza e vou devolvê-lo ao seu dono.

— Eu já volto — comunico.

E antes de me afastar, ouço alguém chamando por Malu.

— Maria Luiza?! — É a mulher que trouxe a torta e o mais importante, a que me passou o contato do taxista.

Ela se aproxima um tanto receosa.

— Priscila! — Malu responde surpresa. E sem que digam qualquer outra palavra as duas se abraçam.

No momento em que Priscila me abordou na recepção da clínica realmente não lembrava do nome dela e nem me preocupei com isso, apenas em pegar o cartão que ela tirou da bolsa me dizendo que era do taxista que havia levado Maria Luiza aquele lugar da outra vez.

Maria Luiza comentou por cima comigo sobre a relação das duas, mas acredito que o que aconteceu acabou aproximando-as mais uma vez. E bem, eu de verdade sinto-me grato a Priscila, por ter aparecido no momento certo e ter

feito com que eu encontrasse Maria Luiza

Deixo as duas conversando acompanhadas de Beth e vou fazer o que me propus. Devolvo ao homem o celular, pego a bolsa de Malu e pago-lhe o que é devido. E por fim, agradeço. De alguma maneira ele também contribuiu para que ela voltasse segura até a clínica.

Dentro da clínica a caminho do elevador, encontramos-nos com Luís (liguei pedindo que viesse), Derek e Beatriz, junto deles está uma mulher que julgo ser a delegada, pois ainda não tinha visto-a até este momento, pois tudo que fiz foi me preocupar em achar Maria Luiza. Logo atrás dela, um homem conduz de uma maneira sutil — porém segurando pelo braço — Catarina e Marcus, ele tem cada um deles em seu lado. Paro diante deles e sem conseguir olhar para os demais, apenas encaro Marcus, ele desvia o olhar.

Não posso acreditar que ele também estava envolvido com Henrique, ajudando-o nisso tudo.

— Eles estão sendo levados para prestar o depoimento na delegacia. — Luís se adianta em dizer.

— Marcus também? — pergunto.

— Sim, conforme Catarina contou e o próprio Marcus confirmou, ele foi o responsável por colocar uma escuta no telefone da sala. — Meu cunhado explica.

Olho incrédulo e decepcionado para ele.

— Eu não tive escolha, doutor. — Marcus fala, tomado pela culpa e arrependimento. — Doutor Henrique ameaçou que eu perderia meu emprego. — Tenta justificar seu ato.

— Todos temos uma escolha, Marcus — afirmo — Você tinha que ter me contato.

E mais do que me sentir com raiva dele ou traído, pois Marcus sempre foi uma pessoa em quem confiei, eu lamento por ele estar nessa situação.

Sem deixar que a conversa se prolongue a delegada faz sinal para que o seu companheiro de trabalho os leve para a delegacia. Tanto Catarina quanto Marcus saem de cabeça baixa. Na mulher eu não vejo nada, mas no homem eu vejo o arrependimento estampado em seu rosto. E isso só me faz lamentar ainda mais que ele esteja envolvido na sujeira de Henrique.

Beatriz pigarreia, chamando minha atenção.

— Doutor? — Olho para ela — Esta é a delegada minha amiga. — Ela diz, apontando para a mulher de jaqueta de couro preta, jeans, o cabelo preso no alto da cabeça. As mãos dela estão na cintura o que acabam fazendo-me olhar para o distintivo preso ao cinto da sua calça.

— Obrigado por ter vindo tão prontamente, delegada...

— Delegada Nelminha. — Ela responde, cumprimentando-me.

— Eu sou o doutor Leonardo e esta é minha noiva Maria Luiza.

As duas estão trocando cumprimentos, educadamente, quando Derek resolve soltar um comentário, fazendo-nos congelar no lugar.

— Nelminha... — ele diz, pensativo — esse nome não deve assustar muito os bandidos não.

Assim que ele fala, todos os pares de olhos estão nele. Beth lhe dá um cutucão, eu o encaro com um olhar de repreenda, Malu tosse e Beatriz lhe lança um olhar furioso.

Quero um buraco bem fundo nesse momento para enfiar Derek.

A delegada solta uma risada, mas não há humor nela.

— Não, realmente o nome não. Mas o meu cruzado de direita sim. Se o doutor quiser posso mostrar. — A devida resposta é dada pela delegada e seu tom é bem ameaçador.

Derek engole em seco.

— Não, muito obrigado. Eu preso pelos dentes em minha boca e principalmente pela integridade do meu rosto. Só estava brincando, doutora delegada, foi só para espantar o clima tenso, sabe? Me desculpe. — Ele tenta disfarçar o constrangimento. Mas eu o conheço bem e sei que está envergonhado.

— Acho que não ajudou muito, Derek. — Malu diz, fazendo uma careta para ele.

Derek nos olha, coça a cabeça e totalmente sem jeito diz:

— Bom, acho melhor eu ir ver como está aquele nosso paciente, doutor Leonardo.

— Faça isso — respondo. — E Derek, obrigado por tudo até aqui.

Ele assente e sai sem nem olhar para a delegada.

— Me desculpe, por isso — digo a ela.

— Tudo bem, doutor, não é o primeiro nem o último comentário que ouço nesse sentido — Nelminha inspira fundo. — Agora se me dão licença eu vou para minha delegacia, o dever me chama.

— Claro. E obrigado mais uma vez, por ter vindo até aqui — digo, sincero.

A mulher de jeito durão, mas semblante amigável, sorri e se despede de todos.

Luís também se despede.

— Eu vou junto para acompanhar os depoimentos e ver como ficam as coisas para o lado daqueles dois. Te mantenho informado.

— Obrigado, Luís.

Depois disso cada um segue para os seus afazeres na clínica. Beatriz para a recepção da pediatria e Beth a acompanha para cuidar de tudo por lá.

Eu decido levar Malu para a sala de reunião, para continuarmos nossa conversa — quero saber em detalhes como foi o encontro dela com aquela mulher — e principalmente ouvir com calma a gravação e planejar nossas ações a partir de agora. Henrique não pode mais ficar solto por aí causando-nos pânico.

— Meu amor, você tem certeza que está se sentindo bem? — questiono, enquanto estamos no elevador.

— Agora que estou com você, sinto-me melhor, de verdade. — Ela responde com um sorriso.

Abraço-a mais uma vez, agradecido a Deus, por ela estar finalmente ao meu lado.

— Isso está prestes a acabar, Malu. — Beijo o topo de sua cabeça antes de as portas do elevador se abrirem.

Caminhamos de mãos dadas até a sala, percebo os funcionários nos olhando e fazendo algum comentário um para o outro. Mesmo que tenhamos tentado fazer tudo discretamente, é evidente que o assunto e a curiosidade sobre o que aconteceu por aqui horas antes, está presente. Mas isso não é algo que me preocupe no momento.

Abro a porta e quem eu vejo é justamente quem eu estou procurando. Acho que o universo está me dando aquela forcinha.

Ele está abaixado vasculhando as gavetas do armário, e pelo visto está tão concentrado que não nos ouve entrar.

— Ah meus Deus... — Malu sussurra. Segurando com força meu braço.

— O que você pensa que está fazendo? — Vocifero indo em direção a Henrique. Minha voz o faz se levantar em um sobressalto.

Nos encaramos por breves segundos. A última vez que ficamos diante um do outro foi naquele fatídico almoço, *onde toda a verdade veio à tona*. E desde então, não o tinha visto. Mas posso dizer que ele não está nada diferente do jeito que saiu de casa naquele dia: a mão continua com uma tala no dedo, os cabelos de fios grisalhos não estão penteados para trás como costumeiramente usa, e sim uma bagunça do tipo sem cuidado algum, aliás ele todo está com uma aparência bagunçada.

— O que está fazendo aqui?! — repito.

— Pegando o que me pertence. — Ele diz, voltando a abrir e fechar as gavetas.

— Nada nesta clínica te pertence. Mas é até bom que esteja aqui, assim finalmente posso acertar minhas contas com você, seu imprestável. — cuspo, sentindo o calor da raiva passar meus poros.

Ele me olha com seu jeito impetuoso de sempre.

— O quê? Não me diga que vai bater no seu próprio pai?

— Não me tente, pois você não age como um pai, e, portanto, não me importo em fazer se for necessário.

— É... você mudou bastante mesmo. Onde está o Leo paz e amor?

— Estou avisando, não me provoque.

— Leo, calma! — Malu toca o meu braço.

— Onde está? — Henrique pergunta, com os olhos vidrados em Maria Luiza.

— Afinal o que você tanto procura? — encaro-o.

— Meus extratos! Eu quero os extratos das minhas contas, me dê! — sua voz sobe um tom demonstrando seu descontrole.

— Extratos? — transfiro meu olhar para a Maria Luiza.

— Vincent os trouxe mais cedo. — Ela explica.

— Isso, aquele traidor de merda. — Henrique diz, consternado. — Anda, eu quero, me entreguem.

Malu inspira fundo.

— Não perca seu tempo, pois eles não estão em nenhuma dessas gavetas. E mesmo que estivessem e você os encontrasse, acha mesmo que eu não teria me preocupado em fazer mais cópias?

Henrique dá alguns passos em direção a Maria Luiza, sou mais rápido e me coloco a frente, protegendo-a.

Por cima dos meus ombros ele diz:

— Você se acha muito esperta, não é? As contas já foram limpas e sem aqueles extratos vocês não podem provar nada, esse dinheiro já está muito longe daqui.

Balanço a cabeça em desgosto.

— Como você pode fazer tudo isso contra a própria família? Para quê todo esse dinheiro? Sua vida é boa e estável o que te fez querer roubar a clínica. Eu não entendo.

— Eu não roubei nada, esse dinheiro é meu! — Henrique brada. — É o dinheiro de anos de dedicação e muito trabalho.

— Você ultrapassou todos os limites e vai pagar por tudo que fez atrás das grades — digo, e a cada diálogo dessa conversa eu sinto mais ódio desse homem.

— Estou morrendo de medo. — Ele joga as mãos para o alto.

— Eu acho que está sim, pois ligou me ameaçando e pedindo que eu fizesse Leonardo não denunciar você a polícia. — Maria Luiza rebate, ainda detrás do meu corpo.

— Cala a boca, sua *vadiazinha*, e me entregue tudo o que tem.

Desgraçado.

Todos os limites da minha paciência foram esgotados, eu parto para cima de Henrique.

— Cala a boca, você! — grito e em seguida minha mão atinge o seu maxilar. Seu corpo vai para trás com o impacto e eu vou para cima dele novamente.

Seguro-o pelo colarinho da camisa e vou empurrando-o até que seu corpo bata na parede. Ele tenta se soltar, tenta escapar, mas por Deus eu uso toda a minha força para mantê-lo preso.

— Já chega! — De tão próximo que estou de Henrique, chego a sentir sua respiração densa tocar meu rosto. — Você NUNCA mais vai ameaçar e nem machucar as pessoas que eu amo.

Não penso em mais nada e dou-lhe o segundo soco, este atinge a boca e do seu lábio inferior surge sangue.

Seus olhos me encaram com medo.

Ele me fez nutrir tudo isso e agora eu preciso colocar para fora toda a raiva que Henrique despertou em mim.

Aperto mais um pouco a camisa em volta de seu pescoço.

— O primeiro soco foi por você xingar a minha mulher e fazer tudo que fez interferindo em sua vida através das mentiras que contou a mãe dela. O segundo foi pela dor e trauma que você fez Beth passar.

Ele arregala os olhos.

— Eu sei de tudo, seu desgraçado! Eu tenho nojo de você — digo, entre dentes.

— Leo, por favor não faça isso! — Maria Luiza pede.

Inspiro fundo e pesadamente. Fecho os olhos um instante, a imagem de Henrique brincando comigo e com Melissa quando éramos criança preenche meus pensamentos. Uma pontada de dor e mágoa se afunda em meu peito. Abro os olhos imediatamente e aí lembro de minha irmã e minha mãe.

Trêmulo e triste, acerto seguidamente dois socos no rosto do homem que chamei de pai e que amei por trinta anos da minha vida.

Os nós dos meus doem e ardem.

— Um foi por você magoar a mulher que te amou esses anos todos, minha mãe. E o outro por ter feito o coração de Melissa se quebrar por tanta decepção que você causou a ela.

Solto minhas mãos dele, Henrique fecha e abre os olhos repetidamente, zozinho ele balança a cabeça, seu corpo desce devagar, escorregando pela parede.

Sentado apoiando-se na parede, a expressão de dor está em seu rosto

avermelhado. Ele ergue o olhar para encontrar o meu.

— Eu as amo mais que tudo nessa vida. — Ele diz, limpando o sangue de sua boca.

— Não fale de amor! Você não sabe o é isso! Se amasse mesmo não teria feito tudo o que fez!

Não posso acreditar que ele está falando de amor. Abaixo-me e vou até o chão onde ele está.

— Você — toco o peito dele com meu dedo — destruiu a nossa família!

Henrique gesticula negativamente.

— Não... não fui eu. Tudo isso só começou porque essa maldita mulher — ele ainda tem forças para erguer a mão e apontar para Maria Luiza — surgiu em nossas vidas. Foi por causa dela que tudo isso começou. Se ela tivesse permanecido longe de nós nada disso estaria acontecendo.

— Você é um covarde, desgraçado. Foi VOCÊ que destruiu a nossa família com a sua ambição desenfreada! — falo a segurar no colarinho de sua camisa. Maria Luiza tenta me afastar de Henrique, mas não consegue.

— Leo, filho, pare!

Reconheço essa voz de comando, é Beth, junto com Maria Luiza ela tenta me afastar de Henrique.

— Leonardo, olha para mim, filho! — Beth segura meu rosto com as duas mãos — Solte ele. Solte...

Não solto.

Beth se ajoelha ante a mim.

— Leonardo? — Seus dedos tocam meu queixo, erguendo minha cabeça e assim tirando meus olhos do rosto de Henrique.

Minha melhor amiga e mãe biológica me olha, serenamente, concentro-me no brilho bonito que sua íris verde possui, o amor que há contido em seu olhar me faz tomar ciência de que este é o tipo de sentimento que é válido, e não a raiva.

Sua mão vai até a minha e então ela diz:

— Eu não poupei sua vida e sua mãe não te criou com todo o amor do mundo para que agora, você suje as mãos com sangue de violência. Suas mãos salvam vidas, Leo. E, às vezes, estão sujas de sangue sim. Mas é o sangue de vida, como quando por exemplo você pega um recém-nascido no colo, assim que deixa o útero da mãe. Lembre-se disso, filho. O amor que demos a você tem que ser maior do que o ódio que esse homem despertar em você.

Um nó se forma em minha garganta. Sinto as mãos de Maria Luiza em meus ombros.

— Lembre-se, meu amor, você é um homem bom.

Respirando entrecortado, imediatamente solto a camisa de Henrique, sento-me no chão, *derrotado*. Levo as mãos ao rosto. Como pude permitir que a raiva fizesse isso? Eu queria sim dar a ele uma lição antes que fosse preso, mas...mas bater nele não mudará nada. A raiva me cegou completamente e isso acaba comigo, bem mais do que se tivesse sido eu quem levasse os socos.

Baixo a cabeça, com vergonha e profundamente arrependido.

— Já passou, meu amor... já passou. — Maria Luiza me abraça.

Henrique geme ao lado, ele tenta com dificuldades ficar de pé. E acaba conseguindo.

— Devemos chamar alguém para dar uma olhada nele. — Beth diz, e eu não sei ao certo se é uma pergunta ou uma afirmação. O fato é que concordo.

— Sim. Devemos.

— Não precisa. Eu estou bem. — Henrique responde.

— Mas não pense que você irá sair daqui — digo, levantando-me.

Ao ficar de pé, sinto o celular tocando no bolso da calça. Tiro-o e vejo no visor o rosto da minha mãe. Passo a mão pelo rosto.

— Deixa que eu atendo. — Malu oferece, percebendo que não estou em condições de falar agora.

Agradecido, passo o celular para ela e peço que não comente nada sobre o que aconteceu aqui.

— Eu vou embora daqui. — Henrique se afasta indo para a porta.

— Não. Você não vai. — Paro diante dele.

Ele bufa.

— Você não pode me impedir.

— Eu posso e vou.

Começamos a discutir novamente.

— Leo? — Malu chama...

Mas acabo não dando atenção, mantenho-me concentrado em Henrique.

— Leonardo?!!! — O grito de Malu chamando meu nome ecoa na sala.

Seu grito nos faz parar imediatamente e olhar para ela.

O rosto de tonalidade morena assumiu um branco tal como uma cera.

— Você precisa falar com sua mãe. Algo terrível está acontecendo lá na casa...

Não deixo que termine de falar, tomo o celular das mãos dela.

— Mãe?!

— Leonardo! Filho... — Minha mãe chora ao telefone.

— O que houve mãe?!

Com as palavras quebradas pelo choro e a respiração descompassada ela diz o que eu não queria ouvir.

— Ela está aqui, Leonardo. Carolina está aqui em casa completamente transtornada, ela tem uma arma e está com a...

“Me dá esse telefone aqui, deixa que eu falo” — Ouço a voz de Carolina, interrompendo a ligação.

— Leo, meu amor — ela grita ao telefone, forçando-me a afastá-lo do ouvido — venha para casa tenho uma surpresa pra você.

Coloco o celular na função viva voz.

— Que surpresa? Carolina, o que quer que esteja planejando, não ouse machucar ninguém.

— Não machucarei ninguém se você vier até aqui. — Seu tom de voz baixa, e as palavras saem sem o mesmo entusiasmo de antes.

E sinceramente, não sei qual é mais assustador.

— Está bem eu vou. Mas... Carolina que surpresa é essa? — investigo, tentando compreender o que essa maluca está querendo.

— Seu eu contar deixa de ser surpresa. Venha, depressa.

E antes que a ligação seja encerrada, escutamos o choro de um bebê e em seguida a voz de Miguel dizer: “Me deixa segurar ela, Carolina. Me dá essa menina aqui”

Maria Luiza, arregala os olhos e a cor de seu rosto some totalmente.

— Valentina — sussurramos juntos.

Beth leva as mãos a boca.

— Meus Deus! Carolina pegou Valentina e colocou todos da casa na mira de uma arma.

— O que aquela maluca fez? — Henrique diz, preocupado.

— O que ela fez? O que você mandou, afinal é sua comparsa, não é? — acuso-o.

— Eu nunca disse para ela pegar a criança e muito menos fazer mal a sua mãe. Ela enlouqueceu só pode. — Ele me olha, assustado.

— Pelo amor de Deus! Vamos logo, Leo! — Malu segura em meu braço.

— Eu vou também... — Henrique diz.

— Não! Você vai para a delegacia. Eu vou chamar a polícia.

— Eu posso ajudar com a louca da Carolina. — Suas palavras soam sinceras.

Pondero.

Malu puxa meu braço.

— Leo, não podemos perder tempo e talvez Henrique possa mesmo ser útil com Carolina. — Ouço o conselho de Malu.

— Tudo bem, mas você vai comigo no carro e pode ter certeza que de lá você só sai algemado.

Ele parece não se importar com o que eu digo.

— Apenas vamos logo, Leonardo! Cada minuto que estamos aqui discutindo ela está lá cometendo as loucuras.

Sou obrigado a concordar com ele.

— Eu ficarei aqui, vou chamar ajuda. Por favor, tomem cuidado. — Beth diz, apertando minha mão.

Saímos correndo em direção ao elevador.

Conduzo o carro o mais rápido possível, desvio dos veículos à minha frente, costurando o trânsito, fugindo de qualquer engarrafamento. E em alguns momentos acabo ultrapassando o sinal vermelho.

— O que Luís disse?

— Que a delegada já pediu reforços e estão indo para lá.

— Ótimo!

Olho para Maria Luiza, noto suas mãos trêmulas. E pensando bem, não sei se ela ter vindo foi uma boa ideia. Não sei ao certo o que nos espera, mas seria impossível impedi-la. Ainda mais sabendo que Carolina está com Valentina.

“Completamente transtornada, ela tem uma arma”... relembro as palavras ditas por minha mãe, cerro com força as mãos ao volante.

Um silêncio se instala no carro, Maria Luiza fica de olhos fechados, com as mãos unidas ao peito, como se estivesse rezando. E tomara que esteja pois precisaremos de toda a ajuda possível.

Olho rapidamente pelo espelho retrovisor e vejo o rosto todo marcado de Henrique, no centro da testa um vinco acentuado de preocupação, mas se não fosse por ele nada disso estaria acontecendo.

Tenho vontade de xingá-lo. Até abro a boca para falar, mas no mesmo momento Maria Luiza leva os dedos aos meus lábios.

— Agora não, Leo. Se preocupe em nos fazer chegar logo. Apenas isso.

MARIA LUIZA

Quanto seu corpo pode suportar de adrenalina em um único dia? Um atleta de esportes radicais certamente vive com ela correndo nas veias o tempo todo.

Mas e *eu*? A Maria Luiza, de uma vida pacata e normal sem muitos acontecimentos — até então — bom, eu não sou capaz de suportar muito. E por isso, apesar de saber que meus níveis estavam altos e minha preocupação ainda maior, tentei com todas as forças me acalmar, fiz isso rezando e pedindo a Deus que nos iluminasse e que nada de mal acontecesse a nenhum de nós e muito menos a minha pequena menina valente.

Estou completamente calma agora? Evidente que não. Mas estou conseguindo raciocinar direito, e estou ciente que todos os nossos atos devem ser muito bem pensados. Carolina não é uma pessoa equilibrada — e está armada — neste momento saber lidar e fazer parte da sua loucura, talvez seja a única forma de desmontá-la.

Expus isso a Leonardo e ele também achou prudente abordá-la com calma, dançar a música dela até que tenhamos tudo sob controle.

— Está tudo muito silencioso. — Henrique fala ao sair do carro.

É bizarro tê-lo, literalmente, ao nosso lado.

— Doutor? — Uma voz chama.

Nós três nos viramos ao mesmo tempo e avistamos uma das empregadas correr, desesperada, em nossa direção.

— Graças a Deus! Nós já chamamos a polícia e também uma ambulância!

— Ambulância?! — dizemos, em uníssono.

— Doutor Carlos Miguel foi atingido na perna, ele tentou tirar a arma das mãos de Carolina.

A pouca calma que possuo começa a se esvaír.

— Meu pai foi ferido?!

— Sim, pelo que eu consegui ver, foi na perna. — Ela explica.

— Meu Deus do céu! Nós temos que ir depressa. Onde eles estão?

— Na área da piscina, estavam todos tomando café da tarde quando ela chegou.

— Todos? Todos quem?

— Sua avó, mãe, o doutor Miguel e Melissa. Por sorte o bebê dela estava

dentro de casa dormindo, a babá está com ele agora.

— E Valentina? — Leonardo pergunta.

— Valentina está com Carolina, ela está louca, doutor. Só me dei conta do que estava acontecendo quando fui ver se eles precisavam de mais alguma coisa para o café. Pois, Carolina chegou aqui bem, aparentemente tranquila e só depois é que começou ameaçá-los com a arma. Então eu corri para dentro para avisar os outros funcionários e liguei para a polícia. — A mulher de meia idade conta, alarmada.

— Você fez o correto. — Leo diz, seu tom é tranquilizador.

— Eu vou até lá. — Henrique avisa. — Essa garota mimada e louca já encheu demais o meu saco. Já chega!

— Espera! Sou eu quem ela espera. Vou primeiro.

Os dois seguem caminhando a passos firmes e rápido. Eu vou logo atrás.

Mesmo querendo ver com meus próprios olhos tudo o que está acontecendo e desejando profundamente tirar Valentina das mãos da louca, antes de alcançar o campo de visão, eu paro. Se Carolina ver que estou aqui pode perder ainda mais o controle.

Leonardo olha para trás, assente, compreendendo minha intenção. Mas antes dele ir para a mira de Carolina, ela volta alguns passos, segura meu rosto entre suas mãos, sussurra com lábios colados ao meu:

— Eu te amo.

— Eu também te amo. — Forço a saída das palavras entre o carço ocasionado pela angústia que está em minha garganta.

— Hoje, tudo isso acaba. — Ao dizer isso, Leonardo se vai.



— Carolina?! — Leonardo chama-a, anunciando assim a chegada dele e de Henrique.

— Carolina, coloque devagar essa arma no chão e entregue essa criança. — Ouço Henrique dizer.

Não contenho a ansiedade, preciso ver. Aproximo-me e espio através de alguns arbustos do jardim.

Carolina está de pé segurando Valentina apenas em um dos braços, e o outro ela balança de um lado para o outro com a arma na mão, apontando para a mesa onde estão Miguel, *meu Deus, ela foi capaz de atirar nele*, vó Laura, Luiza e Melissa.

— Henrique, você não me dá ordens. — Ela responde brava.

Henrique e Leonardo dão mais alguns passos em direção a Carolina.

— Vamos, Carolina, arma no chão e entregue a criança. Você não está nem a segurando direito. — Henrique insiste.

Ela solta uma gargalhada.

— Agora você se importa com a bastardinha, é isso mesmo?

— Nunca estive em meus planos raptar essa criança ou fazer mal a ela.

Leonardo e todos os outros observam Carolina e Henrique. Leonardo certamente estudando o momento certo de agir. Os demais, sem muita opção, pois a mira da arma continua dançando na mão de Carolina, entre eles.

— Seus planos fracassaram Henrique e então eu sabia que tinha que fazer por mim, pois você não ia me ajudar como combinamos. Aliás, não sei o que você está fazendo aqui. Eu chamei Leonardo e não você — esbraveja.

— E eu estou aqui. — Leonardo diz em tom brando. — Carolina, se acalme está bem? Eu estou aqui.

— Leonardo, meu amor, que bom que você veio. Eu a peguei para você. Queria essa criança não queria? Eu a peguei para você. — Vejo-a envolver Valentina com o outro braço, a arma fica tão próximo ao rosto da minha menina, e isso aumenta ainda mais o meu medo.

Valentina começa a chorar. Meu peito se comprime em dor.

— Pare de chorar, a mamãe está aqui. — Carolina balança Valentina com força, fazendo-a chorar ainda mais.

— Por que ela não para de chorar... você tem que parar, eu sou sua mamãe. — A louca grita!

O choro aumenta, tornando-se alto e assustado.

Eu não vou suportar ver isso e não fazer nada.

— Não faz isso com ela! — Saio detrás do arbusto fazendo-me ser notada por todos. Tornando-me assim, mais uma peça nesse jogo de xadrez.

— O que essa mulher está fazendo aqui? — Ela vocifera.

Quero correr até ela e arrancar a minha filha dos braços dessa louca desvairada, mas reprimo todos os meus instintos, e caminho com calma, paro, analisando tudo, tal qual o jogo exige.

— Tudo bem... tudo bem — digo, erguendo minhas mãos, como sinal de rendição — eu vim aqui apenas para te dizer que eu estou tirando meu time de campo, *ok*? Leonardo é todo seu.

Nesse momento, Carolina tem sua total atenção em mim, os olhos vidrados observam cada passo que dou, mas ela não me afasta, e seu interesse no que tenho a falar, aumenta.

— Como assim? Todo meu? — Ela se interessa.

— É você quem ele ama, comigo foi apenas um passa-tempo como você mesmo disse. Ele é todo seu — repito. Numa tentativa arriscada, tento soar o mais convincente, fazendo-a morder a isca.

E parece dar certo, ela abaixa a mão que segura a arma e deixa o braço solto ao lado do corpo, e mais relaxada, muda a direção de seu olhar para Leonardo.

— Isso é verdade, Leonardo? Você me ama?

— Sim, isso é verdade. — Ele responde, fazendo Carolina sorrir. — Mas, agora, vamos fazer o seguinte, você entrega a Valentina e eu fico com você.

— Você quer que eu entregue ela para essa mulherzinha? Mas ela é nossa filha. — Carolina ergue o braço e balança a mão com a arma em minha direção.

Mas é uma louca de pedra mesmo.

— Entregue ela para Maria Luiza, poderemos ter nossos próprios filhos, o que acha?

As palavras de Leonardo fazem o rosto de Carolina suavizar, fazendo-a sorrir abertamente. Ótimo, parece que a estratégia está dando certo.

— Eu vou até aí, vou pegar a Valentina e sumo da sua vida. Você nunca mais irá me ver, eu prometo — digo e começo a me mover novamente nesse tabuleiro de xadrez.

Lentamente, dou um passo de cada vez até que ultrapasso Henrique — que está posicionado mais atrás de Leonardo — e quando fico com o corpo pareado ao de Leo, evito ao máximo virar a cabeça para o lado e deixar que meu olhar encontre com o dele e Carolina perceba algo. Fito a minha frente os que estão à mesa. Eles observam calados, sem ensaiar qualquer movimento. E isso é bom. Nada agora pode atrapalhar o nosso plano — eu pego a Valentina, saio

daqui e depois Leonardo desarma Carolina, tudo na maior calma possível.

— Tudo bem. Eu aceito a troca. — Ela diz por fim.

Graças a Deus!

Encurto a distância e a cada passo que dou estou mais perto de tirar minha filha dos braços do diabo loiro e também mais perto da mira da sua arma.

Aproximo-me o suficiente e paro diante dela, não faço nenhum movimento.

— Vamos, pegue logo essa criança, não aguento mais esse choro. — Carolina estica os braços quase jogando Valentina em meus braços, como se ela fosse um simples pacote, com as mãos trêmulas eu a seguro em meu colo. Ergo seu corpo na altura do meu rosto e beijo-a.

— Não chora, meu amor, eu estou aqui — falo baixinho, ninando-a na tentativa de lhe acalmar. Repito as palavras, para que ela ouça minha voz uma vez mais e a mantenho seu corpo bem junto ao meu rosto fazendo com que ela sinta o toque dos meus lábios.

Dou as costas para a louca que me odeia, e começo a fazer meu trajeto de volta. Evito mais uma vez o olhar do homem que eu amo, mas eu percebo que o dele está ali — em nós duas.

Já terminando de cruzar meu caminho com o de Leonardo, a voz de Carolina ecoa.

— Maria Luiza?

Congelo no lugar, não olho para trás. E a partir daí a câmera lenta é acionada e tudo acontece numa fração de segundos.

Olho para Henrique que está alguns passos distantes de mim, ele arregala os olhos, ergue as mãos e seus lábios se movem gritando “Carooooolina! Nãoooo”. Em seguida sinto o corpo de Leonardo se chocando ao meu, seu peito cola em minhas costas, como um escudo me abraça forte envolvendo os seus braços em mim e em Valentina, que eu continuo a segurar no alto do meu peito, quase junto ao meu rosto.

Em seguida ouço o som do estampido alto de um tiro, e tão logo sinto o impacto no corpo de Leonardo que reverbera no meu e no mesmo instante tenho a sensação de uma ardência em meu corpo. As pernas fraquejam e ambos, começamos lentamente a cair de joelhos, o corpo de Leonardo não se separa do meu conforme vai caindo, porém não sinto mais seus braços me segurar com a mesma força. Henrique corre em nossa direção e antes que nossos corpos se choquem totalmente no chão, Henrique tenta nos segurar com um braço e o outro ele tira Valentina de mim, amparando-a em seu peito, para que o corpo frágil não caia no chão junto conosco. E, mesmo que amortecidos pelas mãos de Henrique que estão firmes em meu ombro e de Leonardo, nossa queda é

inevitável.

Caímos lado a lado.

Sinto uma dor diferente de qualquer dor que eu tenha sentido antes, uma ardência que se mistura com um queimar, levo a mão por cima da blusa no lado esquerdo do abdome, onde é a origem da dor. Parece estar molhado, levanto a tecido, toco novamente o local, meus dedos trêmulos são envolvidos pelo líquido espesso e quente. Tiro-os debaixo da roupa, elevo a mão na altura dos olhos e vejo vermelho escuro pintado em meus dedos. Engulo a saliva com força, tentando controlar a respiração.

— Malu — Leo sussurra. Viro a cabeça para o lado. Seus olhos estão arregalados, ele passa a língua nos lábios, puxando o ar com força.

— Leo...

— Malu, a bala me atingiu e ultrapassou meu corpo, você está ferida. E eu quero que você fique acordada, fique acordada, Malu. — Sua voz sai abafada e a pupila de seus olhos estão dilatadas.

Um calafrio percorre meu corpo e eu não sei se é por causa do tiro ou do medo de...

— Leo... Leo, me dá a sua mão — tateio no chão até encontrá-la. Nossos dedos se entrelaçam. — Você também tem que ficar acordado, está bem? Fique acordado. — Viro o quanto posso minha cabeça para vê-lo e ele faz o mesmo.

— Combinado, eu fico acordado e você também. — Cada palavra sai em um tom mais fraco.

— Leo, eu te amo. Fica comigo. — Lágrimas escorrem pelo canto dos meus olhos.

— Eu estou com você, vai ficar tudo bem Malu, eu estou com você. — Ele afirma, mas sua voz é cada vez mais fraca.

Mergulho meus olhos nos verdes acinzentados de Leonardo que sempre me transmitem tanta segurança e mesmo lutando contra tudo, sinto minhas pálpebras pesadas cada vez que pisco. Já os de Leonardo estão vidrados, e parecem não estar mais ali e sim distantes.

— Eu estou com você — pronuncio, antes da sombra escura preencher minha visão.

E o que consigo perceber são borrões de pessoas, ouço sirenes e até vozes ao longe. Uma delas grita fazendo-me ter força o suficiente para identificar que é meu pai. *Meu pai*

— Depressa! Eles estão entrando em choque! Rápido! Não podemos perdê-los. Eu não posso perder a minha filha e meu sobrinho. Eu não vou.

— Leo... — falo, ao sentir nossas mãos se separando e enquanto uma máscara de oxigênio é colocada em minha boca a luz se apaga totalmente.

Numa fração de segundos o fogo queima, a chuva começa a cair do céu acinzentado, numa fração de segundos a vida nasce, e na outra fração ela morre.



— Leo... Leo... — chamo, o som sai abafado pela máscara de oxigênio. Mas eu sinto o leve aperto em minha mão e eu não preciso olhar para saber que é a de Leonardo que a envolve.

Tento mexer meu corpo, mas não consigo, ainda dói, porém, consigo girar minimamente a cabeça para o lado — o homem da minha vida, o meu grande amor está ali. Sua cama está unida a minha, e unido ao nosso corpo, vários fios e tubos das máquinas que não param de emitir o som de um bipe compassado e contínuo, certificando que estamos vivos. Vivos! Respiro fundo e agradecida.

Olho para Leonardo, seu rosto está pálido e tão abatido, ele afasta a máscara de oxigênio da sua boca.

— Eu disse que ia ficar tudo bem. — O som de sua voz sai baixa e com dificuldade, mas ele esboça um sorriso que eu correspondo dentro das minhas possibilidades. Em um gesto carinhoso, Leo leva minha mão até seus lábios beija-a e depois repousa em sua face como se necessitasse mais que tudo desse toque.

Encorajo-me em também afastar um pouco a máscara de oxigênio para poder falar com ele.

— Sim, você disse. E eu confiei em você, assim como vou confiar sempre, meu amor, meu protetor. — digo, enquanto tracejo meus dedos pela sua face.

— Ótimo, então pode confiar no que vou dizer agora — ele tosse, leva por um instante novamente a máscara de oxigênio a boca inspira e expira fundo e então a afasta tornando a falar. — Vamos ter outro bebê. Valentina, que a propósito está bem, foi promovida a irmã mais velha.

Valentina está bem, graças a Deus!

— O quê?! Como sabe que vamos ter outro... — é minha vez de tossir e até engasgar.

— Apenas confie, Malu. Confie e descanse — a voz dele continua baixa e cansada, mas antes de colocar outra vez a máscara em sua boca, Leonardo me oferece aquele lindo sorriso com um olhar tomado de ternura e isso por si só tem o bálsamo que preciso para me acalmar e acreditar que tudo ficará bem.

Deixo minha mão descansando próximo ao rosto de Leonardo e a outra

levo sobre minha barriga e em meu coração sinto a alegria ao imaginar um *serzinho* formando-se em meu ventre.

E a vida?

A vida é assim mesmo: numa fração de segundos ela nasce, e na outra fração ela morre. E ainda, numa fração de segundos a vida renasce (e se multiplica), dando-nos novas chances e novas frações de segundos.

Aproveite!



Trem-bala

LEONARDO

Nove meses depois...

Quando a Maria Luiza me disse para prender esse barbante com um nó firme e não apenas transpassar, eu deveria ter feito como ela disse. Agora que começou a ventar, esses gomos de balões estão todos caindo. E eu? Bom, eu estou aqui em cima de uma escada tendo de fazer todo o trabalho novamente, porque não ouvi minha linda esposa.

É, agora posso encher a boca e chamá-la de minha esposa. Oficializamos nossa união cinco meses após aquele fatídico dia, e este tempo de espera foi fundamental para que estivéssemos totalmente recuperados fisicamente e parcialmente o psicológico — afinal o que nos aconteceu foi denso demais, e por um bom tempo ainda pesará em nossas mentes — contudo, decidimos seguir nossas vidas da melhor maneira possível: contemplando os momentos de paz que passamos a ter a partir do momento que Henrique e Carolina foram levados à prisão.

Nosso casamento foi uma cerimônia simples e muito romântica em uma capela charmosa, por ser uma das mais antigas da cidade, a pequena construção de arquitetura barroca aconchegou nossos poucos convidados — familiares e

amigos.

Um violinista e um pianista, posicionados na parte da frente, no lado esquerdo ao do altar da capela, tocavam melodicamente lindas notas de canções escolhidas por mim e Maria Luiza, emocionando a todos que aguardavam pelo início da cerimônia. E ao final de uma dessas canções, eu vi a mulher de preto do cerimonial, fechar a porta da igreja e fazer um sinal de positivo para eles. Eu sabia que aquela era a hora. E ao som da tradicional marcha nupcial as portas da igreja se abriram revelando Maria Luiza de braço dado ao pai. Meu coração parou de bater por um instante e depois a cada passo que Malu se aproximava do altar, *ele*, meu coração voltava a bater...ou melhor retumbar no peito, ritmado com as notas do piano e do violino. E acima de tudo, ele batia feliz por ver a mulher da minha vida, caminhando em minha direção com aquele sorriso e com aquele olhar, tão especiais, que eram oferecidos exclusivamente a mim.

Maria Luiza estava linda com uma coroa de delicadas flores posicionada majestosamente envolvendo sua cabeça, misturando-se aos fios soltos dos seus cabelos escuros. Posso dizer que ela estava linda e iluminada, com um vestido branco que lhe caia ao corpo de uma forma harmônica com o novo formato que suas curvas começavam a adquirir, principalmente a barriga. O tecido rendado, com alguns detalhes de singelas pérolas brilhavam conforme ela se movimentava, e esse brilho ficou ainda mais perfeito e evidente a luz do sol de final de tarde no jardim da casa dos nossos avós, onde após a cerimônia na capela, a recepção foi feita.

Valentina usava um vestido semelhante ao da mãe, e não preciso dizer que as duas estavam parecendo princesas. Aliás, é o que elas são. E para minha alegria, tem outra princesinha a caminho. Alegria e digamos que preocupação, pois com três lindas mulheres meus cuidados terão de ser triplicados, e meu ciúme também. Me julguem. Mas sim. Eu descobri que sou um homem ciumento. Muito! Minhas meninas são minhas preciosidades.

Minhas em todos os sentidos, o amor nos uniu e agora, enfim, estamos unidos de forma legal. Já que, além da nossa certidão de casamento, ganhamos outra certidão. A de nascimento de Valentina, com nossos nomes no lugar que nos é devido, como pais dela. Então, você pode imaginar o quanto eu estou feliz! E o quanto nossa vida seguiu bem, sem os entraves e percalços que tanto tivemos de enfrentar. E ao dizer que tivemos paz, quando a dupla de mal caracteres saiu de cena, eu não estava exagerando.

Hoje em dia minhas preocupações são outras, bem mais fáceis de lidar. Como por exemplo, aceitar que o que minha esposa diz, está sempre certo.

O fato é: quando a sua mulher diz para você fazer tal coisa de tal jeito, faça. Do contrário o jeito que você *teimosamente* decidiu fazer, dará errado.

Mas estar aqui no topo dessa escada, agora que a festa já está acontecendo, não é de todo mal, uma vez que, agora, posso ver a algazarra das crianças correndo de um lado para o outro no jardim do orfanato, posso ver o sorriso e o semblante feliz das pessoas comemorando mais um aniversário dessa importante instituição. Instituição que se ligou a minha família anos atrás quando meus avós decidiram vir até aqui com o intento de trazer alguns alimentos, pois souberam que o lugar passava por dificuldades, mas diante de tantos pequeninos olhares órfãos, não se contiveram em vir apenas uma única vez. E desde então este orfanato tomou lugar em nossas vidas.

Foi aqui que minha avó conheceu, Rita e a filha Cecília e daqui as levou para morar e trabalhar na casa dela, sem prever que meu tio Miguel se apaixonaria de cara pela menina Cecília, e sem muito menos saber que no decorrer dos anos o amor entre eles crescera e que houve o nascimento de uma filha. O fruto do amor de Cecília e Miguel, tornou-se o meu amor. Maria Luiza cruzou meu caminho de uma forma inesperada, mas eu não tenho dúvida que predestinada. Depois disso, um anjo abandonado cruelmente chegou em minhas mãos e no mesmo instante ao meu coração. E até que ela pudesse ser minha foi aqui que ela ficou.

Sendo assim, este orfanato sempre fez e sempre fará parte de nossos caminhos. Não importa quanto tempo se passou desde que um membro de minha família pisou neste lugar e não importa quanto tempo passará, pois sempre haverá um de nós aqui, para agradecer em forma de carinho e atenção a estas crianças, todo o bem que este lugar nos trouxe. Todos os encontros que ele nos permitiu.

— Você pretende ficar aí em cima por muito tempo?

A forma debochada como a frase é dita, só pode ser de uma pessoa.

— Você está atrasado, doutor Derek. — Desço os degraus da escada, fitando sua conhecida expressão de deboche.

— Desculpe eu tive que passar em um lugar antes — diz, como seu já não soubesse. E realmente sei. — Para ajudar peguei uma chuva terrível e um trânsito pior ainda para chegar até aqui.

Já no chão, cumprimento Derek. E ele se livra da bolsa do violão em suas costas.

— Chuva? Sério? Aqui está esse sol lindo — paro um instante e olho para a copa das árvores e para os balões *que agora estão bem presos* se mexendo. — É... se bem que começou a ventar bastante.

— Não quero ser estraga festa, mas acho que a chuva vem *pra cá* também.

— Vamos torcer que só chegue quando a festa acabar.

Derek me olha, como se o comentário que faço sobre o tempo fosse o único ou o mais importante de tudo que ele disse.

Inspiro fundo, eu sei que preciso ter essa conversa.

— Você esteve lá, então? — comento, devolvendo e amassando um ramo de grama, que a escada acabou tirando do lugar.

— Era dia não? — Derek dá de ombros.

— Sim, era. — resmungo.

Em seguida, fico em silêncio sem saber como perguntar ou o que perguntar. Pois eu nunca consigo. Talvez porque perguntar, demonstre que eu queira saber e querer saber é se importar.

— Certo, como eu sei que você nunca pergunta, vou direto ao ponto. — fala, com as mãos no bolso, olhando para o movimento da festa.

Decido fazer o mesmo, concentro-me no movimento, mais especificamente, na fila um pouco mais a nossa frente, onde Melissa está com Luís, ajudando a distribuir pedaços de nuvem colorida — nome dado por Clarissa ao algodão doce — para a criançada.

— Eu o achei bem em muitos aspectos, mas principalmente da pneumonia. Na idade e nas condições em que está, uma doença respiratória dessa é preocupante. Mas como eu disse, já melhor.

Silêncio, não digo nada. Não me importo... ou não quero me importar.

— Como sempre perguntou por todos vocês.

— E o que disse?

— Exatamente como você me instruiu: que estão todos bem, sem dar detalhes.

— Ótimo.

Continuo concentrado na fila, tanto que percebo que o garotinho de camiseta vermelha furou-a passando na frente da menina de óculos.

— Levei algumas revistas e também um livro que ele havia me pedido da última vez que tinha ido lá.

— De medicina?

— Não, na verdade não. Ele anda lendo umas coisas bem diferentes.

— Como assim? — viro-me para Derek, curioso.

Ele também tira a atenção do *vai e vem* e me olha pensativo, talvez formulando a resposta.

— Bom... no mês anterior levei a bíblia que ele pediu. E hoje levei um livro chamado *Em busca de sentido*, é de um autor australiano, pelo que eu li na sinopse é algo como finalidade da nossa existência, dificuldades da vida, porque se manter vivo, a história é contada por um psicólogo preso em um campo de concentração. Sei lá... acho que doutor Henrique está querendo dar um novo

rumo para vida.

— Numa prisão? — bufo. — Porque, pelo resto da vida dele é aquele o lugar onde ficará.

— Ah, sei lá, ele pode cumprir parte da pena e depois tentar cumprir o resto fora da cadeia. Sabe como são as leis em nosso país. Sem contar que ele é réu primário, com bom comportamento pode acabar saindo antes.

Passo a mão pelo rosto, cabelo, sentindo uma sensação estranha, não quero nem pensar em Henrique fora da cadeia. Muito menos Carolina.

— Pois, eu farei, tudo o que for possível para mantê-lo preso — digo, firme.

— Sabe, Leo, você fala desse jeito, mas se preocupa com ele. — Derek solta.

Dou uma risada, sem humor. E ele volta a falar:

— Se não se importasse, não me pediria para visitá-lo todo mês. — Ele ergue as sobrancelhas e entorta a boca em um *ridículo* sorrisinho, como se tivesse dito algo extraordinariamente certo.

Cruzo os braços, começando a me cansar desta conversa.

— Não me importo. Apenas quero ter a certeza de que ele pague pelo que fez, privando-se de sua liberdade e da vida que tinha.

— Se importa sim. — Derek insiste.

— *Ok!* Me importo. Eu me importo com ele, como me importo com... — Balanço a cabeça buscando a devida comparação — com qualquer pessoa que esteja passando na rua, tudo bem? Ou seja, eu me importo mais com um completo estranho, do que com ele. E já deu deste assunto. — O sorrisinho de Derek some.

Decidido a ignorar-me, ele volta a olhar para a concentração de crianças que agora se dispersaram da fila do algodão doce e estão animados para fazer pintura facial com... espreito os olhos para achar quem será a responsável por essa atividade. Encontro no meio, *quase engolida* pelas crianças uma loira baixinha de cabelos dourados. Beth? *Sério?* Sem pré-julgamentos, mas a considerar os rabiscos que vejo-a fazendo nas folhas de papel, posso imaginar que tipo e como sairão esses desenhos no rosto das crianças.

Que ela não invente de fazer nada nas bochechinhas lindas de Valentina.

— Bem menos, mas se importa. — Derek murmura.

— Você está certo — ele sorri, reviro os olhos. — Eu me importo, bem menos comparado a um estranho e bem mais do que ele merece. Satisfeito?

— Leo, você fica bravo. Mas isso não é sobre mim e sim sobre você.

— Cansei! Vou procurar o que fazer e você também faça o mesmo — digo, mas não saio do lugar e nem ele. — Desculpe.

— Sem problemas, irmão — Derek dá um soco no meu braço. — Ei, quem é aquele palhaço fazendo malabares?

— Olhe bem que você o reconhecerá.

Derek perde alguns segundos encarando o palhaço que está a nossa direita, dando um verdadeiro *show* com bolinhas de tênis.

— Trouxe meu violão, vou cantar algumas músicas para a criançada.

— Legal, só se lembre que são crianças. Cante algo de acordo.

— Ah, *tá!* Muito obrigado. Agora eu sou um completo sem noção — dessa vez sou eu que ergo as sobrancelhas, fitando a cara de vítima de Derek. — Eu sou o *sem noção* que salvou a sua vida. Se não fosse eu, estar dentro daquela ambulância para reanimar você, após três paradas cardíacas eu não sei se você teria chego com vida na clínica. Apenas lembre-se disso, doutor Leonardo.

— Você tem razão, se não fosse os socos que me deu no peito e que até hoje doem, eu não estaria aqui para dizer que você é, só às vezes, uma cara sem noção. — Brinco, provocando-o.

— Tudo bem, esse é seu jeito de agradecer. Eu sei.

Realmente, de tudo que eu soube depois na clínica, foi que entramos na ambulância em estado bem crítico — também pudera, levamos um tiro, mas para nossa “sorte” foi de uma arma de menor potencial ofensivo e em uma parte do corpo que não atingiu nenhum órgão ou artéria — mas como o tiro pegou primeiro no meu corpo e depois em Malu, minha situação foi bem pior do que a dela (ainda bem). O atendimento rápido que tivemos foi crucial. E a presença de Derek e o que ele fez por mim, foi sim, decisivo para me manter vivo.

— Obrigado, você salvou a minha vida, eu te amo e serei eternamente grato por isso — passo meu braço por cima do ombro dele.

— Agora melhorou — ele corresponde, jogando o braço dele por cima do meu ombro. — Mas eu não sou um cara sem noção, nem às vezes, como você disse aí.

— Só um pouquinho. — Pisco — Derek, eu deixo Valentina no seu colo por um instante na clínica e você fica mostrando para ela vídeos de uma banda de rock com os caras estranhos, com o rosto todo pintado e fazendo caretas.

— Caras estranhos? Aquilo era Kiss, simplesmente a melhor banda de *rock*. E ela estava adorando. Não parava de balançar as perninhas. E não é por nada, a *Valen* é amarradona no tio Derek, nem adianta ficar com ciúmes. — Ele se gaba.

— Eu vi o quanto ela estava adorando. Quando eu cheguei ela estava chorando.

— Isso porque o vídeo tinha acabado, e ela nem me deu tempo para colocar novamente e já começou a chorar.

— ã-hã... sei. Doido sou eu de deixar ela com você.

— Vou fazer de conta que não ouvi isso.

— Melhor.

Sorrimos, e ao constatar a forma como estávamos bem dizer, abraçados, nos soltamos.

— Certo, vai ou não me contar quem é o palhaço? Porque com esse pó branco que ele está no rosto, a boca de *bozo* e nariz vermelho, não consigo fazer a mínima ideia de quem seja.

— Mas você é ruim de fisionomia mesmo, aquele lá é o *seu* José.

— O *seu* José? — Derek arregala os olhos.

— É, o seu mais novo amigo.

— Nosso amigo! — corrige-me.

— Sim, nosso amigo.

— Agora está explicado a habilidade desse palhaço, digo, *seu* José, com os malabares. Ele me contou que aprendeu a fazer malabares enquanto esteve nas ruas.

— *Seu* José é um bom homem. Cada vez mais, gosto dele — falo, visualizando o homem que está fantasiado, com uma aparência diferente da que tenho visto com frequência.

E não me refiro aquela figura de barba longa. *Seu* José, tornou-se um outro homem, pelo menos em sua aparência física, pois sua essência é a mesma. E posso afirmar que é uma boa e admirável essência.

— E eu então? — Derek diz em tom de admiração. — Ele é um homem muito sábio, tem me dado ótimos conselhos. Sempre que sobra um tempinho, nessa minha nova função de médico chefe do pronto atendimento, eu paro para falar com ele.

— Ele tem se saído bem, né?

— Demais! Eu achei bem bacana sua atitude em colocá-lo para trabalhar na recepção do pronto atendimento. *Seu* José é muito atencioso e carinhoso com os pacientes.

— Isso é bom, esse é objetivo, tratar bem quem chega à clínica, principalmente no pronto atendimento, onde as pessoas chegam tão vulneráveis.

— É... mas sabe, vou fazer um comentário. Acho que não sou só eu que gosto de bater papo com ele, eu tenho visto uma enfermeira chefe por lá também.

— Beth?!

— ã-hã.

— Sério?

— Seriíssimo. Eu a vejo cheia de sorrisos para ele. Qualquer hora eu te

chamo para você mesmo ver como ela fica *derretidinha* ao lado dele.

— *Deerek*... olha o respeito.

— Só falo verdades. — Ele dá de ombros.

— Não! Mas, e o tio Miguel? Eu achei que...

— Você está achando errado, meu caro, se tem clima rolando é entre Beth e o *seu* José.

Essa informação me deixa tonto e confuso. Olho para Beth no meio das crianças e para o *seu* José, como que eu não percebi nada, ou como que Beth não me contou.

— Agora vamos parar de papo, eu estou aqui para cantar e divertir os baixinhos. Mas antes — Derek mexe na sua bolsa onde guarda o violão e tira um embrulho —, tome. Isso aqui foi Henrique quem mandou para as meninas e para o Gustavo.

O quê? Eu ouvi direito?

— Como assim, meninas?! Você anda falando mais nas visitas ao Henrique do que deveria pelo jeito.

Meu semblante se fecha, olhando para o pacote feito de papel pardo.

— Eu apenas disse que você agora era pai de duas meninas. Abra. É bonito o que ele fez.

Penso se devo ou não abrir, tenho vontade de ignorar isso e devolver ao Derek, ou simplesmente descartar na lixeira.

— Abra, foi ele quem fez. — Derek diz, como se isso fosse encorajar-me. E talvez, sim.

Abro... e no primeiro momento não entendo o que realmente é isso. Só consigo ver o nome das minhas filhas e do meu sobrinho, escrito com arame. E a única coisa que compreendo bem é que Derek contou até o nome da minha segunda menina para Henrique.

— O que é isso?... São... pulseiras? — passo o dedo nas letras, que formam o nome Alice, Valentina e Gustavo, em cada uma das peças, que possuem cores diferentes para cada um dos nomes. Valentina está em um tom de rosa, Gustavo azul e Alice dourado.

— Ele aprendeu a fazer. Parece que é um pessoal de uma associação que ensina. O objetivo é manter os detentos ocupados, ajudar na reabilitação, e o melhor é que, posteriormente, é vendido em bazares beneficentes e o dinheiro vai para instituições. Henrique disse que está gostando de fazer e poder ajudar. É um trabalho manual e bom... você sabe, ele tem mãos precisas. Fazer essas coisas aí de arame e escrever nomes, para ele não deve ser nada difícil.

Embasbaco, não consigo dizer nada, e nem decifrar o que estou sentido.

— Difícil, Leo — Derek me faz olhar para ele — é guardar rancor em

um coração bondoso como o seu. Difícil é não perdoar por orgulho, quando no fundo é o que você deseja.

— Você aprendeu isso com o *seu* José, foi um dos conselhos que ele te deu?

— Não, isso eu aprendi comigo mesmo. Pois, eu acho sim, que as pessoas mudam, que as pessoas merecem perdão e uma segunda chance.

— Agora você está se referindo a você mesmo ou a Henrique?

— Aos dois, talvez. Talvez sejamos dois homens em circunstâncias diferentes, contudo tentando mudar de atitudes, esperando, pacientemente, que as pessoas com quem nos importamos note e nos dê uma segunda chance.

— Ela nunca mais deu notícias?

Derek gesticula negativamente com a cabeça.

— Mas tudo bem... nós fizemos um acordo. E acordos devem ser seguidos. — Ao dizer isso, ele ergue os ombros por alguns segundos e depois solta-os.

Sua cara triste é engraçada ao mesmo tempo, me faz lembrar do personagem de Charles Chaplin, o *Carlitos*.

— Vou afinar o violão. — Ele diz por fim, e sai do meu lado.

Embrulho novamente as tais pulseiras no papel pardo, e as enfio, no bolso de trás do meu jeans.

Depois dessa conversa, preciso é de um belo e bom copo de água e quem sabe até um refrigerante de groselha, daqueles que depois que a gente bebe fica com a boca toda manchada de cor de rosa. É uma porcaria para a saúde, mas hoje é dia de festa, não é mesmo? Em dia de festa, pode.

— Doutor Leonardo? — Termino de beber meu terceiro copo de refrigerante e viro-me enxugando a boca com as costas da mão esquerda e a direita estendo para cumprimentar os pais de um dos meus pacientes.

— Vincent e Cleo, que bom que vieram! E você também Matheus. — Pego na mão gordinha que balança no ar.

— Ficamos felizes pelo convite e principalmente por estar aqui e finalmente conhecer o orfanato. — Vincent diz, olhando em volta.

— Precisa ver a reforma do refeitório, ficou lindo e acessível aos pequenos. Melissa caprichou no projeto.

— Sua irmã é uma excelente profissional.

— Sim, ela é. E a propósito, mais uma vez obrigado por financiar a compra dos móveis e toda a obra em si. Melissa é ótima profissional, mas ao projetar, não pensa muito nos gastos.

— É... eu sei. O quarto do Matheus, foi uma pequena fortuna. — Cleo olha para ele, com um ar de repreenda. — Mas ficou lindo, perfeito, como

queríamos, né, amor? — Ele sorri para a esposa.

Baixo a cabeça e sorrio internamente do embaraço que acabei colocando o homem. Mas me arrependo instantaneamente, pois poderia ser *eu*, no lugar dele, levando aquele olhar intimidador da minha esposa.

— Nós ficamos felizes demais em poder ajudar. E estamos dispostos e temos condições de fazer muito mais. Não é amor? — Cleo, fala calmamente.

— Claro, amor. — O cordeirinho responde, ou melhor Vincent.

— Isso é ótimo — digo, enfático — Toda ajuda é bem-vinda. Obrigado. Eu vou levá-los para conhecer a irmã Salete, ela poderá mostrar todo o resto para vocês e depois venham aproveitar a festa.

— Perfeito. — O casal responde de forma sincronizada.

Caminho pelo gramado a procura da irmã Salete, assim que a vejo, vou até ela e apresento-a ao casal.

Agora, finalmente posso aproveitar da festa, ou fazer algo útil além de prender os balões nas colunas das tendas montadas espaçadamente abrigando mesas repletas de boa e variada comida.

As tortas doces como as salgadas, foram todas doadas por Priscila. E além de doar ela fez questão de estar aqui hoje participando e ajudando na festa. Com o filho, que já é um garoto e o marido. Eles distribuem mais que pedaços de tortas, distribuem sorrisos e atenção.

Priscila é um exemplo, que às vezes as pessoas fazem por merecer uma segunda chance. E assim como ela, Vincent Fernandes também comprovou isso. E desde que os votos de confiança foram, digamos que, renovados, tanto um quanto o outro não deu sinais de desapontamento.

E, eu não sei já contei. Mas, eles foram ao casamento.

E isso demonstra que algumas pessoas aprendem e mudam com os próprios erros. E o mais importante, tomam atitudes que comprovem as tais mudanças. No final das contas, todos nós estamos suscetíveis aos erros e por isso uma segunda chance é sempre válida.

Desvio de uma e outra criança que passa correndo, uma delas esbarra com tudo, reconheço de imediato o cabelo longo que se agita, ao chocar o pequeno corpo em minhas pernas, as mãos de dedos curtos apoiam-se em mim, para não cair.

— Desculpa, doutor Leo. — Clarissa diz, soprando alguns fios do cabelo liso e fino dos olhos, que escorregaram do elástico que os prendiam.

Abaixo-me, ante a ela.

— Cuidado, machucou?

— Não — ela responde, pronta para voltar a correr.

— Espera! — seguro seu braço. — Deixa eu amarrar melhor o seu

cabelo, com ele nos olhos pode atrapalhar sua visão e acabar esbarrando novamente em alguém.

— Não foi por causa deles que eu esbarrei, é que *tô* com pressa.

— E posso saber aonde você está indo com tanta pressa?

— Minha mãezinha, Beth, está me esperando *pra* pintar meu rosto.

Sorrio com a forma espontânea com que ela fala. Sorrio ainda mais por ver a alegria em seu rosto de criança sapeca e feliz, por agora poder ter uma mãezinha. A guarda definitiva ainda não saiu, mas tanto Beth como ela já estão ligadas o suficiente como mãe e filha.

Termino de juntar todos os fios na minha mão e começo a dar a volta no elástico de cor lilás.

— Aiii... não aperta muito, doutor, se não dói minha cabeça.

— Ah, sim. Desculpe — afrouxo o elástico, diminuindo uma volta — assim está bom?

— Está, obrigada.

— De nada — toco seu narizinho, fazendo-a rir — Agora você já pode ir pintar o rosto com sua mãezinha Beth. Mas vai devagar.

— *Tá* bom. — Ela dá uma corridinha, mas aí lembra-se do que eu acabei de dizer e diminui a velocidade dos passos.

— Clarissa!? — Chamo-a.

Ela se vira, segurando a barra do vestido, cheio de babados e laços que certamente foi Beth quem deu.

— Você pediu a Deus... e Ele te deu sua mãezinha.

— Sim, doutor. Deus é bom, a gente só precisa ter fé. — Ela exhibe um sorriso tão aberto e feliz, que suas bochechas se avolumam no canto dos olhos. Depois, segue saltitante até onde Beth está.

Eu as observo de longe, Beth se abre em um sorriso igual ao de Clarissa ao ver a menina se aproximar. Beth inclina-se, segurando em uma das mãos o pincel, os braços de Clarissa envolvem-na no pescoço, sem reservas, Clarissa ocupa o seu lugar. E enquanto Beth pinta o rosto da criança que está na vez da fila, ela aconchega a dela em seu colo.

E sabe as segundas chances? Beth e Clarissa, estão vivendo a delas.



— Oi, tio. — Toco o ombro de Miguel. E ao meu toque ele se vira para trás.

Eu estava indo encontrar Maria Luiza e Valentina, quando vi Miguel as observando de longe. Ele estava tão concentrado nelas, que nem percebeu minha presença atrás dele já há alguns minutos. E eu, apenas não quis interromper o seu momento, deixei que ficasse no seu silêncio contemplando a visão da filha e da neta. E por fim, eu acabei fazendo o mesmo que ele. Pois tamanha beleza é ver Maria Luiza, com sua redonda e exuberante barriga que abriga nossa segunda filha, enquanto brinca com a primogênita. A reta final da gestação, trouxe a ela o típico cansaço que este período oferece, mas nem por isso se priva de cuidar de Valentina.

— Ei, Leo. Está aí há muito tempo?

— O suficiente para perceber que você não pisca enquanto olha para ela.

— Ele sorri, timidamente — Mas não te julgo, pois eu também não consigo piscar ao vê-la, principalmente assim. Ela está tão linda. Eu me pergunto como ela pode ficar ainda mais...

— Linda.

— Sim. A cada dia mais.

Nós dois continuamos a olhar para elas enquanto conversamos.

— Ela é tão parecida com a mãe, vendo-a assim, eu fico imaginando como Cecília ficou quando estava grávida.

— Já que elas são tão parecidas... então você tem uma noção.

— Sim, talvez seja justamente por isso que estou aqui sem conseguir tirar os olhos da minha filha e pensando como a mãe dela também ficou majestosa com esse barrigão. E como eu lamento por não a ter visto assim. E como eu lamento por...

Miguel fecha os olhos, baixa a cabeça inspira fundo e me encara, seu semblante é sereno.

— Esquece, eu estou feliz e grato pelo bem que a vida ainda me proporcionou, depois de todos esses anos de solidão.

— Você a amou muito, não foi?

— Ainda amo, Leo. O amor como o meu e de Cecília nunca acaba. Eu sei que ela morreu me amando e eu também morrerei amando-a.

— Isso explica o motivo de você estar sozinho, por nunca se casar. Seu coração sempre foi dela.

— Sim. Exatamente por isso, Cecília ainda vive aqui — com as mãos fechadas em punho, ele toca o próprio peito.

— Eu juro que pensei que a sua proximidade com Beth iria dar em algo. Você sabe, seria legal — falo, sorrindo.

— Eu adoro Beth, me preocupo com ela, quero vê-la feliz. E eu sei, vocês até tentaram e para ser sincero, nós também.

Fito-o com um olhar interrogativo. Afinal, sua declaração me pega de surpresa. Pois apesar de nesses últimos meses, bancarmos o cupido desses dois, não sabia que tinha chegado a tanto.

— Sim, Beth é uma mulher bonita, atraente. Chegamos a nos beijar, mas... — Ele engasga com uma risada.

— Mas...??

— Não rolou química. Simplesmente não rolou. Depois do beijo, caímos na gargalhada e chegamos à conclusão que funcionamos bem como amigos e não como amantes. E eu jamais a machucaria.

— *Uau!!* É um pouco estranho ter essa conversa com você.

— Mas você acabou de dizer que seria legal se Beth e eu...

— É disse, mas agora você falando que a beijou, sei lá... não sei como seria minha reação ao ver uma cena dessas.

Miguel sorri.

— Olha, da minha parte você não precisa se preocupar. Meu corpo, meu coração, tem dona, mesmo que ela não esteja mais aqui. Mas acho que Beth encontrou alguém que fez a química rolar, então é melhor você se acostumar com a ideia de vê-la beijando.

— *Seu José?! Derek me disse a mesma coisa. O que ela te contou? Eu preciso saber de tudo e principalmente as intenções dele com ela, aliás, nem sei se ela deve se envolver agora.*

— Pelo visto, imaginar Beth com alguém, não é confortável para você, seja com quem for. Mas, não seja ciumento. Deixe Beth aproveitar.

— Só não quero que ela se machuque novamente.

— Eu te entendo, também não quero. Mas acho que ele é um bom homem.

Coço a barba, remoendo a novidade de Beth com o *seu José*.

— Ainda bem que minha mãe Luiza, depois de tudo que passou com Henrique não está pensando em relacionamentos. Do contrário, acho que surtaria.

— Pois eu acho é que você anda muito ciumento, isso sim.

— Talvez.

— Quanto a Luiza, ela ainda está se recuperando do baque, da rasteira

que levou. Nós tivemos a confiança traída por Henrique. Mas ela teve muito mais que isso, teve um coração traído, partido. Sua mãe é forte, mas ainda precisará muito de todos nós.

— É, eu sei. E nós estaremos aqui para ela.

Miguel assente.

O silêncio é feito, e vagamos nossos pensamentos. Não sei para onde os dele vão, mas os meus encontram minha mãe.

Esses meses todos depois que Henrique foi preso, ela não tocou nunca mais no nome dele e tampouco quis saber, aliás nem Melissa. O único que ainda tem alguma informação sobre ele sou eu. E não divido com elas, vez que a falta de interesse é notável, ou pelo menos elas não transparecem.

— Leo — Miguel volta a falar — vou dar um conselho, apesar de que você e Maria Luiza já demonstraram que sabem disso muito bem, mas não custa repetir. Nunca permita ou deixe que terceiros interfiram no amor e na relação de vocês. E principalmente, aproveite cada minuto que a vida te permitir viver ao lado da sua amada e ao lado das suas filhas. Nada, absolutamente nada é mais importante que elas.

— Obrigado, tio, eu nunca vou me esquecer deste conselho.

Abraço-o com ternura.

— Por exemplo, antes de você parar para falar comigo, era até elas que estava indo, não era?

— Sim.

— Então vá... não perca seu precioso tempo aqui batendo papo comigo. Eu estou bem. Ficarei aqui com minhas melhores lembranças da mulher que amo e com os meus pensamentos de um futuro feliz, sendo chamado de vovô.

Ainda abraçados, voltamos a olhar para Maria Luiza e Valentina e ao olharmos para elas, somos surpreendidos.

— Oh Meu Deus, você viu aquilo? Valentina ficou de pé sozinha.

Sorrio, vendo minha menina valente ensaiando seus primeiros passos sozinha.

— Vai lá... vai para as mulheres da tua vida, porque a vida não te espera, ela passa correndo diante de teus olhos. Aproveite.

— Tio Miguel, eu te amo. Obrigado por tudo.

MARIA LUIZA

— Valentina, vem *pra mamãe*, vem... você consegue! — chamo-a, entusiasmada e aceno o ursinho de pelúcia (que ela tanto gosta) em minhas mãos.

Sentada, ela me olha com um sorriso de quatro dentinhos, dois em cima e dois em baixo. E cada vez que ela sorri assim, meu coração se derrete. O vento sopra, fazendo seu cabelo de fios castanhos e macios se movimentarem.

— Vamos, Valentina, vem pegar o ursinho — incentivo-a mais um pouco.

Ela apoia as mãozinhas no gramado, vai erguendo seu pequeno corpo devagar, buscando sustentação suficiente para ficar de pé.

Congelo em expectativa ao ver que ela consegue. Meio cambaleando, mas consegue.

— Isso meu amor, muito bem! Agora vem... — De joelhos no chão, estico meus braços para ela.

Valentina corajosamente se aventura e vem. Tal como um passarinho dando o primeiro voo, um pouco atrapalhada e quase caindo, minha menina dá os seus primeiros passinhos. Agarro-a assim que chega perto o suficiente e quase a ponto de perder o equilíbrio.

— Parabéns, meu amor!! Parabéns, você conseguiu! — Abraço-a, junto a minha barriga e no mesmo instante Alice chuta, também comemorando a conquista da irmã.

De olhos fechados, com o rosto encostado em seu cabelo, sinto o cheiro doce de morango do seu xampu, que é o melhor cheiro no mundo, ainda mais quando misturado com o cheiro natural de sua pele.

— Seu pai precisava ter visto isto! Ele ia ficar tão orgulhoso de você, meu amorzinho.

— Eu vi. — Ouço a voz dele, abro meus olhos e vejo Leonardo parado a nossa frente.

— Viu?!!

— Sim. — ele se senta no chão ao nosso lado. Mas antes disso, noto-o tirar um embrulho do bolso atrás da calça — Eu vi sim, parabéns, minha menina valente! — Leo pega Valentina, levando-a para o seu colo, enchendo-a de beijinhos e cócegas, arrancando mais que sorrisos, gargalhadas de Valentina.

Seu olhar sereno e feliz encontra o meu. E em seguida, em meus lábios, ele diz que me ama.

Nossa segunda menina se agita em minha barriga.

— Acho que alguém também está querendo atenção — digo, sorrindo ainda entre os lábios quentes e doces de Leonardo. Aliás *super* doces.

Leonardo abaixa a cabeça, beija a minha barriga e conversa com a Alice que se alegra com a voz do pai e parece dar cambalhotas. Seus movimentos rápidos se mexendo dentro de mim, é uma sensação única, creio que o que mais sentirei falta da gravidez será isso.

— Pronto, Alice não tem mais motivos para ficar com ciúmes. — Leonardo diz, voltando a me olhar. Valentina brinca com o ursinho, enquanto repouso a cabeça em seu peito.

Olho bem para a boca dele, acima dos lábios, um rosado forte. Automaticamente levo a mão aos meus lábios, imaginando se a boca dele ficou assim, a minha também por causa do beijo, mas aí lembro-me que o batom que passei antes de sair de casa, a essa altura depois das tortas que comi, já devem ter sumido.

— Leo, por que sua boca está assim?

— Assim como? — Passa as mãos nos lábios.

Ele me olha sem entender.

— Está manchado de cor de rosa — digo, séria. — *Leonaaardo...*

O safado, começa a rir.

— Está vendo isso, Valentina? Sua mãe está com ciúmes, achando que estava beijando alguma outra mulher, pode isso? Como ela pode imaginar isso de mim?

Puxo seu rosto pelo queixo, olhando bem de perto e cheiro.

— Está com cheiro de...

— Groselha, certamente — ele diz, ainda rindo — eu tomei uns três copos de refrigerante de groselha. Ficou manchado, então? — Sua língua passeia por cima dos lábios, tentando tirar a marca do refrigerante, o que não acontece. Mas o que acontece é outra coisa. E é em mim.

— Não faça esse movimento com a língua... não aqui e não agora — falo, entre dentes.

— O quê? Este? — ele repete a ação de forma ainda mais lenta e me encarando de um jeito provocador.

— Leo... — choramingo — por favor, não — imploro, mordiscando meu lábio inferior.

Ele beija meu rosto, enquanto ri do meu estado afetado. E para aumentar o meu delírio sopra em meu ouvido:

— Em casa, passo minha língua em você todinha. Principalmente naquele lugar, onde te faço encontrar as estrelas e chamar meu nome. — Sua voz

rouca e densa, faz um arrepio percorrer todo o meu corpo, e sentir aquela sensação que mistura frio e calor.

Leo provocador...

— Já podemos ir para casa? — falo e ele solta uma gargalhada. — *Ok*. Se não podemos ir para casa, vamos pelo menos trocar de assunto.

— A senhora é quem manda, dona Malu. — Leonardo dá aquele sorriso, acompanhado da piscadinha.

Oh, Deus... isso não ajuda muito.

E se tem outra coisa que sentirei falta da gravidez, são esses níveis de hormônios elevados que deixam minha libido nas alturas.



Ficamos por mais um tempo, sentados observando a diversão das crianças, a interação dos adultos com elas, a alegria estampada no rosto de todos. E também a gratidão no olhar das freiras responsáveis pelo orfanato. A festa além de comemorar mais um aniversário do orfanato serve para angariar recursos. E é tão bonito ver as pessoas aqui ajudando e doando mais que dinheiro, doando seu tempo, seu carinho, atenção. O mundo precisa tanto disso, empatia ao próximo. E saber que estamos fazendo nossa parte — mesmo que pequena — me faz acreditar em um futuro com um mundo melhor.

A barulho de sistema de som sendo ajustado preenche o ambiente, fazendo com que todos olhem para a tenda onde o pequeno e improvisado palco foi montado. Pequeno e improvisado, mas muito bem decorado com balões, que Leonardo amarrou, quer dizer, não amarrou muito bem, e depois que o vento começou ele teve que refazer tudo novamente. Tenho certeza que da próxima vez que eu sugerir algo, Leonardo irá fazer do jeitinho que eu disser.

Outro zumbido alto vem das duas caixas de som, e as pessoas levam as mãos aos ouvidos e principalmente as crianças reclamam, ao mesmo tempo que caem na risada, aproveitando da algazarra.

— Acreditem, eu tenho tudo sob controle. — Derek diz, e a risada é geral.

— Ele disse que ia cantar algumas músicas. Mas antes ele tem que arrumar esse som. — Leonardo fala, olhando para mim fazendo uma careta.

— Vamos torcer para isso *né*, filha? Você adora dançar quando ele canta — digo animada para Valentina, fazendo Leonardo revirar os olhos.

Derek e Leonardo possuem uma amizade tão bonita e eu pude ver isso ao longo desses meses. Por vezes, um pega no pé do outro ou debocha de alguma coisa. Amizades masculinas tendem a ser assim, sem muitas declarações, sem aparente apego. Mas no caso deles, a preocupação que um tem pelo outro é imensa. Assim como o desejo sincero de que cada um seja feliz. A fase, digamos que, sabática que Derek está vivendo, mudou muito seu comportamento. E talvez por isso, nossa proximidade aumentou tanto e me refiro não só a proximidade dele e Leonardo, mas com toda a nossa família, que já o tem como membro cativo. Aos domingos, geralmente ele almoça conosco, na casa da vó Laura. E sim, ele é tio postiço que arranca fácil risadas de Valentina e Gustavo.

Derek faz mais alguns testes no microfone e depois de tudo ajustado, fala numa entonação divertida.

— Pessoal, vamos chegar mais perto eu não mordo não. Venham aqui, por favor.

Atendendo ao pedido dele, as pessoas começam a se direcionar para perto do palco.

Nós fazemos o mesmo.

No caminho, Melissa, Luís e Gustavo nos encontram. Gustavo tem um grande algodão doce azul nas mãos e assim que vê Valentina estica-o para ela. Sem pensar duas vezes suas mãos gordinhas vão direto ao doce, e como nessa fase em que está (com quase dez meses de idade) tem que ser tudo a boca, ela o abocanha, afundando sua bochecha na nuvem açucarada, extraindo de nós risadas, e um olhar sério do pai — que sempre está oferecendo-lhe alimentos saudáveis e evitando as guloseimas, e por vezes ela faz cara feia para os ditos alimentos recomendados — contudo, suaviza, e acaba rindo depois.

— Tá, tudo bem, hoje é dia de festa, então pode.

Rimos ainda mais e permitindo-nos também cada um, experimentar o lado doce da vida, que às vezes está em um algodão doce, enfiamos um generoso pedaço em nossas bocas.

As crianças são as primeiras a chegar à frente do palco, junto delas as freiras. O aglutinado de pessoas vai aumentando, avisto Luiza vindo sorridente, ladeada pelas minhas duas avós. Isso mesmo — vó Laura e vó Rita — que agora voltou a viver na casa em que um dia ocupou no passado. E não mais no lar de idosos.

Curiosamente, vó Laura é a pessoa que minha vó Rita reconhece. A doença de Alzheimer pode — em alguns casos — manter algumas memórias antigas na pessoa. E quando as duas se reencontraram, isso foi comprovado que é o caso da vó Rita.

Depois de muito pensar a respeito e fazer alguns testes, trazendo-a para passar finais de semana, tomamos a decisão de que ela poderia ter uma boa vida, ao nosso lado ainda que não me reconheça. Pois para ela, a neta ainda é uma criança.

Há momentos difíceis em que ela tem crises, fica nervosa, confunde-se totalmente. Mas com o carinho que recebe e principalmente a ajuda especializada, conseguimos amenizar os efeitos que a doença causa em seu dia a dia. Sua satisfação de estar em nosso meio é notável e outra grande questão é que as duas senhoras se sentem bem juntas. E eu, me sinto mais feliz e completa, por ter todas as pessoas que amo perto de mim. Todas. Exatamente todas. Pois eu sei que minha mãe está aqui, eu não a vejo, mas sinto-a, em cada momento que vivo.

Uma mão pousa em meu ombro e depois afasta meu cabelo para o lado,

alcançando minha face.

— Pai — digo, sentindo o seu beijo em meu rosto.

— Filha.

Ele sustenta o beijo, enquanto acaricia minha barriga, e logo em seguida está indo até a Valentina, que se joga do colo do pai para o do avô. Eu não preciso dizer que ele é o avô mais babão do mundo, certo? Valentina que o diga. É tanto chamego, bagunça e brincadeiras que eu quero ver ele dar conta de duas. Mas como se diz: amor não se divide, se multiplica. Então eu sei que o amor e atenção não faltará e sim se multiplicará para as minhas filhas.

Nos posicionamos mais ao fundo. E conforme corro o olhar no rosto de todas essas pessoas, encontro rostos conhecidos como o de Priscila com o filho e marido; Vincent, Cleo e Matheus, fico tão feliz que tenham aceitado nosso convite. Mais feliz ainda por tê-los também como amigos.

Sinto falta de Beth, mas em seguida ela chega com Clarissa, a menina que eu tinha visto mais cedo, com a cabelo preso em um rabo de cavalo, agora está com uma linda trança, que eu tenho certeza que foi Beth quem fez, ao lado delas está *seu* José. O rosto lavado, sem a maquiagem de palhaço, mostra os traços bonitos que por muito tempo estavam escondidos atrás da barba. O sorriso de Beth demonstra sua alegria, e penso que pela primeira vez, essa mulher possa estar vivendo sem o peso das dores do passado, e sim, absorvendo os bons e felizes momentos do presente.

— É isso aí pessoal, obrigado por atenderem meu pedido. — Derek fala com alegria. — Assim com todos juntos é que se pode ter a dimensão da quantidade de participantes dessa festa maravilhosa.

Aplaudimos entusiasmados. E até Valentina, que agora está no colo de Leonardo, se assanha em bater palminhas, um pouco descoordenadas, isso é verdade, mas ela junta as mãozinhas e faz festa.

— Bom, eu preciso revelar que este é o maior público que já me viu cantar, então estou nervoso *pra* ca... caramba. — Derek engole a última palavra, que, de certo, seria um palavrão.

Ele baixa a cabeça, balançando-a e rindo de si mesmo. Ao ergue-la abre a boca imediatamente ante ao microfone, para falar algo. Contudo, sua voz não sai e sua boca se mantém aberta em um formato de “O” e seus olhos se arregalam, ele não pisca.

— O que deu nele? — Leo fala preocupado.

O olhar de Derek se mantém além das pessoas.

— Desculpa pessoal, é que a visão que estou tendo daqui é linda demais!

— Ele diz, ainda boquiaberto.

Decido olhar para trás acompanhando a visão dele que ultrapassa os

limites de onde estamos, e ao me virar compreendo o que Derek quis dizer com “a visão que estou tendo daqui é linda demais” — Beatriz. Ela vem caminhando, um sorriso tímido perpassa pelo seu rosto, o cabelo está bem mais curto. E claro, ela continua com aquela beleza natural e singular.

O pouco tempo que tive de convivência com ela, foi o suficiente para querer tê-la sempre por perto. E depois de todo esse tempo sem vê-la, apenas trocando mensagens pelo celular — desde que ela ganhou a bolsa de estudo e foi embora do país — eu percebo quão grande era a minha saudade. E se eu estou me sentindo assim, imagina o homem que resolveu se apaixonar pela primeira vez, justamente por uma mulher decidida a não se apaixonar.

Eu não sei se ela veio para ficar, ou se é apenas uma visita. Mas eu só sei que ela e Derek precisam se resolver logo, pois Leonardo quer que Derek seja o padrinho de Alice, — já que Melissa e Luís são de Valentina — mas eu já disse para o meu marido que Derek só será o padrinho se a madrinha for Beatriz. E é claro que eu deixei Beatriz ciente disso e fiz até um pouquinho de chantagem emocional. *Confesso...*

— Bea! Que bom que você veio!

Dentro das possibilidades que minha barriga permite. Abraço-a apertado.

— Você me convidou, não foi? — Ela diz, ainda com o rosto em meu ombro. — E além do que — Bea afasta-se, coloca as duas mãos em minha barriga e diz:

— Minha afilhada está prestes a nascer. Eu tinha que estar aqui, não quero ser dessas madrinhas que só mandam presentes em datas comemorativas. Eu quero ser presente.

E agora quem está fazendo festa e batendo palmas igual a Valentina, sou eu. Olho para o lado e vejo Leonardo nos observando.

— Temos a madrinha, então? — Ele pergunta a nós duas.

— Pelo visto sim!!! — respondo animada.

— Sim, com toda a certeza sim. — Beatriz também responde animada.

— Ótimo. — Leonardo passa Valentina ao meu colo. — Segura ela só um pouquinho, amor.

Não faço ideia do que ele pretende fazer. Leonardo leva a mão a boca e grita:

— Derek, ela disse SIM — aponta para Beatriz, que ruboriza no mesmo instante. — Beatriz aceitou ser a madrinha da Alice, isso quer dizer que você poderá ser o padrinho. Agora você pode, por favor, começar a cantar?

— Eu vou cantar sim. E a propósito estou muito feliz em ser o padrinho da Alice. Mas eu tenho que aproveitar que a madrinha está propensa a dizer sim, e fazer outro pedido a ela. Não posso perder essa oportunidade...

— Faça logo, Derek. — Leonardo grita e em seguida pega Valentina do meu colo, com um sorriso que me diz que o que ele fez, foi justamente para ajudar a encorajar o amigo.

Derek, inspira fundo, passa a mão nos cabelos e fixa o olhar em Beatriz, que eu noto estar ainda mais vermelha e com as mãos trêmulas.

— Beatriz, eu sofri como um cão nesses últimos meses, pensei até que ia morrer com a falta que senti de você. Então, agora, você pode parar de bancar a durona e aceitar se casar comigo? Não precisa responder agora — ele se apressa em dizer — eu vou cantar essa canção e ao final dela você me responde.

Pode-se ouvir “*Uau*” “*Aceita*” “*Diz que sim*” das muitas pessoas que olham para Derek e Beatriz.

— Pessoal, obrigado pela força. — Derek acena com a mão. — Bom, agora eu vou cantar. E a letra dessa música é um verdadeiro poema, então aproveitem a beleza e o ensinamento que ela traz.

Derek desliza seus dedos pelas cordas do violão, começa a cantar e cada frase que se segue e a cada estrofe, me emociono mais com a canção. E parece que o efeito é coletivo, estão todos se olhando e abraçando-se com lágrimas de emoção nos olhos.

Olho para cada pessoa que cruzou meu caminho e contemplo a importância e o significado que cada uma representa em minha vida, enquanto a música toca minha alma.

(Trem-bala – Ana Vilela)

*Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós*

*É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
Então fazer valer a pena
Cada verso daquele poema sobre acreditar*

*Não é sobre chegar
No topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações*

*A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim*

*Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
Também não é sobre
Correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás*

*Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir*

*Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá*

*Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir*

Quando a canção se encerra, eu estou com o rosto colado ao de Leonardo e Valentina, estamos os três abraçados, bem juntos, como sempre foi desde que nossos caminhos se cruzaram, fazendo-nos conhecer a dor que outras pessoas nos causaram. Mas também o mais puro e genuíno amor. E sobretudo a força que um verdadeiro amor é capaz de possuir.

Emocionada, permito que as lágrimas escorram pelo meu rosto. Afasto-me um pouco para olhar para Leonardo que também tem lágrimas na face.

Sinto uma contração forte, em seguida, tenho a sensação de como se um balão estivesse estourado na minha barriga e no instante seguinte... xixi. Não! Isso não isso é xixi.

— A bolsa estourou! Ah meu Deus, a bolsa estourou — falo, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— O quê? — Leonardo arregala os olhos.

— A bolsa estourou — repito.

— Ah meu Deus a bolsa estourou! Chegou a hora então! — Ele diz, emocionado, colocando a mão na minha barriga.

— Ao visto sim! — Sinto-me tremer. E mais uma contração forte, me faz prender o ar.

Leonardo me abraça, olha bem no fundo dos meus olhos.

— Vai dar tudo certo. Você vai trazer nossa segunda filha ao mundo e eu estarei o tempo todo ao seu lado, tudo bem? Eu estou com você, Malu. — Ele aperta minha mão.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos fazer isso — falo e respiro fundo, misturando ansiedade, adrenalina e mais uma contração, curta e intensa, mas dou uma disfarçada na expressão de desconforto.

Aiii, puxa vida! Vai devagar, Alice.

Leonardo se vira e começa a contar para todos “a bolsa estourou, a bolsa estourou”

Até que de repente:

— A bolsa estourou!!! — Leonardo grita — Alice vai nascer!!!

Sinto uma gota de água pingar no meu rosto, olho para o céu. O vento que soprava forte, tirando os balões do lugar, acabou trazendo nuvens escuras de chuva... E como numa fração de segundos ela pode cair de um céu acinzentado, as primeiras gotículas de água começam a beijar nossa pele, molhando-nos suavemente. Mas parece que o céu também se emocionou o suficiente para transformar gotículas em gotas espessas e contínuas, fazendo todo mundo correr para se abrigar, mas a velocidade com que ela desce do céu é tanta que vai molhar de qualquer jeito.

Tudo na vida acontece muito rápido.

Passa muito rápido.

E, como diz a canção: a vida é trem-bala.

A vida (a tua vida) tem pressa, e apesar de ser tua, ela não espera por ti.

O dia vai nascer e vai anoitecer, independente, de como você esteja se sentindo. Então, porque não fazer valer cada minuto na tua vida? Já que basta uma fração de segundos, para tudo mudar?

Numa fração de segundos, Leonardo e eu estivemos entre a vida e a morte, mas renascemos... renascemos para viver cada momento de forma única e intensa.

E como você sabe, nós não seguimos muitas regras de tempo e convenções sociais.

E como você sabe também, tudo pode acontecer numa fração de segundos. Inclusive o nascer de uma nova vida. Por que não?

— Alice não vai nascer, já está nascendo!!! — É minha vez de gritar,

depois de uma contração que durou uma fração de segundos, mas forte o suficiente para involuntariamente meu corpo fazer força.



Bem-vinda, Alice

MARIA LUIZA

— Onde fica o quarto mais próximo? — Leonardo pergunta a irmã Salete.

— Aqui no final deste corredor à direita. — Ela responde, sinalizando e correndo na frente.

Carregando-me em seu colo ele anda o mais rápido que consegue.

— *Ok*. Obrigado, irmã. — Ele diz e em seguida me olha preocupado.

— Você está bem? Aguenta só mais um pouquinho, *tá*?

— *Tá* — respondo com um sorriso. Mas a contração que chega, me faz fazer provavelmente uma careta.

Não calculo o espaço nem os passos dados por Leonardo, mas quando noto estamos chegando ao quarto, a porta já está aberta e irmã Salete está perto dela. Seu olhar é terno, e suas mãos estão no crucifixo que carrega no peito.

— Malu, eu vou deitar você na cama, *ok*.?

Leo com cuidado repousa meu corpo na cama, os lençóis brancos me acolhem, deito-me neles, e com agilidade, meu marido arruma alguns travesseiros nas minhas costas.

— Está confortável?

— Sim. — Encosto no travesseiro, mas logo me remexo. Ficar parada é

quase impossível. As sensações ocorrendo em meu corpo são diversas.

— Doutor, aqui tem algumas toalhas e lençóis, tem mais no armário se precisar.

— Obrigado, irmã. — De pé, ao lado da cama Leo responde. Mas é em meu rosto que seus olhos estão. E suas mãos unidas a minha.

Ele me fita com uma expressão diferente. Não sei decifrar, parece preocupado, mas há também algo que ao mesmo tempo me inspira coragem.

— Pronto! Cheguei! — Beth surge na porta — O quer que faça, Leo?

— Por favor, vai até o ambulatório, na sala que eu atendo, traga tudo que puder ser útil. — Ele responde de pronto.

E vejo neles, a dupla em sintonia que diariamente trabalha juntos.

— Está bem. Irmã, a senhora se importa em me acompanhar? Talvez eu não saiba achar tão rápido a sala quanto a senhora.

— Claro! Eu lhe acompanho.

As duas saem. Mas antes de deixar o quarto a irmã, pousa a mão na minha barriga.

— Deus te ilumine, minha filha, tenha fé, vai dar tudo certo. — Ela diz carinhosamente.

— Obrigada, irmã. — Agradeço, sentindo a força da fé desta mulher devota à Deus.

Leo, sorri, beija a minha testa.

— Ok, agora é você e eu. Não foi assim que planejamos, mas foi assim que a Alice quis, então, vamos fazer isso.

— Vamos.

Outra contração vem... nos segundos que ela dura eu tranco a respiração. Contendo a pontada que atinge minhas costas e se estende por todos os meus membros inferiores.

— Quero que me avise como está se sentindo, em todo instante, está bem?

A frase é dita, enquanto Leonardo, ajuda-me a tirar a calça de algodão cru, uma das minhas preferidas para o final da gravidez, por ser extremamente confortável.

— Para ser sincera, não sei bem o que sinto... Apenas essas contrações que parecem intermináveis quando acontecem, diante da dor que causa — digo, e só consigo falar isso tudo talvez porque estou no intervalo de uma e outra.

— Suas contrações estão cada vez mais curtas e fortes.

— É... eu sei.

— Então, vamos lá! — Leo beija-me mais uma vez e dessa vez seus lábios tocam os meus.

Ele deixa a cabeceira da cama e vai para os pés dela.

Alice parece saber disso e sinto-a forçando. Outra contração chega, sem aviso prévio. Comprimo os lábios, a pontada me atinge, controlo a vontade de gemer, gritar ou sei lá o quê. Apenas seguro tudo. Mas não seguro o que o corpo faz — força.

É uma união de forças, na verdade.

Alice faz força para sair e meu corpo a ajuda. Meu corpo a impulsiona cada vez mais. A cada minuto, a contração vem forte, aguda, prendo a respiração e ajudo fazendo minha parte, também impulsiono, faço a força que o corpo e Alice pedem. Solto a respiração, busco o ar necessário e mal o tenho em meus pulmões e outra contração me atinge.

Já não sou capaz de dizer se o intervalo é de minutos ou segundos. Apenas vou sentindo, vou fazendo, permitindo que tudo isso aconteça. E quando não consigo controlar, deixo através da boca expressar a dor que sinto, sem exageros, mas permito-me soltar o som que vem do âmago.

Deus do céu eu nunca fiz isso antes, não tenho com o que comparar, mas dói demais. Ainda assim continuo.

— Inspira e expira, Malu, inspira e expira e força. — A voz de Leo, vem firme lá de baixo. Sua mão está em minha barriga.

Concentro-me em fazer a sequência, força, respirar, força, respirar. Faço isso ao tanto que suor começa a escorrer no rosto, faço ao tanto que começo a me sentir cansada e até fraca.

Leonardo parece perceber e encoraja-me e motiva-me a continuar.

— Força, meu amor. Respira fundo e força.

Inspiro, expiro

Comprimo os lábios...

E força...

Mais força...

Gemo...

— Está quase, Malu... está quase... ah meu Deus! Vamos só mais um pouco, você consegue!

Inspiro, expiro

Comprimo os lábios...

E força...

Mais força...

Gemo...

— Estou cansada, não consigo mais — choramingo.

— Consegui sim, vamos lá... eu estou aqui, meu amor. Adoraria estar ao seu lado segurando sua mão, mas não posso eu tenho que estar aqui.

— Eu sei, e acredite, eu preferiria que estivesse aqui em cima e não aí embaixo, vendo isso tudo... — falo, entre dentes. Pois outra pontada segue por todo o meu corpo.

— Nada de constrangimento agora, sou seu marido.

— Por isso mesmo.

Ele ri.

— Não seja boba, concentre-se apenas em trazer ao mundo nossa filha. Alice precisa da sua ajuda para nascer.

Neste momento, não sei de onde vem, mas um medo aperta meu coração. Assim como outra contração.

— E se algo der errado?

— Nada dará errado. Alice vai nascer bem e saudável é isso que irá acontecer. Pense em coisas boas, Malu — seus olhos me encorajam — Vamos lá! Força. Você consegue meu amor!

Inspiro tudo que posso, fecho meus olhos buscando energia necessária, fecho-os concentrando-me em trazer minha filha ao mundo. Mas o cansaço é tanto que não sei como farei isso.

— Eu não consigo, mais ... — sussurro.

— Claro que consegue, eu estou aqui com você. — Uma voz doce, sopra em meu ouvido.

— Mãe?! — Sorrio — Mãe...

Há um feixe de luz sobre ela, sua roupa é de um branco esplendoroso. Seu olhar e seu sorriso brilham.

Ela se senta ao meu lado na cama, acaricia minha testa, minha face com tanta ternura, seus dedos deslizam pela minha pele molhada de suor.

— Você é uma mulher forte, corajosa, destemida e tem amor suficiente para fazer transformar em energia e fazer sua filha nascer. E eu estou aqui, Malu, sempre estou, filha.

— Isso, Malu, vamos. Alice está nascendo, falta pouco meu amor!!!

A voz de Leonardo me faz abrir os olhos, solto o ar preso em meus pulmões, atendo ao pedido dele faço força. Olho para o lado, mas ela não está mais ali...

— Mãe... — sussurro.

— Estou com você. Força, minha filha. — Ouço-a dizer brandamente. Contudo não a vejo mais.

— Vamos, Malu, está nascendo...está nascendo...! — Leo fala e contemplo a emoção em sua voz.

Agarro o lençol, sinto a mão de minha mãe, envolver a minha.

Eu não a vejo, mas sinto-a.

E então, sentindo-me segura e amparada, pela mulher que me deu a vida, eu ajudo minha filha a chegar a este mundo.

Puxo todo o ar possível, comprimo os lábios, produzo toda a força que me resta, todos os músculos tensionados, lágrimas se misturam com o suor.

Não controlo e deixo um grito escapar pela garganta.

E depois do meu grito...

O choro dela, de Alice...

O choro da vida...

Bem-vinda, Alice!

Exausta, deixo o corpo relaxar, solto os músculos, a respiração e afrouxo o aperto das mãos nos lençóis.

A cabeça pende para trás no travesseiro e eu ainda sinto o toque das mãos da minha mãe na minha testa, em seguida um beijo em meu rosto. E ouço-a dizer: — *Eu te amo e sempre estarei com você, lembre-se disso, Malu, eu sempre estarei com você.*

Logo em seguida uma rajada forte de vento, passa pelo quarto fazendo a janela se abrir e fechar e com ele um feixe de luz.

— Ela é linda, meu amor, linda! — Chorando, Leonardo coloca nossa filha em meu peito.

Trêmula, eu afago com a ponta do meu nariz os poucos fios de cabelo, beijo com delicadeza seu pequeno rostinho, Leonardo chora e nos abraça.

Eu choro... aliviada, emocionada e agradecida. Agradecida pela dádiva da vida que Deus me permitiu. E por ter tido a dádiva de ter minha mãe comigo neste momento.

Abraço ainda mais minha filha, com medo e sentindo-se estranha fora do meu ventre, ela chora.

— Mamãe está aqui, meu amor, eu estou aqui, filha. — Acalmo-a. Beijo-a, transmito a ela o amor de mãe, o amor que eu sempre recebi da minha mãe.

— Parabéns, meu amor, você conseguiu. — Leo diz, emocionado — Eu te amo tanto Malu, tanto! Obrigado por me dar mais este presente.

Beija-me a face ternamente.

— Eu também te amo, meu amor. Obrigada por estar comigo, Leo.

— Meu lugar é ao seu lado. Sempre.

Seu sorriso mistura-se às lágrimas em seu rosto.

— Voltei e trouxe... — Beth entra esbaforida no quarto — Ah meu Deus, já nasceu!

— Nasceu? — Luiza pergunta e está logo atrás de Beth

— O quê? Já nasceu? Não acredito! — Melissa surge após Luiza.

— Minha neta nasceu? — Meu pai aparece em seguida e em seu colo

está Valentina. E graças a Deus, eu noto que já trocaram a roupinha molhada dela.

— Essa nossa afilhada é apressadinha, *hein?* — Derek entra acompanhado de Beatriz. As mãos deles unidas dão a dica de que ela deve ter dito sim ao pedido dele.

Calados, porém boquiabertos, eles param na porta do quarto. Os olhos brilham, os lábios começam a se transformar em sorrisos à medida que os olhares deles recaem sobre o “*pacotinho*” em meu colo.

— Ela não quis esperar por ninguém. — Leonardo diz, enxugando as lágrimas.

— Venham conhecer a pequena Alice — falo, incentivando-os para que cheguem mais perto.

Lentamente um a um se aproxima da cama, Luiza e Melissa vão para um lado, Beth e Miguel com Valentina, para o outro e Derek e Beatriz os acompanham.

Entre choros e sorrisos, recebemos o carinho de pessoas que nos amam acima de tudo e Alice a essa altura parou de chorar, e sem querer saber do mundo externo, seus olhinhos se fecharam e está dormindo.

Depois de um breve tempo ali, tecendo elogios, comentando a alegria que estavam sentindo, eles nos deixam a sós, apenas com nossas filhas.

Leo sentado ao meu lado, segura Valentina, ali tão próxima a irmã e ao meu rosto, seus olhinhos estão atentos ao novo ser em meu colo. Eu pego na mãozinha dela beijo-a e depois levo-a na de Alice.

— Valentina, essa é a Alice, sua irmãzinha — digo, e ela parece estar prestando total atenção, pois permanece olhando para mim e para a irmã.

— De hoje e para sempre queremos que sejam as melhores amigas. — Leo fala, e ela se mantém séria, nos olhando.

— Queremos que cuidem uma da outra — aconselho.

— Você talvez um pouquinho mais, já que é a irmã mais velha. — O pai fala sorrindo, e ela o imita sorrindo também.

— Em todo e em qualquer momento...

— Mantenham-se unidas — completo.

Valentina sorri, mostrando os dentinhos. Esse foi o sim, dela. Já Alice dá um gemidinho no meu colo, confirmando que apesar dos olhos fechados estava prestando atenção.

Leonardo e eu sorrimos.

— Você já consegue imaginá-las aprontando e uma defendendo a outra? — digo.

— Pensei nisso agora. Não vai ser fácil para ele lidar com essas duas. —

Leo fala, enquanto beija Valentina e depois Alice.

— Ele? — pergunto.

— É. Nosso menino. — Sua resposta é dada com naturalidade.

— Você já está pensando em outro bebê? Eu acabei de dar à luz — reclamo.

— Claro que estou, eu preciso balancear isso, preciso de um companheiro para me ajudar a cuidar de vocês.

— Meu Deus, Leo!

— Não se preocupe. Você sabe, eu sou bom com crianças e vou ajudar a cuidar. Não tenha dúvida disso, meu amor. — Sua mão afaga o meu cabelo.

— Eu não tenho, não tenho nenhuma dúvida. — Sorrio.

— Então é isso, a próxima vez será um menino tenho certeza. E não esperaremos muito não. Assim criamos os três juntos na mesma faixa de idade.

— Que Deus me dê forças!

— Você tem Malu, talvez bem mais do que imagine.

Realmente não sabia o quanto de força poderia ter, mas depois que segurei Valentina pela primeira vez no colo e agora Alice, eu tenho certeza que não importa o que aconteça, por elas eu sou capaz de tudo. Pelas minhas filhas eu tiro forças de onde não tenho, mas faço o impossível se tiver de fazer.

Pois é assim que a natureza age, transforma nós mulheres, o dito sexo frágil, em seres capazes de realizar o sobrenatural por seus filhos. Não é mesmo?

E acima de tudo, amamos incondicionalmente.

Amamos, na dor...

Amamos, no amor...

Amamos, simplesmente amamos sem reservas.



Epílogo

LEONARDO

O **despertar** de um amor, o despertar depois de um acidente. Ou ainda, o despertar após receber um tiro.

Estes foram alguns dos despertares que Maria Luiza e eu tivemos. Mas ao longo desses cinco anos meu principal despertar, é para um novo dia que nasce, trazendo sempre a imensidão de possibilidade para **sentir**.

Sentir o beijo da mulher que amo, sentir o abraço dos meus filhos, sentir as emoções de um aparente dia normal como qualquer outro, mas com a consciência de que cada dia é único, e para tal emoções únicas.

Provar diariamente a **verdade** sobre ter a sua própria família. E saber que **nem tudo são flores**. As dificuldades existem, o desafio em criar os filhos com amor e na medida certa para educá-los corretamente é grande. Conciliar trabalho com a vida pessoal.

E ainda, manter os **amigos** fiéis por perto, e até bancar o **cupido** se for preciso, pois sabe que eles serão importantes no momento que você precisar. E também para ver a satisfação no rosto da sua mulher ao conseguir o casal de *padrinhos perfeitos* para a sua segunda filha.

Entrego-me diariamente a uma rotina puxada, de muitas responsabilidades. Mas **a resposta** para os esforços, chega com resultados

positivos. E tem sido tão positivo que no último ano, eu passei de um médico que participava de congressos para assistir palestras, para aquele que as ministra.

E aí a **saudade** aperta, mesmo que seja alguns dias longe de casa, é o suficiente para em qualquer oportunidade dizer a minha esposa: “eu queria estar aí **com você** e com as crianças” e então em uma dessas ocasiões você resolve fazer **a surpresa** mais inesperada de todas. Porque sabe que mais do que nunca ela vai precisar de você.

MARIA LUIZA

Leonardo e eu já passamos por tantas situações, fomos **da alegria a angústia**, vimos **a vida numa fração de segundos**, e percebemos o quanto **somos frágeis**. Achávamos que tínhamos o **antídoto** para todo o mal, mas **a verdade e medo**, às vezes assustam e a **picada de cobra** é inevitável. Contudo tomamos a **decisão**, de **lutar pelo o que se deseja**.

Valentina foi nossa primeira grande luta. **O inesperado**, como eu sempre digo, *te pega pelo pé te coloca de ponta cabeça*. Então eu senti na pele que **quem ama cuida (e sente ciúme)**, tive consciência de que **nem tudo são flores** e que a **ambição** pode causar danos e dores a uma família.

Conhecemos **quando o amor e a dor estão à espera** principalmente quando as **ambições** do ser humano ultrapassam todos os limites. Tivemos **curiosidade** quando recentemente Henrique foi solto e foi embora — mas não revelou para onde estava indo — sabemos que apesar de tudo **não é adeus**, não é para sempre. E sim, tempo suficiente para que este **duelo** entre aceitá-lo novamente como membro da família seja encerrado.

Não é, que não tenhamos capacidade de perdoá-lo, até o fizemos, pois, seu arrependimento em relação a tudo que causou, foi verdadeiro. O fato é que algumas feridas ainda doem, ainda estão abertas precisando de mais tempo para cicatrizar. O próprio Henrique tem ciência disso, seu olhar envergonhado demonstrou que ele também não está pronto para conviver conosco. Antes de partir, deixamos que ele visse os netos. E para minha surpresa, Valentina foi a primeira a receber seu abraço e depois de cinco anos Henrique a pegou no colo pela segunda vez. E por alguma razão inexplicável ela foi a única a não ficar tímida ou estranhar o avô que na verdade para eles é um estranho. Tempo ao tempo. Quando for para ser, será.

Jogamos alguns jogos. **O jogo do amor** foi um deles. E nesse jogo, não importa quem ganha, porque quando se trata de amor, ninguém sai perdendo. Mas também jogamos um jogo perigoso com uma mulher ensandecida por nutrir uma paixão platônica. E ao ser rejeitada, levou-nos para uma **tempestade**. Contudo hoje em dia **a tempestade continua** somente para ela que permanece detida em um presídio. E mesmo que tenha tentado a detenção psiquiátrica, não conseguiu. Carolina foi louca ao puxar o gatilho daquela arma, mas não o suficiente para comprovar nos exames médicos, atualmente ela divide a cela com mulheres com um histórico pesado, tanto quanto o dela e até mais. E a julgar

pelo seu temperamento *nada amigável* e notícias que acabam chegando para nós, ela tem passado um verdadeiro *cortado* nas mãos das outras presas. Ser de família rica e sobrenome reconhecido, pode fazer diferença aqui fora, mas dentro de uma prisão as regras e costumes são outros. Carolina está aprendendo isso na pele.

Vivemos por algum tempo **calculando os estragos**, mesmo sorrindo durante o dia, muitas noites eu acordava assustada, já que sonhava repetitivamente com o som do disparo da arma, com aquela cena ou todas outras que meu cérebro criava. E quando acordava banhada em suor e medo Leonardo me dizia: “**eu estarei com você**, estarei sempre ao seu lado meu amor”. E depois de cinco anos eu não sou mais **aquela** que tem pesadelos, que mesmo com sono corria dele, pois tinha medo de fechar os olhos e viver tudo aquilo novamente, mas agora isso já não me assombra mais.

E eu até corro, mas **eu corro** para o aconchego do meu lar no final do dia, eu corro atrás dos meus filhos, eu corro para dar conta da jornada diária. Mas faço tudo **por amor** e com um sorriso nos lábios sempre. E também sem reclamar, afinal, é *tudo* isso que dá sentido à minha vida.

Compreendi que a palavra “**prove-me**”, pode ser um tanto desafiadora quando eu a uso com o meu marido em nossos momentos íntimos. E ao se ver desafiado, Leonardo prova-me que quanto mais o tempo passa, mais ele é capaz de me fazer alcançar as nuvens e me fazer deleitar em prazer com suas carícias.

Descobri que algumas pessoas fazem por merecer uma **segunda chance**, e que elas muitas vezes podem **trazer boas notícias em meio ao caos**. Descobri que o meu principal mantra é mesmo: “**concentra, Malu**”. Principalmente quando estou no trabalho, e por vezes me pego pensando em meus filhos, ou nas muitas outras coisas que preciso fazer fora dele. Sem contar que Leonardo vive tirando minha concentração a cada ida a minha sala. Leo tem esse dom — desconcentra-me com seus beijos e faz com que eu **sinta** sempre aquele arrepio prazeroso, aquele calor que invade meu corpo toda vez que ele está perto. E às vezes, perdemos o famigerado dito, *autocontrole*. Trancamos a porta e nos permitimos ir além dos beijos.

Descobri ainda, que faço **tudo que for preciso**, para não ver meus **planos destruídos** e que tudo na vida pode acontecer numa **fração segundos** e como a vida passa feito um **trem bala**, três anos após dizer “**bem-vinda, Alice**” nós estávamos dizendo “bem-vindo, Gaetano” nosso terceiro filho (um menino tal como Leonardo disse que seria) e que carinhosamente demos o nome do nosso avô, o médico doutor Gaetano Magno. E suspeitamos que foi numa dessas ocasiões em que perdemos o autocontrole na clínica, que Gaetano foi concebido.

E ao olhar meus três filhos dormindo, eu tenho a certeza de que tudo que

passamos até aqui valeu a pena e tudo que ainda irá acontecer não será diferente.

Por isso, a única coisa que eu peço todos os dias a Deus é saúde, para viver a vida ao lado da minha família e poder presenciar cenas como a que vejo agora.

Gaetano dormindo no berço ao lado das duas pequenas camas que ficam encostadas uma na outra. Afinal não basta dormir no mesmo quarto, Valentina e Alice gostam de dormir o mais perto possível — a casa possui outros quartos e eles poderiam estar dormindo separados, mas quem disse que é assim que eles preferem? Muitas madrugadas ao conferi-los, pegamos Valentina e Alice amontoadas numa só cama e por isso decidimos que o jeito era deixá-los no mesmo quarto. E, foi a melhor decisão. Os três sentem-se mais seguros tendo a companhia um do outro e dormem tranquilamente a noite inteira. — Elas sempre dormem com o rostinho de frente uma para outra e as mãos unidas. As duas irmãs têm seguido à risca o conselho que demos a elas “*de hoje e para sempre queremos que sejam as melhores amigas*”. E são.

São inseparáveis e unidas, mesmo cada uma tendo sua própria personalidade. Mesmo Valentina sendo mais agitada, falante e desinibida e Alice sendo mais sutil, calma e tímida. As duas se completam e completam o irmão que por sua vez não desgruda delas. Gaetano não é uma criança de sorriso fácil, mas depois que você conquista o primeiro sorriso dele, prepare-se para sentir as mais belas demonstrações de carinho.

E é isso, cansada depois de mais um dia, vou dormir. Mas desta vez sozinha, pois Leonardo não está aqui. Agarro-me ao travesseiro dele, sentindo o seu cheiro e tendo a certeza de que os cinco anos que já se passaram, parece muito tempo e pouco ao mesmo tempo. Muito pela quantidade de momentos que já vivemos, pouco em relação a vida inteira que temos pela frente.

LEONARDO

Estaciono o meu carro na garagem e o faço com os faróis apagados — deixá-lo no estacionamento do aeroporto foi estrategicamente pensado, assim eu não precisei tomar um táxi a essa hora e tampouco chamar alguém para me buscar — abro a porta de entrada da nossa casa da maneira mais silenciosa possível — o apartamento que tinha quando era solteiro e sem filhos, já não suportava as necessidades de três crianças, então decidimos nos mudar para uma casa maior e com um quintal grande suficiente para que eles pudessem gastar as energias e brincar à vontade — como um gato, procuro pisar macio no chão para não fazer barulho, subo as escadas no escuro e tomo cuidado para não tropeçar. Sinto-me um invasor que não quer ser notado, tudo isso para chegar no quarto onde minha Malu dorme sem acordá-la e principalmente os pequenos.

Geralmente quando estou fora de casa ela coloca as crianças para dormir com ela. Mas para minha sorte eu sei que hoje especificamente ela está dormindo sozinha, isso porque os colocou para dormir mais cedo do que o costume, já que este dia (que ainda não nasceu) e apesar de ser um sábado, começará com um importante compromisso na parte da manhã. Combinamos que pelo horário de chegada do meu voo eu ia direto para lá.

Porém, eu jamais a deixaria despertar sozinha nesta manhã, pois sei que ela estará emotiva, nervosa e cheia de ansiedade. E também porque a saudade, depois de quase uma semana sem vê-la e sem senti-la era tanta que o peito chegava a doer. Fazer de tudo para adiantar meu retorno era o mínimo que eu poderia fazer por nós.

Passo pela porta do quarto das crianças, tenho vontade de abrir e vê-los dormindo, mas meu medo de acordá-los é maior. Sigo alguns passos e estou diante da porta do nosso quarto que fica entreaberta, empurro sentindo o coração batendo mais acelerado por saber que finalmente estou aqui, por saber que ela dorme logo ali e que em segundos estarei tomando-a em meus braços.

Fecho a porta, ainda com total cuidado para não fazer barulho, minha visão vai se adaptando ao verdadeiro breu que fica o quarto após fechá-la totalmente e impedir o feixe de luz que vinha da lâmpada no final do corredor, que todas as noites deixamos acesa por causa das crianças.

Coloco devagar a bagagem no chão. Inspiro o cheiro agradável e familiar do nosso quarto e sem perder tempo desfaço-me das roupas enquanto meus olhos estão na mulher adormecida. Ela está agarrada ao travesseiro, que julgo ser o meu e com o corpo envolto ao emaranhado que ela faz com o lençol em torno

dele, suas pernas e coxas estão a amostra a pele sempre tão macia — exatamente igual da primeira vez que a toquei— é um convite para minhas mãos. Mas antes quero abraçá-la e dizer que eu estou aqui.

Deito devagar na cama e deixo meu corpo encontrar o dela, afasto sutilmente uma mecha do seu cabelo do pescoço e afundo ali meu rosto, beijando-a e sentindo o cheiro da sua pele.

— Leo. — Malu sussurra ainda com os olhos fechados e um leve sorriso em seus lábios.

Libero minha mão ao convite de suas pernas e tracejo-as com a ponta dos meus dedos, enquanto deslizo o nariz pelo seu pescoço e alcanço o lóbulo de sua orelha.

— Eu estou aqui, meu amor — sopro ali as palavras, fazendo-a encolher.

— Leo. — Ela sussurra novamente.

Beijo a pele em volta de onde minha boca passeia. Ela se encolhe um pouco mais e sorri também.

— Leo!! — Mexe-se abruptamente na cama, virando-se. — Leo... — seu olhar surpreso encontra o meu na escuridão.

Sem dizer mais nada ela se joga sobre meu corpo, tomo-a para mim, abraço-a firme enquanto beijo-a. E cadenciadamente vamos entregando nossos corpos ao desejo que sentimos um pelo outro, assim como a saudade.

Amamo-nos da mesma forma de sempre. Cheios de paixão, desejo, sensualidade e amor. A conquista do prazer não é prolongada por muito tempo, pois é impossível reprimir a intensidade do bel-prazer e da ausência sentida durante esses dias longe.

E é com a boca colada em meu pescoço e as unhas cravadas em minhas costas que a minha doce e sexy Malu, chama meu nome baixinho ao encontrar o prazer. E eu permito-me afundar-me uma vez mais, sussurrando em seu ouvido que a amo no momento que deixo o corpo tencionar e no instante seguinte fraquejar pela força com que acontece.

Definitivamente, eu nunca irei me cansar disto.

MARIA LUIZA

Confortavelmente deitada sinto a maciez do local onde meu corpo repousa. A leveza e maciez do local proporciona-me a sensação de flutuar em plumas de algodão.

Espera! Eu já senti isso antes....

Tão confortável, tão macio, quero ficar nesta cama pelo resto do dia...

Ei! Não! Não posso! Acorda Malu!

Sento-me na cama. Tonta e bagunçada esfrego os olhos, abrindo-os um de cada vez.

— Traíçoeiro celular que não despertou, que horas são? — pergunto-me ao bocejar e em seguida tatear o móvel ao lado da cama em busca dele. *Que coisa! Não encontro. Mas eu deixei aqui...*

— Onde estão as crianças que ainda não vieram me acordar? E Leo...ele...já chegou? *Estou doida, doida e atrasada.* Cadê meu celular?!?! — falo alto o suficiente para obrigar meu cérebro a despertar de vez e os olhos a se abrirem de vez também.

Não encontro o celular no lugar de sempre, mas sim, um bilhete escrito a mão com a bonita e inconfundível caligrafia de Leonardo: letras soltas, todas com um mesmo padrão de tamanho e desenho.

Bom dia, meu amor!

“Se você está lendo esse bilhete é sinal que eu não precisei ir te acordar e, portanto, você não está atrasada. Tome seu banho tranquila e depois desça para tomar café da manhã com a gente.

P.S.: Não, isso não é um sonho e você sabe bem que não, pois te mostrei o quão real eu sou.

Com amor...

Para sempre teu, Leo.”

Jogo-me no travesseiro, rindo e abraçando o papel junto ao meu peito. Ele sabia o quanto seria importante estar aqui nesta manhã. Sem querer ficar mais na cama, corro para o chuveiro, apesar de Leonardo, dizer para eu tomar um banho tranquila, tenho pressa em ver minha família reunida e estou ansiosa pelo dia de hoje.



Descendo as escadas eu já posso ouvir a algazarra que vem da cozinha. É sempre assim quando estão com o pai, não que comigo não tenha brincadeiras e gargalhadas, mas Leonardo é o campeão nisso. E sábado é sempre um dia especial, sempre começa com panquecas, as crianças adoram, e não só pelo fato de comê-las, mas pela farra que acontece toda vez que Leonardo vira-as, jogando-as para o alto e fazendo-as cair na frigideira. (O que às vezes não acontece. E aí eles gargalham ainda mais).

Atravesso a sala, desviando ocasionalmente de algum brinquedo esquecido por ali. Alcanço a porta da cozinha. Valentina e Alice estão sentadas na bancada da pia e Gaetano na cadeirinha dele. Os três têm os olhos fixos no homem de bermuda, camiseta branca e lindamente adornado com um pano de prato nos ombros e uma frigideira nas mãos. Nossos filhos vão à loucura assistindo ao *show* que o pai é capaz de transformar uma simples atividade — fazer panquecas.

— Atenção, senhoras e senhores! Eis o momento mais aguardado. Esta é a última panqueca e por isso farei uma manobra nunca vista antes por vocês. — Leonardo diz, entusiasmado. — Digam-me, vocês querem ver?!

— Siiim!!! — Valentina puxa o coro e logo em seguida Alice e Gaetano completam.

Fico admirando-os em silêncio deixando que meu coração se encha dessa agradável sensação que é ver meus filhos e meu marido em um momento de total descontração e carinho.

— Preparados??!!

— Siiim!!! — Dessa vez os três já ensaiados, respondem juntos.

— Ok. Atenção... — Leo balança a frigideira — Não pisquem, *hein?* Lá vai!

Ele joga a massa para cima, dá um giro (e nesse momento ele me vê parada olhando para eles) retorna ao ponto a tempo de amparar a panqueca na frigideira. Aplausos e gritinhos podem ser ouvidos. O pai, faz o *show* por completo, curva-se agradecendo os aplausos. Junto minhas palmas as das crianças e me aproximo deles.

— Mamãe!!! — Alice diz, esticando os bracinhos.

— Mãe, você viu o que o pai fez? — Valentina pergunta animada.

— Eu vi meu amorzinho. Papai é um verdadeiro homem *show* — respondo na mesma entonação animada.

Valentina olha para o pai dando a ele uma piscadinha, tal como ele ensinou. Leonardo por sua vez, devolve a piscadinha. O sorriso dela se expande no rosto e seus olhos quase se fecham do tanto que as bochechas se erguem em torno deles. Ouso dizer que dos três, Valentina seja a que nutre uma admiração diferenciada pelo pai.

Dou um beijo em cada uma das meninas e depois em Gaetano, que gruda em meu pescoço, pedindo colo. Tiro-o da cadeirinha e dou a ele o que pediu. Com as pernas envolta na minha cintura, suas mãozinhas vão até meu rosto puxando-me para um beijo de esquimó. Roço meu nariz no dele, fazendo-o rir.

— *Uau!* Você está linda! — Leonardo diz, deixando um beijo casto em meus lábios.

— Leo, eu estou usando um roupão.

— Sim. E está linda nele.

— Mamãe é sempre linda. — Alice declara, fitando-me com seus olhinhos brilhantes e verdes, iguais ao do pai.

Leonardo sorri para mim, e agora sou eu quem ganho uma piscadinha dele.

— Isso mesmo, Alice, você está certa. Mamãe é sempre linda. Agora vamos comer? Todo mundo para a mesa. — Leo desce as meninas do balcão levando-as para sentar nas cadeiras.

Devolvo Gaetano a sua cadeirinha de alimentação, ele reclama um pouco e então dou-lhe uma de suas colheres de cabo estampado com foguetes e estrelas fazendo-o conformar-se no lugar.

Coloco o suco de melão já pronto na jarra em cima da mesa, no copo de plástico colorido de cada um deles. Valentina adora a cor branca, por isso esta é a cor de seu copo, já Alice é vidrada na cor rosa e Gaetano fica com o azul — cor do céu, como diz ele.

Enquanto isso Leo segue servindo-os com as panquecas. É sempre assim, nós dois juntos, dividindo nossa atenção e tarefas com as crianças. Quando ele disse que sempre me ajudaria com elas, não mentiu. Ele é um pai extremamente zeloso e amoroso. E tratando-se de Leonardo, não se poderia esperar que fosse diferente.

Sentamo-nos, as meninas começam a comer e a conversar ao mesmo tempo, o assunto é o filme que assistimos no final de semana passado, mas permeou durante a semana toda e hoje ainda é assunto. Elas ficaram encantadas com a princesa *Moana*.

— Mãe, podemos assistir de novo? — Valentina solta a pergunta enquanto bebo um gole do café que Leonardo acabara de me servir.

— Se não chegarmos muito tarde, sim — respondo, fazendo o sorriso

brotar em seus lábios.

— Oba!! — Ela vibra, batendo palmas e a irmã faz o mesmo. — Mãe, posso convidar a Clarissa e o Gustavo *pra* assistir também? E eles podem dormir aqui? Deixa mãe?

Olho para Leonardo, e com um sorriso ele diz que está de acordo.

— Tudo bem, eles podem assistir ao filme aqui em casa e também ficar para dormir.

— Mesmo se for tarde?

— Sim, mesmo se for tarde.

— *Eeeebaaa!!* Vamos fazer a festa do pijama!! — Vibração ainda maior toma conta das duas irmãs.

Valentina é uma criança que possui um aprendizado rápido. Começou a andar, a falar e até formar frases relativamente cedo, hoje com cinco anos expressa-se muito bem.

— Agora comam — digo — não podemos nos atrasar, está bem?

Acaricio seu vasto cabelo castanho, caído sobre os ombros, e gosto de pensar que o cabelo dela é assim, porque é parecido com o meu.

Se bem que gosto de pensar não só sobre o cabelo, mas também sobre cada característica física e de personalidade. Eu sempre atribuo as semelhanças a mim ou a Leonardo.

E, eu não estaria louca se dissesse que quanto mais o tempo vai passando, ela vai se tornando mais parecida conosco. Valentina — assim como Alice e Gaetano — é na verdade a nossa mistura perfeita.

A pele clara, tal como a de Leonardo. Os cabelos castanhos, sobrancelhas escuras e espessas, se parecem como a minha. Olhos e lábios são a nossa fusão. A boca tem um contorno marcante, mas os lábios não são tão volumosos como o meu e sim mais finos como o de Leonardo, já os olhos castanhos, às vezes dependendo do dia, brilha de um jeito que traz tons de verde.

Mas há algo nela, que me faz lembrar aquela mulher. Valentina é uma criança magra, alimenta-se bem, está no peso certo para sua idade, mas sua estrutura óssea é fina, exatamente do jeito que me lembro como era *aquela mulher* com quem eu tive o desprazer de falar somente uma única vez. Pois depois daquele dia, eu nunca mais a vi. E é assim que espero ser pelos próximos anos. Ou melhor, para sempre.

— Mamãe, eu quero usar o vestido rosa de coração — Alice diz, com sua voz doce e infantil, enquanto morde um pedaço da panqueca.

— De novo, Alice, por que não usa outro? O vermelho de laço, por exemplo?

— Ah, mãezinha, eu queria tanto o rosa de coração. — Ela faz um olhar

manhoso.

O que percebo em Alice é que ela tem um romantismo nato. As histórias preferidas sempre são as de princesas e príncipes encantados. Tudo deve ser em tons de rosa e sempre tem que estar acompanhada de corações. E ela é simplesmente, apaixonada por esse vestido, desde que Melissa lhe deu, ela só quer usá-lo.

— Tudo bem. — Aceito seu pedido. Ciente de que eu já me preocupei em deixá-lo limpo, pois imaginei que era com ele, que Alice ia querer ir.

E acabo de fazer uma nota mental para comprar mais desse vestido específico. Pois a quantidade de vezes que ela o usa, tão logo estará gasto.

Ajudo Gaetano a comer sua comida e fico pensando o quanto é mais fácil criar meninos, pelo menos nesse quesito roupas. Meninas são inúmeros modelos, estilos e acessórios. Já os meninos, uma calça, tênis, camiseta e pronto! E ainda mais Gaetano que está apenas com dois anos de idade. Definitivamente, isso não é o que importa para ele. Apesar de que ele já começa a demonstrar seus gostos por tudo relacionado a céu. Desde estrelas, sol, lua à foguetes e naves espaciais.

— Pai? — Valentina chama.

— Sim, filha.

— Quero levar uma panqueca para o Gustavo. Posso?

— Hum! Acho que o Gustavo já terá tomado café quando encontrarmos com ele.

— Não faz mal, pai. Ele come mesmo assim. Ele adora panqueca.

— Tá... Tudo bem, eu vou separar uma panqueca para o Gustavo então.

Quem consegue resistir a um pedido da Valentina? Ninguém.

— Com recheio de geleia de morango, igual a minha. — Ela lambe o dedinho ao falar.

— Certo. — Leonardo responde, sorrindo para ela.

— Gustavo adora morango. Um dia ele cheirou meu cabelo e disse que tinha cheiro de morango, então eu disse que é porque minha mãe passa xampu de morango no meu cabelo *né*, mãe? — Valentina sorri e seus olhinhos brilham ao falar de Gustavo.

— É... não é bem xampu DE morango, é xampu COM cheirinho de morango — explico.

— Mas é morango?

— Sim, é morango.

— Então, e ele gosta?

— Sim, ele gosta.

Leonardo e eu trocamos alguns olhares.

Voltamos a comer em silêncio, e depois que as panquecas somem dos

pratos, Leonardo diz:

— Ótimo crianças, estão satisfeitas?

— Eu tô. — Alice responde.

— Eu também. — Valentina emenda.

Leo pega na mão de Gaetano, limpa a boquinha suja dele com o guardanapo.

— E você, meu garotão, quer mais?

— Não! — Ele responde e balança a cabeça.

Gaetano é tirado da cadeirinha e junta-se as irmãs.

— Ok, então vão escovar os dentes e me esperem no quarto.

— Tá, pai. — Valentina puxa a fila.

— Subam com cuidado, e segura bem a mão do Gaetano.

— Tá bom. — A irmã mais velha responde já deixando a cozinha.

— Eles não irão escovar os dentes direito, sem um de nós lá.

— Eu sei. Mas queria um minuto sozinho com você. — Leo pega na minha mão, levantando-me da cadeira e em seguida seus braços circundam minha cintura.

— Como está se sentindo? Muito ansiosa? — pergunta-me carinhosamente.

— Um pouco... — inspiro fundo — um pouco, não. Muito! Você sabe, desde que meu pai e eu tivemos a ideia, estamos trabalhando muito para fazer acontecer, para que a ideia se concretizasse e hoje, bom hoje é o grande dia. E, não tem como não pensar nela e não me emocionar — revelo.

— Eu sei, meu amor. Eu sei. Por isso mesmo que estou aqui.

— Obrigada, Leo, sem você eu certamente estaria bem mais ansiosa, bem mais nervosa e bem mais emotiva.

— Você sabe, Malu, pode sempre contar comigo.

Assinto, sentindo um pequeno nó na garganta. Ele percebe o choro que tento engolir. Sua mão vai ao meu rosto e acariciando-o ele volta a falar com o olhar cheio de ternura.

— Malu, não é porque agora, você se transformou nessa mulher ainda mais forte do que já era. Não é porque você é essa supermulher. Mãe de três, esposa, presidente da clínica, cheia de responsabilidades que você deixará de ser a minha Malu, que vez e outra precisa de um colo. Eu te fiz uma promessa: Eu. Sempre. Estarei. Aqui. Para. Você.

Depois disso ele beija o canto da minha boca onde uma lágrima decidiu estacionar após descer rapidamente pela minha face.

— Eu sei, Leo. Mas sei também que você possui muitas responsabilidades, ainda mais depois que se tornou esse pediatra renomado e

requisitado que eu tanto sinto orgulho. E que vive dando palestras, pois tem esse dom maravilhoso de dividir sua experiência profissional, mas sobretudo, continua atendendo com todo carinho e dedicação seus pacientes.

— Mas nada, absolutamente nada poderá ser maior do que minha responsabilidade e meu desejo de ser teu protetor, ser teu apoio no momento que mais precisar. Você e as crianças estão acima de tudo. Acima de tudo, sempre! — Ele fala, enfático.

— Eu te amo, sabia? — digo, abraçando-o com força.

— Sabia, mas é sempre bom ouvir você dizer. — Seu sorriso largo me faz sorrir ainda mais.

— Eu te amo, Leo. — Declaro mergulhando meu olhar na imensidão de seus lindos olhos verdes acinzentados. *(Os mais lindos que já vi na vida)*

— Eu te amo, minha Malu. Eu sempre estarei com você.

Nos beijamos, e toda vez que Leonardo toca meus lábios assim — cheio de tanta emoção — eu sou levada para aquele quarto da clínica, onde nos beijamos pela primeira vez e eu desejei que o beijo nunca acabasse. E desejei também estar nos braços desse homem, para sempre.



Leonardo estaciona o carro numa vaga bem próximo ao portão da casa que fora escolhida a dedo, a verdade é que procuramos muitas outras antes de encontrar esta. Mas depois de alguns meses procurando, tivemos a sorte de encontrar uma exatamente como queríamos: com um terreno com uma área externa boa para ampliar quando for necessário, mas também manter um jardim e um espaço agradável ao ar livre.

A casa é bem grande, confortável e com vários cômodos. Talvez se não encontrássemos ela, íamos acabar construindo uma em algum outro espaço. E muito provavelmente teria de ser em um lugar mais afastado do centro, — o que não queríamos, pois, a intenção era que fosse próximo a clínica. E por que uma casa? E não um prédio que pudesse ser equipado e preparado para atender especificamente o objetivo? Porque nós queríamos que elas (as mulheres) tivessem justamente essa sensação: de estar em casa.

O projeto inicial que meu pai teve em fazer cirurgias plásticas em mulheres que sofreram com o câncer de mama, tomou proporções maiores e mulheres de outros lugares do país começaram a chegar na clínica em busca do cirurgião que atendia gratuitamente. Mas o problema é que muitas dessas mulheres, não tinham aonde ficar, vinham apenas com a roupa do corpo e a esperança de conseguir a cirurgia.

E foi assim, que a ideia original surgiu — ter uma espécie de casa de passagem. Dar-lhes um lugar para ficar depois de fazer a cirurgia e receber os cuidados necessários até que pudessem retornar para suas casas.

A ideia inicial, adquiriu formas e dimensões maiores. E, achamos por bem, não só atender as vítimas do câncer de mama, mas também de qualquer outro tipo. E mais do que dar abrigo físico a estas mulheres, decidimos que daríamos uma atenção especial relacionada ao psicológico. Trabalhando não só na reconstrução da autoestima perdida, mas também na reconstrução de tudo aquilo que — mesmo depois de curado — o câncer acaba levando embora. Pois há marcas que ele deixa no corpo e na alma que às vezes cirurgias reparatórias não são suficientes. E outra decisão importante foi que este atendimento se direcionaria àquelas que já foram curadas, mas também a aquelas que ainda estão guerreando contra ele.

Eu não preciso mencionar o quanto tudo isso mexeu com minhas lembranças o quanto tudo que aconteceu com minha mãe tornou-se vivo em meus pensamentos. E foi impossível não transparecer isso ao meu pai e mesmo

não querendo, acabei dividindo com ele como foi a luta dela contra o câncer, como foi para mim, uma menina ainda, ter de ver a própria mãe perder a guerra para a doença. E alguns momentos choramos juntos. Mas ao mesmo tempo que essas lembranças eram doloridas, nos davam uma força gigantesca para colocar em prática tudo o que idealizamos, e fazer com que essas mulheres, mesmo que em meio à guerra, possam sorrir, sentirem-se amadas e acolhidas.

Portanto, depois da união de esforços, depois de preparar tudo com muito carinho, de encontrar os profissionais capacitados e com o lema de espalhar amor, minha família se reúne para inaugurar o *Instituto de Apoio a Mulher com Câncer - Cecília Ventura*. O nome dela neste lugar vai inspirar tanta força, tanto amor que eu sei que muitas mulheres que passarem por aqui poderão sentir a força transformadora do amor.

Ao avistar o avô Miguel, as crianças desgrudam-se de nossas mãos e vão correndo para ele. Meu pai ao vê-los, se põe de joelhos no chão, pronto para receber os abraços que podem até derrubar, mas se cair não tem problema, pois é esse carinho vivo, essa alegria de criança que desperta nele o maior sorriso de todos.

Outro dia ele me revelou que todas as dores do seu coração e solidão de sua alma foram curadas a partir do momento que nos encontramos e nos reconhecemos como pai e filha. Mas que a verdadeira alegria fez morada nele, quando foi chamado de “vô” pela primeira vez.

Ele disse ainda, que a cada vez que um dos netos o abraça, ele tem certeza de que a vida nunca é injusta. Algumas coisas só não acontecem exatamente do jeito que se deseja, mas em algum momento da vida, os caminhos se cruzam e é aí que tudo pode acontecer.

CARLOS MIGUEL

Meus pés descalços recebem o leve frescor contido na grama úmida, uma densa névoa encobre a minha visão, não consigo identificar onde estou. A memória não ajuda, não tenho lembranças de como cheguei até aqui. Sinto-me desorientado, confuso e por isso continuo a caminhar em busca de encontrar alguém que me diga que lugar é este. Um feixe de luz atravessa na minha frente fazendo-me parar, mas tão rápido como surgiu também desaparece. Intrigado, continuo a andar e a cada passo consigo enxergar apenas o vulto que se assemelha a árvores, parece que estou num jardim.

A luz volta a aparecer e ela se mantém parada a uma certa distância, sigo ao seu encontro na esperança de alcançá-la, quanto mais próximo fico, mais forte a luz se torna e nesse instante o céu começa a destoar do azul negro da noite e vai ganhando o brilho amarelado do sol, é como se de repente a escuridão da noite fosse tomada pela claridade de um amanhecer. Aproximo-me cada vez mais rápido, o feixe de luz é resplandecente e ilumina com tamanha intensidade que preciso levar as mãos sobre os olhos. Estou a uns cinco passos e agora tenho medo de me aproximar demais, pois enxergar torna-se ainda mais difícil. Fecho os olhos, pois minha visão fica embaralhada e quando os fecho, mini pontos de luz estão dentro deles, abro-os e parado vejo o feixe de luz começar a se mover em minha direção só que agora não me cega mais, contudo, volto a fechar os olhos e inspirando com força sinto um toque suave em minha face. O reconheço.

— Miguel, meu amor. — A voz branda penetra em meus ouvidos.

— Cecília, minha doce Cecília — digo, com os olhos fechados, pois, nego-me a abri-los e acordar desse sonho.

— Finalmente você voltou para mim. — Ela diz, envolvendo-me em seus braços, os sinto com tanta magnitude que parece ser real.

Cecília perpassa seu rosto no meu e isso aquece todo o meu corpo, dando ao meu coração um ritmo acelerado.

— Pode abrir os olhos, Miguel.

— Não quero, pois quando abrir será como das outras vezes que sonhei com você, vou acordar e sentir o vazio e a saudade...

— Confie em mim, meu amor. Abra. — O pedido é soprado em meu ouvido, enquanto suas mãos acariciam meu cabelo.

Encorajo-me e lentamente elevo minhas pálpebras e à medida que isso acontece eu começo a vê-la diante de mim. Cecília não some como das outras vezes, ao contrário, sua imagem é nítida assim como a perfeição de seus traços.

— Cecília — sussurro, traçando com as pontas dos dedos o seu rosto. Ele ainda é o mesmo de quando eu parti, a diferença é que quando lhe disse adeus, seus olhos choravam e agora eles apenas brilham assim como o sorriso que ela me oferece.

— Miguel — ela também sussurra e faz o mesmo que eu, toca meu rosto e assim deixa-me ter suas mãos sobre a minha pele.

— Meu Deus! Como senti falta disso — digo, abraçando-a por completo, juntando seu corpo ao meu e permitindo finalmente que nossos corações batam juntos e não mais solitários.

Sinto-me como o Miguel que nunca conheceu a dor do amor e apenas as coisas boas que ele traz.

— Beije-me antes de ir, meu amor — peço com urgência temendo que logo tudo isso acabe.

Cecília sorri, e no segundo seguinte ao meu pedido seus lábios tocam os meus de forma terna, sinto o ar leve que seu beijo entrega aos meus pulmões e uma sensação de paz alcança meu coração e tudo é tão sublime e real que por alguma razão o medo de perdê-la novamente some de meus pensamentos.

— Isso não é um sonho — declaro, quando seus lábios se separam dos meus.

— Não, isso não é um sonho, meu amor, mas não fique assustado ou preocupado. Sua passagem foi serena, Miguel, e nossa filha apesar de sentir com a sua partida, sabe que você está bem. Você teve com ela quase o mesmo tempo de convivência que eu. E diferente de quando tive que deixá-la, agora ela tem o amor do marido e dos filhos, o que dá a Maria Luiza a força e alegria que precisa para seguir sem nós.

Confio nas palavras de Cecília, fito seu semblante tranquilo.

— Nós estamos juntos outra vez. — Ela diz, abraçando-me uma vez mais e deixando que seu rosto descanse em meu peito.

Tê-la em meus braços sentindo seu toque, seu cheiro, seu calor não me assusta e apesar de saber que estou morto, sinto-me vivo.

Fim.

Agradecimentos

Difícilmente alcançamos objetivos sem que durante a caminhada outras pessoas nos auxiliem. Por isso, é tão importante o registro da minha gratidão a todos aqueles que direta e indiretamente fizeram parte desta conquista.

A Deus, por me dar a vida, saúde e dom para escrever.

Aos meus pais e irmãos, que contribuíram para a formação do meu caráter, dando-me amor, transferindo-me conhecimentos e valores. Foi no ceio da minha família que conheci o amor verdadeiro e se pude escrever sobre isso, foi graças a eles. A todos os membros da **minha família** por sempre me apoiar e incentivar, mas, sobretudo, por compreender minha ausência do convívio familiar, nas infinitas horas em que tive que me isolar do mundo real para mergulhar no mundo de “Quando os Caminhos se Cruzam”.

A elas que me auxiliaram e tornaram a publicação desse livro possível, **Daniela Fernandes** e **Dani Assis**, amigas e minhas primeiras leitoras. Ambas, deram-me as mãos, me auxiliando nos primeiros passos com o livro, Dani Assis, com sua experiência como escritora e Dani Fernandes como uma leitora extraordinária. E, desde então, as duas estiveram presentes em cada momento desta caminhada.

E com muito carinho quero agradecer **você leitor**, que deu uma chance ao livro, espero de verdade, que a história de Leo e Malu tenha emocionado você, assim como me emocionou.

Para as “**Luluzinhas da Lu**” minhas amadas leitoras e amigas fiéis, qualquer agradecimento se torna pequeno diante da grandeza do amor, da entrega e do apoio que me oferecem. Vocês estarão eternizadas em minha mente e em meu coração.

Então é isso, nossos caminhos se cruzaram através do amor pela leitura. E é através dela que continuaremos a viver esse amor e principalmente nos manteremos unidos.

Pois sempre haverão novas linhas, novos parágrafos, novas histórias e principalmente **sinceros agradecimentos por cada apoio, incentivo e**

oportunidade.

MUITO OBRIGADA, FAMÍLIA LULUZINHAS DA LU!

Projetos futuros

Livro: [Nascidos para Amar](#)

“Nascidos para Amar” é o *Spin-Off* de “Quando os Caminhos se Cruzam” e contará a história de Valentina e Gustavo.

Bem mais que um romance entre dois jovens “Nascidos para Amar”, promete uma carga emotiva e uma reflexão sobre dar valor à vida e às pessoas que amamos.

Valentina e Gustavo nasceram para se amar, mas será que eles estarão preparados para viver a intensidade desse amor e os desígnios da vida?

SINOPSE

Valentina é filha mais velha de Leonardo e Maria Luiza. A garota de personalidade decidida, extrovertida e inteligente cresceu rodeada de muito afeto. Os pais transmitiram a ela e aos dois irmãos ensinamentos valiosos sobre generosidade e amor ao próximo. Dos três filhos de Leo e Malu, Valentina é quem leva isso mais a sério. Talvez porque ela tenha vivido na pele a importância de receber de "estranhos" a pura generosidade e amor que ultrapassam barreiras sanguíneas.

Valentina foi abandonada por sua mãe biológica e foi nos braços do Dr. Leonardo e de Maria Luiza que ela encontrou amparo e amor.

Agora a menina valente cresceu e decidiu seguir os passos dos pais em tudo.

Escolheu como profissão a mesma do pai (pediatria) e da mãe Valentina escolheu ser uma mulher forte e disposta a tudo para estender a mão para aqueles que precisam.

E assim como os pais que vivem um grande amor, Valentina também quer viver o seu grande amor. Ela sabe muito bem quem é ele - Gustavo, o primo que não é primo legítimo, o melhor amigo desde sempre, o primeiro e único amor. Só que mais que viver um amor, antes disso Valentina quer espalhar amor ao próximo e decidiu fazer isso longe de casa, longe da família e longe do seu amado.

Porém ao deixar tudo para trás, ela será surpreendida por fatos e desígnios da vida que jamais poderia imaginar. E quando Valentina perceber que está a ponto de perder Gustavo, ela dará sua maior prova de amor por ele, para

que assim os dois possam viver esse grande amor plenamente.

Se você acha que será tudo muito simples e óbvio diante desta sinopse, fique ciente que não será. Você irá se admirar com o desenrolar deste enredo, pois a autora promete acontecimentos surpreendentes, jogando por água abaixo a obviedade e trazendo uma carga emotiva e dramática muito grande.

Prepare-se: Nascidos para Amar vai além do que você pode imaginar.

Acompanhe na plataforma de leitura online – [Wattpad](#).

Conto: Prove-me

“Prove-me” será um conto com o casal Derek e Bea, que vocês também puderam conhecer em “Quando os Caminhos se Cruzam”. Ele será publicado diretamente na Amazon e posso afirmar que este casal promete arrancar muitos suspiros do leitor.

Redes sociais

Quer manter contato comigo? Ter informações sobre meus próximos livros? Então, vem para o grupo fechado no facebook – **Luana Lazzaris Romances**, lá estão todas as “*Luluzinhas da Lu*”, venha fazer parte desta linda família.

Ou ainda, siga-me nas redes sociais estou em todas, vou deixar o endereço das principais:

Perfil facebook – [Autora Luana Lazzaris](#)

Fanpage – [Luana Lazzaris Autora](#)

Instagram - [@luanalazzariss](#)

Twitter - [@luanalazzaris](#)

Wattpad - [@luanalazzaris](#)

Skoob – [Luana Lazzaris](#)

E, lembrando que no **spotify** tem a playlist de “[Quando os Caminhos se Cruzam](#)”.

Table of Contents

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[QUANDO OS CAMINHOS SE CRUZAM](#)

[DESPERTAR](#)

[SENTIR E VERDADE](#)

[NEM TUDO SÃO FLORES I](#)

[AMIGOS](#)

[CUPIDO](#)

[ENTREGO-ME](#)

[A RESPOSTA](#)

[SAUDADE](#)

[COM VOCÊ](#)

[A SURPRESA](#)

[DA ALEGRIA À ANGÚSTIA](#)

[A VIDA NUMA FRAÇÃO DE SEGUNDOS](#)

[SOMOS FRÁGEIS](#)

[ANTÍDOTO](#)

[VERDADE E MEDO](#)

[PICADA DE COBRA](#)

[DECISÃO](#)

[LUTAR PELO QUE SE DESEJA](#)

[VALENTINA](#)

[O INESPERADO](#)

[QUEM AMA CUIDA \(E SENTE CIÚME\)](#)

[NEM TUDO SÃO FLORES II](#)

[AMBIÇÃO](#)

[QUANDO O AMOR E A DOR ESTÃO À ESPERA](#)

[AMBIÇÕES](#)

[CURIOSIDADE](#)

[NÃO É ADEUS](#)

[DUELO](#)

[JOGO DE AMOR](#)

[ANÚNCIO DE UMA TEMPESTADE](#)

[TEMPESTADE I](#)

TEMPESTADE II
A TEMPESTADE CONTINUA
CALCULANDO OS ESTRAGOS
ESTAREI COM VOCÊ
AQUELA
EU CORRO
POR AMOR
PROVE-ME
SEGUNDA CHANCE
BOAS NOTÍCIAS EM MEIO AO CAOS
CONCENTRA, MALU
AJUDA INESPERADA
SINTA I
SINTA II
TUDO QUE FOR PRECISO
PLANOS DESTRUÍDOS
NUMA FRAÇÃO DE SEGUNDOS
TREM-BALA
BEM-VINDA, ALICE
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
PROJETOS FUTUROS
REDES SOCIAIS